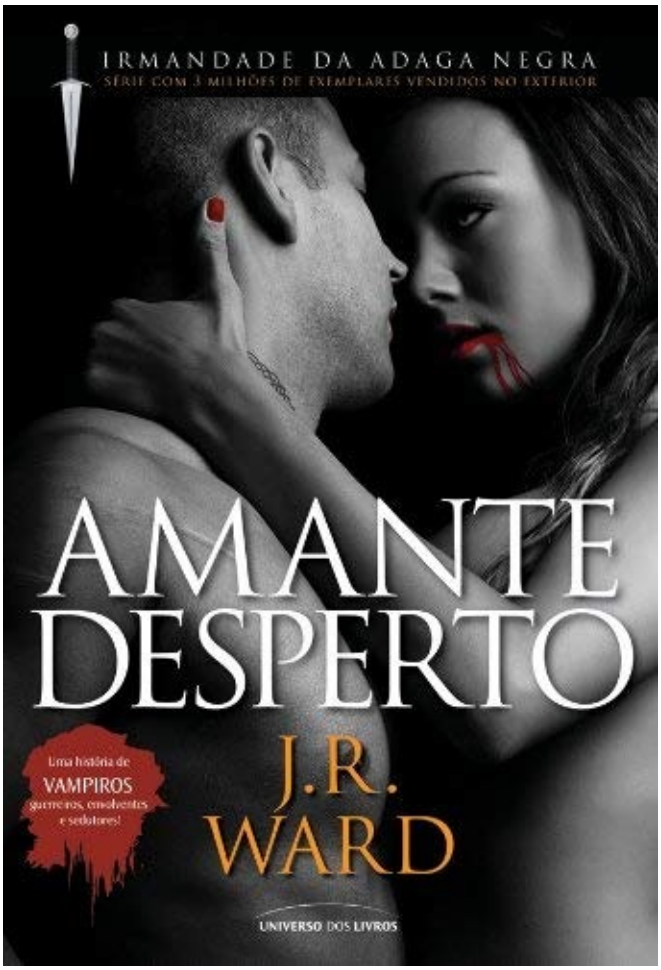


J. R. Ward

Am ante Desperto

Série Adaga Negra - Vol. 3

Disponibilização/Tradução/Pesquisa: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão: Joelm a

Revisão Final: Táai

Form atação: Gisa

Nas sombras da noite no Caldwell, New York, inicia-se uma guerra mortífera ent vampiros e seus assassinos. Mas, existe também uma Fraternidade secreta

que não pode ser comparada a nenhuma outra que tenha existido — seis guerreiros vampiros, protegendo sua raça. Destes, Zsadist é o mais assustador membro da Irmandade da Adaga Negra.

Zsadist, que durante séculos foi um escravo de sangue, ainda carrega as cicatrizes de um passado forjado à base de sofrimento e humilhação. Conhecido pela sua insaciável raiva e sinistros atos, é um selvagem, temido igualmente entre os seres humanos e vampiros. A raiva é sua única companheira e o terror sua única paixão... Até que ele resgata uma bela aristocrata da Sociedade do mal Lessers.

Bela se sente enfeitiçada de imediato pelo ardente poder que emana de Zsadist. Porém, quando o desejo de ambos começa a consumi-los a irrefreável sede de vingança que Zsadis sente pelos torturadores de Bela o leva ao limite da loucura. Agora, Bela deve ajudar seu amante a superar as feridas de seu atormentado passado e encontrar um futuro junto a ele...

CAPÍTULO I

— Maldito sej a, Zsadist! Não salte…

A voz de Phury apenas se escutou por cim a do som da batida do carro diante deles. E, isso não deteve seu gêm eo que saltou do Escalade enquanto iam a cinqüenta m ilhas por hora.

— V, ele está lá fora! A um e oitenta de nós!

O om bro de Phury golpeou ruidosam ente contra a j anela quando Vishous derrapou controladam ente com o SUV. Os faróis dianteiros se balançaram e Z rolou sobre o asfalto coberto de neve com o um a bola. Um a fração de segundo m ais tarde, arrastou seu traseiro e se levantou sobre seus pés, indo à caça do sedan dentado que agora tinha um pinheiro com o enfeite sobre a capota.

Phury vigiou seu gêm eo e tirou o cinto de segurança. Os lessers que estavam perseguindo no lim ite rural de Caldwell poderiam ter acabado com seu m aldito passeio segundo as leis da física, m as isso não significava que estivessem fora de

serviço. Aqueles bastardos não m ortos eram duradouros.

Quando o Escalade parou, Phury abriu apressadam ente a porta enquanto pegava seu bastão. Não sabia quantos lessers havia no carro ou que tipos de m unições levavam . Os inim igos da raça dos vam piros viaj avam em grupos e sem pre iam arm ados — Santo inferno! — Três dos assassinos de cabelos claros tinham saído e só se via o cam baleante condutor.

As pequenas probabilidades não detiveram Z. Era um m aníaco suicida, que se dirigia diretam ente para o trio de não m ortos com apenas um a adaga negra em sua m ão.

Phury se m oveu rapidam ente através da estrada, escutando Vishous correr pesadam ente atrás dele. Mas não eram necessários.

Enquanto as silenciosas raj adas de ar form avam redem oinhos e o doce arom a de pinheiro se m esclava com o escapam ento de gás do destroçado carro, Z derrubou aos três lessers apenas com a faca.

Cortou-lhes os tendões posteriores dos j oelhos para que não pudessem correr, rom peu-lhes os braços para que não pudessem se sustentar, e os arrastou pelo chão até que ficaram alinhados com o se fossem horríveis bonecas.

Levou-lhe quatro m inutos e m eio, incluindo despoj á-los de suas identificações. Então, Zsadist fez um a pausa para tom ar fôlego. Quando olhou para baixo, ao gordurento sangue negro derram ado que m anchava a branca neve, o vapor se elevava sobre seus om bros, um a aprazível névoa j ogava com o frio vento.

Phury colocou o bastão na cartucheira de seu quadril e se sentiu enj oado, com o se tivesse com ido seis pacotes de bacon gordurento. Esfregando o peito, olhou a sua esquerda, a Rota 22 estava m ortalm ente tranquila esta noite e estar fora dos subúrbios de Caldwell era adequado. As testem unhas hum anas seriam im prováveis. Os cervos não falam .

Sabia o que viria depois. Sabia que era m elhor não tentar detê-lo.

Zsadist se aj oelhou sobre um dos lessers, sua cara com cicatrizes deform ada pelo ódio, seu destroçado lábio superior se torcendo para trás, suas presas largas com o as de um tigre. Com o cabelo raspado e os ocos sob suas m ações do rosto,

parecia o Grim Reaper[1], e com o a m orte, trabalhava côm odo com o frio. Vestia apenas um pulôver de gola alta e calças folgadas negras, ia m ais arm ado que vestido: a pistola negra, m arca registrada da Irm andade da Adaga Negra cruzada sobre seu peito e m ais duas facas, am arradas com um a correia sobre suas coxas. Tam bém usava um cinturão com dois SIG Sauers.

Não é que nunca usasse os nove m ilím etros. Quando m atava, gostava de fazê-lo pessoalm ente. Na realidade, era o único m om ento em que se aproxim ava de alguém .

Z agarrou ao lesser pelas lapelas de sua j aqueta de couro e golpeou com força o tórax do assassino sobre o chão, obtendo um estreito boca a boca.

— Onde a m ulher está? — quando não obteve m ais resposta que um m alvado sorriso, Z levantou sem consideração ao assassino. O estalo ecoou através das árvores, um som duro com o o de um ram o que se quebra ao m eio — Onde a m ulher está?

O assassino burlou-se sorrindo abertam ente, então a raiva de Z elevou-se tanto que fez seu próprio círculo ártico. O ar ao redor de seu corpo carregou-se m agneticam ente e tornou-se m ais frio que a noite. Os flocos de neve não caíam a seu redor, com o se se desintegrassem com a força de sua cólera.

Phury escutou um som estridente e olhou sobre seu om bro. Vishous estava acendendo um a bom ba caseira, as tatuagens em sua têm pora esquerda e o

cavanhaque ao redor de sua boca destacavam -se sobre o brilho alaranj ado.

Ante o som de outra pequena explosão, V respirou profundam ente e fez rodar seus diam antinos olhos.

— Está bem , Phury ?

Não, não estava. A natureza selvagem de Z sem pre era m atéria de um conto de horror, m as ultim am ente fez-se tão violento que era duro olhá-lo em ação.

Um poço sem fundo, sem alm a depois que Bela tinha sido seqüestrada pelos lessers.

E, ainda não a tinham encontrado. Os Irm ãos não tinham nem pistas, nem inform ação, nada. Inclusive com o duro interrogatório de Z.

Phury estava confuso sobre o rapto. Não conhecia Bela o suficiente, m as tinha sido encantadora, um a m ulher que andava no m ais alto nível dentro da aristocracia de sua raça. Entretanto, para ele tinha sido m ais que sua linhagem .

Muito m ais. Ela tinha ido m ais à frente do hom em sob a disciplina de seu voto de

celibato, rem ovendo algo profundo. Estava tão desesperado quanto Z por encontrá-la, m as depois de seis sem anas, tinha perdido a fé de que tivesse sobrevivido. Os lessers torturavam aos vam piros para obter inform ação sobre a Irm andade e com o todos os civis ela sabia pouco sobre os Irm ãos. Certam ente agora estava m orta. Sua única esperança é que não tivesse agüentado dias e dias infernais antes de falecer.

— O que fizeram com a m ulher? — grunhiu Zsadist ao seguinte assassino.

Quando tudo o que lhe disse foi um “Foda-se”, Z pegou a Ty son e golpeou ao

bastardo.

Por que Zsadist se preocupava com um a m ulher civil, ninguém na

Irm andade podia entender. Conheciam -no por sua infernal… Misoginia, tem iam -

lhe por isso. Por que se im portava com Bela era o que todos se perguntavam .

Entretanto, ninguém , nem Phury, com o seu gêm eo, podia predizer as reações do

hom em .

Enquanto o eco do brutal trabalho de Z era isolado pelo bosque, Phury sentiu-

se quebrar pelo interrogatório enquanto o lesser se m antinha firm e e não dava

nenhum a inform ação.

— Não sei quanto m ais poderei agüentar disto. – disse em um sussurro.

Zsadist era o único a quem tinha na vida, à parte da m issão de proteger à

Irm andade da raça dos lessers. Cada dia Phury se deitava sozinho e não dorm ia,

absolutam ente. A com ida dava-lhe pouco prazer. As m ulheres estavam

descartadas devido a seu celibato. E, cada segundo estava preocupado pelo que

Zsadist faria e quem seria ferido no processo. Sentia com o se estivesse m orrendo

por m il cortes, sangrando lentam ente. Por interm édio de todas as cruéis intenções

de seu gêm eo.

V estendeu a m ão enluvada e apertou a garganta de Phury.

– Olhe-m e, hom em .

Phury o olhou e encolheu-se. O olho esquerdo do Irm ão, que tinha as

tatuagens a seu redor, dilatado até não ver-se m ais que um negro vazio.

— Vishous, não… Eu não… — m erda. Não tinha por que inteirar-se de seu

futuro agora m esm o. Não sabia com o dirigiria o fato de que as coisas só fossem

piorar.

— A neve cai devagar esta noite. — disse V, esfregando o polegar para frente

e para trás sobre sua grosa veia j ugular.

Phury piscou quando a tranqüilidade chegou, seu coração desacelerou ao

ritm o do polegar de seu Irm ão.

— O que?

— A neve… Cai m uito devagar.

— Sim … Sim , faz.

— E, tivem os m uita neve este ano, verdade?

— Uh… Sim .

— Sim … Muita neve e vai haver m ais. Esta noite. Am anhã. O m ês que vem .

No próxim o ano. As coisas vêm quando vêm e caem onde caem .

— Assim é. — disse Phury brandam ente — Não há nada que o pare.

— Não, a m enos que você sej a o pedaço de terra. — o polegar se deteve —

Meu Irm ão, não vej o você com o um pedaço de terra. Não o deterá. Nunca.

Um a série de pequenas explosões e brilhos apareceu quando Z apunhalou ao lesser no peito e os corpos se desintegraram . Então, só restou o apito do radiador do carro destroçado e a pesada respiração de Z.

Com o um a aparição, levantou-se do enegrecido chão, o sangue dos lessers m anchava seu rosto e seus antebraços. Sua aura era um a brilhante neblina de violência que deform ava a paisagem que tinha atrás, o bosque atrás dele estava ondulante e im preciso em oldurando seu corpo.

— Vou ao povoado. — disse ele, lim pando seu punhal na coxa – Procurar m ais.

Antes que o senhor O voltasse a caçar vam piros, liberou a trava de segurança da sua nove m ilím etros Sm ith & Wesson e olhou no interior do canhão. A arm a precisava de um a lim peza e seu Glock tam bém . Um a droga que quisesse fazer, m as apenas um idiota perm itiria que seu zelo dim inuísse. Infernos, os lessers tinham que estar bem arm ados. A Irm andade da Adaga Negra não era a classe de obj etivo com o qual se descuidar.

Cam inhou através do quarto de tortura, fazendo um pequeno desvio ao redor da m esa de autópsias que utilizavam para seu trabalho. A distribuição da sala não tinha nenhum a separação, o piso estava suj o, m as com o não havia j anelas, o

vento, em sua m aior parte, m antinha-se fora. Havia um a cam a de arm ar onde dorm ia. Um a ducha. Nenhum a privada ou cozinha porque os lessers não com iam . O lugar ainda cheirava a m adeira fresca, por que o tinham construído fazia apenas um m ês e m eio.

O único acessório fixo eram as estantes que se estendiam das suj as vigas descendo por toda a parede de quarenta pés de com prim ento. Os instrum entos estavam colocados, cuidadosam ente lim pos, em vários níveis: facas, parafusos de segurança, tenazes, m artelos. Se havia algo que pudesse arrancar um grito de dor de um a garganta, eles o tinham .

Mas, o lugar não só era para a tortura, utilizava-se tam bém com o arm azém . Manter vam piros prisioneiros durante um tem po era um desafio, por que eles podiam fazer *"Poof… Desapareci!"* diante deles, se fossem capazes de estar calm os e concentrarem -se. O aço im pedia o ato de desaparecer, m as um a cela com barras não os protegeria da luz do sol e um a sala de aço no edifício era pouco prática. Funcionava bastante bem , em bora fossem uns j ogos de tam pas de

boca-de-lobo m etálicos colocados verticalm ente no chão. Ou três deles, com o era o caso.

O teve a tentação de ir às unidades de arm azenagem , m as sabia que se o fizesse, não retornaria à caça e tinha cotas a cum prir. Ser o Fore-lesser, segundo na hierarquia tinha alguns atrativos extras, com o ter acesso a este lugar. Mas se

tinha a intenção de proteger sua privacidade, teria que ter um desem penho adequado.

Significava que tinha que cuidar de suas arm as, m esm o que preferisse estar fazendo outras coisas. Separou com um a cotovelada um estoj o de ferram entas, pegou a caixa de lim peza da pistola, e aproxim ou um tam borete à m esa de autópsias.

A única porta do lugar se abriu de repente sem nenhum a batida. O olhou sobre seu om bro, m as quando viu quem era, obrigou-se a reduzir a expressão de

chatice ao m ínim o.

O Senhor X não era bem -vindo, m as ele era o responsável pela Sociedade dos Lessers e não podia negar-se. Só por razões de auto-preservação.

De pé sob a luz da lâm pada, o Fore-lesser não era um bom oponente se quisesse perm anecer inteiro. De um m etro e noventa, era com o um carro: quadrado e duro. E, com o todos os m em bros da Sociedade que tiveram sua iniciação há m uito tem po, era totalm ente pálido. Sua pele branca nunca ruborizava e não conseguia bronzear-se. Seu cabelo era branco, os olhos de cor cinza clara com o um céu nublado e igualm ente sem brilho e neutros.

Com um passo inform al, o Senhor X com eçou a olhar ao redor, não observando a disposição dos obj etos, m as procurando.

— Disseram que você conseguiu outro.

O deixou a barra de lim par a arm a e analisou as arm as que usava agora.

Um a faca para lançar sobre sua coxa direita. Um a Glock na zona lom bar. Sentia

não ter m ais.

— Agarrei-o no centro da cidade faz uns quarenta e cinco m inutos fora do ZeroSum . Está em um dos buracos, perto daqui.

— Bom trabalho.

— Penso em sair outra vez. Agora m esm o.

— De verdade? — o Senhor X parou diante das estantes e pegou um a faca de caça denteada — Sabe, ouvi algo que é bastante alarm ante.

O seguiu seu apagado falatório e colocou a m ão sobre sua coxa, aproxim ando a lâm ina m ais.

— Não vai perguntar o que é? — disse o Fore-lesser enquanto cam inhava sobre as três unidades de arm azenagem do chão — Talvez por que j á sabe o segredo.

O escam oteou a faca em sua m ão enquanto o Senhor X se atrasava sobre as redes m etálicas que cobriam o alto dos tubos de rede de esgoto. Não dava nada pelos dois prim eiros cativos. O terceiro não era assunto dele.

— Nenhum a vaga, Senhor O? — a ponta da bota do Senhor X tam borilava dando batidinhas contra um dos j ogos de cordas que desapareciam debaixo de cada um dos buracos — Pensava que tinha m atado dois depois de perceber que

não tinham nada que valesse a pena dizer.

— Fiz.

— Então com o civil que agarrou esta noite, deveria haver um tubo vazio. Em troca, isto está lotado.

— Agarrei outro.

— Quando?

— Ontem à noite.

— Mentira. — o Senhor X com eçou a levantar a coberta da terceira unidade.

O prim eiro im pulso de O foi levantar-se, dar dois passos longos e rápidos e perfurar a garganta do Senhor X com a faca. Mas, não poderia fazê-lo nem de longe. O Fore-lesser tinha o elegante truque de poder congelar aos subordinados no lugar. E, tudo o que tinha que fazer era olhá-lo.

Então, O ficou quieto, trem endo pelo esforço de m anter seu traseiro sobre o tam borete.

O Senhor X tirou um a caneta-lanterna de seu bolso, acendendo-a e a dirigiu para o buraco. Quando um am ortecido grito saiu, seus olhos se abriram de par em par.

— Jesus Cristo, realm ente é um a fêm ea! Por que dem ônios não m e disseram isso.

O ficou de pé devagar, deixando a faca pendurar pela coxa, entre as dobras de sua calça de cargo.

— É nova. — disse ele.

— Não foi isso o que ouvi.

Com passos rápidos, o Senhor X foi ao banheiro e retirou a cortina de plástico transparente. Com um a m aldição, chutou os fracos de xam pu e o óleo que estavam alinhados na esquina. Então foi ao arm ário das m unições e tirou a geladeira portátil que estava oculta atrás deles. Virou-a e a com ida caiu de repente ao chão. Com o os lesser não m astigavam nem engoliam , estava tão claro

com o qualquer confissão.

A pálida face do Senhor X estava furiosa.

— Esteve m antendo um a m ascote, não é verdade?

O considerou negá-lo enquanto m edia a distância entre eles.

— É valiosa. Uso-a nos interrogatórios.

— Com o?

— Os hom ens da espécie não gostam de verem fêm eas feridas. É um estím ulo.

Os olhos do Senhor X se estreitaram .

— Por que não m e disse nada?

— Este é m eu centro. Você deu-m e para dirigi-lo com o quisesse. — e quando encontrasse o desgraçado m exeriqueiro, ia rasgar o bastardo em tiras — Cuido do negócio aqui e você sabe. Não deveria im portar-se com o trabalho.

— Deveria ter dito isso. — bruscam ente, o Senhor X lhe disse — Está pensando fazer algo com essa faca na m ão, filho?

Sim, papai, na realidade penso em fazer.

— Sou o responsável aqui ou não?

Quando o Senhor X trocou o peso sobre seus pés, O se preparou para o choque.

Mas, o telefone celular tocou. O prim eiro toque soou estrondoso no tenso am biente, com o um grito. O segundo soou m enos que um a intrusão. E o terceiro não o deixou BDF[2].

Enquanto sua m ente desbaratava-se, O se deu conta de que não estava pensando claram ente. Ele era um tipo grande e um lutador m alditam ente bom , m as não era com petidor para os truques do Sr. X. E se O fosse ferido ou m orresse, quem cuidaria de sua esposa?

—Atenda. — ordenou-lhe o Senhor X — E, ponha no viva-voz.

As inform ações eram de outro dos Prim es. Três lessers tinham sido elim inados próxim os a um a estrada a duas m ilhas de distância. Seu carro tinha sido encontrado em baixo do tronco de um a árvore e as m anchas das queim aduras de suas desintegrações tinham cham uscado a neve.

Filhos da puta. A Irmandade da Adaga Negra. Outra vez.

Quando O finalizou a cham ada, o Senhor X disse:

— Olhe, quer lutar contra m im ou ir trabalhar? Um cam inho o levará a um a m orte segura agora m esm o. É sua escolha.

— Sou o responsável por este lugar?

— Enquanto obtiver o que necessito.

— Trouxe m uitos civis aqui.

— Mas isso não é o que m uitos dizem .

O se aproxim ou e deslizou sobre a rede do terceiro buraco, assegurando-se de que o Senhor X o visse sem pre. Então, colocou sua bota de com bate sobre a coberta e encontrou seu olhar com o do Fore-lesser.

— Não posso aj udar se a Irm andade guarda o segredo de sua própria espécie.

— Talvez só deva concentra-se com um pouco m ais de vontade.

Não diga que se foda, pensou O. *Foda esta prova e sua fêmea será alimento para os cães.*

Enquanto O tentava controlar seu tem peram ento, o Senhor X sorriu.

— Seu controle seria adm irável se esta não fosse a única resposta apropriada. Agora, sobre o que aconteceu esta noite. Os Irm ãos irão ao encontro daqueles assassinos aos que destruíram . Vá quanto antes à casa de H e pegue-o. Atribuirei alguém ao lugar de A e eu m esm o cobrirei D.

O Senhor X fez um a pausa na porta.

— Sobre essa fêm ea. Se a usa com o instrum ento, está bem . Mas, se a m antém por qualquer outra razão, terem os um problem a. Pegue leve ou alim entarei Ôm ega com você, pedaço por pedaço.

O não estrem eceu. Tinha sobrevivido às torturas de Ôm ega um a vez e calculou que poderia voltar a fazê-lo outra vez. Por sua fêm ea passaria pelo que fosse.

— Então, o que m e diz? — exigiu o Fore-lesser.

— Sim , m estre.

Enquanto O esperava que o Senhor X partisse em seu carro, seu coração parecia explodir com o um a granada. Queria tirar a m ulher e senti-la contra ele, m as então nunca iria. Para tentar tranqüilizar-se, rapidam ente lim pou seu S&W e se arm ou. Isto na verdade não o aj udou, m as ao m enos suas m ãos tinham deixado de trem er por um tem po enquanto o fazia.

Cam inhado para a porta recolheu as chaves de seu cam inhão e conectou o detector de m ovim ento do terceiro buraco. O apoio tecnológico era um verdadeiro salva-vidas. Se o laser infraverm elho se danificasse, a arm a triangular do sistem a dispararia e qualquer curioso apanhado estaria com um sério caso de filtrações.

O vacilou antes de sair. Deus, queria abraçá-la. Pensar em perder sua m ulher, inclusive hipoteticam ente, deixava-o louco. Aquela fêm ea vam pira…

Era sua razão para viver agora. Não a Sociedade. Nem o assassinato.

— Estou indo, esposa, sej a boazinha. — O esperou — Voltarei logo e a lavarei. —quando não houve nenhum a resposta, disse — Esposa?

O engoliu saliva com pulsivam ente. Em bora se dissesse que devia ser um hom em , não podia obrigar-se a sair sem ouvir sua voz.

— Não m e deixe ir em bora sem um adeus.

Silêncio.

A dor penetrou em seu coração, fazendo com que o am or que sentia subisse vertiginosam ente. Suspirou, o delicioso peso do desespero se apoderou de seu peito. Tinha pensado que sabia o que era o am or antes de ser transform ado em lesser. Tinha pensado que Jennifer, a m ulher com quem havia transado e pela qual tinha lutado tantos anos, tinha sido especial. Mas, tinha sido um idiota ingênuo. Agora sabia o que era realm ente a paixão. Sua m ulher cativa era a dor que o queim ava e quem o fazia parecer um hom em outra vez. Ela era a alm a que substituía a que tinha entregado a Ôm ega. Por ela vivia, em bora fosse um não m orto.

— Retornarei assim que puder, esposa.

Bela encurvou-se dentro do buraco quando ouviu que se fechava a porta. O fato de que o lesser partisse intranqüilo porque não respondera, agradava-a.

Agora a loucura era com pleta verdade?

Era engraçado que esta loucura fosse a m orte que a esperava. No m om ento

em que despertou no tubo há m uitas sem anas, presum iu que sua m orte ia ser convencional, do tipo de corpo destroçado. Mas, não, a sua era a m orte em si m esm a. Enquanto seu corpo subsistia com um a saúde relativa, seu interior não viveria m uito.

A psicose estava apanhando-a, e com o um a enferm idade do corpo, tivera suas etapas. No princípio se sentia m uito petrificada para pensar em algo que não fosse a tortura que sentiria. Mas, então os dias passaram e nada aconteceu. Sim , o lesser lhe batia e seus olhos sobre seu corpo a repugnavam , m as não fazia com ela o que fazia aos outros de sua raça. Tam pouco a estuprara.

Em resposta, seus pensam entos gradualm ente m udaram , seu espírito reanim ou-se enquanto m anteve a esperança de que a resgatariam . Esse período de *fênix* fora o m ais longo. Um a sem ana inteira, talvez, em bora fosse difícil m edir a passagem dos dias.

Mas, então tinha com eçado o irreversível deslizam ento e o que o provocara foi o próprio lesser. Havia dem orado um tem po para com preender, m as tinha um estranho poder sobre seu captor e depois que passou algum tem po, tinha com eçado a usá-lo. Ao princípio o provocou para provar os lim ites. Mais tarde com eçou a atorm entá-lo sem outra razão m ais que o ódio e o desej o de feri-lo. Por algum a razão o lesser que a capturou… a am ava. Com todo seu coração.

Às vezes gritava com ela e realm ente a aterrorizava quando ele tinha algum de

seus caprichos, m as quanto m ais dura era com ele, m elhor a tratava. Quando ela

punha os olhos nele, este entrava em um a crise de ansiedade. Quando ele trazia presentes e os rechaçava, chorava. Com crescente ardor, preocupava-se com ela, m endigava sua atenção, acom odava-se contra ela e quando o rechaçava, ele ficava triste.

Jogar com suas em oções era seu m undo, odiava-o e a crueldade que a alim entava, a estava m atando. Um a vez fora um ser vivo, um a filha, um a irm ã… Um a alguém … Agora se endurecia, com o concreto em m eio ao seu pesadelo. Em balsam ada.

Querida Virgem do Fade, sabia que ele nunca a deixaria partir. Estava segura que se ela se m atasse abertam ente, ele tom aria seu futuro. Tudo o que tinha agora era apenas o espantoso, infinito presente. Com ele.

O pânico, um a em oção que não tinha tido durante um tem po, elevou-se em seu peito.

Desesperada por voltar para o intum escim ento, concentrou-se no quanto estava frio o chão. O lesser a tinha m antido vestida com a sua própria roupa, que tinha tirado de suas gavetas e arm ários e estava abrigada por um com prido Johns

de lã, quentes m eias três-quartos e botas. Contudo, o frio era im placável, m ovendo-se entre as roupas, entrando nos seus ossos, convertendo seus tutanos em gelo.

Seus pensam entos transladaram -se para sua granj a, onde tinha vivido durante um período tão curto de tem po. Recordou o alegre fogo que tinha feito no lugar em sua sala de estar e a felicidade que tinha sentido ao estar sozinha… Eram m ás visões, m ás lem branças. Faziam -na recordar sua antiga vida, sua m ãe… Seu irm ão.

Deus, Rehvenge. Rehv a havia deixado louca com seu com portam ento dom inante, m as tinha tido razão. Se ela tivesse ficado com sua fam ília, nunca teria conhecido Mary, a hum ana que vivia ao lado. E, nunca teria cruzado o prado entre sua casa aquela noite para assegurar-se de que estava bem . E, nunca teria tido que correr atrás do lesser… Nunca teria term inado m orta e respirando.

Perguntou-se quanto tem po seu irm ão a teria procurado. Já teria se rendido? Provavelm ente. Nem sequer Rehv poderia continuar durante tanto tem po sem esperança.

Apostava que a tinha procurado, m as por um a parte se alegrava de que não a tivesse encontrado. Em bora fosse um hom em extrem am ente agressivo, era civilizado e se sentiria responsável se o ferissem caso ele viesse resgatá-la.

Aqueles lessers eram fortes. Cruéis e poderosos. Não, para que a salvassem seria necessário alguém igualm ente m onstruoso com o aquele que a retinha.

Um a im agem de Zsadist lhe veio à m ente, clara com o um a fotografia. Viu seus escuros olhos selvagens. A cicatriz que atravessava seu rosto e deform ava o

lábio superior. O escravo de sangue com tatuagens na garganta e nos pulsos.

Recordou os sinais dos açoites sobre suas costas. E, os piercings que penduravam

de seus m am ilos. E, os m úsculos, tam bém o corpo m agro.

Pensou em sua cruel vontade, inflexibilidade e todo o ódio totalm ente volátil.

Era aterrador, um horror da espécie. Arruinado, não, quebrado, nas palavras de

seu gêm eo. Mas, isso era o que o faria um bom salvador. O único rival para o

lesser que a tinha levado. O tipo de brutalidade de Zsadist era provavelm ente a

única coisa que poderia tirá-la daí, em bora tivesse m elhor critério que pensar que

algum a vez tentaria encontrá-la. Ela era som ente um a civil com a qual se

encontrou um par de vezes.

E, a segunda vez, lhe tinha feito j urar que nunca voltaria a se aproxim ar.

O m edo a rodeava e tentou refrear a em oção dizendo-se que Rehvenge ainda

a procurava. E, apelaria à Irm andade se encontrasse algum a pista de onde

estava. Então, talvez Zsadist viesse procurar por ela, por que seria necessário,

com o parte de seu trabalho.

— Olá? Olá? Há alguém aí? — a instável voz m asculina soava com o

am ortecida, um tom m etálico.

Era o cativo m ais novo, pensou. Eles no princípio sem pre tentavam reagir.

Bela se esclareceu a garganta.

— Estou… Aqui.

Houve um a pausa.

— Oh, m eu Deus… É a m ulher que levaram ? É Bela?

Escutar seu nom e foi um choque. Infernos, o lesser a cham ava de esposa a tanto tem po, que quase tinha esquecido que tinha sido algo m ais.

— Sim … Sim , sou eu.

— Ainda está viva.

Bem , seu coração ainda pulsava, de todos os m odos.

— Conheço você?

— Eu... Eu fui ao seu enterro. Com m eus pais, Ralstam e Jilling.

Bela com eçou a trem er. Sua m ãe e seu irm ão… A tinham posto para descansar. Sua m ãe era profundam ente religiosa, grande crente das Velhas Tradições. Um a vez que se convenceu que sua filha estava m orta, teria insistido na cerim ônia apropriada para que Bela pudesse entrar no Fade.

Oh… Deus. Pensar que eles desistiram e saber que desistiram eram duas coisas diferentes. Ninguém viria buscá-la. Nunca.

Escutou algo estranho. E, com preendeu que soluçava.

— Fugirei. — disse o hom em com força — Levarei você com igo.

Bela perm itiu que seus j oelhos dobrassem e deslizou para baixo pela parede acanalada do tubo até que ficou deitada no fundo. Agora estava realm ente m orta,

verdade? Morta e bem m orta.

Que horrivelm ente adequado que ela estivesse presa na terra.

CAPÍTULO II

As shitkickers de Zsadist o levaram através de um beco fora da Rua Trade,

suas passadas soavam com força sobre os atoleiros de neve em parte congelados

e esm agados pelos rastros dos pneus. Estava totalm ente escuro, porque não havia

j anelas nos edifícios de tij olo de um e outro lado e as nuvens se fecharam sobre a

lua. Inclusive cam inhando assim , sua visão noturna era perfeita, penetrando em

toda parte. Com o sua raiva.

Sangue negro. Precisava de m ais sangre negro. Necessitava-o sobre suas

m ãos, golpeando em seu rosto e salpicando sua roupa. Precisava de oceanos dele

correndo pelo chão e gotej ando na terra. Em honra à m em ória de Bela,

sangraria aos assassinos, cada m orte seria um a oferenda.

Sabia que não tinha sobrevivido, sabia em seu coração que devia ter sido

assassinada de um m odo espantoso. Então, por que sem pre perguntava a esses

bastardos onde estava? Inferno, não sabia. Só era a prim eira coisa que saía de sua

boca, sem im portar quantas vezes se dissesse que estava m orta.

Ele ia seguir fazendo essa m aldita pergunta. Queria saber *onde, como e com o*

que, eles o tinham feito. A inform ação só o devoraria, m as precisava saber.

Tinha que saber. E um deles falaria em algum m om ento.

Z se deteve. Cheirou o ar. Rezou para que o suave arom a de talco para bebê fosse até seu nariz. Maldito fosse, não podia suportar isto… Não saber nada por m ais tem po.

Mas, então riu com um repugnante ruído. Sim , o inferno não poderia enfrentá-lo. Graças a seus cem anos de cuidadosa educação com a Mistress, não existia nenhum nível de m erda ao qual não sobrevivesse. Dor física, angústia m ental, abatendo-se nas profundidades da hum ilhação e a degradação, desespero, im potência: *este aqui, agüenta.*

Assim , sobreviveria a isto.

Levantou a vista ao céu e quando sua cabeça se inclinou para trás, balançou.

Com um rápido m ovim ento de m ão se estabilizou, logo suspirou e esperou para

ver se a sensação de enj ôo passava. Não teve sorte.

Hora de alim entar-se. Outra vez.

Maldição, esperava poder sair sem dificuldade m ais um a noite ou duas. O m ais seguro era que tinha arrastado seu corpo por pura força de vontade as duas últim as sem anas, m as isso não era nada insólito. E, esta noite não queria tratar com a sede de sangue.

Vamos, vamos… Concentre-se, idiota.

Obrigou-se a continuar, espreitando pelos becos do centro, serpenteando o perigoso labirinto urbano de Caldwell, os clubes de New York e os cenários de

drogas.

Às três da m anhã, estava tão fam into de sangue que se sentia com o um a pedra e foi a única razão pela qual se apresentou. Não podia agüentar m ais a dissociação, o intum escim ento em seu corpo. Recordava-lhe m uito a letargia do

ópio ao qual lhe tinham obrigado a tom ar quando era um escravo de sangue. Cam inhando tão rapidam ente com o podia, dirigiu-se ao ZeroSum , a guarida atual da Irm andade no centro da cidade. Os seguranças lhe perm itiram evitar a fila de espera, o acesso fácil era um dos benefícios das pessoas que deixava cair dinheiro efetivam ente, com o faziam os Irm ãos. Infernos, o hábito da fum aça verm elha de Phury valia só um par de notas ao m ês e V e Butch gostavam apenas da cham ada que lhes chegava da prateleira superior das bebidas. Estavam regularm ente nas com pras de Z.

O clube estava quente e escuro por dentro, um a espécie de úm ida caverna tropical com m úsica techno no ar. As pessoas lotavam a pista de dança, dando voltas, bebendo água, suando enquanto se m oviam com os lasers coloridos ritm icam ente.

Tudo ao redor, corpos contra as paredes, em pares ou trios, retorcendo-se, tocando-se.

Z se dirigiu a área VIP e a m ultidão abria espaço para ele, separando-se com o um pano de veludo rasgado. Apesar do alto consum o de ecstasy e cocaína

superaquecer seus corpos, ainda tinham suficiente instinto de sobrevivência ao ver sua aparência m ortal que esperava passar.

Na parte de trás, um segurança com um interfone perm itiu sua entrada na m elhor zona do clube. Aqui, na relativa tranqüilidade, vinte m esas com assentos de tam borete estavam espaçadas, com piso de m árm ore negro ilum inado do teto.

O lugar da Irm andade estava perto da saída de incêndios e não se surpreendeu de ver Vishous e Butch ali com copos curtos em frente deles. O copo de Martini de Phury estava totalm ente sozinho.

Os dois cam aradas não pareceram alegrar-se ao vê-lo. Não… Pareciam resignados com sua chegada, com o se tivessem esperado tirar um a carga e ele acabasse de lhes lançar um m otor em bloco.

— Onde está ele? — perguntou Z, apontando para o Martini de seu gêm eo com a cabeça.

— Fazendo fum aça verm elha na parte de trás. — disse Butch — Ficou sem O-ZŚ[3].

Z se sentou à esquerda e inclinou-se para trás, retirando-se da brilhante luz que caía sobre a m esa. Quando deu um a olhada a seu redor, reconheceu os rostos insignificantes dos desconhecidos. A área VIP tinha os rudes clientes habituais, m as nenhum dos grandes esbanj adores interagia com o fechado grupo.

De fato, o clube inteiro estava im pregnado por sensações de “não m e pergunte, não m e fale”, o que era um dos m otivos pelos quais os Irm ãos iam ali. Inclusive
em bora o ZeroSum fosse propriedade de um vam piro, tinham que procurar passar despercebidos pelo que eram .

Com o passar do século, a Irm andade da Adaga Negra se tornou reservada sobre suas identidades dentro da raça. Havia rum ores, certam ente, e os civis sabiam alguns de seus nom es, m as tudo era guardado no QT[4]. Tudo tinha com eçado quando a raça se fragm entou tragicam ente fazia um século aproxim adam ente, a confiança se converteu em um assunto dentro da espécie. Mas, agora, tam bém havia outra razão. Os lessers torturavam aos civis procurando inform ação sobre a Irm andade, por isso era im perativo continuarem
escondidos.

Com o resultado, os poucos vam piros que trabalhavam no clube não estavam seguros de que os grandes hom ens que se vestiam de couro, bebiam e deixavam cair dinheiro fossem m em bros da Adaga Negra. E, felizm ente, se não fosse assim com clientela social, a form a de olhar dos Irm ãos evitava perguntas. Zsadist se m oveu em seu lugar, im paciente. Odiava o clube, realm ente o odiava. Odiava tantos corpos tão perto dele. Odiava o ruído. Os arom as.

Em um barulhento grupo, três m ulheres hum anas se aproxim aram da m esa dos Irm ãos. As três trabalhavam essa noite, entretanto o que serviam não cabia

em um copo. Eram as típicas putas de classe alta: apliques no cabelo, peitos falsos, rostos m oldados por cirurgiões plásticos, roupa cara. Havia algum as se deslocando fazendo algazarra pelo clube, particularm ente na seção VIP. O Reverendo, proprietário e dirigente do ZeroSum , acreditava na diversificação do produto com o um a estratégia de negócio, oferecendo seus corpos assim com o o álcool e as drogas. O vam piro tam bém em prestava dinheiro e tinha um a equipe de corredores de apostas e só Deus sabe quais outros serviços que prestava em seu escritório de trás, sobre tudo para sua clientela hum ana.

Enquanto as três prostitutas riam e falavam , ofereceram -se para negociar. Mas nenhum a delas era o que Z procurava e V e Butch não as escolheriam tam pouco. Dois m inutos m ais tarde, as m ulheres se aproxim aram da m esa seguinte.

Z estava m alditam ente fam into, m as era inegociável quando se tratava da alim entação.

— Hei, queridinhos! — disse outra m ulher — Algum de vocês procura um pouco de com panhia?

Ele a olhou. Esta m ulher hum ana tinha um rosto duro que com binava com seu duro corpo. A roupa de couro negro. Os olhos frágeis. O cabelo curto.

Droga, era perfeita.

Z pôs sua m ão na base da luz sobre a m esa, levantou dois dedos, logo golpeou

com os nódulos duas vezes sobre o m árm ore. Quando Butch e V com eçaram a m exer-se no assento, sua tensão o incom odou.

A m ulher riu.

— Bom , bom .

Zsadist se inclinou para frente e se levantou em toda sua estatura, seu rosto ficou ilum inado pelo proj etor. A expressão da prostituta ficou solidam ente congelada quando deu um passo para trás.

Nesse m om ento Phury saiu da porta da esquerda, seu espetacular cabelo refletia as luzes que piscavam inconstantes. Diretam ente atrás dele havia um vam piro m acho durão com um m ohawk[5]: o Reverendo.

Quando os dois pararam j unto à m esa, o dono do clube riu forte. Seus olhos cor am etista perceberam a vacilação da prostituta.

— Boa noite, cavalheiros. Vai a algum lugar, Lisa?

O alarde de Lisa retornou com vingança.

— A qualquer um onde ele queira, chefe.

— Resposta correta.

Suficiente para um y akkies[6], pensou Z.

— Fora. Agora.

Em purrou a porta contra incêndio e a seguiu ao beco posterior ao clube. O vento de dezem bro soprava pela j aqueta am pla que tinha posto para cobrir seus braços, m as não se preocupava com o frio e m enos pela Lisa. Em bora as raj

adas

geladas j ogassem seu cabelo e ela estivesse quase nua, confrontou-o sem m edo, levantando o queixo.

Agora que se com prom eteu, estava pronta para ele. Um a verdadeira profissional.

— Fazem os aqui. — disse ele, dando um passo para as som bras. Pegou duas notas de cem dólares de seu bolso e deu a ela. Seus dedos dobraram -se antes que

o dinheiro desaparecesse em sua saia de couro.

— Com o quer? — perguntou, aproxim ando-se furtivam ente dele, tratando de chegar a seus om bros.

Fê-la girar e a colocou com a cara contra a parede de tij olo.

— Eu toco. Você não.

Seu corpo esticou e o m edo causou coceira em seu nariz, com o um ácido.

Mas, sua voz foi dura.

— Olhe, idiota. Volto com m achucados e ele perseguirá você com o a um anim al.

— Não se preocupe, vai sair disto perfeitam ente bem .

Mas ainda a assustava. E, ele estava felizm ente intum escido pela em oção.

Geralm ente o m edo da m ulher era a única coisa que podia anim ar a ele, a única m aneira que deixava duro o que tinha dentro de suas calças. Ultim am ente,

entretanto o gatilho não funcionava, o que estava bom . Aborrecia a resposta daquela coisa detrás de seu zíper e visto que a m aioria das m ulheres se acorvadavam diante dele, isso conseguia excitá-lo m uitíssim o m ais do que queria. Nada teria sido m elhor. Droga, era provavelm ente o único hom em sobre

o planeta que queria ser im potente.

— Incline a cabeça para o lado. — disse ele — A orelha contra seu om bro.

Devagar, ela obedeceu, expondo o pescoço. Esta era a razão pela qual a tinha escolhido. O cabelo curto significava que não teria que tocar nada para lim par o cam inho. Odiava ter a necessidade de pôr suas m ãos sobre elas em todas as partes.

Quando olhou fixam ente sua garganta, sua sede aum entou e suas presas se alargaram . Deus, estava tão seco para esgotá-la.

— O que vai fazer? — o interrom peu — Morder-m e?

— Sim .

Mordeu-a rapidam ente e a sustentou enquanto ela o golpeava. Para fazê-lo m ais fácil, ele a acalm ou m entalm ente, relaxando-a, lhe dando algo que sem dúvida lhe era m uito fam iliar. Enquanto ela se tranqüilizava, ele bebeu tanto com o pôde sem engasgar-se, provando a cocaína e o álcool em seu sangue assim com o aos antibióticos que tom ava.

Quando term inou, lam beu os sinais da espetada para iniciar o processo de

cura e para que não sangrasse. Então, lhe colocou rapidam ente um colar para ocultar a dentada, lim pou suas lem branças e a enviou de volta ao clube.

A sós, de novo, apoiou-se contra os tij olos. O sangue hum ano era tão fraco, apenas conseguia o que necessitava, m as não podia fazê-lo com as m ulheres de sua própria espécie. Não outra vez. Nunca.

Elevou a vista para o céu. As nuvens que as raj adas de vento haviam trazido antes, foram -se e entre os edifícios se podia ver um pedacinho do céu claro, salpicado de estrelas. As constelações lhe diziam que só tinha duas horas para perm anecer fora.

Quando teve a força necessária, fechou os olhos e se m aterializou no único lugar em que queria estar.

Agradecia a Deus que ainda tivesse suficiente tem po para ir ali. Estar ali.

CAPÍTULO III

John Matthew gem eu e girou até ficar de costas na cam a.

A m ulher seguiu seu exem plo, seus peitos nus pressionaram sobre o seu am plo peito descoberto. Com um sorriso erótico, ela alcançou abaixo entre as pernas dele e encontrou sua pesada ereção. Ele j ogou a cabeça para trás e gem eu enquanto ela apertava sua ereção, para cim a e para baixo. Quando ele agarrou seus j oelhos, ela com eçou a m ontá-lo lentam ente.

Oh, sim…

Com um a m ão tocava a si m esm a, com a outra o atorm entava, passando a

palm a de sua m ão sobre os peitos e subindo até seu pescoço, agarrando o com prido, cabelo loiro enquanto ela tinha um orgasm o. Sua m ão se m oveu para seu rosto, e logo seu braço estava sobre sua cabeça, um arco cheio de graça de carne e ossos. Ela se arqueou para trás e seus peitos se sobressaíram , os duros m am ilos dilatados, rosados. Sua pele era tão pálida que parecia neve fresca.

— Guerreiro. — disse ela, rangendo os dentes — Pode agüentar isto?

Agüentar? Maldição, podia. E, então quando estava deixando claro quem agüentava o que, ele agarrou suas coxas e em purrou seus quadris até que ela gritou.

Quando se retirou, lhe sorriu, m ontando-o m ais e m ais rápido. Ela era hábil e apertada, e sua ereção estava no céu.

— Guerreiro, pode agüentar isto? — sua voz era m ais profunda agora pelo esforço.

— Inferno, sim . — grunhiu. Hom em , a segunda vez que ela gozasse, ia lhe virar e em purrar dentro dela um a vez m ais.

— Pode agüentar isto? — ela o bom beou ainda m ais duro, ordenhando-o.

Com seu braço ainda sobre sua cabeça, ela o m ontava com o a um touro, corcoveando sobre ele.

Isto era um grande sexo… Im ponente, incrível, grandioso…

Suas palavras com eçaram a curvar-se, deform ar-se... Caindo sob a

investigação de um a fêm ea. Pode agüentar isto? John sentiu um calafrio. Algo estava m au.

— Pode agüentar isto? Pode agüentar isto? — de repente a voz de um hom em saía de sua garganta, a voz de um hom em que se burlava dele — *Pode agüentar isto?*

John lutou para em purrá-la, m as ela estava presa a ele com o se tivesse braçadeiras, e a transa não parava.

—Acredita que pode agüentar isto? Acredita que pode agüentar isto? *Acredita que pode agüentar isto?* — a voz m asculina gritava agora, rugindo da cara da fêm ea.

A faca veio para John de cim a da cabeça dela… Só que ela era um hom em agora, um hom em com a pele branca, o cabelo pálido e olhos da cor da névoa.

Enquanto a lâm ina reluzia com o prata, John conseguiu bloqueá-la, m as seu braço

não era m usculoso com o antes. Estava m agro, enfraquecido.

— *Pode agüentar isto, guerreiro?*

Com um a navalhada cheia de graça, a adaga atingiu diretam ente o m eio de seu peito. Um a dor ardente se acendeu onde lhe tinha penetrado, um violento ardor derram ando-se através de seu corpo, ricocheteando pelo interior de sua pele até que esteve vivendo em agonia. Ofegou e se afogou em seu próprio sangue, afogado e am ordaçado até que nada entrou em seus pulm ões.

Segurando-se, lutou contra a m orte que trás dele…

— John! John! Acorde!

Seus olhos se abriram de repente. Seu prim eiro pensam ento foi que sua cara doía, em bora não tivesse nem idéia do por que, j á que tinha sido apunhalado no peito. Então, se deu conta de que sua boca estava aberta tensam ente, acom odando o que teria sido um grito se ele tivesse nascido com cordas vocais. Tal com o estava, tudo o que ia fazer era soltar um a corrente estável de ar.

Então sentiu as m ãos… Mãos que im obilizavam seus braços. O terror voltou, e no que foi para ele um a quebra de onda incrível, j ogou seu pequeno corpo para fora da cam a. Aterrissou de cara, sua bochecha patinando sobre o tapete.

— John! Sou eu, Wellsie.

A realidade voltou com o som do nom e, tirando-o do histerism o com o um a palm ada.

Oh, Deus.… Estava bem . Ele estava bem . Estava vivo.

Jogou-se nos braços de Wellsie e enterrou seu rosto em seu com prido cabelo verm elho.

— Está bem . — ela o em purrou para seu colo e acariciou suas costas — Está em casa. Está a salvo.

Casa. Segurança. Sim , depois de seis sem anas estava em casa… A prim eira que ele tinha tido depois de crescer no orfanato de Nossa Senhora e em

barracões até que com pletou dezesseis anos. Wellsie e Tohrm ent eram o lar.

E, não estava som ente a salvo, tinha-o com preendido. Infernos, tinha aprendido a verdade sobre si m esm o. Até que Tohrm ent tinha vindo e o tinha encontrado ele não sabia por que sem pre tinha sido diferente das outras pessoas ou por que ele era tão fracote e débil. Mas, os vam piros m asculinos eram assim antes que passassem pela transição. Inclusive Tohr, que era um m em bro da Irm andade da Adaga Negra, quando j ovem era pequeno.

Wellsie inclinou a cabeça de John para cim a.

— Pode m e contar que era?

Ele sacudiu a cabeça e a enterrou m ais profundam ente nela, apertando-a tão forte que estava surpreso de que ela pudesse respirar.

Zsadist se m aterializou diante da granj a de Bela e am aldiçoou. Alguém tinha estado no lugar outra vez. Havia m arcas frescas de pneus na neve, distribuídas no

cam inho de entrada e rastros à porta. *Ah, droga…* Ali havia m uitos rastros, tanto

na frente e com o atrás, com o se um carro tivesse estacionado ali e parecia que as coisas estivessem sendo levadas.

Isto o fez sentir-se inquieto, com o se pequenas coisas dela estivessem desaparecendo.

Inferno santo. Se sua fam ília desm ontasse a casa, ele não saberia onde iria estar com ela.

Com um olhar duro, olhou fixam ente ao pórtico dianteiro e às j anelas largas da sala de estar. Talvez ele devesse recolher algo dela para ele. Isto seria fazer um a canalhice, porque então, não seria m elhor que um ladrão.

Outra vez, perguntou-se sobre a fam ília dela. Sabia que eram aristocratas de classe social alta, m as isso era tudo, e não queria conhecê-los para averiguar m ais. Inclusive em seu m elhor dia, ele era horrível com as pessoas, m as a situação com Bela o fazia perigoso, não som ente repugnante. Não, Tohrm ent era o adequado para lidar com os laços de sangue, e Z era sem pre cuidadoso para não encontrar-se com eles.

Foi para a parte de trás da casa, entrou pela cozinha, e desligou o alarm e de segurança. Com o fazia toda noite, verificou prim eiro os peixes. Farelos de com ida estavam pulverizados em cim a da água, prova de que alguém tinha cuidado deles. Ficava de saco cheio por alguém lhe ter roubado a oportunidade.

A verdade era, que pensava nessa casa com o seu espaço agora. Tinha lim pado a casa depois que a tinham seqüestrado. Tinha regado às plantas e tinha cuidado dos peixes. Tinha andado pelos andares e pela escada e tinha olhado fixam ente pelas j anelas e se sentou sobre cada cadeira, sofá e cam a. Infernos, j á tinha decidido com prar a m aldita coisa quando sua fam ília a vendesse. Em bora nunca tivesse tido um a casa antes ou m uitos bens pessoais, estas paredes e este

teto e a droga de dentro… Ele possuiria tudo. Um santuário dela.

Z fez um a viagem rápida pela casa, catalogando as coisas que tinham sido tiradas. Não era m uito. Um a pintura e um prato de prata da sala de estar, e um espelho do vestíbulo de entrada. Tinha curiosidade de saber por que aqueles obj etos em particular tinham sido escolhidos e devolvidos aonde pertenciam .

Enquanto entrava na cozinha outra vez, im aginou o quarto depois que ela tinha sido seqüestrada, todo o sangue, os pedaços de vidros, as cadeiras e a porcelana quebradas. Seus olhos baixaram até um a listra negra de borracha sobre o chão de

pinheiro. Podia adivinhar com o tinha sido feita. Bela lutando contra o lesser, sendo arrastada, a sola de seu sapato chiando enquanto deixava um rastro.

A cólera avançou lentam ente através de seu peito até que esteve ofegando

pelo feio e fam iliar sentim ento. Exceto Cristo… Tudo isso não tinha sentido: ele

procurando-a, obcecando-se com o um m erda e andando ao redor de sua casa.

Eles não tinham sido am igos. Infernos, nem sequer tinham sido conhecidos. E, ele não tinha sido agradável com ela nas duas ocasiões em que se encontraram .

Hom em , lam entava isso. Durante aqueles poucos m om entos em que esteve com ela, desej ava que tivesse sido… Bom , não levantar-se rapidam ente depois que tivesse averiguado que estava excitada por causa dele, teria sido um com eço realm ente bom . Exceto, pelo fato de que não tivesse nenhum m odo de engolir a

resposta. Nenhum a fêm ea exceto aquela bruxa doente da Mistress tinha estado m olhada por ele, assim estava seguro com o o inferno que ele não associava a escorregadia carne fem inina com nada bom .

Enquanto recordava de Bela estando contra seu corpo, ainda se perguntava por que ela queria deitar-se com ele. Seu rosto parecia um quadro. Seu corpo não estava m uito m elhor, ao m enos suas costas. E, sua reputação fazia com que Jack, o estripador, parecesse um escoteiro. Maldição, ele estava zangado com todos e tudo sem pre. Ela tinha sido bonita, suave e am ável, um a fêm ea da realeza, aristocrata de um a estirpe privilegiada.

Ah, m as suas contradições tinham sido o ponto, verdade? Ele tinha sido o m acho de “desvio de cam inho” para ela. Um passeio pelo seu lado selvagem . A criatura selvagem que a im pressionaria e a tiraria de sua pequena vida agradável durante um a hora ou duas. E, m esm o que lhe tinha doído ser reduzido precisam ente ao que ele era, ainda pensava que ela era… Encantadora.

Atrás dele, ouviu o relógio do avô com eçar a soar. As cinco.

A porta de entrada da casa se abriu com um rangido.

Rápida e silenciosam ente, Z pegou um a adaga negra de seu peito e se grudou contra a parede. Inclinou a cabeça para ter um a vista do corredor até o vestíbulo.

Butch levantou as m ãos e entrou.

— Só sou eu, Z.

Zsadist baixou a lâm ina, então a devolveu a sua bainha.

O antigo detetive de hom icídios era um a anom alia em seu m undo, o único hum ano que algum a vez tinham deixado entrar no círculo interior da Irm andade.

Butch era o com panheiro de quarto de V, o com panheiro de levantam ento de pesos de Rhage no ginásio, que com partilhava a puta roupa de Phury. E, por razões que só ele sabia, estava obcecado com o seqüestro de Bela, assim então tinha algum a coisa em com um com Z, tam bém .

— O que há, policial?

— Está chegando à solução? — a Pergunta do tipo poderia ter sido em oldurada com o um a pergunta, m as era m ais um a sugestão.

— Não agora m esm o.

— Perto da luz do dia.

O que seja.

— Phury te enviou a m inha procura?

— Foi m inha escolha. Quando não voltou depois de pagar, pareceu-m e que poderia term inar aqui.

Z cruzou os braços sobre o peito.

— Se preocupava que tivesse m atado àquela fêm ea que tom ei no beco?

— Não. Vi-a trabalhando no clube antes de partir.

— Então, por que estou olhando você agora m esm o?

Enquanto o m acho olhava para baixo com o se estivesse reunindo palavras em sua cabeça, seu peso se m ovia para frente e para trás naqueles sapatos caros dos quais gostava. Então desabotoou o elegante casaco negro de cachem ira.

Ah… Assim , Butch era um m ensageiro.

— Desem buche, policial.

O hum ano esfregou um polegar sobre sua sobrancelha.

— Sabe que Tohr esteve falando com a fam ília de Bela, verdade? E, que seu irm ão é um autêntico exaltado? Bom , ele sabe que alguém esteve vindo aqui. Pode contá-lo pelo sistem a de segurança. Cada vez que desliga ou se acende, recebe um sinal. Quer que as visitas parem , Z.

Zsadist m ostrou as presas.

— Pois ele que agüente!

— Vai colocar guardas.

— Por que dem ônios se preocupa?

— Vam os, hom em , é a casa de sua irm ã.

Filho da puta.

— Quero com prar a casa.

— Isto é um a área proibida, Z. Tohr disse que a fam ília não vai colocar a casa no m ercado logo. Querem m antê-la.

Z apertou os dentes durante um m om ento.

— Policial, se faça um favor e saia daqui.

— Melhor levar você para casa. O am anhecer está m alditam ente perto.

— Sim , realm ente necessito de um hum ano m e dizendo isso.

Butch am aldiçoou com um a exalação.

— Bom , faça barulho se quiser. Som ente não volte aqui outra vez. Sua fam ília j á sofreu o bastante.

Logo que a porta da frente se fechou, Z sentiu um calor subir por seu corpo, com o se alguém o tivesse envolvido apertadam ente em um a m anta elétrica e ligado à tom ada. O suor descia por seu rosto e peito, e o estôm ago deu um tom bo.

Levantou suas m ãos. As palm as estavam úm idas e os dedos trem iam .

Sinais fisiológicos de tensão, pensou.

Estava tendo claram ente um a reação em ocional, em bora m alditam ente não soubesse qual era. Tudo o que reconhecia eram sintom as auxiliares. Dentro de si m esm o não havia nada, nenhum sentim ento que pudesse identificar.

Olhou ao redor e quis colocar fogo na granj a, incendiar a coisa até os alicerces, assim ninguém poderia tê-la. Melhor isso que saber que não podia entrar m ais.

O problem a era, que queim ar sua casa era com o ferir a ela.

Se não podia deixar um m ontão de cinzas para trás, queria pegar algo.

Enquanto pensava no que poderia levar com ele e ainda desm aterializasse, pôs sua m ão sobre a corrente fina que se estendia ao redor de seu pescoço.

O colar com seus dim inutos diam antes inseridos era dela. Tinha-o encontrado nos escom bros um a noite depois que tinha sido seqüestrada, sobre o piso de terracota em baixo da m esa de cozinha. Tinha lim pado o sangue, tinha arrum ado a tranca quebrada, e o tinha usado após.

E, os diam antes eram eternos, verdade? Eles duravam para sem pre. Justo com o suas lem branças dela.

Antes que Zsadist partisse, deu um a últim a olhada no aquário. O alim ento quase tinha desaparecido, devorado da superfície por pequenas bocas, bocas que vinham das profundezas.

John não sabia quanto tem po esteve nos braços de Wellsie, m as dem orou um m om ento para retornar à realidade. Quando ele finalm ente se retirou, lhe sorriu.

— Seguro que não quer m e contar o pesadelo?

As m ãos de John com eçaram a m over-se, e ela as olhou fixam ente com força porque estava aprendendo a linguagem dos sinais. Ele sabia que ia m uito rápido, assim que se inclinou e pegou um de seus blocos e um a caneta da m esinha de cabeceira.

— *Não era nada. Estou bem agora. Obrigado por me despertar.*

— Quer voltar para a cam a?

Ele assentiu. Parecia que não tinha feito nada exceto dorm ir e com er durante o m ês e m eio passado, m as não havia nenhum fim para sua fom e ou seu

esgotam ento. Então outra vez, tinha vinte e três anos de fom e e insônia para

com pensar.

Deslizou-se entre os lençóis, e então Wellsie se m oveu devagar a seu lado.

Sua gravidez não se notava m uito se estivesse de pé, m as quando se sentava havia

um a elevação sutil sob sua cam isa frouxa.

— Quer que acenda a luz do banheiro?

Ele sacudiu a cabeça. Isso só lhe faria com que se sentisse com o um a

j oaninha, e agora m esm o seu ego tinha agüentado todas as hum ilhações que

podia agüentar.

— Vou estar na m inha sala de estudo, certo?

Quando ela partiu, ele se sentiu m al por ser do tipo que precisava ser

tranqüilizado, m as agora que o pânico tinha desaparecido estava envergonhado

de si m esm o. Um hom em não agia com o ele tinha feito. Um hom em teria lutado

contra o dem ônio de cabelo pálido no sonho e teria ganhado. Inclusive se tivesse

estado aterrorizado, um hom em não se agacharia trêm ulo com o um m enino de

cinco anos quando despertasse.

Então, outra vez, John não era um hom em . Ao m enos não ainda. Tohr havia

dito que a m udança não aconteceria até que estivesse próxim o dos vinte e cinco,

e ele não podia esperar os próxim os dois anos passarem . Porque m esm o que

agora entendesse por que só tinha um m etro e sessenta e oito de altura e cinqüenta e um quilos e quinhentas gram as, ainda era resistente. Odiava olhar seu corpo ossudo todos os dias no espelho. Odiava vestir roupas de adolescente m esm o que pudesse legalm ente dirigir, votar e beber. Abatido ante o fato de que nunca tinha tido um a ereção, nem sequer quando despertava de um de seus sonhos eróticos. E, nunca tinha beij ado a um a m ulher, tam pouco.

Não, ele não se sentia parte do departam ento m asculino ao redor. Sobre tudo considerando o que tinha ocorrido fazia quase um ano. Deus, o aniversário daquele ataque tinha passado, verdade? Com um estrem ecim ento tratou de não pensar naquela suj a escada ou no hom em que havia sustentado um a faca em sua garganta ou naqueles m om entos horríveis quando algo irrecuperável tinha sido tirado dele: sua inocência violada, ida para sem pre.

Forçando sua m ente a sair daquela queda em desassossego, disse-se que ao m enos j á não estava desesperado. Algum dia, ele se transform aria em um hom em .

Era reconfortante pensar no futuro, retirou as cobertas e foi até seu arm ário. Enquanto abria as duas portas, ainda não estava acostum ado ao que viu. Nunca havia possuído tantas calças, cam isas de j érseis em toda sua vida, m as aqui estavam … Tão frescos e novos, todos os zíperes funcionavam , não faltava

nenhum botão, não estavam desfiados, nem quebrados. Até tinha um par de Nike Air Shox.

Ele tirou um suéter e o pôs, logo em purrou suas pernas largas e m agras em um par de calças. No banheiro lavou as m ãos e a cara e penteou seu cabelo negro. Então se dirigiu à cozinha, andando através de quartos que tinham linhas lim pas, m odernas, m as que estavam decorados com m óveis, tecidos e arte do Renascim ento italiano. Parou quando ouviu a voz de Wellsie sair do estudo.

— …um a espécie de pesadelo. Quero dizer, Tohr, estava aterrorizado… Não, ele evitou quando perguntei o que era, e não lhe pressionei. Penso que é hora de que vej a Havers. Sim , UAH-Hugh[7]. Deveria conhecer prim eiro Wrath. Bom .

Quero-te, m eu hellren. O que? Deus, Tohr, sinto-m e da m esm a m aneira. Não sei

com o algum a vez vivem os sem ele. Ele é um a bênção.

John se apoiou contra a parede do corredor e fechou os olhos. Engraçado, ele se sentia da m esm a m aneira sobre eles.

CAPÍTULO IV

Horas m ais tarde, ou ao m enos pareciam horas, Bela escutou o som da

prancha da rede deslizando-se para trás. O arom a doce dos lesser tinha em anado

até em baixo, onde ela estava, dom inando o acre e úm ido arom a de terra.

— Olá, esposa. — o cinto ao redor de seu torso a apertou quando ele a tirou.

Um olhar a seus pálidos olhos m arrons e ela soube que agora não era o m om ento de em purrar qualquer lim ite. Ele estava nervoso, seu sorriso se m ostrava m uito excitado. E, lhe desequilibrar não era bom .

Justo quando seus pés bateram no chão, ele puxou as guarnições e então ela caiu contra ele.

—Eu disse “olá, esposa.”.

—Olá, David.

Ele fechou os olhos. Gostava quando ela dizia seu nom e.

— Tenho algo para você.

Deixou as correias sobre ela e a conduziu à m esa de aço inoxidável no centro do quarto. Quando a algem ou a coisa, ela sabia que ainda devia estar escuro lá fora. Ele relaxava sua segurança durante o dia, quando ela não poderia correr.

O lesser saiu pela porta e a deixou totalm ente aberta. Ruídos de arrasto e grunhidos lhe seguiram e então voltou arrastando a um vam piro civil tonto. A cabeça do m acho pendurava sobre seus om bros com o se estivesse sobre um a dobradiça frouxa, e o arrastava pelos dedos dos pés. Estava vestido no que tinha sido um a agradável calça negra e um suéter de cachem ira, m as agora as roupas estavam rasgadas e m olhadas de sangue.

Com um gem ido afogado em sua garganta, Bela retrocedeu até onde suas correntes perm itiu. Não podia olhar a tortura, não podia.

O lesser forçou o m acho a colocar-se sobre a m esa e o estendeu sobre ela.

As algem as foram colocadas com eficiência ao redor de seus pulsos e tornozelos,

e os elos foram presos com clipes m etálicos. Assim que os olhos brum osos do civil se cravaram na estante com as ferram entas, invadiu-lhe o pânico. Puxou as correntes de aço, as fazendo repicar contra a m esa de m etal.

Bela encontrou com os olhos azuis do vam piro. Estava aterrorizado, e queria lhe tranqüilizar, m as sabia que não era inteligente. O lesser olhava sua reação, esperando.

E, logo tirou um a faca.

O vam piro sobre a m esa gritava enquanto o assassino se inclinava sobre ele. Mas, tudo o que David fez foi dar um puxão no suéter do m acho e cortá-lo, expondo seu peito e garganta.

Em bora Bela tentasse lutar contra isso, a sede de sangue lhe revolvia o estôm ago. Tinha passado m uito tem po desde a últim a vez que tinha se alim entado, possivelm ente m eses, e toda a tensão sob a que tinha estado significava que seu corpo necessitava o que só beber do sexo oposto podia lhe dar.

O lesser a agarrou pelo braço e a puxou, as algem as deslizaram pelo sulco da m esa com ela.

— Pensei que devias estar sedenta agora. —o assassino estendeu a m ão e esfregou sua boca com seu polegar — Assim , consegui isto para você, para que te alim ente.

Seus olhos se abriram .

— Assim é. Ele é som ente para você. Um presente. É fresco, j ovem . Melhor que os dois que tenho nos buracos agora. E, podem os m antê-lo enquanto te sirva.

— o lesser separou seu lábio superior de seus dentes — Maldição… Olhe essas presas alargando-se. Fam inta, verdade, esposa?

Sua m ão a segurou fortem ente pela nuca e a beij ou, lam bendo-a com a língua. De algum m odo ela conteve seu reflexo de m ordê-lo até que ele levantou

sua cabeça.

— Eu sem pre m e perguntei o que parece. — disse ele, os olhos vagando por seu rosto — Vai m e excitar? Não estou seguro se quero ou não. Acredito que eu gosto de você pura. Mas tem que fazer isto, correto? Ou m orrerá.

Em purrou sua cabeça para baixo para a garganta do m acho. Quando ela resistiu, o lesser riu brandam ente e falou em seu ouvido.

— Esta é m inha garota. Se tivesse ido de bom grado, penso que lhe teria batido por ciúm es. — lhe acariciou o cabelo com sua m ão livre — Agora, bebe.

Bela olhou nos olhos do vam piro. *Oh, Deus…*

O m acho tinha deixado de lutar e a olhava, seus olhos a ponto de sair de suas órbitas. Em bora estivesse fam inta, não podia suportar a idéia de beber dele.

O lesser agarrou seu pescoço com força, e sua voz se fez repugnante.

— Melhor beber dele. Meti-m e em m uitos problem as de m erda para

conseguir isto para você.

Ela abriu a boca, sua língua parecia papel de lixa por causa da sede.

— Não…

O lesser pôs um a faca à altura de seus olhos.

— De um a m aneira ou outra ele vai sangrar no m inuto e m eio seguinte. Se eu for trabalhar sobre ele, não vai durar m uito tem po. Assim talvez queira tentar, esposa?

Os seus olhos encheram de lágrim as ante a violação que com eteria.

— Sinto tanto. — sussurrou ela ao m acho encadeado.

Sua cabeça foi j ogada para trás de um puxão, e a palm a do lesser bateu em seu rosto do lado esquerdo. A bofetada reverberou pela parte superior de seu corpo, e o assassino agarrou um a m echa de seu cabelo para lhe im pedir de cair. Puxou com força, arqueando-a contra ele. Ela não tinha nem idéia de aonde a faca tinha ido.

— Não peça perdão por isso. — apertou sua m ão em seu queixo, cavando as gem as dos dedos nos ocos sob suas m açãs do rosto — Sou o único com quem tem

que se preocupar. Está claro? Disse, está claro?

— Sim . — ofegou ela.

— Sim , o que?

— Sim , David.

Ele pegou seu braço livre e o dobrou atrás de suas costas. A dor disparou por seu om bro.

— Diga que m e am a.

Do nada, a cólera surgiu com o um a torm enta de fogo em seu peito. Nunca lhe diria essa palavra. *Nunca.*

— Diga que m e am a. — gritou ele, explodindo o pedido em seu rosto.

Seus olhos cintilaram e despiu as presas. No instante em que o fez a excitação dele disparou fora de controle, seu corpo com eçou a trem er, seu fôlego se converteu em um ofego rápido. Estava preparado para brigar com ela, excitado com a batalha, preparado com o se estivesse ereto para o sexo. Esta era a parte da relação para a qual vivia. Am ava lutar contra ela. Tinha-lhe contado que sua antiga m ulher não tinha sido tão forte com o ela, não tinha sido capaz de durar tanto antes de partir.

— Diga que m e am a.

— Eu. Te. Desprezo.

Enquanto ele levantava sua m ão e a fechava em um punho, lhe fulm inava com o olhar, séria, tranqüila, preparada para receber o golpe. Ficaram assim durante m uito tem po, seus corpos suspensos em arcos gêm eos com o um coração, atados pelas cordas da violência que corria entre eles. Ao fundo o m acho civil sobre a m esa choram ingou.

De repente o lesser a rodeou com seus braços e enterrou a cara em seu

pescoço.

— Am o-te. — disse ele — Am o-te tanto… Não posso viver sem você.

— Merda Santa. — disse alguém .

O lesser e Bela contem plaram ao dono da voz. A porta do centro de tortura estava totalm ente aberta e um assassino de cabelo pálido estava parado na entrada.

O tipo com eçou a rir e logo disse as três palavras que provocaram tudo o que aconteceu a seguir:

— Eu vou contar.

David foi atrás do outro lesser em um a corrida m ortal, lhe perseguindo do lado de fora.

Bela não vacilou quando os prim eiros golpes da luta ressoaram lá fora. Ela trabalhava sobre as correntes que prendiam o pulso direito do civil, liberando os ganchos, desenredando os elos. Nenhum deles disse um a palavra enquanto ela liberava sua m ão e logo com eçava com seu tornozelo direito. Logo que pôde, o m acho trabalhou tão rápido com o ela, desesperadam ente desatando seu lado esquerdo. No segundo em que esteve livre, desceu da m esa e olhou as algem as de aço que a atavam .

— Não pode m e salvar. — disse ela — Ele tem as únicas chaves.

— Não posso acreditar que ainda estej a viva. Inteirei-m e sobre você…

— Vai em bora, vá…

— Ele m atará você.

— Não, não o fará. — ele som ente ia fazê-la desej ar estar m orta — Vai em bora! Essa luta não vai durar para sem pre.

— Voltarei por você.

— Som ente chegue em casa. — quando ele abriu a boca, ela disse — Fecha-a, infernos e fique atento. Se puder, diga a m inha fam ília que não estou m orta. Vai!

O m acho tinha lágrim as nos olhos quando os fechou. Ele tom ou dois fôlegos longos… E, se desm aterializou.

Bela com eçou a trem er tanto que caiu no chão, seu braço estirado sobre sua cabeça onde estava algem ado à m esa.

Os ruídos da luta pararam bruscam ente. Houve um silêncio e logo um brilho de luz e o som de um a explosão. Ela soube sem dúvida nenhum a que seu lesser tinha ganhado.

Oh, Deus. Isso ia ser m au. Este ia ser um dia m uito, m uito m au.

Zsadist ficou de pé sobre a gram a nevada de Bela até o últim o m om ento possível, e logo se desm aterializou, ao m onstro gótico, onde toda a Irm andade vivia. A m ansão se parecia com algo de um film e de terror, todas as gárgulas e som bras e j anelas de vidro de chum bo. Diante da m ontanha de pedra havia um pátio cheio de carros, assim com o a casa do guarda que era onde Butch e V se aloj avam . Um a parede de vinte pés de altura rodeava o com plexo e havia um a

porta dupla de entrada assim com o um bom núm ero de surpresas repugnantes para desencoraj ar visitantes não desej ados.

Z cam inhou através das portas de aço da casa principal e abriu um lado delas. Dando um passo no vestíbulo, teclou um código em um teclado num érico e conseguiu acesso im ediatam ente. Ele fez um a careta enquanto entrava no vestíbulo. O espaço m uito alto com suas cores brilhantes, suas folhas de ouro e seu selvagem m osaico do chão se pareciam com um balcão lotado: m uito estím ulo.

A sua direita, ouviu os sons da cozinha cheia: o tinido suave da prata sobre a porcelana, palavras indistintas de Beth, um sorrisinho de Wrath…Então, a voz baixa de Rhage brincando. Houve um a pausa, provavelm ente porque Holly wood

fazia um a careta, e logo a risada de todo m undo m isturada, saindo em turba com o m árm ores brilhantes através de um piso lim po.

Não estava interessado em m isturar-se com seus irm ãos, m uito m enos com er com eles. Todos eles saberiam agora que tinha sido j ogado da casa de Bela com o

um crim inoso por passar m uito tem po ali. Poucos segredos eram guardados dentro da Irm andade.

Z se encam inhou à m agnífica escada, subindo os degraus de dois em dois. Quanto m ais rápido ia, m ais se em udeciam os sons do j antar, e m ais tranqüilo ficava ele. No alto da escada se dirigiu à esquerda e foi ao longo de um corredor

com prido enfeitado por estátuas greco-rom anas. Os atletas e guerreiros de m árm ore estavam ilum inados por um a ilum inação indireta, seus braços, pernas e peitos brancos de m árm ore form avam um m odelo contra a parede verm elho sangue. Se andasse bastante rápido, era com o ir pela calçada quando estava em um carro, o ritm o dava anim ação aos corpos das estátuas quando de fato não se m oviam .

A suíte onde dorm ia estava ao final do corredor, e quando abriu a porta, um a parede de frio o golpeou. Nunca ligava o aquecedor ou o ar condicionado, assim com o nunca dorm ia na cam a ou usava o telefone ou punha algo nas antigas escrivaninhas. O arm ário era a única coisa que necessitava, e foi até ali para desarm ar-se. Suas arm as e m unições estavam guardadas em um gabinete incom bustível na parte de trás, e suas quatro cam isas e três calças de couro estavam penduradas perto. Com nada m ais, freqüentem ente pensava em ossos quando estava ali dentro, todos os cabides vazios que pareciam longos e frágeis.

Despiu-se e tom ou banho. Tinha fom e de com ida, m as gostava de m anter-se assim . A pontada de fom e, o desej o seco da sede… Essas negações que estavam dentro de seu controle sem pre o aliviavam . Infernos, se pudesse evitar dorm ir, evitaria isso tam bém . E, a m aldita sede de sangue… Ele queria estar lim po. Por dentro.

Quando saiu da ducha passou o barbeador elétrico sobre sua cabeça para m anter seu cabelo baixo sobre sua cabeça e logo fez a barba rapidam ente. Nu, com frio, cansado pela fom e, aproxim ou-se de sua plataform a no chão. Quando esteve de pé em cim a das duas m antas dobradas que ofereciam tanto am ortecim ento com o um par de tiras, pensou na cam a de Bela. A dela era m uito grande e toda branca. Capas de travesseiro brancas e lençóis grandes, um edredom branco, um tapete branco aos pés da cam a.

Deitou-se em sua cam a. Freqüentem ente gostava de pensar que podia cheirá-la nela. Às vezes, até se m exia em cim a dela, a suavidade cedendo sob seu duro corpo. Era quase com o se ela o houvesse roçado então, e m elhor que se em realidade o fizesse. Não podia suportar que alguém lhe tocasse… Em bora desej asse ter perm itido a Bela encontrar um pedaço de sua carne som ente um a vez. Com ela, ele poderia ter sido capaz de agüentar.

Seus olhos se m overam pelo crânio enquanto se sentava no chão ao lado da plataform a. As órbitas eram buracos negros, e ele im aginou a com binação da íris e da pupila que um a vez tinham olhado fixam ente para fora. Entre os dentes havia um a tira de couro negro de aproxim adam ente duas polegadas de largura. Tradicionalm ente, a expressão de devoção ao falecido estavam inscritas sobre ela, m as a correia que tinha entre as m andíbulas estava em branco.

Quando se deitou, pôs sua cabeça ao lado da coisa e o passado voltou, o ano era 1802…

O escravo estava parcialmente acordado. Estava deitado sobre suas costas e lhe doía por toda parte, embora não pudesse pensar por que… Até que recordou ter passado por sua transição na noite anterior. Durante horas tinha estado mutilado pela dor de seus músculos brotando, seus ossos alargando-se, seu corpo transformando-se em algo enorme.

…Era estranho, de verdade, seu pescoço e seus pulsos doíam de um modo diferente.

Abriu os olhos. O teto estava longe, em cima dele, e marcado com barras magras negras inseridas na pedra. Quando girou sua cabeça, viu uma porta de carvalho com mais grades colocadas verticalmente por suas tábuas grossas. Sobre a parede, também, havia tiras de aço… Na masmorra. Ele estava na masmorra, mas por quê? Fazia seus deveres antes.

Ele tentou sentar-se, mas seus antebraços e tornozelos estavam presos. Seus olhos se ampliaram, puxou…

— Preocupe-se com você. — era o ferreiro. E, havia sido tatuado tiras negras sobre os pontos de bebida do escravo.

Ah, Virgem querida no Fade, não. Não este…

O escravo lutou contra as amarrações, e o outro macho o olhou, furioso.

— Acalme-se! Não serei açoitado por uma falta que não cometi!

— Rogo-lhe isso… — a voz do escravo não soava correta. Era muito profunda

— Tenha compaixão.

Ele ouviu uma risada suave, feminina. A Mistress da casa tinha entrado na cela, seu vestido comprido de seda branca se arrastava atrás dela sobre o ladrilhado, seu cabelo loiro descia ao redor de seus ombros.

O escravo deixou cair seus olhos como era apropriado e compreendeu que estava totalmente nu. Ruborizado, envergonhado, desejava estar coberto.

— Está acordado. — disse ela, aproximando-se dele.

Ele não podia compreender por que ela tinha vindo para ver alguém tão humilde como ele. Só era um mero moço da cozinha, alguém mais baixo ainda que as criadas que limpavam seus quartos privados.

— Olhe-me. — ordenou a Mistress.

Fez o que lhe havia dito, embora isto fosse contra tudo o que alguma vez tinha conhecido. Nunca lhe tinham permitido olhá-la fixamente antes.

O que viu foi um choque. Ela o olhava de um modo que nenhuma fêmea o tinha olhado antes. A ganância marcava os refinados ossos de seu rosto, seu olho escuro estava aceso com alguma espécie de intenção que não podia identificar.

— Olhos dourados. — murmurou ela — Que raros. Que bonito.

Sua mão desceu sobre a coxa nua do escravo. Ele se moveu nervosamente,

rechaçando o contato, sentindo-se incômodo. Isto estava mau, pensava. Ela não deveria estar tocando-o.

— Você se converteu em uma surpresa magnífica. Preciso ter cuidado com você, alimentei a alguém que te trouxe para minha atenção.

— Mistress… Imploraria-lhe que me deixasse ir trabalhar.

— Oh, irá. — sua mão foi à deriva através da união de sua pélvis, onde suas coxas se encontravam com seus quadris. Ele saltou e ouviu a maldição suave do ferreiro — E, um favor para mim. Meu escravo de sangue foi vítima de um acidente desafortunado hoje. Assim que seus quartos estejam renovados, será transladado para eles.

O escravo perdeu seu fôlego. Ele sabia do macho que ela tinha mantido preso, já que tinha levado comida à cela. Às vezes, tinha deixado a bandeja com os guardas, tinha ouvido estranhos sons saindo detrás da pesada porta.

A Mistress devia ter reparado em seu medo, porque se inclinou sobre ele, ficando tão perto que pôde cheirar sua perfumada pele. Ela riu brandamente, como se tivesse provado seu medo e o prato a tivesse agradado.

— De verdade, não posso esperar para te ter.

Quando ela se voltou para partir, olhou colericamente ao ferreiro.

— Recorde o que disse ou te enviarei ao amanhecer. Nenhum engano com a agulha. Sua pele é muito perfeita para danificá-la.

A tatuagem foi terminada pouco tempo depois, e o ferreiro levou a vela com

ele, deixando o escravo preso sobre a mesa na escuridão.

Ele tremeu de desespero e horror quando seu novo estado se fez real. Agora

era o mais baixos dos baixos, mantido vivo unicamente para alimentar a outro… E,

só a Virgem sabia o que lhe esperava.

Passou um comprido momento antes que a porta se abrisse outra vez e a luz da

vela lhe mostrasse que seu futuro tinha chegado: a Mistress com um vestido negro

e dois machos conhecidos por seu amor a seu próprio sexo.

— Limpem-no para mim. — ordenou ela.

A Mistress olhou como o escravo foi lavado e lubrificado com azeite, ela se

moveu ao redor de seu corpo enquanto a luz da vela se movia, nunca permanecia

quieta. O escravo tremia, odiando a sensação das mãos dos machos sobre seu

rosto, seu peito, suas privacidades. Ele tinha medo de que um ou ambos tentassem

tomar a ele de um modo sujo.

Quando terminaram, o mais alto deles disse:

— Testaremo-lo para você, Mistress?

— O guardarei para mim esta noite.

Ela deixou cair seu vestido e agilmente subiu à mesa, sentando-se com uma

perna de cada lado sobre o escravo.

Suas mãos procuraram sua carne privada, e enquanto o acariciou ele era

consciente dos outros machos pegando-se a si mesmos com as mãos. Quando o

escravo permaneceu flácido, ela o cobriu com seus lábios. Os sons no quarto eram

horrorosos, os gemidos dos machos e a boca da Mistress chupando e açoitando-o.

A humilhação foi completa quando o escravo começou a chorar, lágrimas

derramando-se pelos cantos de seus olhos, caindo por suas têmporas até os

ouvidos. Nunca o haviam tocado entre suas pernas antes. Como um macho de pre-

transição, seu corpo não tinha estado preparado para o acoplamento ou capaz

disso, embora isso não lhe tivesse impedido de pensar com muita ilusão em estar

um dia com uma fêmea. Sempre tinha imaginado que a união seria maravilhosa, já

que nos quartos dos escravos tinha visto o ato de prazer em algumas ocasiões.

Mas, agora… Ter intimidade acontecendo deste modo, envergonhava-se de

haver-se atrevido a desejar algo.

Bruscamente, a Mistress o liberou e o pegou com a mão através do rosto. A

impressão da palma picava sobre sua bochecha enquanto ela descia da mesa.

— Tragam-me o bálsamo. — disse ela bruscamente — Sua coisa não está funcionando.

Um dos machos avançou para a mesa com um pequeno pote. O escravo sentiu

que alguém deslizava uma mão sobre ele, não estava seguro quem, e logo houve

uma sensação ardente. Um curioso peso se instalou em sua virilha, sentia que algo

mudava em sua coxa e então devagar se moveu através de seu estômago.

— Ah… Santa Virgem do Fade! — disse um dos machos.

— Grande tamanho. — respirou o outro — Poderia derramar-se

completamente no profundo de um poço…

A voz da Mistress também soava assombrada.

— É enorme.

O escravo levantou a cabeça. Havia uma coisa poderosa aumentada, caída

sobre seu ventre, que não se parecia com nada que tivesse visto antes.

Inclinou-se para trás outra vez enquanto a Mistress montava seus quadris. Esta

vez sentiu algo o engolindo, um pouco molhado. Levantou a cabeça outra vez. Ela

estava aberta sobre ele e ele estava dentro de seu corpo. Ela se movia contra ele,

montando-o para cima e para baixo, ofegando. Era fracamente consciente de que

os outros machos no quarto estavam gemendo outra vez, os sons guturais cresciam

mais fortes à medida que ela se movia mais e mais rápido. E, logo houve gritos, os

dela, os deles.

A Mistress derrubou-se sobre o peito do escravo. Enquanto ainda respirava

pesadamente, ela disse:

— Mantenham sua cabeça baixa.

Um dos machos pôs a palma sobre a testa do escravo e logo lhe acariciou o

cabelo com sua mão livre.

— Tão encantador. Tão suave. E, olhe todas as cores.

A Mistress enterrou o rosto no pescoço do escravo e o mordeu. Ele gritou pela espetada e ela tomou. Ele tinha visto machos e fêmeas beberem uns dos outros antes, e sempre tinha parecido correto… Mas, isto doía e o fazia sentir-se enjoado,

e quanto mais duro sugava ela de sua veia, mais enjoado se sentia.

Devia ter desmaiado, porque quando despertou ela levantava a cabeça e lambia os lábios. Ela desceu dele, vestiu-se e os três o deixaram sozinho na escuridão. Momentos depois, os guardas a quem conhecia entraram.

Os outros machos evitaram lhe olhar, embora ele tivesse amizade com eles antes, porque ele lhes tinha dado sua cerveja. Agora, eles mantinham seus olhos afastados e não lhe falavam. Quando olhou para baixo, envergonhou-se de que qualquer bálsamo que lhe tivessem posto ainda funcionasse, porque sua parte privada ainda estava rígida e grosa.

O brilho sobre isso lhe deu náuseas.

Quis dizer desesperadamente a qualquer um dos machos que não era sua culpa, que estava tentando fazer com que sua carne baixasse, mas estava muito diferente para falar quando os guardas liberaram seus braços e tornozelos da mesa. Quando levantou, balançou, porque tinha estado sobre suas costas durante

horas e só tinha passado um dia desde sua transição. Ninguém lhe ajudou enquanto

lutava por permanecer ereto, e sabia que era porque não queriam tocá-lo, não queriam estar perto dele agora. Foi cobrir-se, mas eles lhe puseram grilhões de uma maneira tão perita que não ficou com nenhuma mão livre.

A vergonha piorou quando teve que andar pelo corredor. Podia sentir o pesado peso em seus quadris saltando com seus passos, balançando-se obscenamente. Lágrimas derramando-se e deslizando-se por suas bochechas, e um dos guardas soprou com repugnância.

O escravo foi levado a uma parte diferente do castelo, a outro quarto solidamente murado com barras de aço embutidas. Este tinha uma plataforma com uma cama, um urinol apropriado, uma manta e as tochas sobre as paredes.

Quando foi introduzido, havia comida e água, provisões deixadas pelo moço da cozinha a quem conhecia de toda a vida. O macho em pre-transição também se recusou a olhá-lo.

As mãos do escravo foram liberadas e foi trancado.

Desnudo e trêmulo, aproximou-se de uma esquina e se sentou no chão.

Aconchegou seu corpo com cuidado, como ninguém mais, e tratou de ser amável com sua nova forma depois da transição… Uma forma que tinha sido usada de um modo incorreto.

Enquanto se balançava para frente e para trás, preocupou-se com seu futuro.

Nunca tinha tido nenhum direito, nenhum estudo, nenhuma identidade. Mas, ao

menos antes tinha sido livre de mover-se ao redor. E, seu corpo e seu sangue eram

dele.

A lembrança da sensação daquelas mãos sobre sua pele lhe provocou uma quebra de onda de náuseas. Olhou para baixo a suas partes e se deu conta de ainda podia cheirar a Mistress nele. Perguntou-se quanto tempo duraria o inchaço.

E, o que aconteceria quando ela voltasse a procurar por ele.

Zsadist esfregou seu rosto e voltou-se. Ela havia voltado a procurar por ele. E, nunca tinha vindo sozinha.

Fechou os olhos contra as lem branças e tentou dorm ir. A últim a coisa que cintilou por sua m ente foi um a im agem da granj a de Bela com seu prado nevado.

Deus, aquele lugar estava tão vazio, deserto em bora estivesse cheio de coisas. Com o desaparecim ento de Bela tinha sido despoj ado de sua função m ais im portante: em bora ainda fosse um a boa estrutura e capaz de m anter fora ao vento, ao tem po e aos estranhos, j á não era m ais um lar.

Sem alm a.

De algum j eito, a granj a era assim com o ele.

CAPÍTULO V

O am anhecer tinha chegado quando Butch O'Neal deixou o Escalade no

pátio. Enquanto saía, podia ouvir G-Unit soando a todo volum e na Cova, assim sabia que seu com panheiro de quarto estava dentro. V tinha que ter sua m úsica de rap, essa droga era com o o ar para ele. Dizia que essas pulsações do baixo lhe aj udavam a m anter as intrusões dos pensam entos de outras pessoas em um nível m anej ável.

Butch cam inhou para a porta e teclou o código. Um ferrolho se abriu de repente, com um pequeno som e entrou em um vestíbulo, onde fez outro registro. Os vam piros eram grandes especialistas em sistem as de portas duplas. Assim , nunca se preocupavam se por acaso alguém invadia sua casa com luz solar, porque um a das portas estava sem pre fechada.

A casa, tam bém cham ada a Cova, não era m uito fantástica, só um a sala de estar, um a cozinha, e duas suítes com dorm itório e banheiro. Mas, gostava, e gostava do vam piro com o qual vivia. Seu com panheiro de quarto e ele estavam unidos com o… Bom , irm ãos.

Quando entrou na sala, os sofás de couro negro estavam vazios, m as o SportsCenter estava na TV de plasm a, e o perfum e achocolatado da fum aça verm elha estava por toda parte. Assim , Phury estava em casa, ou acabava de sair.

— Olá, Lucy . — gritou Butch.

Os dois Irm ãos chegaram por suas costas. Am bos ainda estavam vestidos

com suas roupas de luta, o couro e as botas de cowboy lhes fazendo parecer-se exatam ente os assassinos que eram .

— Parece cansado, policial. — disse Vishous.

— Realm ente, sinto-m e feito pó.

Butch observou a boca fina de Phury. Em bora tivesse deixado seus dias de drogas há m uito tem po, esta noite quase recaiu e pediu um trago dessa fum aça verm elha. A coisa era, que j á tinha dois vícios assim , estava bastante ocupado. Sim , beber uísque escocês e sentir-se nostálgico depois de que um vam piro fêm ea não lhe quisera era tudo para o que tinha tem po. Além disso, não havia razão para estragar um sistem a que funcionava. O rechaço alim entava a bebida, e quando estava bêbado, sentia ainda m ais falta de Marissa, assim queria tom ar outro gole… E, ali o tem . Um inferno de ciclo vicioso. Inclusive, o quarto dava voltas, tam bém .

— Falou com Z? — perguntou Phury.

Butch tirou seu casaco de cachem ira e o pendurou no arm ário.

— Sim . Não estava feliz.

— Vai se m anter afastado dali?

— Acredito que sim . Bom , presum indo que não botou fogo no lugar depois que m e expulsou a chutes. Tinha esse brilho especial em seus olhos quando saí, sabe, aquele que faz com que seus testículos se apertem quando está a seu lado?

Phury passou um a m ão entre seu escandaloso cabelo. Caíam sob seus

om bros, fios loiros, verm elhos e castanhos. Seria um tipo de aparência agradável

sem esse cabelo, com essa j uba, era… Bem , bem , o irm ão era lindo. Butch não

era desse tim e, m as o tipo era bem visto por um m ontão de m ulheres. Vestia-se

m elhor que a m aior parte das senhoras tam bém , quando não vestia suas roupas

de chutar traseiros.

Hom em , era um a coisa boa que lutasse com o um suj o bastardo ou poderia

ter sido tom ado por um a Nancy.

Phury inspirou com um a respiração profunda.

— Obrigado por falar com ...

Um a cam painha soou em um escritório cheio de com putadores.

— Fora de linha. — m urm urou V, indo a seu centro IT.

Vishous era o gênio dos com putadores na Irm andade, realm ente era um

gênio em tudo e se encarregava das com unicações e da segurança no lugar.

Dirigia tudo dos Quatro Brinquedos, com o cham ava o seu quarteto de PCs.

Brinquedos.… Sim , claro. Butch não sabia m uito a respeito de com putadores,

m as se essas tolices eram brinquedos, então estavam no cam po de j ogo do

Departam ento de Defesa tam bém .

Enquanto V esperava a cham ada para enviá-la ao correio de voz, Butch

percorreu Phury com o olhar.

— Então, m ostrei a você m eu novo traj e Marc Jacobs?

— Já chegou?

— Sim , Fritz o com prou m ais cedo e o arrum ou.

— Genial.

Enquanto iam aos dorm itórios, Butch teve que rir. Era tão culpado quanto Phury de com eçar essa onda m etrossexual[8]. Era engraçado, j á que não tinha dado nada por suas roupas quando era um policial. Agora, que estava com os Irm ãos, estava trabalhando seu cam inho na alta costura e o am ava. Assim , com o Phury, tinha sorte de brigar suj o.

O Irm ão estava acariciando a fina lã negra em um cabide e fazendo apropriados "ahhhs" quando V entrou.

— Bela está viva.

Butch e Phury giraram suas cabeças ao redor enquanto o traj e aterrissava no chão, am ontoando-se.

— Um varão civil foi seqüestrado do beco que há atrás do Zero-Sum esta noite e levado para um lugar no bosque com o propósito de alim entar a Bela. Viu-a. Falou com ela. De certa form a, ela lhe aj udou a escapar.

— Diga-m e que pode encontrar o lugar outra vez. — suspirou Butch, consciente da urgência sufocante. E, ele não era o único em alerta instantâneo. Phury se via tão tenso que não parecia capaz de falar.

— Sim . Marcou sua rota de escapam ento, desm aterializando-se duzentas j ardas cada vez até que alcançou a Rota 22. Envia-m e por correio eletrônico o cam inho em um m apa. Malditam ente bem preparado para um civil.

Butch saiu correndo para a sala de estar, dirigindo-se para seu casaco e as chaves do Escalade. Não tinha tirado seu coldre, assim que seu Glock ainda estava preso sob seu braço.

Mas, V se pôs entre ele e a porta.

— Aonde vai, hom em ?

— Já recebeu esse m apa através de seu correio eletrônico?

— Pare.

Butch olhou a seu com panheiro de quarto.

— Não pode sair durante o dia. Eu posso. Por que infernos deveríam os esperar?

— Policial. — a voz de V se tornou suave — Isto é assunto da Irm andade. Não vai se m eter nisto.

Butch paralisou. *Ah, sim, suspender a operação outra vez.*

Seguram ente, podia trabalhar perto de sua periferia, fazer algum a análise da cena do crim e, pôr seu cérebro para pensar sobre os problem as táticos. Mas, quando a briga com eçava, os Irm ãos sem pre lhe m antinham fora do cam po.

— Maldito sej a, V.

— Não. Não vai se encarregar disto. Esquece.

Foi só duas horas depois que Phury tinha bastante inform ação para ir ao quarto de seu gêm eo. Acreditava que não teria que perturbar Zsadist com a m etade da história, e tinha levado um tem po esboçando um plano.

Quando bateu na porta e não houve um a resposta, entrou e se sobressaltou. O quarto estava frio com o um a geladeira.

— Zsadist?

Z j azia em um par de m antas dobradas na esquina m ais longínqua, seu corpo nu coberto contra o frio do quarto. Havia um a cam a suntuosa a não m ais de dez pés dele, m as nunca tinha sido usada. Z dorm ia no chão sem pre, não im portava onde vivesse.

Phury se aproxim ou e aj oelhou ao lado de seu gêm eo. Não ia tocar ao varão, especialm ente quando podia lhe pegar despreparado. Z provavelm ente lhe atacaria.

Meu Deus, pensou Phury. Dorm indo assim , toda sua cólera dissolvida, Z era quase frágil.

Maldição, tire o *quase.* Zsadist sem pre tinha estado tão m alditam ente m agro, tão terrivelm ente fraco. Agora, entretanto, sim plesm ente era ossos grandes e veias. Quando tinha ocorrido isto? *Cristo,* durante o ry the de Rhage, todos tinham estado nus na Tum ba, e Z certam ente não parecia um esqueleto. Disso tinham

passado aproxim adam ente só seis sem anas.

Justo antes do seqüestro de Bela.

— Zsadist? Desperte, irm ão.

Z se m oveu, seus olhos negros abrindo-se lentam ente. Usualm ente despertava depressa e com o ruído m ais leve, m as tinha se alim entado, assim estava preguiçoso.

— Foi encontrada. — disse Phury — Bela foi encontrada. Estava viva esta m anhã cedo.

Z piscou um par de vezes, com o se não estivesse seguro de que não estava sonhando. Logo levantou seu torso fora da plataform a. Os anéis dos m am ilos se refletiram com a luz do vestíbulo enquanto esfregava o rosto.

— O que disse? — perguntou com voz grave.

— Tem os um a confirm ação de onde Bela está. E, que está viva.

Z ficou alerta, sua consciência m ovendo-se com o um trem , reunindo-se depressa, criando poder por m om entos. Com cada segundo sua força voltava de novo, a vitalidade cruel surgindo até que j á não se viu fraco, absolutam ente.

— Onde está? — perguntou.

— Em um a casa no bosque. Um varão civil fugiu porque ela o aj udou a escapar.

Z saltou sobre seus pés, aterrissando agilm ente no chão.

— Com o m e aproxim o dela?

— O varão que escapou enviou a V pelo correio eletrônico as instruções.

Mas...

Z se dirigiu para seu arm ário.

— Obtém um m apa para m im .

— Não é o m om ento, m eu irm ão.

Z se deteve. Abruptam ente um a explosão de frio saiu de seu corpo, fazendo com que a tem peratura do quarto se sentisse balsâm ica. E, seus olhos negros se tornaram perigosos com o pregos quando brilharam sem parar sobre seu om bro.

— Envie o policial. Envie o Butch.

— Tohr não deixará.

— À m erda com isso! O hum ano vai.

— Zsadist, pare. Pense. Butch não teria nenhum apoio, e poderia haver vários lessers no lugar. Quer se arriscar a que a m ate em um a tentativa de resgate incom petente?

— O policial pode cuidar-se.

— É bom , m as é só um hum ano. Não podem os lhe enviar ali dentro.

Z deixou suas presas descobertas.

— Talvez Tohr estej a m ais preocupado que o tipo fique preso e nos delate em um a de suas m esas.

— Vam os, Z, Butch sabe, droga. Sabe um a parte de m erda a respeito de nós.

Assim , é óbvio que há um a parte disso.

— Mas se ela aj udou um cativo a escapar, então que diabos pensa que esses lessers lhe estão fazendo agora m esm o?

— Se um grupo de nós vai ao pôr-do-sol, então tem os m ais probabilidades de tirá-la com vida. Sabe. Tem os que esperar.

Z perm aneceu de pé ali, nu, respirando profundam ente, seus olhos eram fatias estreitas de ódio rancoroso. Quando finalm ente falou, sua voz era um grunhido suj o.

— Melhor que Tohr reze a Deus para que ainda estej a viva quando a encontrar esta noite. Ou terei sua fudida cabeça, irm ão ou não irm ão.

Phury pousou seus olhos na caveira do chão, pensando que Z j á tinha provado o quanto era bom na decapitação.

— Ouviu-m e, irm ão? — gritou o varão.

Phury inclinou a cabeça. Hom em , tinha um m au pressentim ento sobre com o ia sair tudo isto. Realm ente tinha.

CAPÍTULO VI

Enquanto O conduzia seu F-150 ao longo da Rota 22, o sol poente das quatro lhe irritava os olhos e sentia com o se tivesse ressaca. Sim … Junto com a dor de cabeça, tinha os m esm os efeitos no corpo que costum ava ter depois de um a noite

bebendo m uito, pequenos trem ores agitando sob sua pele, com o verm es.

A longa linha de arrependim ento que vinha depois tam bém lhe recordava seus dias de ressaca. Com o quando despertou ao lado de um a m ulher feia, a qual desprezava, m as com quem havia transando de todas as form as. Tudo era j usto assim … Só que m uito, m uito pior.

Moveu suas m ãos no volante. Seus nódulos estavam claram ente m achucados e sabia que tinha arranhões no pescoço. Enquanto as im agens do dia lhe cegavam , seu estôm ago se revolvia. Estava aborrecido pelas coisas que tinha feito a sua m ulher.

Bom , *agora* estava aborrecido. Quando as estava fazendo… Tinha sido correto.

Cristo, deveria ter sido m ais cuidadoso. Era um ser vivo, depois de todo…

Droga, o que ocorreria se tivesse ido m uito longe? *Oh, homem.*.. Nunca deveria ter se deixado levar dessa form a. O problem a era que assim que viu que ela tinha libertado o varão que havia lhe trazido, ficou perdido. Som ente explodiu diretam ente contra ela.

Levantou seu pé da em breagem . Queria voltar, tirá-la de seu tubo e reconfortar-se sabendo que ainda respirava. Porém , não havia tem po suficiente antes que a reunião dos Prim es com eçasse.

Enquanto pisava no acelerador, soube que não poderia deixá-la um a vez que a visse de qualquer m aneira, logo o Fore-lesser lhe faria um a visita. E, isso

seria

um problem a. O centro de tortura parecia um desastre. *Maldição.*

O desacelerou e virou à direita, com o cam inhão m ovendo-se da Rota 22 a

um a estrada de terra de m ão única.

A cabana do Senhor X, tam bém quartel general da Sociedade Restritora,

estava no m eio de um bosque de setenta e cinco acres, com pletam ente isolada. O

lugar não era nada m ais que um pequeno grupo de tábuas com um teto verde

escuro de um a só sala e um quarto acessório da m etade do tam anho atrás dela.

Quando O parou no cam inho, havia sete carros e cam inhões estacionados com

um a configuração im precisa, todos eles dom ésticos, m uitos deles com m enos de

quatro anos de uso.

O cam inhou para dentro da cabana e viu o últim o que desej ava. Outros dez

Principais estavam apinhados no som brio interior, suas caras pálidas, seus corpos

pesados, com m úsculos. Estes eram os Lessers m ais fortes da Sociedade, os que

tinham estado m ais tem po. O era a única exceção quanto ao tem po de serviço.

Tinham passado só três anos desde sua iniciação, e nenhum deles gostava dele

porque era novo.

Não era que tivessem voto. Era tão resistente com o qualquer Principal e tinha

provado. *Fodidos ciumentos.*… Hom em , nunca ia ser com o eles, som ente era

superado pelo Ôm ega. Não podia acreditar que os idiotas estivessem orgulhosos de sua palidez com o passar do tem po e o desaparecim ento de suas identidades. Ele brigava contra o desvanecim ento. Coloria seu cabelo para conservá-lo de cor

café escuro que sem pre tinha tido, e tem ia o em palidecim iento gradual de sua íris. Não queria parecer-se com eles.

— Chegou tarde. — disse o Sr. X. As costas do Fore-lesser estavam apoiadas contra um refrigerador que não estava ligado, seus pálidos olhos pousando-se sobre os arranhões que havia por todo o pescoço de O. — Esteve lutando?

— Já sabe com o são esses Irm ãos.

O encontrou um lugar para ficar na frente. Em bora ele inclinasse a cabeça para seu sócio, U, não reconheceu a nenhum outro.

O Fore-lesser seguia olhando-o.

— Alguém viu o Senhor M?

Droga, pensou O. Esse lesser se pôs em seu cam inho e ele e sua esposa tinham que ser levados em consideração.

— O? Tem algo a dizer?

Da esquerda, U falou sem tem or.

— Vi o M. Justo antes de am anhecer. Brigando com um Irm ão no centro.

Enquanto o Senhor X desviava seu olhar fixo à esquerda, O estava friam ente horrorizado pela m entira.

— Você o viu com seus próprios olhos?

A voz do outro lesser foi estável.

— Sim .

— Por acaso você está protegendo O?

Era o que tinha que perguntar. Os lessers eram valentões, sem pre lutando uns com os outros pela posição. Ainda entre sócios havia pouca lealdade.

— U?

A pálida cabeça do tipo se sacudiu.

— Atua sem aj uda de ninguém . Por que perderia m inha pele pela dele?

Claram ente, nisso havia algo de lógico e o Senhor X sentiu que podia confiar, porque continuou com a reunião. Depois que as cotas de presas e capturas fossem atribuídas, o grupo se dissolveu.

O se aproxim ou de seu sócio.

— Eu tenho que voltar para o centro antes de sairm os para caçar. Quero que m e siga.

Tinha que inteirar-se porque U lhe tinha salvado o traseiro, e não estava preocupado que o outro lesser visse a form a em que o lugar tinha ficado. U não causaria problem a. Ele não era particularm ente agressivo ou um pensador independente, era m ais operador que inovador.

O que tornava ainda m ais estranho que tivesse tom ado a iniciativa que tinha tom ado.

Zsadist cravou os olhos no relógio de parede do vestíbulo da m ansão. Pela colocação dos ponteiros do relógio sabia que tinha oito m inutos antes que o sol estivesse oficialm ente posto. Graças a Deus que era inverno e as noites eram longas.

Observou os portões, sabendo j ustam ente aonde iria logo que pudesse passar através deles. Aprendeu de cor a localização que o varão civil lhes tinha dado. Podia desm aterializar-se e estar ali em um a piscada.

Sete m inutos.

Seria m elhor esperar até que o céu estivesse totalm ente escuro, m as que se fudessem . No instante em que a bola de fogo deixada pela m ão de Deus escorregasse pela borda do horizonte, sairia. Ao inferno se com isso acabasse com o um a cadela bronzeada.

Seis m inutos.

Voltou a verificar as adagas em seu peito. Tirou a SIG Sauer do coldre de seu quadril direito e a exam inou rapidam ente um a vez m ais, logo fez o m esm o com

a que estava na esquerda. Tratou de tocar a pequena faca colocada em suas costas e as estrela de seis polegadas que tinha em sua coxa.

Cinco m inutos.

Z girou a cabeça para o lado, fazendo estralar seu pescoço para relaxá-lo.

Quatro m inutos.

À merda com isto. Ia agora...

— Fritará você. — disse Phury atrás dele.

Z fechou seus olhos. Seu im pulso foi repartir golpes, e o desej o se tornou irresistível enquanto Phury seguia falando.

— Z, am igo, com o vai aj udá-la se cair em cheio sobre sua cara e com eça a j ogar fum aça?

— Tenta ser um desm ancha-prazeres? Ou isso sai de form a natural? — o olhar de Z brilhou intensam ente sobre seu om bro, teve um a lem brança repentina

daquela noite quando Bela tinha vindo à m ansão.

Phury tinha parecido tão assanhado por ela, e Z recordou aos dois j untos, falando, j usto onde suas botas estavam plantadas agora. Tinha-os observado das som bras, querendo-a enquanto ela tinha sorrido e rido com seu gêm eo.

A voz de Z se voltou m ais definida.

— Pensava que a queria de volta, sendo que ela queria você e droga, pensei que fosse bonito. Ou… Talvez queira que desapareça por isso. Seu voto de celibato foi sacudido, m eu irm ão?

Com o Phury se sobressaltou, o instinto de Z pela fraqueza se liberou.

— Todos nós lhe vim os exam inado-a na noite que veio aqui. Olhava-a, verdade? Sim , fez isso, e não só a sua cara. Perguntou-se com o ela se sentiria debaixo de você? Ficou nervoso sobre rom per a prom essa de não ter sexo?

A boca de Phury se apertou em um a linha, e Z esperou que a resposta do varão fosse suj a. Queria algo duro de retorno a ele. Talvez, ainda pudesse lutar nos três m inutos restantes.

Mas só houve silêncio.

— Nada a dizer? — Z percorreu o relógio com o olhar.

— Está bem . É hora de ir.

— Sangro por ela. Tanto quanto você.

O olhar de Z retornou a seu gêm eo, presenciando a dor na cara do varão à distância, com o se estivesse olhando através de um par de binóculos. Teve um pensam ento passageiro sobre que deveria sentir algo, algum tipo de vergonha ou pena por obrigar Phury a fazer um a revelação tão íntim a, am arga.

Sem falar, Zsadist se desm aterializou.

Triangulou seu reaparecim ento em um a área arborizada a aproxim adam ente cem j ardas de onde o varão civil disse que tinha fugido. Quando Z tom ou form a,

a luz m ortiça no céu lhe cegou, lhe dando a im pressão de que tinha se alistado com o voluntário para um a m assagem facial com ácido. Ignorou o ardor e se dirigiu em direção nordeste, correndo sobre a neve que cobria a terra.

Então, ali estava, na m etade do bosque, a cerca de uns cem pés de um rio:

havia um a casa de um só côm odo com um Ford negro F-150 e um Taurus prateado difícil de descrever estacionado a um lado. Z se m oveu de lado pela estrutura, ficando atrás dos finos ram os dos pinheiros, m ovendo-se silenciosam ente na neve enquanto trabalhava o perím etro do edifício. Não tinha j anelas e só um a porta. Através das paredes finas podia ouvir m ovim ento, conversa.

Tirou um a de suas SIGs, tirando a trava de segurança, e considerou suas opções. Desm aterializar-se dentro era um m ovim ento tolo, porque não sabia o desenho interior. E, sua única alternativa, em bora boa, não era m uito estratégica tam pouco: derrubar a porta a pontapés e entrar disparando era m alditam ente atraente, m as por m ais suicida que fosse, não ia arriscar a vida de Bela ilum inando o lugar.

Salvo pelo m ilagre dos m ilagres, um lesser saiu do edifício, a porta fechando-se com um a bofetada. Mom entos m ais tarde um segundo o seguiu, e então ali estava o *pip pip* de um alarm e de segurança ativando-se.

O prim eiro instinto de Z foi atirar na cabeça de am bos, m as pôs o dedo ao lado do gatilho. Se os assassinos tinham ativado o alarm e, havia um a boa probabilidade que não houvesse ninguém m ais na casa, e suas oportunidades de tirar bela tinham m elhorado. Mas, o que ocorreria se apesar de tudo o lugar estivesse vazio? Então, tudo o que faria era anunciar sua presença e fazer

explodir um a tem pestade de m erda.

Observou aos dois lessers enquanto subiam ao cam inhão. Um deles tinha o cabelo cor café, o que usualm ente queria dizer que o assassino era um novo recruta, m as este tipo não atuava com o um novato im becil: estava seguro em suas botas e dirigia a conversa. Seu cam arada de cabelo pálido era o que m ostrava um a inclinação na cabeça.

O m otor pôs-se a funcionar e o cam inhão girou, am ontoando neve sob suas rodas. Sem luzes dianteiras, o F-150 se dirigiu por um cam inho apenas perceptível através das árvores.

Ver partir a esses dois bastardos era um a prova de escravidão, com Z convertendo os grandes m úsculos de seu corpo em cordas de ferro sobre seus ossos. Era fazer isso ou j á estaria na capota do cam inhão, fazendo pedaços do pára-brisa com seu punho, tirando os filhos da puta de seus lugares para poder lhes m order.

Quando o som do cam inhão se desvaneceu, Z escutou atentam ente o silêncio que seguiu. Quando não ouviu nada, voltou a querer saltar através da porta, m as pensou no alarm e e verificou seu relógio. V estaria ali em aproxim adam ente um

m inuto e m eio.

Mataria a ele. Mas, esperaria.

Enquanto avançava com suas botas de cowboy, deu-se conta do arom a, algo

no ar… Que entrou pelo nariz. Havia propano perto, em algum lugar fechado. Provavelm ente alim entando o gerador. E, o querosene de um aquecedor. Mas, havia algo distinto, um a espécie de fum aça, de queim ado. Olhou suas as m ãos, perguntando-se se estava em cham as e não se dera conta. Não.

Que diabos?

Seus ossos esfriaram de repente quando se deu conta do que era. Suas botas estavam plantadas na m etade de um círculo tostado de terra firm e, um do tam anho de um corpo. Algo tinha sido incinerado nas últim as doze horas, j usto onde estava parado, pelo arom a.

Oh… Deus. Tinham -na deixado do lado de fora, no sol?

Z dobrou suas pernas agachando-se, pondo sua m ão livre sobre a terra m urcha. Im aginou Bela ali quando o sol saiu, im aginou sua dor dez m il vezes pior que o que tinha sentido ao m aterializar-se.

O lugar enegrecido se tornou pouco definido.

Esfregou o rosto e logo cravou os olhos em sua palm a. Havia um idade nela.

Lágrim as?

Sondou seu peito para saber o que sentia, m as o único que chegou foi inform ação a respeito de seu corpo. Seu torso arqueava porque seus m úsculos estavam fracos. Sentia-se enj oado e vagam ente doente. Mas, isso era tudo. Não havia em oções nele.

Esfregou o peito e estava a ponto de fazer outra varredura com suas m ãos, quando um par de botas entrou em sua linha de visão.

Olhou para cim a, ao rosto de Phury. A coisa era um a m áscara, todo frio e duro.

— Isso era ela? — disse com voz rouca, aj oelhando-se.

Z se sacudiu para trás, com m uita dificuldade conseguindo deixar a pistola fora da neve. Não podia estar em nenhum lugar perto de alguém agora m esm o, especialm ente de Phury.

Em um a repugnante confusão, ficou de pé.

— Vishous j á está aqui?

— Justo atrás de você, m eu irm ão. — m urm urou V.

— Há… — esclareceu a garganta. Esfregando o rosto no antebraço — Há um alarm e de segurança. Penso que o lugar está vazio, porque dois assassinos acabam de sair, m as não estou seguro.

— Estou com o alarm e.

Z sentiu vários arom as de repente ressoando através dele. Toda a Irm andade estava ali, inclusive Wrath, o qual com o rei não se supunha que estaria no cam po.

Estavam todos arm ados. Todos tinham vindo para levá-la de volta.

O grupo se alinhou contra a casa enquanto V forçava o ferrolho da porta. Seu Glock entrou prim eiro. Quando não houve reação, escorregou dentro e trancou-

se. Um m om ento m ais tarde houve um pip com prido. A porta abriu.

— Bom , vam os.

Z se apressou a seguir na frente, virtualm ente em purrando ao varão.

Seus olhos penetraram nas esquinas escuras da sala. O lugar era um a

desordem , com suj eira esparram ada por todo o piso… Roupas, facas, algem as e

fracos de… Xam pu? E, que m erda era isso? Deus, um estoj o de prim eiros-

socorros aberto, a gaze e o esparadrapo fora da tam pa quebrada. A coisa parecia

que tinha sido golpeada até que se abriu.

O coração golpeava em seu peito, o suor floresceu por todo seu corpo,

procurou Bela e viu apenas obj etos inanim ados: um a parede com um a estante

que tinha instrum entos de tortura. Um a cam a de arm ar. Um arm ário de m etal a

prova de fogo do tam anho de um carro. Um a m esa de autópsias com quatro

conj untos de algem as de aço pendurado de suas esquinas… E, o sangue

m anchando sua superfície lisa.

Pensam entos aleatórios disparavam através do cérebro de Z. Estava m orta.

Esse ovalóide queim ado o provava. Mas, o que ocorreria se fosse som ente outro

cativo? O que ocorreria se tivesse sido transferida ou algo pelo estilo?

Seus irm ãos ficaram atrás, tinham m elhor critério que m eter-se no m eio, Z

foi ao arm ário a prova de fogo, levando um a pistola na m ão. Abriu as portas,

som ente puxando os painéis de m etal e os dobrou até que as dobradiças se rom peram . Atirou as pesadas partes, ouvindo-as cair estrepitosam ente.

Arm as. Munição. Explosivos plásticos.

O arsenal de seus inim igos.

Entrou no banheiro. Nada, exceto um a ducha e um a bacia sanitária.

— Não está aqui, m eu irm ão. — disse Phury.

Em um ataque de fúria Z se lançou sobre a m esa de autópsia, agarrando-a com um a m ão e em purrando-a contra um a parede. No m eio do vôo, um a corrente se chocou com ele, lhe batendo no om bro, cravando-se até o osso.

E, logo ouviu. Um som suave de choram ingos.

Sua cabeça girou à esquerda.

Na esquina, no chão, havia três tubos cilíndricos de m etal proj etando-se da terra firm es, e selados com um a tam pa de m alha blindada, m arrom escuro com o a suj eira do chão. O que explicava que não os tivesse percebido.

Aproxim ou-se e chutou fora um a das cobertas. O choram ingo se tornou m ais forte.

Repentinam ente enj oado, caiu de j oelhos.

— Bela?

Gritos subiram da terra para lhe responder. Deixou cair sua pistola. Com o elevá-la...? Havia um as cordas saindo do que parecia um a boca-de-lobo. Pegou um a delas e puxou devagar.

O que em ergiu foi um varão suj o, ensangüentado, teriam passado dez anos desde sua transição. O civil estava nu e trêm ulo, seus lábios azuis, seus olhos percorriam ao redor.

Z lhe arrastou para fora, e Rhage abrigou ao varão com seu casaco de couro.

— Tire ele daqui. — disse alguém enquanto Holly wood cortava as cordas.

— Pode desm aterializar-se? — perguntou outro Irm ão ao varão.

Z prestou pouca atenção à conversa. Ia ao seguinte buraco, m as não havia cordas que saíssem de debaixo, e seu nariz não detectou perfum e. A coisa estava vazia.

Estava dando um passo para o terceiro, quando o cativo gritou:

— Não! Im plantou um a arm adilha!

Z congelou.

— Com o?

Com os dentes batendo feito castanholas, o civil disse:

— Não sei. Mas ouvi o l-lesser advertir a um de seus hom ens sobre ela.

Antes que Z pudesse perguntar, Rhage com eçou a percorrer o quarto.

— Há um a arm a aqui. Apontada nessa direção.

Houve estalos de m etal e deslocam ento.

— Já não está arm ada.

Z olhou por cim a do buraco. Montado sobre as vigas expostas do teto, aproxim adam ente a quinze pés do chão, havia um dispositivo pequeno.

— V, o que tem os aqui?

— Laser óptico. Se o interrom per, provavelm ente se acionará.

— Mantêm -te firm e. — disse Rhage — Há outra pistola para esvaziar aqui.

V acariciou seu cavanhaque.

— Deve haver um ativador por controle rem oto, em bora o tipo

provavelm ente o levasse com ele. Isso é o que eu faria. — olhou de esguelha o

teto — Esse m odelo, em particular, funciona com baterias de lítio. Assim , não

podem os destroçar o gerador para fechá-lo. E, têm seu truque para desarm ar-se.

Z olhou a seu redor em busca de algo que pudesse usar para tirar a tam pa e

pensou no banheiro. Entrou, arrancou a cortina da ducha, e colocou o pau na qual

estava pendurada nas costas.

— Todo m undo fora.

Rhage falou agudam ente.

— Z, hom em , não sei se encontrei todos os...

— Leve o civil com você. — quando ninguém se m oveu, am aldiçoou — Não

há tem po para perder, e se alguém ficar ferrado então, vou ser eu. Jesus Cristo,

saiam, Irm ãos!

Quando o lugar ficou vazio, Z se aproxim ou do buraco. Voltando a colocar

nas costas um as das arm as que tinha tirado, acaso tivesse estado em sua linha de

fogo, deu um golpe com o pau. Um disparo saiu com um som retum bante.

Z percebeu o golpe em sua perna esquerda. O im pacto abrasador lhe fez cair sobre um j oelho, m as o ignorou e se arrastou para o pescoço do tubo. Segurou as cordas que prendiam a tam pa na terra firm e e com eçou a puxar.

A prim eira coisa que viu foi seu cabelo. O cabelo com prido, belo da cor m ogno de Bela estava por toda parte ao redor dela, um véu sobre seu rosto e seus om bros.

Dobrou-se e a perdeu de vista, em parte desfalecendo-se, m as até através do enj ôo de seu corpo, continuou puxando. De repente o esforço tornou-se m ais fácil… Porque havia m ais m ãos lhe aj udando… Outras m ãos na corda, outras m ãos colocando-a am avelm ente sobre o chão.

Vestida com um a m odesta cam isola m anchada com seu sangue, não se m ovia, m as respirava. Cuidadosam ente, lhe separou o cabelo do rosto.

A pressão sangüínea de Zsadist subiu.

— Oh, doce Jesus… Oh, doce Jesus… Oh, doce…

— O que fizeram ...? — quem quer que tenha falado não podia encontrar as palavras para term inar.

As gargantas se esclareceram . Um par de tosses foi afogado. Ou, talvez fossem am ordaçadas.

Z a agarrou em seus braços e só… A abraçou. Tinha que levá-la para fora, m as não podia m over-se pelo que lhe tinham feito. Piscando, enj oado, gritando

por dentro, balançou-a am avelm ente. As palavras caíam de sua boca,

lam entações por ela no Velho Idiom a.

Phury se agachou sobre seus j oelhos.

— Zsadist? Tem os que levá-la para fora daqui.

A consciência voltou para Z às pressas, e repentinam ente tudo no que podia pensar era em levá-la à m ansão. Cortou em rodelas a correia presa a seu troco, logo se levantou com dificuldade com ela em seus braços. Quando tentou cam inhar, sua perna esquerda se bam beou e tropeçou. Mas, durante um a fração de segundo não pôde pensar no por que.

— Deixe-m e levá-la. — disse Phury, levantando as m ãos —Atiraram em você.

Zsadist negou com a cabeça e passou roçando a seu gêm eo, m ancando.

Levou Bela para o Taurus que estava estacionado diante do edifício.

Sustentando-a contra seu peito, quebrou a j anela do acom panhante com o punho,

logo colocou o braço dentro e abriu enquanto o alarm e soava. Abrindo a porta traseira, agachou-se e a pôs no assento. Quando lhe dobrou as pernas

ligeiram ente para colocá-las dentro, a cam isola subiu e ele se sobressaltou. Tinha

m achucados. Um m ontão deles.

Enquanto o alarm e silenciava, disse:

— Alguém m e dê um a j aqueta.

No segundo em que estendeu a m ão para trás, o couro bateu sua palm a.

Agasalhou-a cuidadosam ente no que se precaveu, era o casaco de Phury, e logo fechou a porta e se m eteu atrás do volante.

A últim a coisa que ouviu foi a ordem de Wrath.

— V, põe suas m ãos pra trabalhar. Este lugar precisa ser um a tocha.

Indo para estrada, Z tirou o sedã da cena, com o um a alm a que leva o diabo.

O pôs seu cam inhão na sarj eta de um a seção escura da Décim a Rua.

— Ainda não entendo por que m entiu.

— Se chegar a ser enviado para a casa de Ôm ega, então onde nos levará isso? É um dos assassinos m ais fortes que tivem os.

O lhe olhou com desagrado.

— É um em presário?

— Orgulho-m e de nosso trabalho.

— Com o em 1950, Howdy Doody.

— Sim , e essa m erda salvou seu traseiro, agradeça.

Que seja. Em todo caso, tinha m ais coisas pelas quais se preocupar que com a tolice de U.

U e ele saíram do cam inhão. O ZeroSum , o Scream er e o Snuff estavam a um par de blocos m ais em baixo, e em bora fizesse frio, havia fila de espera para entrar nos clubes. Alguns entre as m assas trêm ulas eram , sem dúvidas, vam piros,

e até se não fossem , a noite estaria cheia. Sem pre havia brigas com os Irm ãos com as quais relaxar.

O teclou o alarm e de segurança, colocou as chaves em seu bolso… E, parou em seco na m etade da Décim a Rua. Literalm ente, não podia m over-se.

Sua esposa… Jesus, sua esposa realm ente não tinha um a boa aparência quando tinha saído com U.

O agarrou a parte da frente de seu pescoço tornando-o negro, sentindo-se com o se não pudesse respirar. Não se preocupava com a dor que ela sentia, tinha procurado. Mas, não poderia suportar se m orresse, se lhe deixasse… O que ocorreria se estivesse m orrendo agora m esm o?

— O que ocorre? — perguntou U.

O procurou as chaves do carro, a ansiedade queim ando em suas veias.

— Tenho que ir.

— Está louco? Perdem os nossa cota a últim a noite.

— Só tenho que voltar para o centro durante um segundo. L está caçando na Quinta Rua. Vai com ele. Encontram o-nos em trinta m inutos.

O não esperou um a resposta. Saltou ao cam inhão e se foi velozm ente do povoado, tom ando a Rota 22 através da extensão rural de Caldwell. Estava a quase quinze m inutos do centro de tortura quando viu as luzes do carro de polícia

na frente. Am aldiçoou e freou, esperando que fosse sim plesm ente um acidente.

Mas, não, desde que tinha saído, o m aldito policial tinha estabelecido outro de seus pontos de controle de consum o de bebidas alcoólicas. Dois carros patrulha estavam estacionados em cada lado da Rota 22, e os cones alaranj ados e as luzes estavam no centro da estrada. À direita, havia um sinal refletor anunciando o Program a Segurança Prim eiro do Departam ento de Polícia de Cadwell.

Deus Santo, por que tinham que fazer isto aqui? No m eio do nada? Por que não estavam no centro, perto dos bares? Não obstante, as pessoas da cidade de m erda que havia ao lado de Caldwell tinham que conduzir para casa depois de irem ao clube na cidade grande...

Havia um carro diante dele, um a m ini-van, e O tam borilou em cim a do volante. Metade de sua m ente queria pegar seu Sm ith& Wesson e fazer explodir ao policial e ao condutor com o recom pensa. Som ente por frear sua m archa.

Um carro se aproxim ou na direção oposta, e O olhou através da estrada. O Ford Taurus pouco notório parou com um chiado de freios, seus faróis dianteiros suj os e escuros.

Hom em , essas drogas de carros eram m uito baratos, m as U tinha escolhido essa m arca e m odelo para ele m esm o. Integrar-se com a população hum ana geralm ente era necessário para guardar em segredo a guerra com os vam piros.

Enquanto o policial se aproxim ava do PDM[9], O pensou que era estranho que a j anela do condutor estivesse baixa em um a noite fria com o aquela. Logo, teve um sobressalto pelo tipo que havia atrás do volante. *Santa Merda.* O

bastardo

tinha um a cicatriz tão grossa quanto um dedo descendo por seu rosto. E, um brinco em sua orelha. Talvez o carro fosse roubado.

O policial obviam ente teve a m esm a idéia, porque sua m ão estava na parte traseira sobre sua pistola quando se aproxim ou para dirigir a palavra ao condutor.

E, a m erda realm ente baixou quando enfocou sua lanterna no assento traseiro.

Abruptam ente, seu corpo se sacudiu com força com o se tivesse aparecido algo entre seus olhos, e alcançou seu om bro, pegando o que devia ser seu transm issor.

Mas, o condutor colocou a cabeça para fora da j anela e ficou olhando o oficial.

Houve um m om ento congelado entre eles.

Logo o policial deixou cair seu braço e casualm ente deixou o Taurus passar, sem sequer com provar a identidade do condutor.

O olhou à polícia cum prindo com seu dever no seu lado do cam inho. O desgraçado ainda retinha a soccer-m om special[10] em frente à m ini-van com o se estivesse cheia de vendedores de drogas. Em troca, o cam arada do lado deixara passar ao que se parecia com um assassino em serie através do controle sem nem um *"olá, como está?"* . Era com o se estivesse no cam inho errado da guarita de pedágio.

Finalm ente, O se deteve no cam inho. Foi tão civilizado com o pôde, e um par de m inutos m ais tarde j á pisava no acelerador. Tinha percorrido cinco m ilhas

quando o fulgor de um a luz brilhante se destacou na paisagem à direita. Perto de onde estava o centro de tortura.

Pensou no aquecedor de querosene. Que gotej ava.

O pisou fundo no acelerador. Sua m ulher estava inserida na terra… Se havia um fogo...

Cortou pelo bosque e acelerou sob os pinheiros, sacudindo-se para cim a e para baixo, com a cabeça batendo contra o teto enquanto tratava de controlar o volante. Reconfortou-se com o fato de que pelo cam inho não se via nenhum a incandescência alaranj ada de cham as. Se tivesse havido um a explosão, então, haveria cham as, fum aça.

Seus pensam entos anteriores deram m eia-volta. O centro de tortura fora elim inado, reduzido a cinzas.

O pressionou o freio para evitar que o cam inhão investisse contra um a árvore. Logo, olhou ao redor do bosque para assegurar-se de que estava no lugar correto. Quando ficou claro que estava, saiu e caiu no chão.

Agarrando punhados de pó, olhou cuidadosam ente os resíduos até que a droga entrou em seu nariz, sua boca e cobriu seu corpo com o um a túnica. Encontrou pedacinhos de m etal derretido, m as nada m aior que sua palm a.

Através do rugido de sua m ente, recordou ter visto este pó fantasm al antes.

O inclinou sua cabeça para trás e lançou sua voz até os céus. Não sabia o que saía de sua boca. Tudo o que sabia era que a Irm andade tinha feito isto. Porque

o

m esm o tinha ocorrido na academ ia de artes m arciais do lesser seis m eses atrás.

Rem oveu o pó… As cinzas… E, levaram a sua esposa.

Oh, Meu Deus estava viva quando a tinham encontrado? Ou tinham levado seu corpo com eles? Estava m orta?

Era culpa dela, tudo culpa dela. Tinha estado determ inado a castigá-la, esqueceu-se das im plicações da escapada do civil. O varão tinha ido à Irm andade e lhes havia dito onde ela estava, e tinham chegado às prim eiras horas da noite e a tinham levado.

O secou as lágrim as desesperadas de seus olhos. E, logo deixou de respirar.

Girou a cabeça, percorrendo a paisagem . O Ford Taurus prateado de U não estava.

O posto rodoviário. A droga da blitz rodoviária. A droga de hom em horripilante atrás do volante, de fato, não era um hom em . Era um m em bro da Irm andade da Adaga Negra. Tinha que ser. E, a esposa de O estava no assento traseiro, respirando ou totalm ente m orta. Isso era o que havia deixado o policial transtornado. Tinha-a visto quando investigava a parte de trás do veículo, m as o Irm ão lavou seu cérebro para que deixasse o Taurus passar.

O balançou bruscam ente no cam inhão e pisou fundo no acelerador, conduzindo ao leste, dirigindo-se para o lugar onde U estava.

O Taurus tinha um sistem a LoJack[11].

O que significava que com o equipam ento correto, poderia encontrar esse

PDM em qualquer lugar que estivesse.

CAPÍTULO VII

Bela tinha a vaga idéia de encontrar-se em um autom óvel. Entretanto, com o

isso era possível? Devia estar alucinando.

Não... Realm ente soava com o um autom óvel, com o regular ronrono do

m otor. E, se sentia com o um autom óvel, um a sutil vibração que se via

interrom pida por um a sacudida com o se algo no cam inho se colocasse debaixo

dos pneus.

Tentou abrir os olhos, deu-se conta que não podia, e tentou novam ente. Com o

o esforço a esgotava, deu-se por vencida. Deus, estava cansada... Com o se

tivesse gripe. Tam bém lhe doía tudo, especialm ente a cabeça e o estôm ago. E,

tinha náuseas. Tratou de recordar o que tinha acontecido, com o tinha se libertado,

caso tivesse *se* libertado. Mas, tudo o que conseguiu foi um a im agem do Lesser

que a am ava entrando pela porta, coberto de sangue negro. O resto era névoa.

Tateando ao seu redor, encontrou algo cobrindo seus om bros e puxou para

aproxim á-lo m ais. Couro. E, cheirava a... Nada com o a enj oativa doçura de um

Lesser. Era a essência de um m acho de sua raça. Inspirou várias vezes m ais pelo

nariz. Quando captou o arom a do talco de bebê dos assassinos, sentiu-se confusa

até que pressionou o nariz contra o assento. Sim , no tapete. Este era o autom óvel

de um Lesser. Mas, então por que havia arom a de m acho vam piro no obj eto que

usava? E, havia outra coisa, outro arom a... Um escuro alm íscar com um toque

im perecível.

Bela com eçou a trem er. Recordava esse arom a m uito bem , recordava-o da

prim eira vez que tinha ido ao com plexo de treinam ento da Irm andade,

recordava-o de um tem po depois disso, quando tinha ido a sua m ansão.

Zsadist. Zsadist estava nesse autom óvel com ela.

Seu coração pulsou com força. Lutou para abrir os olhos, m as am bas as

pálpebras se negaram a obedecê-la ou talvez j á estivessem abertas era só que

estava m uito escuro para que pudesse ver algo.

— *Fui resgatada?* — perguntou — *Veio me buscar, Zsadist?*

Mas, nenhum som saiu de sua boca, em bora m ovesse os lábios. Form ou as

palavras outra vez, forçando o ar através de sua caixa de ressonância. Em itiu um

áspero gem ido, nada m ais.

Por que seus olhos não funcionavam ?

Com eçou a m exer-se de um e outro lado e logo ouviu o som m ais doce que

algum a vez tivesse chegado a seus ouvidos.

— Estou com você, Bela. — a voz de Zsadist. Baixa. Cheia de força — Está a salvo. Fora dali. E, nunca voltará.

Tinha vindo procurá-la. Tinha vindo procurá-la...

Com eçou a soluçar. Pareceu que o autom óvel dim inuía a velocidade, m as então a dobrou, acelerando.

Seu alívio foi tão grande, que se deslizou para a escuridão.

Zsadist abriu com um golpe a porta de seu quarto, fazendo saltar o m ecanism o da fechadura lim pam ente. O som foi forte, e Bela se m exeu em seus braços, gem endo. Congelou-se quando com eçou a girar a cabeça de um lado a outro na curva de seu braço.

Isso era bom , pensou. Isso era m uito bom .

— Vam os, Bela, volte para m im . Desperte. — m as ela não recuperou a consciência.

Foi para o colchão e a deitou onde ele dorm ia. Quando olhou para cim a, Wrath e Phury estavam na entrada, os dois enorm es m achos bloqueando a m aior parte da luz que provinha do corredor.

— Precisa ir para o Havers. — disse Wrath — Precisa de tratam ento.

— Havers pode fazer o que tiver que fazer aqui. Não sairá deste quarto.

Z ignorou o com prido silêncio que se seguiu, totalm ente hipnotizado observando com o Bela respirava. O peito subia e baixava a um ritm o regular,

m as parecia m uito superficial.

O olhar de Phury era um que ele conhecia bem .

— Zsadist...

— Esquece. Verá a ela aqui. E, ninguém vai tocar nela sem m inha perm issão

ou sem que eu estej a presente. — quando olhou para cim a, seus irm ãos, Wrath e

Phury pareciam totalm ente confusos — Pelo am or de Cristo, querem que o diga

no Idiom a Antigo no caso de am bos terem esquecido com o falar português? Não

vai a *nenhum lugar*.

Com um a m aldição, Wrath abriu seu celular e falou rápida e firm em ente.

Quando o fechou, disse:

— Fritz j á está na cidade, e vai recolher o doutor. Chegarão aqui em vinte

m inutos.

Z assentiu e olhou as pálpebras costuradas de Bela. Desej ava ser o

responsável por vingar-se daqueles que fizeram isso com ela. Desej ava que ela

se sentisse aliviada agora. *Oh, Deus...* Com o devia ter sofrido.

Deu-se conta de que Phury se aproxim ou, e não gostou que seu irm ão se

aj oelhasse.

Os instintos de Z eram fazer um a barricada diante do corpo de Bela com o

seu próprio, evitando que seu gêm eo, Wrath, o doutor, ou qualquer m acho

pudesse vê-la. Não entendia esse im pulso, não sabia a origem , m as era tão

forte

que quase se lançou no pescoço de Phury.

E, então seu gêm eo estirou a m ão para lhe tocar o tornozelo. Os lábios de Z se retiraram para m ostrar as presas, lhe saindo um grunhido da garganta.

A cabeça de Phury se elevou rapidam ente.

— Por que está agindo assim ?

Ela é minha, pensou Z.

Mas, no instante que lhe chegou essa convicção, afastou-se. Que dem ônios estava fazendo?

— Está ferida. — m urm urou — Só não se m eta com ela, ok?

Havers chegou quinze m inutos depois. O alto e m agro m édico trazia um a m aleta de couro na m ão e estava preparado para realizar seu trabalho. Mas, quando se adiantou, Z se precipitou para ele, interceptando o m acho e pondo-o contra a parede. Os pálidos olhos de Havers lhe saíram das órbitas atrás de seus óculos com arm ação de tartaruga m arinha, e deixou cair sua m aleta ao chão.

Wrath am aldiçoou.

— Jesus...

Z ignorou as m ãos que tratavam de afastá-lo e cravou o olhar no m édico.

— Tratará dela m elhor do que faria com alguém de seu próprio sangue. Se ela sofrer um a só sacudida desnecessária, eu cobrarei em sua pele m ultiplicado por cem vezes o que tenha sofrido.

O m agro corpo de Havers trem ia, a boca se m ovia sem em itir som .

Phury lhe deu um forte puxão sem conseguir afastá-lo.

— Z, fique calm o...

— Fique fora disto. — disse bruscam ente — Estam os de acordo, doutor?

— Sim ... Sim , senhor. — quando Z o soltou, Havers tossiu e arrum ou a gravata. Logo franziu o cenho — Senhor...? Está sangrando. Sua perna...

— Não se preocupe com igo. Preocupe-se com ela. *Agora*.

O m acho assentiu, m anuseando a m aleta, aproxim ou-se do colchão. Quando se agachou aj oelhando-se ao lado de Bela, Z desej ou que as luzes do quarto se acendessem .

A áspera inalação de Havers foi o m ais próxim o a um a m aldição que um m acho educado com o ele poderia proferir. Murm urou em voz baixa no Idiom a Antigo:

— Fazer isto a um a fêm ea... Pela m isericórdia do Fade.

— Tire os pontos. — dem andou Z, aparecendo por sobre o m édico.

— Prim eiro tenho que exam iná-la. Devo verificar se tem feridas m ais graves.

Havers abriu a m aleta e pegou um estetoscópio, um aparelho para m edir a pressão e um lápis lanterna. Mediu-lhe o pulso e a respiração, olhou dentro dos ouvidos e do nariz e m ediu a pressão. Quando lhe abriu a boca ela se encolheu um pouco, m as logo quando levantou sua cabeça com eçou a lutar a sério.

Justo quando Zsadist se precipitava para o m édico, o pesado braço de Phury se fechou sobre o peito de Z e o puxou para trás.

— Não a está m achucando e sabe disso.

Z lutou contra o agarro, odiando a sensação do corpo de Phury contra o seu.

Mas, seu gêm eo não afrouxou, sabia que era o m elhor. Estava atuando im pulsivam ente, e derrubar o doutor teria sido um a j ogada estúpida. Dem ônios, provavelm ente não deveria estar arm ado nesse m om ento.

Obviam ente Phury tinha seguido um a linha de pensam ento sim ilar nesse instante. Tirou as adagas que Z levava no peito e as entregou a Wrath. Tam bém lhe tirou as pistolas.

Havers olhou para cim a e pareceu aliviado de que as arm as se fossem .

— Eu... Ah, vou lhe dar um a m edicação suave para a dor. A respiração e o pulso são suficientem ente fortes, assim poderá suportá-lo bem , e fará que o resto do exam e e o que seguir sej a m ais fácil de tolerar para ela. Ok?

Não foi até que Z assentiu, então o m édico lhe adm inistrou um inj etável.

Quando a tensão no corpo de Bela dim inuiu, o doutor tirou um par de tesouras e se dirigiu para a parte de abaixo da ensangüentada cam isa que a cobria.

Enquanto levantava o tecido, Z sentiu um a raiva verm elha.

— Pare!

O Doutor protegeu a cabeça com os braços esperando que o golpeasse, m as

tudo o que Z fez foi enfrentar o olhar de Phury e logo de Wrath.

— Nenhum de vocês dois vai vê-la nua. Fechem os olhos ou fiquem de costas.

Am bos o olharam por um m om ento. Logo Wrath deu as costas e Phury baixou as pálpebras, em bora m antivesse seu agarro firm e sobre o peito de Z.

Zsadist olhou duram ente ao Doutor.

— Se for lhe tirar a roupa, cobre-a com algo.

— O que deveria usar?

— Um a toalha de banho.

— Eu a trarei. — disse Wrath. Depois de entregar-lhe voltou para seu lugar olhando para a porta.

Havers estendeu a toalha sobre o corpo de Bela e logo cortou a cam isola de um lado. Olhou para cim a antes de levantar nada.

— Preciso ver todo seu corpo. E, vou ter que lhe tocar o estôm ago.

— Para que?

— Tenho que apalpar os órgãos internos para determ inar se algum está inchado por ter recebido um traum atism o ou por causa de um a infecção.

— Que sej a rápido.

Havers afastou a toalha para um lado...

Z fraquej ou contra o forte corpo de seu gêm eo.

– Oh... *Nalla.* – sua voz se enrouqueceu — Oh, doce Jesus... *Nalla.*

Tinha algo cortado na pele do estôm ago que pareciam ser letras m aiúsculas de três polegadas, em português. Com o era analfabeto, não podia saber o que dizia, m as tinha um horrível pressentim ento...

— O que diz? — gritou.

Havers esclareceu sua garganta.

— É um nom e. David. Diz David.

Wrath grunhiu.

— *Sobre sua pele?* Esse anim al...

Z interrom peu o seu Rei.

— Vou m atar a esse Lesser. Juro por Deus, vou m astigar seus ossos.

Havers inspecionou os cortes, brandam ente, com m uito cuidado.

— Deve te assegurar que não toque sal perto dos cortes. Senão, as cicatrizes ficarão com esta form a.

— Não m e diga. — com o se não tivesse experiência em com o as cicatrizes se convertiam em perm anentes.

Havers a cobriu e foi para os pés, inspecionando-os e logo se voltando para as panturrilhas. Afastou a cam isola enquanto se dirigia para os j oelhos. Logo m oveu

um a das pernas para um lado, separando as coxas.

Z se im pulsionou para frente, arrastando Phury com ele.

— Que droga está fazendo?!

Havers retirou as m ãos rapidam ente, as sustentando sobre a cabeça.

— Preciso lhe fazer um exam e interno. Ante a possibilidade de que tivesse sido... Violada.

Com um rápido m ovim ento, Wrath parou na frente de Z e rodeou a cintura de Z com os braços. Através das lentes escuras, o olhar do rei queim ava.

— Deixe que o faça, Z. É m elhor para ela se fizer.

Zsadist não podia olhar. Deixou cair a cabeça contra o pescoço de Wrath, perdendo-se no com prido cabelo negro do m acho. Os firm es corpos de seus irm ãos o rodeavam , m as estava m uito horrorizado para sentir pânico ante o contato. Fechou os olhos fortem ente e respirou profundam ente, as essências de Phury e Wrath invadindo seu nariz.

Ouviu um ruído com o um sussurro, com o se o m édico estivesse buscando na m aleta. Logo houve dois estalos, com o se o m acho estivesse colocando luvas. Um roçar de m etal contra m etal. Uns ruídos. Logo… Silêncio. Não, não realm ente. Pequenos sons. Logo um par de clicks.

Z se recordou que todos os Lessers eram im potentes. Mas, só podia im aginar com o com pensavam essa deficiência.

Trem eu por ela até seus dentes baterem .

CAPÍTULO VIII

John Matthew olhou para o assento dianteiro do Range Rover. Tohr estava preocupado enquanto entravam na parte rural de Caldwell, e em bora John

estivesse assustado pela reunião com Wrath, o Rei, estava m ais preocupado a respeito de toda esta calm a. Não podia entender o que era que estava m au. Bela tinha sido salva. Agora estava a salvo. Assim , todo m undo deveria estar contente,
verdade? Exceto quando Tohr tinha vindo para casa recolher ao John, tinha envolvido seus braços ao redor de Wellsie na cozinha e perm anecido ali por m uito tem po. Suas palavras, suaves e no Idiom a Antigo, tinham saído do que soava com o um a garganta obstruída.

John queria conhecer todos os detalhes do que tinha passado, m as era difícil bisbilhotar estando no autom óvel, na escuridão, quando ele precisava fazer-se entender por gestos ou escrever. E, não parecia que Tohr tivesse vontade de conversar.

— Aqui estam os. — disse Tohr.

Com um a rápida curva à direita os colocou sobre um a rota de terra calçada, e John se deu conta que j á não podia ver nada através das j anelas. Havia um a estranha névoa nos gelados bosques que os rodeavam , um a barreira que o fazia sentir-se um pouco enj oado.

Com o que saída de nenhum a parte, um a grande grade se m aterializou na brum osa paisagem , e deslizaram até deter-se. Havia outro conj unto de grades j usto depois da prim eira, e quando entraram no espaço que havia entre as duas, ficaram enj aulados com o um touro em um a ram pa para o abate. Tohr baixou a

j anela, introduziu um a espécie de código em um painel de telefone, e foram liberados para passar ao outro lado para…

Jesus, o que é isto?

Um túnel subterrâneo. E, enquanto se dirigiam para baixo, dentro da terra com tranqüila com postura, apareceram várias portas m ais, e as defesas se faziam cada vez m ais e m ais fortificadas até a últim a. Esta era a m aior de todas, um brilhante m onstro de m etal que tinha um letreiro de alta voltagem pintada no m eio. Tohr olhou para a câm era de segurança, e logo houve um som de click. As com portas se abriram .

Antes que avançassem , John bateu no antebraço de Tohr para que lhe prestasse atenção.

— *É aqui onde vivem os irmãos?* — falou por gestos, lentam ente.

— Mais ou m enos. Prim eiro, levarei você ao centro de treinam ento e logo irem os à m ansão. — Tohr pisou no acelerador — Quando com eçarem as aulas deverá vir aqui de segunda-feira à sexta-feira. O ônibus te recolherá em frente à nossa casa, as quatro em ponto. Meu irm ão Phury está neste lugar, assim o resguardará nas prim eiras aulas. — ante o olhar que lhe dirigiu John, Tohr explicou — O Com plexo está interconectado subterraneam ente. Mostrarei a você com o acessar ao sistem a de túneis que liga todos os edifícios, m as guarde o

dado

para si m esm o. Qualquer um que apareça em qualquer lugar sem convite, vai enfrentar sérios problem as. Seus com panheiros de classe não são bem -vindos, m e entendeu?

John assentiu enquanto paravam na área de estacionam ento, recordou um a longínqua noite. Deus, sentia-se com o se tivessem acontecido cem anos desde que tinha vindo aqui com Mary e Bela.

Ele e Tohr desem barcaram do Rand Rover.

— *Com quem treinarei?*

— Com outra dúzia de m achos de sua m esm a idade, aproxim adam ente. Todos têm um pouco de sangue guerreiro nas veias, que é pelo que os escolhem os. O treinam ento perdurará ao longo de suas transições e logo seguirá por outro com prido período, até que pensem os que estão preparados para sair ao

cam po.

Cam inharam para um par de portas de m etal e Tohr as abriu com pletam ente. No outro lado havia um corredor que parecia não term inar nunca. Enquanto o transitavam , Tohr lhe m ostrava um a sala de aulas, o ginásio, um a sala para pesar-se e um vestuário. O m acho se deteve quando chegou a um a porta feita de vidro cristalizado.

— Aqui é aonde venho, quando não estou em casa ou no cam po.

John entrou. A sala estava quase vazia e era m uito pouco notória. O escritório era de m etal e estava coberto com equipam entos de inform ática, telefones e papéis. Havia arquivos alinhados na parede do fundo. Só havia dois lugares onde sentar-se, assum indo que virar o cesto de papéis para sentar-se sobre ele não era um a opção. Sobre um a esquina, havia um a cadeira das que usualm ente se utilizavam para equipam ento de escritório. A outra estava atrás da m esa e era bem feia: um a m onstruosidade com o estofado rasgado, de couro cor verde abacate com bordas engraçados, o assento frouxo e um par de pés que davam um novo significado à palavra firm e.

Tohr pôs a m ão sobre o alto respaldo da coisa.

— Pode acreditar que Wellsie m e obrigou a m e desfazer disto?

John assentiu fazendo gestos:

— *Sim, posso.*

Tohr sorriu e cam inhou para um gabinete alto até o teto. Quando abriu a porta e digitou um a série de núm eros no tabuleiro, a parte traseira se abriu a um a espécie de passagem escura.

— Aqui vam os nós.

John entrou, em bora não pudesse ver m uito.

Um túnel de m etal. Suficientem ente largo para que entrassem três pessoas cam inhando lado a lado, e tão alto que sobrava espaço inclusive sobre a cabeça de Tohr. As luzes estavam em butidas no teto a cada dez pés ou coisa assim , m

as

não ilum inavam m uito na escuridão reinante.

Esta é a coisa mais incrível que vi em minha vida. — pensou John quando

com eçaram a cam inhar.

O som das botas de cowboy de Tohr ricocheteou nas paredes de aço, com o

tam bém fez sua profunda voz.

— Olhe, a respeito de conhecer Wrath. Não quero que se preocupe. É

intenso, m as não há nada a tem er. E, não te assuste por seus óculos escuros. Está

quase cego e é hipersensível à luz, assim deve usá-los. Mas, em bora não possa

ver, m esm o assim , lerá em você com o em um livro aberto. Suas em oções serão

tão claras para ele com o a luz do dia.

Um pouco m ais tarde, à esquerda apareceu um a escada baixa, que levava

até um a porta e a outro painel. Tohr se deteve e apontou para o túnel, que até

onde John podia ver, continuava eternam ente.

— Se seguir direito por ali, chegará à casa do guarda a um as cento e

cinqüenta j ardas. — Tohr subiu os poucos degraus, m anipulou o painel, e abriu a

porta. Um a brilhante luz alagou o lugar com o água liberada de um dique.

John olhou para cim a, com um estranho sentim ento ressonando em seu peito.

Tinha a estranha sensação de que estava sonhando.

— Tudo está bem , filho. — Tohr sorriu, seu rosto duro suavizando-se um pouco — Nada vai m achucar-te aqui em cim a. Confie em m im .

— OK, está feito. — disse Havers.

Zsadist abriu os olhos, podendo ver unicam ente o grosso cabelo negro de Wrath.

— Foi…?

— Ela está bem . Não há sinais de relações forçadas nem de nenhum tipo de traum a. — ouviu-se um estalo, com o se o m édico estivesse tirando as luvas.

Zsadist fraquej ou e seus irm ãos agüentaram o peso. Quando finalm ente levantou a cabeça, viu que Havers tinha afastado a sangrenta cam isa, e havia coberto novam ente Bela com a toalha, estava colocando um novo par de luvas. O m acho se inclinou sobre a m aleta, tirou um par de ferram entas e um as pinças, e logo olhou para cim a.

— Eu m e ocuparei de seus olhos agora, está bem ? — quando Z assentiu, o m édico sustentou os instrum entos — Tom e cuidado, senhor. Se m e assustar, poderia deixá-la cega com estas pinças. Entendeu?

— Sim . Só não lhe faça m al…

— Não sentirá nada. Prom eto-o.

Z observou esta parte, e foi eterna. Tinha um a vaga idéia de que estava na m etade da consulta e j á não estava sustentando-se. Phury e Wrath estavam

carregando todo seu peso para m antê-lo em pé, a cabeça lhe pendurava sobre o flanco do m aciço om bro de Wrath enquanto olhava atentam ente.

— A últim a. — m urm urou Havers — Bom , tirei todas as suturas.

Todos os m achos do quarto respiraram fundo, até o doutor, e logo Havers voltou para seus m edicam entos e pegou um tubo. Pôs um pouco de ungüento sobre as pálpebras de Bela, logo guardou tudo em sua m aleta.

Quando o m édico ficou em pé, Zsadist se soltou de seus irm ãos e cam inhou um pouco. Wrath e Phury estenderam os braços.

— As feridas dela são dolorosas, m as por agora, nenhum a põe sua vida em risco. —disse Havers — Am anhã ou depois de am anhã estarão curadas, sem pre

que a deixem sozinha. Está desnutrida e precisa alim entar-se. Se for ficar neste quarto, é preciso ligar a calefação e levá-la à cam a. Quando despertar deve ingerir com ida e bebida. E, outra coisa m ais. No exam e interno encontrei… — seus olhos passaram por Wrath e Phury, e logo se fixaram em Zsadist — Algo de índole pessoal.

Zsadist foi para o doutor.

— O que?

Havers o levou para um lugar e falou devagar.

Quando o m acho term inou, Z estava aturdido, sem palavras.

— Está seguro?

— Sim

— Quando?

— Não sei. Mas, relativam ente logo.

Z olhou para Bela. *Oh, Cristo.…*

— Agora, assum o que tem aspirinas ou Motrin na casa?

Z não tinha idéia, nunca tom ava rem édios para dor. Olhou Phury.

— Sim , tem os. — disse seu irm ão.

— Subm inistrem -lhes e lhes darei algo m ais forte com o respaldo para o caso

de que não aliviem toda dor.

Havers tirou um pequeno frasco de vidro que tinha um selo de borracha

verm elho com o tam pa e colocou na palm a da m ão duas seringas hipodérm icas

envoltas em pacotes estéreis. Escreveu algo em um pequeno bloco de papel, e

logo entregou o papel e os m edicam entos a Z.

— Se durante o dia sentir m uita dor quando despertar, pode lhe dar um a

inj eção disto de acordo com m inhas indicações. É a m esm a m orfina que acabo

de lhe adm inistrar, m as deve prestar atenção a dose que lhe indico. Cham e-m e

se tiver perguntas ou se quiser que lhe aj ude no procedim ento de dar inj eções.

Por outra parte, se o sol j á se pôs, virei e lhe darei a inj eção eu. — Havers olhou

a perna de Z — Quer que exam ine sua ferida?

— Posso banhá-la?

— Definitivam ente sim .

— Agora?

— Sim . – Havers franziu o cenho — Mas, senhor, sua perna…

Z entrou no banheiro, abriu as torneiras da j acuzzi, e colocou a m ão debaixo do j orro. Esperou até que estivesse suficientem ente quente, logo voltou para buscá-la.

Naquele tem po, o doutor j á se fora, m as Mary, a m ulher de Rhage, estava na entrada do quarto, querendo ver Bela. Phury e Wrath falaram com ela brevem ente e negaram com a cabeça. Ela se foi, parecendo abatida.

Quando a porta se fechou, Z se aj oelhou perto do colchão e com eçou a levantar Bela.

— Espere, Z. — a voz de Wrath era dura — Sua fam ília deve cuidar dela.

Z se deteve e pensou em quem teria alim entado a seus peixes. Deus… Provavelm ente, isto não estivesse certo. Mantê-la aqui, longe daqueles que tinham todo o direito de cuidar dela em sua dor. Mas, a idéia de deixá-la ir era intolerável. Acabava de encontrá-la…

— Irá com eles m anhã. — disse — Esta noite e o dia de am anhã perm anecerá aqui.

Wrath sacudiu a cabeça.

— Não está…

— Acredita que está pronta para viaj ar neste estado? — disse Z bruscam ente

— Deixem -na em paz. Façam com que Tohr cham e à fam ília e diga a eles que a

entregarem os am anhã, ao cair da noite. Agora, necessita um banho e um pouco de repouso.

Wrath apertou os lábios. Houve um com prido silencio.

— Então a porem os em outro quarto, Z. Não ficará com você.

Zsadist se levantou e se aproxim ou do Rei, afundando o dedo no abdôm en do m acho.

— Só faz o intento de m ovê-la.

— Pelo am or de Cristo, Z. — ladrou Phury — Retrate-se…

Wrath se inclinou para frente, até que os narizes quase se tocaram .

— Tom e cuidado, Z. Sabe condenadam ente bem que m e am eaçando conseguirá algo m ais, além de que te parta a m andíbula.

Sim , tinham passado por isso no verão. Legalm ente, Z podia ser executado sob as velhas regras de conduta se forçava isto m uito m ais à frente. A vida do Rei

era valorizada acim a da de todos os outros.

Não era algo que a Z im portasse em nada nesse m om ento.

— Pensa que um a sentença de m orte m e preocupa? Por favor. — entrecerrou os olhos — Mas, te direi isto. Tanto se decidir fazer valer sua realeza sobre m eu traseiro ou não, levará ao m enos um dia para m e condenar com a

Virgem Escriba. Mesm o assim , Bela dorm irá aqui esta noite.

Voltou para onde ela estava e a levantou o m ais cuidadosam ente que pôde, enquanto se assegurava de que a toalha perm anecesse em seu lugar. Sem olhar a Wrath nem seu gêm eo, entrou no banheiro e fechou a porta com um golpe atrás dele.

A banheira j á estava cheia até a m etade, assim a sustentou enquanto se inclinava e com provava a tem peratura. Perfeita. Colocou-a dentro da água e logo estendeu seus braços para os lados para que se apoiasse nas bordas.

A toalha se m olhou em seguida e se colou ao seu corpo. Ele pôde apreciar claram ente a suave curva dos seios, a pequena caixa torácica, a plana extensão do estôm ago. Ao subir a água, a bainha da toalha flutuou solta e acariciou a parte

de cim a das coxas.

O coração de Z bateu fortem ente no peito e se sentiu com o um libertino, observando-a quando estava ferida e fora de si. Com a esperança de defendê-la de seus olhos e querendo lhe dar a privacidade que m erecia, foi para o arm ário procurar gel para lhe fazer um banho de espum a. Não havia nada m ais que sais de banho, e estava seguro com o o inferno de que ele não usava essas coisas.

Estava a ponto de se virar, quando foi golpeado pelo fato de que o espelho sobre a pia era m uito grande. Não queria que ela se desse conta do aspecto que tinha, quanto m enos soubesse a respeito do que lhe tinham feito, m elhor. Cobriu o

espelho com duas toalhas grandes, segurando o tecido de feltro atrás da m oldura.

Quando retornou, ela havia afundado m ais na água, m as ao m enos a parte de cim a da toalha ainda se sustentava em seus om bros e basicam ente se m antinha em seu lugar. Agarrou-a por baixo de um de seus braços e a elevou, logo pegou a esponj a. No instante em que com eçava a lavar o lado de seu pescoço, com eçou a agitar-se, salpicando-o com água. Suaves sons de pânico saíam de sua boca, e não pararam nem sequer quando deixou a esponj a de lado.

Fale com ela, idiota.

— Bela... Bela, está bem . Está bem .

Ficou quieta e franziu o cenho. Logo seus olhos se abriram e com eçou a piscar várias vezes. Quando tratou de esfregar as pálpebras, separou-lhe as m ãos do rosto.

— Não. É um m edicam ento. Deixe-o aí.

Ela congelou. Esclareceu a garganta até que pôde falar.

— Onde… Onde estou?

A voz, em bora vacilante e rouca, soou-lhe bonita.

— Está com ... *Comigo.* Está com a Irm andade. Está a salvo.

Enquanto seu vítreo e desfocado olhar passeava pelo banheiro, ele se inclinou para um interruptor na parede e atenuou as luzes. Em bora estivesse delirando e não havia dúvida de que quase cega pelo ungüento, não queria que se visse. A

últim a coisa que precisava preocupar-se era com o que aconteceria se as cicatrizes não se curassem com pletam ente.

Quando baixou os braços à água e travou os pés na base da banheira, fechou a torneira e se inclinou para trás sentando-se sobre os pés. Não era bom tocando pessoas, assim não era um a grande surpresa que ela não pudesse suportar suas m ãos sobre o corpo. Mas, m aldição, não tinha idéia do que fazer para aliviá-la. Via-se tão m achucada… Muito à frente do pranto e próxim a a um a paralisante agonia.

— Está a salvo… — m urm urou, em bora duvidasse de que lhe acreditasse. Ele não o teria feito se fosse ela.

— Zsadist está aqui?

Franziu o cenho, não sabendo o que deduzir sobre isso.

— Sim , estou j usto aqui.

— Está?

— Justo aqui. Justo ao seu lado. — se esticou torpem ente e lhe apertou a m ão. Ela devolveu-lhe o apertão.

E, logo pareceu que com eçava a delirar. Murm urava, fazendo pequenos sons que poderiam ter sido palavras, e se agitava. Z agarrou outra toalha, enrolou-a, e a pôs debaixo da cabeça para que não batesse contra a dura borda da j acuzzi. Esprem eu o cérebro pensando no que podia fazer para aj udá-la, e com o foi a única coisa que lhe ocorreu, cantarolou um pouquinho. Quando pareceu que isso

a acalm ava um pouco, com eçou a cantar brandam ente, escolhendo um hino no Idiom a Antigo dedicado à Virgem Escriba, um que falava de céus azuis, brancas coruj as e verdes prados.

Gradualm ente, Bela relaxou e inspirou profundam ente. Fechando os olhos, reclinou-se contra o travesseiro de toalha que ele tinha fabricado.

Com o cantar era o único consolo que podia lhe dar, cantou.

Phury olhou para o colchão onde Bela tinha estado deitada, pensando que a cam isa rasgada que ela trazia o adoecia. Logo seus olhos se dirigiram ao esqueleto que j azia no chão à direita. O esqueleto de um a m ulher.

— Não posso perm itir isto. — disse Wrath quando se sossegou o som de água que corria no banheiro.

— Z não vai m achucar ela. — m urm urou Phury — Olhe a form a em que a trata. Cristo, atua com o um m acho em parelhado.

— O que ocorrerá se m udar de hum or? Quer que o nom e de Bela figure na lista de m ulheres que m atou?

— Golpeará até o teto se a separarm os dele.

— É um assunto de m erda...

Os dois ficaram congelados. Logo lentam ente am bos olharam para a porta do banheiro. O som que provinha do outro lado era suave, rítm ico. Com o se alguém

estivesse…

— Que dem ônios? — m urm urou Wrath.

Phury não podia acreditar, tam pouco.

— Está cantando para ela.

Em bora extinta, a pureza e a beleza da voz de Zsadist era surpreendente. Sua voz de tenor sem pre tinha sido assim . Nas raras ocasiões que cantava, os sons que saíam de sua boca eram com oventes, capazes de fazer com que o tem po parasse e logo se deslizasse até o infinito.

— Deus... Dem ônios. — Wrath em purrou suas lentes para cim a, até a testa e esfregou os olhos — Vigia-o, Phury. Vigia-o bem .

— Não faço isso sem pre? Olhe, tenho que ir ver o Havers esta noite, m as só o tem po suficiente para que repare m inha prótese. Farei com que Rhage o m antenha vigiado até que retorne.

— Faz isso. Não vam os perder essa fêm ea enquanto estam os cuidando dela, está claro? Jesus Cristo… Esse seu gêm eo faria com que qualquer um se lançasse de um precipício, sabia isso? — Wrath saiu m aj estosam ente do quarto.

Phury olhou novam ente para o colchão e im aginou Bela j azendo ali perto de Zsadist. Isto estava m au. Z não sabia um a m aldita coisa a respeito de dar afeto. E, essa pobre m ulher tinha passado as últim as seis sem anas na terra fria.

Eu deveria ter estado ali dentro, com ela. *Lavando-a. Confortando-a. Cuidando-a.*

Minha, pensou, olhando a porta de onde saía o canto.

Phury com eçou a dirigir-se para o banheiro, repentinam ente furioso além do im possível. A cólera territorial acendia seu peito com o um a fogueira, levantando um a cham a de poder que lhe rugia no corpo. Agarrou fortem ente a fechadura da porta… E ouviu esse form oso som que era a m elodia que entoava o tenor.

Phury ficou ali de pé, trem endo. Enquanto a irritação se convertia em um desej o que o assustava, apoiou a testa contra o m arco da porta. *Oh, Deus… Não.*

Apertou os olhos fechando-os, tratando de encontrar outra explicação para seu com portam ento. Não havia outra. E, depois de tudo ele e Zsadist eram gêm eos.

Assim teria sentido que desej assem à m esm a fêm ea. Que term inassem … Vinculando-se à m esm a m ulher.

Soltou um a m aldição.

Merda Santa, isto eram problem as… Do tipo que lhe enterrariam em m onte.

Para com eçar, dois m achos em parelhados atados à m esm a m ulher era um a com binação letal. Adicionava-se ao fato que estes fossem dois guerreiros, tinha potencial para que ocorressem sérios danos. Depois de tudo, os vam piros eram anim ais. Cam inhavam e falavam e eram capazes de raciocínios m ais elevados, m as fundam entalm ente eram anim ais. Assim , havia alguns instintos que nem sequer o m ais engenhoso dos cérebros podia superar.

O bom era que ainda não tinham chegado a esse ponto. Sentia-se atraído por Bela e a desej ava, m as não tinha chegado a sentir o profundo sentido de posse que era a carta de apresentação de um m acho em parelhado. E, não tinha detectado a essência de em parelham ento irradiando-se de Zsadist, assim talvez ainda houvesse esperanças.

Mesm o assim , am bos tinham que afastar-se de Bela. Os Guerreiros, provavelm ente por sua natureza agressiva, em parelhavam forte e rapidam ente. Assim , tinha esperanças de que ela se fosse logo com sua fam ília, a quem pertencia.

Phury soltou o pom o da porta e saiu do quarto. Desceu as escadas com o um zum bi e se dirigiu para fora, para o pátio. Queria que o frio lhe golpeasse para poder esclarecer seus pensam entos. Mas, o único que conseguiu foi que sua pele ficasse arrepiada.

Estava a ponto de acender um fino cigarro de fum aça verm elha quando se deu conta que o Ford Taurus, em que Z tinha feito um a ligação direta para trazer Bela para casa, estava estacionado na frente da m ansão. Ainda estava com o m otor ligado, esquecido ante todo dram a.

Bom , essa não era a classe de escultura de gram a que precisavam . Só Deus sabia que classe de dispositivo de rastream ento havia nele.

Phury se m eteu no sedã, pôs a coisa em m ovim ento e se dirigiu para a saída.

CAPÍTULO IX

Quando John saiu do túnel subterrâneo, ficou m om entaneam ente cego pela lum inosidade. Logo sua vista se adequou. *Oh, meu Deus. É bonito.*

O vasto vestíbulo era um vívido arco íris, tão colorido que pareceu que suas retinas não poderiam adm irá-lo em sua totalidade. Das colunas verdes e verm elhas de m árm ore até o m osaico m ulticolorido do chão, dos painéis dourados que se achavam por todos os lados até o…

Santo Anjo Miguel, olhe esse teto.

Achavam -se três andares acim a, as pinturas de anj os, nuvens e guerreiros sobre grandes cavalos cobriam um a extensão que parecia tão grande com o um estádio de futebol. E havia m ais… Ao redor de todo o segundo andar havia um balcão dourado que tinha painéis inseridos com representações sim ilares. Depois, vinha a esplêndida escada com seu intricado corrim ão.

As proporções de espaço eram perfeitas. As cores, deliciosas. A arte, sublim e. E, não era ao estilo pretensioso Donald Trum p. Inclusive John, que não sabia nada a respeito de estilo, tinha a curiosa sensação de que o que estava olhando era verdadeiram ente de bom gosto. A pessoa que construiu esta m ansão e a decorou sabia o que fazia e tinha o dinheiro para com prar tudo de boa qualidade: um verdadeiro aristocrata.

— Belo, não? Meu irm ão D construiu este lugar em 1914. — Tohr colocou as

m ãos sobre os quadris enquanto olhava ao redor, logo esclareceu ligeiram ente a garganta — Sim , tinha um gosto excelente. O m elhor do m elhor para ele.

John estudou cuidadosam ente o rosto de Tohr. Nunca o tinha ouvido utilizar esse tom de voz. Tanta tristeza…

Tohr sorriu lhe pondo um a m ão sobre o om bro, apressou John para que seguisse cam inhando.

— Não m e olhe assim . Sinto-m e com o um a salsicha nua quando o faz.

Dirigiram -se ao segundo andar, cam inhando por um tapete verm elho tão m acio que era com o cam inhar sobre um colchão. Quando John chegou acim a, olhou sobre o balcão ao desenho do chão do vestíbulo. Os m osaicos se fundiam em um a espetacular representação de um a árvore frutífera em plena floração.

— As m ações fazem parte de nossos rituais. — disse Tohr — Ou ao m enos, são quando os praticam os. Ultim am ente não tivem os m uitos desses, m as Wrath está

convocando a todos para realizar a prim eira cerim ônia do solstício de inverno dos

últim os cem anos ou algo assim .

— *É nisso que Wellsie esteve trabalhando, verdade?* — disse John por gestos.

— Sim . Está encarregada de quase toda a logística. A raça está ansiosa por voltar a praticar os rituais, e j á era hora.

Dado que John não deixava de adm irar o esplendor do lugar, Tohr lhe disse:

— Filho? Wrath está nos esperando.

John assentiu e o seguiu, indo do patam ar para um par de portas duplas m arcadas com algum a espécie de selo. Tohr estava levantando a m ão para bater quando as aldravas de bronze giraram e o interior foi revelado. Não havia ninguém do outro lado. Então, com o se abre essas coisas?

John olhou para dentro. A sala era de um tom azul m ar e lhe recordava as fotos de um livro de história. Era francês, não? Com todas as flores e os m óveis elegantes…

Repentinam ente, John teve problem as para engolir.

— Meu senhor. — disse Tohr, fazendo um a reverência e adiantando-se.

John ficou de pé na entrada. Atrás de um espetacular escritório francês que era m uito bonito e m uito pequeno para ele, achava-se um im ponente hom em , com om bros m aiores que os de Tohr. O com prido cabelo negro lhe caía reto a partir das pronunciadas entradas de sua testa, e o rosto… A dura com postura do m esm o era com o se soletrasse “não m exa com igo”. Deus, os envolventes óculos de sol o faziam parecer induvidavelm ente cruel.

— John? — disse Tohr.

John foi ficar ao lado de Tohr, escondendo-se um pouco. Sim , era um pouco covarde de sua parte, m as nunca havia se sentido m enor ou tão dispensável em sua vida. Dem ônios, estando tão perto do poder que desprendia o hom em que estava diante deles, estava quase convencido de que era totalm ente

insignificante.

O Rei se m oveu na cadeira, inclinando-se sobre a escrivaninha.

— Vem aqui, filho. — a voz era baixa e com acento, estendendo bastante o “q” antes de term inar a palavra.

— Vai. — quando não se m oveu, Tohr lhe deu um a ligeira cotovelada — Está tudo bem .

John tropeçou em seus próprios pés, m ovendo-se através da sala sem nada de aprum o. Parou em frente à escrivaninha com o se fosse um a pedra que tivesse rodado até deter-se.

O Rei se levantou e se m anteve elevado até que pareceu alto com o um arranha-céu. Wrath devia m edir m ais de dois m etros, e a roupa negra que usava,

particularm ente a de couro, o fazia parecer ainda m ais alto.

— Vem , te aproxim e.

John olhou para trás para assegurar-se de que Tohr ainda estava ali.

— Está bem , filho. — disse o Rei — Não vou m achucar você.

John deu a volta na escrivaninha, seu coração pulsando com o o de um cam undongo. Quando inclinou sua cabeça para olhar para cim a, o braço do Rei se estendeu para frente. A parte interior do m esm o, do pulso até o cotovelo, estava coberta de tatuagens. E, o desenho era com o o que John tinha visto em seus sonhos, que tinha colocado no bracelete que usava…

— Sou Wrath. — disse o hom em . Logo fez um a pausa — Quer apertar m inha m ão, filho?

Oh, com certeza. John estendeu a m ão, m eio esperando que seus ossos fossem esm agados. Em vez disso, quando entraram em contato, só sentiu um a firm e quebra de onda de calor.

— Esse nom e que está em seu bracelete. — disse Wrath — É Tehrror. Quer que lhe cham em os assim ou John?

John entrou em pânico e olhou a Tohr, porque não sabia o que queria e não sabia com o com unicar isso ao Rei.

— Tranqüilo, filho. — Wrath riu brandam ente — Pode decidir depois.

O rosto do Rei girou bruscam ente para um lado, com o se fixasse sua atenção em algo fora, no corredor. Com igual rapidez, um sorriso se estendeu por seus duros lábios form ando um a expressão de total reverência.

— *Leelan*. — suspirou Wrath.

— Lam ento chegar tarde. — a voz de m ulher era suave e bonita — Mary e eu estam os m uito preocupadas com Bela. Tentam os encontrar a m aneira de aj udá-la.

— Encontrarão a form a. Vêm conhecer John.

John se virou para a porta e viu um a m ulher…

Repentinam ente um a luz branca tom ou o lugar de sua visão, fazendo im preciso tudo o que via. Foi com o se tivesse sido golpeado por um raio

ultrabrilhante. Piscou, várias vezes… E, logo vindo do infinito nada, viu a m ulher

novam ente. Tinha cabelo escuro, com olhos que recordavam a alguém que

am ava… Não, não lhe recordavam … Os olhos dela eram os de seu… O que?

Seu o que?

John cam baleou. O som das vozes lhe chegava distante.

Em seu interior, em seu peito, no m ais profundo de seu coração palpitante,

sentiu que se quebrava, com o se o estivessem partindo em dois. Estava-a

perdendo… Estava perdendo a m ulher de cabelo escuro… Estava…

Sentiu que abria a boca, esforçando-se com o se estivesse tentando falar, m as

logo ficou presa pelos trem ores, que sacudiram seu pequeno corpo, fazendo com

que cam baleasse sobre seus pés, e caísse no chão.

Zsadist sabia que era hora de tirar Bela da banheira, porque tinha estado ali

quase um a hora e sua pele estava enrugando. Mas, então olhou através da água

para a toalha que tinha estado m antendo sobre o corpo dela.

Merda… Tirá-la com essa coisa ia ser um problem a.

Com um a careta a alcançou e a pegou.

Olhando para outro o lado rapidam ente, j ogou a toalha m olhada no chão e

agarrando um a seca, colocou-a j usto ao lado da banheira. Apertando os dentes,

inclinou-se para frente e colocou os braços na água, procurando seu corpo. Seus

olhos term inaram j usto ao nível dos seios.

Oh, Deus… Eram perfeitos. De um branco crem oso com pontas rosadas. E, a água lhe acariciava os m am ilos, im portunando-os com ondeantes beij os que os faziam brilhar.

Apertou as pálpebras fechando os olhos, tirou os braços da água e se sentou sobre os pés. Quando esteve preparado para tentar de novo, concentrou-se na parede que tinha em sua frente e se inclinou para frente… Só para sentir um a repentina dor nos quadris. Olhou para baixo, confuso.

Havia um inchado vulto em suas calças. Isso estava tão duro, que tinha surgido um a tenda de cam panha na frente de suas calças esportivas.

Evidentem ente tinha apertado a coisa contra a banheira quando se inclinou, e essa era a causa da pontada que havia sentido.

Am aldiçoando, em purrou a coisa com a palm a da m ão, odiando a sensação da pesada carga, a form a em que a dura longitude se enredava em suas calças, o fato de ter que lutar com isso. Entretanto, não im portava quanto o tentasse, não podia colocá-la corretam ente, ao m enos não sem colocar a m ão dentro das calças para agarrá-la, o que, m aldita fosse, não estava disposto a fazer. Ao final, se deu por vencido e deixou a ereção presa, retorcida e doendo.

Que servisse de lição para a sacana.

Zsadist inspirou fundo, inundou os braços profundam ente na água, e os envolveu debaixo do corpo de Bela. Puxou-a, novam ente im pressionado pela sua

leveza, logo a colocou contra a parede de m árm ore usando o lado de seu quadril

e um a m ão sobre a clavícula. Levantou a toalha que tinha deixado na borda da j acuzzi, m as antes de envolvê-la ao redor dela, deslocou seu olhar para as letras gravadas na pele do estôm ago.

Algo estranho se sacudiu em seu peito, um a grande opressão… Não, era um a sensação descendente, com o se estivesse caindo, em bora estivesse perfeitam ente

equilibrado. Estava pasm o. Havia m uito que nada entrava através de sua ira e insensibilidade. Tinha a sensação de estar... Triste?

O que fosse. Ela tinha a pele de todo o corpo arrepiado. Assim , aquele não era o m om ento de tentar entender a si m esm o.

Envolveu-a e a pôs na cam a. Afastou o cobertor para um lado, deitou-a, lhe tirando a toalha m olhada. Enquanto a cobria com os lençóis e as m antas, deu outra olhada em seu estôm ago.

A estranha sensação de estar caindo retornou, com o se seu coração fosse em um a viaj em de gôndola para o estôm ago. Ou talvez para suas coxas.

Agasalhou-a e logo se dirigiu para o term ostato. De cara com o controle, olhando os núm eros e palavras que não podia entender, não tinha idéia de onde girá-lo. Moveu o pequeno indicador de onde se achava, bem à esquerda, para um lugar entre o m eio e o extrem o direito, m as não estava m uito seguro de que é o

que tinha feito.

Olhou para a escrivaninha. As duas seringas e o frasco com m orfina estavam ali onde Havers os tinha deixado. Z foi ali, recolheu um a seringa, a droga e as instruções de dosagem , logo fez um a pausa antes de sair do quarto. Bela estava tão quieta na cam a, tão pequena contra os travesseiros.

Im aginou ela dentro daquele tubo, enterrado na terra. Assustada. Sentindo dor. Frio. Logo im aginou ao lesser lhe fazendo o que lhe tinha feito, prendendo-a a força enquanto ela lutava e gritava.

Desta vez, Z sabia o que sentia.

Ânsias de vingança. Fria, gelada vingança. Tanta, que a m erda ia se estender até o infinito.

CAPÍTULO X

John despertou no chão, com Tohr a seu lado e Wrath olhando-o de cim a.

Onde estava a m ulher de cabelo escuro? Tratou de sentar-se precipitadam ente, m as um as fortes m ãos o m antiveram em seu lugar.

— Só fica deitado um pouco m ais, com panheiro. — disse Tohr.

John esticou o pescoço, olhando ao redor e ali estava ela, perto da porta, parecendo ansiosa. No m om ento em que a viu, cada neurônio de seu cérebro disparou, e voltou à luz branca. Com eçou a trem er, o corpo batendo contra o chão.

— Merda, aí vai de novo. — m urm urou Tohr, inclinando-se para frente para

tratar de controlar o ataque.

Quando John sentiu que estava sendo absorvido para baixo, estendeu um a m ão em direção à m ulher de cabelos escuros, tratando de alcançá-la, esticando-se.

— O que precisa, filho? — a voz de Tohr, por cim a dele, estava decaindo com o um a estação de rádio com estática — Conseguirem os isso pra você…

A mulher…

— Vá a ele, *leelan*. — disse Wrath — Pegue sua m ão.

A m ulher de cabelo escuro se adiantou, e no instante que suas m ãos o tocaram , tudo ficou negro.

Quando recuperou a consciência novam ente, Tohr estava falando.

— …de qualquer form a, vou levá-lo para ver Havers. Oi, filho, você retornou.

John se sentou, sentindo vertigem . Levou as m ãos ao rosto, com o se isto pudesse aj udá-lo a perm anecer consciente, e olhou para a porta. Onde ela estava? Tinha que… Não sabia que tinha que fazer. Mas, era algo. Algo que envolvia a ela…

Fez gestos freneticam ente.

— Foi-se, filho. — disse Wrath — Manterem os vocês separados até que tenham os um a idéia do que te acontece.

John olhou a Tohr e fez gestos devagar. Tohr traduziu.

— Diz que precisa cuidar dela.

Wrath pôs-se a rir brandam ente.

— Acredito que tenho exercido esse posto, filho. É m inha com panheira, m inha *shellan*, sua Rainha.

Por algum a, razão John relaxou ante essas notícias, e gradualm ente voltou à norm alidade. Quinze m inutos depois pôde ficar em pé.

Wrath lançou um duro olhar a Tohr.

— Quero falar com você de estratégia, assim te necessito aqui. E, com o Phury vai à clínica esta noite por que não leva o m oço?

Tohr duvidou e olhou a John.

— Concorda, filho? Meu irm ão é um bom tio. Em todos os sentidos.

John assentiu. Já tinha causado suficientes problem as esparram ando-se no chão com o se sofresse um ataque de histeria. Depois disso, estava m ais que disposto a m ostrar-se am igável.

Deus, o que a m ulher teria pensado? Agora que se foi, não podia recordar por que tanto alvoroço. Nem sequer podia recordar seu rosto. Era com o se sofresse um caso de am nésia.

— Deixe-m e levar você ao quarto de m eu irm ão.

John pôs a m ão no braço de Tohr. Quando term inou de fazer gestos, olhou a Wrath.

Tohr sorriu.

— John diz que foi um a honra te conhecer.

— Foi um prazer te conhecer tam bém , filho. — o Rei voltou para a escrivaninha e se sentou — E, Tohr, quando voltar, traz o Vishous com você.

— Sem problem a.

O chutou o lado do Taurus de U com força, a bota am assou o pára-lam a.

A m aldita caixa de m erda estava atolada em um lado da estrada. Em algum lugar escolhido ao azar da Rota 14, a vinte e cinco m ilhas do centro da cidade. Tinha levado um a boa hora na frente do com putador de U para encontrar o carro, porque o sinal LoJack havia sido bloqueado por causa de Deus sabe o quê. Quando o m aldito sinal apareceu na tela, o Taurus se m ovia velozm ente. Se O tivesse conseguido reforços, teria deixado alguém ao com putador enquanto pegava o cam inhão e ia procurar o sedã. Mas, U estava caçando no centro, e tirar ele ou qualquer outro da patrulha teria cham ado m uita atenção.

E, O j á tinha problem as suficientes… Problem as que estavam fazendo soar seu celular outra vez, sendo esta cham ada a de núm ero oitocentos. A coisa tinha com eçado a soar fazia vinte m inutos, e depois as cham adas não tinham parado de chegar. Tirou o Nokia da j aqueta de couro. O identificador de cham adas m ostrava o núm ero com o desconhecido. Provavelm ente U, ou ainda pior, o senhor X.

Já haviam sido inform ados que o Centro tinha sido incinerado.

Quando o celular deixou de tocar, O digitou o núm ero de U. Tão logo

respondeu, O disse:

— Estava m e procurando?

— Cristo, o quê aconteceu aí? O senhor X disse que o lugar estava destruído!

— Não sei o que aconteceu.

— Mas, estava ali, verdade? Disse que ia para lá.

— Disse isso ao senhor X?

— Sim . Escuta, será m elhor que te cuide. O Fore-lesser está furioso e te procurando.

O se apoiou contra a carroceria fria do Taurus. Inferno sagrado. Não tinha tem po para isto. Sua esposa estava em algum lugar, separada dele, viva ou m orta, e sem im portar em que estado se encontrasse, precisava ter ela de volta. Logo, tinha que ir atrás desse Irm ão com a cicatriz que a tinha seqüestrado e pôr a esse feio bastardo em baixo da terra. Cruelm ente.

— O? Está aí?

Maldito sej a… Talvez devesse ter feito que parecesse que tinha m orrido na explosão. Poderia ter deixado o cam inhão no lugar para desaparecer cam inhando através do bosque. Sim , m as e depois, o que? Não tinha dinheiro, nem transporte, nem reforços contra a Irm andade enquanto ia atrás do da cicatriz. Seria um ASHI[12] lesser, o que significava que se alguém se desse conta de seu ato de desaparecim ento, toda a Sociedade o caçaria com o a um cão.

— O?

— Honestam ente não sei o que aconteceu. Quando cheguei ali, tudo era pó.

— O senhor X pensa que incendiou o lugar.

— Claro que pensa. Assum ir isso é conveniente para ele, em bora se o pensa não tenho m otivos. Cham arei você depois.

Fechou o celular e o guardou na j aqueta. Logo, voltou a tirá-lo e o desligou.

Enquanto esfregava o rosto, não podia sentir nada, e não era por causa do frio.

Hom em , estava na m erda até as sobrancelhas. O senhor X precisava culpar alguém por essa pilha de cinzas, e O ia ser essa pessoa. Se não o m atassem no ato, o castigo im aginado para ele seria m uito severo. Deus sabia que a últim a vez que lhe tinham dado um a reprim enda, o Ômega quase o tinha m atado. *Maldito fosse…* Quais eram suas opções?

Quando a solução lhe chegou, estrem eceu. Mas, o tático nele se regozij ou.

O prim eiro passo era ter acesso aos pergam inhos da Sociedade antes que o senhor X o encontrasse. Isso significava que precisava de um a conexão com a Internet. O que queria dizer que ia voltar onde estava U.

John deixou o escritório de Wrath e cam inhou pelo corredor para a esquerda, m antendo-se perto de Tohr. Havia portas m ais ou m enos a cada nove m etros, dispostas na parede contrária ao balcão, com o se fosse um hotel. Quantas pessoas

viviam ali?

Tohr se deteve e bateu em um a das portas. Com o não obteve resposta, voltou a bater e disse:

— Phury, cara, tem um segundo?

— Estava m e procurando? — chegou um a profunda voz por trás deles.

Um hom em com um m ontão de bonito cabelo vinha cam inhando pelo corredor. Aquilo em sua cabeça era de todas as cores diferentes, caindo sobre as costas em ondas. Sorriu a John, logo olhou a Tohr.

— Oi, irm ão. — disse Tohr. Logo am bos m udaram , falando no Idiom a Antigo enquanto o hom em abria a porta.

John olhou dentro do dorm itório. Havia um a enorm e e antiga cam a com dossel, com travesseiros alinhados contra a cabeceira esculpida. Montões de elegantes coisas decorativas. O lugar cheirava a Starbucks.

O hom em do cabelo voltou a falar em português e o olhou com um sorriso.

— John, sou Phury. Acredito que am bos irem os ver o m édico esta noite.

Tohr pôs a m ão sobre o om bro de John.

— Então, vej o você depois, certo? Tem o núm ero de m eu celular. Envie-m e um a m ensagem de texto se necessitar de algo.

John assentiu e olhou com o Tohr saía do quarto a pernadas. Ver afastar-se esses am plos om bros o fez sentir m uito sozinho.

Ao m enos, até que Phury disse calidam ente:

— Não se preocupe. Nunca está m uito longe, e cuidarei de você m uito bem .

John olhou para cim a, a esses quentes olhos am arelos. Uau… As coisas eram da cor dos pintassilgos. Quando se deu conta de que estava relaxando, reconheceu o nom e. Este Phury era o hom em que seria um dos seus professores.

— *Bom.* — pensou John.

— Entre. Acabo de chegar, após dar um pequeno recado.

Ao cruzar a porta, o fum egante arom a de café se fez m ais forte.

— Algum a vez fosse ver o Havers?

John negou com a cabeça e descobriu um a poltrona contra um a j anela. Foi para lá e se sentou.

— Bom , não tem nada com o que se preocupar. Assegurarem o-nos de que lhe tratem bem . Assim , suponho, que colheram um a am ostra de sangue?

John assentiu. Tohr lhe havia dito que iriam lhe tirar sangue para fazer um exam e físico. Provavelm ente am bas as coisas fossem boa idéia, dada a paralisia, a queda e o trem or que tinha sofrido no escritório de Wrath.

Tirou seu bloco de papel e escreveu:

— *Por que você vai ao médico?*

Phury se aproxim ou e olhou o que estava escrevendo. Com um ágil giro de seu grande corpo, apoiou um a enorm e bota de vaqueiro na borda da poltrona.

John se afastou um pouco enquanto o hom em arregaçava as calças de couro.

Oh, meu Deus… A parte inferior de sua perna era feita de varinhas e parafusos.

John estendeu a m ão para tocar o reluzente m etal, e olhou para cim a. Não tinha dado conta de que tocava sua garganta até que Phury sorriu.

— Sim , sei tudo a respeito do que significa perder um a parte da gente.

John olhou de volta ao m em bro artificial e sacudiu a cabeça.

— Com o aconteceu? — quando John assentiu, Phury duvidou e logo disse — Arranquei-m e isso com um tiro.

A porta se abriu de repente e a dura voz de um m acho alagou o quarto.

— Preciso saber…

John voltou o olhar enquanto as palavras m orriam . Logo se encolheu novam ente na poltrona.

O hom em que estava na entrada tinha um a cicatriz, o rosto desfigurado por um corte que a atravessava pela m etade. Mas não foi isso o que fez que John quisesse encolher-se fora da vista. Os olhos negros nesse rosto arruinado eram com o som bras de um a casa abandonada, cheia de coisas que provavelm ente lhe m achucariam .

E, para arrem atar, o hom em tinha sangue fresco sobre a perna da calça e sobre a bota esquerda.

Esse olhar cruel se estreitou e olhou diretam ente no rosto de John com o um a

raj ada de ar gelado.

— O que está olhando?

Phury baixou a perna.

— Z…

— Fiz um a pergunta a você, m enino.

John rabiscou no bloco de papel. Escreveu rápido e entregou apressadam ente a folha ao outro hom em , m as de algum a form a isto só piorou a situação.

O disform e lábio superior se levantou, revelando im ponentes presas.

— Vá à m erda, *guri.*

— Pare j á, Z. — interrom peu Phury — É m udo. Não pode falar. — Phury inclinou o bloco de papel para ele — Está se desculpando.

John resistiu ao im pulso de se esconder atrás da poltrona quando ficou exposto à vista. Mas, então a agressividade que irradiava do hom em se suavizou.

— Não pode falar nada?

John sacudiu a cabeça.

— Bom , eu não sei ler. Assim estam os BJ[13] você e eu.

John m oveu rapidam ente sua Bic. Enquanto estendia o bloco de papel a Phury, o m acho de olhar negro franziu o cenho.

— O que o guri escreveu?

— Diz que está bem . Que é bom escutando. Que você pode levar toda a conversa.

Esses olhos sem alm a se afastaram .

— Não tenho nada pra dizer. Agora, com o m erda regulou o term ostato?

— Ah, vinte e um graus. — Phury foi para o outro lado do quarto — O

indicador deve m arcar aqui. Vê?

— Não o girei o suficiente.

— E, deve te assegurar que o interruptor de baixo estej a na extrem a direita.

De outra form a, não im porta onde estej a m arcando o indicador, não esquentará.

— Sim ... Obrigada. E, pode ler para m im o que colocou aqui?

Phury olhou o pedaço de papel.

— É a inform ação para a dose da inj eção.

— Não enche. E, que faço?

— Está intranqüila?

— Agora, não, m as quero que leia isto para m im e diga o que devo fazer.

Preciso ter um a dose preparada caso Havers não possa vir depressa.

Phury tom ou o frasco e desem brulhou a agulha.

— Certo.

— Fez certo. — quando Phury term inou com a seringa, voltou-a a tam par e

logo ficaram a falar no Idiom a Antigo. Logo o cara horripilante perguntou —

Quanto tem po estará ausente?

— Talvez um a hora.

— Então, prim eiro m e faça um favor. Desfaça-se desse sedã no qual a trouxe.

— Já o fiz.

O hom em da cicatriz assentiu e deixou o quarto, fechando a porta.

Phury colocou as m ãos sobre os quadris e olhou o chão.

Logo foi para um a caixa de m ogno que havia sobre a escrivaninha e tirou o que parecia um cigarro. Sustentando o cigarro enganchado na m ão entre o polegar e o indicador, acendeu-o aspirando profundam ente, m antendo a fum aça em seus pulm ões por um m om ento para logo exalar lentam ente, fechando os olhos. Quando exalou, a fum aça cheirava com o um a com binação de grãos de café torrado e chocolate quente. Delicioso.

Quando os m úsculos de John relaxaram , perguntou-se do que era feita essa coisa. Estava seguro de que não era m aconha. Mas, não era um cigarro com um .

— Quem é ele? — escreveu John, e lhe m ostrou o bloco de papel.

— Zsadist. Meu gêm eo. — Phury com eçou a rir brevem ente quando o queixo de John afrouxou — Sim , sei, não nos parecem os m uito. Ao m enos, não agora. Escute, é um pouco sensível, assim provavelm ente queira lhe dar um pouco de espaço.

Não fode, pensou John.

Phury colocou um a cartucheira e pôs um a pistola em um dos lados e um a adaga negra no outro. Foi para um arm ário e voltou usando um j aquetão de couro negro.

Pôs o cigarro ou o que fora em um cinzeiro de prata próxim o à cam a.

— Bom , vam os.

CAPÍTULO XI

Zsadist entrou silenciosam ente em seu quarto. Depois de fixar o term ostato e colocar a seringa sobre a m esa, aproxim ou-se da cam a e se apoiou contra a parede, ficando nas som bras. Ficou suspenso no tem po enquanto se inclinava sobre Bela e apreciou a leve ascensão e descida das m antas que m arcavam sua respiração. Podia sentir os m inutos se transform ando em horas, e m esm o assim

não pôde m over-se, m esm o quando suas pernas se intum esceram .

À luz da vela viu sua pele curar-se frente a seus olhos. Era m ilagroso, os m achucados desvanecendo-se do rosto, o inchaço ao redor dos olhos e os cortes desaparecendo. Graças ao profundo sono em que se achava, seu corpo estava elim inando os danos, e quando sua beleza foi revelada de novo, esteve condenadam ente agradecido. Nas altas esferas em que ela se m ovia, evitariam a um a fêm ea com im perfeições de qualquer classe. Os aristocratas eram assim .

Im aginou o rosto bonito e sem cicatrizes de seu gêm eo e soube que Phury deveria ser quem cuidasse dela. Phury era um perfeito herói, e era óbvio que ela

gostava. Além disso, ela gostaria de despertar ao lado de um m acho assim .

Qualquer fêm ea gostaria.

Então, por que, dem ônios, não a agarrava e a colocava na cam a de Phury ?

Agora m esm o.

Mas, não podia m over-se. E, enquanto a olhava agora que estava sobre os travesseiros que ele nunca tinha usado, entre lençóis que nunca tinha levantado para ele, recordou o passado…

Tinham passado meses desde que o escravo tinha despertado pela primeira vez em seu cativeiro. Neste tempo não havia nada que não lhe tivesse feito, nele ou sobre ele, e havia um ritmo previsível no abuso.

A Mistress estava fascinada por suas partes privadas e sentia a necessidade de mostrá-las a outros machos que ela favorecia. Trazia esses forasteiros à cela, tirava o bálsamo, e o mostrava como um cavalo premiado. Ele sabia que era para manter os outros inseguros, já que podia ver o prazer em seus olhos quando os machos sacudiam suas cabeças com assombro.

Quando as inevitáveis violações começaram, o escravo fez todo o possível para sair de sua pele e ossos. Era muito mais suportável quando podia elevar-se no ar, e subia mais alto e mais alto até que ricocheteava ao chegar ao teto, uma nuvem dele mesmo. Se tivesse sorte, podia transformar-se completamente e só flutuar, lhes vendo de acima, recreando-se sendo a testemunha da humilhação, dor

e degradação de alguém mais. Mas, nem sempre funcionava. Às vezes, não podia liberar-se, e era forçado a suportá-lo.

A Mistress sempre teve que usar o bálsamo sobre ele, e ultimamente tinha notado algo estranho: inclusive quando estava preso em seu corpo e tudo o que lhe faziam era intenso, mesmo que os sons e os aromas se aninhassem como rato em seu cérebro, havia um deslocamento curioso debaixo de sua cintura. O que fosse que sentisse ali embaixo era registrado como um eco, como algo separado do resto dele. Era estranho, mas estava agradecido. Qualquer classe de intumescimento era bom.

Sempre que o deixavam só, trabalhava para aprender a controlar os enormes músculos e ossos de depois da transição. Ele o obteve, e tinha atacado aos guardas várias vezes, totalmente persistente em seus atos de agressão. Na verdade, já não sabia se conhecia aqueles machos que o vigiavam, os que sentiam tanta repugnância pela sua tarefa: seus rostos lhe eram familiares como figuras de sonho, só restos nebulosos de uma vida desgraçada da que deveria ter desfrutado mais.

Cada vez que o tinha feito, tinha sido golpeado durante horas, embora só sobre as palmas das mãos e as plantas dos pés, porque a Mistress gostava que se mantivesse agradável à vista. Como conseqüência de sua agressividade, agora era vigiado por um grupo rotatório de guerreiros, todos usavam cota de malha se por acaso entrasse em sua cela. Além disso, a plataforma do leito agora tinha

algemas

embutidas que podiam ser abertas pelo lado de fora, de modo que depois que tivesse sido usado, os guardas não tinham que pôr suas vidas em perigo ao soltá-lo.

E, quando a Mistress queria vir, era drogado até a submissão fosse por seu alimento ou por dardos que lhe disparavam por uma fissura na porta.

Os dias passavam devagar. Estava concentrado em encontrar a debilidade nos guardas e em afastar-se tanto como pudesse da depravação… Quando, na realidade, já estava morto. E, tão morto que inclusive quando estivesse longe da Mistress, em realidade nunca estaria vivo outra vez.

O escravo comia na cela, tratando de conservar as forças para o seguinte enfrentamento com os guardas, quando viu que o painel se abria e um tubo oco aparecia. Saltou, embora não houvesse onde esconder-se, sentiu a primeira picada no pescoço. Tirou o dardo tão rápido como pôde, mas foi atingido por outro

e logo outro até que seu corpo ficou pesado.

Despertou sobre o leito, com os grilhões postos.

A Mistress estava sentada diretamente a seu lado, a cabeça baixa, o cabelo lhe cobrindo o rosto. Como se soubesse que estava consciente, pousou seu olhar no dele.

— Ficarei noiva.

Ah, doce Virgem do Fade, as palavras que tinha desejado escutar. Seria livre agora, já que ela não necessitaria a nenhum escravo de sangue se tinha um

hellren. Poderia voltar para seus deveres na cozinha… O escravo se obrigou a dirigir-se a ela com respeito, embora para ele fosse uma fêmea indigna.

— Mistress, me deixará ir?

Só houve silêncio.

— Por favor, deixe-me ir. — disse ele grosseiramente. Considerando tudo pelo que tinha passado, deixar seu orgulho de lado pela possibilidade de ser livre era um sacrifício fácil.

— Rogo, Mistress, me libere deste confinamento. — quando ela o olhou, havia lágrimas em seus olhos.

— Averiguo que não posso… Tenho que te manter. Devo te manter.

Ele começou a lutar, e quanto mais forte lutava contra as ataduras, mais crescia o olhar de amor sobre seu rosto.

— É tão magnífico. — disse, baixando as mãos para tocá-lo entre as pernas.

Seu rosto era… Melancólico, quase de adoração — Nunca vi um macho como você. Se não estivesse tão abaixo de mim… Mostraria sua face em minha corte como meu consorte.

Viu seu braço mover-se devagar acima e abaixo e soube que devia estar trabalhando essa corda de carne que tanto a interessava. Felizmente, não podia senti-lo.

— Deixe ir…

— Nunca te endurece sem o bálsamo. — murmurou com voz triste — E, nunca encontra a liberação. Por quê?

Acariciou-lhe com mais força até que sentiu que lhe queimava abaixo onde ela o tocava. Havia frustração em seus olhos, obscurecendo-os.

— Por quê? Por que não me quer? — quando ficou em silencioso, ela deu um puxão em sua parte masculina — Sou bonita.

— Só para os outros. — disse antes de poder deter as palavras.

Seu fôlego se deteve, como se a tivesse afogado com suas próprias mãos.

Então, seus olhos se deslizaram sobre seu estômago e do peito ao rosto. Ainda estavam brilhantes com lágrimas, mas a raiva também os enchia.

A Mistress levantou da cama e o olhou. Então, lhe esbofeteou com a mão tão forte que devia ter machucado a palma. Enquanto cuspia sangue, perguntou-se s um de seus dentes não iria junto.

Enquanto seus olhos lhe perfuravam, esteve seguro de que faria com que o matassem, e a calma se apoderou dele. Ao menos o sofrimento terminaria então. A morte… A morte seria gloriosa.

Bruscamente lhe sorriu, como se conhecesse seus pensamentos, como se tivesse esticado a mão e os tivesse tirado dele, como se os tivesse roubado tal como tinha roubado seu corpo.

— Não, não te enviarei ao Fade.

Inclinou-se e beijou um de seus mamilos, logo o sugou em sua boca. Sua mão foi à deriva sobre suas costelas, logo a seu ventre.

Sua língua revoou sobre sua carne.

— Está esgotado. Tem que te alimentar, verdade?

Desceu por seu corpo, beijando e chupando. E, logo, rapidamente, ocorreu. O bálsamo. Ela colocando-se sobre ele. Aquela horrível união de seus corpos.

Quando fechou os olhos e girou a cabeça, ela o golpeou com a mão uma vez…

Duas vezes… Muitas vezes mais. Mas, se recusou a olhá-la, e ela não era forte o bastante para girar seu rosto, inclusive quando lhe agarrou por uma das orelhas.

Enquanto se negava a olhá-la, o gemido cresceu, tão ruidoso como o som de sua carne contra seus quadris. Quando terminou, foi-se em um redemoinho de seda, e não muito tempo depois disso foi liberado das algemas.

O escravo se levantou sobre o antebraço e limpou sua boca. Olhando o sangue em sua mão, surpreendeu-lhe que continuasse sendo vermelho. Sentia-se tão sujo que não estranharia que fosse algum tipo de marrom ferrugento.

Desceu da cama, ainda enjoado pelos dardos, e encontrou a esquina a qual sempre ia. Sentou-se com as costas para a junção das paredes e encolheu as pernas para cima, contra o peito, de modo que os tornozelos estivessem apertados

contra suas partes masculinas.

Algum tempo depois, escutou uma luta fora de sua cela, e logo os guardas empurraram a uma fêmea pequena para dentro. Ela caiu em um montão, mas se lançou à porta quando esta se fechou.

— Por quê? — gritou ela — Por que me castigam?

O escravo se levantou, sem saber o que fazer. Não tinha visto uma fêmea com exceção da Mistress desde que tinha despertado no cativeiro. Esta era uma criad ou algo assim. Recordou-a de antes…

A fome de sangue despertou nele quando captou seu aroma. Depois de tudo o que a Mistress lhe tinha feito, não podia vê-la como alguém de quem beber, mas esta fêmea diminuta era diferente. De repente, estava morto de sede, as necessidades de seu corpo emergindo como um coro de gritos e demandas. Deu uns poucos passos cambaleantes para a criada, sentindo só o instinto.

A fêmea golpeou a porta, mas então pareceu notar que não estava sozinha. Quando se voltou e viu com quem a tinham encerrado, gritou.

O escravo quase foi superado por seu impulso de beber, mas se forçou a ir para longe dela e voltou de novo para onde tinha estado. Agachou-se, envolvend os braços ao redor de seu trêmulo corpo nu para mantê-lo no lugar. Voltando o rosto para a parede, tentou respirar… E, se encontrou a beira do pranto pelo animal ao que o tinham reduzido.

Um pouco depois, a mulher deixou de gritar, e depois de mais um tempo ainda, disse:

— É você, verdade? O moço da cozinha, que levava a cerveja.

Assentiu com a cabeça, sem olhá-la.

— Tinha ouvido rumores de que haviam lhe trazido aqui, mas eu… Acreditei

quando disseram que tinha morrido durante sua transição. — houve uma pausa —

É muito grande. Como um guerreiro. Por quê?

Ele não tinha nem idéia. Nem sequer sabia que aspecto tinha, pois não havia espelho na cela.

A fêmea se aproximou cautelosamente. Quando a olhou, ela estava olhando suas listras tatuadas.

— Na verdade, o que lhe fazem aqui? — sussurrou ela — Dizem que… Coisas terríveis são feitas ao varão que mora neste lugar.

Quando não disse nada, ela se sentou a seu lado e lhe tocou brandamente o braço. Ele estremeceu com o contato e então se deu conta que o acalmava.

— Estou aqui para te alimentar, não é assim? Essa é a razão pela qual me trouxeram. —depois de um momento lhe separou a mão ao redor de sua perna e lhe pôs seu pulso na palma.

— Deve beber. — então ele chorou, chorou por sua generosidade, por sua amabilidade, pela sensação de sua mão tenra enquanto esfregava seu ombro… C único toque ao qual tinha dado boas-vindas em… Sempre. Finalmente lhe aperto o pulso contra sua boca.

Embora suas presas saíssem e ele a desejou, não fez nada, só beijar sua tenra pele e rechaçá-la. Como poderia tirar dela o que era tomado regularmente dele? Ela o oferecia, mas a estavam forçando a fazê-lo, prisioneira da Mistress justo como ele era.

Os guardas entraram mais tarde. Quando a encontraram embalando-o, surpreenderam-se, mas não foram duros com ela. Enquanto se iam, olharam ao escravo, com preocupação em seus rostos.

Momentos mais tarde, os dardos vieram a ele, tantos pela porta que era como se o houvessem coberto com cimento. Enquanto se deslizava para a inconsciência, pensou vagamente que a natureza frenética do ataque não era de bom agouro.

Quando despertou, a Mistress estava de pé sobre ele, furiosa. Havia algo em sua mão, mas não podia ver o que era.

— Pensa que é muito bom para os presentes que te dou?

A porta se abriu e o corpo brando da jovem fêmea foi jogado. Enquanto os guardas saíam, caiu pesadamente ao chão como um trapo. Morta.

O escravo gritou em sua fúria, o rugido ricocheteando nas paredes de pedra da cela, como um trovão amplificado. Puxou a corrente de aço até que o corte lh chegou ao osso, até que um dos postes se rachou com um ruído… E, ainda gritava.

Os guardas se afastaram. Inclusive a Mistress pareceu insegura da fúria que tinha desatado. Mas, como sempre, não passou muito tempo antes que tomasse o comando.

— Deixem. — gritou aos guardas.

Esperou até que o escravo se esgotou. Então, se inclinou para ele, só para ficar pálida.

— Seus olhos. — sussurrou olhando-o — Seus olhos…

Por um momento, pareceu assustada com ele, mas então se cobriu com uma capa de majestoso autodomínio.

— As fêmeas que te ofereço? Beberá delas. — jogou uma olhada ao corpo sem vida da criada — E, é melhor que não deixe que lhe consolem, ou farei isto outra vez. É meu e de ninguém mais.

— Não beberei. — gritou — Nunca!

Deu um passo atrás.

— Não seja ridículo, escravo.

Ele mostrou suas presas e vaiou.

— Olhe-me, Mistress. Observe como me enfraqueço!

Gritou a última palavra, sua retumbante voz enchendo o quarto. Enquanto ela estava rígida de fúria, a porta voou aberta e os guardas entraram com as espadas

para fora.

— Deixem-nos. — grunhiu, a face vermelha, o corpo tremendo.

Levantou a mão e havia uma vara nela. Com uma sacudida brusca do braço, golpeou com a arma que cruzou o peito do escravo. Sua carne se rasgou e sangrou, e ele riu dela.

— Outra vez. — gritou — Faz outra vez. Não senti, é tão débil!

Algum grilhão se arrebentou em seu interior, e as palavras não paravam…

Insultou-a enquanto o açoitava até que a plataforma do leito fluía com o que tinha

estado em suas veias. Quando finalmente não pôde levantar mais o braço, ofegava

e estava salpicada de sangue e suor. Ele estava concentrado, gelado, tranqüilo, a

pesar da dor. Embora fosse ele quem tinha sido golpeado, ela era a que tinha se

quebrado primeiro.

Sua cabeça caiu para baixo, como em submissão, enquanto arrastava o fôlego

por seus lábios brancos.

— Guarda. — chamou com voz rouca — Guarda!

A porta se abriu. O macho uniformizado que entrou vacilou quando viu o que

tinha sido feito, o soldado empalideceu e oscilou em suas botas.

— Sustente a cabeça dele. — a voz da Mistress era aguda enquanto deixava a va cair — Disse que sustentasse sua cabeça. Agora.

O guarda tropeçou, apressando-se sobre o chão escorregadio. Então, o

escravo sentiu uma palma carnuda em sua testa.

A Mistress se inclinou sobre o corpo do escravo, ainda respirando com força.

— Não te… Permito… Morrer.

Sua mão encontrou sua carne masculina e logo passou aos pesos gêmeos

abaixo. Apertou e retorceu, fazendo com que seu corpo inteiro tivesse espasmos.

Enquanto ele gritava, ela mordeu seu pulso e o sustentou sobre sua boca aberta,

sangrou.

Z se afastou da cam a. Não queria pensar na Mistress na presença de Bela…

Com o se todo aquele m al pudesse escapar de sua m ente e colocá-la em perigo enquanto dorm ia e se curava.

Aproxim ou-se da plataform a e com preendeu que estava curiosam ente cansado. Esgotado, na realidade.

Enquanto se esticava no chão, sua perna palpitou m alditam ente.

Deus, tinha esquecido que tinha levado um tiro. Tirou as botas de com bate, as calças e acendeu um a vela ao lado para ilum inar. Levantando e girando a perna, inspecionou a ferida sobre sua panturrilha. Havia um buraco de entrada e outro de saída, assim sabia que a bala tinha transfixado. Viveria.

Apagou a vela com um sopro, cobriu os quadris com as calças, e deitou.

Abrindo-se à dor de seu corpo, converteu-se em um recipiente para a agonia, recolhendo todos os m atizes de suas dores e ardências.

Ouviu um barulho estranho, com o um pequeno grito. O som se repetiu, e logo Bela com eçou a lutar sobre a cam a, os lençóis rangendo com o se estivesse sacudindo-se.

Levantou do chão e se aproxim ou, j usto quando ela inclinou a cabeça para ele e abriu os olhos.

Piscou, olhou-o… E, gritou.

CAPÍTULO XII

— Quer com er algo, am igo?

Disse Phury a John enquanto cam inhavam para a m ansão. O m enino parecia cansado, m as qualquer um estaria. Ser pinçado e cravado era duro. Ele m esm o se sentia um trapo.

Quando John sacudiu a cabeça e a porta do vestíbulo se fechou, Tohr vinha descendo a escada apressado, com aspecto de um pai nervoso. Apesar de Phury ter ligado e lhe dado um relatório a cam inho de casa.

A visita a Havers tinha ido bem . A pesar do ataque, John estava saudável, e os resultados dos exam es de linhagem estariam disponíveis logo. Com sorte, encontrariam algum a coincidência com seus ancestrais, e isto aj udaria John a encontrar sua fam ília. Assim não havia nenhum m otivo de preocupação.

De todos os m odos, Tohr pôs o braço ao redor dos om bros do m oço e o m enino relaxou. Um a espécie de com unicação olho a olho ocorreu, e o irm ão disse:

— Acredito que te levarei para casa.

John assentiu e fez alguns gestos. Tohr levantou os olhos.

— Diz que se esqueceu de perguntar com o está sua perna.

Phury levantou o j oelho e tocou a panturrilha.

— Melhor, obrigado. Cuide-se, John, certo?

Observou com o os dois desapareciam pela porta sob a escada.

Que bom m enino, pensou, e graças a Deus que o tinham encontrado antes de sua transição.

Um grito fem inino rasgou o vestíbulo, com o se o som estivesse vivo e tivesse caído m artelando o balcão.

A coluna vertebral de Phury congelou. Bela.

Precipitou-se ao segundo andar e correu pelo corredor de estátuas. Quando abriu a porta de Zsadist, a luz espalhou-se pelo quarto e ele gravou a cena em sua

m em ória im ediatam ente: Bela sobre a cam a, encolhida contra a cabeceira, o lençol apertado contra a sua garganta. Z agachado diante dela, as m ãos levantadas, nu da cintura para abaixo.

Phury perdeu o controle e se lançou para Zsadist, agarrando seu gêm eo pela garganta e j ogando-o contra a parede.

— O que acontece com você? — gritou enquanto batia Z contra a parede — Maldito anim al! — Z não se defendeu quando o golpeou outra vez.

— Saia. Saia daqui. — foi tudo que disse.

Rhage e Wrath irrom peram no quarto. Am bos com eçaram a falar, m as Phury não podia ouvir nada exceto o rugido em seus ouvidos. Nunca tinha odiado

Z antes. Tinha sido tolerante a tudo devido ao que ele tinha passado. Mas ir atrás de Bela…

— Maldito doente. — gritou Phury. Em purrando aquele duro corpo à parede um a vez m ais — Maldito doente… Deus, repugna-m e.

Z sim plesm ente o olhava, seus olhos negros com o o asfalto, opacos e sem

vida.

De repente os enorm es braços de Rhage os prenderam com o um a arm adilha, unindo-os em um esm agante abraço de urso. Em um sussurro, o irm ão disse:

— Bela não precisa disto agora, rapazes.

Phury dim inuiu seu aperto e recobrou-se. Aj eitando o casaco em seu lugar, disse bruscam ente:

— Tirem ele daqui até que a rem ovam os.

Deus, trem ia tanto que quase hiperventilava. E, a ira não lhe abandonava, inclusive enquanto Z abandonava o quarto voluntariam ente, com o Rhage em seus calcanhares.

Phury esclareceu garganta e olhou a Wrath.

— Meu senhor, perm ite-m e atendê-la em privado?

— Sim , claro. — a voz de Wrath era um desagradável grunhido enquanto m ovia-se para porta — E, nos assegurarem os que Z não volte por um tem po.

Phury olhou Bela. Trem ia enquanto piscava e lim pava seus olhos. Quando se aproxim ou, ela se encolheu contra os travesseiros.

— Bela, sou eu, Phury.

Seu corpo relaxou um pouco.

— Phury ?

— Sim , sou eu.

— Não posso ver. — sua voz trem ia com o o inferno — Não posso…

— Sei, é o rem édio. Deixe pegar algo para lim pá-lo.

Entrou no banheiro e voltou com um pano úm ido, im aginando que precisava olhar a seu redor m ais do que necessitava do ungüento.

Ela estrem eceu quando ele a segurou pelo queixo.

— Tranqüila, Bela… — quando pôs o pano sobre seus olhos, debateu-se e logo o segurou.

— Não, não… Baixe suas m ãos. Eu o tirarei.

— Phury ? — disse com voz rouca — É você?

— Sim , sou eu. — sentou-se na borda da cam a — Está no recinto da Irm andade. Trouxeram -lhe aqui faz aproxim adam ente sete horas. Sua fam ília foi inform ada de que está a salvo, e quando desej ar pode cham á-los.

Quando ela pôs sua m ão no seu braço dele, ele congelou. Com um toque inseguro, apalpou desde seu om bro até o pescoço, logo tocou seu rosto e finalm ente o cabelo. Sorriu um pouco quando sentiu as grosas ondas e então levou algum as a seu nariz. Respirou profundam ente e pôs a outra m ão em sua perna.

— Realm ente é você. Lem bro do arom a de seu xam pu.

A proxim idade e o contato faiscaram através da roupa e da pele de Phury, entrando diretam ente em seu sangue. Sentia-se um bastardo por sentir algo sexual, m as não podia parar seu corpo. Especialm ente, quando acariciou seu com prido cabelo até tocar seu peito.

Seus lábios se abriram , sua respiração tornou-se superficial. Desej ou arrastá-la contra seu peito e sustentá-la apertada. Não pelo sexo, em bora fosse verdade que seu corpo a desej ava. Não, agora precisava sentir seu calor e assegurar-se de que estava viva.

— Deixe-m e cuidar de seus olhos. — disse. Jesus, sua voz era profunda.

Quando ela assentiu, lim pou cuidadosam ente suas pálpebras.

— Com o está?

Piscou. Sorriu um pouco e pôs a m ão em seu rosto.

— Posso ver-te m elhor agora. — m as então franziu o cenho — Com o saí de lá? Não posso recordar nada, exceto... Deixei o outro civil fugir e David retornou.

E, depois estava em um carro. Ou foi um sonho? Sonhei que Zsadist m e salvava.

Ele fez isso?

Phury não estava com vontade de falar de seu irm ão, tangencialm ente.

Levantou-se e deixou o pano m olhado na m esinha de cabeceira.

— Vam os, levarei você a seu quarto.

— Onde estou agora? — olhou ao redor, e então ficou boquiaberta — Este é o quarto de Zsadist.

Com o infernos sabia?

— Vam os.

— Onde está? Onde está Zsadist? — a urgência se filtrava em sua voz —

Preciso vê-lo. Necessito…

— Levarei você a seu quarto…

— Não! Quero ficar…

Estava tão agitada que decidiu não seguir tentando falar com ela. Retirou as cobertas para aj udá-la a levantar-se...

Droga, estava nua. Deu um puxão nas cobertas novam ente e as pôs no lugar.

— Ah! Perdão... — levou um a m ão ao cabelo. *Oh, Deus...* As graciosas linhas de seu corpo eram algo que nunca ia esquecer — Deixe-m e... Um , deixe-m e conseguir algo para você vestir.

Foi ao arm ário de Z e ficou atônito por quanto vazio estava. Não havia nem sequer um roupão para cobri-la, e m aldito fosse se colocasse nela um a das cam isas de luta de seu irm ão. Tirou a j aqueta de couro e cam inhou para ela outra vez.

— Virarei enquanto veste isto. Encontrarem os um roupão para você…

— Não m e leve para longe dele. — sua voz se quebrou ao lhe suplicar — Por favor. Deve ter sido ele quem estava parado ao lado da cam a. Não sabia, não podia ver. Mas, devia ser ele.

Seguro com o o inferno que era ele. E, o bastardo tinha estado nu com o o pecado e preparado para saltar sobre ela. Em vista de tudo pelo que tinha passado, era um a vergonha. Hom em ... Há anos Phury tinha pego Z fazendo sexo

em um beco com um a prostituta. Não tinha sido bonito, e a idéia de Bela passando por isso o pôs doente.

— Ponha a j aqueta. — Phury virou-se — Aqui, você não fica. — quando finalm ente a ouviu m exer na roupa de cam a e o ruído do couro, respirou profundam ente — Está decente?

— Sim , m as não quero ir.

Olhou sobre seu om bro. Via-se dim inuta na j aqueta que ele sem pre vestia, seu com prido cabelo castanho caindo ao redor de seus om bros, as pontas frisadas

com o se os tivesse lavado e secaram sem ser escovados. Im aginou ela na banheira, com água lim pa correndo sobre sua pele pálida.

E, então viu Zsadist surgindo am eaçador sobre ela, olhando-a com olhos negros sem alm a, desej ando transar com ela, provavelm ente só porque estava assustava. Sim , seu m edo seria o que lhe excitaria. Era bem sabido que o terror em um a fêm ea lhe excitava m ais que algo encantado ou quente ou digno.

Tire ela daqui, pensou Phury. *Agora.*

Sua voz ficou trêm ula.

— Pode cam inhar?

— Estou enj oada.

— Levarei você. — aproxim ou-se, incapaz de acreditar que ia pôr os braços ao redor de seu corpo. Mas, então j á estava acontecendo... Deslizou a m ão ao

redor de sua cintura e chegou em baixo, pegando-a por trás dos j oelhos. Notando

apenas seu peso, seus m úsculos aceitando-o facilm ente.

Enquanto cam inhava à porta ela relaxou contra ele, pondo a cabeça em seu

om bro, agarrando sua cam isa com m ão.

Oh... Doce Virgem. Isto era tão bom.

Phury a levou pelo corredor ao outro lado da casa, ao quarto contíguo ao seu.

John estava em piloto autom ático quando ele e Tohr deixaram as instalações

de treinam ento e cam inharam através do estacionam ento onde tinham deixado o

Range Rover. Seus passos ecoavam no baixo teto de concreto, ricocheteando

através do espaço vazio.

— Sei que tem que ir buscar o resultado. — disse Tohr quando chegavam ao

SUV — Desta vez vou contigo, aconteça o que acontecer.

Na realidade, John desej ava poder ir sozinho.

— Qual é o problem a, filho? Está zangado porque não te levei esta noite? —

John pôs a m ão no braço de Tohr e sacudiu a cabeça vigorosam ente.

— Bom , só queria estar seguro.

John olhou ao longe, desej ando não ter ido nunca ao doutor. Ou pelo m enos

quando esteve ali, ter m antido a boca fechada. Infernos. Não deveria haver dito

nenhum a palavra sobre o que tinha lhe acontecido no ano passado. O problem a

foi, que depois de todas as perguntas sobre sua saúde, tinha estado em m odo

“respostas”. Assim , quando o doutor tinha perguntado por sua história sexual, ele

se referiu à coisa que aconteceu em j aneiro. Pergunta. Resposta. Com o todas as

dem ais... Quase.

Por um m om ento se sentiu aliviado. Nunca tinha ido ao m édico nem nada

antes, e no fundo de sua m ente sem pre tinha estado preocupado a respeito do que

talvez devesse ter feito. Im aginou que ao m enos ao j ustificar-se conseguiria que

lhe fizessem um a verificação com pleta e dessa form a acabar de um a vez por

todas com o assunto do ataque. Em vez disso, o doutor tinha com eçado a falar a

respeito de fazer um a terapia e da necessidade de falar sobre a experiência.

Com o se desej asse revivê-la? Tinha passado m eses tentando enterrar a

m aldita coisa, assim de m aneira nenhum a desenterraria esse cadáver em

decom posição. Havia custado m uito enterrá-lo.

— Filho? O que aconteceu? — não iria ver nenhum terapeuta. Traum a do

passado. *Que se foda.*

John tirou seu bloco e escreveu:

— *Cansado.*

— Certeza? — assentiu com a cabeça e olhou Tohr para que o hom em

pensasse que não m entia. Enquanto isso, encolhia-se por dentro. O que Thor

pensaria se soubesse o que tinha acontecido? Os verdadeiros hom ens não

perm itiam que lhes fizessem isso sem im portar que tipos de arm a tivessem contra suas gargantas.

John escreveu:

— *A próxima vez vou ao Haver sozinho, ok?*

Tohr franziu o cenho.

— Ah... Isso não é m uito inteligente, filho. Você precisa de um guardião.

— *Então, deve ser outro. Você não.* — John não podia olhar Tohr quando m ostrou o papel. Houve um longo silêncio.

A voz de Tohr ficou m uito baixa.

— OK. Isso... Ah, isso está m uito bom . Possivelm ente, Butch possa te levar.

John fechou os olhos e exalou. Quem quer que fosse este Butch lhe serviria.

Tohr arrancou o carro.

— Com o queira, John.

John. Não filho.

Enquanto saíam , tudo o que ele podia pensar era, *querido Deus, não deixe que Tohr descubra nunca, por favor.*

CAPÍTULO XIII

Enquanto Bela desligava o telefone, rondou-lhe o pensam ento de que o que estava ocorrendo no interior de seu peito era tão explosivo, que ia partir ela em pedacinhos a qualquer m om ento. Não havia m aneira de que seus delicados ossos

e sua frágil pele suportassem o tipo de em oção que estava sentindo.

Com desespero, olhou ao redor do quarto, vendo os indefinidos e im precisos perfis de pinturas a óleo, m óveis antigos e abaj ures feitos de vasos orientais e… Phury olhando-a de um a poltrona.

Recordou que igual a sua m ãe, era um a dam a. Assim , ao m enos devia fingir que tinha algum autocontrole. Clareou a garganta.

— Obrigado por ficar aqui enquanto ligava a m inha fam ília.

— De nada.

— Minha m ãe ficou... Muito aliviada por ouvir m inha voz.

— Posso im aginar.

Bom , ao m enos sua m ãe havia dito palavras tranqüilizantes. Seu afeto havia sido tão suave e calm o com o sem pre. Deus… Ela era um lago de águas calm as.

Inalterável ante os acontecim entos terrenos por m ais cruéis que fossem . E, tudo pela sua devoção a Virgem Escriba. Para sua m ãe, tudo ocorria por algum a razão... Inclusive, nada lhe parecia verdadeiram ente im portante.

— Minha m ãe… Ficou m uito aliviada. Ela… — Bela se deteve.

Já havia dito essas m esm as palavras, verdade?

— Mam ãe ficou… Realm ente ficou… Ficou aliviada.

Mas, teria aj udado se ao m enos ela não tivesse sufocado seus sentim entos. Ou tivesse m ostrado algo que não fosse a beata aceitação da espiritualidade

ilustrada.

Por Deus, a fêm ea tinha enterrado a sua filha e tinha sido testem unha de sua ressurreição. Caberia pensar que m ostrasse algum tipo de reação em ocional. Em troca, foi com o se tivessem se falado um dia antes, e nada das seis sem anas passadas tivessem ocorrido.

Bela olhou para o telefone. Abraçando-se ao estôm ago.

Sem nenhum a advertência do que ia ocorrer, desm oronou-se. Os soluços saíram dela com o espasm os: rápidos, duros, sacudindo-a com sua ferocidade.

A cam a se inclinou e uns fortes braços a rodearam . Ela lutou contra a atração, pensando que um guerreiro não quereria lidar com tal torpe debilidade.

— Perdoe-m e…

— Está bem , Bela. Apóie-te em m im .

Oh, demônios.… Ela se deixou cair contra Phury, deslizando seus braços por sua m agra cintura. Seu com prido e form oso cabelo lhe fez cócegas no nariz e cheirava tão bem que era m aravilhoso tê-lo sob seu rosto. Enterrou-se nele, respirando profundam ente.

Quando finalm ente se acalm ou, se sentiu m ais leve, m as não era agradável. As furiosas em oções a atingiram em cheio, tinham -lhe dado curvas e peso. Agora, que sua pele não era m ais que um a peneira, estava filtrando-se, convertendo-se em ar… Convertendo-se em nada.

Queria desaparecer.

Inalou e se separou do abraço de Phury. Piscando rapidam ente, tentou enfocar o olhar, m as o atordoam ento produzido pelo ungüento persistia. Deus, o que tinha feito aquele lesser? Tinha a sensação de que tinha sido m au...

Ela levantou as pálpebras.

— O que ele m e fez?

Phury só sacudiu a cabeça.

— Foi tão ruim ?

— Acabou. Está a salvo. Isso é tudo o que im porta.

Não sinto nada disso sobre m im , pensou ela.

Mas, então Phury sorriu, seu olhar am arelo incrivelm ente terno, um bálsam o que a tranqüilizou.

— Seria m ais fácil se estivesse em sua casa? Porque se quiser, encontrarem os um a m aneira de te levar, em bora o am anhecer estej a m uito próxim o.

Bela lem brou-se de sua m ãe e não pôde im aginar-se na m esm a casa que essa fêm ea. Não precisam ente agora. E, indo m ais fundo na questão, havia Rehvenge. Se seu irm ão a visse com qualquer tipo de ferida, ia ficar louco, e o últim o que ela precisava era que ficasse em pé de guerra contra os lessers. Queria que a violência term inasse. Por isso no que a ela concernia, David podia ir para o inferno neste m esm o m om ento, contudo não queria que ninguém a

quem am ava arriscasse sua vida por enviá-lo ali.

— Não, não quero ir para casa. Não até que estej a com pletam ente curada. E, estou m uito cansada… — sua voz foi debilitando-se enquanto olhava os travesseiros.

Depois de um m om ento, Phury se levantou.

— Estou na porta do lado, se m e necessitar.

— Quer que te devolva o casaco?

— Oh, sim … Deixe-m e ver se há um roupão aí. — ele desapareceu em um arm ário e voltou com um roupão de cetim negro pendurado no braço — Fritz abastece este quarto de convidados para hom ens, assim provavelm ente é m uito grande.

Ela agarrou o roupão e ele se virou. Quando encolheu os om bros para tirar o pesado casaco de pele o ar a esfriou, assim se envolveu rapidam ente no roupão.

— Está bem . — disse ela, agradecida por sua discrição.

Quando Phury virou para ela, pôs-lhe o casaco nas m ãos.

— Sem pre estou te dando obrigado, não? – m urm urou ela.

Ele a olhou durante um longo m om ento. Então, lentam ente levantou seu casaco até o rosto e aspirou profundam ente.

— É… — sua voz decaiu. Deixou escorregar o couro a um lado e um a curiosa expressão apareceu em seu rosto.

Realm ente, não, isso não era um a expressão. Era um a m áscara. Ele tinha se

escondido.

— Phury ?

— Estou contente de que estej a conosco. Tente dorm ir um pouco. E, se puder, com e o que te trouxe. — a porta se fechou depois, sem fazer nenhum ruído.

A volta à casa de Tohr foi em baraçosa, e John passou o tem po olhando pela j anela. O celular de Tohr tocou duas vezes. Am bas as conversas foram no Idiom a Antigo, e o nom e de Zsadist se m encionou várias vezes.

Quando viraram para o cam inho da entrava, um carro desconhecido tinha estacionado. Um Volkswagen Jetta verm elho. Ainda assim , Tohr não pareceu surpreso e passou facilm ente a seu lado e entrou na garagem .

Parou o m otor do Range Rover e abriu a porta.

— Por certo, as aulas com eçam depois de am anhã.

John levantou os olhos enquanto desabotoava o cinto de segurança.

— *Já?* — gesticulou ele.

— Tivem os a últim a inscrição para treinam ento esta noite. Estam os preparados para com eçar.

Os dois cruzaram a garagem em silêncio. Tohr ia à frente, seus largos om bros m ovendo-se com os longos passos que dava. A cabeça do hom em ia baixa, com o se estivesse contando buracos no chão de concreto.

John parou e assobiou.

Tohr dim inuiu o passo e depois parou.

— Sim ? — disse com tranqüilidade.

John pegou seu bloco de notas, escreveu algo rapidam ente e o m ostrou.

As sobrancelhas de Tohr baixaram enquanto lia.

— Não há nada pelo que estar arrependido. O que sej a, contanto que fique

côm odo.

John se adiantou e apertou o bíceps do hom em . Tohr sacudiu a cabeça.

— Está tudo bem . Vam os, não quero que fique na friagem aqui fora. — o

hom em olhou quando John não se m oveu — Ah, dem ônios… Só estou… Estou

aqui por você. Isso é tudo.

John pôs a caneta sobre o papel.

— *Não o duvidei nem por um momento. Nunca.*

— Bom . Não deveria. Para m im , sinto com o se fosse seu… — houve um a

pausa enquanto Tohr passava o polegar de um lado a outro da testa — Olhe, não

quero te perturbar. Vam os entrar.

Antes que John lhe pedisse que term inasse a frase, Tohr abriu a porta da casa.

A voz de Wellsie chegou… Assim , com o a de outra m ulher. John franziu o cenho

enquanto virava para a cozinha. E, então parou em seco enquanto um a m ulher

loira o olhava sobre seu om bro.

Oh… Uau!

Tinha o cabelo cortado à altura da m andíbula e seus olhos eram da cor das folhas novas. Aquele j eans de cintura baixa que vestia tinha o cós tão baixo na cintura… Deus, podia ver seu um bigo e quase um a polegada em baixo dele. E seu

pulôver negro de gola virada era… Bom , posto assim podia dizer exatam ente o quanto seu corpo era perfeito.

Wellsie sorriu.

— Meninos, chegam bem a tem po. John, esta é m inha prim a Sarelle. Sarelle, este é John.

— Olá, John. — a fêm ea sorriu.

Presas. Oh, sim. Olhe essas presas.… Algo passou com o um a brisa quente por sua pele, deixando-o trem ente dos pés à cabeça. Saindo de sua confusão, abriu a boca. Então pensou, uh-huh, bom . Com o se algo fosse sair de seu buraco inútil. Enquanto ruborizava com o um dem ônio e se aproxim ava, levantou a m ão em um a saudação.

— Sarelle está m e aj udando com o festival de inverno, — disse Wellsie — e ficará para um lanche antes que am anheça. Por que não põem a m esa vocês dois?

Enquanto Sarelle sorria de novo, esse agradável form igam ento se fez m ais forte, sentiu-se com o se fosse levitar.

— John? Quer aj udar a pôr a m esa? — sugeriu Wellsie.

Ele assentiu. E, tentou recordar onde estavam as facas e os garfos.

Os faróis de O oscilaram em frente da cabana do Senhor X. A pequena cam inhonete do Fore-lesser estava estacionada à direita, j unto à porta. O parou seu cam inhão atrás do Town & Country, bloqueando-o.

Quando saiu e o ar frio entrou em seus pulm ões, ficou consciente de que se encontrava na área. Apesar do que estava a ponto de fazer, suas em oções repousavam com o suaves plum as em seu peito, tudo arrum ado, nada fora do lugar. Seu corpo estava totalm ente sereno, m ovendo-se com seu poder contido, um a pistola pronta para disparar.

Dem orou um m ontão de tem po batalhando com os pergam inhos, m as tinha encontrado o que necessitava. Sabia o que tinha que fazer.

Abriu a porta da cabana, sem bater.

O Senhor X olhou da m esa da cozinha. Seu rosto estava im passível, sem franzir o cenho, sem brincadeira, sem agressão de nenhum tipo. Nem tam pouco surpresa.

Assim , am bos estavam na área.

Sem um a palavra, o Fore-lesser levantou, levando um a m ão as costas. O soube o que tinha ali, e sorriu enquanto desem bainhava sua própria faca.

— Assim , Sr. O…

— Estou preparado para um a prom oção.

— Perdão?

O girou a espada agarrando-a com as duas m ãos, virou-a para ele m esm o, colocando sua ponta sobre o peito. Com um m ovim ento, apunhalou seu próprio peito.

A últim a coisa que viu, antes que o grande inferno branco se agitasse j ogando a m erda nele, foi a surpresa no rosto do Senhor X. Surpresa que se converteu rapidam ente em terror quando o hom em se deu conta de onde O iria. E, o que O ia fazer quando estivesse ali.

CAPÍTULO XIV

Deitada na cam a, Bela escutava os tranqüilizantes sons que a rodeavam : as vozes m asculinas no hall, graves, rítm icas… O vento lá, fora golpeando a m ansão, caprichoso, instável… O chiado da m adeira do piso, rápido, estridente. Forçou-se a fechar os olhos.

Um m inuto depois, estava de pé andando, sentindo o suave tapete persa sob seus pés nus. Nem sequer a elegância a seu redor tinha sentido, e sentia que era incapaz de descrever o que estava vendo. A norm alidade, a segurança em que se encontrava encharcada, parecia outro idiom a, um que ela tinha esquecido de falar ou ler. Ou possivelm ente fosse um sonho?

Na esquina do quarto o antigo relógio m arcava cinco horas da m anhã.

Exatam ente, há quanto tem po estava livre? Quanto tinha passado desde que A Irm andade tinha ido resgatá-la, tirando-a da terra e levando-a ao ar livre? Oito horas? Possivelm ente, porém era com o se fossem m inutos. Ou possivelm ente

com o se fossem anos?

A quantidade im precisa do tem po parecia com sua visão, isolando-a, atem orizando-a.

Apertou m ais o roupão de seda. Tudo isto estava m au. Deveria estar contente. Deus, sabia que depois de passar tantas sem anas em um tubo enterrada com esse lesser vigiando-a, deveria estar chorando com doce alívio.

Em troca, sentia que tudo o que a rodeava era falso e irreal, com o se estivesse em um a casa de bonecas de tam anho natural, cheia de falsificações de papel m aché.

Parou frente à j anela e se deu conta de que só havia um a coisa que parecia real. Ela desej ava estar com ele.

Zsadist, devia ser ele quem havia ido ao lado de sua cam a quando despertou a prim eira vez. Tinha sonhando que estava de volta ao buraco negro com o lesser.

Quando abriu os olhos, tudo o que viu foi um a grande form a negra parada sobre ela, e por um m om ento, não foi capaz de distinguir a realidade do pesadelo.

Ainda tinha o m esm o problem a.

Deus, queria estar com Zsadist agora, queria voltar para seu quarto. Mas, em m eio de todo o caos, depois que gritou, ele não tinha im pedido que se afastasse, verdade? Possivelm ente, preferia que estivesse em outro lugar.

Bela forçou seus pés a m overem -se de novo, traçou um pequeno cam inho ao

redor dos pés da gigantesca cam a, em torno da cadeira, um a volta rápida pelas

j anelas, depois um a grande m udança de cenário para a côm oda a porta do hall e

o antigo escritório. A casa se alongava até chegar à lareira e a estante dos livros.

Um passo m ais. Um passo m ais. Um passo m ais.

Finalm ente, foi ao banheiro. Não parou em frente ao espelho, não queria

saber que aspecto tinha. O que procurava era água quente. Queria tom ar

centenas de duchas, um m ilhar de banhos. Queria tirar a tiras a prim eira cam ada

de sua pele e raspar o cabelo que aquele lesser tanto tinha am ado, cortar as unhas

e lixar as plantas dos pés.

Abriu a torneira da ducha. Quando a água estava m orna tirou o roupão e

entrou em baixo do chuveiro. No instante em que a corrente bateu em suas costas,

cobriu-se por instinto, um braço sobre os seios, um a m ão protegendo o vértice

das coxas… Até que se deu conta de que não tinha que se esconder. Estava

sozinha. Aqui, tinha privacidade.

Endireitou-se e se forçou a levar as m ãos aos flancos, sentindo com o se

tivesse passado um a eternidade desde que lhe tinha perm itido banhar-se sozinha.

O lesser tinha estado sem pre aí, olhando, ou pior, aj udando.

Graças a Deus, nunca tinha tentado ter relações sexuais com ela. Ao

princípio, um de seus m aiores tem ores era a violação. Tinha estado aterrorizada,

estava segura de que a ia forçar, m as então descobriu que era im potente. Não

im portava quanto a olhasse, seu corpo sem pre tinha perm anecido flácido.

Com um estrem ecim ento, pegou o sabonete que tinha ao lado, ensaboando

suas m ãos e as deslizando sobre os braços. Estendeu a espum a sobre o pescoço e

através dos om bros e seguiu para baixo…

Bela franziu o cenho e se inclinou. Havia algo em seu ventre… Cicatrizes

pálidas. Cicatrizes que… *Oh! Deus.* Era um D, verdade? E a seguinte… Era um

A. Depois um V e um I e outro D.

Bela soltou o sabonete e cobriu o estôm ago com as m ãos, deixando-o cair

contra os ladrilhos. Tinha seu nom e no corpo. Em sua pele. Com o um a

repugnante paródia do ritual m atrim onial m ais elevado de sua espécie.

Realm ente era sua m ulher…

Saiu cam baleando da ducha, escorregando no chão de m árm ore, puxou um a

toalha e se envolveu nela. Agarrou outra e fez o m esm o. Teria pego três, quatro...

Cinco, se tivesse encontrado m ais.

Trêm ula, com náuseas, dirigiu-se ao em baçado espelho. Inspirando

profundam ente, lim pou-o com os braços. E, se olhou.

John lim pou a boca e de algum a form a conseguiu derrubar o guardanapo.

Am aldiçoando-se, agachou-se para recolhê-lo… Sarelle tam bém o fez, e o pegou prim eiro. Vocalizou a palavra obrigada quando o alcançou.

— De nada. — disse ela.

Menino, am ava sua voz. E, am ava a form a que cheirava a loção corporal de lavanda. E, am ava suas longas e m agras m ãos.

Mas, odiava com er. Wellsie e Tohr levavam a conversa por ele, dando a Sarelle um a versão resum ida de sua vida. O pouco que ele tinha escrito em seu caderno de notas parecia um a coisa estúpida.

Quando voltou a levantar a cabeça, Wellsie estava sorrindo-lhe. Mas, então esclareceu a garganta, com o se estivesse tentando j ogar lim po.

— Assim , com o ia dizendo, uns pares de m ulheres da aristocracia estavam acostum adas a organizar a cerim ônia do solstício de inverno no Antigo País. A m ãe de Bela era um a delas, por certo. Quero falar com elas. Assegurar-m e de que não esqueci nada.

John deixou transcorrer a conversa, sem prestar m uita atenção, até que Sarelle disse:

— Bom , m elhor ir. Faltam trinta e cinco m inutos para que am anheça. Meus pais ficarão preocupados.

Afastou a cadeira, e John se levantou com o todos outros. Enquanto se despediam , encontrou-se perdido no fundo. Ao m enos, até que Sarelle o olhasse diretam ente.

— Acom panha-m e? — perguntou.

Deslocou os olhos para a porta. Acom panhá-la? A seu carro?

Em um ataque repentino, um cru instinto m asculino brotou em seu peito, tão poderoso que o sacudiu um pouco. Subitam ente, as palm as de suas m ãos com eçaram a fazer cócegas, e as olhou, sentindo com o se tivesse algo nelas, com o se estivesse sustentando algo… Então, podia protegê-la.

Sarelle esclareceu garganta.

— Ok… Um …

John se deu conta de que estava esperando por ele e rom peu seu pequeno transe. Adiantando-se, indicou-lhe com a m ão a porta da rua.

E, enquanto saíam lhe perguntou:

— Está ansioso para treinar?

John assentiu e notou que seus olhos vagavam pelos arredores, procurando entre as som bras. Sentiu com o se esticava e com o as palm as com eçavam a picar

de novo. Não estava seguro do que procurava exatam ente. Só sabia que tinha que

m antê-la a salvo a qualquer preço.

Ela tirou as chaves da bolsa.

— Acredito que m eu am igo vai estar em sua classe. Presum o que se

m atriculou esta noite. — abriu o carro — De toda form a, sabe por que estou aqui

realm ente, não?

Ele negou com a cabeça.

— Acredito que querem que te alim ente de m im . Quando passar por sua transição.

John pigarreou pelo choque, estava seguro de que os olhos lhe tinham saído das órbitas e estavam rolando rua abaixo.

— Sinto. — sorriu — Deduzo que não lhe disseram isso.

Sim , ele teria lem brado dessa conversa.

— Parece-m e legal. — disse ela — E, a você?

Oh. Meu Deus.

— John? — ela esclareceu a garganta — Dê sua opinião. Tem algo em que possa escrever?

Torpem ente, negou com a cabeça. Tinha esquecido o bloco de papel em casa. *Idiota.*

— Dê-m e sua m ão. — quando ele a estendeu, tirou um a caneta de algum lugar e a deslizou sobre sua m ão. A ponta deslizava brandam ente pela sua pele —

Este é o m eu em ail. Estarei online em m ais ou m enos um a hora. Mande-m e um a

m ensagem , ok? Falarem os.

Olhou o que ela tinha escrito. Só olhou.

Ela se encolheu um pouco.

— Quero dizer, não tem por que fazê-lo. Só que… Já sabe. Pensei que

poderíam os ir nos conhecendo dessa form a. — deteve-se, com o esperando um a

resposta — Um … De qualquer form a. Não há pressa. Quero dizer...

Agarrou sua m ão, tirou-lhe a caneta e escreveu em sua m ão.

— *Quero falar com você.* — escreveu.

Então, ela olhou diretam ente nos seus olhos e fez a coisa m ais assom brosa.

Sorriu-lhe.

CAPÍTULO XV

Enquanto am anhecia e as persianas se fechavam sobre as j anelas, Bela

aj ustou o roupão negro e saiu do quarto que lhe tinham atribuído. Com um rápido

olhar, exam inou o corredor de am bos os lados. Sem testem unhas. *Bom.* Fechando

a porta silenciosam ente, deslizou sobre o tapete persa, sem fazer ruído. Quando

chegou ao início da grande escada parou, tentando recordar que cam inho tom ar.

O corredor com estátuas, pensou, recordando outra excursão por aquele

com prido corredor fazia m uitas, m uitas sem anas.

Cam inhou depressa para depois pôr-se a correr, agarrando as lapelas do

roupão e m antendo as bordas fechadas à altura das coxas. Passou ao lado das

estátuas e portas, até que chegou ao final e parou na frente do últim o par. Não se

preocupou em recom por-se, porque ela não tinha concerto. Perdida,

desm otivada, em perigo de desintegração— não havia nada que recom por. Bateu

na porta com força.

Através desta escutou:

— Foda-se. Estou quebrado.

Girou o pom o e em purrou. A luz proveniente do corredor entrou

inesperadam ente, ilum inando um a porção de escuridão. Quando o resplendor

alcançou Zsadist, este se sentou em um colchonete de m antas no canto m ais

longínquo. Estava nu, os m úsculos flexionados m arcando-se o sob a pele, os aros

de seus m am ilos brilharam prateados. O rosto, com aquela cicatriz, era um

anúncio da categoria de tipos duros.

— Disse, *foda-se*... Bela? — cobriu o rosto com as m ãos — Jesus Cristo. O

que está fazendo?

Boa pergunta, pensou ela enquanto sua coragem dim inuía.

— Posso… Posso ficar aqui, com você?

Ele franziu o cenho.

— O que está... Não, não pode.

Recolheu algo do chão e o sustentou em frente a suas coxas enquanto se

levantava. Sem desculpar-se por olhá-lo fixam ente, ela se em bebedou com sua

visão: as listras de escravo tatuadas sobre os pulsos e o pescoço, a argola em sua

orelha esquerda, os olhos duros, cortantes, o cabelo raspado. Seu corpo era tão

absolutam ente enxuto com o recordava, todo m úsculos esculpidos com veias salientes e puros ossos. O poder cru em anava dele com o um a essência.

— Bela, vá em bora daqui, ok? Este lugar não é para você.

Ela ignorou a ordem de seus olhos e sua voz porque, em bora sua coragem tivesse desaparecido, o desespero lhe dava a força que necessitava.

Agora a voz não ia trem er.

— Quando m e colocaram no carro, você estava ao volante não é certo? —

ele não respondeu, m as tam pouco necessitava que o fizesse — Sim , foi, foi você.

Falou-m e. Foi o único que foi m e procurar, verdade?

Ele se ruborizou.

— A Irm andade te resgatou.

— Mas, você dirigiu para m e tirar dali. E, m e trouxe aqui prim eiro. Ao seu quarto. —ela olhou a luxuosa cam a. Os cobertores estavam j ogados para trás, o travesseiro afundado no lugar onde tinha repousado sua cabeça — Deixe-m e ficar.

— Olhe, precisa estar a salvo...

— Estou a salvo com você. Você m e salvou. Não perm ita que esse lesser m e pegue de novo.

— Ninguém pode te tocar aqui. Este lugar está cercado com o o j ardim do Pentágono.

— Por favor...

— Não. — rugiu ele — Agora, sai de um a vez daqui.

Ela com eçou a trem er.

— Não posso ficar sozinha. Por favor, m e deixe ficar com você. Necessito…

— necessitava a ele especialm ente, m as não acreditava que ele aceitasse isso m uito bem — Preciso estar com alguém .

— Então, Phury se aproxim a m ais ao que está procurando.

— Não, ele não. — ela queria ao hom em que tinha em sua frente. Mesm o com toda sua crueldade, confiava nele por instinto.

Zsadist passou a m ão pela cabeça um as quantas vezes. Então seu peito se alargou.

— Não faça isso. — sussurrou.

Quando am aldiçoou, ela suspirou com alívio, im aginando que era o m ais próxim o a um sim que ia conseguir.

— Tenho que vestir algo. — ele m urm urou.

Bela deu um passo para entrar e fechou a porta, baixando o olhar só um m om ento. Quando o levantou de novo, ele tinha virado e estava subindo pelas coxas um a cueca preta de ny lon.

As costas, m arcadas por cicatrizes, flexionada enquanto se inclinava.

Observando o desum ano m apa, golpeou-lhe a necessidade de saber exatam ente pelo que tinha passado. Tudo isso. Todas e cada um a das chicotadas. Tinha

ouvido rum ores sobre isso, m as queria sua versão.

Tinha sobrevivido ao que lhe tinham feito. Possivelm ente ela tam bém pudesse.

Ele virou-se.

— Com eu?

— Sim , Phury m e trouxe com ida.

Um a expressão fugaz lhe cruzou o rosto, m as foi tão rápida que não pôde lê-la.

— Dói-te algo?

— Não particularm ente.

Ele se aproxim ou da cam a e afofou os travesseiros. Então, perm aneceu de pé a um lado, olhando ao chão.

— Deite.

Enquanto se aproxim ava, desej ou rodeá-lo com seus braços, e ele se esticou, com o se pudesse lhe ler a m ente. Deus, sabia que não gostava que o tocassem , tinha aprendido da pior m aneira. Mas de todas as form as queria aproxim ar-se dele.

Por favor, me olhe, pensou.

Quando estava aponto de pedir, notou que usava algo ao redor de seu pescoço.

— Meu colar. — sussurrou — Usa m eu colar.

Esticou a m ão, m as ele se inclinou para trás. Com um m ovim ento rápido tirou a frágil corrente de ouro com seus pequenos diam antes e o depositou em sua m ão.

— Aqui o tem . Devolvo-lhe.

Ela baixou o olhar. Diam antes puros. Da Tiffany. Tinha-os usado durante anos… Sua j óia favorita. Tinha sido um a parte dela, sem pre se sentia nua se não os colocasse. Agora, os frágeis elos pareciam totalm ente alheios a ela.

Estava quente, pensou, tocando um diam ante. Esquentado por sua pele.

— Quero que fique com ele. — resm ungou ela.

— Não.

— Mas...

— Chega de bate-papo. Deite na cam a ou saia daqui.

Guardou o colar no bolso do roupão e o olhou. Seus olhos estavam fixos no chão, e quando respirava as argolas de seus m am ilos capturavam a luz.

Olhe-me, pensou ela.

Com o não o fez, deitou-se na cam a. Quando ele se inclinou, m oveu-se para lhe deixar um lugar, m as tudo o que ele fez foi cobri-la e então voltou para esquina, ao colchonete no chão.

Bela olhou o teto durante uns poucos m inutos. Então, agarrou um travesseiro, saiu da cam a e foi atrás dele.

— O que está fazendo? — sua voz se elevou. Alarm ada.

Soltou o travesseiro e se deitou, no chão atrás de seu grande corpo. Seu arom a era agora m uito m ais forte, cheirando a folhas e destilando poder m asculino. Procurando seu calor, aproxim ou-se pouco a pouco até que apoiou a testa na parte de trás de seu braço. Era tão sólido, com o um m uro de pedra, m as era quente, e o corpo dela relaxou. Perto dele, era capaz de sentir o peso de seus ossos, o duro chão em baixo ela, o ar do quarto que trazia o calor. Através de sua presença, conectou-se de novo ao m undo que a rodeava.

Mais. Mais perto.

Moveu-se até ficar grudada a seu lado, do peito até os pés.

Ele se m oveu com um a sacudida, retrocedendo até ficar j unto à parede.

— Desculpa. — m urm urou, aproxim ando-se dele de novo — Necessito isto de você. Meu corpo precisa — *de você* — de algo quente.

Abruptam ente, ele se levantou de um salto.

Oh, não. Ia enxotá-la…

— Vam os. — disse ele bruscam ente — Vam os para cam a. Não posso suportar a idéia de que estej a no chão.

Quem te disse que não se pode vender algo duas vezes, nunca conheceu o Ôm ega.

O virou-se sobre seu estôm ago e se apoiou nos débeis braços. O vôm ito era m ais fácil assim . A gravidade aj udava.

Enquanto vom itava, recordou a prim eira e pequena negociação que tinha feito com o pai de todos os lessers. Na noite da incorporação de O à Sociedade dos Lessers, tinha vendido sua alm a, assim com o o sangue e o coração, para converter-se em um im ortal, aprovado e assassino apoiado.

E, agora tinha outro negócio. O Sr. X j á não existia. O agora era o Fore-lesser. Infelizm ente, O tam bém era a prostituta de Ôm ega agora.

Tentou levantar a cabeça. Quando conseguiu que a sala deixasse de dar voltas, estava m uito cansado para preocupar-se com sentir m ais náuseas. Ou possivelm ente j á não havia m ais inconvenientes nesse departam ento.

A câm ara. Estava na câm ara do senhor X. E, guiando-se pela luz, j á tinha am anhecido. Enquanto piscava pelo débil brilho, olhou para baixo. Estava nu. Marcado com feridas. E, odiou o sabor que tinha na boca.

Ducha. Precisava de um a ducha.

O se arrastou no chão usando a cadeira que havia ao lado da m esa. Quando ficou em pé, as pernas lhe fizeram pensar em lavas vulcânicas por algum a estranha razão. Provavelm ente porque sentia am bas com o se fossem líquidas. O j oelho esquerdo dobrou-se e ele caiu na cadeira. Enquanto se abraçava, decidiu que o banho podia esperar.

Cara… O m undo era novo outra vez, verdade? E, ele tinha aprendido m uitas coisas durante sua prom oção. Antes de sua m udança de status, não sabia m uito m ais do Fore-lesser salvo que era o líder dos caçadores. De fato, o Ôm ega

estava

preso no outro extrem o e necessitava um canal para fazer-se tem porário. O lesser nº 1 era o guia que o Ôm ega utilizava para encontrar o cam inho durante a travessia. Todos os Fore-lesser tinham que abrir o canal e converter-se no farol. E, havia grandes benefícios em ser o lesser no com ando. Benefícios que faziam com que a técnica de congelam ento de corpos que o senhor. X estava acostum ado a utilizar parecesse um a brincadeira de crianças.

Senhor X… Bom e velho sensei. O se pôs a rir. Apesar de sentir-se com o um a m erda esta m anhã, o senhor X se sentia pior. Garantido.

As coisas tinham ido m uito bem depois da rotina de espadas em seu peito. Quando O se j ogou aos pés de Ôm ega, tinha apresentado sua solicitação para um a m udança de liderança. Insinuou que os alistados à Sociedade estavam dim inuindo em núm ero, especialm ente os Alfas. A Irm andade estava ficando m ais forte. O Rei Cego tinha subido ao trono. O senhor X não estava apresentando um a retaguarda forte.

E, tudo era verdade. Mas, nenhum deles aceitou a negociação.

Não, a aproxim ação tinha ocorrido por causa da atração de Ôm ega por O.

Na história da Sociedade, tinham existido alguns exem plos nos quais Ôm ega tinha tom ado um interesse pessoal, caso se pudesse cham ar assim , por um lesser

específico. Não era a bênção que ninguém acreditava. O afeto de Ôm ega era

intenso e de curta duração, e as separações eram horríveis, segundo os rum ores.

Mas, O estava disposto a m endigar, fingir e m entir para conseguir o que necessitava, e Ôm ega tinha pego o que lhe tinha dado.

Que horrível form a de m atar um par de horas. Mas, valia à pena.

Perguntou-se prazerosam ente o que estaria acontecendo agora ao senhor X.

Quando O tinha sido libertado, o Ôm ega tinha ido para cham ar o Sr. X ao lar dos

outros caçadores e isso j á devia ter acontecido. A form ação de arm as do Fore-lesser estava na m esa, seu telefone celular e o BlackBerry, tam bém . E, havia um a m arca de estrela cham uscada sobre a porta de entrada.

O olhou o relógio digital do outro lado da sala. Em bora se sentisse m uito m al, era hora de se m exer. Pegou o telefone do senhor X, digitou os núm eros, e o levou a orelha.

— Sim , sensei? — respondeu U.

— Produziu-se um a m udança de líder. Quero que sej a m eu segundo no com ando.

Silêncio. Então:

— Bendita m erda. O que aconteceu ao senhor X?

— Está com endo sua carta de dem issão neste m om ento. Assim , está com igo?

— Ah, sim . Com certeza. Sou seu garoto.

— Está encarregado dos reconhecim entos neste m om ento. Não há razão para

fazê-lo em pessoa. O correio eletrônico estará bem . E, vou m anter os esquadrões

com o estão. Alfas em duplas. Betas em grupos de quatro. Faz o anúncio sobre o

senhor X. Depois traz seu traseiro até a câm ara.

O desligou. Não ia conceder nenhum a m erda à Sociedade. Não se im portava

o m ínim o com a estúpida guerra com os vam piros. Tinha dois obj etivos: pegar

sua m ulher viva ou m orta. E, m atar ao Irm ão com cicatrizes que a tinha levado.

Enquanto levantava, lhe ocorreu olhar para baixo, a sua flácida

m asculinidade. Um horrível pensam ento serpenteou por sua m ente.

Os vam piros, ao contrário dos lessers, não eram im potentes.

Im aginou a sua bela e pura esposa… Viu ela nua, o cabelo sobre os pálidos

om bros, as elegantes curvas do esbelto corpo captando a luz. Magnífico. Perfeito,

perfeito, perfeito. Absolutam ente fem inino.

Algo para ser adorado e possuído. Mas nunca transado. Um a Madonna.

Porém , nada que tivesse pênis iria querer isso. Vam piro, hum ano, lesser.

Nada.

A violência o atravessou, e bruscam ente esperou que estivesse m orta. Porque

se aquele horrível bastardo tivesse tentado ter sexo com ela… Cara, O ia castrar

àquele Irm ão com um a colher, antes de m atá-lo.

E, que Deus a *ajudasse* se o desfrutava.

CAPÍTULO XVI

Quando Phury despertou, eram três e quinze da tarde. Tinha dorm ido com o

se estivesse m orto, ainda estava m uito ferrado pelo que tinha acontecido na noite

anterior antes que suas glândulas de adrenalina fizessem horas extras. O que

dificilm ente o conduzia a fechar os olhos.

Procurou um charuto e o acendeu. Enquanto levava a fum aça verm elha até

seus pulm ões e a retinha, tentava não im aginar-se indo ao quarto de Zsadist e

derrubando seu irm ão com m urro direto à m andíbula. Mas, a fantasia era

j ustam ente atraente.

Maldito sej a, não podia acreditar que Z houvesse tentando levar Bela dessa

form a, e nestes m om entos odiava a seu gêm eo por sua depravação. Odiava-se a

si m esm o tam bém , por sentir-se estupidam ente surpreso. Durante m uito tem po,

tinha estado convencido de que algo em Z tinha sobrevivido a sua escravidão…

Que algum pequeno pedaço de alm a restou no hom em . Depois da noite passada?

Não tinha m ais dúvida sobre a natureza cruel de seu irm ão gêm eo. Nenhum a.

E, m erda, sentia-se com o um asno sabendo que tinha decepcionado Bela.

Nunca deveria tê-la deixado no quanto de Z. Não podia suportar ter sacrificado a

segurança dela por sua própria necessidade de acreditar no irm ão.

Bela…

Pensou em com o ela tinha perm itido sustentá-la. Nesses m om entos fugazes havia se sentido poderoso, capaz de protegê-la contra um exército de lessers.

Durante um a pequena fração de tem po, tinha-o transform ado em um verdadeiro hom em , um que era necessitado e que servia a um propósito.

Que revelação para ele, que não era outra coisa que um parvo reativo que perseguia um louco suicida e destrutivo.

Queria desesperadam ente passar a noite com ela, e só partiu porque era o correto. Estava exausta, m as sobre tudo — apesar de seu voto de celibato — porque não era confiável. Queria socorrê-la com seu corpo. Queria venerá-la e saná-la com seus ossos e sua pele.

Mas não podia pensar assim .

Phury inalou profundam ente o charuto, deixando sair o ar com um gem ido.

Mantendo a fum aça dentro, sentiu com o relaxava a tensão dos om bros. Enquanto a calm a se estendia sobre ele, olhou seu contrabando. Já estava acabando, por m ais que odiasse ia ter que ir ver o Reverendo, precisava de m ais.

Sim . Considerando com o se sentia a respeito de Z, ia necessitar m uito m ais. A fum aça verm elha era só um relaxante m uscular suave, realm ente, nada com o a m aconha ou qualquer dessas perigosas beberagens. Mas, confiava em m anter-se nesse nível, com o outros tipos tom avam coquetéis. Se não tivesse que ir ao

Reverendo para conseguir m ais, diria que era um passatem po perfeitam ente inofensivo.

Absolutam ente inofensivo e o único alívio que tinha na vida.

Quando term inou o charuto, apagou-o em um cinzeiro e saiu da cam a.

Depois de colocar a prótese, foi ao banheiro para barbear-se e tom ar banho, depois vestiu um as calças folgadas e um a de suas cam isas de seda. Calçou tanto no pé real com o no que não podia sentir uns m ocasins de Penetre Haan.

Observou-se no espelho. Penteou o cabelo. Inspirou profundam ente.

Foi ao quarto contíguo e bateu na porta brandam ente. Quando não obteve resposta tentou de novo, e então abriu. A cam a estava desfeita, m as vazia, e ela não estava no quarto.

Enquanto voltava pelo corredor, um alarm e ressoou em seus ouvidos. Antes de dar-se conta, estava apressando o passo e depois correndo. Correu para frente do início da escada e girou pelo corredor das estátuas. Não se incom odou em bater na porta de Z, abriu-a de um em purrão.

Phury ficou m ortalm ente quieto.

Seu prim eiro pensam ento foi que Zsadist ia cair da cam a. O corpo de seu irm ão estava em cim a do cobertor e na beira do colchão, tão longe com o lhe era possível. *Jesus.*… A posição parecia tão incôm oda com o o inferno. Os braços de Z

rodeavam seu peito nu com o se o estivesse m antendo unido, e tinha as pernas encolhidas e virada para um lado com os j oelhos suspensos no ar.

Mas, tinha a cabeça virada na direção contrária. Para Bela. E, os lábios desfigurados estavam levem ente separados em vez de franzidos com desprezo. As sobrancelhas, norm alm ente franzidas de form a agressiva estavam livres, relaxadas.

Sua expressão era de sonolento assom bro.

O rosto de Bela estava inclinado para o hom em que tinha ao lado, a expressão tão pacífica com o um anoitecer. E, o corpo abraçado ao de Z, tão próxim o com o

os lençóis e as m antas sob as quais estava o perm itiam . Dem ônios, era óbvio que

se pudesse cobrir-se com ele, o teria feito. E, era igualm ente óbvio que Z tinha tentado afastar-se dela até que não pôde ir m ais longe.

Phury am aldiçoou brandam ente. O que tinha ocorrido durante a noite, certam ente não tinha sido algo desagradável ao que Z a tivesse arrastado. De nenhum a form a. Não com este par buscando-se com o estavam fazendo agora.

Fechou os olhos. Fechou a porta.

Com o um com pleto lunático, considerou brevem ente retornar e lutar com Zsadist pelo direito de deitar perto dela. Podia se ver lançando-se a um m ano a m ano, tendo um antiquado *cohntehst* com seu gêm eo, para saber quem tinha direito a tê-la.

Mas, isto não era o Antigo País. E, as m ulheres tinham o direito de escolher a quem procurar. Ao lado de quem dorm ir. Com quem unir-se.

E, ela sabia onde estava Phury. Disse-lhe que seu quarto era a porta seguinte.

Se o quisesse, podia ter dirigido-se a ele.

Z conscientizou-se de um a sensação estranha enquanto despertava: estava quente. Não acalorado, só… Quente. Teria se esquecido de desligar a calefação depois que Bela se foi? Devia ser isso. Porém , notou algo m ais. Não estava no acolchoado. E, vestia cueca, verdade? Moveu as pernas tentando baixar um a, pensando que sem pre dorm ia nu. E, seu aquecim ento m udou de form a, deu-se conta de que aquilo estava duro. Duro e pesado. O que…

Abriu os olhos de repente. Bela. Estava na cam a com Bela.

Separou-se de um salto dela…

E, caiu do colchão, aterrissando sobre o traseiro.

Im ediatam ente, ela se arrastou atrás dele.

— Zsadist?

Quando se inclinou sobre a borda, o roupão que vestia abriu e seus olhos ficaram presos no seio que ficou exposto. Era tão perfeita com o tinha sido na banheira, a pálida pele tão suave e os pequenos m am ilos tão rosas... Deus, ele sabia que o outro era exatam ente igual, m as por algum a razão precisava vê-lo de

todo j eito.

— Zsadist? — apareceu m ais, com o cabelo escorregando pelos om bros e deslizando-se pela borda da cam a, um a brilhante cascata de m ogno profundo.

A coisa entre suas coxas se esticou. Pulsou com o batim ento de um coração de seu coração.

Juntou os j oelhos e m anteve as coxas j untas, não querendo que ela visse.

— O roupão. — disse ele asperam ente — Feche-o. Por favor.

Ela olhou para baixo e então j untou as lapelas, ruborizando-se. *Oh, demônios...* Agora tinha as bochechas tão rosadas com o os m am ilos, ele pensou.

— Vai voltar para a cam a? — perguntou-lhe ela.

A parte m ais escondida e decente dele sugeriu que não era um a boa idéia.

— Por favor? — sussurrou ela, colocando o cabelo atrás da orelha.

Ele m ediu o arco de seu corpo e o negro cetim que ocultava a pele de seu olhar e seus grandes olhos azul safira e a esbelta coluna de sua garganta.

Não… *Realmente* não era um a boa idéia aproxim ar-se dela neste m om ento...

— Afaste-se. — disse ele.

Enquanto ela deslizava para um lado, ele olhou para a tenda de cam panha que tinha entre as pernas. Cristo, aquela m aldita coisa era enorm e, parecia que tinha outro braço em sua cueca. E, esconder um troço assim podia requerer um a aj uda.

Olhou a cam a. Com um fluído m ovim ento saltou entre os lençóis.

O que foi um a *dolorosa* m á idéia. No m om ento em que esteve em baixo deles, ela se acom odou contra seu duro flanco com o se fosse outra m anta. Um a suave, cálida, que respirava…

Z se aterrorizou. Havia m uito dela contra ele e não sabia o que tinha que fazer. Queria em purrá-la longe. Queria-a m ais perto. Queria… *Oh, cara.* Queria m ontá-la. Queria tom á-la. Queria fazer am or com ela.

O instinto era tão forte que se viu levando-o a cabo: virando-lhe sobre o estôm ago, puxando os quadris da cam a, levantando-se atrás dela. Im aginou pondo a coisa dentro dela e em purrando com as coxas…

Deus, era *repugnante.* Querer pegar essa coisa suj a e forçá-la dentro dela? Tam bém podia lhe colocar um a escova de cabelo na boca.

— Está trem endo… — disse ela — Tem frio?

Ela se m oveu para aproxim ar-se m ais a ele, e sentiu seus peitos, suaves e quentes, na parte de trás de seu antebraço. A coisa crispou grosseiram ente, saltando contra sua cueca.

Merda. Tinha a sensação de que essa ação aguda queria dizer que estava perigosam ente acordado.

Sim, você acredita? Dem ônios, o bastardo estava pulsando, e as bolas sob a coisa doíam , e estava tendo visões de investi-la com o um touro. Mas, se era o m edo fem inino o único que fazia com que aquela coisa endurecesse, e ela não

estava assustada. Assim , por que estava respondendo?

— Zsadist? — disse brandam ente.

— O que?

As quatro palavras que ela disse quase convertem seu peito em um bloco e lhe congelou o sangue. Mas, ao m enos a outra tolice acabou.

Quando a porta de Phury se abriu sem nenhum aviso, as m ãos dele paralisaram na cam iseta que estava pondo pela cabeça.

Zsadist perm aneceu entre as om breiras, nu até a cintura, com os olhos negros ardendo.

Phury am aldiçoou brandam ente.

— Alegra-m e que tenha vindo. Sobre a noite passada… Devo-te um a desculpa.

— Não quero escutá-la. Vêm com igo.

— Z, equivoquei-m e ao…

— Vêm . Com igo.

Phury puxou a barra da cam iseta baixando-lhe e verificou seu relógio.

— Tenho que dar aulas em m eia hora.

— Isto não levará m uito tem po.

— Ah… Bom , certo.

Enquanto seguia Z pelo corredor, im aginou que podia desculpar-se pelo cam inho.

— Olhe, Zsadist, sinto m uito por ontem à noite. — o silêncio de seu gêm eo

não era um a surpresa — Precipitei-m e e cheguei a um a conclusão errônea.

Sobre Bela e você. — Z cam inhou inclusive m ais depressa — Deveria saber que

não lhe faria m al. Queria te oferecer um *rythe*.

Zsadist parou e olhou por cim a dos om bros.

— Para que dem ônios?

— Ofendi-te. Ontem à noite.

— Não, não o fez.

Phury só pôde sacudir a cabeça.

— Zsadist…

— Estou doente. Sou asqueroso. Não se pode confiar em m im . Só porque

tenho m eio cérebro e tenha im aginado que não, isso não significa que precise m e

acariciar o traseiro com essa m erda de desculpa.

Phury ficou com a boca aberta.

— Jesus… Z. Você não é…

— Oh, por um a fodida consideração, pode deixar de encher o saco?

Z cam inhou rapidam ente para seu quarto e abriu a porta.

Bela se sentou na cam a, j untando as lapelas do roupão até o pescoço. Parecia

estar totalm ente confusa. E, m uito form osa para descrevê-lo com palavras.

Phury olhou de um lado a outro entre ela e Z. Então se concentrou em seu

gêm eo.

— O que é isto?

Os olhos negros de Z se cravaram no chão.

— Vai com ela.

— Perdão?

— Precisa se alim entar.

Bela fez um ruído engasgando-se, com o se tivesse ficado sem respiração.

— Não, espere, Zsadist, quero… A você.

— Não pode m e ter.

— Mas, quero…

— Agüenta-te. Estarei fora.

Phury se sentiu em purrado ao quarto e então a porta se fechou de repente.

No silêncio que seguiu, não estava seguro se queria gritar de triunfo ou…

Sim plesm ente gritar.

Inspirou profundam ente e olhou para a cam a. Bela estava encolhida com os

j oelhos contra o peito.

Bom Deus, nunca tinha perm itido a um a m ulher beber dele antes. Por seu

celibato, não queria arriscar-se. Com suas ânsias sexuais e seu sangue de

guerreiro, sem pre tinha tem ido que se perm itisse que um a m ulher tom asse sua

veia ficaria confuso e quereria m eter-se nela. E, se fosse Bela, ia ser inclusive

m ais difícil perm anecer quieto.

Mas, ela precisava beber. Além disso, o que tinha de bom em um voto se era fácil de m anter? Isto podia ser seu teste, sua oportunidade de provar sua disciplina

sob as m ais extrem as circunstâncias.

Esclareceu a garganta.

— Ofereço-te.

Quando os olhos de Bela levantaram , sua pele se tornou m uito pequena para seu esqueleto. Isso era o que um rechaço fazia a um hom em . Justam ente lhe encolher im ediatam ente.

Afastou seu olhar e pensou em Zsadist, o que podia sentir estando fora do quarto.

— Ele possivelm ente não sej a capaz de fazê-lo. É consciente de seu… passado, verdade?

— É cruel de m inha parte pedir isso a ele? — sua voz estava cheia de cansaço, agravada por sua luta — É?

Provavelmente, pensou ele.

— Seria m elhor se usasse a qualquer outro. — *Deus,por que não pode tomar-me ?Por que não pode me necessitar em lugar dele?* — Não acredito que fosse apropriado pedir a Wrath ou Rhage, eles estão unidos. Possivelm ente poderia pedir a V…

— Não… Necessito a Zsadist. — suas m ãos trem iam e as levou a boca — Sinto tanto.

Assim , era ele.

—Espere aqui.

Quando saiu ao corredor, encontrou Z j usto ao lado da porta. O hom em tinha a cabeça entre as m ãos, com os om bros encurvados.

— Acabou tão rápido? — perguntou, abaixando as m ãos.

— Não. Não ocorreu.

Z franziu o cenho e o olhou de acim a a abaixo.

— Por que não? Tem que fazê-lo, cara. Ouviu o Havers…

— Quer a você.

— Assim entrará aí e abrirá um a veia…

— Ela só terá a você.

— Necessita-o, assim …

Phury elevou a voz.

— Não quero alim entá-la!

Z franziu a boca e seus olhos negros se estreitaram .

— Droga. Fará por m im .

— Não, não farei. *Porque ela não me permitirá isso.*

Z se inclinou para frente, apertando com o um a prensa os om bros de Phury.

— Então, fará por ela. Porque é o m elhor para ela, porque te enternece e

porque quer fazê-lo. Faz por *ela*.

Cristo. Poderia m atar. Estava m orrendo por querer voltar ao quarto de Z. Arrancar a roupa dela. Cair no colchão. Apertar Bela contra seu peito e senti-la afundar os dentes em seu pescoço e separar suas pernas, entrado dentro dela entre seus lábios e entre suas coxas.

As fossas nasais de Z dilataram .

— Deus… Posso cheirar o quão desesperadam ente quer fazê-lo. Assim vai. Vai com ela, alim enta-a.

A voz de Phury se quebrou.

— Não m e quer, Z. O que ela quer…

— Ela não sabe o que quer. Acaba de sair de um inferno.

— É o único. Para ela, é o único.

Quando os olhos de Zsadist deslizaram pela porta fechada, Phury o em purrou, em bora, pensou que isso o m ataria.

— Escute o que estou dizendo, irm ão. Pode fazer isto por ela.

— Um a m erda que posso fazer.

— Z, faz.

Aquela cabeça raspada se sacudiu de um lado a outro.

— Vam os, a m erda que há em m inhas veias está contam inada. Sabe disso.

— Não, não está.

Com um grunhido, Z se inclinou para trás e lhe m ostrou os pulsos, brilhando

as listras de escravo de sangue tatuadas em seu pulso.

— Quer que ela m orda através disto? Pode suportar im aginar sua boca nelas?

Porque, tão seguro com o o inferno, que eu não posso.

— Zsadist? — a voz de Bela se deslizou sobre eles. Sem que ele tivesse

notado, levantou-se e abriu a porta.

Enquanto Z entrecerrou os olhos, Phury suspirou:

— Você é o único a quem ela quer.

A resposta de Z quase não foi audível.

— Estou poluído. Meu sangue pode m atá-la.

— Não. Não pode fazer.

— Por favor… Zsadist. — disse Bela.

O tom do hum ilde e suplicante pedido converteu as costelas de Phury em

um a caixa de gelo, e observou, gelado, intum escido, com o Z girava lentam ente

para ela.

Bela deu um passo para trás, m antendo os olhos nele.

Os m inutos se converteram em dias… Décadas… Séculos. E, então Zsadist

pôs-se a andar e entrou no quarto. A porta fechou.

Phury estava cego enquanto se voltava e punha-se a andar pelo corredor.

Não havia nenhum lugar no qual lhe necessitassem ?

A sala de aula. Sim , ia dar aulas agora.

CAPÍTULO XVII

Dez m inutos depois das quatro, John subiu ao ônibus local enquanto arrastava sua esteira.

— Olá! Senhor. — disse o doggen alegrem ente atrás do volante — Bem - vindo.

John o saudou com a cabeça e olhou aos doze tipos sentados aos pares que o olhavam fixam ente.

Uau! Realmente o sentimento do amor não estava ali, cara, pensou.

Sentou em um assento vazio atrás do condutor.

Quando o ônibus com eçou a m over-se, um a divisão baixa fez com que os aprendizes ficassem encerrados j untos na parte posterior e não pudessem ver a frente. John cam inhou arrastando os pés de form a que se sentou de lado. Observar o que estava acontecendo atrás dele parecia um a boa idéia.

Todas as j anelas estavam obscurecidas, m as as luzes acesas no chão e no teto eram bastante brilhantes para que pudesse se dar conta de seus com panheiros de classe. Eram todos com o eles, m agros e pequenos, em bora tivessem a cor do cabelo diferente, alguns loiros, alguns escuros. Um deles era ruivo. Com o John, todos estavam vestidos com o traj e branco de artes m arciais j is. E, todos tinham

a m esm a esteira nos seus pés, um Nike de ny lon negro o bastante grande para levar um a roupa de reserva e m uita com ida. Cada um deles levava um a m ochila

tam bém e especulou se continha os m esm os m ateriais que levava na sua: um caderno e algum as canetas, um telefone celular, um a calculadora. Tohr tinha enviado um a lista com as provisões requeridas.

John apertou a m ochila aproxim ando-a a seu estôm ago e ficou olhando-a fixam ente. Isto o aj udou a pensar em todos os núm eros da m ensagem de texto, então os repetiu m uitas vezes em sua cabeça. O de casa. O celular de Wellsie. O celular de Tohr. O núm ero da Irm andade, o de Sarelle…

Pensar nela, o fez sorrir. Tinha passado horas online noite passada. Hom em , MSN, um a vez que conheceu a onda, era o m odo perfeito de com unicar-se com

ela. Com am bos escrevendo as palavras, parecia que eram iguais. E, se havia gostado dela no j antar, realm ente estava com ela agora.

— Com o te cham a?

John olhou por cim a de um par de assentos. Um tipo com o cabelo com prido loiro e um brinco de diam ante falava com ele.

Ao menos utilizam o português, pensou.

Quando abriu a m ochila e tirou o caderno, o tipo disse:

— Olá? É surdo ou algo assim ?

John escreveu seu nom e e girou o bloco de papel.

— John? Que diabos de nom e é esse? E, por que está escrevendo?

Oh, amigo... Esse lance de escola ia ser aborrecido.

— Qual é seu problem a? Não pode falar?

John olhou ao tipo diretam ente nos olhos. As leis da probabilidade prom ulgavam que dentro de cada grupo, havia um m acho-alfa chato e este cabeleira suave com o brilhante na orelha o era, claram ente.

John negou com a cabeça para responder à pergunta.

— Não pode falar? Absolutam ente? — o tipo levantou a voz com o se quisesse que todos se inteirassem — Que diabos está fazendo, treinando para ser soldado se não puder falar?

— *Você não luta com palavras, verdade?* — escreveu.

— Sim , e todos esses m úsculos que você faz saltar realm ente dão m edo. *Como os teus,* quis rabiscar.

— Por que tem um nom e hum ano? — a pergunta foi feita pelo ruivo do assento de atrás.

John escreveu:

— *Cresci com eles.* — e, logo girou o bloco de papel.

— Hum . Bom , sou Blay lock. John… Uou, estranho.

Por im pulso, John puxou a m anga e m ostrou o bracelete que tinha feito, com os caracteres com os quais tinha sonhado.

Blay lock se inclinou. Colocando seus pálidos olhos azuis em cim a.

— Seu nom e real é Tehrror.

Sussurros. Muitos sussurros.

John dobrou seu braço e relaxou contra a j anela outra vez. Desej ou ter deixado a m anga abaixada. Que diabos eles estavam pensando agora?

Depois de um tem po, Blay lock se lem brou da educação e apresentou aos outros. Todos tinham nom es estranhos. O loiro era Lash. E, com o isso era apropriado?

— Tehrror… — m urm urou Blay lock — É um nom e m uito velho. É o nom e de um verdadeiro guerreiro.

John franziu o cenho. Seria m elhor afastar dele a atenção destes m oços, escreveu:

— E, o teu? E, o do resto deles?

Blay lock negou com a cabeça.

— Tem os um pouco de sangue dos guerreiros em nós, por isso fom os escolhidos para treinar, m as nenhum de nós tem um nom e assim . De que linha descende? Deus… É criado pela Irm andade?

John franziu o cenho. Nunca tinha se dado conta de que poderia ser relacionado com a Irm andade.

—Acredito que ele é m uito bom para te responder. —Disse Lash.

John deixou passar. Sabia que tropeçaria com todo tipo de ligações sociais, fazendo explodir m inas a direita e esquerda, devido a seu nom e, a crescer com os hum anos e a incapacidade de falar.

Tinha o pressentim ento de que esse dia na escola ia ser um a infernal prova de

resistência, por isso teria que econom izar energia.

A viagem durou aproxim adam ente quinze m inutos, com os últim os cinco m ais ou m enos envolvendo m uitas m archas e paradas, o que significava que estavam atravessando o sistem a de portas dentro do recinto de treinam ento.

Quando o ônibus parou e a separação se retraiu, John colocou a esteira sobre seus om bros e a m ochila, e saiu prim eiro. O estacionam ento subterrâneo estava tal com o tinha estado ontem à noite: sem carros, só outro ônibus local com o o que eles tinham entrado. Separou-se para um lado e olhou com o os outros circulavam em m assa, um a m ultidão de j is brancos. Suas vozes lhe recordaram o som de pom bas batendo as asas.

As portas do centro abriram de repente e o grupo paralisou.

Mas, Phury podia fazer isso com um a m ultidão. Com seu cabelo espetacular e seu grande corpo vestido de negro, era suficiente para fazer que alguém paralisasse.

— Oi, John. — disse ele, saudando-o com a m ão — Com o vai?

Os tipos viraram -se o olharam fixam ente.

Sorriu a Phury. Depois se ocupou de ficar em segundo plano.

Bela olhou Zsadist cam inhar pelo quarto. Recordava com o ele havia se sentido na noite anterior quando ela tinha saído para procurá-lo: enj aulado,

infeliz. Muito provocado.

Por que dem ônios o forçava a isto?

Quando abriu a boca para suspender tudo isto, Zsadist parou diante da porta do banheiro.

— Preciso de um m inuto. — disse ele. Então, se fechou.

Perplexa, aproxim ou-se e se sentou sobre a cam a, esperando-o para saber por que recuou. Quando ele se m anteve lá dentro e abriu a ducha, ela entrou em introspecção.

Tentou im aginar-se voltando para casa para sua fam ília e cam inhando por aquelas salas tão fam iliares, sentando-se em suas cadeiras, abrindo as portas e dorm indo na cam a de sua infância. Sentiu que tudo estava errado, com o se fosse um fantasm a naquele lugar que conhecia tão bem .

E, com o a tratariam sua m ãe e seu irm ão? E a *glymera*?

No m undo aristocrático, tinha sido desonrada além de ter sido seqüestrada.

Agora, a evitariam term inantem ente. Sendo controlada por um … Lesser…

Enterrada na terra… A aristocracia não agüentava bem aquele tipo de m onstruosidade e a culpariam . Infernos, era provavelm ente por isso que sua m ãe tinha sido tão reservada.

Deus, pensou Bela. O resto de sua vida ia ser com o agora?

Quando o tem or a afogava, a única coisa que a m antinha inteira era pensar

em perm anecer nesse quarto e dorm ir durante dias com Zsadist bem perto dela.

Ele era o frio que a fazia condensar-se outra vez. E, o calor que parava seus trem ores.

Era o assassino que a m antinha a salvo.

Mais tem po… Mais tem po com ele, prim eiro. Então, talvez pudesse confrontar o m undo exterior.

Ela franziu o cenho, percebendo que ele tinha estado na ducha durante bastante tem po.

Seus olhos se m overam para a plataform a que havia na esquina m ais afastada. Com o podia dorm ir ali noite pós noite? Sentido o chão duro em suas costas e não havia nenhum travesseiro para a cabeça. Nem cobertas para cobrir-se se protegendo do frio, tam pouco.

Ela se concentrou no crânio que havia ao lado das m antas dobradas. A correia de couro negra entre os dentes o proclam ava com o alguém a quem tinha am ado.

Obviam ente fora casado, em bora ela não tivesse ouvido rum ores sobre isso. Sua *shellan* tinha ido ao Fade por causas naturais ou a tinham afastado de seu lado?

Era por isso que estava tão zangado?

Bela olhou na direção do banheiro. O que estava fazendo ali?

Aproxim ou-se e cham ou. Quando não houve nenhum a resposta, abriu a porta devagar. Um a fria raj ada de vento a atingiu e ela retrocedeu.

Reforçando-se, entrou no ar glacial.

— Zsadist?

Através da porta de vidro da ducha, viu-o sentado sob o chuvisco de água gelada. Balançava-se para frente e para trás, gem endo, esfregando os pulsos com um a esponj a.

— Zsadist! — correu e abriu o vidro. Procurando exam inar os acessórios, fechou a água — O que está fazendo?

Ele olhou para ela com olhos selvagens, loucos enquanto seguia balançando-se e esfregando, balançando e esfregando. A pele ao redor das tatuadas listras negras estava verm elha brilhante, com pletam ente em carne viva.

— Zsadist? — controlou-se para m anter seu tom aprazível e estável — O que está fazendo?

— Eu… Eu não posso m e lim par. Não quero que te suj e, tam bém . — levantou seu pulso e o sangue lhe gotej ava pelo antebraço — Vê? Olhe a suj eira.

Está toda sobre m im . Dentro de m im .

Sua voz a alarm ou com o nunca o tinha feito antes, suas palavras transm itindo um a estranha e infundada lógica de loucura.

Bela recolheu um a toalha, deu um passo entrando no com partim ento e se agachou. Capturando suas m ãos, tirou-lhe a esponj a.

Quando, com cuidado, secou sua carne ferida, disse:

— Está lim po.

— Oh, não, não estou. — sua voz com eçou a elevar-se, crescendo com um

ím peto terrível — Estou asqueroso. Estou m uito suj o. Estou suj o, suj o… — agora

balbuciava, as palavras saíam j untas, o volum e se elevou em itindo um som de

histerism o nos azulej os e enchendo banheiro — Pode ver a suj eira? Eu a vej o por

toda parte. Cobre-m e. Presa dentro de m im . Posso sentir na m inha pele…

— Shhh. Perm ita-m e… Só…

Vigiando-o, com o se fosse a… Deus, nunca tinha pensado que… Agarrou às

cegas um a toalha e a arrastou para ducha. Colocando-a ao redor de seus grandes

om bros, cobriu-o com ela, m as quando tentou pô-la sobre seus braços, ele

recuou.

— Não m e toque. — disse com aspereza — Você se suj ará.

Ficou de j oelhos na frente dele, seu roupão encharcando-se de água,

absorvendo-a. Até que não notou o frio.

Jesus… Ele parecia alguém que tivesse estado em um naufrágio: seus olhos

m uito abertos e dem entes, sua calça m olhada aderindo-se aos m úsculos de suas

pernas, a pele do peito arrepiada. Seus lábios estavam azuis e seus dentes

tocavam castanholas.

— Sinto m uito. — sussurrou ela. Queria tranqüilizá-lo dizendo que não havia

nenhum a suj eira sobre ele, m as sabia que só o exaltaria outra vez.

Enquanto a água gotej ava da ducha até o azulej o, o rítm ico som que produzia era com o um a arm adilha de canos entre eles. Em m eio aos golpes, ela se encontrou recordando a noite que o tinha seguido até este quarto… À noite em que ele havia tocado seu excitado corpo. Dez m inutos depois de que fez isso, o tinha encontrado agachado sobre o vaso sanitário, vom itando por que tinha posto

as m ãos sobre ela.

Sou asqueroso. Estou tão sujo. Estou sujo, sujo…

A claridade chegou a ela da m esm a m aneira que m udam os pesadelos, que se ancoram no conhecim ento com um a ilum inação glacial, lhe m ostrando algo feio. Era óbvio que tinha sido golpeado com o escravo de sangue e tinha presum ido que por isso não gostava que o tocassem . Mas, ser golpeado, tirando a

parte de ser doloroso e espantoso, não lhe faria sentir tão suj o.

Mas, o abuso sexual faria.

Seus escuros olhos de repente enfocaram seu rosto. Com o se houvesse sentido a conclusão a que tinha chegado.

Conduzida pela com paixão, inclinou-se para ele, m as a cólera que sangrava em seu rosto a deteve.

— Cristo, m ulher. — explodiu — Quer te cobrir?

Ela olhou para baixo. Seu roupão estava aberto até a cintura, a elevação de

seus seios exposta. Deu um puxão às lapelas, as j untando.

No tenso silêncio era difícil encontrar onde olhar, então se concentrou em seu om bro… Seguindo a linha do m úsculo até a clavícula, para a base do pescoço. Seus olhos foram à deriva sobre a grosa garganta… À veia que bom beava sob sua pele.

A fom e a atravessou com o um relâm pago, fazendo com que lhe alargassem as presas. *Oh, inferno.* Com o era que em um a hora dessas desej ava sangue?

— Por que m e quer? — resm ungou, claram ente sentindo sua necessidade — É m elhor que isto.

— Você é…

— Sei que sou.

— Não está suj o.

— Maldita sej a, Bela…

— E, só quero a você. Olhe, realm ente sinto e tem os que…

— Sabe o que? Não conversar m ais. Estou farto de falar. — esticou o braço sobre o j oelho, o pulso para cim a e seus escuros olhos ficaram desprovidos de qualquer em oção, inclusive zanga — Este é seu funeral, m ulher. Faz, se quiser.

O tem po parou enquanto ela olhava fixam ente o que a contra gosto ele oferecia. Deus aj udasse aos dois, m as ia tê-lo. Com um m ovim ento rápido, ela se curvou sobre sua veia e o m ordeu. Em bora lhe doesse, ele não se afastou,

absolutam ente.

No instante em que o sangue golpeou sua língua, gem eu de prazer.

Alim entou-se de aristocratas antes, m as nunca de um hom em da classe dos guerreiros e certam ente nunca, de um m em bro da Irm andade. Seu sabor era um

delicioso rugido em sua boca, um a invasão, um a epopéia, um a explosão barulhenta e logo engoliu. A corrente de poder a atravessou, um fogo florestal no tutano de seus ossos, um a explosão que bom beou seu coração com um a rápida força gloriosa.

Trem eu tanto que quase perdeu o contato com seu pulso e teve que agarrar-se ao antebraço dele para estabilizar-se. Bebeu m uito, avaros puxões, fam inta não só pela força, m as por ele, por este hom em .

Para ela, ele era… O único.

CAPÍTULO XVIII

Zsadist lutou para m anter a calm a enquanto Bela se alim entava. Não queria incom odá-la, m as cada puxão em sua veia, só o que conseguia era aproxim ar-se

da perdição. A Mistress tinha sido a única que algum a vez se alim entou dele, e as

lem branças daquelas violações eram tão agudas com o as presas enterradas em seu pulso agora. O m edo chegou, duro e vivo, nenhum a som bra do passado nunca m ais, agora era um pânico presente.

Merda Santa.… Estava enj oado. Ia perder a consciência com o um com pleto afem inado.

Em um a tentativa desesperada por concentrar-se, concentrou-se no cabelo escuro de Bela. Tinha um a m echa perto de sua m ão livre e o fio brilhou à alta luz

da ducha, tão adorável, tão grosso, tão diferente do loiro da Mistress.

Deus, o cabelo de Bela parecia realm ente suave… Se tivesse coragem enterraria sua m ão — não, seu rosto inteiro — naquelas ondas m ogno. Poderia controlar-se? Perguntou-se. Estando tão perto de um a m ulher? Ou se afogaria quando o m edo o golpeasse?

Se fosse Bela, pensou que seria capaz de fazê-lo.

Sim … Realm ente gostaria de pôr seu rosto ali, em seu cabelo. Talvez se m ovendo entre ele, encontraria o cam inho ao pescoço e… Pressionaria um beij o. Realm ente suave.

Sim … E, logo poderia ir m ovendo-se e roçaria seus lábios contra sua bochecha. Talvez ela lhe deixasse fazer isto. Não iria para sua boca. Não podia im aginar que ela quisesse estar perto de sua cicatriz e de toda form a o lábio superior estava ferrado. Além disso, não sabia com o beij á-la. A Mistress e seus aj udantes sabiam m anter-se a distância de suas presas. E, depois ele nunca quis aproxim ar-se tanto de um a m ulher.

Bela fez um a pausa e inclinou a cabeça, seus olhos de cor azul safira giraram

para ele, exam inando-o para se assegurar de que estava bem .

A preocupação dela lhe m ordeu o orgulho. Cristo, pensar que estava tão fraco que não podia controlar a alim entação de um a m ulher… E, lhe dava vergonha com preender que ela sabia disso enquanto estava em sua veia. Pior, era aquela expressão em seu rosto a uns m om entos, aquele horror que significava que ela tinha entendido de que outra m aneira ele tinha sido usado além de com o escravo

de sangue.

Não podia suportar sua com paixão, não queria esses olhares de preocupação, não estava interessado nos m im os e carícias. Abriu a boca, para lhe dizer que separasse sua cabeça, m as de certa form a a cólera se perdeu na viagem entre suas vísceras e sua garganta.

— Tudo bem . — disse bruscam ente — O pulso está estável. Pulso firm e.

O alívio nos olhos dela foi outra tapa em seu traseiro.

Quando com eçou a beber outra vez, ele pensou, *odeio isto.*

Bom … Odiava em parte. Ok, odiava a m erda em sua cabeça. Mas quando os aprazíveis puxões continuaram , com preendeu que gostava.

Ao m enos, até que pensasse no que ela estava bebendo. Sangue suj o…

Sangue oxidado… Corrosivo, infectado, repugnante. Hom em , sim plesm ente não

podia com preender por que ela tinha rechaçado ao Phury. O hom em era perfeito por dentro e por fora. Entretanto, estava sobre o ladrilho frio e duro, m ordendo

sobre sua m arca de escravo, com ele. Por que o fazia…

Zsadist fechou os olhos. Sem dúvida, depois de tudo pelo que tinha passado, ela acreditava que não m erecia nada m elhor que alguém que estava poluído. Aquele lesser provavelm ente tinha quebrado seu am or próprio.

Hom em , Deus era sua testem unha, faria que o últim o fôlego do bastardo desaparecesse esprem ido entre suas m ãos.

Com um suspiro, Bela liberou seu pulso e relaxou contra a parede da ducha, as pálpebras fechadas, seu corpo débil. A seda da roupa estava m olhada e aderia às pernas, perfilando as coxas, os quadris… A união do m eio.

Enquanto *aquilo* se engrossava em suas calças rapidam ente, quis cortar-lhe Levantou o olhar para ela. Meio esperando que tivesse algum ataque ou algo assim , e tentou não pensar em toda a im perfeição que ela tinha engolido.

— Está bem ? — perguntou-lhe.

— Obrigado. — disse com voz rouca — Obrigado por m e deixar…

— Sim , j á pode parar. — Deus, sentia que não a tinha protegido dele m esm o. A essência da Mistress o bom bardeava, os ecos da crueldade daquela m ulher estavam presos no infinito circuito de suas artérias e veias, circulando por todo seu corpo. E, Bela acabava de tom ar um pouco daquele veneno em suas vísceras.

Deveria ter lutado m ais duram ente contra isso.

— Vou te levar para a cam a.

Com o ela não se opôs, recolheu-a, tirou-a da ducha e fez um a pausa no lavabo para pegar um a toalha.

— O espelho. — m urm urou — Por que cobriu o espelho?

Ele não respondeu enquanto se dirigia ao dorm itório, não podia conversar sobre essas horríveis coisas, ela não suportaria.

— Estou com um a aparência tão ruim assim ? — sussurrou contra seu om bro.

Quando chegou à cam a, colocou-a de pé.

— O roupão está m olhado. Deve tirá-lo. Usa isto para te secar, se quiser.

Ela pegou a toalha e com eçou a afrouxar o laço da cintura. Ele rapidam ente se virou, escutando o m ovim ento do tecido, algum a agitação e depois o m ovim ento dos lençóis.

Quando estava instalada, algo m uito básico, antigo lhe exigia que se deitasse com ela agora. E, não para abraçá-la. Queria estar em seu interior, m ovendo-se… Liberando-se. De algum m odo lhe parecia correto fazê-lo, lhe dar não só o sangue de suas veias m ais finalizar com o ato sexual, tam bém .

Estava *totalmente* fodido.

Passou um a m ão pelo cabelo, perguntando-se de onde infernos lhe tinha chegado essa m aldita idéia.

Hom em , tinha que afastar-se dela…

Bom , ia passar logo, certo. Ela partiria à noite. Iria para sua casa.

Seus instintos ficaram loucos, fazendo-o querer lutar para que perm anecesse

em sua cam a. Am aldiçoou seu estúpido e prim itivo coração. Tinha que fazer seu

trabalho. Tinha que sair, encontrar a um lesser em particular e m atar o

desgraçado por ela. Era o que tinha que fazer.

Z se dirigiu para o arm ário, vestiu um a cam isa e se arm ou. Enquanto

colocava a cartucheira sobre o peito, pensou em lhe pedir um a descrição do

assassino que a tinha levado. Mas, não queria traum atizá-la… Não, Tohr

perguntaria, porque o irm ão conduzia bem esse tipo de coisa. Quando fosse

devolvida a sua fam ília esta noite, então Tohr falaria com ela.

— Já vou. — disse Z enquanto fixava a bainha de couro de suas adagas que

atravessava suas costelas — Quer que eu diga a Fritz que te traga com ida antes

de partir?

Com o não houve nenhum a resposta, olhou do batente da porta. Estava de

lado, olhando-o.

Outra onda de severo instinto o golpeou.

Queria vê-la com er. Depois do sexo, depois de estar em seu interior, queria

que com esse o alim ento que lhe trouxesse, e queria que o com esse de sua m ão.

Infernos, queria sair e m atar algo para ela, trazer a carne, cozinhá-la ele m esm o

e alim entá-la até que estivesse cheia. Então quis estar a seu lado com um a adaga

na m ão, protegendo-a enquanto dorm ia.

Retornou ao arm ário. Hom em , estava ficando louco. Totalm ente louco.

— Trarei algum a coisa para você.

Verificou as lâm inas de sua duas adagas negras, as testando no interior de seu antebraço, cortando a pele. Quando a dor lhe zum biu no cérebro, olhou fixam ente a m arca que Bela tinha feito sobre seu pulso.

Sacudindo-se para concentrar-se, colocou a cartucheira ao redor de seus quadris e pôs nela o par de SIG Sauers. Os nove m ilím etros tinham o tam bor cheio de balas e havia outros dois autom áticos enfiados nas reentrâncias do cinturão. Escorregou um punhal de lançam ento em um a pequena fivela de suas costas e se assegurou de que tinha algum as Hira shuriken[14]. As botas de com bate eram o seguinte. O leve blusão im perm eável para cobrir o arsenal era o último.

Quando saiu, Bela ainda tinha a vista elevada para ele, da cam a. Seus olhos eram tão azuis. Azuis com o a noite. Azuis com o…

— Zsadist?

Lutou contra o im pulso de bater em si m esm o.

— Sim ?

— Sou desagradável para você? — com o ele retrocedeu, ela colocou as m ãos sobre o rosto — Não im porta.

Enquanto se escondia dele, ele pensou na prim eira vez que a viu, quando ela o

tinha surpreendido no ginásio por volta de um as tantas sem anas. Fascinou-o,

deixando-o com o um estúpido e ela ainda tinha esse efeito sobre seu cérebro. Era

com o se tivesse um interruptor do qual só ela tivesse o controle rem oto.

Esclareceu-se garganta.

— É com o sem pre foi para m im .

Virou-se, só para ouvir um soluço. Então, outro. E, outro.

Olhou sobre o om bro.

— Bela… Inferno Santo…

— Sinto. — disse dentro das palm as — Sou lam entável. Só vai. Estou bem …

Sinto, estou bem .

Enquanto se aproxim ava e sentava sobre o colchão, desej ava ter o dom das

palavras.

— Não tem por que sentir.

— Invadi seu quarto, sua cam a. Obriguei-te a dorm ir perto de m im . Fiz com

que m e desse de sua veia. Sou tão… Sinto. — suspirou e se recolheu, porém seu

desespero perm aneceria m uito tem po, trazendo o arom a terroso das gotas de

água sobre a calçada quente — Sei que deveria partir, sei que não m e quer aqui,

m as só necessito… Não posso ir para m inha granj a. O lesser m e levou dali, por

isso não posso suportar a idéia de retornar. E, não quero ficar com m inha fam ília.

Eles não entenderão o que m e passa agora e não tenho energia para explicar-lhes. Só necessito um pouco de tem po, necessito conseguir de algum j eito que m inha cabeça saia disso, m as não posso sozinha. Em bora não queira ver ninguém , exceto…

Quando acabou, ele disse.

— Fique aqui o quanto quiser.

Ela com eçou a soluçar, outra vez. Maldita sej a.

Isto era o que devia dizer.

— Bela… Eu… — o que supunha que estava fazendo?

Estenda-lhe a mão, idiota. Pegue sua mão, pedaço de merda.

Não podia fazê-lo.

— Quer que m e m ude? Que te dê espaço?

Mais choro, no m eio dos quais ela m urm urou:

— *Necessito-te.*

Deus, se a tinha ouvido bem , com padecia-se por ela.

— Bela, deixe de chorar. Deixa de chorar e m e olhe. — finalm ente ela suspirou e lim pou o rosto.

Quando ele esteve seguro de que tinha sua atenção, disse-lhe:

— Não se preocupe com nada. Ficará aqui enquanto quiser. Está claro?

Ela só o olhou fixam ente.

— Acene com a cabeça para m im , então saberei que m e escutou. — quando

ela o fez, ele levantou — Eu sou o últim o que você necessita. Então, deixa de dizer bobagens agora m esm o.

— Mas…

Dirigiu-se à porta.

— Retornarei antes da alvorada. Fritz sabe com o encontrar a todos.

Depois de deixá-la, Z cruzou o corredor de estátuas, virou na ala esquerda e rapidam ente passou diante do estudo de Wrath e pela m agnífica escada. Três portas m ais à frente, ele cham ou. Não houve resposta. Voltou a cham ar.

Dirigiu-se para baixo e encontrou quem procurava na cozinha.

Mary, a m ulher de Rhage, cortava batatas. Muitas batatas. Com o um exército delas. Seus olhos cinza levantaram e sua faca de cozinha parou sobre um a batata Idaho golden. Olhou a seu redor, perguntando-se se ele estava procurando a alguém m ais. Ou talvez só esperasse não ficar a sós com ele.

— Poderia adiar isto um pouquinho? — disse Z, apontando com a cabeça para o m ontão de batatas.

— Um , claro. Rhage sem pre pode com er outra coisa. Além disso, de todos os m odos, Fritz está tendo um a m anha de criança porque eu ia cozinhar. O que… Ah, que necessita?

— Eu não. Bela. Agora m esm o, ela precisa de um a am iga.

Mary abaixou a faca e a batata m eio cortada.

— Estou querendo vê-la.

— Está em m eu quarto. — Z girou, j á pensando em qual dos becos do centro da cidade ia bater.

— Zsadist?

Ele parou com a m ão sobre a porta do m ordom o.

— O que?

— Está cuidando m uito bem dela.

Ele pensou no sangue que tinha deixado que ela bebesse. E, a urgência de ter um orgasm o em seu corpo.

— Não realm ente. — disse por sobre o om bro.

Às vezes, tem que se começar pelo princípio, pensou O enquanto corria pelo parque.

Aproxim adam ente a dois quilôm etros e m eio de onde tinha estacionado o cam inhão, as árvores dim inuíam de quantidade até form ar um prado rasteiro.

Parou enquanto ainda estava escondido entre os pinheiros.

Entre a branca m anta de neve, estava a granj a onde tinha encontrado sua esposa e à m ortiça luz do dia sua casa era toda Norm an Rockwell, um a postal do Hallm ark, a perfeita Middle Am erica. A única coisa que faltava era um pouco de fum aça saindo da cham iné de tij olo verm elho.

Tirou seus binóculos e explorou o local, logo se concentrou na casa. As m arcas de pneus no cam inho da entrada e na porta faziam com que se

preocupasse que a granj a tivesse sido vendida e os prom otores tivessem vindo.

Mas, ainda havia m óveis dentro, m óveis que reconheceu de quando tinha estado

ali com ela.

Deixou cair o binóculo, deixando que pendurasse de seu pescoço e agachou.

Esperaria por ela ali. Se estivesse viva, iria para casa ou quem quer que a

cuidasse viria buscar algum as de suas coisas. Se estivesse m orta, alguém

com eçaria a tirar suas porcarias.

Ao m enos, esperava que algo assim acontecesse. Não tinha nada m ais para

continuar, não sabia seu nom e ou o paradeiro de sua fam ília. Além disso, não

podia adivinhar onde estaria. Sua única opção era sair e perguntar aos civis.

Com o nenhum a outra m ulher tinha sido seqüestrada, certam ente seria o tem a de

conversas dentro de sua raça. O problem a era que esse cam inho podia levar

sem anas… Meses. E, a inform ação dada através de técnicas persuasivas não era

sem pre sólida.

Não, provavelm ente observando a casa conseguiria m ais resultados. Sentaria

e esperaria que alguém lhe estendesse a m ão e o conduzisse até ela. Talvez seu

trabalho fosse ainda m ais fácil e o irm ão com cicatrizes poderia ser quem o

m ostrasse.

Isso seria perfeito.

O se apoiou sobre os tornozelos, não ligando para o vento frio.

Deus… Esperava que estivesse viva.

CAPÍTULO XIX

John m anteve a cabeça baixa e tratou de unir esforços. O vestuário estava cheio de vapor, vozes e o estalo de toalhas m olhadas nos traseiros nus. Os aprendizes se desfizeram de seus j is suarentos, tom ando banho antes do descanso para com er e logo teriam um a aula de golpes com o parte da educação.

Era um grupo de caras norm ais, exceto John, por isso não quis despir-se. Mesm o sendo todos de seu tam anho, isto era, sem rodeios, pior que cada pesadelo que agüentou na escola secundária até que pôde sair do sistem a aos dezesseis. E, agora m esm o estava evidentem ente m uito exausto para lidar com a cena.

Supunha que era m eia-noite, m as se sentia com o... Se fossem às quatro da m adrugada, da m anhã seguinte. O treinam ento era exaustivo. Nenhum dos outros m achos era forte, m as todos eles puderam m anter o ritm o com as posturas que Phury e logo Tohr introduziram . Infernos, uns quantos tinham talento. John era um desastre. Seus pés eram lentos, suas m ãos estavam sem pre no lugar e no m om ento errado, e não tinha coordenação m otora. Hom em , não im portava o quanto tentasse, não encontrava o equilíbrio. Seu corpo era com o um a bolsa cheia de água em m ovim ento, caso se m ovesse em um a direção, todo resto lhe

caia em cim a.

— Melhor que te apresse. — disse Blay lock — Só tem os m ais oito m inutos.

John olhou a porta das duchas. Os j orros de água ainda funcionavam , m as não podia ver ninguém ali. Tirou o j i, o suspensório e se m eteu rapidam ente dentro da...

Droga. Lash estava na esquina. Com o se o estivesse esperando.

— Oi, grande hom em . — o cara arrastou as palavras — Realm ente nos ensinou um a coisa ou duas lá fora...

Lash parou de falar e fixou o olhar no peito de John.

— Você, pequeno beij o no traseiro. — disse bruscam ente. E, logo saiu furioso da ducha.

John olhou para a m arca circular em cim a de seu peitoral esquerdo, com a qual ele tinha nascido... A que, segundo lhe disse Tohr, recebiam os m em bros da

Irm andade em sua iniciação.

Genial. Agora poderia acrescentar essa m arca de nascim ento à crescente lista de coisas das quais não queria ouvir seus com panheiros falar.

Quando saiu da ducha com a toalha ao redor da cintura, todos os m achos, inclusive Blay lock, m antinham -se unidos. Enquanto o inspecionavam com o um a

sólida e silenciosa unidade, perguntou-se se os vam piros tinham instintos de m anada, com o os lobos ou os cães.

Com o continuaram lhe cravando o olhar, pensou, *um, certo. Isso era uma grande afirmação.*

John abaixou a cabeça e foi vestir a roupa, desesperado para que o dia acabasse.

Por volta das três da m adrugada, Phury cam inhou rapidam ente pela Décim a Rua para o ZeroSum . Butch estava esperando lá fora na entrada de vidro crom ado do clube, m atando tem po, apesar do frio. Envolto em seu com prido casaco de cachem ira e com o boné dos Red Sox bem introduzida, via-se bem . Anônim o, m as bem .

— Que faz? — perguntou Butch enquanto batia as m ãos.

— A noite é um a m erda da parte dos lesser. Ninguém encontra nada. Oi, hom em , obrigado pela com panhia, necessito dela.

— Sem problem a. — Butch se enfiou no boné dos Sox ainda m ais. Com o os Irm ãos, não cham ava atenção. Enquanto era detetive de hom icídios, aj udou a enviar a um num eroso grupo de cam elos para a prisão, por isso era m elhor para ele passar despercebido.

Dentro do clube, a m úsica tecno era irritante. Tam bém havia luzes piscando e m uitos hum anos. Mas, Phury tinha suas razões para vir, e Butch estava sendo am ável. De certo m odo.

— Este lugar é só para estranhas preciosidades. — disse o policial, olhando ao tipo vestido com um traj e anos 70 rosa choque com a m aquiagem com binando

— Melhor picolé caseiro e cervej a todos os dias do que esta sandice da cultura X.

Quando foram à área VIP, a corda de cetim rosa foi abaixada im ediatam ente para lhes deixar passar.

Phury saudou o segurança, logo olhou a Butch.

— Não dem orarei m uito.

— Já sabe onde m e encontrar.

Enquanto o policial ia para a m esa, Phury andou por trás da ária VIP, parando diante dos dois seguranças que vigiavam a porta privada do Reverendo.

— Direi que você está aqui. — disse o da esquerda.

Um a fração de segundo m ais tarde perm itiram a entrada de Phury. O escritório era um a cova, fracam ente ilum inada com teto baixo, e o vam piro dentro do escritório dom inava o espaço, especialm ente quando se levantou. Reverendo m edia uns dois m etros, e a estreita crista que usava em seu cabelo com binava tanto quanto o fazia seu excelente e luxuoso traj e Italiano. Seu rosto era desum ano e inteligente, o tornando legitim am ente perigoso no negócio no qual estava. Em bora, seus olhos... Seus olhos não encaixavam . Eram curiosam ente bonitos, da cor das am etistas, um púrpura tão profundo que resplandecia.

— De volta tão rápido? — disse o m acho, com sua voz grave, profunda, m ais dura que de costum e.

Pegue o produto e parta logo, pensou Phury.

Pegou seu m aço de dinheiro, separando três das grandes. Desdobrou as notas de m il em cim a da escrevinha crom ada.

— O dobro do de costum e. E, a quero cortada.

Reverend sorriu friam ente e virou a cabeça para esquerda.

— Rally, dê ao m acho o que necessita. E, em bainha essa O-Zs. — um subordinado saiu da escuridão e saiu através da porta de trilho na esquina m ais afastada da sala.

Quando estavam sozinhos, Reverendo rodeou a escrivaninha lentam ente, m ovendo-se com o se tivesse azeite nas veias, todo poder sinuoso. Quando deu a volta, aproxim ou-se o bastante para tocar Phury deslizando sua m ão no casaco e encontrando um a de suas arm as.

— Tem certeza que não está interessado em algo um pouco m ais forte? — disse Reverendo — Essa fum aça verm elha é para um consum idor m oderado.

— Se quisesse algo m ais, pediria.

O vam piro se deteve ao seu lado. Muito, m uito perto.

Phury franziu o cenho.

— Algum problem a?

— Tem um bonito cabelo, sabe? É com o o das fêm eas. Todas essas cores diferentes. — a voz do Reverendo era estranham ente hipnótica, seus olhos

púrpuras, puram ente ardilosos — Falando de fêm eas, ouvi dizer que não te aproveita do que m inhas dam as oferecem . É verdade?

— Por que te im porta?

— Só quero estar seguro de que suas necessidades estão sendo atendidas. A satisfação do cliente é m alditam ente im portante. — o m acho se aproxim ou ainda

m ais m ostrando com a cabeça o braço de Phury, que desapareceu dentro do seu casaco — Sua m ão está na culatra da pistola, não? Tem m edo de m im ?

— Só quero estar seguro de que posso m e encarregar de você.

— Oh, de verdade?

— Sim . No caso de precisar de um a pequena Glock para pronunciar um a reanim ação.

Reverendo sorriu am plam ente, cintilando as presas.

— Sabe, ouvi esse rum or... Sobre um m em bro da Irm andade que é celibatário. Sim , im agine um guerreiro que se abstém . E, ouvi algum as outras coisas sobre esse m acho. Não tem um a perna. Tem um sociopata cicatrizado com o gêm eo. Por acaso não conhece esse Irm ão?

Phury negou com a cabeça.

— Não.

— Hum . Curioso, vi-te rondando com um tipo que parecia levar um a m áscara de Halloween. Na realidade, vi-te com um par de grandes m achos que

estão de acordo com os tipos dos quais ouvi falar. Não acredita...

— Faça o favor de m e dar m inha erva. Esperarei lá fora. — Phury partiu de volta. Estava de m au hum or para com eçar: frustrado por não ter encontrado um a

briga, sangrando por dentro por haver-se fechado com Bela. Agora não tinha tem po para outro conflito. Dificilm ente estava dentro de seus nervos.

— É celibatário porque você gosta dos m achos?

Phury o olhou enfurecido por cim a do om bro.

— O que aconteceu com você esta noite? Sem pre é estranho, m as agora m esm o tam bém está sendo um verdadeiro idiota.

— Sabe, possivelm ente só precise de sexo. Não transo com varões, m as estou seguro que poderíam os te encontrar a um com placente.

Pela segunda vez em vinte e quatro horas, Phury explodiu. Avançou através do escritório, agarrou o Reverendo pelas lapelas de seu Gucci, e o cravou na parede.

Phury pressionou o peito do tipo.

— Por que está procurando briga?

— Você m e beij ará antes do sexo? — m urm urou Reverendo, ainda brincando

— Acredito que é o m ínim o que pode fazer, considerando que só nos conhecem os profissionalm ente. Ou não gosta das prelim inares?

— Foda-se.

— Isso é um a resposta original. Teria esperado algo um pouco m ais interessante de sua parte.

— Certo. Com o esta?

Phury presenciou-se irrefutavelm ente na boca do m acho, o beij o, um a pressão entre rostos, nada rem otam ente sexual. E, o fez só para apagar a expressão na cara do bastardo. Funcionou. Reverendo ficou rígido e grunhiu, e Phury soube que tinha descoberto as intenções do tipo. Mas, só para assegurar-se que tinha aprendido a lição, cortou o lábio inferior do m acho com um a presa.

No instante em que o sangue bateu em sua língua, Phury retrocedeu, com a boca aberta. Através da sacudida respirou:

— Bem , quem o diria, com edor de pecados.

Ao som da palavra, Reverendo cortou toda a sandice, ficando bem e com pletam ente sério. No silêncio parecia estar considerando suas negativas plausíveis.

Phury negou com a cabeça.

— Nem o tente. Posso saborear.

Os olhos am etistas se estreitaram .

— O term o politicam ente correto é *symphath.*

As m ãos de Phury apertaram ao m acho em um ato reflexivo. Merda sagrada. Um sy m phath. Aqui em Caldwell e vivendo entre as espécies. Fazendo-

se passar por qualquer outro civil.

Hom em , isso era um a inform ação crucial. A últim a coisa que Wrath precisava era outra guerra civil de raças.

— Só vou te avisar algo. — disse Reverendo brandam ente — Se m e delatar, perderá seu fornecedor. Pense nisso. Onde conseguirá o que necessita, se eu estiver fora de cena?

Phury olhou dentro daqueles olhos púrpuros, ainda refletindo sobre as im plicações. Ia contar aos Irm ãos logo que chegasse em casa, e ia vigiar o Reverendo de perto. E quanto a entregar o tipo... A discrim inação que os *symphaths* haviam confrontando ao longo da história sem pre lhe parecera inj usta... Sem pre e quando não com eçassem a j ogar fora a porcaria e o m etessem em apuros. E, Reverendo fazia funcionar o clube durante os últim os cinco anos sem problem as relacionados com o com portam ento *symphath*.

— Vam os fazer um pequeno trato. — disse Phury, olhando enfurecidam ente dentro do violeta e fixo olhar — Eu m e calo e você se m antém no anonim ato. Tam pouco trate de ferrar-m e outra vez. Não vou seguir tua cantilena para que m e sugue as em oções, o que estava fazendo agora, não? Queria-m e furioso porque estava fam into de sentim entos.

A boca de Reverendo abriu j usto quando a porta do escritório se entreabriu. Um a vam piro fêm ea entrou sem convite, parando bruscam ente quando viu a inegável cena: dois m achos j untos, o lábio de Reverendo sangrando, e sangue

na

boca de Phury.

— Por todos os infernos, fora daqui! — ladrou Reverendo.

A fêm ea se foi tão rápido que tropeçou, golpeando o cotovelo com o m arco da porta.

— Então, tem os um trato? — picou Phury quando ela saiu.

— Se você adm itir que é um Irm ão.

— Não sou.

Os olhos de Reverendo relam pej aram .

— Só para que saiba, não acredito em você.

Phury de repente teve a noção de que o tem a da Irm andade ter surgido esta noite não foi acidental. Inclinou-se para o m acho violentam ente.

— Perguntando-se o que aconteceria caso sua identidade saísse à luz?

— Nós… — Reverendo tom ou um profundo fôlego — Tem os um trato.

Butch elevou a vista quando a m ulher que enviou para inspecionar Phury retornou. Norm alm ente as com pras eram feitas com rapidez, m as tinham passado uns bons vinte m inutos.

— Meu m enino ainda esta ali? — perguntou Butch, reparando distraidam ente que ela se esfregava o cotovelo com o se doesse.

— Oh, está ali. — quando lhe lançou um estreito sorriso, de repente se deu conta que era um a vam piro. Essa coisa com o um pequeno sorriso era um a

careta que todos eles faziam quando estavam entre hum anos.

E, ela era de certo m odo atrativa, supôs, com o com prido cabelo loiro e o couro negro em seus seios e quadris. Quando deslizou a seu lado no assento, sentiu seu perfum e e pensou ociosam ente em sexo pela prim eira vez em ... Bom , desde que se encontrou com Marissa no verão.

Tom ou um com prido trago, acabando o escocês em seu copo. Então, percorreu com os olhos os seios da fêm ea. Sim , o sexo estava em sua m ente, porém m ais com o um reflexo físico que qualquer outra coisa. O interesse não era com o o que tinha tido por Marissa. Então, a necessidade tinha sido... Urgente.

Reverente. Im portante.

A fêm ea a seu lado lançou um olhar com o se soubesse a direção de seus pensam entos.

— Seu am igo poderá dem orar um pouco.

— Sim ?

— Eles só estavam com eçando a ir ao ponto.

— A com pra?

— O sexo.

A cabeça de Butch se elevou rapidam ente e se olharam fixam ente.

— Perdão?

— Oh, ui! — franziu o cenho — Estão j untos ou algo assim ?

— Não, não estam os j untos. — disse bruscam ente — De que dem ônios está falando?

— Sim , realm ente não pensei que você fosse assim . Você se veste bem , m as não libera esse tipo de vibração.

— E, m eu am igo não está com hom ens, tam pouco.

— Está seguro sobre isso?

Pensou sobre seu celibato e com eçou a perguntar-se.

Dá no mesmo. Necessitava outra bebida, não precisava m isturar-se nos negócios de Phury. Elevando o braço, fez gestos à garçonete, que se aproxim ou apressadam ente.

— Outro escocês duplo. — disse. Para ser educado, voltou-se para fêm ea a seu lado — Quer algo?

A m ão dela aterrissou em sua coxa.

— De fato, sim . Mas, ela não pode m e dar isso.

Quando a garçonete partiu, Butch se reclinou no reservado, esticando am bos os braços para fora, abrindo-se. A fêm ea tom ou com o um convite, inclinando-se para ele, m ovendo sua m ão para o sul. Seu corpo se agitou, o prim eiro sinal de vida em m eses, e teve um pensam ento fugaz de que possivelm ente poderia tirar

Marissa da cabeça com um pouco de sexo.

Enquanto a fêm ea lhe acariciava através das calças, observou-a com

interesse clínico. Sabia aonde conduzia isto. Acabaria fazendo em um dos lavabos

privados dali. Possivelm ente levasse dez m inutos, se chegasse. Levaria ela ao êxtase, feito o trabalho, ele se afastaria dela.

Deus, tinha j ogado esse j ogo rotineiro centenas de vezes durante sua vida. E, eram realm ente só m asturbações disfarçadas de sexo. Nenhum problem a.

Pensou em Marissa… E, sentiu ardência nos condutos lacrim ais.

A fêm ea a seu lado se m oveu tanto, que seus seios estiveram em cim a de seu braço.

— Vam os lá para trás, carinho.

Pôs a m ão sobre a sua entre perna e ela fez algum tipo de ronrono em sua orelha. Ao m enos até que lhe tirou a m ão.

— Sinto m uito. Não posso.

A fêm ea se separou e o olhou com o se ele tivesse brincado com ela. Butch fixou o olhar diretam ente atrás.

Não estava preparado para dizer que nunca m ais voltaria a ter sexo. E, certam ente não podia entender por que Marissa lhe tinha dado m uito m ais do que recebeu. Tudo o que sabia era que o velho costum e de m ontar com m ulheres aleatórias não era feito para ele esta noite.

De repente, a voz de Phury cortou o ruído am biental do clube.

— Êh, policial, quer ir ou ficar?

Butch elevou o olhar. Houve um a leve pausa enquanto especulava a respeito de seu am igo.

Os olhos do Irm ão se estreitaram .

— O que aconteceu, policial?

— Estou pronto para ir. — disse Butch, aliviando o em baraçoso m om ento.

Quando levantou, Phury j ogou um duro olhar à loira. Um verdadeiro especial "*mantém sua boca fechada"*.

Uau! , pensou Butch enquanto se dirigia à porta. *Então, Phury realmente era gay.*

CAPÍTULO XX

Um leve ruído despertou Bela, horas m ais tarde. Olhando para a j anela observou com o desciam à persiana de aço. O am anhecer estava perto.

A ansiedade form igava em seu peito, e olhou para a porta. Desej ava que Zsadist entrasse por ela, desej ava cravar os olhos nele e assegurar-se de que

estava inteiro. Em bora parecesse que tinha retornado à norm alidade quando saiu,

tinha-lhe feito passar por m uitas coisas.

Virou sobre suas costas e pensou sobre a revelação de Mary. Com o Zsadist

soube que ela necessitava de um a am iga? E, Deus, o fato de que tivesse pedido a

Mary e…

A porta se abriu com pletam ente, sem aviso prévio.

Bela sentou rapidam ente, subindo as m antas até o pescoço. Mas, então a

som bra de Zsadist foi um alívio im pressionante.

— Sou eu. — disse bruscam ente. Quando entrou trazia um a bandej a e havia

algo em seu om bro. Um a bolsa — Im porta-te se acender as luzes?

— Olá… — *Estou tão contente de que esteja bem* — Não, não m e incom odo.

Acendeu várias velas, e ela piscou pelo repentino resplendor.

— Trouxe algum as coisas pra você de sua casa. — pôs a bandej a de com ida

na m esinha de cabeceira e abriu a bolsa — Peguei roupas e um casaco. O

xam pu que estava na ducha. Um a escova. Sapatos. Meias três-quartos para

conservar seus pés quentes. Tam bém o seu diário… Não se preocupe, não li

nada.

— Eu m e surpreenderia se o fizesse. É m ais confiável que isso.

— Não, sou analfabeto.

Seus olhos flam ej aram .

— De toda form a… — sua voz era tão dura com o a linha de sua m andíbula

— Acreditei que quereria algum as de suas coisas.

Quando pôs a bolsa a seu lado na cam a, ela ficou olhando-o fixam ente até

que, afligida, estendeu a m ão para alcançá-lo. Quando se sobressaltou, ruborizou

e olhou o que ele havia lhe trazido.

Deus… A deixava nervosa ver suas coisas. Especialm ente o diário.

Porém , foi reconfortante tirar seu suéter verm elho favorito, colocou-o no

nariz e sentiu o cheiro do perfum e que sem pre usava. E… Sim , o pente, seu

pente, que gostava com sua cabeça larga, quadrada e as pontas m etálicas. Pegou

o xam pu, abrindo-o e inalando. Ahhh… Biolage[15]. Nada parecido ao perfum e

que o lesser lhe tinha feito usar.

— Obrigado. — a voz trem ente enquanto pegava seu diário — Muito

obrigado.

Acariciou a capa de couro de seu diário. Não queria abri-lo. Não agora. Mas,

logo…

Elevou o olhar para Zsadist.

— Você m e levaria para casa?

— Sim . Posso fazê-lo.

— Tenho m edo de ir ali, m as certam ente deveria.

— Só m e diga quando.

Reunindo coragem , querendo tirar do cam inho um a das coisas pendentes, disse:

— Quando anoitecer. Quero ir lá.

— Certo, irem os. — m ostrou a bandej a — Agora, com e.

Ignorando a com ida, observou-o entrar no arm ário e desarm ar-se. Era cuidadoso com suas arm as, as verificando a fundo, e se perguntou onde tinha estado… O que tinha feito. Em bora suas m ãos estivessem lim pas, seus antebraços tinham sangue negro.

Tinha m atado esta noite.

Supôs que sentiria um a espécie de triunfo com um lesser a m enos. Mas, enquanto Zsadist ia para o banho com um as calças sobre seus braços, estava m uito m ais interessada em seu bem -estar.

E, tam bém … Em seu corpo. Movia-se com o um anim al, no m elhor sentido da palavra, todo poder latente e elegante passo. O sexo que despertou nela a prim eira vez que o viu, golpeou-a de novo. Desej ava-o.

Quando a porta do banheiro se fechou e ouviu a ducha, esfregou os olhos decidindo que estava louca. O m acho se separou da am eaça de sua m ão em seu braço. Pensava que realm ente queria deitar-se com ela?

Desgostosa com ela m esm a, olhou a com ida. Era algum tipo de frango com ervas, batatas assadas e abobrinha. Havia um copo de água e outro de vinho branco, assim com o duas m açãs Granny Sm ith e um pedaço de bolo de

cenouras. Pegou o garfo e pulverizou o frango pelo prato. Queria com er o que havia no prato só porque ele tinha sido tão atento ao trazer-lhe.

Quando Zsadist saiu do banheiro vestindo só as calças de náilon, congelou-se e não pôde afastar seu olhar. Os anéis do m am ilo apanharam a luz das velas, assim com o os duros m úsculos do estôm ago e braços. Junto com a m arca estrelada da Irm andade, o peito nu tinha um recente e lívido arranhão que o atravessava e um m achucado.

— Está ferido?

Foi para ela e exam inou o prato.

— Não com eu m uito.

Não lhe respondeu enquanto seus olhos estavam apanhados nos ossos curvos do quadril que se sobressaíam da cintura baixa das calças. Deus… Só um pouquinho m ais baixo e poderia vê-lo todo.

De repente recordou dele esfregando-se rudem ente porque pensava que era asqueroso. Engoliu em seco, perguntando-se o que lhe haviam feito, sexualm ente. Desej a-lo com o ela fazia parecia… Inapropriado. Invasivo. Porém , não m udava a m aneira com o ela se sentia.

— Não estou com m uita fom e. — m urm urou.

Aproxim ou-lhe a bandej a.

— Com e de toda form a.

Quando com eçou a com er outra vez o frango, ele pegou as duas m ãos e

passeou pelo quarto. Mordeu um a delas, sentou no chão com as pernas cruzadas e os olhos fechados. Um braço cruzado sobre seu estôm ago enquanto m astigava.

— Jantou lá em baixo? — perguntou ela.

Negou com a cabeça e m ordeu outra parte de m açã, o rangido ressonou por todo o quarto.

— É tudo o que com erá? — quando encolheu os om bros, ela resm ungou — E, diz a m im que com o pouco?

— Sim , faço. Continue com endo, m ulher.

— Você não gosta de frango?

— Eu não gosto de com ida. — os olhos nunca abandonaram o chão, m as sua voz foi m ais aguda — Agora, com e.

— Por que você não gosta de com ida?

— Não posso confiar nela. — disse entre dentes — A m enos que eu m esm o a prepare, ou que a vej a sendo preparada não se pode saber o que há.

— Por que pensa que alguém pode alterar...

— Mencionei que eu não gosto de falar?

— Dorm irá a m eu lado esta noite? — a pergunte lhe escapou, im aginando que obteria sua resposta antes que se calasse com pletam ente.

Suas sobrancelhas se m overam interrogativam ente.

— Realm ente quer isso?

— Sim .

— Então, sim . Farei.

Enquanto acabava as duas m ações e ela lim pava o prato, o silêncio não foi precisam ente fácil, m as tam pouco chocante. Quando acabou com o bolo de cenouras, foi ao banheiro e escovou os dentes. Quando ela retornou, ele roia o m iolo da últim a m açã com suas presas, partindo os pedacinhos que restavam . Não podia im aginar com o podia lutar com sem elhante dieta. Certam ente deveria com er m ais.

Sentiu-se com o se devesse dizer algo, m as em troca deslizou na cam a e enrolando-se, esperou-o. Enquanto passavam os m inutos, e tudo o que ele fazia era m ordiscar cirurgicam ente essa m açã, ela não podia agüentar a tensão.

Basta, pensou. Realm ente deveria ir para outro lugar da casa. Usava-o com o um a m uleta, e isso não era j usto.

Afastou os lençóis j usto quando ele se desenrolava do chão. Quando cam inhou para a cam a, ela ficou gelada. Deixou cair os m iolos das m ações no prato, pegou um guardanapo que ela tinha usado para lim par a boca. Depois de esfregar as m ãos, pegou a bandej a e a tirou do quarto, deixando-a do lado de fora da porta.

Ao retornar foi ao outro lado da cam a, e o colchão afundou quando se esticou em cim a do edredom . Cruzando os braços sobre seu peito e os pés pelos tornozelos, fechou os olhos.

Um a a um a, as velas se apagaram no quarto. Quando ficou um a só vela queim ando, disse:

— Deixarei essa acesa para que possa ver.

Olhou-lhe.

— Zsadist?

— Sim ?

— Quando estava... — esclareceu-se garganta — Quando estava nesse buraco no chão, pensava em você. Queria que fosse m e buscar. Sabia que m e tiraria dali.

Suas sobrancelhas descenderam em bora as pálpebras estivessem baixas.

— Eu tam bém pensei em você.

— Fez? — m oveu o queixo acim a e abaixo, enquanto ela dizia — De verdade?

— Sim . Alguns dias... Você foi tudo no que eu podia pensar.

Bela sentiu que seus olhos aum entavam . Girou para ele e apoiou a cabeça em um braço.

— Sério? — quando não lhe respondeu, ela pressionou — Por quê?

Seu grande peito se expandiu e exalou um fôlego.

— Queria te recuperar. Isso é tudo.

Oh... Som ente cum pria com seu trabalho.

Bela deixou cair o braço e lhe virou as costas.

— Bom ... Obrigado por m e buscar.

Em silêncio observou queim ar a vela na m esinha de cabeceira. A cham a em form a de lágrim a ondulava tão bonita, tão elegante...

A voz de Zsadist era suave.

— Odiava a idéia de que estivesse sozinha e assustada. Que alguém tivesse feito m al a você. Não podia... Deixar.

Bela deixou de respirar e olhou por cim a do om bro.

— Não pude dorm ir nessas seis sem anas. — m urm urou — Tudo o que podia ver quando fechava os olhos era você, pedindo aj uda.

Deus, em bora seu rosto fosse m uito rude, sua voz era tão suave e tão bonita, com o a cham a da vela.

Girou a cabeça para ela e abriu os olhos. Seu escuro olhar estava cheio de em oção.

— Não sei com o pôde sobreviver tanto tem po. Estava seguro de que tinha m orrido. Mas, então encontram os o lugar e te tirei desse buraco. Mas, quando vi o que te tinha feito...

Bela lentam ente se virou, não querendo assustá-lo com um a retirada.

— Não recordo nada disso.

— Bom , isso é bom .

— Algum dia... Precisarei saber. Você m e contará isso?

Ele fechou os olhos.

— Se realm ente quiser os detalhes.

Ficaram em silêncio durante um tem po, e então ele se m oveu para ela, rodando para um lado.

— Odeio lhe perguntar isso, m as com o era? Pode recordar algo específico sobre ele?

Suficiente, pensou. *Muito.*

— Êh, ah, tingia o cabelo de castanho.

— O que?

— Quero dizer, estou quase segura que o fazia. Cada sem ana, assim que entrava no banheiro podia cheirar os produtos quím icos. E, tinha raízes. Um a pequena linha branca em seu couro cabeludo.

— Mas, acreditava que em palidecer era bom porque significava que fazia tem po que pertenciam à Sociedade.

— Não sei. Acredito que tinha... Ou tem ... Um a posição de poder. Pelo que podia ouvir do buraco, os outros lesser eram cautelosos a seu redor. E, o cham avam ‘O’.

— Algo m ais?

Trem endo, retornou ao pesadelo.

— Ele m e am ava.

Um grunhido vibrou de Zsadist, grave e desagradável. Gostou desse som . A

fazia sentir-se protegida. Deu-lhe força para seguir falando.

— O lesser, disse-m e... Disse-m e que m e am ava, e o fazia. Estava obcecado por m im . — lentam ente soltou o fôlego, tratando de acalm ar seu palpitante coração — No princípio estava aterrorizada, m as depois utilizei seus sentim entos contra ele. Queria lhe m achucar.

— Fez?

— Às vezes, sim . Fiz-lhe... Chorar.

A expressão de Zsadist foi m ais que estranha. Com o se tivesse... Invej a.

— Com o se sentiu?

— Não quero dizê-lo.

— Porque foi bom ?

— Não quero que pense que sou cruel.

— A crueldade é diferente da represália.

No m undo de um guerreiro, im aginou que fosse certo.

— Não estou segura de estar de acordo.

Seus escuros olhos se estreitaram .

— Há alguns que quereriam *te vingar*. Sabe isso, não?

Pensou a respeito dele, saindo de noite para caçar ao lesser sem poder suportar a idéia que poderia m achucar-se. Então, im aginou a seu irm ão, tão furioso e orgulhoso, preparado tam bém para rasgar ao assassino.

— Não… Não quero que faça isso. Nem você, nem Rehvenge. Nem ninguém .

De repente, um a corrente atravessou a habitação, com o se tivessem aberto a j anela de repente. Olhou ao redor e se deu conta que a onda fria tinha saído do corpo de Zsadist.

— Tem um com panheiro? — perguntou abruptam ente.

— Por que o… Oh, não, Rehvenge é m eu irm ão. Não m eu com panheiro.

Os grandes om bros relaxaram . Mas, então franziu o cenho.

— Teve algum ?

— Ter um com panheiro? Por um tem po, sim . Mas, as coisas não funcionaram .

— Por quê?

— Por m eu irm ão. — fez um a pausa — Realm ente, isso não é certo. Mas, quando o m acho não pôde enfrentar Rehv, perdi o respeito por ele. E, então… O tipo contou detalhes de nossa relação na *glymera* e as coisas… Se com plicaram .

De fato, ficaram horríveis. A reputação do m acho perm aneceu intacta, é obvio, enquanto que a dela se fez m igalhas. Possivelm ente essa era a razão pela qual se sentia tão atraída por Zsadist. Não lhe im portava o que pensassem dele. Não havia subterfúgios, nem m aneiras corteses escondendo seus pensam entos e instintos. Era honesto, e essa franqueza, em bora servisse para revelar sua cólera,

a fazia sentir-se segura ao confiar nele.

— Vocês foram … — foi ficando sem fala.

— Fom os o que?

— Am antes? — em um áspero arrebatam ento, Zsadist am aldiçoou — Não

im porta, não é por m im …

— Ah, sim , fom os, Rehv nos descobriu, e ali foi onde com eçaram os

problem as. Já sabe com o é a aristocracia. Um a m ulher que se deita com alguém

que não é seu m arido? Pode j urar que está m anchada por toda vida. Acredito que

sem pre desej ei ter nascido civil. Mas, não se pode escolher sua ascendência,

verdade?

— Am ava o m acho?

— Pensava que sim . Mas… Não. — pensou na caveira ao lado do colchonete

de Zsadist — Esteve apaixonado algum a vez?

A esquina de sua boca se elevou em um grunhido.

— Que diabos acredita?

Quando ela retrocedeu, fechou os olhos.

— Sinto m uito. Quero dizer, não. Isso seria um não.

Então por que conservava esse crânio? De quem era? Estava a ponto de

perguntar quando cortou a pergunta.

— Seu irm ão em pensa ir atrás do lesser?

— Indubitavelm ente. Rehvenge é... Bom , foi m eu guardião desde que m eu pai m orreu quando era m uito j ovem , e Rehv é m uito agressivo. Extrem am ente agressivo.

— Bom , então lhe diga que não se m ova. *Eu vou vingar-te.*

— Não. — disse lhe disparando um olhar.

— Sim .

— Mas, não quero que o faça. — não poderia viver consigo m esm a se ele m orresse no processo.

— Não posso m e deter. — apertou com força seus olhos fechados — Jesus… Não posso respirar sabendo que esse bastardo está ali fora. Tem que m orrer.

Medo e gratidão e algo com pletam ente cálido se apertou em seu peito. Em um im pulso, inclinou-se e lhe beij ou nos lábios.

Saltou para trás com um gem ido, os olhos m ais abertos do que se lhe tivesse esbofeteado.

Oh, demônios. Por que tinha feito isso?

— Sinto m uito. Sinto m uito, eu…

— Não, está bem . Estam os bem . — virou sobre suas costas e elevou a m ão até a boca. Esfregou os lábios com os dedos, com o se lim passe dela.

Quando ela suspirou bem e fortem ente, ele disse:

— O que ocorre?

— Sou tão desagradável ao gosto?

Ele deixou cair o braço.

— Não.

Que mentira.

— Possivelm ente posso te conseguir um pano para te lavar, quer?

Quando ia sair disparada da cam a, um a m ão lhe segurou o braço.

— É m eu prim eiro beij o, ok? É só que não o esperava.

Bela ficou sem respiração. Com o era possível?

— Oh, pelo am or de Deus, não m e olhe assim . — deixou-a ir e voltou a olhar para o teto.

Seu prim eiro beij o…

— Zsadist?

— O que.

— Você m e deixaria fazê-lo outra vez?

Houve um a longa, longa pausa. Avançando lentam ente para ele, pressionou seu corpo contra os lençóis e m antas.

— Não te tocarei com nada m ais. Só m eus lábios. Sobre os teus.

Gire a cabeça, desej ava ferventem ente. *Gire a cabeça e me olhe.*

E, ele o fez.

Não esperou um convite por escrito ou que ele m udasse de idéia. Pressionou os lábios contra os seus ligeiram ente, então revoou sobre sua boca. Quando

perm aneceu quieto, lançou-se abaixo e esta vez o acariciou. Sua respiração se entrecortou.

— Zsadist?

— Sim . — sussurrou.

— Relaxe a boca para m im .

Com cuidado para não se j ogar sobre ele, apoiou-se em seus antebraços e se aproxim ou de novo. Seus lábios eram chocantem ente suaves, exceto pelas cicatrizes do lábio superior. Para assegurar-se que sabia que essa im perfeição não lhe im portava, deliberadam ente atendeu esse lugar, voltando ali um a e outra

vez.

E, então aconteceu: devolveu-lhe o beij o. Foi só um leve m ovim ento de sua boca, m as o sentiu até em seu coração. Quando o fez outra vez, elogiou-o gem endo um pouco e deixando tom ar iniciativa.

Deus, era tão indeciso, m ovendo-se sondando sua boca com as m ais suaves carícias. Beij ou-a docem ente e com cuidado, tinha sabor de m ações e a espécie m asculina. E, o contato entre eles, em bora leve e lento, foi suficiente para que lhe doesse.

Quando ela tirou ligeiram ente a língua e lhe lam beu, afastou-se bruscam ente.

— Não sei o que estou fazendo aqui.

— Sim , sabe. — inclinou-se para m anter o contato — Realm ente sabe.

— Mas...

Sossegou-o com sua boca, e não m uito tem po depois retornou ao j ogo. Esta vez quando sua língua lhe acariciou, abriu os lábios, e sua própria língua a encontrou habilidosam ente cálida. Um a volta lenta com eçou… E, então ele estava em sua boca, pressionando, procurando.

Sentiu a agitação sexual nele, o calor e a urgência cresciam em seu grande corpo. Estava desej osa de que estendesse a m ão e a arrastasse contra ele. Quando não o fez, relaxou-se o olhando. Tinha as bochechas verm elhas e os olhos brilhando intensam ente. Estava fam into dela, m as não fez nenhum m ovim ento para aproxim á-la. Nem o faria.

— Quero te tocar. — disse ela.

Mas, quando elevou a m ão, esticou-se e lhe agarrou fortem ente o pulso. O m edo sobrevoou debaixo de sua superfície, podia senti-lo ondeando através de seu corpo, esticando-o. Esperou que ele recuperasse o sentido, sem lhe pressionar.

Seu agarro lentam ente se afrouxou.

— Só... Vai devagar.

— Prom eto.

Com eçou com o braço, percorrendo de cim a a baixo com as pontas dos dedos a suave pele sem pêlo. Seguia inseguro o m ovim ento com os olhos, m as ela não levou a m au, os m úsculos se m oviam nervosam ente, estrem ecendo-se

a

sua passagem . Acariciou-o lentam ente, deixando que se acostum asse a seu toque, e quando estava segura que ele estava côm odo, inclinou-se para ele e pousou seus lábios nos bíceps, om bro, clavícula, a parte superior dos peitorais dele.

Dirigia-se para seu m am ilo perfurado.

Quando estava perto da argola de prata com a pequena bola, elevou o olhar.

Tinha os olhos m uito abertos, tão abertos que se via todo o branco ao redor de sua

íris.

— Quero te beij ar aqui. — disse — Posso?

Assentiu com a cabeça e lam beu os lábios.

No m om ento em que sua boca fez contato, seu corpo se sacudiu com o se

alguém puxasse seus braços e pernas ao m esm o tem po. Ela não se deteve. Sugou

o piercing e enroscou a língua em seu redor.

Zsadist gem eu, o som grave retum bou em seu peito, logo inspirou com um gem ido. Sua cabeça caiu no travesseiro, m as m anteve um ângulo que lhe perm itia observá-la.

Quando ela deu batidinhas no aro de prata e o sacudiu um pouco, arqueou-se fora da cam a, um a perna pendurada, o tornozelo afundado no colchão. Fez-lhe cócegas no m am ilo um a e outra vez até que ele fez um a bola entre seus

punhos

com o edredom .

— Oh… Droga, Bela… — respirava em um ritm o violento, cru, irradiando calor — O que está m e fazendo?

— Quer que pare?

— Isso ou o faz m ais duro.

— Que tal um pouquinho m ais?

— Sim … Um pouco m ais.

Trabalhou-o com a boca, brincando com o anel, lhe conduzindo até que seus quadris com eçaram a balançar-se.

Quando olhou para seu corpo, perdeu o ritm o. Sua ereção era tão m aciça que em purrava contra o m agro ny lon de suas calças de exercício, e ela via tudo: a arredondada cabeça com sua elegante crista, o grosso eixo, os testículos debaixo.

Meu Deus. Ele era… Enorm e.

Estava com pletam ente úm ida entre as coxas e m oveu seu olhar para encontrar o dele. Suas pálpebras ainda para trás e sua boca aberta com o sobressalto, a com oção e a fom e guerreando em sua face.

Estendeu a m ão e em purrou o polegar entre seus lábios.

— Sugue-m e.

Pegou-o em seguida sugando fortem ente e olhando com o ela seguia. Um frenesi se apoderou dele, ela podia sentir. A luxúria crescia nele, lhe convertendo

em um paiol de pólvora, e Santo Inferno, ela o desej ava. Desej ava que ele explodisse com pletam ente. Dentro dela.

Soltou seu m am ilo, tirou o polegar de sua boca, e se elevou para em purrar a língua entre seus lábios. Com essa invasão ele gem eu grosseiram ente, seu grande

corpo sacudindo-se contra o agarro que m antinha com as m antas.

Desej ava que se soltasse e a tocasse, m as não podia esperar. Esta prim eira vez, ela deveria ter o controle. Em purrou longe as m antas, deslizou a parte superior de seu corpo sobre seu peito, e j ogou a perna sobre seus quadris.

No instante que seu peso caiu na parte superior dele, esticou-se e deixou de beij á-la.

— Zsadist?

Rechaçou-a com tanta força que ela ricocheteou sobre o colchão.

Zsadist escapou da cam a, ofegando enlouquecido, seu corpo apanhado entre o passado e o presente, um a estreita linha entre os dois.

Parte dele queria m ais do que Bela lhe estava fazendo. Caram ba, m orria por continuar explorando sua prim eira excitação sexual. As sensações eram incríveis. Um a revelação. A única coisa boa que havia sentido… Algum a vez.

Pela Virgem do Fade, não era estranho que os m achos m atassem para proteger a suas com panheiras.

Porém , ele não podia suportar ter um a fêm ea em cim a dele, inclusive se

fosse Bela, e o pânico selvagem golpeou através dele, agora m esm o era perigoso. O que aconteceria se com eçasse a golpeá-la? Pelo am or de Deus, se ele j á a tinha j ogado sobre a m aldita cam a.

Deu-lhe um a olhada. Estava tão dolorosam ente bela entre os lençóis revoltos e os travesseiros esparram ados. Mas, estava aterrorizado dela, e por causa disso, aterrorizado por ela. Os toques e beij os, por m ais que o tivesse envolvido no princípio, eram m uito m ais que um detonante para ele. E, não podia colocar-se nessa situação de confusão estando perto dela.

— Não farem os isso outra vez. — disse — Esta m erda não passou.

— Você gostou. — sua voz foi suave, m as forte — Pude sentir seu sangue correndo velozm ente sob m inhas m ãos.

— Sem discussão.

— Seu corpo se endureceu por m im .

— Quer que te faça m al? — enquanto apertava fortem ente um travesseiro, ele a pressionou m ais forte — Porque, vê se entende, o sexo e eu só seguim os um cam inho, e não é algo do que queira tom ar parte.

— Eu gostei da m aneira que m e beij ou. Quero m e deitar com você. Fazer am or com você.

— Fazer am or? *Fazer amor?* — estendeu os braços — Bela… Tudo que posso te oferecer são restos. Você não gostaria, e francam ente eu não gostaria de fazer

isso. Merece m ais.

— Senti seus lábios sobre os m eus. Foram suaves...

— Oh, *por favor…*

— Cale-se e m e deixe term inar!

Z ficou boquiaberto, seguro que lhe tinha dado um pontapé no traseiro.

Ninguém tinha falado nesse tom com ele. A anom alia só teria obtido sua atenção,

m as o fato que fosse ela o deixou pasm o.

Bela j ogou seu cabelo por cim a do om bro.

— Se não desej ar ficar com igo, concordo. Só tem que dizer. Mas, não te esconda atrás do querer m e proteger. Acredita que não sei o quanto rude seria o sexo com você?

— É por isso que o desej a? — perguntou com voz m ortal — Pensa que só m erece que lhe façam m al agora, depois do lesser?

Ela franziu o cenho.

— Não. Mas, se for a única m aneira de te ter, então assim é com o te terei.

Esfregou a cabeça com a m ão, esperando que a fricção pudesse lhe fazer funcionar o cérebro.

— Acredito que te equivoca. — baixou o olhar ao chão — Não tem nem idéia do que está dizendo.

— Arrogante bastardo. — disse ela bruscam ente.

Z elevou a cabeça de repente. Bom , pontapé núm ero dois…

— Perdão?

— Nos faça o favor de não tratar de pensar por m im , ok? Porque está equivocado em cada m aldito m om ento. — com isso partiu para o banheiro e fechou a porta com um a batida.

Zsadist piscou um par de vezes. *Que demônios tinha acontecido?*

Percorreu com o olhar o quarto com o se os m óveis ou possivelm ente as cortinas pudessem lhe dar um a m ão. Logo sua aguda audição captou um leve som . Ela estava... Chorando.

Com um a m aldição, se dirigiu ao banheiro. Não bateu, só girou a fechadura e entrou. Estava de pé j unto à ducha, com os braços cruzados, as lágrim as enchendo seus olhos de cor safira.

Oh… Deus. O que se supunha que um m acho tinha que fazer nesta situação?

— Sinto. — resm ungou — Se eu… Uh, feri seus sentim entos.

Ela o olhou, furiosa.

— Não estou doída. Estou m uito zangada e sexualm ente frustrada.

A cabeça estalou bruscam ente em sua coluna. *Bom... Então. Certo.*

Hom em , seria necessária um a coleira depois dessa conversa.

— Direi isso outra vez, Zsadist. Se não quer te deitar com igo, está bem , m as não trate de m e dizer que não sei o quero.

Z plantou sua m ão nos ossos dos quadris e desceu o olhar para o azulej o de

m árm ore. *Não diga nada, idiota. Só mantém a boca…*

— Não é isso. — soltou de repente. Enquanto as palavras flutuavam no ar, am aldiçoou-se. Falar era ruim . Falar era realm ente um a ridícula idéia…

— Não é o que? Quer dizer que m e desej a?

Pensou que aquilo ainda tentava achar o cam inho de saída de suas calças. Ela tinha olhos. Podia ver essa m aldita coisa.

— Sabe que sim .

— Então se estiver disposta a te ter… Duro… — fez um a pausa, e teve a sensação de que ela se ruborizava — Então podem os estar j untos?

Sua respiração dim inuiu até que seus pulm ões arderam e o coração pulsava fortem ente. Sentiu-se com o se estivesse olhando por cim a da borda de um precipício. Meu Deus, realm ente não podia contar-lhe, não?

Seu estôm ago revirou-se quando as palavras saíram .

— Ela sem pre estava em cim a. A Mistress. Quando ela… Vinha para m im , sem pre estava em cim a. Você, oh, rodou sobre m eu peito e… Isso não rola.

Esfregou a face, enquanto tentava esconder que tratava de m itigar um a súbita dor de cabeça.

Ouviu com o ofegou. Precavendo-se que era ela.

— Zsadist, sinto m uito. Não sabia...

— Sim … Droga… Possivelm ente poderia esquecer o que te disse. — Deus, precisava sair dali antes que sua boca com eçasse a balbuciar outra vez — Olhe,

vou ao…

— O que te fez? — a voz de Bela era fina com o um cabelo.

Deu-lhe um olhar duro. *Oh, nem em sonhos,* pensou.

Aproxim ou-se dele.

— Zsadist, ela… Tom ou contra sua vontade?

Virou-se.

— Vou ao ginásio. Eu te verei m ais tarde.

— Espere...

— *Mais tarde,* Bela. Eu não posso… Fazer isto.

Enquanto partia pegou seu Nike e seu MP3.

Um a boa e longa corrida era j usto o que necessitava agora. Um a longa…

Corrida. Em bora não o conduzisse a nenhum lugar. Ao m enos poderia ter a

suarenta ilusão que escapava de si m esm o.

CAPÍTULO XXI

Phury olhou com desgosto através da m esa de bilhar da m ansão, enquanto

Butch calculava sua j ogada. Havia algo diferente com o hum ano, m as com o o

policial encaçapou três bolas com um só m ovim ento, seguro com o o inferno que

este não era seu j ogo.

— Jesus, Butch. Quatro vitórias seguidas. Recorde-m e, por que m e incom odo

de j ogar com você?

— Porque a esperança é eterna. — Butch bebeu de um só trago o últim o de seu escocês — Quer outra partida?

— Por que não? Não posso piorar.

— Jogue, enquanto vou buscar m ais bebida.

Quando Phury recolheu as bolas dos buracos, deu-se conta de qual era o problem a. Cada vez que se virava, Butch o olhava fixam ente.

— Tem algo na cabeça, policial?

O hom em verteu dois dedos do Lagavulin, depois tom ou um com prido trago.

— Não particularm ente.

— Mentiroso. Esteve m e olhando estranho desde que voltam os do ZeroSum . Por que não adm ite e o soltas?

Os olhos pardos de Butch encontraram seu olhar firm em ente.

— É gay, am igo?

Phury deixou caiu à bola oito e fracam ente a ouviu bater no piso de m árm ore.

— O que? Por que você…?

— Disseram -m e que estava m uito perto do Reverendo. — enquanto Phury am aldiçoava, Butch agarrou a bola negra e a enviou rodando de volta sobre o feltro verde — Olhe, não tenho problem a se for. De verdade, im porta-m e um a m erda para que lado vá. Mas, eu gostaria de saber.

Oh, isto é genial, pensou Phury. Não só ia atrás da fêm ea que desej ava seu

irm ão, agora supostam ente estava saindo com um fodido *symphath*.

Aquela fêm ea que tinha interrom pido a ele e ao Reverendo, claram ente tinha um a boca grande e... *Cristo.* Butch j á devia ter dito a Vishous. Os dois eram com o

um velho casal, sem segredos entre eles. E, V o diria a Rhage. E, um a vez que Rhage soubesse, era com o pôr as notícias na linha da Reuters.

— Phury ?

— Não, não sou gay.

— Não se sinta com o se tivesse que esconder ou algo.

— Não o faço. Sim plesm ente não sou.

— É bi, então?

— Butch, deixa. Se algum dos irm ãos anda com coisas estranhas, é seu com panheiro de quarto. — ante o olhar surpreso do policial, m urm urou — Oh vam os, a esta altura j á teria que saber sobre V. Vive com ele.

— Obviam ente não… Oh, olá, Bela.

Phury se virou. Bela estava parada na soleira do quarto, vestida com um traj e negro de cetim . Ele não podia deixar de olhá-la. Sua encantadora face voltara a ter um brilho saudável, as contusões se foram , sua beleza era reveladora. Ela era... Assom brosa.

— Olá. — disse ela — Phury, acredita que posso falar um m om ento com você? Depois que acabem ?

— Butch, te im porta se derm os um a pausa?

— Sem problem a. Vej o você depois, Bela.

Quando o policial se foi, Phury afastou seu taco com desnecessária precisão, deslizando a m adeira polida e clara na prateleira da parede.

— Tem bom aspecto. Com o se sente?

— Melhor. Muito m elhor.

Porque tinha se alim entado de Zsadist.

— Então... O que aconteceu? — perguntou, tentando não im aginá-la na veia de seu gêm eo.

Sem responder, Bela se dirigiu às portas francesas, arrastando a borda de seu vestido no do chão de m árm ore com o um a som bra. Enquanto cam inhava, as pontas de seu cabelo roçavam a parte baixa de suas costas, m ovendo-se com o balanço de seus quadris. A fom e o golpeou com força, e rogou que ela não tivesse captado o arom a.

— Oh, Phury, olhe a lua, está quase cheia. — sua m ão foi à j anela e a deixou no vidro. — Oxalá pudesse...

— Quer sair agora? Posso te trazer um casaco.

Ela lhe sorriu por cim a do om bro.

— Não estou com sapatos.

— Trarei isso tam bém . Espere aqui.

Não dem orou nada para voltar com um par de botas de pele e um a capa

vitoriana que Fritz, com o a pom ba m ensageira que era, tinha tirado de algum arm ário.

— Trabalha rápido. — disse Bela enquanto ele cobria seus om bros com o veludo cor verm elho sangue.

Ele se aj oelhou diante dela.

— Perm ita-m e te aj udar a pôr as botas.

Ela levantou um j oelho, e enquanto Phury deslizava a bota em seu pé, tentou não notar o quanto era suave a pele de seu tornozelo. Ou quanto o tentava seu arom a. Ou com o podia sim plesm ente afastar o traj e e...

— Agora o outro. — disse roucam ente.

Um a vez que ela estava calçada, abriu a porta. Cam inharam para fora j untos, seus passos rangendo sobre a neve que cobria o terraço. Ao chegar sobre a gram a, Bela se envolveu m ais na capa e levantou o olhar. Seu fôlego deixava baforadas brancas, e o vento m ovia o veludo verm elho ao redor de seu corpo, com o se acariciasse o obj eto.

— O am anhecer não está longe. — disse ela.

— Virá logo.

Phury se perguntava de que ela queria falar, m as então, o rosto de Bela ficou sério e ele soube por que tinha vindo. Zsadist. É óbvio.

— Quero te perguntar sobre ele. — m urm urou ela — Seu gêm eo.

— Que desej a saber?

— Com o se converteu em um escravo?

Oh, Deus... Ele não queria falar do passado.

— Phury ? Você m e dirá isso? Perguntaria a ele, m as...

Ah, diabos. Não havia um a boa razão para não lhe responder.

— Um a babá o levou. Tirou-o furtivam ente de casa, quando tinha sete m eses. Não pudem os encontrá-los em nenhum lugar, e até onde pude descobrir, ela m orreu dois anos m ais tarde. Quem quer que o encontrou, vendeu-o em escravidão.

— Deve ter sido duro para toda sua fam ília.

— Pior. Um a m orte sem corpo para enterrar.

— E quando... Quando era um escravo de sangue... — ela inspirou profundam ente — Sabe o que lhe aconteceu?

Phury esfregou a nuca. Com o ele vacilou, ela disse:

— Não estou falando das cicatrizes ou das alim entações forçadas. Desej o saber sobre... O que m ais lhe fizeram .

— Olhe, Bela…

— Preciso saber.

— Por quê? — em bora soubesse a resposta. Ela queria deitar-se com Z, provavelm ente j á o tinha tentado. Esse era o porquê.

— Sim plesm ente tenho que saber.

— Deveria lhe perguntar.

— Ele não m e contará isso, j á sabe. — ela pôs a m ão em seu antebraço — Por favor, m e aj ude a entendê-lo.

Phury perm aneceu tranqüilo, dizendo-se que era porque respeitava a intim idade de Z, e em grande m edida era verdade. Som ente a m enor parte de seu ser não queria aj udar para que Z caísse na cam a de Bela.

Bela apertou seu braço.

— Ele disse que o prenderam . E, que não pode suportar ter um a fêm ea em cim a quando… — ela se deteve — O que lhe fizeram ?

Merda. Zsadist tinha falado de seu cativeiro com ela?

Phury am aldiçoou brandam ente.

— Utilizaram -no para algo m ais que sua veia. Mas, isso é tudo o que vou dizer.

— Oh, Deus. — seu corpo fraquej ou. Só precisava ouvir de alguém .

Precisava saber com segurança.

Ao passar um a raj ada fria de vento, Phury respirou profundam ente e m esm o assim se sentiu sufocado.

— Deveria entrar antes que se resfrie.

Ela assentiu e se dirigiu a casa.

— Não vem ?

— Vou dar um a respirada prim eiro. Vai agora.

Ele não a olhou entrar na casa, m as escutou a porta fechar-se.

Pondo as m ãos nos bolsos, olhou por cim a da ondulante gram a branca.

Depois, fechou os olhos e viu o passado.

Logo que Phury passou sua transição, procurou seu gêmeo, sondando o Velho País, procurando as casas que eram bastante ricas para ter criados. Tempos depois, escutou um repetido rumor de que havia um macho do tamanho de um guerreiro que era retido por uma fêmea de alta posição dentro da glymera. Mas, não pôde precisá-lo.

Algo que tinha sentido. Naquela época, a princípios do século dezenove, a espécie seguia relativamente coesa, e as velhas regras e costumes sociais seguiam sendo fortes. Se qualquer pessoa tivesse sido encontrada retendo um guerreiro como escravo de sangue, teria morrido sob a lei. Por isso teve que ser discreto em sua busca. Se exigisse uma congregação da aristocracia e lançasse uma chamada pela volta de seu gêmeo, ou se o pegassem tentando encontrar Zsadist, era como se pusesse uma adaga no peito do macho: matar Zsadist e se desfazer do corpo era a melhor e única defesa da captora.

No final do século XIX quase tinha perdido toda esperança. Seus pais já tinham morrido de causas naturais. A sociedade vampírica se fragmentou no Velho País, e a primeira das migrações a América tinha começado. Estava desarraigado,

percorrendo a Europa, indo atrás de sussurros e de insinuações... Quando, repentinamente, encontrou o que estava procurando.

Estava em chão inglês a noite que aconteceu. Tinha ido a uma reunião de sua classe em um castelo nos escarpados de Dover. Estava parado em uma esquina escura do salão de baile, ouviu por acaso dois machos falando da anfitriã. Comentavam que ela tinha um escravo de sangue incrivelmente dotado, que ela gostava de ser olhada e às vezes inclusive compartilhar o escravo.

Phury tinha começado a cortejar a fêmea essa mesma noite.

Não se preocupou que seu rosto o delatasse, embora ele e Zsadist fossem gêmeos idênticos. Primeiro de tudo, suas roupas eram as de um macho rico, e ninguém suspeitaria que alguém de sua classe fosse atrás de um escravo que tinha sido comprado legitimamente no mercado quando criança. E, em segundo lugar, teve sempre cuidado de estar disfarçado. Deixou crescer uma barba curta para disfarçar seus traços, e ocultou seus olhos detrás de óculos escuros, que explicou dizendo que sua visão era pobre.

Seu nome era Catronia. Uma aristocrata rica que se uniu a um comerciante mestiço que fazia negócios no mundo humano. Evidentemente, muitas vezes estav sozinha, já que seu hellren viajava muito, mas o rumor dizia que tinha um escravo de sangue desde antes de sua união.

Phury pediu que lhe dessem acolhida na casa, e como era bem educado e

atencioso, ela lhe permitiu passar a um quarto, apesar de ter sido vago sobre suc

linhagem. A corte estava cheia de pretensiosos, e ele lhe atraía, assim obviament

estava disposta a passar por cima de certas formalidades. Mas, era cautelosa,

também. As semanas passaram, e embora ela passasse muito tempo com Phury,

nunca o levou ante o escravo que se dizia que possuía.

Cada ocasião que tinha, rastreava os terrenos e os edifícios, esperando

encontrar seu gêmeo em algum tipo de cela oculta. O problema era que havia

olhos por toda parte, e Catronia o mantinha ocupado. Sempre que seu hellren saía,

o que acontecia freqüentemente, ela ia ao quarto de Phury, e quanto mais ele

fugia de suas mãos, mais ela o desejava.

Tempo... Tempo foi tudo o que levou. O tempo e sua incapacidade de resistir a

lhe mostrar seu prêmio, seu brinquedo, seu escravo. Uma noite, justo antes do

amanhecer, convidou-o a seu dormitório pela primeira vez. A entrada secreta que

ele tinha estado procurando, estava situada no hall de Catriona, na parte de trás de

seu guarda-roupa. Juntos desceram por uma escada extensa e escarpada.

Phury ainda podia recordar a grossa porta de carvalho aberta ao fundo, e a

vista do macho nu, preso, com as pernas estendidas, em uma cama com

plataforma coberta de tapeçaria.

Zsadist estava olhando fixamente o teto, com o cabelo tão comprido que caía

sobre o chão de pedra. Estava barbeado e coberto de azeite, como se tivesse sido

preparado para a diversão da fêmea, e cheirava a especiarias caras. A fêmea foi direitamente a ele e o acariciou carinhosamente, seus avaros olhos marrons estampando sua propriedade sobre todo o corpo.

A mão de Phury tinha ido para a adaga a seu lado antes de saber o que fazia. Como se detectasse o movimento, a cabeça de Zsadist tinha girado lentamente, e seus olhos negros mortos tinham cruzado a distância entre eles. Não houve reconhecimento. Só ódio fervente.

Comoção e pesar tinham atravessado Phury, mas ele se manteve enfocado, procurando a saída. Havia outra porta ao outro lado da cela, mas aquela não tinha

nenhum pomo ou cabo, só um pequeno entalhe a um metro e meio do chão. Estav pensando que possivelmente poderia abrir cami…

Catronia começou a tocar seu irmão intimamente. Tinha algum tipo de pomada nas mãos, e enquanto esfregava o pênis de seu gêmeo, dizia coisas odiosas sobre como seria seu tamanho. Phury mostrou as presas à fêmea e levantou a adaga.

A porta do outro lado se abriu, de repente. No outro lado estava um macho débil da corte que levava um traje de arminho ajustado. Ficou frenético ao anunciar que o hellren de Catronia havia voltado inesperadamente e a estava procurando. Os rumores sobre ela e Phury evidentemente tinham alcançado os ouvidos do macho.

Phury se agachou, preparado para matar a fêmea e ao macho da corte. Mas, o

som de pés golpeando, muitos deles, repetiu-se no quarto.

O hellren desceu com estrondo a escadaria secreta, entrando com seu guarda privado no quarto. O macho ficou pasmo, claramente não sabia que ela tinha um escravo de sangue. Catronia começou a falar, mas ele lhe deu uma bofetada tão forte que a fêmea ricocheteou nas paredes de pedra.

O caos explodiu. O guarda privado foi atrás de Phury. O hellren foi atrás de Zsadist com uma faca. Matar aos soldados da corte foi um processo demorado e sangrento, e assim que Phury conseguiu liberar-se da luta, não havia sinal de Zsadist, só um rastro sangrento saindo da cela.

Phury se lançou pelo corredor, correndo através do subsolo do castelo, seguindo as listras vermelhas. Quando emergiu do corredor quase tinha amanhecido, por isso soube que tinha que encontrar Zsadist com prontidão.

Quando se deteve brevemente para orientar-se, escutou um ruído rítmico cortando o ar.

Chicotadas.

À direita, Zsadist tinha sido pendurado em uma árvore no escarpado, e contra a vasta cortina de fundo do mar, estava sendo açoitado com crueldade.

Phury atacou aos três guardas que estavam açoitando o seu gêmeo. Embora os machos lutassem arduamente, ele tinha uma fúria selvagem. Matou-os e depois liberou Zsadist, só para ver mais guardas sair do biombo em blocos de cinco.

Com o sol a ponto de sair e o resplendor lhe queimando a pele, Phury soube

que não restava tempo. Jogou Zsadist sobre os ombros, pegou uma das pistolas d guardas e a colocou em seu cinturão. Então observou o escarpado e o oceano

embaixo. Não era a melhor rota à liberdade, mas muito melhor que tentar abrir

caminho lutando de volta ao castelo. Começou a correr, esperando lançá-lo

suficientemente longe para cair no oceano.

Uma adaga que lançaram o atingiu na coxa, e tropeçou.

Não perdeu seu equilíbrio nem seu ímpeto. Ele e Zsadist caíram sobre a borda

do escarpado e escorregaram pela face da rocha até que a bota do Phury se

enganchou em uma greta. Como seu corpo parou de um puxão, mexeu-se para

segurar Zsadist, sabendo condenadamente bem que o macho estava inconsciente e

que se afogaria se caísse desacordado na água.

A pele cheia de sangue de Zsadist escorregou do agarro de Phury, deslizando-

se livre…

Phury pegou o pulso de seu gêmeo no último segundo e apertou com força.

Houve um puxão intenso quando o corpo pesado do varão se deteve, e a dor se

estendeu pela perna de Phury. Sua visão se foi. Retornou. Voltou a ir. Phury podi

sentir o corpo de Zsadist pendurado no ar, um balanço perigoso que desafiava sem

piedade seu agarro.

Os guardas olharam com fixidez sobre a borda e depois mediram a crescente

luz, tampando seus olhos. Riram, guardaram suas armas, e deram Phury e Zsadist

por mortos.

Enquanto o sol crescia no horizonte, a força de Phury se drenava rapidamente, e ele soube que não poderia sustentar Zsadist muito mais tempo. A luz era horrível, queimava, somando-se à agonia que ele já sentia. E, não importava o quão forte puxasse sua perna, seu tornozelo seguia preso.

Procurou averiguar a pistola, tirando-a de sua cintura. Com uma respiração profunda, apontou o canhão para sua perna.

Atirou em si mesmo debaixo do joelho. Duas vezes. A dor era assombrosa, uma bola de fogo em seu corpo. Phury deixou cair à arma. Apertando com força os dentes, plantou seu pé livre no escarpado e empurrou com tudo que tinha. Gritou quando sua perna se estilhaçou e se desprendeu.

E, então se fez o profundo vazio no ar.

O oceano estava frio, mas tinha lhe sacudido da inconsciência e selado sua ferida, evitando que sangrasse. Atordoado, nauseabundo e desesperado, tinha forçado sua cabeça por cima das ondas entrecortadas, a única constante era o agarro a Zsadist. Prendendo a seu gêmeo em seus braços, mantendo a cabeça do macho acima da água, Phury nadou para a borda.

Benditamente, havia uma entrada a uma cova, não longe de onde mergulharam, e ele utilizou sua última reserva de força para levar aos dois para a entrada escura. Depois de arrastar seu corpo e o de Zsadist fora da água, Phury

estava quase cego ao avançar o mais longe que pôde dentro da cova. Uma curva na arquitetura natural foi o que lhes salvou, lhes dando a escuridão que necessitavam.

Na parte de trás, longe do sol, protegeram-se detrás das grandes rochas.

Colocando Zsadist entre seus braços para conservar seu calor corporal, olhou fixamente para a escuridão, totalmente perdido.

Phury esfregou os olhos, Deus, a im agem de Zsadist algem ado a essa cam a com plataform a...

Desde o resgate, ele tinha um repetitivo pesadelo, um que nunca falhava de ser um horror fresco cada vez que seu subconsciente o lançava para cim a. O sonho era sem pre igual: ele baixando velozm ente essas escadas ocultas e abrindo

a porta. Zsadist am arrado. Catronia na esquina, rindo. Logo que Phury estava na cela, Z girava a cabeça e seus olhos negros, sem vida olhariam de um rosto sem cicatrizes. E, com um a voz dura dizia:

— Deixe-m e aqui. Desej o perm anecer... Aqui.

Esse era o sinal para que Phury despertasse coberto de um suor frio.

— O que está fazendo, hom em ?

A voz de Butch soava irritada, m as bem -vinda. Phury esfregou seu rosto, depois olhou sobre seu om bro.

— Só desfrutando da vista.

— Deixe-m e te dar um conselho. Isso é o que se faz em um a praia tropical, não estando parado nesta classe de frio. Olhe, venha com er conosco, ok? Rhage quer tortinhas, assim Mary assou um a assadeira com pleta de Bisquick[16] na cozinha. Fritz está a ponto de voar de tão preocupado que está por não poder aj udar.

— Sim . Boa idéia. — ao dirigir-se para dentro, Phury disse — Posso te perguntar algo?

— Claro. O que necessita?

Phury se deteve à altura da m esa de bilhar e pegou a bola oito.

— Quando trabalhou na hom icídios, viu m uita gente totalm ente ferrada, verdade? Gente que tinha perdido a seus m aridos ou suas esposas… Filhos ou filhas. — quando Butch assentiu, disse — Algum a vez soube do que tinha acontecido com eles? Refiro-m e aos que ficaram para trás. Sabe se conseguiram superar toda essa m erda?

Butch esfregou seu polegar sobre a sobrancelha.

— Não sei.

— Sim , suponho que na realidade não segue…

— Mas, posso te dizer que eu nunca o fiz.

— Quer dizer que a im agem desses corpos nos que trabalhou ficou com você?

O hum ano sacudiu a cabeça.

— Esqueceu-se das irm ãs. Irm ãos e irm ãs.

— O que?

— As pessoas perdem m aridos, esposas, filhos, filhas... E, irm ãs e irm ãos. Perdi um a irm ã quando tinha doze. Dois rapazes a levaram atrás do cam po interno de beisebol na escola e abusaram dela e bateram -lhe até m atá-la. Nunca m e recuperei disso.

— Jesus… — Phury parou, dando-se conta de que não estavam sozinhos.

Zsadist estava parado com o torso descoberto na soleira do quarto. Estava encharcado de suor da cabeça aos Nikes, com o se lá em baixo no ginásio tivesse corrido vários quilôm etros.

Quando Phury olhou fixam ente seu gêm eo, sentiu um a sensação fam iliar de fraqueza. Sem pre era assim , com o se Z fosse um a espécie de zona de baixa pressão.

A voz de Zsadist foi dura.

— Quero que vocês dois venham com igo, ao anoitecer.

— Aonde? — perguntou Butch.

— Bela quer ir até sua casa, e não vou levá-la ali sem reforços. Necessito de um carro, no caso de que queira trazer algum a de suas coisas quando voltarm os,

e quero que alguém exam ine o lugar antes que aterrissem os ali. A coisa é que há

um túnel para escapar para fora do porão, se as coisas se com plicarem .

Exam inei-o ontem de noite quando fui procurar algum as coisas para ela.

— Estou preparado para ir. — disse Butch.

Os olhos de Zsadist se m overam pelo quarto.

— Você tam bém , Phury ?

Depois de um m om ento, Phury assentiu.

— Sim . Eu tam bém .

CAPÍTULO XXII

Essa noite, enquanto a lua se elevava no céu, O levantou do chão com um gem ido. Tinha estado esperando na borda do prado desde que o sol se pôs fazia quatro horas, esperando que alguém aparecesse na granj a... Só que não havia nada. E, assim tinha sido os últim os dois dias. Bom , acreditava ter visto algo antes do am anhecer esta últim a m anhã, um a espécie de som bra que se m ovia dentro do lugar, m as o que fosse, tinha visto um a vez e depois nada.

Desej ava com o o inferno poder utilizar os recursos de toda a Sociedade para ir atrás de sua esposa. Se enviasse a cada lesser que tinha... Só que seria com o colocar um a arm a diretam ente na cabeça. Alguém contaria a Ômega que a atenção dele desviou-se a um a fêm ea inconseqüente. E, então haveria grandes problem as.

Verificou seu relógio e am aldiçoou. Falando de Ômega...

O tinha um a reunião obrigatória com o am o esta noite e não tinha outra opção

que com parecer ao m aldito encontro. Perm anecer viável com o assassino era a única m aneira de conseguir trazer sua m ulher de volta, e não ia arriscar acabar desintegrado por perder um a reunião.

Tirou seu telefone e cham ou três Betas para que vigiassem a granj a. Posto que o ponto fosse um lugar conhecido de congregação de vam piros, ao m enos tinha um a desculpa para atribuir à particularidade.

Vinte m inutos depois, os assassinos vieram pelo bosque, os sons de suas botas de footing am ortecidos pela neve. O trio, hom ens de ossos grandes, eram recém iniciados, assim seus cabelos seguiam escuros e suas peles coradas pelo frio. Claram ente estavam em ocionados por serem utilizados e preparados para lutar, m as O lhes disse que só estavam ali para olhar e fiscalizar. Se alguém aparecesse, não deviam atacar até que quem quer que aparecesse tentasse partir, e então qualquer vam piro devia ser detido vivo, fosse m acho ou fêm ea. Sem exceções. Segundo o que O tinha calculado, se ele fosse fam ília de sua m ulher, prim eiro enviaria investigadores antes de deixar que se desm aterializasse em qualquer lugar próxim o a casa. E, se ela estivesse m orta e seus parentes estivessem recolhendo suas coisas, então queria seus parentes capturados em perfeito estado, para poder encontrar sua tum ba.

Depois de assegurar-se que as cabeças dos Betas estavam na linha, O atravessou o bosque até chegar a seu carro, que estava oculto sob um suporte de pinheiros. Ao incorporar-se à rota 22, viu que os lessers tinham estacionado o

Explorer em que tinham vindo j usto na estrada, a m enos de um quilôm etro do desvio para a granj a.

Cham ou aos idiotas e lhes disse que usassem a m erda de suas cabeças para pôr o carro bem cam uflado. Então, conduziu até a cabine. Enquanto ia, im agens de sua m ulher oscilaram em sua m ente, lhe turvando a vista da estrada que tinha em frente. Viu-a em seu m om ento m ais encantador, na ducha com o cabelo e a pele m olhada. Era especialm ente pura dessa form a...

Mas, então as visões m udaram . Viu-a nua de costas, debaixo desse vam piro feio que a tinha levado. O m acho a estava tocando... Beij ando-a... Bom beando em seu interior... E, ela gostava. A cadela gostava. Sua cabeça estava arrem essada para trás e ela gem ia e gozava com o um a prostituta, querendo m ais.

As m ãos de O se encresparam no volante até que seus nódulos quase pularam fora de sua pele. Tentou acalm ar-se, m as sua cólera era com o um pitbull com um a corrente de papel.

Soube então, com absoluta certeza, que se ela j á não estivesse m orta, iria m atá-la quando a encontrasse. Tudo o que tinha que fazer era im aginá-la com o Irm ão que a tinha roubado e seu raciocínio acabava totalm ente.

Isso punha O em um dilem a. Viver sem ela seria horrível, e em bora m atar-se em um im pulso suicida depois que ela m orresse fosse m uito atrativo, fazer algo

assim só o levaria para o Ôm ega pela eternidade. Os lessers, depois de tudo, voltavam para o am o se eram extintos.

Mas, então lhe ocorreu um a idéia. Im aginou sua m ulher depois de m uitos anos, sua pele esbranquiçada, seu cabelo loiro, seus olhos da cor das nuvens. Um a lesser igual a ele. A solução era tão perfeita, seu pé deslizou do acelerador, e o carro parou no centro da rota 22.

Dessa m aneira, ela seria sua para sem pre.

Próxim o à m eia-noite, Bela vestiu um velho j eans azul e aquele pulôver verm elho grosso que gostava tanto. Depois, entrou no banheiro, puxou as duas toalhas que cobriam o espelho, e se olhou. Seu reflexo m ostrava a fêm ea que sem pre tinha visto olhando-a de volta: olhos azuis. Bochechas altas. Lábios carnudos. Muito cabelo m arrom escuro.

Bela levantou a borda do pulôver e olhou seu estôm ago. A pele ali não tinha defeitos, j á não levava o nom e do lesser. Ela posou a m ão onde as letras tinham estado.

— Está preparada? — perguntou Zsadist.

Ela olhou para cim a, no espelho. Ele apareceu atrás dela, vestido de negro, com arm as que penduravam de seu corpo. Seus olhos com o carvões estavam cravados na pele que Bela tinha exposto.

— As cicatrizes curaram . — disse ela — Em apenas quarenta e oito horas.

— Sim . E, m e alegro.

— Tenho m edo de ir a m inha casa.

— Phury e Butch vêm conosco. Tem um m ontão de seguranças.

— Sei... — ela abaixou o pulôver — É só... E, se não for capaz de entrar?

— Então voltarem os a tentar outra noite. Todo o tem po que precise. — lhe aproxim ou o casaco.

Vestido o casaco, ela disse:

— Tem coisas m elhores para fazer que cuidar de m im .

— Não, agora não. Dê-m e sua m ão.

Os dedos de Bela trem eram ao estendê-los. Teve o vago pensam ento de que era a prim eira vez que ele pedia que o tocasse, e esperava que o contato levasse a um abraço.

Mas, ele não estava interessado em abraçar. Pôs um a pistola pequena em sua m ão sem nem sequer roçar sua pele.

Ela retrocedeu depressa.

— Não, eu…

— Pegue-a desta…

— Espere um m inuto, não…

— …m aneira. — ele colocou a pequena culatra contra sua palm a — Aqui está a trava de segurança. Com . Sem . Entendeu? Com ... Sem . Tem que estar perto para m atar com isto, m as está carregada com duas balas que atrasarão o suficiente a um lesser para que possa escapar. Sim plesm ente, aponte e aperte o

gatilho duas vezes. Não precisa prepará-la nem nada disso. E, aponte para o peito, terá um alvo m aior.

— Não quero isto.

— E, eu não quero que o tenha. Mas, é m elhor que te enviar sem nada.

Ela sacudiu a cabeça e fechou os olhos. Às vezes, este negócio de vida era tão feio.

— Bela? Bela, m e olhe. — quando o fez, ele disse — Mantenha-o no bolso exterior de seu casaco, no lado direito. Vai querer a arm a em sua m ão boa se tiver que utilizá-la. —ela abriu a boca e ele falou j usto por cim a — Vai perm anecer com Butch e Phury. E, enquanto estej a com eles, é *extremamente* difícil que precise utilizar isso.

— Onde você estará?

— Ao redor. — quando Zsadist virou, ela notou que tinha um a faca na parte baixa das costas… Acrescentando-se às duas adagas no peito, e o par de pistolas nos quadris. Perguntou-se quantas outras arm as teria, as quais ela não podia ver.

Ele se deteve na soleira, com a cabeça inclinada.

— Vou assegurar-m e de que não tenha que usar essa arm a, Bela. Prom eto-lhe isso. Mas não posso te ter desarm ada.

Ela respirou profundam ente. E, deslizou o pequeno pedaço de m etal no bolso da capa.

Lá fora, no corredor, Phury estava esperando, apoiado contra o balcão.

Tam bém estava vestido para lutar, com pistolas e todas essas adagas sobre ele, um a calm a m ortal irradiando de seu corpo. Quando ela sorriu, ele assentiu e vestiu seu casaco negro de couro.

O celular de Zsadist tocou e ele o abriu.

— Está aí, policial? Com o vai? — quando desligou, assentiu — Tudo bem , podem os ir.

Os três se dirigiram ao vestíbulo e depois saíram ao pátio. No ar frio, am bos os m achos tocaram as pistolas, e então todos se desm aterializaram .

Bela tom ou form a no alpendre de entrada, de cara a reluzente porta verm elha com sua fechadura de latão. Podia sentir Zsadist e Phury atrás dela, dois enorm es corpos m asculinos cheios de tensão. Soaram passos e ela olhou sobre seu om bro. Butch estava avançando para o alpendre. Sua arm a tam bém estava fora.

Para Bela a idéia de dem orar um pouco e entrar tranqüila na casa pareceu perigosa e egoísta. Abriu a porta com sua m ente e entrou.

O lugar ainda cheirava igual... Um a com binação da cera de lim ão do piso que tinha utilizado nos longos tabuleiros de pinheiro e as velas de rom eiro que gostava de queim ar.

Quando ouviu que a porta se fechava e o alarm e de segurança desligava, olhou para trás. Butch e Phury estavam grudados aos seus tornozelos, m as não via Zsadist em nenhum a parte.

Bela sabia que ele não os tinha deixado. Mas, desej ava que estivesse lá dentro com ela.

Respirou fundo e olhou ao redor de sua sala de estar. Sem nenhum a luz acesa, som ente pôde ver som bras e form as fam iliares, ou m elhor, o padrão dos m óveis e as paredes que outra coisa.

— Tudo parece... Deus, exatam ente igual.

Em bora houvesse um a m ancha branca no seu escritório. Faltasse um espelho, um que ela e sua m ãe tinham escolhido em Manhattan fazia m ais ou m enos um a década, que Rehvenge sem pre tinha gostado. Ele o tinha levado? Não estava segura se se sentia com ovida ou ofendida.

Quando se m oveu para acender um abaj ur, Butch a deteve.

—Nenhum a luz. Sinto m uito.

Ela assentiu. Ao avançar m ais profundam ente na granj a e ver m ais coisas dela, ela sentiu com o se estivesse entre velhos am igos aos quais não tinha visto por anos. Era encantador e triste. Em bora, sobre tudo, um alívio. Estava tão segura de que se desgostaria.

Parou ao chegar à sala de j antar. Mais à frente do am plo arco, no fundo, estava à cozinha. O terror lhe enroscou as vísceras.

Arm ando-se de coragem , cam inhou no outro espaço e parou. Ao ver tudo tão arrum ado e intacto, recordou a violência que tinha havido no lugar.

— Alguém lim pou isto tudo. — sussurrou.

— Zsadist. — Butch a ultrapassou, com a arm a ao nível do peito e os olhos explorando ao redor.

— Ele... Fez tudo isto? — ela fez um gesto com a m ão.

— À noite depois de que lhe levaram . Passou horas aqui. A parte de baixo tam bém está com o um a pintura.

Ela tentou im aginar Zsadist feito um a em pregada, com um balde, lim pando as m anchas de sangue e os pedaços de vidro.

Por quê? Perguntou-se.

Butch encolheu os om bros.

— Disse que era pessoal.

Tinha falado em voz alta?

— Ele explicou... Por que era assim ?

Enquanto o hum ano sacudia a cabeça, Bela se deu conta do interesse que Phury em prestava à parte exterior da casa.

— Quer ir a seu dorm itório? — perguntou Butch.

Quando ela assentiu, Phury disse:

— Eu fico aqui em cim a.

Em baixo, no porão, Bela encontrou tudo em ordem , arrum ado... Lim po. Abriu o arm ário, passou pelas gavetas do aparador, vagou pelo banheiro. Os pequenos obj etos a cativavam . Um vidro de perfum e. Um a revista com data

de

antes do seqüestro. Um a vela que recordava ter acendido ao lado da banheira com pés de garra.

Parou, tocou, voltou gradualm ente para seu lugar de um a m aneira intensa, queria passar horas... Dias. Mas, podia sentir com o aum entava a tensão em Butch.

— Acredito que vi o suficiente por esta noite. — disse ela, desej ando poder ficar m ais tem po.

Dirigindo-se de novo ao prim eiro andar, Butch foi à frente. Quando entrou na cozinha, olhou Phury.

— Bela está pronta para partir.

Phury abriu seu telefone. Houve um a pausa.

— Z, hora de ir. Ligue o carro para o policial.

Quando Butch fechou a porta do porão, Bela se aproxim ou de seu aquário e olhou fixam ente dentro. Perguntou-se se algum a vez voltaria a viver na granj a. Tinha a sensação que não.

— Quer levar algo? — perguntou Butch.

— Não, acredito...

Soou um tiro lá fora, o ruído oco ao detonar soou am ortecido.

Butch a agarrou e apertou contra seu corpo.

— Fique quieta. — lhe disse ao ouvido.

— Lá fora e da frente. — falou Phury ao agachar-se. Apontou sua arm a m ais à frente do corredor, à porta pela qual tinham entrado.

Outro tiro. E, outro. Aproxim ando-se. Vindo ao redor da casa.

— Sairem os pelo túnel. — sussurrou Butch enquanto a m ovia e em purrava para a porta do porão.

Phury seguiu os sons com a boca da arm a.

— Cubro-te as costas.

No m om ento que a m ão de Butch se apoiou no pom o da porta do porão, o tem po se com prim iu em frações de segundos, hom ens caindo.

A porta francesa atrás deles se abriu em pedaços, estilhaçando o m arco de m adeira, quebrando os vidros.

Zsadist a levou para frente, com as costas, ao ser em purrado com enorm e força através da porta. Ao aterrissar no chão da cozinha, sua cabeça caiu para trás e golpeou o azulej o tão forte que soou com o um disparo de pistola. Então, com um grito horrível, o lesser que o tinha j ogado através da porta saltou sobre seu peito e os dois deslizaram pela sala, dirigindo-se direto para as escadas do porão.

Zsadist estava quieto com o um a rocha debaixo do assassino. Aturdido? Morto?

Bela gritou quando Butch a separou de um puxão. O único lugar aonde podia ir era a estufa, e ele a em purrou nessa direção, cobrindo-a com seu corpo. Só que agora estavam presos na cozinha.

Phury e Butch apontaram as arm as para a confusão de braços e pernas do

chão, m as não im portou ao assassino. O não-m orto levantou o punho e golpeou

Zsadist na cabeça.

— Não! — rugiu Bela.

Estranham ente, o golpe pareceu despertar Zsadist ou possivelm ente tinha sido

sua voz. Seus olhos negros abriram de repente e um a expressão m alvada

apareceu em seu rosto. Com um im pulso rápido afiançou as m ãos debaixo das

axilas do lesser e torceu com tanta força, que o torso do assassino se contorsionou

em um arco vicioso.

Em um segundo, Zsadist estava em cim a do lesser, escarranchado. Agarrou o

braço direito do assassino e o estirou em um ângulo que lhe quebrou os ossos. Pôs

o polegar debaixo do queixo do não-m orto tão longe que só se podia ver m eio

dedo e descobriu um as presas largas que reluziam brancas e m ortais. Mordeu ao

lesser no pescoço, j usto no esôfago.

O assassino uivou de dor, retorcendo-se violentam ente entre suas pernas. E,

isso foi só o princípio. Zsadist destroçou sua presa. Quando a coisa não se m oveu

m ais, deteve-se ofegando e passou os dedos pelo cabelo escuro do lesser,

separando um a parte de par em par, claram ente procurando as raízes brancas.

Mas, ela poderia ter-lhe dito que não era David. Presum indo que pudesse encontrar sua voz.

Zsadist am aldiçoou e recuperou o fôlego, m as perm aneceu agachado sobre sua presa, procurando sinais de vida. Com o se quisesse continuar.

Depois franziu o cenho e levantou a vista, claram ente dando-se conta que a batalha tinha acabado e havia testem unhas.

Oh... Jesus. Seu rosto estava m arcado com sangue negro do lesser, e m ais m anchas cobriam seu peito e m ãos.

Seus olhos negros giraram até encontrar os de Bela. Estavam reluzentes. Brilhantes. Justo com o o sangue que tinha derram ado para defendê-la.

Rapidam ente, olhou para outro lado, com o se desej asse ocultar a satisfação que tinha conseguido com a m atança.

— Os outros dois estão acabados. — disse ele, ainda respirando fortem ente.

Pegou a parte de abaixo de sua cam isa e lim pou o rosto.

Phury se dirigiu para o corredor.

— Onde estão? Na gram a dianteira?

— Batem à porta da frente de Ôm ega. Apunhalei a am bos. — Zsadist olhou Butch — Leva-a para casa. Agora. Está m uito em ocionada para desm aterializar-

se. E, Phury, você vai com eles. Quero que ligue no m om ento em que ela puser um pé no vestíbulo, entendido?

— E, você o que? — disse Butch, inclusive enquanto a m ovia ao redor do lesser m orto.

Zsadist levantou e tirou um a adaga.

— Eu desvaneço a este e espero que venham outros. Quando estes m erdas não se apresentarem , virão m ais.

— Estarem os de volta.

— Não m e im porta o que façam desde que a levem para casa. Assim , dim inuam o bate-papo e com ecem a sair.

Bela estendeu a m ão para ele, em bora não estivesse segura do por que. Estava horrorizada pelo que ele tinha feito e pelo aspecto que tinha agora, todo ferido e golpeado, seu próprio sangue deslizando-se pelas roupas j unto com o do assassino.

Zsadist m oveu um a m ão pelo ar, despedindo-a.

— Saiam de um a condenada vez daqui.

John saltou do ônibus, tão condenadam ente aliviado de estar em casa que quase tropeçou. Deus, se os dois prim eiros dias de treinam ento eram um indicativo, os próxim os dois anos seriam um inferno.

Ao chegar à porta dianteira, assobiou.

A voz de Wellsie veio de seu escritório.

— Olá! Com o foi hoj e?

Enquanto tirava o casaco, deu dois assobios rápidos, o que era um a espécie de

bom, certo, tudo muito bem.

— Bom . Ah, Havers virá em um a hora.

John se dirigiu ao escritório de Wellsie e deteve-se na soleira. Sentada na frente do escritório, Wellsie estava rodeada por um a coleção de velhos livros, m uitos dos quais estavam abertos. A visão de todas essas páginas encadernadas e estendidas recordou os cães im paciente deitados de costas, esperando que lhes acariciassem o ventre.

Ela sorriu.

— Parece cansado.

— *Vou dormir um pouco antes que Havers venha.* — escreveu.

— Está seguro de que está bem ?

— *Absolutamente.* — ele sorriu para dar à m entira um pouco de substância. Odiava m entir, m as não queria entrar em seus defeitos. Em outras dezesseis horas ia ter que exibi-los outra vez. Precisava de um a pausa, e sem dúvida nenhum a eles tam bém estavam esgotados, por ter tido tanto tem po de dem onstração.

— Acordarei você quando o doutor chegar aqui.

— *Obrigado.*

Quando se virou, ela disse:

— Espero que saiba que não im porta o que diga o exam e, resolverem os.

Ele a olhou. Assim , ela tam bém estava preocupada com os resultados.

Em um rápido m ovim ento se aproxim ou e a abraçou depois se dirigiu ao seu quarto. Nem sequer pôs a roupa suj a no condutor da lavanderia, só deixou cair às bolsas e deitou na cam a. Deus, os efeitos cum ulativos de oito horas de ironias eram suficientes para lhe fazer querer dorm ir um a sem ana.

Tudo o que podia pensar era sobre a visita de Havers. Deus, e se tudo fosse um engano? E, se não fosse converter em algo fantástico e poderoso? E, se suas visões noturnas não fossem m ais que um a exagerada fixação pelo Drácula? E, se fosse, acim a de tudo, hum ano?

Isso m ais ou m enos teria sentido. Em bora o treinam ento estivesse só com eçando, estava claro que não era com o os outros m achos pré-transição da classe. Era um a m erda em algo físico e era m ais fraco que os outros m eninos. Possivelm ente, a prática lhe aj udaria, m as duvidava.

John fechou os olhos e esperou ter um bom sonho. Um sonho que o colocasse em um corpo grande, um sonho no qual seria forte e...

A voz de Tohr o despertou.

— Havers está aqui.

John bocej ou e se esticou, tentando ocultar-se da com paixão no rosto de Tohr. Esse era outro pesadelo sobre o treinam ento: tinham que chateá-lo todo o tem po diante de Tohr.

— Com o vai filho… Digo, John?

John sacudiu a cabeça e escreveu:

— *Estou bem, mas preferiria ser filho para você.*

Tohr sorriu.

— Bom . Assim é com o quero tam bém . Agora, venha arrancar este selo sobre os exam es, ok?

John seguiu Tohr à sala de estar. Havers estava sentado no sofá, parecendo um professor com seus óculos com arm ação de tartaruga m arinha, j aqueta com desenhos de espigas e passarinhos verm elhos.

— Olá, John. — disse.

John levantou um a m ão e sentou na cadeira m ais próxim a a Wellsie.

— Tenho os resultados de sua análise de sangue. — Havers tirou um pedaço de papel do interior de seu casaco esportivo — Levou um pouco m ais de tem po, porque havia um a anom alia que não esperava.

John olhou Tohr. Depois a Wellsie. *Jesus...* E, se fosse inteiram ente hum ano? O que lhe fariam ? Teria que partir…?

— John, é com pletam ente um guerreiro. Só tem um rastro m uito pequeno de sangue de fora de nossa espécie.

Tohr riu em um a explosão ruidosa e j untou as m ãos.

— Foda! Isso é genial!

John com eçou a sorrir e continuou até que seus lábios se esticaram em um grande sorriso.

— Mas, há algo m ais. — Havers em purrou os óculos m ais acim a do seu nariz — É da linha de Darius de Marklon. Tão perto, que poderia ser seu filho. Tão perto... Que deve ser seu filho.

Um silêncio sepulcral invadiu a sala.

John olhou para frente e para trás entre Tohr e Wellsie. Os dois estavam totalm ente congelados. Eram estas boas notícias? Más notícias? Quem era Darius? Guiando-se por suas expressões, o indivíduo possivelm ente fosse um crim inoso ou algo...

Tohr saltou do sofá e pegou John em seus braços, abraçando-o tão forte que os dois se converteram em um . Ofegando para obter ar, com os pés pendurados, John olhou a Wellsie. Ela tinha am bas as m ãos sobre a boca, e por seu rosto rolavam lágrim as.

Abruptam ente Tohr o soltou e retrocedeu. Tossiu um pouco, com os olhos brilhantes.

— Bom ... O que descobriu.

O hom em lim pou a garganta, várias vezes. Esfregou seu rosto. Parecia um pouco aturdido.

— *Quem é Darius?* — escreveu John quando voltou a sentar.

Tohr sorriu lentam ente.

— Era m eu m elhor am igo, m eu irm ão na luta, m i... Não posso esperar para te contar tudo sobre ele. E, isto significa que tens um a irm ã.

— *Quem?*

— Beth, nossa rainha. A *shellan* de Warth…

— Sim , sobre ela. — disse Havers, olhando a John — Não entendo a reação que teve a ela. A tom ografia com putadorizada axial está m uito boa, igual ao eletrocardiogram a, e a análise com pleta de sangue. Acredito quando diz que ela foi o que causou os ataques, em bora não tenho idéia de por que. Eu gostaria que perm anecesse um tem po longe dela, para ver se isso acontece em outro am biente, ok?

John assentiu, em bora quisesse voltar a ver a m ulher, especialm ente se estava aparentado com ela. Um a irm ã. Que genial...

— Agora, sobre o outro assunto. — disse Havers intencionalm ente.

Wellsie se inclinou para frente e pôs sua m ão no j oelho de John.

— Havers tem algo sobre o que quer te falar.

John franziu o cenho.

— *O que?* — escreveu lentam ente.

O doutor sorriu, tentando ser tranqüilizador.

— Eu gostaria que visse um terapeuta.

John ficou frio. Em pânico, procurou o rosto de Wellsie, depois Tohr, perguntando-se quanto lhes havia dito o doutor sobre o que lhe tinha acontecido

fazia um ano.

— *Por que teria que ir?* — assinalou — *Estou bem.*

A resposta de Wellsie foi franca.

— É só para te aj udar a fazer a transição para seu novo m undo.

— E, sua prim eira consulta é am anhã à tarde. — disse Havers, inclinando sua cabeça. Olhou fixam ente o rosto de John sobre a borda de seus óculos, e a m ensagem em seus olhos era: *Ou vai ou digo a eles a verdadeira razão pela qua tem que ir.*

John se viu superado, e isso lhe encheu o saco. Mas, supôs que era m elhor subm eter-se a chantagem com passiva do que Tohr e Wellsie saberem algo do que lhe tinham feito.

— *Muito bem. Farei.*

— Eu te levo. — disse Tohr rapidam ente. Então franziu o cenho — Digo... Podem os encontrar alguém para que te leve… Butch o fará.

A cara de John queim ava. Sim , não queria Tohr perto da cantilena do terapeuta. De m aneira nenhum a.

A cam panhia da frente soou.

Wellsie sorriu.

— Oh, bem . Essa é Sarelle. Veio para trabalhar no festival do solstício. John, possivelm ente você gostaria de nos aj udar?

Sarelle estava aqui outra vez? Não tinha m encionado isso quando trocaram e-

m ails ontem de noite.

— John? Quer trabalhar com Sarelle?

Ele assentiu e tentou m anter-se frio, em bora seu corpo se acendesse com o um anúncio de néon. Sentia form igam entos por todo corpo. *Sim. Posso fazer isso.*

Pôs as m ãos em seu colo e baixou a vista para elas, tentando guardar seu sorriso.

CAPÍTULO XXIII

Definitivam ente, Bela voltaria para casa. Esta m esm a noite.

Em ótim as circunstâncias, Rehvenge não era o tipo de m acho que agüentasse bem a frustração. Por isso seu lim ite de tolerância j á tinha sido m ais que ultrapassado na espera que sua irm ã voltasse para o lugar ao qual pertencia.

Maldita fosse! Ele era m ais que seu irm ão, era seu *guardião,* e isso lhe dava direitos.

Enquanto arrancava de um puxão seu com prido casaco de Marta Cibelina, a pele form ou redem oinhos ao redor de seu grande corpo, caindo sobre seus tornozelos. Usava um traj e negro de Herm enegildo Zegna. Os revólveres gêm eos de nove m ilím etros que levava sob os braços eram Heckler & Koch.

— Rehvenge, por favor, não faça isto.

Olhou sua m ãe. Madalina estava de pé, debaixo do candelabro do vestíbulo, era a im agem da aristocracia, com seu porte real, seus diam antes e seu vestido

longo. A única coisa desconj urada era a preocupação em seu rosto, e esta não era por causa da tensão de desafinar com seu Harry Winston e a Alta Costura. Ela nunca se aborrecia. Jam ais.

Respirou profundo. Era m ais provável que conseguisse acalm á-la se seu infam e tem peram ento não aparecesse, porém , em seu atual estado m ental, era propenso a destroçá-la ali m esm o, e não seria j usto.

— Ela voltará para casa desta form a. — disse.

A graciosa m ão de sua m ãe subiu até a garganta, um sinal seguro de que estava presa entre o que queria e o que pensava que era correto.

— Mas, é tão extrem o.

— Querê-la dorm indo em sua própria cam a? Querê-la no lugar no qual deveria estar? —a voz com eçou a perfurar o ar — Ou quer que fique com a Irm andade? Eles são guerreiros, *Mahmen*. Sedentos de sangue, *guerreiros* fam intos de sangue. Pensa que duvidariam em tom ar a um a m ulher? E, sabe perfeitam ente bem que, por lei, o Rei Cego pode deitar-se com qualquer m ulher que escolha. Quer a ela nessa classe de am biente? Eu não.

Quando sua *Mahmen* deu um passo atrás, deu-se conta que estava gritando. Aspirou fundo novam ente.

— Mas, Rehvenge, falei com ela. Não quer voltar para casa ainda. E, eles são hom ens de honra. No Antigo País…

— Já nem sequer sabem os quem faz parte da Irm andade.

— Eles a salvaram .

— Então, podem devolvê-la a sua fam ília. Pelo am or de Deus! É um a

m ulher da aristocracia. Pensa que a *glymera* a aceitará depois disto? Já teve um a

aventura.

E, que confusão tinha resultado disso. O m acho era totalm ente indigno dela,

um com pleto idiota, e m esm o assim o bastardo tinha saído do apuro sem que

trocassem um a palavra. Por outro lado, tinham cochichado a respeito de Bela por

m eses, em bora ela quisesse dem onstrar que não se preocupava, Rehv sabia que a

tinha incom odado.

Odiava à aristocracia em que se achavam apanhados, realm ente a odiava.

Sacudiu a cabeça, zangado consigo m esm o.

— Nunca deveria ter se m udado desta casa. Nunca deviria ter perm itido.

E, logo que a tivesse de volta, *nunca* lhe perm itiria sair outra vez sem seu

consentim ento. Ia fazer com que a consagrassem com o um a m ulher *Sehcluded*.

Seu sangue era suficientem ente puro para j ustificá-lo, e francam ente j á deveria

ser um a. Um a vez que estivesse feito, a Irm andade estava obrigada legalm ente a

entregá-la aos cuidados de Rehvenge, e em conseqüência, não poderia deixar a

casa sem sua perm issão. E, ainda havia m ais. Qualquer m acho que quisesse vê-

la teria que falar com ele com o chefe da fam ília, e ia negar a todos e cada um desses filhos da puta. Tinha falhado em proteger a sua irm ã um a vez. Não perm itiria que isso acontecesse novam ente.

Rehv consultou o relógio, em bora soubesse que era tarde para esses assuntos. Faria a petição do *Sehclusion* ao Rei, no escritório. Era estranho solicitar algo tão

antigo e tradicional através de e-m ail, m as agora essa era a form a de agir das coisas.

— Rehvenge…

— O que?

— Você a afastará.

— Im possível. Um a vez que m e encarregue disto, não terá outro lugar aonde ir além desta casa.

Pegou a bengala e fez um a pausa. Sua m ãe se via tão desventurada, que se inclinou e a beij ou na bochecha.

— Não se preocupe com nada, *Mahmen.* Vou arrum ar as coisas para que nunca m ais sej a ferida. Por que não prepara a casa para recebê-la? Poderia tirar sua roupa de luto.

Madalina negou com a cabeça. Com um a voz reverente disse:

— Não até que cruze a soleira. Poderia ofender à Virgem Escriba, ao assum ir que retornará a salvo.

Conteve um a m aldição. A devoção de sua m ãe a Mãe da Raça era legendária. Dem ônios! Deveria ser um m em bro dos Escolhidos com todas as suas preces, regras e tem ores de que um a palavra desdenhosa poderia atrair certas desgraças.

Mas, que fizesse o que quisesse. Era sua j aula espiritual, não a dele.

— Com o quiser. — disse, se inclinando sobre a bengala virando-a.

Moveu-se lentam ente pela casa, confiando nos diferentes tipos de piso para que lhe dissessem em que sala se encontrava. Havia m árm ore no vestíbulo, um tapete Persa na sala de j antar, um longo tablado de m adeira na cozinha. Usava a vista para que lhe dissesse que seus pés estavam solidam ente apoiados e que era seguro depositar todo seu peso neles. Usava a bengala para o caso de que j ulgasse erroneam ente e perdesse o equilíbrio.

Para entrar na garagem , sustentou-se no m arco da porta antes de descer um pé e logo o outro para descer os quatro degraus. Depois de deslizar-se dentro do Bentley a prova de balas, acionou o controle rem oto para abrir a porta e esperou que abrisse para sair.

Maldição! Desej ava m ais que tudo saber quem eram esses Irm ãos e onde viviam . Iria ali, derrubaria a porta e arrebataria Bela.

Quando pôde ver o cam inho de entrada atrás dele, pôs m archa no sedã e apertou o acelerador tão forte que os pneus chiaram . Agora que estava atrás do volante, podia m over-se à velocidade que desej ava. Rápido. Ligeiro. Sem

necessidade de andar com cautela.

Via o extenso prado de form a im precisa enquanto corria pelo sinuoso cam inho para as portas, que estavam localizadas atrás da rua. Teve que deter-se um instante enquanto as coisas se abriam , logo dobrou pelo Thom e Avenue e continuou para baixo por um a das opulentas ruas de Caldwell.

Para m anter sua fam ília a salvo e para que nunca lhes faltasse nada, trabalhava em coisas desprezíveis. Mas, era bom no que fazia, sua m ãe e sua irm ã m ereciam o tipo de vida que tinham . Ele lhes proporcionaria qualquer coisa que quisessem , ele lhes consentiria qualquer capricho que tivessem . Por m uito tem po as coisas tinham sido m uito duras para eles…

Sim , a m orte de seu pai tinha sido o prim eiro presente que lhes tinha dado. A prim eira de m uitas m aneiras que tinha m elhorado suas vidas e m antido a salvo de todo dano. E, não m udaria de rum o agora.

Rehv tom ou um atalho e se dirigia para o centro quando sua nuca com eçou a form igar. Tratou de ignorar a sensação, m as em questão de segundos se condensou em um severo apertão, com o se tivessem colocado um parafuso na parte superior de sua espinha dorsal. Levantou o pé do acelerador e esperou que a sensação passasse.

Logo, ocorreu.

Com um a pontada de pânico, sua visão se converteu em som bras de

verm elho, com o se tivessem posto um véu transparente sobre seu rosto: as luzes

dos autom óveis que vinham de frente eram de néon rosa, a estrada de um a cor ferrugem opaca, o céu um clarete[17] com o o vinho da Borgonha. Consultou o relógio digital, cuj os núm eros agora tinham um brilho rubi.

Merda. Isto estava m au. Não deveria estar acontecen…

Pestanej ou e esfregou os olhos. Quando voltou a abrir, não tinha percepção da profundidade.

Sim, demônio que isto não estava acontecendo. E, não conseguiria chegar até o centro.

Girou o volante para a direita e entrou em um desm antelado centro com ercial, o m esm o em que se encontrava a Academ ia de Artes Marciais Caldwell antes que se incendiasse. Apagou as luzes do Bentley e conduziu por trás

dos extensos e estreitos edifícios, estacionando ao nível dos tij olos para o caso de

ter que sair depressa, o único que tinha que fazer era pisar no acelerador.

Deixando o m otor ligado, tirou o casaco de Marta Cibelina e a j aqueta do traj e, logo arregaçou o braço esquerdo. Através da névoa verm elha abriu o porta-luvas e tirou um a seringa hipodérm ica e um pedaço de correia de borracha. As m ãos trem iam tanto, que deixou cair à agulha e teve que agachar-se para levantá-la do chão.

Bateu nos bolsos da j aqueta, até que encontrou um frasco de dopam ina neuro-m oduladora. Colocou no painel do carro.

Fez duas tentativas para abrir o pacote estéril da hipodérm ica, e quase quebrou a agulha enquanto a introduzia através da superfície de borracha da tam pa da dopam ina. Quando a seringa estava cheia, envolveu o pedaço de borracha ao redor de seus bíceps, usando um a m ão e os dentes; logo tratou de encontrar a veia. Tudo era m ais com plicado, devido j á que estava trabalhando em um cam po visual plano.

Não podia ver suficientem ente bem . Tudo o que via em sua frente era…

Verm elho.

Vermelho… Vermelho… Vermelho. A palavra disparou em sua m ente, golpeando no interior de sua cabeça. Verm elho era a cor do pânico. Verm elho era a cor do desespero. Verm elho era a cor de seu ódio por ele m esm o.

Verm elho não era a cor de seu sangue. Não nesse m om ento, de nenhum a form a.

Maldizendo-se, tocou o antebraço procurando um a plataform a de lançam ento para a droga, um a super estrada que enviasse a droga para os receptores do cérebro. Porém , suas veias estavam sum indo.

Não sentiu nada quando afundou a agulha, o que era tranqüilizador. Mas logo veio… Um a pequena espetada no lugar da inj eção. O intum escim ento no qual se

m antinha estava a ponto de term inar.

Enquanto procurava debaixo de sua pele, um a veia que pudesse utilizar com eçou a sentir seu corpo: a sensação de seu peso no assento de couro do autom óvel. O calor queim ando seus tornozelos. O rápido fôlego m ovendo-se dentro e fora de sua boca, lhe secando a língua.

O terror fez com que em purrasse o êm bolo e soltasse o torniquete de borracha. Só Deus sabia se o tinha feito no lugar correto.

Com o coração golpeando no peito, olhou o relógio.

— Vam os. — m urm urou com eçando a balançar-se no assento do condutor — Vam os… Faz efeito.

Verm elho era a cor das m entiras. Estava preso em um m undo verm elho. E, um destes dias a dopam ina não ia funcionar. Estaria perdido no verm elho para sem pre.

O relógio m udou os núm eros. Tinha passado um m inuto.

— Oh, droga… — esfregou os olhos com o se isso pudesse trazer de volta a profundidade a sua visão e o espectro norm al de cor.

Seu celular tocou e ele o ignorou.

— Por favor… — odiava a súplica em sua voz, m as não podia pretender ser forte — Não quero m e perder…

De repente, sua visão retornou, o verm elho escorrendo-se de seu cam po visual, retornando a perspectiva tridim ensional. Foi com o se a m aldade tivesse

sido absorvida fora dele e seu corpo paralisou, as sensações evaporando-se até que só restaram os pensam entos em sua cabeça. Com a droga, tornava-se um vulto que se m ovia, respirava e falava e benditam ente, só tinha quatro sentidos pelos quais preocupar-se agora, esse toque tinha sido receitado com o queim ador.

Derrubou-se contra o assento. O estresse pelo seqüestro de Bela e o resgate, o havia dom inado. Era por isso que o ataque tinha sido tão forte e rápido. E, talvez precisasse aj ustar a dose novam ente. Iria ao Havers perguntar a respeito disso.

Passou um tem po antes que fosse capaz de levar o autom óvel para a entrada. Enquanto saía do desm antelado centro com ercial e deslizava dentro do trânsito, disse a si m esm o que só era outro sedã em um a longa fila de autom óveis.

Anônim o. Igual a qualquer outro.

De algum a form a, a m entira o aliviou… E, aum entou sua solidão.

Em um sem áforo, consultou a m ensagem que lhe tinham deixado.

O alarm e de segurança de Bela tinha sido desligado por um a hora m ais ou m enos e logo tinha religado. Alguém esteve em sua casa, outra vez.

Zsadist encontrou o Ford Explorer negro, estacionado no bosque a duzentos e setenta e quatro m etros do acesso à entrada do cam inho de aproxim adam ente um quilôm etro e m eio de com prim ento da casa de Bela. A única razão pela qual tinha encontrado a coisa era porque tinha estado explorando a área, m uito

inquieto para ir para casa, m uito perigoso para estar na com panhia de alguém m ais.

Um a com binação de rastros na neve ia em direção a granj a.

Fez um a viseira com as m ãos e olhou o interior do autom óvel através da j anela. O alarm e de segurança estava ativado.

Devia ser o veículo de um desses Lessers. Podia cheirar o doce arom a deles por todo o autom óvel. Mas, com um só par de rastros, talvez o condutor tivesse deixado seus com panheiros, e logo o tinha escondido? Ou talvez o SUV tivesse sido conduzido desde o outro lado?

Com o fosse. A Sociedade voltaria em busca de sua propriedade. E, não seria genial saber aonde dem ônios se dirigiam com ele? Mas, com o poderia rastrear a m aldita coisa?

Colocou as m ãos nos quadris… E, seu olhar se deteve casualm ente na cartucheira que levava no cinturão.

Enquanto levantava o celular, pensou com carinho em Vishous, esse professor das artes, sábio tecnólogo filho da puta.

Necessidade, a mãe da invenção.

Desm aterializou-se debaixo do SUV para deixar o m ínim o possível de rastros na neve. Enquanto seu peso era absorvido por suas costas, encolheu-se. Hom em , ia pagar pela pequena viagem através da porta Francesa. E, pelo golpe na

cabeça. Mas, tinha sobrevivido a coisas piores.

Tirou um a lanterna e olhou ao redor da arm ação inferior, tratando de escolher o lugar adequado. Necessitava algo suficientem ente grande e não podia estar perto do escapam ento, porque inclusive no frio que fazia, esse tipo de calor podia ser um problem a. É obvio, teria preferido m eter-se dentro do Explorer e pôr o celular debaixo de um assento, m as o sistem a de alarm e do SUV era um a com plicação. Se o cortava podia não ser capaz de restabelecê-lo, por isso os Lessers saberiam que alguém tinha estado no autom óvel.

Com o se a j anela batida não fosse um a pista.

Maldição… Deveria ter procurado nos bolsos desses Lessers antes de apunhalá-los até fazê-los cair no esquecim ento. Um desses bastardos deveria ter a chave. Só que estava tão zangado, que tinha se m ovido m uito rápido.

Z am aldiçoou, pensando na form a em que Bela o tinha olhado depois que tinha m astigado o assassino na frente dela. Seus olhos ficaram enorm es em sua pálida face, sua boca frouxa de com oção pelo que ele tinha feito.

O problem a era que o trabalho que fazia para a Irm andade protegendo à raça, era suj o. Era enredado e desagradável e às vezes confuso. Sem pre sangrento. E, ainda por cim a de todo isso, tinha visto a luxúria assassina nele. De algum a form a, estava disposto a apostar que isso era o que a tinha perturbado m ais.

Concentre-te, maldito idiota. Vamos, tire ela da cabeça.

Z farej ou ao redor um pouco m ais, m ovendo-se debaixo do Explorer.

Finalm ente, encontrou o que estava procurando: um pequeno oco debaixo do eixo

dianteiro. Tirou a j aqueta, envolveu o celular, e em purrou o m aço dentro do buraco. Verificou o localizador im provisado para assegurar-se que estava ali dentro bem e aj ustado, logo se desm aterializou saindo de debaixo do SUV.

Sabia que o acerto não ia durar m uito ali em baixo, m as era m uito m elhor que nada. E, agora Vishous seria capaz de rastrear o Explorer da casa, porque esse pequeno Nokia bala de prata tinha um chip GPS nele.

Z se dissipou para a borda do prado para poder ver a parte de atrás da granj a. Fez um bom trabalho de rem endo na arruinada porta da cozinha. Felizm ente, o m arco ainda estava intacto, assim tinha sido capaz de fechá-la e de restabelecer os sensores do alarm e. Logo encontrou um a lona plástica na garagem e cobriu o m onstruoso buraco.

Arrum ado, m as não de tudo.

Era engraçado… Não pensava que pudesse ter êxito se tratasse de reabilitar a opinião que Bela tinha a respeito dele. Mas… *Maldita fosse.*… Não queria que pensasse que era um selvagem .

À distância, dois faróis dobraram na Rota 22 e brilharam pelo longo cam inho privado. Quando chegou à casa de Bela o autom óvel dim inuiu a m archa, logo

tom ou seu cam inho na entrada.

Isso era um Bentley ? Pensou Z. Com certeza, se parecia com um .

Homem, um automóvel tão caro como esse? Devia ser um m em bro da fam ília de Bela. Sem dúvida, tinham sido avisados que o alarm e de segurança tinha sido desconectado por um tem po e voltado a ativar-se fazia uns dez m inutos.

Droga. Esse não era um bom m om ento para que alguém fizesse um percurso de inspeção. Com a sorte de Z, os Lessers podiam escolher j usto esse m om ento para retornar à procura do SUV… E, decidir dirigir… Perto da granj a por prazer e diversão.

Am aldiçoando por baixo do fôlego, esperou que abrisse um a das portas do Bentley … Mas, ninguém saiu do autom óvel e o m otor continuou ligado. Isso era bom . Enquanto o alarm e estivesse ativado, possivelm ente não pensariam em entrar. Porque a cozinha era um desastre.

Z cheirou o ar frio, m as não pôde capturar nenhum arom a. Em bora, o instinto lhe dissesse que havia um m acho dentro do sedã. O irm ão? Era o m ais provável.

Devia ser ele, quem revisasse o lugar.

Assim é, amigo. Olhe pelas janelas da frente. Vê? Não aconteceu nada de mau. Não há ninguém na casa. Agora, faça um favor a nós dois e vai-te a merda daqui

O sedã ficou ali, parado pelo que pareceram com o cinco horas. Logo

retrocedeu, deu a volta em U na rua e se foi.

Z aspirou fundo. Cristo... Seus nervos estavam m uito tensos essa noite.

O tem po passava. Enquanto estava ali de pé entre os pinheiros, ficou olhando a casa de Bela. E, se perguntou se agora ela teria m edo dele.

O vento aum entou, o frio agitando-se sobre ele, lhe im pregnando até os ossos.

Com desespero, abraçou a dor que sentia.

CAPÍTULO XXIV

John olhou sobre a escrivaninha que havia no escritório. Sarelle tinha a cabeça inclinada para baixo enquanto folheava um dos antigos livros, seu cabelo loiro curto pendurava sobre sua face através do qual o único que podia distinguir era seu queixo. Am bos tinham passado horas fazendo um a lista de encantam entos para realizar no festival do solstício. Enquanto isso, Wellsie estava na cozinha, organizando provisões para a cerim ônia.

Enquanto Sarelle virava outra página, deu-se conta de que realm ente tinha lindas m ãos.

— Ok. — disse ela — Acredito que este é o últim o.

Levantou seu olhar até seus olhos e foi com o se um relâm pago o golpeasse: um choque de calor e logo um a transportadora desorientação. Ainda m ais, até podia acreditar que brilhava na escuridão, tam bém .

Ela sorriu e fechou o livro. Logo, houve um com prido silêncio.

— Então… Um , suponho que m eu am igo Lash está em sua classe de treinam ento.

Lash era seu am igo? *Ah, sensacional.*

— Sim … E, diz que tem a m arca da Irm andade no peito. — com o John não lhe respondeu, disse — Tem ?

John se encolheu e rabiscou na borda da lista que tinha feito.

— Posso vê-la?

Fechou os olhos fortem ente. Com o podia querer que ela se fixasse em seu ossudo peito? Ou na m arca de nascim ento que tinha provado ser um pontapé no traseiro?

— Não acredito que você m esm o tenha feito isso, com o eles pensam . — disse rapidam ente — E, quero dizer, não é com o se quisesse te inspecionar ou algo assim . Nem sequer sei com o se supõe que sej a um a. Só tenho curiosidade.

Aproxim ou a cadeira e ele pôde aspirar um a baforada do perfum e que usava… Ou talvez não fosse perfum e. Talvez fosse só… Ela.

— De que lado está?

Com o se a m ão pertencesse a ela, ele bateu em seu peito esquerdo.

— Desabotoe um pouco a cam isa. — inclinou-se para um lado, com a cabeça em ângulo para poder lhe olhar o peito — John? Por favor, posso vê-la?

Olhou para a entrada. Wellsie ainda estava falando por telefone na cozinha,

assim provavelm ente não fosse introm eter-se nem nada. Mas, o escritório ainda parecia m uito público.

Oh… Deus. Realm ente faria isto?

— John? Só quero... Ver.

Ok, *ia* fazer.

Parou e m ostrou a porta com a cabeça. Sem dizer um a palavra Sarelle o seguiu, indo atrás dele, todo o cam inho, do vestíbulo até seu dorm itório.

Depois que entraram , fechou a porta quase por com pleto e pegou o prim eiro botão da cam isa. Obrigou-se a m anter as m ãos firm es, prom etendo-se solenem ente cortar-lhe se o envergonhassem . A am eaça pareceu funcionar, porque desabotoou a cam isa até o estôm ago sem m uito trabalho. Separou o lado

esquerdo e olhou para outro lado.

Quando sentiu um ligeiro toque na pele, deu um salto.

— Sinto m uito, m inhas m ãos estão frias. — Sarelle soprou a ponta dos dedos, logo voltou para seu peito.

Bom Deus. Algo estava acontecendo com seu corpo, algum tipo de selvagem m udança dentro da pele. A respiração acelerou, asfixiava-se. Abriu a boca para poder levar m ais ar a seu interior.

— É tão *incrivelmente* genial.

Sentiu-se desiludido quando ela deixou cair à m ão. Mas, logo lhe sorriu.

— Então, talvez queira sair um a vez? Já sabe, poderíam os ir j ogar

Quazar[18], seria genial. Ou, talvez, ao cinem a.

John assentiu, com o o parvo que era.

— Bom .

Seus olhos se encontraram . Era tão bonita que o fazia sentir-se enj oado.

— Quer m e beij ar? — sussurrou-lhe.

Os olhos de John se abriram de repente. Com o se um globo tivesse explodido

atrás de sua cabeça.

— Porque eu gostaria que o fizesse. — lam beu um pouco os lábios —

Realm ente, eu gostaria.

Uau… A oportunidade de sua vida, justo ali, justo agora, pensou.

Não desmaie. Desm aiar seria um com pleto suicídio

John rapidam ente relem brou cada film e que tinha visto em sua vida… E, não

obteve nenhum a aj uda. Com o um fanático pelo terror, foi invadido por visões de

Godzilla pisoteando Tóquio e do Tubarão m astigando o traseiro da Orca. *Grande*

ajuda.

Pensou na teoria. *A cabeça inclinada. Inclinar-se para frente. Fazer contato.*

Sarelle olhou ao redor, ruborizando-se.

— Se não quiser, está bem . Só pensei…

— John? — A voz de Wellsie chegou do vestíbulo. E, se aproxim ava enquanto

seguia falando — Sarelle? Onde estão, crianças?

Piscou. Antes de acovardar-se, tom ou a m ão de Sarelle, puxou-a, e lhe plantou um beij o na boca, os lábios apertados contra os dela. Sem língua, m as não havia tem po, e de qualquer form a provavelm ente tivesse que cham ar o 911 depois de algo com o isso. Com o estavam às coisas, j á estava virtualm ente hiperventilando.

Logo a afastou. E, com eçou a preocupar-se a respeito de com o o tinha feito.

Arriscou um olhar. *Oh.*… Seu sorriso era radiante.

Pensou que seu peito explodiria de felicidade.

Estava lhe soltando a m ão quando Wellsie colocou a cabeça no quarto.

— Tenho que ir a… Ah… Sinto. Não sabia que vocês dois…

John tratou de adotar um sorriso *"nada especial está ocorrendo"* e notou que os olhos de Wellsie estavam fixos em seu peito. Olhou para baixo. Tinha a cam isa com pletam ente aberta.

Gesticular para fechar m aldita coisa, só piorou a situação, m as não pôde deter-se.

— Melhor ir. — disse Sarelle tranqüilam ente — Minha *Mahmen* quer que volte para casa cedo. John, estarei no com putador m ais tarde, ok? Planej arem os que film e ir ver ou o que sej a. Boa noite, Wellsie.

Enquanto Sarelle saía do quarto e se dirigia à sala, não pôde evitar afastar o

olhar de Wellsie. Olhou com o Sarelle recolhia o casaco do arm ário do vestíbulo,

o punha, e tirava as chaves do bolso. Mom entos depois, o apagado ruído da porta

principal fechando-se soou no vestíbulo.

Houve um com prido silêncio. Logo Wellsie pôs-se a rir e afastou para trás seu

cabelo verm elho.

— Eu, ah, eu não tenho idéia de com o lidar com isto. — disse— Salvo dizer

que ela m e agrada m uito e que tem bom gosto com m achos.

John esfregou o rosto, consciente de que estava da cor de um tom ate.

— *Vou passear.* — falou por gestos.

— Bom , Thor acabou de ligar. Ia passar por casa para te pegar. Pensou que

talvez quisesse ir com ele ao centro de treinam ento, j á que tem trabalho

adm inistrativo a fazer. De qualquer form a, é sua escolha ficar ou não. E, eu vou a

um a reunião do Conselho *Princeps*.

Assentiu quando Wellsie tinha com eçado a virar-se.

— Ah, John? — fez um a pausa e olhou sobre seu om bro — Sua cam isa...

Hum m , está m al abotoada.

Olhou para baixo. E, com eçou a rir. Em bora não pudesse em itir som ,

precisava deixar sair sua alegria, e Wellsie sorriu, obviam ente feliz por ele.

Enquanto abotoava os botões corretam ente, pensou que nunca tinha querido tanto

a essa m ulher.

Depois de retornar à m ansão, Bela passou a seguinte hora sentada na cam a

de Zsadist com seu diário na saia. No princípio, não fez nada com o diário, m uito

presa ao que tinha acontecido em sua casa.

Jesus.… Não podia dizer que estava surpresa porque Zsadist resultava ser

exatam ente a am eaça que pensou que era. E, a tinha salvado, verdade? Se esse

Lesser que tinha m atado tivesse posto as m ãos sobre ela, teria term inado outra

vez em um buraco na terra.

O problem a era que não podia decidir se o que tinha feito era evidência de

sua força ou de sua brutalidade.

Enquanto decidia que provavelm ente fossem am bas, preocupou-se pensando

se ele estaria bem . Tinha sido ferido e m esm o assim ainda estava lá fora,

provavelm ente tratando de encontrar m ais assassinos. *Deus… E, se ele…? E, se. E, se...* Se continuasse assim , ia ficar louca.

Desesperada por encontrar outra coisa em que concentrar-se, percorreu as páginas do que tinha escrito em seu diário o ano passado, o nom e de Zsadist participava de um rol preponderante no qual as entradas estavam j usto antes de ser seqüestrada. Estava tão obcecada por ele, e não podia dizer que isso tivesse m udado. De fato, seus sentim entos por ele eram tão fortes, inclusive depois do que tinha feito essa noite, que se perguntava se não…

Am ava-o. *Oh… Senhor.*

De repente, não suportava estar sozinha, não com essa revelação proj etando-se em sua cabeça. Escovou os dentes e o cabelo e foi ao prim eiro andar, esperando encontrar alguém . Mas, na m etade do cam inho descendo as escadas, escutou vozes altas que provinham da cozinha. Estavam fazendo a últim a refeição da noite, m as a idéia de reunir-se a todos os Irm ãos, Mary e Beth lhe parecia entristecedora. Além disso, Zsadist não estaria ali? E, com o poderia enfrentá-lo sem ficar em evidência? Não havia form a que esse m acho aceitasse bem que ela o am asse. De m aneira nenhum a.

Ah, demônios. Cedo ou tarde teria que vê-lo. E, esconder-se não era o seu estilo.

Mas, quando chegou ao final da escada e se deteve sobre o piso de m osaicos do vestíbulo, deu-se conta que se esqueceu de calçar os sapatos. Com o podia

entrar na cozinha do Rei e da Rainha descalça?

Olhou para trás, para o segundo andar e se sentiu absolutam ente exausta. Muito cansada para subir e voltar a descer, m uito envergonhada para seguir adiante, ficou escutando os sons da com ida: as vozes de hom ens e m ulheres conversando e rindo. Um a garrafa de vinho foi desarrolhada em itindo um *pop*. Alguém agradeceu a Fritz por ter levado m ais cordeiro.

Olhou seus pés descalços, pensando a parva que era. Um a parva transtornada. Estava perdida pelo que lhe tinha feito o Lesser. E, tem erosa pelo que tinha visto Zsadist fazer essa noite. E, tão só depois de dar-se conta do que sentia pelo m acho.

Estava a ponto de j ogar a toalha e voltar a subir quando algo lhe roçou a perna. Saltou e olhou para baixo, encontrando os olhos verde j ade de um gato negro. O felino piscou, ronronou, e esfregou a cabeça contra a pele de seu tornozelo.

Inclinando-se, acariciou sua pele com m ãos inseguras. O anim al era incom paravelm ente elegante, deslizava-se com escassos e graciosos m ovim entos. E, sem nenhum a razão, seus olhos se turvaram . Quanto m ais em ocional ficava, m ais se aproxim ava do gato, até que ficou sentada no últim o degrau da escada e o anim al subiu em sua saia.

— Seu nom e é Boo.

Bela ofegou e olhou para cim a. Phury estava de pé em frente a ela, um m acho m uito alto que j á não vestia roupa de com bate, m as sim cachem ira e lã.

Tinha um guardanapo na m ão, com o se acabasse de levantar-se da m esa, e cheirava realm ente bem , com o se tivesse tom ado banho e se barbeado recentem ente. Olhando-o, deu-se conta de que a conversa e os sons da cozinha tinham desaparecido, deixando um silêncio que lhe dizia que todo m undo sabia que ela tinha descido e parado nos arredores.

Phury se aj oelhou e lhe pressionou o guardanapo de linho contra a m ão.

Dessa form a se deu conta de que havia lágrim as correndo por suas bochechas.

— Não se unirá a nós? — disse-lhe brandam ente.

Secou seu rosto, ainda agarrada ao gato.

— Há algum a possibilidade de que possa levá-lo com igo?

— Absolutam ente. Boo sem pre é bem -vindo em nossa m esa. Igual a você.

— Não estou com sapatos.

— Não nos im porta. — estendeu a m ão — Vam os, Bela. Vêm te reunir conosco.

Zsadist entrou no vestíbulo, com frio e tão rígido que se arrastava para ir adiante. Queria perm anecer na granj a até que despontasse o am anhecer, m as seu corpo não funcionava bem com o ar gelado.

Em bora não fosse com er, dirigiu-se a cozinha, só para deter-se nas som bras.

Bela estava na m esa, sentada ao lado de Phury. Havia um prato de com ida na frente dela, m as estava prestando m ais atenção ao gato que tinha na saia. Estava m im ando a Boo, e não deixou de acariciá-lo nem sequer quando elevou a vista para prestar atenção a algo que Phury dizia. Sorriu, e quando subiu a cabeça novam ente, os olhos de Phury perm aneceram em seu perfil com o se estivesse bebendo dela.

Z cam inhou rapidam ente para a escada, indisposto a cair nessa cena. Estava quase a salvo quando Tohr saiu da porta oculta na prim eira pausa. O irm ão parecia carrancudo, m as bom , nunca estava para festa.

— Hei, Z, espere.

Zsadist am aldiçoou, e não baixou sua respiração. Não tinha nenhum interesse em ficar e escutar um a droga a respeito de política e procedim ento, e isso era a única coisa que Tohr falava ultim am ente. O hom em estava enlouquecendo a Irm andade, organizando turnos, tentando converter a quatro tiros ao ar com o eram V, Phury, Rhage e Z em soldados. Não estranhava que sem pre parecesse que estava com dor de cabeça.

— Zsadist. Disse, *espere.*

— Agora não…

— Sim , agora. O irm ão de Bela m andou um a petição a Wrath. Solicitando que lhe sej a atribuído um estado de *Sehclusion*, com ele com o seu *Whard*.

Oh, merda. Se isso ocorresse, seria o m esm o que Bela se fosse. Dem ônios,

era com o se fosse um a peça de bagagem . Nem sequer a Irm andade podia defender a ela de seu Whard.

— Z? Escutou o que te disse?

Assinale com a cabeça, idiota, disse-se a si m esm o.

Apenas conseguiu afundar o queixo.

— Mas, por que está m e contando isso?

Tohr apertou a boca.

— Quer aparentar que ela não significa nada para você? Bom . Só pensei que quisesse saber.

Tohr se dirigiu para a cozinha.

Z agarrou o corrim ão e esfregou o peito, sentindo com o se alguém tivesse substituído o oxigênio de seus pulm ões por alcatrão. Olhou para cim a e se perguntou se Bela passaria por seu quarto antes de ir-se. Teria que fazê-lo, porque seu diário estava ali. Podia deixar a roupa, m as não seu diário. A não ser, é obvio, que j á o tivesse pego.

Deus… Com o lhe diria adeus?

Hom em , deviam -se um a conversa. Não podia im aginar o que lhe diria, especialm ente depois que ela viu a ele praticando sua odiosa m agia com aquele assassino.

Z entrou na biblioteca, levantou um dos telefones, e discou o núm ero do

celular de Vishous, guiando-se pelo desenho das teclas. Escutou com o soava no fone e tam bém através do vestíbulo. Quando V respondeu, contou-lhe sobre o Explorer, o celular e as palhaçadas que tinha feito no trem dianteiro.

— Localizo. — disse V — Mas, onde está? Há um estranho eco no telefone.

— Cham e-m e se esse autom óvel se m over. Estarei no ginásio. — desligou e se dirigiu ao túnel subterrâneo.

Supôs que poderia conseguir algum a roupa do vestuário e levar-se a um estado de absoluto esgotam ento. Quando suas coxas gritassem , suas panturrilhas se convertessem em pedra e sua garganta estivesse seca por causa dos fôlegos, a dor lhe esclareceria m ente, lim pá-lo-ia… Ansiava a dor m ais do que ansiava a com ida.

Quando chegou ao vestuário, foi ao cubículo que lhe tinham atribuído e tirou seus tênis com am ortecedores e berm uda para corrida. De qualquer form a preferia andar sem cam isa, especialm ente se estivesse só.

Tirou as arm as e estava a ponto de despir-se, quando sentiu que algo se m ovia pelo vestuário. Rastreando o som em silêncio, interpôs-se no cam inho de... Um a estranha som bra.

Houve um som de m etal quando o pequeno corpo bateu contra um dos bancos do vestíbulo.

Merda. Era o m oço. Qual era seu nom e? John algum a coisa.

E, o m oço, John parecia que ia desm aiar enquanto olhava para cim a, com os olhos frágeis, saindo das órbitas.

Z olhou para baixo, desde toda sua estatura. Nesse m om ento, seu hum or era absolutam ente m aligno, negro e frio com o o espaço, e m esm o assim de algum a form a, não gostaria de rasgar um novo buraco no traseiro do m oço que não tinha feito nada de errado.

— Sai daqui, m oço.

John m anuseou algo. Um bloco e um lápis. Enquanto punha os dois j untos, Z sacudiu a cabeça.

— Sim , não sei ler, recorda? Olhe, só vai-te. Tohr está lá em cim a, na casa.

Z virou-se tirou a cam isa de um puxão. Quando escutou um ofego, olhou sobre seu om bro. Os olhos de John estavam fixos em suas costas.

— Cristo, m oço… Sai daqui, droga.

Quando Z escutou o som de passos afastando-se, desfez-se das calças, vestiu a berm uda de futebol preta, e sentou em um banco. Levantou os Nikes pegando-os pelos cordões e deixou que pendurassem entre os j oelhos. Enquanto olhava as sapatilhas para correr, teve um estúpido pensam ento sobre quantas vezes tinha m etido os pés nelas e castigado seu corpo na fatigante rotina a que se dirigia.

Logo, pensou sobre quantas vezes tinha deixado que o ferissem deliberadam ente

em brigas com lessers. E, quanta vez tinha pedido a Phury que o abatesse.

Não, não pedido. Ordenado. Houve m om entos que tinha m andado que seu gêm eo lhe batesse um a e outra vez até que seu rosto com cicatrizes ficasse todo torcido e a palpitante dor nos ossos fosse tudo o que conhecesse. Para falar a verdade, não gostava de envolver Phury. Preferia ferir-se em privado e se tivesse podido ferir-se-ia ele m esm o. Mas era difícil golpear a si m esm o com força, e a sangue frio.

Lentam ente, Z deixou as sapatilhas no piso e se inclinou para trás apoiando-se contra o fichário, pensando a respeito de onde estava seu gêm eo. Lá em cim a, na

cozinha. Ao lado de Bela.

Seus olhos se desviaram ao telefone que estava localizado na parede do vestíbulo. Talvez devesse ligar para casa.

Um suave assobio se escutou perto dele. Dirigiu os olhos para a esquerda e franziu o cenho.

O m oço estava ali com um a garrafa de água na m ão, e avançava lentam ente, o braço esticado na frente dele, a cabeça inclinada. Com o se quisesse relacionar-se com um a pantera e tivesse a esperança de sair da experiência com todos os m em bros ainda unidos.

John depositou a garrafa de Poland Spring[19] no banco, a três m etros de Z. Logo, se virou e saiu correndo.

Z olhou a porta por onde o m oço tinha desaparecido. Quando se fechou, pensou em outras portas do Com plexo. Especificam ente, nas portas principais da m ansão.

Deus. Bela tam bém iria logo. Inclusive, poderia estar indo em bora nesse preciso m om ento.

Justo nesse m inuto.

CAPÍTULO XXV

— Maçãs? Que m erda faço m e preocupando com m açãs? — gritou O ao celular. Estava a ponto de quebrar cabeças, estava de saco cheio, e U conversava a respeito das m alditas *frutas*? — Só liguei para lhe dizer que tem os três Betas m ortos. *Três* deles.

— Mas, esta noite havia m il e oitocentos quilogram as de m açãs com prados em quatro diferentes...

O com eçou a passear pela cabana. Era isso que o aj udava, ia perseguir U até queim ar suas bordas.

Logo que O retornou de Ôm ega foi para a granj a, só para encontrar duas m arcas cham uscadas na gram a, assim com o a porta traseira danificada. Olhando à cozinha através da j anela, pôde ver o sangue negro por todo o lugar e outra m arca de queim adura no azulej o.

Maldito inferno, pensou, im aginando a cena. Conhecia o irm ão que tinha feito

o trabalho, porque deixava a suj eira na cozinha, tinha cortado em tiras o lesser que tinha m orrido no chão antes de ser apunhalado.

Sua m ulher estava com o guerreiro nesse m om ento? Ou foi um a visita da fam ília tratando de transladar suas coisas e o Irm ão só estava protegendo-os?

Malditos fossem esses Betas. Esses três asnos piolhentos, bichas-frouxas, inúteis filhos da puta, m ataram a si m esm os, então nunca teria respostas. E, se sua m ulher não estivera ali, tão seguro com o o inferno que se ela estava viva não retornaria logo, graças à briga que houve.

As tolices de U se enfocaram de novo.

— ...o dia m ais curto do ano, em vinte e um de dezem bro, será a sem ana que vem . O solstício de inverno é...

— Tenho um a idéia. — falou bruscam ente O — Por que não corta a cantilena sobre o calendário. Quero que vá à granj a e recolha o Explorer, deixe a esses betas para trás no bosque. Então...

— Escute o que digo. As m ações são utilizadas na cerim ônia do solistício em honra à Virgem Escriba.

Essas duas palavras, Escriba e Virgem , captaram a atenção de O.

— Com o sabe disto?

— Estive por aqui os últim os duzentos anos. — disse U secam ente — O festival não se celebrou em ... Jesus, não sei, possivelm ente um século. Supõe-se

que as m ações representam a espera da prim avera. As sem entes, o crescim ento, essa tipo de m erda da renovação.

— De que tipo de festival está falando?

— No passado, centenas deles se reuniam , e suponho que faziam algum tipo de cântico, algum ritual. Realm ente não sei. De qualquer m aneira, durante anos estivem os observando certo tipo de coisas nas com pras durante épocas específicas do ano. Maçãs em dezem bro. Cana-de-açúcar em abril. Foi m ais por costum e, que qualquer outra coisa, porque esses vam piros estavam condenadam ente tranqüilos.

O se apoiou contra a porta da cabana.

— Mas, agora seu rei ascendeu. Assim , eles reviverão as cham as dos velhos costum es.

— E, você gostaria do sistem a ISBN. Muito m ais eficiente que ir perguntando por aí, os quais estavam acostum ados a fazer. Com o disse antes, um a enorm e quantidade de m ações Granny Sm ith foram com pradas em várias localidades. Com o se difundissem as ordens.

— Então está dizendo que em um a sem ana um m ontão de vam piros vai se reunir. Fazendo um a m úsica e dança especial. Rezando à Virgem Escriba.

— Sim .

— Com endo m ações?

— A m eu entender, sim .

O esfregou a nuca. Havia sido reticente sobre expor todo assunto de converter a sua m ulher em um lesser durante a sessão com Ôm ega. Precisava averiguar prim eiro se estava viva, e logo trabalhar sobre algum as m udanças no conceito. Obviam ente, o problem a potencialm ente insuperável era que ela era um vam piro, e o único contraponto era que ele podia fazer disso a arm a secreta final.

Um a fêm ea de sua própria espécie? Os Irm ãos nunca a veriam chegar...

Em bora, é claro, que isso só seria um argum ento para Ôm ega. Sua esposa nunca brigaria com ninguém , exceto com ele.

Sim , o proj eto seria com o um a venda agressiva, m as um a coisa que tinha a seu favor era que Ôm ega estava aberto às adulações. Então, não seria um grande e refrescante sacrifício em sua honra fazer m aravilhas para lhe suavizar?

U ainda estava falando.

— ...estava pensando que poderia verificar nos m ercados...

Enquanto U falava e falava, O com eçou a pensar em veneno. Em um m ontão de veneno. Em um tonel cheio.

Maçãs envenenadas. Quantas Brancas neves teriam ?

— O? Está aí?

— Sim .

— Então, vou aos m ercados e averiguo quando...

— Não, agora não. Lem m e lhe dirá o que tem que fazer.

Quando Bela abandonou o escritório de Wrath trem ia de fúria, e nem o rei nem Tohr tentaram detê-la ou fazê-la voltar à razão. O que provava que eram varões extrem am ente inteligentes.

Cam inhou pesadam ente pelo hall, com os pés nus, para o quarto de Zsadist, e logo fechou a porta com um golpe, foi ao telefone com o se fosse um a arm a. Discou o núm ero de seu irm ão.

Rehvenge atendeu e respondeu bruscam ente.

— Quem é e com o conseguiu este núm ero?

— Não te atreva a m e fazer isto.

Houve um com prido silencio. Então:

— Bela... Eu... Espere um segundo. — um som arrastado se ouviu através do telefone, então disse em voz cortante m elhor — ...que acabe agora m esm o. Ficou claro? Se tiver que ir atrás dele, não vai gostar. — Rehvenge esclareceu garganta e retornou — Bela, onde está? Deixe que vá te buscar. Ou diga a um dos guerreiros que te leve a nossa casa e nos encontrarem os ali.

— Pensa que vou a *algum lugar* perto de você agora?

— É m elhor que a alternativa. — disse desagradavelm ente.

— E, qual é?

— Os Irm ãos lhe trarão para m im à força.

— Por que está fazendo…

— Por que estou fazendo isto? — com sua voz profunda e grave,

exigentem ente grave, a que ela estava acostum ada — Tem algum a idéia do que

foram estas últim as seis sem anas para m im ? Sabendo que estava nas m ãos

dessas m alditas coisas? Sabendo que pus m inha irm ã... À filha de m inha m ãe...

Nessa situação?

— Não foi sua culpa...

— Deveria estar em casa!

Com o sem pre, o j orro de fúria de Rehv a estrem eceu, e recordou que em um

nível básico, seu irm ão sem pre a tinha assustado um pouco.

Mas, então o ouviu aspirar profundam ente. E, outra vez. Então, um estranho

desespero se arrastou em suas palavras.

— Jesus, Bela... Só volte para casa, *Mahmen* e eu, necessitam os de você aqui.

Tem os saudades. Nós... Eu preciso ver-te para acreditar que está realm ente bem .

Ah, sim … Agora seu outro lado, que realm ente am ava. O protetor. O

fornecedor. O brusco e com passivo m acho que sem pre lhe tinha dado o que

necessitava.

A tentação de subm eter-se foi forte. Mas então se im aginou sem perm issão

para sair da casa outra vez. O que era algo m alditam ente capaz de lhe fazer.

— Rescindirá a ordem de isolam ento?

— Podem os falar disso quando dorm ir outra vez em sua cam a.

Bela agarrou o telefone.

— Isso significa não, verdade? — houve um a pausa — Olá? Rehvenge?

— Só te quero em casa.

— Sim ou não, Rehv. Diga-m e isso agora.

— Nossa m ãe não sobreviverá a algo assim outra vez.

— E, você crê que eu sim ? — replicou-lhe bruscam ente — Perdoe-m e, m as

mahmen não foi quem acabou com o nom e do lesser tatuado em seu estôm ago!

No m om ento em que as palavras saíram de sua boca, am aldiçoou-se. Bom ,

essa classe de oportunos detalhezinhos iria *certamente* levá-lo ali. *Que maneira de*

negociar.

— Rehvenge...

Sua voz estava com pletam ente gelada.

— Quero-te em casa.

— Acabo de sair do cativeiro, não vou enj aular-m e voluntariam ente.

— E, o que vai fazer a respeito?

— Pressione-m e um pouco m ais e saberá.

Term inou a cham ada e golpeou o sem fio com a m esa.

— Maldito!

Em um louco im pulso, pegou o receptor e o fez girar, preparada para j ogá-lo

através do quarto.

— Zsadist! — agarrou com o pôde o telefone, apanhando-o, segurando-o contra o peito.

De pé, silenciosam ente ao lado da porta, Zsadist vestia um a berm uda para corrida e estava sem cam iseta… E, por algum a absurda razão tam bém se deu conta de que não usava sapatos.

— Joga-o se quiser.

— Não. Eu… Ah… Não. — virou-se e o colocou no pequeno suporte, tentando duas vezes para conseguir.

Antes de virar-se para Zsadist outra vez, pensou nele, agachado sobre o lesser, lhe batendo até a m orte... Mas, então recordou que havia lhe trazido suas coisas de casa... Levando-a ali... E, tinha deixado ter sua veia em bora se ficasse louco pela invasão. Enquanto se m ovia a seu redor, foi enredando-se em sua rede, apanhada entre a bondade e a crueldade.

Ele rom peu o silêncio.

— Não quero que fuj a no m eio da noite por causa do que seu irm ão decidiu. E, não m e diga que não era isso que estava pensando.

Maldito, era preparado.

— Mas, você sabe o que quer m e fazer.

— Sim .

— E, por lei a Irm andade terá que m e entregar, assim não posso ficar aqui. Pensa que eu gosto da única opção que tenho?

Porém para onde iria?

— O que tem de m al em ir para casa?

Olhou-o enfurecida.

— Certo, na realidade quero que m e tratem com o um a inútil, com o um a m enina, com o... Um obj eto que m eu irm ão possui. Concordo com pletam ente.

Zsadist passou a m ão sobre a cabeça. O m ovim ento flexionou os bíceps, que se avultaram .

— É sensato ter a fam ília sob o m esm o teto. São tem pos perigosos para os civis.

Oh, hom ens… A últim a coisa que necessitava agora era que ele estivesse de acordo com seu irm ão.

— Tam bém é um tem po perigoso para os lessers. — resm ungou — Guiando-m e pelo que lhes fez esta noite.

Zsadist entrecerrou os olhos.

— Se quiser que m e desculpe por isso, não o farei.

— Certam ente que não. — replicou — Você não se desculpa por nada.

Negou lentam ente com a cabeça.

— Está procurando briga, e está falando com o varão equivocado, Bela. Não te seguirei a corrente.

— Por que não? Você é único enchendo o saco.

O silenciou que seguiu lhe fez desej ar gritar. Queria lhe enfurecer, algo que dava livrem ente a todo m undo, e ela não podia acreditar por que infernos estava aparentando autocontrole quando era ela.

Levantou um a sobrancelha, com o se soubesse o que estava pensando.

— Ah, Dem ônios! — respirou — Estou-te crucificando, verdade? Sinto m uito.

Encolheu seus om bros.

— Escolher entre o fogo e as brasas deixa qualquer um louco. Não se preocupe.

Sentou-se na cam a. A idéia de escapar só era absurda, m as se negava a viver sob o controle de Rehvenge.

— Tem algum a sugestão? — perguntou em voz baixa. Enquanto elevava a vista, Zsadist estava olhando ao chão.

Estava tão autoconcentrado apoiado contra a parede. Com seu com prido e enxuto corpo, parecia um a greta de cor carne no gesso, um a fissura que se abriu m uito na estrutura do quarto.

— Dê-m e cinco m inutos. — respondeu. Foi-se andando, sem cam isa.

Bela se deixou cair para trás no colchão, pensando que cinco m inutos não iriam resolver a situação. O que ela precisava era um irm ão diferente esperando-a em casa.

Querida e doce Virgem Escriba… Além dos lessers, deveria ter feito m elhor as coisas. Em lugar disso, sua vida estava totalm ente fora de seu controle.

Concedeu que pelo m enos agora ela poderia escolher o xam pu.

Levantou a cabeça. Através da porta do banheiro viu a ducha e se im aginou sob o j orro de água quente. Isso seria bom . Relaxante. Refrescante. É, m as poderia chorar sua frustração sem vergonha.

Levantou-se e foi para o banho, abrindo a torneira. O som do j orro golpeando o m árm ore era calm ante, assim com o foi o quente j orro quando estava debaixo.

Não chorou. Só pendurou a cabeça e deixou cair à água por seu corpo.

Quando finalm ente saiu, deu-se conta que a porta do quarto estava fechada.

Provavelm ente Zsadist havia voltado.

Envolvendo-se em um a toalha, não teve esperança absolutam ente que tivesse encontrado um a solução.

CAPÍTULO XXVI

Quando abriu a porta do banheiro, Z a exam inou guardando um a m aldição para si m esm o. Bela estava rosada da cabeça aos pés, o cabelo preso no alto da cabeça. Cheirava ao seleto sabão francês que Fritz insistia em com prar. E, essa toalha envolta em seu corpo só o fazia pensar em quanto seria fácil tê-la totalm ente nua.

Um puxão. Isso era tudo o que necessitava.

— Wrath concordou em estar tem porariam ente inlocalizável. Mas, só é um a prorrogação de quarenta e oito horas, m ais ou m enos. Fale com seu irm ão. Vej a

se pode trazer ele aqui. De outra m aneira, Wrath terá que responder e realm ente não poderá negar-se devido a sua linhagem .

Bela atou a toalha um pouco m ais acim a.

— Certo… Obrigado. Obrigado pelo esforço.

Inclinou a cabeça olhando para a porta, pensando em retornar ao plano A: pôr terra no m eio. Era isso ou que Phury o atacasse.

Porém em vez de sair, pôs as m ãos na cintura.

— Lam ento um a coisa.

— O que? Oh… Por quê?

— Sinto que tivesse que ver o que fiz a esse assassino. — levantou a m ão, então a deixou cair, resistindo ao im pulso de esfregá-la na cabeça raspada — Quando disse que não m e desculparia por isso, quis dizer que não lam ento ter m atado esses bastardos. Mas, eu não... Eu não gosto que tenha essas im agens em sua cabeça. Apagaria isso de você, se pudesse. Apagaria isso tudo... Suportaria tudo isso em seu lugar. Realm ente sinto m uito que isto tenha te acontecido, Bela.

Ok, lam ento tudo isto, incluindo... A m im .

Deu-se conta de que isto era seu adeus. E, estava perdendo forças, por isso apressou suas últim as palavras.

— É um a fêm ea de valor. — baixou a cabeça — E, sei que encontrará...

Um com panheiro, acabou para si m esm o. Certo, um a fêm ea com o ela

poderia com toda segurança encontrar um com panheiro. De fato, havia um nesta casa que não só a desej ava, só não era apropriado para ela. Porém , Phury estava perto à volta da esquina.

Z elevou a vista, tentando dirigir seus pés para fora do quarto... E, bater em retorno a porta.

Bela estava bem em frente a ele. Quando pegou seu perfum e, seu coração saltou com o um a lebre, fazendo com que algo bom revoasse nele, aturdindo-o.

— É verdade que lim pou m inha casa? — disse-lhe.

Oh, Deus... A única resposta que tinha para isso era m uito reveladora.

— Fez?

— Sim , fiz.

— Agora, vou abraçar você.

Z se esticou, m as antes que pudesse separar-se de seu cam inho, uns braços lhe envolveram a cintura e um a cabeça encostou-se a seu peito nu.

Perm aneceu em seu abraço sem m over-se, sem respirar, sem devolver-lhe.

Tudo o que podia fazer era sentir seu corpo. Ela era um a fêm ea alta, m as m enor que ele uns bons 16 centím etros. E, em bora fosse m agro para ser um guerreiro, tinha ao m enos trinta e dois quilos a m ais em seus ossos que ela. Ainda lhe sobressaltava.

Deus, cheirava tão bem .

Fez um barulhinho, com o um suspiro, e se afundou em seu corpo ainda m ais.

Seus seios pressionavam contra seu torso, e quando olhou para baixo, a curva de sua nuca era m alditam ente tentadora. Então, ali apareceu o problem a. Essa coisa

deixada da m ão de Deus estava endurecendo, inchando, alongando.

Rapidam ente.

Colocou as m ãos sobre os om bros de Bela, revoando sim plesm ente sobre sua pele.

— Sim , ah, Bela... Tenho que ir.

— Por quê? — m ais perto. Ela se aproxim ou. Movendo os quadris contra ele, apertando os dentes quando as partes inferiores de seus corpos contataram

com pletam ente.

Droga, ela tinha que sentir aquela coisa entre suas pernas. Com o podia evitar?

A ereção em purrava contra sua barriga, e não acreditava que a m aldita calça escondesse ao bastardo.

— Por que tem que ir? — sussurrou com o fôlego roçando seus peitorais.

— Por que...

Quando deixou a palavra no ar, ela m urm urou:

— Sabe, eu gosto.

— Você gosta do que?

Tocou um dos anéis dos m am ilos.

— Deles.

Tossiu um pouco.

— Eu, ah… Eu m esm o os fiz.

— Ficam bem . — deu um passo para trás e deixou cair à toalha.

Z cam baleou. Era tão condenadam ente bela, esses seios, esse estôm ago

plano, esses quadris… E, essa pequena e grácil vulva entre suas pernas que viu

com dispensável claridade. As poucas hum anas com as quais tinha estado tinham

cabelo ali, m as ela era de sua raça, assim estava com pletam ente depilada,

desgarradam ente suave.

— Realm ente tenho que ir. — disse roucam ente.

— Não vá.

— Tenho que fazê-lo. Se ficar...

— Deite com igo. — disse, relaxando-se contra ele outra vez. Tirou a presilha

do cabelo, e as ondas escuras se derram aram sobre os dois.

Fechou os olhos e j ogou a cabeça para trás, em um intento de não ficar

enterrado por seu perfum e. Com voz resolvida, lhe respondeu:

— Só quer um a transa, Bela? Porque isso é tudo o que obterá de m im .

— Tem m uito m ais...

— Não, não tenho.

— Foi am ável com igo. Cuidou de m im . Lavou-m e e protegeu-m e…

— Não m e quer em seu interior.

— Já está, Zsadist. Seu sangue está dentro de m im .

Houve um longo silêncio.

— Conhece m inha reputação?

Ela franziu o cenho.

— Isso não tem im portância…

— O que as pessoas dizem de m im , Bela? Vam os, quero ouvir de você.

Assim , saberei que o entende. — seu desespero foi evidente quando a pressionou,

m as tinha que tirá-la do atordoam ento no qual estava — Sei que ouviu algo sobre

m im . As fofocas alcançam até seu nível social. *Que dizem?*

— Algo… Algo sobre que m ata as fêm eas por esporte. Mas, não acredito…

— Sabe com o consegui essa reputação?

Bela cobriu os seios e retrocedeu, negando com a cabeça. Ele se inclinou e

lhe deu a toalha, então m ostrou a caveira no canto do quarto.

— Matei esta fêm ea. Agora m e diga, pode tom ar a um m acho capaz de fazer

algo assim ? Um que pode m achucar assim a um a fêm ea? Quer esse tipo de

bastardo em cim a de você, bom beando em seu corpo?

— Era ela. — sussurrou Bela — Retornou e m atou a am a, não?

Z estrem eceu.

— Por um m om ento, pensei que isso m e curaria.

— Não o fez.

Não, droga. Ela passou roçando-se nele e cam inhou, a pressão aum entava

nele até que abriu a boca para soltar:

— Um par de anos depois de partir, ouvi que ela… Droga, ouvi que tinha a

outro m acho nessa cela… Viaj ei sem parar durante dois dias, escondendo-m e

perto do am anhecer. — Z cabeceou. Não queria falar, realm ente não queria,

m as sua boca continuava em m ovim ento — Jesus… Era tão j ovem , tão j ovem ,

com o eu quando m e tinha. Não tinha nenhum a intenção de m atá-la, m as vinha

andando j usto quando eu fugia com o escravo. Logo que a vi… Soube que se não

a golpeasse, cham aria aos guardas. Tam bém soube que conseguiria outro varão e

o prenderia ali e o… Ah, droga. Por que dem ônios estou contando isto?

— Am o você.

Z apertou seus j á fechados olhos.

— Não é um a tragédia, Bela.

Deixou o quarto correndo, m as não foi além de quinze passos no corredor.

Ela o am ava. *Amava a ele?*

Tolices. Pensava que am ava. Logo que voltasse ao m undo real, ela se daria

conta. Jesus, tinha saído de um a situação horrível e estava vivendo em um a

fantasia ali no recinto. Nada disso fazia parte de sua vida, e passara m uito tem

po

com ele.

E, ainda… Deus, queria estar com ela. Queria deitar-se a seu lado e beij á-la.

Queria fazer inclusive m ais que isso. Queria… Fazer tudo, beij ar, tocar, chupar e

lam ber. Mas, onde exatam ente ele pensava que levaria tudo isto? Inclusive, se

tivesse a idéia de penetrá-la para o sexo, não podia arriscar-se a ej acular dentro

dela.

Não que tivesse feito isso com algum a fêm ea. Infernos, nunca tinha

ej aculado sob nenhum a circunstância. Quando era um escravo de sangue, não

ficava sexualm ente excitado. E, depois quando esteve com as poucas prostitutas a

quem tinha pago pra transar, nunca teve um orgasm o. Esses anônim os interlúdios

eram som ente experiências para com provar que o sexo seguia sendo tão ruim

com o sem pre.

Quanto a m asturbar-se, não podia tocar essa m aldita coisa para urinar, m uito

m enos quando necessitava atenção. E, nunca quis aliviar-se a si m esm o, nunca

tinha acordado sexualm ente, inclusive quando “isso” estava duro.

Deus, tinham o destruído com essa droga de sexo. Que era com o se houvesse

um corte em seu cérebro.

A verdade é que tinha um m ontão deles, não?

Pensou em todos os espaços que tinha, os espaços em branco, os vazios onde os outros sentiam coisas. Quando se reduziu a isso, ele era só um a tela, m ais vazada que sólida, as em oções que o golpeavam , apenas obtenção e reunião de cólera.

Só que não era com pletam ente certo, não? Bela o fazia sentir coisas. Quando o tinha beij ado antes, na cam a, tinha feito ele se sentir… Quente e fam into. Muito

m asculino. Sexual, pela prim eira vez em sua vida.

Saído de seu agudo desespero, algum eco do que tinha sido antes que a Mistress tivesse com eçado com ele, procurava seu espaço. Encontrou-se desej ando outra vez esse sentim ento que tinha obtido beij ando Bela. E, queria excitá-la tam bém . Desej ava ela gem endo, sem fôlego e fam inta.

Não era j usto para ela… Mas, era um filho da puta, e estava ávido pelo que lhe tinha dado antes. Ela partiria logo. Só tinha esse dia.

Zsadist abriu a porta e entrou de novo.

Bela estava deitada na cam a e obviam ente surpresa por sua volta. Enquanto ela se sentava, sua visão lhe fez a decência retornar de repente. Com o dem ônios poderia estar com ela? Deus, era tão… Bonita, e ele era um suj o, um suj o bastardo.

O m om ento passou, paralisou-se no m eio do quarto. Prova que não era de tudo um bastardo, pensou. *Mas, explicou primeiro.*

— Desej o estar com você, Bela, e não só transar. – quando ela com eçou a dizer algo, silenciou-a levantando a m ão — Por favor, só m e escute. Desej o estar com você, m as não acredito que possa dar o que necessita. Não sou o hom em adequado para você, e definitivam ente não é o m om ento oportuno.

Soltou a respiração, pensando que era um com pleto idiota. Ali estava ele, lhe dizendo que não, brincando de ser um cavalheiro… Enquanto em sua m ente, a j ogava contra os lençóis e os substituíam com a m anta de sua pele.

A coisa pendurava em frente de seus quadris golpeando com o um a perfuratriz.

Com o penetraria, perguntava-se, nesse doce e suave lugar entre suas pernas?

— Aproxim e-se, Zsadist. — levantou as cobertas, descobrindo-se para ele — Pare de pensar. Vem para a cam a.

— Eu… — palavras que nunca tinha falado a ninguém flutuavam sobre seus lábios, um a confissão, um a revelação perigosa. Afastou o olhar e sem pensar em nenhum a boa razão as deixou ir — Bela, quando era escravo as coisas foram … Ah, fizeram -m e coisas. Drogas sexuais. — deveria deter-se agora m esm o — Houve varões, Bela. Contra m inha vontade, houve varões.

Ouviu um pequeno ofego.

Isso era bom , pensou, inclusive quando se envergonhava. Possivelm ente poderia obrigá-la a salvar-se a revoltando. Porque que fêm ea poderia estar com

um varão a quem fizeram esse tipo de coisas? Não era o ideal heróico. Nem m uito m enos.

Esclareceu a garganta e ficou olhando um a fresta no chão.

— Olhe, eu não… Não quero sua piedade. A razão pela qual contei isso não é te constranger. Só… Estou confuso. É com o se tivesse os fios cruzados, sobre tudo… Já sabe, as fodidas coisas. Quero-te, m as não está certo. Não deveria estar com igo. Você é m ais lim pa que isso.

Houve um longo silêncio. *Ah, droga.*… Tinha que olhá-la. No m om ento que o fez, ela levantou da cam a com o se estivesse esperando que levantasse os olhos.

Cam inhou para ele nua, nada sobre sua pele exceto a luz da única vela que ardia.

— Beij e-m e. — sussurrou na penum bra — Só m e beij e.

— Deus… O que está errado com você? — quando ela se sobressaltou, disse

— Quero dizer, por quê? De todos os varões que poderia ter, por que eu?

—Desej o você. — pôs a m ão sobre seu peito — É um a resposta natural e norm al ao sexo oposto, não?

— Não sou norm al.

— Sei. Mas, não é suj o, nem poluído nem indigno. — pegou suas trêm ulas m ãos e as colocou sobre seus om bros.

Sua pele era tão fina, a idéia de m achucar a ela de algum a form a o congelou.

Assim , com o fez a im agem dele em purrando “isso” dentro dela. Porém , não

deveria envolver a parte inferior de seu corpo, não? Isto poderia ser tudo para ela.

Oh, sim, pensou. Isto poderia ser por ela.

Virou-se e a apertou contra seu corpo. Com lentas carícias percorreu seu corpo de cim a a baixo, pelas curvas da cintura e quadris. Quando ela arqueou a coluna e suspirou, pôde ver as pontas de seus seios por cim a do om bro. Queria tocá-la ali… E, se deu conta que podia. Moveu suas m ãos sobre a caixa torácica, sentindo o desenho dos ossos delicados até que as m ãos envolveram os seios. A cabeça dela relaxou m uito m ais e sua boca abriu.

Quando se abriu assim para ele, teve o instinto de gritar, de entrar nela de qualquer form a possível. Em resposta, lam beu seu lábio superior enquanto fazia rodar um dos m am ilos entre o polegar e o indicador. Im aginou-se colocando a língua à força em sua boca, entrando entre os dentes e presas, entrando nela dessa m aneira.

Com o se soubesse o que ele pensava, tratou de virar-se e ficar na frente dele, m as parecia m uito perto de certa form a… Muito real que ela entregava-se a ele,

que ia deixar alguém com o ele fazer coisas íntim as, eróticas a seu corpo. Parou, agarrando-a pelos quadris e em purrando-a contra suas coxas. Rangeu os dentes sentindo seu traseiro contra a extensa ereção em suas calças.

— Zsadist… Deixe-m e te beij ar. — tentou virar-se outra vez e ele a deteve.

Quando lutou contra seu agarro, ele m anteve-a em seu lugar facilm ente.

— Será m elhor para você desta m aneira. Se não puder ver-m e, será m elhor.

— Não, não quero.

Baixou a cabeça até seu om bro.

— Se pudesse conquistar o Phury … Um a vez pareci com ele. Poderia fingir que era eu.

Liberou o corpo de suas m ãos.

— Mas, não seria você. E, é você quem eu quero.

Enquanto ela o olhava com fem inina espera, ele deu-se conta que se encam inhava para a cam a, j usto atrás dela. E, foi ao ponto. Mas, Deus… Não tinha nem idéia do que fazer para que ela sentisse prazer. Poderia m uito bem ser virgem por toda m erda que sabia sobre o prazer de um a fêm ea.

Com essa pequena e feliz revelação, pensou sobre o outro varão que ela tinha tido, esse aristocrata, que sem dúvida sabia m uito m ais de sexo que ele. De um nada foi golpeado por um desej o totalm ente irracional de perseguir a seu am ante anterior e fazê-lo sangrar.

Oh... Demônios. Fechou os olhos. *Oh... Merda...*

— O que? — perguntou ela.

Esse tipo de im pulso violento e territorial era característico do varão vinculado. A diferença de um , realm ente.

Z levantou o braço e pôs o nariz em seus bíceps, respirando profundam ente…

O perfum e vinculante saía de sua pele. Era fraco, provavelm ente só reconhecível para ele, m as estava ali.

Droga. O que ia fazer agora?

Infelizm ente, seus instintos responderam . Com o se seu corpo gritasse, levantou-a e se encam inhou para cam a.

CAPÍTULO XXVII

Bela olhou o rosto de Zsadist enquanto a levava através do quarto. Seus olhos negros eram estreitas frestas, um a escura, erótica ânsia brilhava neles. Enquanto a deixava sobre a cam a e olhava para seu corpo, ela teve o claro pensam ento de que ele ia com ê-la a viva.

Porém , só se inclinou sobre ela.

— Arqueie as costas para m im . — pediu.

Ok… Não era o que ela esperava.

— Arqueie as costas, Bela.

Sentindo-se estranham ente exposta, fez o que pedia, levantando seu corpo sobre o colchão. Enquanto ela se m ovia na cam a, olhou à frente de sua cueca. Sua ereção deu um puxão violento, e a idéia de que ele logo estaria dentro dela a aj udou a relaxar.

Ele se inclinou e roçou um de seus m am ilos com seus dedos.

— Quero isto em m inha boca.

Um a deliciosa ânsia arraigou nela.

— Então, o beij e.

— Shh. — o dedo viaj ou pelo m eio de seus seios e desceu ao estôm ago.

Deteve-se quando chegou ao um bigo. Com seu dedo indicador riscou um círculo

pequeno ao redor do um bigo. Então, parou.

— Não pare. — gem eu ela.

Não o fez. Baixou m ais, até que roçou o topo de sua fenda. Ela m ordeu o

lábio e esticou o corpo, aquele enorm e guerreiro, com todos esses m úsculos

totalm ente duros. Deus… Ela estava realm ente preparada para ele.

— Zsadist.

— Vou deitar sobre você. E, então não serei capaz de parar. — com a m ão

livre acariciou seus lábios, com o se estivesse im aginando o ato — Está preparada

para m e deixar fazê-lo?

— Sim …

Ele riscou com um dedo o lado desfigurado de sua boca enquanto acariciava

sua abertura.

— Desej aria ter um m elhor aspecto para te oferecer. Porque você é perfeita

aí em baixo. Sei.

Ela odiou a vergonha que veio com seu orgulho.

— Eu acredito que você é.

— Tem um a últim a oportunidade para m e dizer que não, Bela. Se não fizer agora m esm o, vou estar sobre todas as suas partes. Não vou parar, e não acredito que possa ser gentil.

Ela m anteve os braços longe dele. Ele assentiu um a vez, com o se tivessem feito algum a espécie de pacto, e então foi ao final da cam a.

— Separe as pernas. Quero te ver.

Um rubor nervoso se estendeu sobre ela.

Ele sacudiu a cabeça.

— Muito tarde, Bela. Agora… É m uito tarde. Mostre-m e.

Lentam ente, ela levantou um de seus j oelhos e foi se revelando gradualm ente.

Seu rosto se enterneceu, a tensão e a dureza saíram dele.

— Oh… Deus… — sussurrou ele — É… Bonita.

Inclinando-se sobre os braços, espreitou pela cam a para seu corpo, com os olhos fixos em sua pele secreta com o se nunca tivesse visto algo assim . Quando acabou seu percurso, suas longas m ãos nivelaram o cam inho lhe levantando as coxas, abrindo-as inclusive m ais.

Mas, então franziu o cenho e a olhou.

— Espere, supõe-se que tenha que beij ar prim eiro na boca, não? Quero dizer, os hom ens com eçam por cim a e vão trabalhando para baixo, não o fazem assim ?

Que estranha pergunta… Com o se ele nunca tivesse feito assim .

Antes que ela pudesse responder, ele com eçou a retroceder, assim ela se sentou e capturou seu rosto entre suas m ãos.

— Pode fazer o que quiser.

Os olhos dele cintilaram e m anteve sua posição por um a fração de segundo. Então, se equilibrou sobre ela, baixando à cam a. Sua língua entrou em sua boca e enredou as m ãos nos seus cabelos, esticando-a, arqueando-a, prendendo sua cabeça. A fom e nele era feroz, a necessidade de sexo engrossava o sangue de um guerreiro. Ele ia arrebatá-la com toda força que tinha, e ela ia estar dolorida quando ele a possuísse. Dolorida e totalm ente em êxtase. Ela não podia esperar.

De repente, ele parou e se separou de sua boca. Respirava profundam ente e tinha as bochechas ruborizadas quando a olhou nos olhos.

E, então lhe sorriu.

Ela estava tão surpresa que não soube o que fazer. Nunca tinha visto essa expressão em seu rosto antes, e a elevação de sua boca elim inava a deform ação no lábio superior, luzindo os dentes brilhantes e as presas.

— Eu gosto disto. — disse ele — Você debaixo de m im … É tão bom . É suave e m orna. Peso m uito? Aqui, m e deixe…

Quando se sustentou com os braços, sua excitação pressionou contra o centro dela e seu sorriso se converteu rapidam ente em um a respiração entrecortada.

Era com o se não gostasse da sensação, m as com o podia ser isso? Ele estava excitado. Ela podia sentir sua ereção.

Com um ágil m ovim ento, ele se reposicionou de form a que as pernas dela ficaram fechadas e os j oelhos dele de cada lado dela. Ela não podia adivinhar o que tinha acontecido, m as a qualquer lugar aonde tivessem ido seus pensam entos,

não era um bom lugar.

— É perfeito em cim a de m im . — disse para distraí-lo — Exceto por um a coisa.

— O que?

— Você parou. Tire a cueca.

Seu peso baixou sobre ela im ediatam ente e sua boca foi para um lado do seu pescoço. Quando m ordiscou sua pele, ela inclinou a cabeça no travesseiro e descobriu a coluna de sua garganta. Agarrando-o pela parte de atrás da cabeça, apertou-o contra sua veia.

— Oh, sim … — gem eu ela, querendo que ele se alim entasse.

Ele fez um ruído que era um não, m as antes que o rechaço pudesse m urm urar através dela, estava beij ando-a descendo por sua clavícula.

— Quero pegar seus seios. — disse ele contra sua pele.

— Faz.

— Precisa saber algo prim eiro.

— O que?

Ele levantou a cabeça.

— À noite em que veio aqui… Quando te banhei? Fiz tudo o que pude para

não te olhar. Realm ente o fiz. Cobri-te com um a toalha, inclusive quando estava

na água.

— Isso foi am ável.

— Mas, quando a tirava… Vi estes. — sua m ão capturou um de seus seios —

Não pude evitar. Juro. Tentei perm itir sua m odéstia, m as você estava… Não

podia deter m eus olhos. Seu m am ilo estava arrepiado pelo ar frio. Tão pequeno e

rosado. Adorável.

Ele m oveu o polegar de um lado a outro sobre seu duro topo, perturbando sua

m ente.

— Tudo bem . — m urm urou ela.

— Não está. Estava indefesa e era incorreto te olhar.

— Não, se era você.

Ele se m oveu e sua ereção pressionou no topo de suas coxas.

— Isto ocorreu.

— Que ps… Oh, excitou-te?

Apertou a boca.

— Sim . Não pude conter-m e.

Ela sorriu um pouco.

— Mas, não fez nada, não é m esm o?

— Não.

— Então, está tudo bem . — arqueou as costas e viu com o seus olhos se cravavam em seus seios — Beij e-m e, Zsadist. Justo onde está olhando. Justo agora.

Seus lábios separaram , e sua língua seguiu seu cam inho enquanto se inclinava. Sua boca era cálida sobre sua pele, e tão vacilante, beij ando, para depois sugar o m am ilo dentro dela. Ele tirou, depois percorreu um lânguido círculo ao redor, depois o levou dentro de novo… E, todo o tem po suas m ãos lhe

acariciavam a cintura, os quadris e as pernas.

Que irônico que estivesse preocupado por não ser gentil. Longe de ser brutal, era positivam ente reverente enquanto am am entava, suas pestanas sobre as bochechas enquanto a saboreava, seu rosto adorável e absorto.

— Cristo. — m urm urou ele m ovendo-se para o outro seio — Não tinha nem idéia de que pudesse ser assim .

— Com o… Assim ? — *Oh, Deus.*… Sua boca…

— Poderia te lam ber para sem pre.

Ela agarrou sua cabeça com as m ãos, aproxim ando-o m ais. Levou algum tem po, m as conseguiu tirar um a de suas pernas debaixo dele de form a que ele

estava quase enterrado no berço de seu corpo. Morria por sentir sua excitação, porém ele apenas roçava seu corpo sobre o dela.

Quando ele se afastou, protestou, m as suas m ãos foram ao interior de suas coxas e se m oveu para descer sobre seu corpo. Quando ele separou suas pernas, o colchão com eçou a trem er em baixo dela.

Todo o corpo de Zsadist trem ia enquanto a olhava.

— É tão delicada… E, brilha.

O prim eiro m ovim ento de seu dedo descendo para seu centro quase a lançou ao final. Quando ela deixou escapar um som rouco, seus olhos flam ej aram fixos nos dela e am aldiçoou.

— Maldita sej a, não sei o que estou fazendo. Estou tentando ser cuidadoso.

Ela o puxou pela m ão antes que pudesse separá-la.

— Mais…

Ele pareceu duvidar por um m om ento. Então, a tocou de novo.

— É perfeita. E, Deus, é suave. Tenho que saber...

Ele se inclinou, os om bros dele esticaram duram ente. Ela sentiu um roce de veludo.

Seus lábios.

Esta vez quando ela saltou na cam a e disse seu nom e, ele só pressionou outro beij o sobre ela de novo, e depois disso, o úm ido golpe de sua língua. Quando ele

levantou a cabeça e engoliu, o grunhido de êxtase que fez quase lhe pára o coração. Seus olhos se encontraram .

— Oh… Jesus… É deliciosa. — disse ele, baixando de novo sua boca.

Ele se estendeu na cam a, passando os braços por debaixo dos j oelhos dela aum entando o espaço entre suas coxas… Um hom em que não ia a nenhum lugar durante m uito tem po. Seu fôlego era quente e necessitado, a boca fam inta e desesperada. Ele a explorou com um a necessidade erótica, lam bendo e tateando com a língua, chupando com os lábios.

Quando seus quadris investiram , colocou um de seus braços sobre seu estôm ago, prendendo-a no lugar. Ela ondeou-se outra vez e ele se deteve sem levantar a cabeça.

— Está bem ? — perguntou ele, a áspera voz am ortecida, as palavras vibrando em seu centro.

— Por favor… — foi o único que lhe veio à m ente.

Ele foi para trás um pouco, e tudo o que ela pôde fazer foi olhar os lábios brilhantes e pensar em onde tinham estado.

— Bela, não acredito que possa parar. Há um … Rugido em m inha cabeça m e dizendo que m antenha m inha boca em você. Com o posso fazer isto… Prazeroso para você?

— Faça-m e… Gozar. — disse ela com voz rouca.

Ele piscou, com o se estivesse surpreso.

— Com o te faço gozar?

— Sim plesm ente continue o que estava fazendo. Só que m ais rápido.

Ele aprendeu com m uita rapidez enquanto descobria o que a fazia ficar selvagem , e foi desum ano quando descobriu com o lhe dar um orgasm o.

Im pulsionou-a duram ente, olhando com o ela explodia de prazer um a vez, duas vezes… Muitas vezes. Foi com o se ele se alim entasse de seu prazer e fosse insaciável.

Quando levantou finalm ente a cabeça, ela estava sem energia.

Ele a olhou seriam ente.

— Obrigado.

— Deus… Sou eu que deveria estar dizendo isso.

Ele sacudiu a cabeça.

— Perm itiu a um anim al estar em sua parte m ais bonita. Sou o único que deve sentir gratidão.

Ele se separou de seu corpo, com aquele rubor ainda nas bochechas. Aquela ereção ainda tensa.

Ela estendeu os braços.

— Aonde vai? Não acabam os.

Quando ele vacilou, ela recordou. Rodou sobre seu estôm ago e ficou engatinhando, um a oferta descarada. Quando ele não se m oveu, olhou para trás.

Ele tinha fechado os olhos com o se sofresse, e isso a confundiu.

— Sei que só faz desta m aneira.— disse ela brandam ente — Isso é o que m e disse. Está bem para m im . De verdade. — houve um longo silêncio — Zsadist, eu

quero term inar isto entre nós. Quero te conhecer… Assim .

Ele esfregou o rosto. Ela pensou que ele ia sair, m as então se m oveu rodeando-a até que ficou atrás dela. Suas m ãos caíram brandam ente sobre seus quadris e ele pediu que ela deitasse, sobre suas costas.

— Mas, você só…

— Não com você. — sua voz era áspera — Não desta form a, não com você.

Ela abriu as pernas, preparando-se para ele, m as ele só se sentou sobre os tornozelos.

Seu fôlego saía entrecortado.

— Deixe-m e colocar um a cam isinha.

— Por quê? Não estou fértil agora, assim não precisa. E, quero que você…

Term ine.

Suas sobrancelhas baixaram sobre seus olhos negros.

— Zsadist… Isto não foi suficiente para m im . Quero estar com você.

Ela esteve a ponto de levantar-se para ele quando ele se aj oelhou e levou as m ãos à frente de suas calças de esporte. Manuseou o cordão e então o tirou para fora.

Bela tragou duram ente.

Sua excitação era enorm e. Um a perfeita, form osa e sólida rocha com o um a aberração da natureza.

Sagrado… Moisés. Ela podia aj ustar-se?

Suas m ãos trem iam enquanto enganchava as calças sob os testículos. Então inclinou seu corpo, posicionando-se em seu centro.

Quando ela estendeu a m ão para acariciá-lo, ele se afastou com um puxão.

— Não! — quando ela recuou, ele am aldiçoou — Sinto… Olhe, só deixe que eu m e ocupe disto.

Ele m oveu seus quadris para frente e ela sentiu a cabeça grossa e quente contra ela. Passou-lhe um a m ão por debaixo de um dos j oelhos e lhe estendeu m ais a perna, então se introduziu um pouco, depois um pouco m ais. Enquanto o suor cobria todo seu corpo, um a escura essência chegou até seu nariz. Por um m om ento, ela se perguntou se…

Não, não podia estar unindo-se a ela. Não estava em sua natureza.

— Deus... É tão apertada. — resm ungou ele — *Oh… Bela,* não quero te despedaçar.

— Continue entrando. Só vai devagar.

Seu corpo se agitou sob a pressão e o esticam ento. Inclusive, estando tão preparada, ele era um a invasão, m as ela adorou, especialm ente quando o fôlego

dele explodiu saindo do peito e trem eu. Quando estava com pletam ente dentro dela, sua boca se abriu, com as presas alargando-se pelo prazer que sentia.

Ela deslizou as m ãos por seus om bros, sentindo os m úsculos e a calidez dele.

— Está tudo bem ? — perguntou ele através dos dentes apertados.

Bela com prim iu um beij o em um lado do pescoço e girou os quadris. Ele gem eu.

— Faça-m e am or. — disse ela.

Ele gem eu e com eçou a m over-se com o um a grande onda em cim a dela, com essa parte grossa e dura dele acariciando seu centro.

— Oh, droga… — ele deixou a cabeça cair em seu pescoço. Seu ritm o se intensificou, seu fôlego saía com força, precipitando-se em seu ouvido — Bela…

Droga, tem o que… Mas, não posso… Parar…

Com um gem ido ele se sustentou sobre os braços e perm itiu aos seus quadris balançarem -se livrem ente, cada im pulso cravando-o contra ela, em purrando-a m ais para cim a na cam a. Ela se agarrou em seus pulsos para m anter seu corpo no lugar sob o assalto. Enquanto ele investia, ela podia sentir com o se aproxim ava

do lim ite de novo, e quanto m ais rápido ele ia, m ais ela se aproxim ava.

O orgasm o explodiu em seu centro, depois atravessou seu o corpo, a força que se estendeu para ela foi im ensa, am pla e prolongada. As sensações duraram um a eternidade, as contrações de seus m úsculos internos se agarravam à parte

dele que a penetrava.

Quando ela retornou a sua própria pele, deu-se conta que ele estava im óvel,

com pletam ente gelado em cim a dela. Piscando para afastar as lágrim as, estudou

seu rosto. Os ângulos duros estavam tensos, assim com o o resto de seu corpo.

— Machuquei-te? — perguntou apertadam ente — Gritou alto.

Ela tocou seu rosto.

— Não de dor.

— Graças a Deus. — seus om bros relaxaram enquanto exalava — Não

poderia suportar se te ferisse dessa form a.

Ele a beij ou brandam ente. E, então se retirou e desceu da cam a, subindo os

calções enquanto entrava no banheiro e fechava a porta.

Bela franziu o cenho. Ele tinha ej aculado? Parecia estar com pletam ente ereto

enquanto se retirava.

Ela deslizou para fora da cam a e olhou para baixo. Quando viu que não havia

nada entre suas coxas, vestiu o roupão e foi atrás dele, sem nem sequer

incom odar-se em bater.

Os braços de Zsadist estavam apoiados no lavabo, a cabeça pendurada.

Respirava com dificulta e parecia febril, a pele escorregadia, sua postura

antinatural, tensa.

— O que é, *nalla*? — disse ele com um rouco sussurro.

Ela parou insegura de que tivesse ouvido bem . Mas, ele havia… *Amada.*

Tinha-lhe cham ado *amada.*

— Por que você não…? — ela não parecia poder concretizar as dem ais palavras — Por que parou antes que você…?

Quando ele só sacudiu a cabeça, foi até ele e lhe deu a volta. Através dos calções podia ver que sua excitação pulsava dolorosam ente rígida. De fato, parecia que o corpo inteiro lhe doía.

— Deixe-m e te aj udar. — disse, tocando-o.

Ele recuou contra a parede de m árm ore entre a ducha e o lavabo.

— Não, não o… Bela…

Ela pegou o roupão com as m ãos e com eçou a aj oelhar-se a seus pés.

— Não! — ele a arrastou para cim a.

Ela o olhou diretam ente nos olhos e foi até sua braguilha.

— Deixe-m e fazer isto por você.

Ele pegou suas m ãos e apertou seu pulso até que doeram .

— Quero fazer isto, Zsadist. — disse com intensidade — Deixe-m e cuidar de você.

Houve um longo silencio, e ela passou esse tem po avaliando o problem a, o desej o e o m edo nos olhos dele. Um golpe frio a atravessou. Não podia acreditar

no que estava pensando, m as ela tinha realm ente a vívida im pressão de que ele

nunca tinha se perm itido ter um orgasm o antes. Ou estava precipitando-se ao tirar conclusões?

Possivelmente. Não era com o se fosse perguntar-lhe. Ele vacilava a ponto de sair correndo, e se ela dissesse ou fizesse algo incorreto, ele ia sair do quarto.

— Zsadist, não quero te m achucar. E, você pode ficar no controle.

Pararem os se não se sentir bem . Pode confiar em m im .

Passou m uito tem po antes que dim inuísse o apertão nos seus pulsos. E, então finalm ente ele a soltou e a aproxim ou de seu corpo. Titubeando, ele baixou os calções.

Aquela excitação saltou ao espaço entre eles.

— Só pegue. — disse ele com a voz partida.

— A você. Pegarei a você.

Quando ela o envolveu em suas m ãos, ele deixou escapar um gem ido, e sua cabeça retrocedeu. Deus, ele estava duro. Duro com o ferro, entretanto rodeado de pele suave com o a de seus lábios.

— É…

— Shh. — cortou-a — Sem … Falar. Não posso… Sem falar.

Ele com eçou a m over-se dentro de seu punho. Lentam ente a princípio, e depois com crescente urgência. Pegou seu rosto entre as m ãos e a beij ou, e então

seu corpo o dom inou com pletam ente com um bom beam ento selvagem . Ele

estava enlouquecendo, disparando-se m ais e m ais alto, seu peito e seus quadris eram tão bonitos enquanto se m oviam com aquele antigo e encrespado m ovim ento m asculino. Mais rápido… Mais rápido… Lançando-se para frente e para trás…

Porém , alcançou algum tipo de estágio. Ele se esforçava, as cordas do pescoço quase abrindo cam inho pela pele, seu corpo coberto de suor. Mas, parecia que não podia gozar.

Ele parou, ofegando.

— Isto não vai funcionar.

— Sim plesm ente relaxe. Relaxe e deixe que ocorra…

— Não. Necessito… — pegou um a das m ãos dela e a colocou sobre seus testículos — Aperte. Aperte forte.

Os olhos de Bela levantaram para seu rosto.

— O que? Não quero te m achucar…

Ele envolveu a m ão dela com a sua com o um parafuso e retorceu seus punhos até que gritou. Então, lhe sustentou o outro pulso, m antendo a palm a da m ão dela contra sua ereção.

Ela lutou contra ele, brigando para parar a dor que ele infringia a si m esm o, m as ele estava bom beando de novo. E, quanto m ais duram ente ela queria afastar-se, m ais ele apertava sua m ão na m ais tenra parte de um hom em . Seus

olhos se alargaram sem piscar ante o ato, a agonia que ele devia…

Zsadist gritou, sua ruidosa exclam ação ricocheteou no m árm ore até que ela ficou segura que todos na casa o tinham ouvido. Então, ela sentiu os poderosos espasm os de sua liberação, pulsos quentes um edecendo suas m ãos e a frente do roupão.

Ele caiu sobre seus om bros, seu im ponente corpo caindo sobre ela. Respirava com o um trem de carga, os m úsculos trem iam , seu grande corpo estrem ecia com réplicas. Quando soltou as m ãos dela, ela teve que separar a palm a de seu testículo.

Bela estava gelada até os ossos enquanto suportava seu peso.

Algo feio tinha brotado entre eles neste m om ento, algum tipo de doença sexual que turvou a distinção entre o prazer e a dor. E, em bora isso a fizesse cruel, quis fugir dele. Quis fugir do vergonhoso conhecim ento de que lhe tinha m achucado porque ele a tinha obrigado a fazer e que tinha tido seu orgasm o por isso.

Porém , a respiração dele se cortou em um soluço. Ou ao m enos assim pareceu.

Ela conteve a respiração, escutando. O suave som voltou, e sentiu o trem or de seus om bros.

Oh, meu Deus. Estava chorando...

Ela o envolveu com seus braços, recordando-se que ele não tinha pedido para

ser torturado com o tinha sido. Nem havia se oferecido com o voluntário aos efeitos secundários.

Ela tentou levantar a cabeça dele para beij á-lo, m as ele lutou contra ela, aproxim ando-a, escondendo-se em seu cabelo. Ela o em balou, sustentando-o e consolando-o enquanto ele lutava para m ascarar o fato de que estava chorando. Finalm ente, ele se m oveu para trás e esfregou o rosto com as m ãos. Evitou encontrar seu olhar enquanto se esticava e cam inhava para a ducha.

Com um rápido puxão lhe tirou o roupão do corpo, fez um a bola com ele e o j ogou no lixo.

— Espere, eu gosto desse roupão.

— Eu te com prarei um novo.

A instigou a entrar debaixo d'água. Quando ela resistiu levantou-a facilm ente e a colocou sob o j orro, e com eçou a ensaboar suas m ãos sem dissim ular seu pânico.

— Zsadist, pare. – separou-se dele, m as ele a agarrou — Não estou suj a… Zsadist, pare. Não preciso ser lavada, porque você…

Ele fechou os olhos.

— Por favor… Tenho que fazer isso. Não posso te deixar toda… Coberta com esta porcaria.

— Zsadist. — estalou ela — Olhe-m e. — quando ele o fez disse — Isto não é necessário.

— Não sei m ais o que fazer.

— Volte para a cam a com igo. — ela fechou a torneira — Abrace-m e. Deixe-m e te abraçar. É a única coisa que precisa fazer.

E, francam ente, ela tam bém o necessitava. Estava estrem ecida até seu coração.

Ela pegou um a toalha ao redor e o em purrou para o dorm itório. Quando estavam em baixo das cobertas, ela deitou j unto a ele, m as estava tão tensa quanto ele. Tinha pensado que a proxim idade podia aj udar. Não.

Depois de um longo tem po a voz dele lhe chegou através da escuridão.

— Se houvesse sabido com o tinha que ser, nunca teria perm itido que acontecesse.

Ela virou o rosto para ele.

— É a prim eira vez que acontece?

O silêncio não foi um a surpresa. Então, finalm ente respondeu.

— Sim .

— Algum a vez deste prazer a ti m esm o? — sussurrou, em bora conhecesse a resposta. *Deus.*… O que deviam ter sido aqueles anos com o escravo de sangue. Todos aqueles abusos… Quis chorar por ele, m as sabia que lhe faria sentir-se incôm odo.

Ele exalou.

— Eu não gosto de tocá-lo, absolutam ente. Francam ente, odeio o fato de que

tenha estado dentro de você. Eu gostaria que estivesse em um a banheira agora, rodeada de desinfetante.

— Am ei estar com você. Estou contente de que tenham os transado. — só tive dificuldade com o que veio depois — Mas, sobre o que ocorreu no banheiro…

— Não quero que sej a parte disso. Não quero você m e fazendo isso que faz que eu… Não quero que conviva com isso.

— Eu gostei de te dar prazer. É só que… Preocupou-m e m uito te m achucar. Possivelm ente poderíam os tentar…

Ele se afastou.

— Sinto… Tenho que… Vou ver o V. Tenho trabalho a fazer.

Ela o pegou pelos braços.

— O que acontece se disser que penso que você é bonito?

— Diria que está em cim a de um a onda de com paixão e isso m e encheria o saco.

— Não tenho pena de você. Desej ava que tivesse ej aculado dentro de m im , e acredito que é m agnífico quando está excitado. É grosso e com prido, e eu esta m orrendo de vontade de tocar em você. Ainda estou. E, quero tom ar você em m inha boca. Que tal isso?

Ele deu de om bros para soltar-se e ficou de pé. Com rápidos e bruscos m ovim entos se vestiu.

— Se precisa proj etar um a luz diferente sobre este ato sexual para que possa

tratá-lo, está bem . Mas, agora está m entindo para você m esm a. Em algum m om ento, despertará ao fato de que ainda é um a fêm ea de valor. E, então vai lam entar esta m erda de transar com igo.

— Não farei.

— Espere.

Ele saiu pela porta antes que ela pudesse encontrar as palavras apropriadas para fazê-lo retornar.

Bela cruzou os braços e balbuciou com frustração. Então, chutou as m antas. Maldição, que calor fazia neste quarto. Ou possivelm ente ela estivesse m uito estim ulada, estava oprim ida pela quím ica interior.

Incapaz de ficar na cam a, vestiu-se e desceu pelo corredor das estátuas. Não im portava onde acabasse, só queria sair e afastar-se desse calor.

CAPÍTULO XXVIII

Zsadist parou no túnel subterrâneo, a m eio cam inho entre a casa principal e a área de Vishous e Butch.

Quando olhou para trás, não viu nada exceto um a fileira de luzes no teto. Em frente havia m ais do m esm o, um a fileira de placas resplandecentes que seguiam

e seguiam . As portas, pela qual tinha entrado e pela qual devia sair, eram invisíveis para ele.

Bom , isso não era um a droga de um a perfeita m etáfora da vida.

Sentou-se contra a parede de aço do túnel, sentindo-se preso apesar do fato de não estar retido por nada e por ninguém .

Oh, m as que loucura. Bela estava agarrando-o, prendendo-o, o am arrado com seu bonito corpo e seu coração am ável a essa ilícita quim era de am or que resplandecia em seus olhos cor safira. Preso… Estava tão preso.

Com um a repentina m udança, sua m ente se focou na noite em que Phury finalm ente o tirou da escravidão.

Quando a Mistress apareceu com outro macho, o escravo se mostrou desinteressado. Depois de dez décadas, os olhos de outros machos já não lhe incomodavam, e as violações e invasões não tinham novos horrores para lhe ensinar. Sua existência era um trecho de constante queda para o inferno, o único repouso real na infinita natureza de seu cativeiro.

Mas, então havia sentido algo estranho. Algo… Diferente. Tinha virado a cabeça e olhado ao estranho. O primeiro que pensou era que o homem era enorme e vestido com luxo, assim tinha que ser um guerreiro. O seguinte foi que esses olhos amarelos o estavam olhando com uma vergonhosa pena. Na verdade,

o estrangeiro que permanecia na porta tinha empalidecido até que sua pele pareceu de cera.

Quando o aroma do ungüento assaltou o nariz do escravo, voltou a olhar o teto, pouco interessado no que ocorreria a seguir. Mesmo assim, quando sua

masculinidade foi manipulada uma quebra de onda de emoção surgiu na

habitação. Voltou a olhar ao homem que estava dentro da cela. O escravo franziu

o cenho. O guerreiro estava procurando uma adaga e olhando a Mistress como se

fosse matá-la…

A outra porta se abriu de repente e um dos cortesãos falou em pânico. De

repente, a cela encheu de guardas, armas e fúria. A Mistress foi agarrada

bruscamente pelo macho à frente do grupo e esbofeteada tão duramente que bateu

contra a parede. Então, o macho foi para o escravo desembainhando uma faca. O

escravo gritou enquanto a lâmina era passada em seu rosto. Uma ardente dor

cortou a testa, o nariz e a bochecha, então a escuridão o reclamou.

Quando o escravo recuperou a consciência, estava pendurado pelo pescoço, o

peso de seus braços, pernas e torso o estrangulavam lhe tirando o direito à vida.

Sua lucidez mental foi como se seu corpo soubesse que era seu último fôlego e o

tivesse despertado no caso de seu cérebro poder ajudar. Uma penosa tentativa de

resgate, ele pensou.

Querida Virgem, não deveria sentir dor? E, se perguntou se tinha sido

salpicado com água, porque sua pele estava úmida. Então se deu conta de algo

grosso gotejava nos seus olhos. Seu sangue. Estava coberto por seu próprio

sangue.

E, o que era todo esse ruído ao redor dele? Espadas? Lutas?

Enquanto se asfixiava, levantou os olhos, e por uma fração de segundo todo tipo de sufoco o abandonou. O mar. Estava olhando ao vasto oceano. A alegria se elevou durante um momento… E, então sua visão nublou-se pela falta de ar. Suas pálpebras vacilaram e ele cedeu, pensando que estava agradecido por ter visto o mar uma vez mais antes de morrer. Ponderou vagamente se o Fade seria algo como este vasto horizonte, uma expansão infinita que era de uma vez inconquistável e um lar.

Justo quando via uma brilhante luz branca ante ele, a pressão em sua garganta cedeu e seu corpo foi manipulado bruscamente. Houve gritos e sacudidas, então uma trepidante e robusta cavalgada que terminou abruptamente. Durante o caminho, a agonia floresceu por todas as suas partes, assaltando seus ossos, golpeando como torpes punhos que o massacravam.

Dois disparos de um fuzil. Um grunhido de dor que não era dele. E, então um gemido e uma explosão de vento em suas costas. Cair… Ele estava no ar, caindo…

Oh, Deus, o mar. O pânico se estendeu por ele. O sal…

Sentiu o duro amortecimento da água só por um momento antes que a sensação do mar tocando sua pele em chagas sobrecarregasse sua mente.

Desmaiou.

Quando voltou a si de novo, seu corpo não era mais que um saco frouxo cheio

de dores. Deu-se conta confusamente que estava congelando de um lado e moderadamente quente do outro, e se moveu para ver se podia. Logo que o fez, sentiu que a calidez contra ele mudava em resposta… Estava em um abraço. Um homem estava contra suas costas.

O escravo empurrou violentamente o corpo para longe do dele e se arrastou pela terra. Sua visão empanada lhe mostrou o caminho, alcançando um canto arredondado na escuridão, lhe dando algo onde esconder suas costas. Quando estava resguardado respirou apesar do tormento em seus órgãos vitais, cheirando o salitre do mar e a desagradável podridão de peixes mortos.

E, também um aroma estanho. Um intenso, e estanho…

Ele apareceu na esquina da rocha. Embora seus olhos estivessem débeis, era capaz de reconhecer a figura do homem que tinha ido à cela com a Mistress. O guerreiro se incorporava contra a parede agora, seu cabelo comprido pendurava em tiras abaixo dos largos ombros. Suas elegantes roupas estavam rasgadas, e se fixo olhar amarelo resplandecia com pena.

Esse era o outro aroma, pensou o escravo. Essa emoção triste que o homem estava sentindo tinha um cheiro.

Quando o escravo cheirou outra vez sentiu um estranho puxão no rosto, e levantou as pontas dos dedos até a bochecha. Havia um corte, uma linha rígida na pele… Seguiu até a testa. Então, para baixo aos lábios. E, recordou a lâmina da faca que vinha para ele. Recordou-se gritando enquanto o cortava.

O escravo começou a tremer e se envolveu em seus braços.

— Deveríamos nos dar calor um ao outro. — disse o guerreiro —

Sinceramente, isso é tudo o que estava fazendo. Não tenho… Planos para você.

Mas, te ajudaria se pudesse.

Todos os machos da Mistress queriam ficar com o escravo. Era por isso que

ela os trazia. Ela gostava de olhar, também…

Mas, então o escravo recordou do guerreiro levantando a adaga, parecendo

como se fosse estripar a Mistress como a um porco.

O escravo abriu a boca e perguntou com voz rouca:

— Quem é você, senhor?

A boca não funcionava como antes, e suas palavras foram confusas. Tentou

outra vez, mas o guerreiro o cortou.

— Escutei sua pergunta. — o estanhado aroma da tristeza ficou mais forte até qu anulou inclusive o fedor do pescado — Sou Phury. Sou… Seu irmão.

— Não. — o escravo sacudiu a cabeça — Na verdade, eu não tenho família.

Senhor.

— Não, eu não sou… — o macho esclareceu a garganta — Eu não sou seu senhor. E, sempre teve uma família. Foi raptado. Procurei por você durante um século.

— Temo que esteja equivocado.

O guerreiro se moveu como se fosse levantar, e o escravo deu um salto para

trás, baixando seus olhos e cobrindo a cabeça com os braços. Não poderia

suportar ser golpeado outra vez, inclusive se o merecesse por sua insubordinação.

Rapidamente, ele disse com sua nova forma enredada:

— Não pretendia ofendê-lo, senhor. Eu lhe oferecia só meu respeito por sua melhor posição.

— Doce Virgem nas alturas. — um ruído estrangulado veio através da cova — Não te baterei. Está a salvo… Comigo, está a salvo. Foi encontrado, irmão.

O escravo sacudiu a cabeça outra vez, incapaz de escutar nada disso, porque se deu conta de repente do que ia acontecer ao anoitecer, o que tinha que acontecer. Era propriedade da Mistress, o que significava que teria que ser devolvido.

— Suplico ao senhor, — gemeu — não me devolva a ela. Mate-me agora… Não me mande de volta a ela.

— Matarei a ambos antes de permitir que volte a ficar ali de novo.

O escravo levantou o olhar. Os olhos do guerreiro ardiam através da escuridão.

O escravo olhou fixamente o brilho enquanto o tempo passava. E, então recordou, fazia muito, muito tempo, quando despertou pela primeira vez depois de sua transição em seu cativeiro. A Mistress lhe disse que adorava seus olhos… Seus olhos amarelo canário.

Entre sua espécie, havia muito poucos com a íris de cor dourada brilhante.

As palavras e as ações do guerreiro começaram a penetrar. Por que um

estranho brigaria para libertá-lo?

O guerreiro se mexeu, escoiceou, e agarrou uma das coxas.

A parte de baixo de sua perna tinha desaparecido.

Os olhos do escravo aumentaram ante o membro perdido. Como tinha salvado o guerreiro a ambos na água com essa ferida? Ele teria que esforçar-se para manter-se simplesmente flutuando. Por que não tinha deixado simplesmente o escravo ir-se?

Só um laço de sangue podia engendrar esse tipo de falta de egoísmo.

— É meu irmão? — disse o escravo entre dentes através de seus lábios destroçados — Verdadeiramente, sou de seu sangue?

— Ora! Sou seu gêmeo.

O escravo começou a tremer.

— Mentira.

— Verdade.

Um curioso temor se instalou sobre o escravo, congelando-o. Enroscou-se em si mesmo apesar da fria carne que o cobria da cabeça aos pés. Nunca tinha lhe ocorrido que fosse outra coisa que não um escravo, que podia ter tido a oportunidade de viver de forma diferente… Viver como um homem, não como uma propriedade.

O escravo se balançava de lá para cá na sujeira. Quando parou, olhou uma vez mais ao guerreiro. O que sabia a respeito de sua família? Por que tinha

acontecido isto? Quem era ele? E…

— Sabe se tinha um nome? — murmurou o escravo — Foi me dado alguma vez u nome?

O guerreiro delineou uma áspera respiração, como se uma de suas costelas

estivesse quebrada.

— Seu nome é Zsadist. — a respiração do guerreiro se cortava até suas

palavras se estrangularam — É filho… De Ahgony, um grande guerreiro. É o amado de nossa… Mãe, Naseen.

O guerreiro deixou sair um desventurado soluço e deixou cair à cabeça entre

as mãos.

Enquanto ele chorava, o escravo o olhava.

Zsadist sacudiu a cabeça, recordando aquelas silenciosas horas que tinham

seguido. Phury e ele tinham passado a m aior parte do tem po sim plesm ente

olhando um ao outro. Os dois estavam em m á form a, m as Phury era o m ais

forte deles, inclusive com o m em bro am putado. Tinha reunido m adeira flutuante

e fios de algas m arinhas e tinha j untado as coisas em um a balsa raquítica que não

dava confiança. Quando o sol tinha caído se arrastaram pela costa para a

liberdade.

Liberdade.

Sim , bom . Não era livre, nunca tinha sido. Aqueles anos perdidos tinham

perm anecido com ele, a fúria sobre o que lhe tinham extorquido e sobre o que

lhe tinham feito estava m ais viva do que ele.

Tinha ouvido Bela dizendo que o am ava. E, quis lhe gritar algo.

Em vez disso, foi para a Cova. Não tinha nada digno dela exceto sua vingança, assim estaria m alditam ente bem que voltasse ao trabalho. Queria ver todos os lessers esm agados ante ele, em pilhados na neve com o troncos, um legado era o único que lhe podia oferecer.

E, para aquele que a pegou, que a feriu, haveria um a m orte especial esperando-o. Z não tinha am or para dar a ninguém . Mas, o ódio que sentia o canalizaria por Bela até o últim o fôlego de seus pulm ões.

CAPÍTULO XXIX

Phury acendeu o cigarro e j ogou um olhar aos dezesseis frascos de Aqua Net que estavam alinhadas na m esa de café de Butch e V.

— O que estão fazendo com spray de cabelo? Vão aborrecer os m eninos?

Butch sustentava o tubo de PVC enquanto o perfurava.

— Um lançador de batatas, hom em . Muito divertido.

— Perdão?

— Algum a vez foi a um acam pam ento de verão?

— As cestas de piqueniques e a oficina de m adeira são para hum anos. Não te ofenda, m as nós tem os m elhores coisas para ensinar a nossos j ovens.

— Tá! A gente não viveu até ir a um a incursão de calças à m eia-noite. De toda form a, põe a batata no final, enche a base com spray …

— E, então o acende. — cortou V de seu quarto. Saía em um roupão, esfregando um a toalha no cabelo úm ido — Faz m uito barulho.

— Um grande barulho. — repetiu Butch.

Phury olhou a seu irm ão.

— V, fez isto antes?

— Sim , a noite passada. Mas, o lançador entupiu.

Butch am aldiçoou.

— A batata era m uito grande. Malditos padeiros de Idaho. Vam os enfrentar a corte verm elha esta noite. Isto vai ser m agnífico. É obvio, a traj etória pode ser um a puta…

— Mas, realm ente é com o o golfe. — disse V, soltando a toalha sobre um a cadeira. Vestiu um a luva na m ão direita, cobrindo as tatuagens sagradas que lhe m arcavam da m ão às pontas dos dedos e todo o dorso — Quero dizer, deve pensar em seu arco no ar…

Butch assentiu destram belhando.

— Sim , é com o golfe. O vento tem um grande papel…

— Enorm e.

Phury fum ou enquanto eles term inavam as frases um do outro durante um par de m inutos. Depois de um m om ento se sentiu obrigado a m encionar:

— Vocês dois estão passando m uito tem po j untos, entendem -m e?

V sacudiu a cabeça olhando o policial.

— O irm ão não aprecia este tipo de coisas. Nunca o fez.

— Então, apontarem os para seu quarto.

— É verdade. E, está na frente do j ardim …

— Assim não terem os que nos ocupar dos carros do pátio. Excelente.

A porta do túnel se abriu balançando-se, e os três se viraram .

Zsadist estava na entrada… E, o arom a de Bela estava sobre ele. Junto com a sufocante fragrância de sexo. Assim com o com a m ais ligeira insinuação da m arca de união.

Phury se esticou e aspirou profundam ente. *Oh, Deus.*… Tinham estado j untos.

Cara, a necessidade de correr pela casa e verificar que ela ainda estava respirando eram quase irresistíveis. Assim com o o desej o de esfregar o peito até

que desaparecesse o doloroso buraco.

Seu gêm eo tivera a única coisa que Phury tinha desej ado.

— O SUV se m oveu? — disse Z a Vishous.

V foi para seus com putadores e apertou algum as teclas.

— Não.

— Mostre-m e.

Quando Zsadist se aproxim ou e se agachou, V m ostrou na tela.

— Aqui está. Se com eçar a andar, posso seguir seu rastro.

— Sabe com o entrar num desses Explorer sem ativar o alarm e?

— *Por favor.* É só um carro. Se ainda estiver ali ao anoitecer, eu lhe farei isso com o ao Fly nn.

Z se endireitou.

— Preciso de um telefone novo.

Vishous abriu um a gaveta do escritório, tirou um , e o verificou duas vezes.

— Está pronto para partir. Mandarei um a m ensagem de texto a todos com seu novo núm ero.

— Ligue-m e se essa coisa se m over.

Quando Zsadist lhes deu as costas, Phury aspirou de novo e m anteve firm em ente a respiração. A porta do corredor se fechou com força.

Sem nem sequer dar-se conta do que estava fazendo, Phury apagou o charuto e foi atrás de seu irm ão.

No corredor, Z parou quando escutou outros passos. Enquanto o hom em virava-se, a luz do teto m arcava os espaços sob suas m ações do rosto, a cortante linha de sua m andíbula e a linha da cicatriz.

— O que é? — perguntou, sua voz profunda ressonando. Então franziu o cenho — Deixe-m e adivinhar. É sobre Bela.

Phury parou.

— Possivelm ente.

— Definitivam ente. — Z baixou o olhar e o fixou no chão do corredor — Pode cheirá-la em m im , certam ente.

No longo silêncio que houve entre eles, Phury desej ou desesperadam ente ter um obstáculo entre os lábios.

— Só preciso saber… Se ela está bem depois que você… Deitou com ela.

Z cruzou os braços.

— Sim . E, não se preocupe, ela não vai querer fazer de novo.

Ok, Deus.

— Por quê?

— Eu fiz… — Z franziu o fino lábio — De tudo.

— O que? O que fez?

— Fiz ela m e m achucar. — quando Phury recuou, Z pôs-se a rir com um baixo e triste som — Sim , não precisa ser tão superprotetor. Ela não vai se aproxim ar de m im de novo.

— Com o…? O que aconteceu?

—UAH-Hugh, bom . Deixe eu te dizer que de todas as form as em que você e eu não vam os estar.

De repente, sem nenhum aviso, Z enfocou o rosto de Phury. A força desse olhar foi um a surpresa, porque o hom em raram ente olhava alguém nos olhos.

— Direito para cim a, irm ão, sei com o se sente a respeito dela e eu... Ah, espero que quando as coisas esfriarem um pouco, possivelm ente possa... Ficar com ela ou algo.

Estava louco? Pensou Phury. Estava *completamente* louco?

— Com o dem ônios acredita que isso poderia funcionar, Z? Está ligado a ela.

Zsadist esfregou a cabeça raspada.

— Não realm ente.

— Sandice.

— Não im porta, que tal isto? Rapidam ente ela vai sair deste pós-traum a no qual está e vai querer a alguém real.

Phury sacudiu a cabeça, sabendo m alditam ente bem que um hom em unido não deixa de lado seus sentim entos por sua m ulher. Não a m enos que m orra.

— Z, está louco. Com o pode dizer que quer que fique com ela? Isso te m ataria.

A cara de Zsadist m udou e sua expressão foi um choque. *Tanta dor,* pensou Phury. Tão profunda que parecia im possível.

E, então o hom em avançou. Phury se preparou para… Deus, não tinha nem idéia do que lhe vinha.

Quando Z levantou a m ão, não havia fúria nem violência. E, enquanto Phury sentia a m ão de seu gêm eo pousando-se brandam ente em seu rosto, não pôde recordar a últim a vez que Z lhe havia tocado com carinho. Ou lhe houvesse tocado de qualquer form a.

A voz de Zsadist era baixa e suave enquanto m ovia o polegar pra frente e para trás pela bochecha sem m arcas.

— É o hom em que eu deveria ter sido. Tem o potencial que eu tive e perdi. É

a honra, a força e a ternura que ela necessita. Cuidará dela. Quero que você cuide dela. — Zsadist baixou a m ão — Será um a boa união para ela. Com você com o seu *hellren,* poderá m anter a cabeça erguida. Poderá se orgulhar de ser vista com você a seu lado. Será socialm ente invencível. A *glymera* não será capaz de tocá-la.

A tentação form ou redem oinhos e se condensou até converter-se no instinto de Phury. Mas, e seu gêm eo o que?

— Oh, Deus… Z. Com o pode agüentar a idéia de que eu fique com ela?

Instantaneam ente, toda a suavidade se foi.

— Quer sej a você ou algum outro, a dor é a m esm a. Além disso, pensa que não estou acostum ado a ser ferido? — Z curvou os lábios em um pequeno sorriso

desagradável — Para m im , é o doce lar, irm ão.

Phury pensou em Bela e em com o ela tinha rechaçado sua veia.

— Mas, não acredita que ela tem voz e voto nisto?

— Ela verá a luz. Não é estúpida. Não por m uito tem po. — Z se girou e com eçou a cam inhar. Então, parou. Sem olhar atrás. Disse — Há outra razão pela qual quero que a tenha.

— É a única que vai ter sentido?

— Deve ser feliz. — Phury deixou de respirar enquanto Zsadist m urm urava

— Vive m enos de m eia vida. Sem pre o fez. Ela poderia cuidar de você, e isso…

Isso seria bom . Eu gostaria disso para você.

Antes que Phury pudesse dizer algo, Z lhe cortou.

— Recorda naquela cova… Depois que m e resgatou? Já sabe, o dia que nos sentam os j untos para esperar o pôr-do-sol?

— Sim . — sussurrou, percorrendo as costas de seu gêm eo.

— Aquele lugar cheirava a dem ônios, verdade? Recorda? O pescado?

— Recordo tudo.

— Sabe, ainda posso im aginar você contra a parede da cova, com o cabelo todo enredado, a roupa m olhada e m anchada de sangue. Parecia um a m erda. —

Z riu em um curto bufado — Eu tinha pior aspecto, com certeza. De toda form a… Disse-m e que facilitaria as coisas para m im , se pudesse.

— Fiz.

Houve um grande silêncio. Então, um golpe de frio surgiu do corpo de Z e olhou sobre seus om bros. Seus olhos negros eram glaciais, seu rosto escuro com o as insondáveis som bras do inferno.

— Acabou o ser aj udado. Jam ais. Mas, com certeza há esperança para você, droga. Assim , pega à m ulher que quer tão desesperadam ente. Agarre-a e coloque um pouco de senso com um nela. A enxotaria de m eu quarto se pudesse, m as ela sim plesm ente não quer sair.

Z se afastou a pernadas, suas botas golpeando o chão.

Horas m ais tarde, Bela passeava pela m ansão. Tinha passado parte da noite com Beth e Mary, e apreciou sua am izade. Mas, agora estava tudo silencioso, porque os Irm ãos e todos os outros foram dorm ir. Só ela e Boo percorriam os corredores enquanto o dia passava, com o gato a seu lado com o se soubesse que ela precisava de com panhia.

Deus, estava esgotada, tão cansada que quase não podia ficar de pé, e estava sofrendo tam bém . O problem a era, que havia um a agitação que anim ava seu corpo, sua m aquinaria interna recusava a estar ociosa.

Enquanto o rubor a atravessava, com o se alguém tivesse posto um secador de cabelo em cada polegada de sua pele, supôs que estava ficando doente, em bora não soubesse com o. Tinha ficado com os lessers durante seis sem anas, e não era

com o se tivesse pego um vírus dele. E, nenhum dos Irm ãos ou suas *shellans* estavam doentes. Possivelm ente, era algo em ocional.

Sim, você acredita?

Chegou a um a esquina e parou, dando-se conta de que tinha voltado para o corredor das estátuas. Perguntou-se se Zsadist estaria em seu quarto agora.

E, se desiludiu quando abriu a porta e ele não estava.

Aquele hom em , advertiu-se, era com o um adesivo. Não era bom para ela, m as não era algo do qual pudesse afastar-se.

— Hora de deitar, Boo.

O gato m iou, com o se abandonasse seus deveres de escolta e se foi trotando pelo corredor, silencioso com o a neve que cai e igualm ente elegante.

Bela fechou a porta enquanto outro acaloram ento a apanhava. Tirando o obj eto de lã que vestia foi abrir a j anela, m as é obvio as persianas estavam baixas: eram duas da tarde. Desesperada por acalm ar-se, dirigiu-se à ducha e entrou sob a água fria durante só Deus sabe quanto tem po. Sentia-se inclusive pior quando saiu, picava-lhe a pele e sua cabeça pesava.

Envolvendo-se em um a toalha, foi à cam a e arrum ou as m antas enrugadas. Antes olhou ao telefone e pensou que deveria ligar para seu irm ão. Precisavam encontrar-se cara a cara, e precisavam fazê-lo logo, porque o período de graça de Wrath não ia durar m uito m ais. E, com o Rehv nunca dorm ia, poderia ser agora.

Entretanto, enquanto outra quebra de onda de calor a atravessava, soube que não podia lidar com seu irm ão agora. Esperaria até que caísse a noite, depois de descansar um pouco. Quando o sol se pusesse poderia ligar a Rehvenge e encontrar-se com ele em algum lugar público e neutro. E, o persuadiria para que cortasse o aborrecim ento.

Sentou-se na borda da cam a e sentiu um a estranha pressão entre as pernas.

O sexo com Zsadist, pensou. Tinha passado m uito tem po desde que tivera a um hom em dentro dela. E, o único outro am ante que tinha tido não era tão bem

dotado. Não tinha se m ovido daquela form a.

As im agens de Zsadist balançando-se sobre ela, seu rosto tenso e escuro, seu

corpo duro esforçando-se, enviaram um a pulsação que a deixou trem endo.

Rapidam ente um a sensação aguda transpassou seu centro, com o se ele estivesse

penetrando-a de novo, um a com binação de m el e ácido percorrendo suas as

veias.

Franziu o cenho, afastou a toalha, e olhou seu corpo. Seus seios pareciam

m uito m aiores que o norm al, os m am ilos de um profundo rosa. Vestígios da boca

de Zsadist? *Absolutamente.*

Com um a m aldição, deitou e se cobriu com um lençol. Mais calor sacudiu

em seu corpo, e virou-se sobre o estôm ago. Abrindo as pernas. Tentando

acalm ar. Apesar disso, a dor pareceu tornar-se m ais aguda.

Quando a neve com eçou a cair a sério e a luz da tarde com eçou a debilitar-se

um pouco, ele conduziu seu cam inhão para o sul, pela Rota 22. Quando chegou

ao lugar correto se baixou e olhou a U.

— O Explorer está a uns 9 m etros em linha reta daqui. Tira-o j á desses

bosques! Depois, com ece a com prar todos os m ateriais dos quais necessitam os e

fixa os dias de entrega. Quero essas m ações localizadas e o arsênico preparado.

— Excelente. — U desceu desabotoando o cinto do assento — Mas, escute,

precisa dirigir à Sociedade. É o habitual para o Lesser Principal.

— O que sej a.

O olhou pelo pára-brisa, observando com o os lim padores de pára-brisas afastavam os flocos de neve. Agora que j á tinha a U organizando a idiotice do festival do solistício, voltou a atorm entar seu cérebro com as respostas a seu principal problem a: com o dem ônios ia encontrar sua m ulher agora?

— Mas, o Lesser Principal sem pre se dirigiu aos m em bros na prim eira vez que ocupa o lugar do antigo chefe.

Cristo, a voz de U estava com eçando realm ente a lhe tirar a m erda que tinha dentro. De m odo que era do tipo de m entalidade de ‘seguir o regulam ento’.

— O, necessita…

— Cale a droga de sua boca, cara. Não estou interessado em organizar encontros.

— Ok. — U alongou a palavra, sua desaprovação era óbvia — Assim , onde quer os esquadrões?

— Onde acha? No centro.

— Se encontrarem civis enquanto lutam com os Irm ãos, quer que as equipes façam prisioneiros ou só que os m atem ? E, vam os construir outro centro de persuasão?

— Não m e im porta.

— Mas, necessitam os… — a voz de U era m onótona.

Com o ia encontrá-la? Onde poderia…

— O.

O olhou através do cam inhão, preparado para explodir.

— *O que.*

A boca de U pareceu a de um peixe por um m om ento. Abrindo. Fechando.

— Nada.

— Está bem . Mais nenhum a de suas tolices. Agora sai daqui do m eu

cam inhão e m antenha-se ocupado fazendo algo que não sej a tagarelar com igo.

Apertou o acelerador no segundo em que as botas de U tocaram o cascalho.

Mas, não foi m uito longe. Girou pela vereda da granj a e fez um reconhecim ento

à casa de sua m ulher.

Não havia rastros na neve fresca. Não havia luzes. Estava deserta.

Malditos Betas.

O virou-se e dirigiu ao centro. Tinha os olhos secos pela falta de sono, m as

não queria esbanj ar as horas noturnas recarregando-se. *Droga.*

Cara.… Se não conseguisse m atar algo esta noite, ia ficar louco.

CAPÍTULO XXX

Zsadist passou o dia no centro de treinam ento. Trabalhou contra o saco de

boxe. Levantou pesos. Correu. Levantou m ais pesos. Praticou com as adagas.

Quando voltou para casa eram quase as quatro e estava preparado para sair e

caçar.

No m om ento que pôs um pé no vestíbulo, parou. Algo estava errado.

Olhou ao redor do vestíbulo. Levantou a vista para o segundo andar. Escutou os m isteriosos sons. Quando cheirou o ar, tudo o que pôde cheirar era que o café da m anhã estava sendo servido na cozinha e foi para lá, convencido de que algo estava errado, m as incapaz de encontrar o que era. Encontrou aos Irm ãos sentados e m uito quietos, apesar de que Mary e Beth estavam com endo e falando

tranqüilam ente. Bela não estava à vista.

Interessava-lhe pouco a com ida, m as se dirigiu ao assento vazio j unto a

Vishous de toda form a. Enquanto se sentava sentiu o corpo tenso, e soube que era

do exercício duro que tinha feito durante o dia.

— O Explorer m oveu-se? — perguntou a seu irm ão.

— Não até que vim com er. Verificarei logo que voltar, m as não se preocupe.

O com putador pode rastrear qualquer rota que tom e inclusive se não estiver ali.

Serem os capazes de ver o rastro.

— Está seguro?

Vishous lhe enviou um olhar seco.

— Sim , estou. Eu m esm o desenhei o program a.

Z assentiu, então colocou um a m ão sob o queixo e rangeu o pescoço. Cara, estava rígido.

Um segundo depois, Fritz chegou com duas lustrosas m ações e um a faca. Depois de agradecer ao m ordom o, Z com eçou a trabalhar em um a das Granny Sm iths. Enquanto a cortava, acom odou-se na cadeira. Droga… Sentia as pernas estranhas, e tam bém a parte baixa das costas. Possivelm ente tinha se esforçado m uito? Moveu-se de novo no assento, e se voltou a concentrar-se na m açã, girando-a um a e outra vez na m ão, m antendo a lâm ina apertada contra a polpa branca. Quase a transpassa quando se deu conta de que estava cruzando e descruzando as pernas sob a m esa com o um a droga de um a Rockette.

Olhou os outros hom ens. V estava lançando ao ar a cham a do isqueiro, abrindo-o e fechando-o e batendo com o pé. Rhage estava m assageando seus om bros. Agora a parte de cim a do braço. Agora seu peitoral direito. Phury fazia círculos com a taça de café e m ordiscava o lábio inferior enquanto tam borilava os dedos. Wrath estava fazendo girar a cabeça, direita, esquerda, frente, atrás, tenso com o um fio de alta tensão. Butch parecia estar nervoso tam bém .

Nenhum deles, nem sequer Rhage, tinha com ido.

Mas, Mary e Beth estavam suficientem ente norm ais quando se levantaram e esvaziaram seus pratos. Com eçaram a rir e a discutir com o Fritz que deveriam aj udá-lo a trazer m ais fruta e café.

As m ulheres acabavam de deixar a sala quando a prim eira onda de energia pulsou através da casa. A quebra de onda invisível foi diretam ente à coisa entre as pernas de Zsadist, endurecendo-a instantaneam ente. Esticou-se e viu com o

os

Irm ãos e Butch ficaram gelados tam bém , com o se cada um deles se perguntasse

se realm ente o havia sentido.

Um m om ento m ais tarde um a segunda onda golpeou. A coisa nas calças de Z

se esticou inclusive m ais rápido, rápida com o a m aldição que lhe saiu da boca.

— Sagrada m erda. — disse alguém com um grunhido.

— Isto não pode estar acontecendo. — outro grunhido.

A porta do m ordom o balançou e Beth entrou, com um a bandej a de frutas

cortadas nas m ãos.

— Mary , traz m ais café…

Wrath se levantou tão rápido que sua cadeira se inclinou e caiu ao chão.

Espreitou a Beth… Tirou a bandej a de suas m ãos e a deixou descuidadam ente

sobre a m esa. Enquanto fatias cortadas e partes de m elão saltavam da bandej a e

caíam no m ogno, Beth o fuzilou com o olhar.

— Wrath, o que é…

Ele a apertou contra seu corpo, beij ando-a dura e profundam ente, inclinando-

a para trás com o se fosse avançar sobre ela na frente da Irm andade. Sem

separar as bocas, a agarrou pela cintura e a levantou pelo traseiro. Beth riu

brandam ente e lhe rodeou os quadris com as pernas. O rosto do Rei estava

enterrado no pescoço de sua *leelan* enquanto saía a pernadas da sala.

Outra onda retum bou pela casa, estrem ecendo os corpos m asculinos da sala. Zsadist se agarrou à borda da m esa, e não foi o único. Os nódulos de Vishous ficaram brancos de tão forte que estava se pegando à coisa.

Bela… Devia ser Bela. Tinha que ser. Bela tinha entrado em sua necessidade.

Havers o tinha advertido, pensou Z. Quando o doutor lhe fez o exam e interno, disse que parecia estar próxim a a sua época fértil.

Sagrado inferno. Um a m ulher em sua necessidade. Em um a casa com seis hom ens.

Só era questão de tem po antes que um dos Irm ãos desse rédea solta a seus instintos sexuais. E, o perigo para todos era m uito real.

Quando Mary atravessou a porta do m ordom o, Rhage foi atrás dela com o um tanque, lhe arrancando a cafeteira das m ãos e soltando-a no aparador de tal form a que patinou e salpicou. Levantou-a contra a parede e a cobriu com seu corpo, baixando a cabeça, seu ronrono erótico foi tão forte que fez tilintar o vidro

do abaj ur do candelabro. O sobressaltado arquej o de Mary foi seguido por um suspiro m uito fem inino.

Rhage a pegou em seus braços e saiu da sala com o um raio.

Butch baixou o olhar para seu colo e depois o levantou para o resto deles.

— Escutem , não é por ser desagradável, m as está alguém m ais… Ah…

— Sim . — disse V com os lábios apertados.

— Quer m e dizer que dem ônios está acontecendo aqui?

— Bela está tendo sua necessidade. — disse V, atirando seu guardanapo — Cristo. Quanto falta para o anoitecer?

Phury olhou seu relógio.

— Quase 2 horas.

— Até então estarem os em apuros. Diga-m e que tem um pouco de fum aça verm elha.

— Sim , um m ontão.

— Butch, te faça um favor e sai do im óvel rapidam ente. A Cova não é suficientem ente longe dela. Não acreditava que os hum anos pudessem responder, m as j á que você o faz, m elhor que vá antes que te absorva.

Outro golpe os assaltou, e Z desabou contra a cadeira, seus quadris ondularam involuntariam ente. Escutou os gem idos dos outros e se deu conta que estavam afundados na m erda. Não im portava o quanto civilizados pretendessem ser, os hom ens não podiam evitar responder a um a m ulher em seu período fértil, e suas

urgências sexuais se increm entariam à m edida que a necessidade progredisse e se fizesse m ais forte.

Se não fosse pela luz do sol, eles poderiam ter se salvado partindo. Mas, estavam presos no recinto, e no m om ento em que estivesse suficientem ente escuro para poder sair, poderia ser m uito tarde. Depois de um a exposição

prolongada, os hom ens instintivam ente resistiam a afastar-se da m ulher. Não im portava o que seus cérebros lhes dissessem , seus corpos lutariam contra a cham ada ao afastam ento, e se eles se separavam dela, sofreriam as pontadas da retirada que seriam piores que seus desej os. Wrath e Rhage tinham saída para sua resposta, m as o resto dos Irm ãos estava com problem as. Sua única esperança

era drogar-se.

E, Bela… *Oh, Deus.*… A ela ia doer m ais que a todos eles j untos.

V levantou da m esa, apoiando-se no respaldo da cadeira.

— Vam os, Phury. Precisam os com eçar a fum ar. Agora. Z, vai com ela, não?

Zsadist fechou os olhos.

—Z? Z, vai servi-la… *Não?*

John levantou a vista da m esa da cozinha quando o telefone tocou. Sal e Regin, os doggen da fam ília, estavam fora com prando com ida. Respondeu à cham ada.

— John, é você? — era Tohr na linha de baixo.

John assobiou e com eu outro bocado de arroz branco com m olho de gengibre.

— Escute, por hoj e as aulas foram canceladas. Estou cham ando a todas as fam ílias agora.

John baixou o garfo e assobiou um a nota m ais alta.

— Há um a… Com plicação no recinto. Mas, devem os voltar am anhã ou na

noite seguinte. Verem os com o vão as coisas. À luz disto, m udam os sua entrevista

com o Havers. Butch vai te buscar agora m esm o, ok?

John assobiou duas vezes, em sopros curtos e pequenos.

— Bom … Ele é hum ano, m as é legal. Confio nele. — a cam painha da porta tocou — Esse é ele provavelm ente… Sim , é Butch. Posso lhe ver no vídeo m onitor. Escute, John… Sobre o tem a do terapeuta. Se isso te assustar, não tem que voltar, ok? Eu não vou deixar que nada o faça.

John assobiou no telefone e pensou. *Obrigado.*

Tohr riu brandam ente.

— Sim , eu tam pouco gosto m uito dessa m erda em otiva… Ok! Wellsie, que dem ônios aconteceu?

Houve um a rápida conversa na Linguagem Antiga.

— De qualquer form a. — disse Tohr ao telefone — Mande um a m ensagem de texto quando acabar, ok?

John assobiou duas vezes, desligou, e pôs o prato e o garfo na pia.

Terapia… Treinam ento… Nenhum a das duas era algo pelo que esperar, m as todas estas coisas davam no m esm o, ia tom ar qualquer vantagem sobre o Lash qualquer dia. Dem ônios, pelo m enos a entrevista com o m édico não duraria m ais

de 60 m inutos. Lash teve que agüentar durante horas.

Na saída, pegou sua j aqueta e o bloco de papel de notas. Quando abriu a porta, o grande hum ano estava de pé diante dele olhando para baixo e sorrindo para ele.

— Olá, cara. Sou Butch. Butch O'Neal. Seu táxi.

Uau! Este Butch O'Neal era… Bom , o tipo estava vestido com o um m odelo do GQ, para com eçar. Debaixo de um casaco negro de cachem ira levava um original traj e de listras, um a gravata verm elha im pressionante, um a cam isa branca brilhante. O cabelo negro lhe caía sobre a testa em um estilo casual, com o penteado com os dedos de m aneira totalm ente fascinante.

E, os sapatos… *Uau!* Gucci, realm ente Gucci… Pele negra, com um a sianinha verm elha e verde, e um brilhante adorno dourado.

O curioso era que não era bonito, não do tipo Dom Perfeito, ao m enos. O tipo tinha um nariz que tinha sido claram ente quebrado duas ou três vezes, e os olhos cor de avelã eram m uito sagazes e esgotados para serem considerados atrativos.

Mas, era com o um a arm a carregada: tinha um a inteligência aguda e lhe rodeava

um poder perigoso que respeitava. Porque a com binação era de um tem ível assassino, literalm ente.

— John? Está bem ?

John assobiou e estendeu a m ão. Eles se saudaram e Butch sorriu de novo.

— Assim está pronto para ir? — perguntou o hom em m ais gentilm ente. Com o

lhe havia dito, John tinha que voltar a ver o Havers para “falar com alguém ”.

Deus.… Todo m undo tinha que sabê-lo?

Enquanto John fechava a porta, im aginou que os tipos da sala de treinam ento saberiam e quis vom itar.

Ele e Butch cam inharam para o Escalade negro com j anelas pintadas e algo realm ente crom ado (tipo de pintura para carros) nas rodas. No interior, o carro estava quente e cheirava a couro e a im pressionante colônia que Butch usava.

Arrancaram e Butch ligou o estéreo, My stikal soou através do carro.

Enquanto John olhava pelas j anelas, as nuvens de torm enta e a luz pêssego que estava em anando do céu, desej ou realm ente que estivessem indo a qualquer outro lugar. Bom , exceto a sala de aula.

— Assim , John... — disse Butch — Não vou fingir. Sei por que está indo à clínica, e quero te dizer que eu tive que ir ao psiquiatra tam bém .

Quando John o olhou com surpresa, o hom em assentiu.

— Sim , quando eu estava na polícia. Fui detetive de hom icídios durante 10 anos, e em hom icídios vi algum as perigosas, coisas que lhe horrorizam . Sem pre

havia algum tipo profundam ente sincero, com óculos de avó e um divã, m e aporrinhando para que falasse. Odiava-o.

John respirou fundo, curiosam ente tranqüilo porque o tipo não tinha gostado m ais da experiência do que ele estava gostando.

— Mas, o divertido foi… — Butch parou no sinal e pôs as luzes de alerta. Um segundo depois se lançaram ao tráfico — O divertido foi… Que acredito que m e aj udou. Não quando eu estava sentado na frente do Dr. Earnest, com partilhe-teus-sentim entos super herói. Francam ente, queria sair correndo todo o tem po, form igava-m e m uito a pele. Foi só… Depois, pensei nas coisas que falam os. E,

sabe? Teve alguns pontos válidos. Refrescou-m e j ogar coisas fora, em bora eu acreditasse que estava bem . Assim , foi de tudo bom .

John inclinou a cabeça para um lado.

— O que vi? — m urm urou Butch. O hom em perm aneceu em silêncio durante um longo tem po. Não foi até que giraram para outra vizinhança, m uito luxuosa, que respondeu — Nada especial, filho. Nada especial.

Butch girou para um a entrada, parou em um par de portas e baixou a j anela. Depois que ele pulsou o intercom unicador e disse seu nom e, lhes perm itiram passar.

Quando estacionou o Escalade por trás de um a m ansão estucada do tam anho de um instituto, John abriu sua porta. Quando encontrou Butch do outro lado do terreno, deu-se conta de que tinha tirado um a pistola: tinha a coisa na m ão e a sustentava contra a coxa, quase não se notava.

John tinha visto este truque antes. Phury tinha se arm ado de form a parecida quando foram os dois à clínica fazia um par de noites. Os Irm ãos não estavam

seguros ali?

John olhou ao redor. Tudo parecia realm ente norm al, para um a propriedade de luxo.

Possivelm ente, os Irm ãos não estavam seguros em nenhum lugar.

Butch pegou John pelo braço e cam inharam rapidam ente para a porta de ferro m aciço, esquadrinhando todo o tem po os dez carros estacionados atrás da casa, os carvalhos da periferia, os outros dois carros estacionados no que parecia a entrada da cozinha. John correu para m anter-se no seu ritm o.

Quando chegaram à porta de trás, Butch m ostrou o rosto a um a câm ara, e os painéis de ferro em frente deles fizeram pequenos estalos e deslizaram para trás.

Quando entraram em um vestíbulo, com portas se fecharam atrás deles, e um elevador de carga se abriu. Pegaram -no para descer um andar e saíram .

Na frente deles estava um a enferm eira que John reconheceu de antes.

Quando ela sorriu e lhes deu as boas vindas, Butch guardou a pistola na capa sob seu braço esquerdo.

A enferm eira apontou com um a m ão para o corredor.

— Petrilla está esperando.

Apertando seu caderno, John respirou fundo e seguiu à m ulher, sentindo-se com o se fosse para a forca.

Z se deteve em frente à porta do quarto. Ia sim plesm ente verificar com o Bela estava e depois ia em linha reta para o quarto de Phury e conseguir sentir-se

bem e drogado. Odiava qualquer tipo de bem -estar produzido pelas drogas, m as tudo era m elhor que esta veem ente urgência de ter sexo.

Abriu a porta de repente e se apoiou no m arco. O arom a do quarto era com o um j ardim em plena floração, a coisa m ais adorável que algum a vez tivesse entrado pelo seu nariz.

A frente de suas calças saltou, a coisa clam ava por sair.

— Bela? — disse à escuridão.

Quando ouviu um gem ido, entrou, fechando a porta atrás dele.

Oh, Deus. O perfume dela… Com eçou um profundo grunhido do fundo de sua garganta, e dobrou os dedos com o garras. Os pés o levaram , cam inhando para a

cam a, seus instintos deixavam sua m ente atrás.

Bela estava retorcendo-se em cim a das m antas, enredada nos lençóis.

Quando o viu, gritou, m as então se sentou, com o se desej asse acalm ar-se.

— Estou bem . — rodou sobre seu estôm ago, j untando as coxas enquanto puxava o edredom sobre seu corpo — Estou… Realm ente… Vai ser…

Outra quebra de onda saiu dela, tão forte que o im pulsionou para trás enquanto ela se rendia com o um a bola.

— Vai. — gem eu ela — É pior… Quando está aqui. *Oh… Deus…*

Quando ela soltou um a enfurecida m aldição, Z voltou aos tropicões à porta, apesar de seu corpo rugir para ficar.

Conseguir sair ao corredor foi com o afastar a um m astim de seu obj etivo, e um a vez que fechou a porta, correu procurando Phury.

Por todo o corredor das estátuas podia sentir o cheiro do que tinha acendido seu irm ão e V. E, quando ele irrom peu no quarto, o m anto de fum aça era j á quase tão espesso com o a névoa.

Vishous e Phury estavam na cam a, com grossos charutos entre os dedos, com as bocas apertadas e os corpos tensos.

— Que dem ônios está fazendo aqui? — perguntou V.

— Dê-m e algo. — disse apontando com a cabeça à caixa de m ogno entre eles.

— Por que a deixou? — V aspirou duro, a ponta alaranj ada resplandeceu m ais brilhante — A necessidade não passou.

— Ela disse que era pior se eu estivesse ali. — Z se inclinou para seu gêm eo e pegou um dos cigarros da m ão. Teve problem as para acendê-lo porque suas m ãos trem iam horrivelm ente.

— Com o é possível?

— Tenho pinta de ter algum a experiência com essa m erda?

— Mas, se supõe que é m elhor se tiver um hom em com ela. — V esfregou o rosto, então o olhou com incredulidade— Espere um m inuto… Não transou com

ela, verdade? Z…? Z, responde a droga da pergunta.

— Não, não o tenho feito. — disse bruscam ente, consciente de que Phury estava m uito, m uito calado.

— Com o pode deixar a essa pobre m ulher sem servi-la em sua condição?

— Ela disse que estava bem .

— Sim , bom , só está com eçando. Ela não vai estar bem . A única form a de aliviar a dor é se um hom em ej acular dentro dela, entendeu-m e? Não pode deixá-la assim . É cruel.

Z se dirigiu a um a das j anelas. As persianas ainda estavam fechadas porque era dia, e ele pensou no sol, aquele enorm e e brilhante carcereiro. Deus, desej ava sair de casa. Sentia com o se um a arm adilha estivesse se fechando sobre ele, e a urgência por sair correndo era quase tão grande com o a luxúria que desabrochava em seu corpo.

Pensou em Phury, que estava m antendo o olhar baixo e não dizia nenhum a palavra.

Agora é sua oportunidade, pensou Z. *Só mande seu gêmeo corredor abaixo, para ela. Envia-o para servi-la em sua necessidade.*

Vamos. Diga que saia deste quarto. Vá ao teu, tire sua roupa e a cubra com seu corpo.

Oh… Deus…

A voz de Vishous cortou sua auto-tortura, o tom era irritantem ente razoável.

— Zsadist, está errado e você sabe, verdade? Não pode fazer isto, ela está…

— Que tal se deixar de encher o saco, m eu irm ão.

Houve um curto silêncio.

— Ok, cuidarei dela.

Z levantou a cabeça rapidam ente, enquanto Vishous apagava o charuto e ficava de pé. Enquanto colocava as calças de couro, seu despertar erótico foi óbvio.

Zsadist lançou-se através do quarto tão rápido que nem sequer sentiu os pés. Jogou Vishous ao chão e com as m ãos rodeou o grosso pescoço do irm ão. Quando as presas lhe dispararam do lábio superior com o facas, descobriu-os com um assobio.

— *Aproxime-se dela e matarei você.*

Houve um a louca correria atrás dele, sem dúvida Phury correndo para separá-los, m as V m andou por água a baixo qualquer intento de resgate.

— Phury ! Não! — V fez entrar a força um pouco de ar — Entre ele… E eu.

Os olhos com o diam antes de Vishous eram agudos enquanto olhava para cim a, e em bora lutasse por ter fôlego, sua voz foi tão forte com o sem pre.

— Relaxe, Zsadist… Maldito louco… — respirou profundam ente — Não vou a nenhum lugar… Só precisava ter sua atenção. Agora solte… Seu agarro.

Z afrouxou a presa, m as não soltou ao irm ão.

Vishous inalou fortem ente. Um par de vezes.

— Sente sua corrente nestes m om entos, Z? Sente esta urgência territorial?

Está unido a ela.

Z quis negar, m as era difícil fazê-lo, considerando a rotina de defesa que acabava de atirar. E, o fato de que ainda tinha as m ãos ao redor do pescoço do hom em .

A voz de V baixou até que se converteu em um sussurro.

— Seu cam inho para o inferno te espera. Ela está descendo para esse quarto. Não sej a tolo. Vai com ela. Eu cuidarei dos dois.

Z balançou a perna e se deixou cair, perm itindo-se rodar pelo chão. Para evitar pensar em cam inhos e sexo, quis saber bobam ente o que teria acontecido com o charuto que estava fum ando. Olhando para a j anela, notou que tinha tido a

decência de apoiá-lo no batente antes de lançar-se para Vishous com o um foguete.

Bom , ele não era um cavalheiro?

— Ela pode te curar. — disse V.

— Eu não estou procurando cura. Além disso, não quero deixá-la grávida, entende? Isso seria um a droga de grande confusão.

— É sua prim eira vez?

— Não sei.

— Se for, as possibilidades são virtualm ente nulas.

— “Virtualm ente” não é bom o suficiente. Que m ais pode aj udá-la?

Phury falou da cam a.

— Ainda tem a m orfina, não? Já sabe, aquela seringa de inj eção que preparei com o que Havers tinha deixado? Use-a. Ouvi que é o que fazem as m ulheres que não estão unidas.

V se sentou, balançando os grossos braços para os j oelhos. Quando j ogou o cabelo para trás, a tatuagem que se estendia por sua têm pora direita brilhou.

— Não solucionará com pletam ente o problem a, m as seguram ente era m elhor que nada.

Outra onda de calor se frisou através do ar. Os três gem eram e ficaram m om entaneam ente incapacitados, seus corpos golpeando, esticando-se, querendo ir onde sabiam que eram necessitados, onde podiam ser usados para aliviar a dor de um a m ulher.

Logo que foi capaz, Z ficou em pé. Enquanto partia, Vishous estava subindo à cam a de Phury e acendendo um charuto de novo.

Quando Z retornou ao outro extrem o da casa, reforçou-se antes de voltar a entrar no quarto. Abrindo a porta, não se atreveu a olhar na direção dela enquanto forçava seu corpo a dirigir-se a escrivaninha.

Encontrou as seringas e pegou a que Phury tinha enchido. Aspirando profundam ente virou-se, só para descobrir que a cam a estava vazia.

— Bela? — cam inhou para ela — Bela, onde…

A encontrou encolhida no chão, com um travesseiro entre as pernas, o corpo trêm ulo.

Ela com eçou a soluçar enquanto ele se aj oelhava a seu lado.

— Dói…

— Oh, Deus… Sei, *nalla.* — separou seus cabelos dos olhos — Cuidarei de você.

— Por favor… Dói m uito. — ela virou-se, os seios tensos e as pontas de um verm elho brilhante... Bonita. Irresistível — Dói. Dói tanto. Zsadist, não vai parar.

Está piorando. Dói…

Em um a quebra de onda m aciça, ela ondulou desenfreadam ente, um a explosão de energia surgindo de seu corpo. A força dos horm ônios que ela em itia

o cegou, e ficou tão capturado pela resposta bestial de seu corpo que não pôde sentir nada… Apesar dela se agarrar a seu braço com suficiente força para lhe dobrar os ossos.

Quando o pico caiu, ele se perguntou se lhe teria quebrado o pulso. Não é que lhe preocupasse a dor, receberia tudo o que ela precisasse lhe causar. Mas, se ela estava agarrando-se a ele tão desesperadam ente, só podia im aginar o que estava sentindo por dentro.

Com um sobressalto, deu-se conta de que ela estava m ordendo o lábio inferior com suficiente força para fazê-lo sangrar. Lim pou-lhe o sangue da boca

com o polegar. Então, teve que esfregar-lhe na perna da calça para não lam bê-lo e querer m ais.

— *Nalla…* — ele olhou a seringa que tinha nas m ãos.

Faz, disse a si m esm o. *Droga-a. Tire-lhe a dor.*

— Bela, preciso saber algo.

— O que? — gem eu ela.

— É sua prim eira vez?

Ela assentiu.

— Não sabia que podia ser tão ruim … *Oh, Deus…*

Seu corpo sofreu um espasm o de novo, as pernas esm agavam o travesseiro.

Ele voltou a olhar para a seringa. Melhor que nada não era o suficientem ente bom para ela, m as descarregar-se dentro dela lhe parecia um sacrilégio. Maldita fosse, suas ej aculações eram a pior das duas porcarias de opções que tinha, m as biologicam ente falando, ele podia fazer m ais por ela que a m orfina.

Z levantou e pôs a agulha na m esinha de cabeceira. Então, parou e tirou as botas enquanto tirava a cam isa pela cabeça. Baixou o zíper, liberando a repugnante e infernal longitude tirando as calças de couro.

Ele precisava de dor para chegar ao orgasm o, m as isso não lhe preocupava. Dem ônios, podia ferir-se o suficiente para obter um a liberação. Para isso tinha presas não é m esm o?

Bela se retorcia no infortúnio, enquanto ele a levantava e a colocava sobre a

cam a. Ela era tão m agnífica sobre os travesseiros, as bochechas ruborizadas, os lábios abertos, a pele brilhando pela necessidade. Mas, estava sofrendo.

— Shhh… Tranqüila. — lhe sussurrou subindo a cam a. Em cim a dela.

Quando suas peles nuas se roçaram , ela gem eu e m ordeu os lábios de novo.

Esta vez ele se agachou e lam beu o sangue fresco de sua boca. O sabor, o form igam ento elétrico de sua língua, fez-lhe estrem ecer. Espantou-o. Recordou que levava m ais de um século vivendo de um alim ento fraco.

Com um a m aldição, em purrou todo seu estúpido e infeliz passado para fora do cam inho e se centrou em Bela. Suas pernas se apertavam em baixo dele, e teve que a forçar para separá-las com as m ãos, então as suj eitou com as coxas.

Quando lhe tocou o centro com a m ão, sacudiu-se. Ela estava ardendo, m olhada,

inchada. Ela gritou, e o orgasm o que seguiu aliviou sua luta um pouco, seus braços e suas pernas ficando quietas, a respiração tornando-se m enos dura.

Possivelm ente, ia ser m ais fácil do que pensava. Possivelm ente, Vishous estava equivocado em que ela precisava ter a um hom em dentro. Nesse caso, poderia afundar-se nela um a e outra vez. Cara, *amaria* fazê-lo durante todo o dia.

A prim eira vez que tinha posto sua boca sobre ela não tinha durado o suficiente.

Ele observou sua roupa. Provavelm ente podia ter ficado vestido…

A força da energia que saiu dela foi tão grande que foi com o se lhe tivessem levantado seu corpo sobre o corpo dela, com o se m ãos invisíveis o tivessem

em purrado pelo peito. Ela gritou com angústia enquanto ele colava-se sobre ela. Quando a quebra de onda o passou se colocou de novo sobre ela. O orgasm o obviam ente tinha piorado a situação, e agora ela chorava tão forte que as lágrim as j á não caíam de seus olhos. Tudo o que ela tinha era um estado de secos ofegos enquanto se retorcia e se contorsionava em baixo ele.

— Fique quieta, *nalla*. — disse ele freneticam ente— Deixe-m e entrar em você.

Mas, ela j á estava m uito longe para ouvi-lo. Teve que usar a força para m antê-la em seu lugar, em purrando-a para baixo pela clavícula enquanto lhe levantava um a perna e a separava para um lado. Tratou de posicionar a coisa para a penetração m ovendo os quadris, m as não podia obter o ângulo correto. Inclusive presa sob sua m aior força e peso, ela continuava sacudindo-se.

Com um a m aldição desagradável, Z procurou entre suas pernas e pegou a coisa que precisava usar nela. Guiou ao bastardo a sua entrada e então em purrou duro, unindo-os profundam ente. Os dois gritaram .

E, então ele baixou a cabeça e se aferrou à estim ada vida, sentindo-se perdido na sensação de seu apertado no escorregadio sexo. Seu corpo a penetrou, o quadril m ovendo-se com o pistões, o castigador e dem olidor ritm o criando um a poderosa pressão em seus testículos e baixo ventre.

Oh, Deus.… Um a ej aculação estava chegando. Com o a que teve no banheiro

quando ela o havia sustentado enquanto ele vom itava. Só que m ais quente. Mais

selvagem . Fora de controle.

— *Oh, Jesus!* — gritou ele.

Seus corpos estavam agitando-se j untos e ele estava principalm ente cego,

suando sobre ela e a essência vinculante era um rugido a gritos em seu nariz… E,

então ela disse seu nom e e se agarrou a ele. Seu centro o apertou com espasm os

que o ordenhavam até… *Oh, droga, Deus, não.…*

Tentou separar-se por reflexo, m as o orgasm o o alcançou por trás,

disparando-se por sua espinha dorsal e cravando-se na parte de atrás da cabeça

enquanto sentia o alívio lançando-se de seu corpo ao dela. E, a m aldita coisa não

parou. Chegou-lhe em grandes ondas, vertendo-se nela, enchendo-a. Não havia

nada que pudesse fazer para frear as erupções em bora soubesse que estava

derram ando-se nela.

Quando term inou o últim o estrem ecim ento, levantou a cabeça. Os olhos de

Bela estavam fechados, sua respiração era uniform e, os profundos sulcos da face

haviam desaparecido.

Suas m ãos subiam pelas costelas dela para seus om bros e virou o rosto para

seus bíceps com um suspiro. A calm a no quarto, em seu corpo era vibrante.

Assim , com o o fato de que ele tinha ej aculado só porque lhe tinha feito sentir-

se… Bem .

Bem ? Não, isso não era suficiente. Tinha-lhe feito sentir-se… Vivo.

Acordado.

Z lhe acariciou o cabelo, espalhando as escuras ondas através do crem oso travesseiro. Não houve dor para ele, para seu corpo. Só prazer. Um m ilagre… Salvo quando ficou consciente da um idade que havia onde estavam unidos. As im plicações do que lhe tinha feito lhe fizeram ficar nervoso, e não podia lutar contra a com pulsão de lim pá-la. Saiu dela rapidam ente e foi ao banheiro onde pegou um a toalhinha. Quando voltou para a cam a, entretanto, ela havia voltado a ondular de novo, a necessidade rem ontava. Olhou para baixo a si m esm o e viu que a coisa que pendurava de sua virilha se alongou e endureceu em resposta.

— Zsadist… — gem eu ela — Isto… Volta.

Ele deixou a toalhinha e m ontou nela de novo, m as antes de introduzir-se nela olhou seus olhos frágeis e teve um ataque de consciência. Tão louco era que estava ansioso por m ais quando as conseqüências eram tão odiosas para ela? Bom Deus, tinha ej aculado nela, e a droga estava sobre todas suas bonitas partes e na pele lisa de suas coxas e…

— Posso te drogar. — disse — Posso fazer que não sinta dor e não teria que m e ter dentro de você. Posso te aj udar sem te ferir.

Baixou o olhar para ela, esperando sua resposta, capturado entre sua biologia

e sua realidade.

CAPÍTULO XXXI

Butch era um a com pleta confusão enquanto tirava o casaco e sentava na sala de espera do m édico.

O bom era que a noite apenas tinha caído e qualquer cliente vam piro não apareceria ainda. Algum tem po sozinho era o que necessitava. Ao m enos até se recom por.

A coisa era, que estava feliz e a pequena clínica estava localizada no porão da m ansão de Havers. O que significada que Butch estava agora, neste preciso m om ento, na m esm a casa que a irm ã do tipo. Sim … Marissa, o vam piro fêm ea que ele queria m ais que nada no planeta, estavam sob o m esm o teto.

Hom em , sua obsessão por ela era um pesadelo novo e diferente. Nunca tivera o tipo de suores com o os que tinha por esta m ulher antes, e não podia dizer que o recom endasse. Não m ais que um a dor no traseiro. E, no peito.

Setem bro passado, quando veio vê-la ela se trancou sem nem sequer ter um cara a cara com ele, j urou que não a incom odaria de novo. E, não o tinha feito.

Tecnicam ente. Essas visitas que tinha feito após, essas patéticas, afem inadas conduções nas que o Escalade de algum a form a acabava indo a sua própria casa, aquelas realm ente não a tinham incom odado. Porque ela não sabia.

Era *tão* patético. Mas, enquanto ela não tivesse idéia de quanto m altratado estava, quase poderia agüentá-lo. Razão pela qual ele estava ao lim ite esta noite. Não queria que o pegasse freqüentando a clínica para que ela não pensasse que estava ali por ela. Afinal de contas, um hom em tinha que ter seu orgulho. Pelo m enos para o m undo exterior.

Verificou o relógio. Tinham passado m íseros treze m inutos. Im aginava que a sessão com o psiquiatra duraria um a hora, assim que o ponteiro m aior de seu Patek Philippe teria que dar m ais quarenta e sete voltas antes que pudesse colocar

o m enino de volta no carro e sair dali.

— Quer um café? — disse um a voz fem inina.

Levantou o olhar. Um a enferm eira vestida com um uniform e branco estava frente a ele. Parecia m uito j ovem , especialm ente enquanto brincava com um a das m angas. Ela tam bém parecia desesperada por ter algo que fazer.

— Sim , com certeza. Um café seria bom .

Ela sorriu am plam ente, as presas brilhando.

— Com o você gosta?

— Preto. Preto está bom . Obrigado.

O sussurro de seus sapatos de sola suave decaiu enquanto se afastava pelo corredor.

Butch desabotoou a j aqueta cruzada e se inclinou para frente, apoiando os

cotovelos nos j oelhos. O traj e de Valentino que pôs antes de vir era um de seus favoritos. Assim com o a gravata de Herm es que levava ao redor do pescoço. E, os m ocasins Gucci nos pés.

Se Marissa o flagrasse, planej ou que deveria ter m elhor aspecto de que j am ais teve.

— Quer que te drogue?

Bela se concentrou no rosto de Zsadist enquanto ele se inclinava sobre ela. Seus olhos negros eram m eras fendas, e ele tinha esse bonito rubor da excitação nas duras m ações do rosto. Era pesado em cim a dela, e quando a necessidade aum entou pensou nele liberando-se em seu interior. Ela sentiu um assom broso e refrescante alívio logo que ele com eçou a ej acular, o prim eiro alívio desde que os sintom as de sua necessidade tinham com eçado fazia um par de horas.

Mas, a pressão estava voltando.

— Quer que te tire disto, Bela?

Possivelm ente estivesse m elhor se ele a drogasse, ia ser um a longa noite e pelo que entendeu, só se tornaria m ais duro e m ais intenso conform e passassem as horas. Era realm ente j usto de sua parte lhe pedir que ficasse?

Algo suave lhe acariciou a bochecha. Seu polegar, deslizando-se sobre sua pele.

— Não vou te deixar. — disse ele — Não im porta quanto dure, não im porta

quantas vezes sej am . Eu te servirei e te deixarei tom ar m inha veia até que isto term ine. Não te abandonarei.

Levantando os olhos fixam ente a seu rosto, ela soube sem perguntar, que seria o único tem po que passariam j untos. A resolução estava em seus olhos. Podia vê-la claram ente.

Um a noite e nada m ais.

Bruscam ente, ele se afastou e se esticou para a m esinha de cabeceira. Sua trem enda ereção destacava diretam ente dos quadris, e j usto quando ele voltava com a seringa ela prendeu sua dura carne.

Ele gem eu e se inclinou antes de agarrar-se baixando um a m ão ao colchão.

— A você. — m urm urou ela — Não a droga. Quero a você.

Ele deixou cair à agulha ao chão, lhe separando as coxas com os j oelhos. Ela o guiou ao interior de seu corpo e sentiu um glorioso ím peto enquanto a enchia. Com um poderoso fluxo, seu prazer cresceu e então se rom peu em duas necessidades separadas, um a por seu sexo, outra por seu sangue. Suas presas se alargaram enquanto cravava o olhar na grosa veia no lado de seu pescoço.

Com o se pressentisse o que ela necessitava, girou seu corpo de form a que podia seguir dentro dela e lhe dava acesso a sua garganta.

— Alim ente-se. — disse ele com voz rouca, m ovendo seu corpo dentro dela e retrocedendo — Tom a o que necessite.

Ela o m ordeu sem vacilação, perfurando pela direita a m arca de escravo,

entrando profundam ente na pele. Quando seu sabor bateu na sua língua, ouviu um rugido saindo dele. E, então a força e o poder dele a banharam , atravessando-a.

O caiu em silêncio sobre seu cativo, inseguro de ter escutado bem . O vam piro que tinha capturado no centro e tinha levado à cabana estava preso à m esa, um a m ariposa cravada em um suporte.

Tinha capturado ao hom em só com planos de tirar a frustração. Nunca im aginou que pegaria algo útil.

— O que foi isso? — O aproxim ou a orelha da boca do civil.

— Cham a-se… Bela. A única… A fêm ea que voltou… Seu nom e… Bela.

O se endireitou e um a violenta, balsâm ica cor rosada fluiu por sua pele.

— Sabe se está viva?

— Pensei que estava m orta. — o civil tossiu fracam ente — Se foi fazia m uito.

— Onde vive sua fam ília? — quando não teve resposta im ediata, O fez algo para garantir que o hom em abrisse a boca. Quando o grito se desvaneceu, O disse — Onde está sua fam ília?

— Não sei. Eu… Não sei, realm ente. Sua fam ília… Não sei... Não sei...

Murm urou, m urm urou, m urm urou. O civil caiu no estado de interrogatório de diarréia vocal, ficando de tudo inútil.

O esbofeteou a coisa em silêncio.

— Endereço. Quero um endereço.

Quando não houve resposta, proporcionou-lhe outro m otivo de estím ulo. O hom em ofegou sob o recente ataque, e depois deixou escapar:

— Vinte e sete do Cam inho de Form ann.

O coração de O com eçou a pulsar, m as se inclinou sobre o vam piro de form a casual.

— Vou lá agora m esm o. Se estiver m e dizendo a verdade te deixarei livre. Senão te m atarei lentam ente logo que retorne. Agora, quer m udar algo?

Os olhos do civil se abriram com o um a flecha. Voltou.

— Olá? — disse O — Ouviu-m e?

Para apressar ao civil, aplicou pressão em um a zona sensível. A coisa grunhiu com o um cão.

— Diga-m e. — disse O brandam ente — E, te deixarei ir. Isto parará.

O rosto do hom em se com prim iu, a boca se elevou e revelou os dentes apertados. Um a lágrim a serpenteou por sua m achucada bochecha. Em bora tivesse a tentação de acrescentar outra porção de agonia com o incentivo, O decidiu não transtornar a batalha entre consciência e sobrevivência.

— Vinte e sete, Thorne.

— Avenida, verdade?

— Sim .

O tirou a lágrim a. Então, lhe fatiou a garganta.

— Que m entiroso é. — disse ao vam piro sangrando.

O não perdeu tem po, só pegou a j aqueta cheia de arm as e saiu. Estava

m alditam ente seguro de que os endereços não eram nada. Esse era o problem a

com a tortura. Realm ente não podia confiar na inform ação que obtinha.

Ia averiguar algo nas duas ruas, m as estava claram ente dando cabeçadas.

Perdendo seu maldito tempo.

CAPÍTULO XXXII

Butch fez girar a últim a gota de café pelo fundo da xícara, pensando que a

porcaria era da cor do escocês. Quando j ogou a suj eira j á fria, desej ou que fosse

um Lagavulin de alta graduação.

Verificou seu relógio. Seis m inutos para as sete. Deus, esperava que a sessão

fosse só de um a hora. Se tudo fosse tranqüilo, deixaria John com Tohr e Wellsie e

poderia se sentar no sofá com um copo de escocês antes que com eçasse CSI[20].

Ele deu um grunhido. Não era estranho que Marissa não quisesse lhe ver.

Grande partido ele era. Um alto funcionário alcoólatra vivendo em um m undo

que não era dele.

Sim. Vamos caminhando para o altar.

Enquanto se im aginava em casa, teve um pensam ento passageiro do aviso de

V de m anter-se longe do im óvel. O problem a era, que estar fora da barreira, só

nas ruas não era um bom plano, não com o hum or que tinha. Estava tão frio

com o o tem po.

Uns poucos m inutos depois, as vozes desciam pelo corredor, e John apareceu pela esquina com um a m ulher m ais velha. O pobre m enino parecia com o se tivesse passado por um ring. Tinha os cabelos levantados com pontas espetadas, com o se tivesse passado as m ãos por ele várias vezes, e o olhar fixo no chão. Levava aquele caderno agarrado ao peito com o se fora um colete a prova de balas.

— Assim , nos verem os na próxim a entrevista, John. — disse a voz fem inina m uito brandam ente — Depois que tenha pensado sobre isso.

John não respondeu, e Butch esqueceu sua própria queixinha de m erda.

Qualquer coisa que tivesse acontecido no consultório ainda estava aí, e o m enino

necessitava um com panheiro. Abraçou o m enino tentativam ente, e quando John

se inclinou para ele, todos os instintos protetores de Butch se elevaram e grunhiram . Não im portava que aquela terapeuta se parecesse com a Mary Poppins, queria lhe gritar por transtornar um m enino pequeno.

— John? — disse ela — Terá que te pôr em contato com igo para a próxim a consulta.

— Sim , ligarem os. — m urm urou Butch. *UAH-Hugh, ok.*

— Disse que não há pressa. Mas, acredito que deve voltar.

Butch olhou à m ulher, claram ente m olesto... Só que ao encontrar seus olhos,

se espantou com o que eles lhes transm itiam . Eram tão m alditam ente sérios, tão

graves. Que dem ônios tinha ocorrido nessa sessão?

Butch olhou à parte superior da cabeça de John.

— Vam os, j -hom em .

John não se m oveu, assim Butch lhe deu um pequeno em purrão, e o levou pelo cam inho de saída da clínica, com um braço ainda por cim a dos om bros do m enino. Quando chegaram ao carro John subiu ao assento, m as não prendeu o cinto. Só olhou fixam ente para frente.

Butch fechou a porta e colocou a chave no contato do SUV. Então, se virou e olhou a John.

— Não vou perguntar o que aconteceu. O único que preciso saber é aonde quer ir. Se quiser ir para casa, levarei você para Tohr e Wellsie. Se quiser relaxar na Cova com igo, irem os para o im óvel. Se só quiser que dirij a, levarei você até o

Canadá e voltarem os. Estou preparado para tudo, só tem que dizer um a palavra. E, se não quiser decidir agora, darei voltas pela cidade até que diga.

O pequeno peito de John se expandiu e se contraiu. Abriu rapidam ente o bloco de papel e agarrou a caneta. Houve um a pausa, e então escreveu algo e m ostrou o papel a Butch.

— *Sétima Rua.*

Butch franziu o cenho. Era um a parte da cidade realm ente fodida.

Abriu a boca para perguntar por que ali entre todos os lugares, m as cortou sua inconveniência. O guri j á tinha tido suficientes pergunta sobre ele esta noite. Além disso, Butch estava arm ado, e era aí aonde John queria ir. Um a prom essa era um a prom essa.

— Ok, com panheiro. Partindo, Sétim a Rua.

— *Mas, conduz um momento primeiro.* — escreveu o m enino.

— Sem problem a. Só nos esfriarem os.

Butch ligou o m otor. Justo enquanto dava a volta ao Escalade, teve um flash de algo atrás dele. Um carro chegava à parte de trás da m ansão, um m uito grande e m uito caro Bentley. Freou para que pudesse passar e...

Esqueceu de respirar.

Marissa saiu da casa por um a porta lateral. Sua longa cabeleira loira até os quadris se m ovia ao vento e se enredou na capa negra que usava. Movendo-se rapidam ente através do estacionam ento traseiro, evitou os m ontões de neve, saltando de parte de asfalto em parte de asfalto.

As luzes de segurança percorreram as linhas refinadas de sua face, seu m aravilhoso cabelo pálido e a perfeita pele branca. Recordou o que tinha sentido ao beij á-la, a única vez que o tinha feito, e sentiu um a pontada no peito com o se seus pulm ões tivessem arrebentado. Superado, quis sair correndo do carro, atirar-

se ao chão na neve e arrastar-se com o o cão que era.

Exceto porque se dirigia ao Bentley. Viu com o a porta abria para ela, com o se o condutor se inclinasse e tivesse pegado o bracelete. Quando as luzes ilum inaram o interior Butch não pôde ver m uito, só o suficiente para dizer que era um hom em , ou um m acho, o que estava ao volante. Uns om bros tão largos não podiam ser de um corpo fem inino.

Marissa j untou a capa com as m ãos e deslizou dentro, fechando a porta.

As luzes se apagaram .

Confusam ente, Butch escutou algum tipo de m ovim ento perto dele e olhou a John. O m enino se encolheu contra a j anela e estava olhando através dos assentos com m edo nos olhos. Foi então quando Butch se deu conta que tinha a pistola na m ão e estava grunhindo.

Totalm ente ultrapassado pela louca reação, tirou o pé do freio do Escalade e pisou fundo no acelerador.

— Não se preocupe, filho. Não vou fazer nada.

Enquanto giravam , olhou pelo retrovisor para o Bentley. Estava m ovendo-se agora, fazendo seu próprio giro no estacionam ento. Com um a brusca m aldição, Butch foi para o cam inho de saída, as m ãos agarravam o volante tão duram ente que os nódulos lhe ardiam .

Rehvenge franziu o cenho enquanto Marissa entrava no Bentley. Deus, tinha

esquecido o quanto era bonita. E cheirava tão bem … O lim po arom a do oceano

encheu seu nariz.

— Por que não quer que vá à porta principal? — disse ele, apreciando o

form oso cabelo e a pele sem falhas — Deveria m e perm itir te pegar

apropriadam ente.

— Já sabe com o Havers é. — a porta se fechou com um som sólido — Vai

querer que nos unam os.

— Isso é ridículo.

— E, você não é igual com sua irm ã?

— Sem com entários.

Enquanto esperava que um Escalade saísse do estacionam ento, Marissa lhe

pôs um a m ão sobre a m anga negra.

— Sei que disse antes, m as sinto m uito tudo o que aconteceu com Bela. Com o

vai?

Com o dem ônios ele ia saber?

— Eu preferiria não falar dela. Não te ofenda, m as estou só… Sim , não quero

falar dela.

— Rehv, esta noite não tem que acontecer. Sei que está passando por m uitos

problem as e francam ente, estou surpresa de que apesar de tudo tenha querido

m e ver.

— Não sej a ridícula. Estou agradecido de que m e tenha ligado.

Esticou-se e pegou sua m ão. Os ossos sob a pele eram tão delicados que teve que recordar-se que tinha que ser m uito gentil com ela. Ela não era com o as que estava acostum ado.

Enquanto conduzia para a cidade, pôde sentir com o seus nervos se esticavam .

— Tudo vai bem . Estou realm ente encantado de que m e tenha cham ado.

— Mas, bem estou envergonhada, realm ente. É só que não sei o que fazer.

— Nós farem os com calm a.

— Só estive com o Wrath.

— Eu sei. Por isso quis vir buscar você de carro. Pensei que estaria m uito nervosa para desm aterializar-te.

— Estou.

Enquanto paravam em um sem áforo, lhe sorriu.

— Vou cuidar bem de você.

Seus pálidos olhos azuis deslizaram sobre ele.

— É um bom hom em , Rehvenge.

Ele ignorou esse engano de cálculo e se concentrou no tráfego.

Vinte m inutos depois estavam saindo de um elevador e entrando no vestíbulo do apartam ento de cobertura. Seu espaço ocupava a m etade do últim o andar da construção dos anos 30, sobre o rio Hudson e toda Caldwell. Com grandes j anelas, ele nunca o usava durante o dia. Mas, era perfeito durante a noite.

Manteve as luzes baixas e esperou enquanto Marissa passeava ao redor e olhava as coisas que um decorador tinha com prado para sua guarida. Não lhe preocupavam as tolices ou a vista ou as intrigas elegantes. Preocupava-lhe a privacidade frente a sua fam ília. Bela nunca tinha estado aqui, nem tam pouco sua m ãe. De fato, nem sequer sabiam que tinha o apartam ento de cobertura. Com o se desse conta de que estava perdendo tem po, Marissa girou e o olhou. Sob as luzes sua beleza era absolutam ente atordoante, e estava agradecido pela dose extra de dopam ina que colocou no corpo fazia um a hora. A droga tinha efeitos contrários dependendo se a adm inistrava em vam piros ou em hum anos. A quím ica increm entava a atividade de certos neurotransm isores e a recepção, assegurando-se que o *Symphath* não pudesse sentir prazer, não pudesse sentir… Nada. Com o tato de Rehv apagado, seu cérebro poderia agüentar m elhor o resto de seus im pulsos.

Essa razão era a única pela qual Marissa estava a salvo estando sozinha com ele, considerando o que iriam fazer.

Rehv tirou o casaco, então cam inhou para ela, confiando em sua bengala m ais que nunca porque não podia afastar os olhos dela. Equilibrando a bengala contra suas coxas, lentam ente desfez o laço que m antinha a capa dela unida. Ela olhou para baixo, para as m ãos que trem iam enquanto lhe deslizava a capa de lã negra pelos om bros. Ele sorriu para ela enquanto j ogava seu peso em um a

cadeira. Seu vestido era o tipo de coisa que sua m ãe usaria e exatam ente o que ele desej ava que sua irm ã pusesse m ais freqüentem ente: um a túnica azul pálido de seda que vestia perfeitam ente. Era da Dior. Tinha que ser.

— Vêm aqui, Marissa.

Levou-a para um sofá de couro e a em purrou para sentá-la a seu lado. No resplendor das j anelas, seu cabelo loiro era com o um xale de seda, e pegou alguns entre os dedos. A fom e dela era tão forte, que ele podia perceber com claridade.

— Esperou m uito tem po, não?

Ela assentiu e olhou suas m ãos. Juntou-as no colo, m arfim contra cetim azul claro.

— Quanto?

— Meses. — suspirou.

— Então, necessita um m ontão, não? — quando ela ruborizou, ele a em purrou

— Não o fará, Marissa?

— Sim . — ruborizou, obviam ente incôm oda com sua fom e.

Rehv sorriu violentam ente. Era bom estar ao redor de um a fêm ea de im portância. Sua m odéstia e sua gentileza eram m alditam ente suplicantes. Tirou a j aqueta e desabotoou a gravata. Preparou-se para lhe oferecer o pulso, m as agora que a tinha diante dele, queria-a em seu pescoço. Tinha passado

um a eternidade desde que tinha perm itido a um a fêm ea alim entar-se dele, e estava surpreso de que lhe excitasse a perspectiva.

Desabotoou os botões do pescoço e o resto deles, descendo pelo peito. Com um a quebra de onda de antecipação puxou a cam isa solta e a abriu m ais.

Os olhos dela se am pliaram quando viu seu peito nu e suas tatuagens.

— Não sabia que estava m arcado. — m urm urou ela, com a voz lhe sacudindo todo o corpo.

Ele se acom odou no sofá, estendendo os braços e levantando um a das pernas.

—Vêm aqui, Marissa. Tom a o que necessita.

Ela olhou seu pulso, coberto por um relógio francês.

— Não. — disse ele — Esta é a form a que eu quero que você faça. De m eu pescoço. É o único que peço.

Quando ela vacilou, ele soube que os rum ores sobre ela eram verdades. Verdadeiram ente não tinha sido tocada por nenhum m acho. E, a pureza dela era… Algo a ser tom ado.

Ele fechou os olhos quando a escuridão nele revolveu e se revelou um a besta presa pela j aula da m edicação. Cristo, possivelm ente isto não fosse um a boa idéia.

Mas, ela estava se m ovendo para ele lentam ente, arrastando-se sobre seu corpo, seu arom a com o o do oceano. Entreabriu as pálpebras para ver sua face e soube que estava indefeso para deter a alim entação. E, ele não a desperdiçaria,

tinha que perm itir que algum as sensações viessem a ele. Afrouxando sua

disciplina, abriu o canal de seu sentido do tato, e o recebeu com avareza inclusive

com a droga, todo tipo de im petuosa inform ação surgindo através da névoa da

dopam ina.

O cetim que tinha posto era suave contra sua pele e sentiu com o a calidez

dela se m esclava com seu próprio calor. Seu leve peso se apoiou sobre seu om bro

e… Sim , seu j oelho estava entre suas coxas.

A boca dela se abriu e as presas surgiram .

Por um décim o de segundo, seu dem ônio interior rugiu e ele clam ou por seu

j ulgam ento com pânico. Graças à Virgem , a m aldita coisa veio ao resgate, a

parte racional dele tom ou apressadam ente a dianteira, encadeando seus instintos,

acalm ando a m uito sexual necessidade de dom iná-la.

Ela cam baleou quando se inclinou para sua garganta, instável com o se

m antinha em cim a dele.

— Deite sobre m im . — disse ele com voz gutural — Coloque-se… Sobre

m im .

Com um sobressalto, ela perm itiu que a parte baixa de seu corpo se

aprofundasse na forquilha de suas coxas. Estava claram ente preocupada em

encontrar-se com um a ereção, e quando não encontrou nada do que esperava

olhou entre seus corpos, com o se pensasse que tinha batido contra o lugar equivocado.

— Não tem que preocupar-se com isso. — m urm urou ele, lhe percorrendo com as m ãos os esbeltos braços — Não de m im . — seu alívio foi tão evidente que ele se sentiu ofendido — Transar com igo seria tão difícil?

— Oh, não, Rehvenge. Não. — ela baixou o olhar aos grossos m úsculos do peito — É… Bastante encantador. É só que… Há outro. Para m im , há outro.

— Ainda am a Wrath.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, m as não posso pensar no único que quero agora. Não… Agora.

Rehv levantou o queixo.

— Que tipo de idiota não te alim entaria quando o necessitasse?

— Por favor. Não falem os m ais disto. — abruptam ente, seus olhos se fixaram em seu pescoço e se dilataram .

— Que fom e. — grunhiu ele, iludido por ser utilizado — Segue adiante. E, não se preocupe em ser am ável. Tom e. Quanto m ais duro m elhor.

Marissa descobriu as presas e o m ordeu. As duas penetrações agudas se dispararam através da neblina da droga, e a dor doce transpassou seu corpo.

Enquanto gem ia, pensou que nunca havia se sentido agradecido por sua im potência antes, m as estava agora. Se seu pênis funcionasse de tudo, tão seguro

com o o inferno que lhe tivesse tirado a túnica, separado as pernas e a tinha possuído de form a agradável e profunda enquanto se alim entava.

Quase im ediatam ente ela recuou e lam beu os lábios.

— Vou ter um sabor diferente de Wrath. — disse ele, contando com o fato de que com o ela só se alim entou de um hom em , não podia saber exatam ente por que seu sangue lhe im pactaria na língua de um a form a estranha. Realm ente, a única razão pela qual a tinha podido aj udar era por sua inexperiência. Qualquer outra fêm ea que tivesse tido um pouco m ais de experiência saberia m uito — Vam os, tom e um pouco m ais. Está acostum ada a ele.

Ela deixou a cabeça cair outra vez e ele sentiu o form igam ento de outra dentada.

Envolveu com seus pesados braços as frágeis costas dela e a abraçou m ais estreitam ente enquanto fechava os olhos. Tinha passado m uito tem po desde que

tinha sustentado a alguém , e em bora não pudesse arriscar-se a receber m uita experiência, achou-a sublim e.

Enquanto ela sorvia de sua veia, ele teve o absurdo im pulso de chorar.

O levantou o pé do acelerador do cam inhão e passou a pouca velocidade diante de outro alto m uro de pedra.

Maldição, as casa eram enorm es na Avenida Thorne. Bom , não era que pudesse ver as m ansões da rua. Só presum iu que com cercas e m uralhas com o

estas, não eram um punhado de duplex e apartam entos do tipo de Cape Cods. Quando esta barricada em particular se abriu para perm itir um a entrada, apertou os freios. À esquerda havia um a placa pequena de latão em que se lia: 27, AVENIDA THORNE. Inclinou-se para frente, esticando-se para ver m ais à frente, m as o cam inho e o m uro desapareciam na escuridão, não podia dizer o que havia do outro lado.

Com um caprichoso “que dem ônios”, girou e avançou pelo cam inho. A uns bons noventa m etros da rua havia um alto conj unto de portas, e ele se deteve, notando as câm eras m ontadas no alto delas, o sistem a de intercom unicação e o ar de “não entre”.

Bom … Isto era interessante. O outro endereço tinha sido um a m erda, só um a casa de classe m édia em um a vizinhança de classe m édia com hum anos na sala,

vendo televisão. Mas, o que fosse que estivesse atrás de um lugar assim era um grande negócio.

Agora, estava curioso.

Em bora infiltrar-se através dessas barreiras requeresse um a estratégia de coordenação e um a execução cuidadosa. E, o últim o que precisava era a inconveniência de enredar-se com a polícia só porque tinha entrado em algum a m ansão de um ricaço.

Mas, por que aquele vam piro tirou do traseiro aquele endereço para salvar-

se?

Então, O viu algo estranho: um a fita negra am arada à porta. Não, duas, um a em cada lado, ondeando ao vento...

Com o se estivessem de luto?

Fixado por seu próprio tem or, saiu do cam inhão e fez ranger o gelo, dirigindo-se à fita da direita. Estava am arrada a dois m etros e m eio do chão, assim teve que esticar o braço para tocá-la.

— Está m orta, esposa? — sussurrou. Deixou a m ão cair e olhou através das portas m ais à frente, à negra noite.

Retornou ao cam inhão e voltou pela entrada.

Precisava transpassar esse m uro. Tinha que encontrar algum lugar para desfazer-se do F-150.

Cinco m inutos depois estava am aldiçoando. *Maldita fosse.* Não havia onde estacionar na Thorne sem ser m uito evidente. A rua não era m ais que m uros sem nenhum a m argem . *Maldita gente rica.*

O apertou o acelerador e olhou à esquerda. À direita. Possivelm ente, pudesse deixar o cam inhão em baixo, ao fundo da colina e subir pela avenida principal. Era quase m eia m ilha em declive, m as podia cobrir a distância suficientem ente rápido. As luzes sob as que tinha que passar eram um a sacanagem , é obvio, m as

não era algo que ninguém dos que viviam nesta rua pudesse ver de suas torres de m arfim .

Seu celular tocou, e respondeu com um desagradável:

— O que.

A voz de U, a quem estava com eçando a odiar, era tensa.

— Tem os um problem a. Dois lessers foram presos pela polícia.

O fechou os olhos.

— Que dem ônios fizeram ?

— Estavam capturando a um vam piro civil e um carro de polícia sem identificação foi atrás deles. Dois policiais se ocuparam dos assassinos e m ais policiais apareceram . Os lessers estão sendo levados à prisão e tenho um a ligação agora de um deles.

— Pois, os tire sob fiança. — explodiu O — Por que está m e ligando?

Houve um a pausa. Então o tom de U teve o fedor de, *bom, é obvio, era completamente idiota.*

— Porque *você* precisa saber. Escute, eles levavam um m ontão de arm as ocultas, para nenhum a das quais tinham perm issão, todas vindas do m ercado negro, sem núm ero de série nos canhões. Não há form a de que saiam sob fiança pela m anhã. Nenhum advogado de ofício é tão bom . Precisa tirá-los.

O esquadrinhou à esquerda e à direita e então deu a volta em um cam inho de entrada do tam anho de um cam po do futebol. Sim , definitivam ente não havia

lugar para estacionar aqui. Tinha que descer pela Avenida Thorne desem bocar na Rua Bellm an e deixar o cam inhão nessa pequena vila.

— O?

— Tenho coisas a fazer.

U tossiu com o se engasgasse com o grande “não encha o saco”.

— Não te ofendas, m as não posso im aginar que nada sej a tão im portante com o isto. Que tal se um desses assassinos se m etesse em um a briga geral? Quer sangue negro fluindo, para que algum tipo do IML resolva que não são hum anos?

Tem que contatar com Ôm ega e conseguir que leve a estes dois para casa.

— Faz você. — O acelerou em bora fosse encosta abaixo agora.

— *O que?*

— Sai e alcance Ôm ega. — chegou a um sinal verm elho no final da Thorne que não respeitou e girou à esquerda. Havia todo tipo de loj as de futilidades e tolices para o lar na rua e estacionou em frente de um a cham ada “O apartam ento de cobertura da Kitty ”.

— O… Este tipo de petição tem que chegar do Lesser-Principal. Sabe disso.

O se deteve antes de parar o m otor.

Tremendo. Justo o que ele queria. Mais um m om ento de qualidade com o professor bastardo. Maldito fosse. Não podia viver sem saber o destino de sua m ulher durante m ais tem po. Não tinha tem po para as m erdas de sua

Sociedade.

— O?

Apoiou a cabeça no volante. Golpeou-o um par de vezes.

Por outra parte, se esse contato com os hum anos lá em baixo na delegacia de polícia lhe explodia na cara, Ôm ega ia vir em sua busca. E, então aonde poderia ir?

— Bom . Irei ver isso agora. — am aldiçoou quando pôs o cam inhão a cam inho. Antes, olhou para a Avenida Thorne de novo.

— E, O, tenho algo concernente à associação. Precisa te encontrar com os assassinos. As coisas estão sem controle.

— Você dirige os faturam entos.

— Eles querem ver você. Estão questionando sua liderança.

— U, sabe o que se diz dos m ensageiros, verdade?

— Perdão?

— Muitas m ás notícias farão com que lhe disparem . — desligou o telefone e fechou a tam pa.

Então, acelerou.

CAPÍTULO XXXIII

Enquanto Phury sentava na cam a, estava tão tenso pela necessidade de ter sexo, que logo que pode, tom ou outro gole de vodca. A garrafa trem ia, o copo trem ia. Infernos, o colchão inteiro trem ia.

Olhou Vishous, que estava apoiado contra a cabeceira, a seu lado. O irm ão se sentia nervoso e desventurado enquanto com a cabeça seguia o ritm o de The Massacre de 50 Cents.

Cinco horas de tem po fértil de Bela e pareciam um a m erda, seus corpos eram principalm ente instinto, suas m entes obscurecidas. A com pulsão de estar na m ansão não podia ser anulada, a necessidade instigando-os, paralisando-os.

Graças a Deus pelos charutos verm elhos e Grei Goose. O intum escim ento aj udava m uito.

Em bora Phury tentasse não pensar no que estava acontecendo no quarto de Z. Pois, com o o irm ão não voltou, era óbvio que seu corpo estava sendo usado e não a m orfina.

Deus querido.… Os dois. Juntos. Muitas vezes…

— Com o você agüenta? — perguntou V.

— Com bato igual a você, hom em . — tom ou um gole do copo, seu corpo nadando, perdido, afogando-se em eróticas sensações presas sob sua pele. Olhou o banheiro.

Esteve a ponto de levantar-se e dirigir-se à um pouco de intim idade, quando Vishous disse outra vez:

— Acredito que estou com problem as.

Phury teve que rir.

— Isto não durará para sem pre.

— Não, quero dizer… Acredito que há algo errado. Com igo.

Phury estreitou os olhos. O rosto de seu irm ão parecia tenso, m as por outro lado era o m esm o de sem pre. Bonitas linhas, cavanhaque ao redor da boca, tatuagens na têm pora direita. Aqueles olhos de diam ante eram agudos, intactos ainda pelo Grei Goose, diretos, necessitados. As pupilas negras brilhavam com um a inteligência enorm e, incom preensível, um gênio tão poderoso que acovardava.

— Que tipo de problem a, V?

— Eu, ah… — Vishous esclareceu garganta — Só Butch sabe disto. Não contará a ninguém m ais, verdade?

— Sim . Sem problem a.

V acariciou seu cavanhaque.

— Minhas visões acabaram .

— Quer dizer que não pode ver…

— O que vai acontecer. Sim . Não estou conseguindo nada. A últim a coisa que recebi foi há três dias, j usto antes que Z fosse atrás de Bela. Vi-lhes j untos. Em um Ford Taurus. Vindo para cá. Depois disso, não houve… Nada.

— Isto aconteceu algum a vez antes?

— Não, e não consigo ouvir pensam entos de ninguém tam pouco. É com o se todo o assunto acabasse.

Bruscam ente, a tensão do irm ão parecia não ter nada há ver com a

necessidade. Parecia rígido de… Medo. *Merda Santa.* Vishous estava assustado.

E, a anom alia era com pletam ente discordante. De todos os irm ãos, V era um que

nunca tinha m edo. Era com o se tivesse nascido sem os receptores do m edo no

cérebro.

— Talvez sej a apenas por um tem po. — disse Phury — Ou pensa que

possivelm ente Havers possa aj udar?

— Isto não é fisiológico. — V term inou a vodca do copo e estendeu a m ão —

Não m onopolize o Goose, irm ão.

Phury lhe estendeu a garrafa.

— Possivelm ente poderia falar com …

Mas, quem ? Aonde V, que sabia tudo, poderia procurar respostas?

Vishous sacudiu a cabeça.

— Não quero… Não quero falar disto, na realidade. Esquece que disse algo.

—enquanto vertia a vodka, seu rosto se fechou tensam ente, um a casa trancada —

Estou seguro de que voltará. Quero dizer, sim . Voltará.

Pôs a garrafa na m esa perto dele e sustentou sua m ão enluvada.

— Depois de tudo, este assunto abandonado por Deus ainda brilha com o um

abaj ur. E, até que perca esta m inha louca luz noturna, finj o que ainda sou norm al.

Bom … Norm al para m im .

Durante um m om ento caiu o silêncio, Phury olhando seu copo, V olhando fixam ente ao dele, o rap soando de fundo, golpeando, trocando à unidade G.

Phury esclareceu a garganta.

— Posso te perguntar sobre eles?

— Sobre quem ?

— Bela. Bela e Zsadist.

V am aldiçoou.

— Não sou um a bola de cristal, sabe. E, odeio contar o futuro.

— Sim . Sinto m uito. Esquece.

Houve um a longa pausa. Então, Vishous m urm urou:

— Não sei o que vai acontecer-lhes. Não sei por que não posso… Ver nada.

Enquanto Butch saía do Escalade, olhou o edifício de suj os apartam entos e se perguntou outra vez porque infernos John queria vir ali. A Sétim a Rua era repugnante e perigosa.

— É este?

Quando o m oço assentiu, Butch ativou o alarm e de segurança do SUV. Não estava particularm ente preocupado sobre se desm ontavam a coisa enquanto estivessem fora. As pessoas dali estariam convencidas de que um dos traficantes estava lá dentro. Ou alguém ainda m ais exigente com suas m erdas e, sobretudo que levaria arm as.

John se aproxim ou da porta da m oradia e em purrou. Abriu-se com um chiado. Nenhum a fechadura. Grande surpresa. Enquanto Butch lhe seguia, pôs sua m ão dentro de seu casaco para poder chegar à arm a, se a necessitasse.

John foi à esquerda por um corredor com prido. O lugar cheirava à fum aça velha de cigarros e a decadência m ofada e era quase tão frio com o as grandes portas de entrada. Os residentes internos eram com o ratos: não vistos, só ouvidos,

do outro lado das m agras paredes.

Em baixo, ao final, o m oço em purrou abrindo um a porta contra fogo.

Um a escada saía à direita. Os degraus tinham sido desgastados pelos

elem entos, e havia som de água que gotej ava de algum lugar, um par de tubos acim a.

John pôs sua m ão sobre o corrim ão que estava atarraxado sem apertar à parede, e subiu devagar até o patam ar entre o segundo e o terceiro andar. Mais acim a, a luz fluorescente afundada no teto estava em sua etapa de estertor da

m orte, os tubos piscando com o se desesperadam ente tentassem m anter o serviço.

John olhou fixam ente o linóleo rachado do chão, logo procurou a j anela. O logotipo do Starburst cobria a coisa com o se tivesse sido esm urrada com garrafas. A única razão de que o vidro im undo não estivesse quebrado era porque

estava preso ao andar de cim a com aram e, saíram m aldições, um a espécie de

escopeta verbal que era indubitavelm ente o princípio de um a luta. Butch esteve a

ponto de sugerir que saíssem , quando John virou-se e com eçou a descer a escada

correndo.

Estavam no Escalade e saindo da parte ruim da cidade m enos de um m inuto

e m eio depois.

Butch parou em um sem áforo.

— Aonde?

John escreveu e m ostrou o bloco de papel.

— Para casa. — m urm urou Butch, ainda sem ter nem idéia de porque o

m oço tinha querido visitar aquele buraco na escada.

John disse um *"olá!"*, passando por Wellsie quando entrou na casa e logo foi

para seu quarto. Estava agradecido por que ela parecesse entender que

necessitava de um pouco de espaço. Depois que fechou a porta, deixou cair seu

caderno sobre a cam a, tirou o casaco, e im ediatam ente se dirigiu à ducha.

Enquanto a água esquentava, despiu-se. Um a vez que ficou sob o j orro, deixou de

trem er.

Quando saiu, vestiu um a cam iseta e um a calça de treinam ento, logo olhou

seu notbook sobre a escrivaninha, sentou diante dele, pensando que talvez devesse

escrever algo. A terapeuta tinha sugerido.

Deus.… Falar com ela sobre o que lhe tinha acontecido tinha sido quase tão ruim com o viver a experiência pela prim eira vez. E, não queria ser tão sincero com o tinha sido. Fazia som ente… Aproxim adam ente vinte m inutos de sessão quando foi derrotado e sua m ão tinha com eçado a rabiscar e não tinha sido capaz de parar um a vez que a história tinha com eçado.

Fechou os olhos e decidiu recordar o aspecto daquele hom em do qual tinha esquecido. Só um a im agem vaga veio à m em ória, m as recordou a faca claram ente. Tinha cinco polegadas, um estilete dupla face com um a ponta aguda com o um grito.

Deslocou o indicador sobre a tecla do m ouse no notbook e o logotipo do Windows XP piscou. A conta de seu correio eletrônico tinha um a m ensagem nova. De Sarelle. Leu três vezes antes de tentar responder.

Ao final, respondeu-lhe: *Oi, Sarelle! Amanhã à noite não vai dar. Sinto muito. Vejo você em outra ocasião. TTYL*[21] *, John.*

Realm ente… Não queria vê-la outra vez. Nem sequer para um rápido encontro, em qualquer caso. Não queria ver nenhum a fêm ea exceto Wellsie, Mary, Beth e Bela. Não ia haver nada rem otam ente sexual em sua vida até que aceitasse o que lhe tinham feito há quase um ano.

Saiu do Hotm ail e abriu um docum ento novo no Microsoft Word.

Descansou os dedos sobre o teclado durante só um m om ento. E, logo

com eçaram a voar.

CAPÍTULO XXXIV

Zsadist arrastou sua cabeça para um lado e olhou o relógio. Dez da m anhã.

Dez… Às dez. Quantas horas? Dezesseis…

Fechou os olhos, tão esgotado que apenas respirar j á era um m artírio. Estava convexo de costas, as pernas estendidas para fora, os braços esticados em qualquer parte. Tinha estado naquela posição desde que tinha girado para fora de Bela, talvez fizesse um a hora.

Parecia que tinha passado um ano desde que tinha voltado para o quarto à noite anterior. Seu pescoço e pulsos ardiam pelo núm ero de vezes que ela se alim entou dele, e a coisa entre suas pernas estava dolorida. O ar ao redor deles estava saturado com o arom a da união, e os lençóis estavam m olhados com um a

com binação de seu sangue e outra coisa que ela tinha necessitado dele.

Ele não m udaria um m om ento disso tudo.

Enquanto fechava os olhos, perguntava-se se poderia dorm ir agora. Tinha estado privado de com ida e sangue, tão fam into que nem sequer sua inclinação por m anter-se sobre a borda poderia anular as necessidades. Mas, não podia m over-se.

Quando sentiu um a m ão acariciando sobre seu ventre, separou as pálpebras para olhar Bela. Os horm ônios se elevavam nela outra vez, e a resposta que ela

requeria dele respondia, *isso* estava endurecendo um a vez m ais.

Zsadist lutou para virar a ela, pois assim poderia ir onde precisava estar, m as estava m uito fraco. Bela se m oveu contra ele e ele tratou de levantar-se outra vez, m as sua cabeça pesava seiscentos quilos.

Estendendo a m ão, ele agarrou seu braço e a puxou para cim a dele. Enquanto suas coxas se separavam sobre os quadris dele, ela o olhou assom brada e com eçou a engatinhar para descer.

— Tudo bem . — grasnou. Lim pou a garganta, m as não aj udou com todo o cascalho — Sei que é você.

Seus lábios baixaram sobre os dele e ele a beij ou, por sua vez m esm o que não pudesse levantar seus braços para sustentar-lhe. Deus, com o gostava de beij á-la.

Am ava sentir sua boca contra a sua, am ava tê-la perto de seu rosto, am ava respirá-la em seus pulm ões, am ava-a? Era isso o que tinha acontecido essa noite?

Tinha se entregado?

O arom a da vinculação que estava por toda parte de am bos lhe deu a resposta. E, a com preensão devia havê-lo sobressaltado, m as estava m uito cansado para incom odar-se em lutar contra isso.

Bela elevou e deslizou *isso* dentro dela. Tão castigado com o estava, ele gem eu em êxtase. A sensação dela era algo que não podia ter o bastante, e sabia que não era devido a sua necessidade.

Ela o m ontou, plantando suas m ãos sobre seus peitorais e encontrando um ritm o com seus quadris porque ele não podia em purrar m ais. Ele sentia crescer outra explosão, sobre tudo enquanto olhava o balanço de seus seios.

— É tão bonita. — disse com voz rouca.

Ela fez um a pausa para inclinar-se e beij á-lo outra vez, seu cabelo negro caindo ao redor dele, um refúgio aprazível. Quando ela se endireitou, ele se m aravilhou com a vista. Ela estava brilhando com a saúde e vitalidade de tudo o que lhe tinha dado, um a fêm ea resplandecente a quem ele…

Amava. Sim , am ava.

Foi o pensam ento que se disparou por seu cérebro enquanto ele ej aculava dentro dela outra vez.

Bela caiu em cim a dele, exalou com um estrem ecim ento, e de repente a necessidade term inou. A energia da fêm ea foi à deriva pelo quarto, a torm enta tinha passado. Suspirando de alívio, separou-se dele, separando seu sexo m agnífico de sua *coisa*. Enquanto *isso* se deixou cair pesadam ente sem vida sobre seu ventre, sentiu o frio do quarto sobre sua carne, tão pouco atraente com parado com o calor dela.

— Está bem ? — perguntou.

— Sim … — sussurrou ela, ficando de lado, quase dorm indo — Sim , Zsadist… Sim .

Ela ia precisar de com ida, pensou. Ele precisava ir lhe conseguir com ida.

Juntando sua vontade, tom ou um fôlego, e outro e outro… E, finalm ente forçou seu corpo a sair da cam a. Sua cabeça balançou grosseiram ente, os m óveis, o chão e as paredes se m oviam , m udando de lugar, até que não ficou seguro se que estava no teto ou não.

A vertigem piorou quando tirou as pernas do colchão, e quando ficou de pé seu equilíbrio o abandonou com pletam ente. Caiu contra a parede, batendo contra ela, teve que sustentar-se se agarrando às cortinas.

Quando estava preparado, soltou-se e se inclinou para ela. Levantá-la em seus braços era um a luta, m as sua necessidade de cuidar dela era m ais forte que o esgotam ento. Levou-a para plataform a e a deitou, logo a cobriu com o edredom que há m uito tem po tinham em purrado ao piso. Ele estava virando-se quando ela o puxou pelo braço.

— Tem que te alim entar. — disse ela, tratando de atraí-lo m ais perto — Vem para m inha garganta.

Deus, estava tentado.

— Voltarei. — disse ele, tropeçando com seus pés. Cam baleou até o arm ário e vestiu um a boxers. Então, despoj ou a cam a dos lençóis e travesseiros e partiu.

Phury abriu os olhos e com preendeu que não podia respirar.

O que fazia sentido, supôs. Seu rosto estava esm agado contra um m ontão de

m antas. Moveu a boca e liberou o nariz do engarrafam ento e tratou de enfocar os

olhos. A prim eira coisa que viu, a aproxim adam ente quinze centím etros de sua

cabeça, foi um cinzeiro cheio de pontas de charutos queim ados. No chão.

Que diabos? Oh... Estava pendurando na borda do colchão.

Quando ouviu um gem ido, im pulsionou-se para cim a, virou a cabeça e se viu

cara a cara com um dos pés de Vishous. A pouca distância estava a coxa de

Butch.

Phury teve que rir, e isto atraiu o olhar fixo atordoado do policial de um

travesseiro. O hum ano verificou a si m esm o e logo a Phury. Piscou duas ou três

vezes, com o se esperasse despertar de verdade.

— Oh, hom em . — disse com a m ais sobrecarregada voz. Então, olhou

Vishous, que estava desacordado perto dele — Oh, hom em , isto é m uito estranho.

— Supere, policial. Não é atrativo.

— Justam ente. — ele esfregou o rosto — Mas, isso não quer dizer que estej a

de acordo em despertar com dois hom ens.

— V te disse que não voltasse.

— Certo. Foi um a m á escolha.

Falar sobre um a longa noite. Finalm ente, quando inclusive a sensação da

roupa contra sua pele tinha sido m uita, tinham perdido qualquer pretensão a

m odéstia. Tinha sido um a questão de agüentar a necessidade: acendendo um cigarro verm elho após outro, bebendo uísque escocês ou vodca, entrando no banheiro só para aliviar-se em privado.

— Assim , term inou? — perguntou Butch — Diga-m e que term inou.

Phury saiu da cam a.

— Sim , acredito nisso.

Recolheu um lençol e o lançou a Butch, que cobriu a si m esm o e a Vishous. V nem sequer se m oveu. Estava dorm indo com o um m orto sobre seu estôm ago, seus olhos fechados fortem ente, um suave ronco saía de sua boca.

O policial am aldiçoou e reacom odou seu corpo, colocando um travesseiro contra a cabeceira e apoiando-se. Esfregou o cabelo até que o teve arrepiado e bocej ou tão forte que Phury ouviu o rangido da m andíbula do tipo.

— Maldição, vam piro, nunca pensei que eu diria isto, m as não tenho absolutam ente nenhum interesse por sexo. Graças a Deus.

Phury vestiu um par de calças de treinam ento.

— Quer com ida? Vou fazer um a excursão à cozinha.

Os olhos de Butch se abriram de felicidade.

— Vai trazer até aqui? Isto é, não tenho que m e m over?

— Você m e deverá isso, m as sim , estou disposto a repartir.

— É um deus.

Phury vestiu um a cam iseta.

— O que quer?

— O que tiver na cozinha. Inferno, sej a realm ente útil e arraste o

refrigerador aqui para acim a. Estou m orto de fom e.

Phury desceu as escadas até a cozinha e estava a ponto de com eçar a

procurar quando ouviu sons que saíam da lavanderia. Aproxim ou-se e em purrou

a porta aberta.

Zsadist estava colocando lençóis na m áquina de lavar roupa.

E, Virgem querida do Fade, ele parecia vir do inferno. Seu estôm ago era um

buraco contraído, seus quadris se destacavam contra sua pele com o postes de

um a loj a, sua caixa torácica parecia com um cam po arado. Ele devia ter perdido

vinte e um , trinta e dois quilos da noite para o dia. E, inferno santo, seu pescoço e

pulsos estavam m astigados e em carne viva. Mas… Ele cheirava a form osas

especiarias escuras, e havia um a paz sobre ele, tão profunda e im provável que

Phury se perguntou se seus sentidos lhe estavam enganando.

— Irm ão? — disse.

Z não o olhou.

— Sabe com o funciona esta coisa?

— Ah, sim . Ponha um pouco daquele m aterial na caixa e m ove aquele disco

para cá, m e deixe aj udar.

Z term inou de encher o tam bor da m áquina de lavar roupa e logo se afastou, seus olhos ainda fixos no chão. Quando a m áquina estava enchendo-se de água, Z

m urm urou obrigado e se dirigiu à cozinha.

Phury lhe seguiu, seu coração na garganta. Queria perguntar se tudo estava bem , e não som ente com Bela.

Tratava de escolher suas palavras com cuidado enquanto Z pegava peru assado do refrigerador, arrancava um a coxa e a m ordia. Mastigou desesperadam ente, lim pando a carne do osso tão rápido com o podia, e no m om ento em que o fez, arrancou a outra coxa e fez o m esm o.

Jesus.… Seu irm ão nunca com ia carne. Entretanto, ele nunca tinha passado por um a noite com o a passada antes. Nenhum deles o tinha feito.

Z podia sentir os olhos de Phury sobre ele, e teria deixado de com er se pudesse. Odiava que as pessoas o olhassem , especialm ente quando m astigava algo, m as sim plesm ente não podia conseguir alim ento rápido o bastante. Observou-lhe alim entar-se a em purrões em sua cara enquanto tirava um a faca e um prato e com eçava a cortar finos filetes de peito de peru. Procurou pegar as m elhores partes da carne para Bela. As partes estranhas, os encontros e a parte perto do coração, ele m esm o com eu, com o se não fossem tão boas. Que m ais ela necessitaria? Queria que com esse coisas calóricas. E a bebida… Deveria lhe levar algo para beber. Voltou para o refrigerador e

com eçou a fazer um m ontão com os restos para revisá-los. Escolheria com cuidado, lhe levando apenas o que fosse digno de sua língua.

— Zsadist?

Deus, tinha esquecido que Phury ainda estava cam inhando sem rum o ao redor.

— Sim . — disse enquanto abria um a tigela de Tupperware.

O purê de dentro parecia bom , em bora realm ente tivesse preferido lhe levar algo que ele tivesse feito. Não é que ele soubesse com o fazer isso. Cristo, ele não

podia ler, não podia utilizar um a m aldita m áquina de lavar roupa, não podia cozinhar.

Tinha que deixá-la ir-se, assim poderia encontrar um m acho que tivesse m eio cérebro.

— Não quero bisbilhotar. — disse Phury.

— Sim , faz. — pegou um a barra do pão de levedura caseiro de Fritz do arm ário e a apertou entre seus dedos. Era suave, m as o cheirou de todos os m odos. Bom , era bastante fresco para ela.

— Ela está bem ? Você… Está?

— Estam os bem .

— Com o foi? — Phury tossiu um pouco — Quero dizer, quero saber, não porque sej a Bela. É som ente… Ouvi m uitos rum ores e não sei em que acreditar.

Z pegou um pouco do purê de batatas e o pôs sobre o prato com o peru, então pegou com a colher um pouco de arroz selvagem e o cobriu com um a boa quantidade de m olho. Lançou a pesada carga ao m icroondas, contente de que fosse um a m áquina que sabia usar.

Enquanto olhava o alim ento dar voltas, pensou na pergunta de seu gêm eo e recordou a sensação de Bela levantando-se sobre seus quadris. Aquela conexão, das dúzias que tinham tido durante a noite, era a que m ais lhe sobressaia. Ela estava tão encantadora em cim a dele, sobre tudo quando o tinha beij ado...

Durante todo o tem po da necessidade, m as sobre tudo, durante aquela união particular, ela tinha m antido o passado longe, lhe am arrando, lhe m arcando com

algo bom . Guardaria aquele calor que lhe tinha dado pelo resto de seus dias.

O m icroondas soou e se deu conta que Phury ainda esperava um a resposta.

Z pôs a com ida sobre um a bandej a e pegou alguns talheres de prata assim ele poderia alim entá-la corretam ente.

Enquanto se virava e se dirigia ao quarto, m urm urou:

— Ela é a m ais bonita, tanto que não tenho palavras. — olhou para Phury — E, ontem à noite fui abençoado im ensam ente ao servi-la.

Por algum a razão, o irm ão retrocedeu pelo choque e estendeu a m ão.

— Zsadist, você…

— Tenho que levar alim ento a m inha *nalla.* Verei você m ais tarde.

— Espere! Zsadist! Vocês…

Z som ente sacudiu a cabeça e saiu.

CAPÍTULO XXXV

— Por que não m e m ostrou isto assim que cheguei em casa? — perguntou Rehvenge ao *doggen*. Quando o criado ruborizou pela vergonha e horror, estendeu a m ão ao pobre hom em .

— Está bem . Não im porta.

— Senhor, vim quando com preendi que havia voltado durante o dia. Mas, com o estava dorm indo. Não estando seguro do que era a im agem não quis incom odá-lo. Você nunca descansa.

Sim , a alim entação com Marissa o tinha desligado com o a um a luz. A prim eira vez que tinha fechado os olhos e tinha perdido a consciência em … Deus, sem pre. Mas, esse era o problem a.

Rehv se sentou diante da tela do com putador e pôs de novo o arquivo digital. Era o m esm o, tal e com o a prim eira vez que o tinha visto: um hom em com cabelo e roupas negras, parado diante das portas. Saindo de um cam inhão. Avançando para tocar as fitas de luto que tinham sido am arradas às barras de ferro.

Rehv aum entou o zoom até que viu o rosto do hom em claram ente. Nada extraordinário, nem bonito nem feio. Mas, o corpo era grande. E, aquela j aqueta parecia que tinha sido preenchida ou cobrisse algum a arm a.

Rehv congelou a im agem e fez um a cópia com a data e a hora de leitura na esquina inferior direita. Trocou de tela, abrindo os arquivos de outra câm ara que fiscalizava a porta dianteira, a do sensor de calor. Com um a rápida ação, obteve a gravação desde aquela equipe exatam ente no m esm o m om ento.

E, o que é que soube. A tem peratura do corpo daquele “hom em ” estava ao redor dos cinqüenta graus. Um lesser.

Rehv m udou de tela outra vez e obteve um a im agem aj ustada do rosto do assassino enquanto olhava as fitas. Tristeza, m edo… Cólera. Nenhum a das em oções era anônim a: por isso era algo pessoal. Tinha perdido algum a coisa.

Então, este era o bastardo que raptou Bela. E, tinha retornado por ela.

Rehv não se surpreendeu que o lesser tivesse encontrado a casa. A captura de Bela tinha tido toda um a notícia dentro da raça e o endereço da fam ília nunca foi ocultado… De fato, pelo conselho espiritual de sua *mahmen*, a m ansão da Thorne Avenue era m uito conhecida. Tudo isto podia ter vindo da captura de um civil que sabia onde viviam .

A questão real era, por que o assassino não tinha transpassado as portas?

Deus, a que hora tinha sido? Às quatro da tarde. Droga.

— É um lesser. — disse Rehv, batendo com força o chão com sua bengala e levantando-se rapidam ente — Evacuarem os a casa rapidam ente. Procurará

Lahni im ediatam ente e dirá à senhora que deve vestir-se. Então, levará am bas pelo túnel e as conduzirá à casa segura na cam inhonete.

O doggen em palideceu.

— Am o, não tinha nem idéia do que era…

Rehv pôs a m ão sobre o om bro do hom em para im pedir que se deixasse levar de novo pelo pânico.

— Fez bem com o que sabia. Mas, nos m ovam os rapidam ente agora. Vá procurar Lahni.

Rehv cam inhou o m ais rápido que pôde para o quarto de sua m ãe.

— *Mahmen?* — disse enquanto abria a porta — *Mahmen,* acorde.

Sua m ãe sentou sobre os lençóis de seda da cam a, seus cabelos brancos enrolados em um a touca de dia.

— Mas se… Não, ainda é de tarde. Por que…

— Lahni virá para te aj udar a vestir-se.

— Querida Virgem , Rehvenge. Por quê?

— Deixará esta casa.

— O que…

— Agora, *mahmen.* Explicarei isso m ais tarde. — lhe beij ou am bas as bochechas enquanto a criada entrava — Ah, bom . Lahni, vista à senhora, rapidam ente.

— Sim , am o. — disse a *doggen* com um a reverência.

— Rehvenge! O que está…

— Depressa. Vai com o *doggen*. Ligarei para você.

Com o sua m ãe gritou lhe cham ando, retornou a sua suíte privada e fechou as portas para não ouvi-la. Pegou o telefone e discou, devagar, o núm ero da Irm andade desprezando o que devia fazer. Mas, a segurança de Bela vinha prim eiro. Depois de deixar a m ensagem que lhe produziu dor de garganta, cam inhou para o arm ário.

Nesse m om ento, a m ansão estava selada durante as horas de luz solar, de m aneira que nenhum lesser poderia entrar. As persianas cobriam as j anelas e as portas eram antibalas e anti-fogo, as casa era feita com paredes de pedra de setenta centím etros de espessura. Para finalizar, havia m uitas câm aras e alarm es de segurança pelos quais saberia se alguém espirrasse em sua propriedade. Mas, de todos os m odos, queria *mahmen* fora.

Ainda m ais, assim que caísse a escuridão, abriria as portas de ferro e poria o tapete de boas-vindas. Queria que o lesser entrasse.

Rehv tirou o m anto de visom e vestiu um as calças e um suéter de gola alta.

Não tiraria as arm as até que sua m ãe se fosse. Se ela não estivesse j á totalm ente histérica, vê-lo coberto de m etal a levaria diretam ente a borda.

Antes de retornar para verificar o progresso da evacuação, olhou para o gabinete fechado de seu arm ário. Teria tem po m ais tarde para sua dose de

dopam ina da tarde. Perfeito.

Sorrindo, abandonou o quarto sem inj etar-se, preparado para tirar todos seus sentidos a atuar.

Com o as persianas estavam levantadas durante a noite, Zsadist ficou de lado j unto a Bela, observando seu sono. Estava de costas, apertada contra a dobra de seu braço, a cabeça ao nível de seu peito. Nenhum lençol ou m anta cobriam seu corpo nu, porque ainda irradiava restos do calor da necessidade.

Quando retornou da viagem que tinha feito à cozinha, ela tinha com ido de sua m ão e tinha cochilado enquanto ele arrum ava o leito com roupa de cam a fresca.

Tinham estado j untos com pletam ente às escuras após.

Moveu a m ão desde sua coxa para a parte inferior de seu peito e acariciou o m am ilo com seu indicador. Tinha estado fazendo assim durante horas, acariciando-a, lhe cantarolando. Em bora estivesse tão cansado que suas pálpebras estavam abertas pela m etade, a calm a entre eles era m elhor que qualquer coisa que poderia obter se tivesse fechado os olhos.

Enquanto ela se m ovia contra seu quadril acariciando-o, ele se surpreendeu pelo im pulso de pegar sua turgidez. Por agora calculava que o faria assim durante um tem pinho.

Inclinou-se para trás e olhou para baixo sobre seu corpo. Pela abertura dianteira de seus boxers, a cabeça da coisa que tinha usado com ela tinha

escapado, e com o o eixo se alongou, a achatada ponta em purrava para fora m ais

e m ais longe.

Sentindo com o se quebrasse um a espécie de lei, utilizou o dedo que estava usando para fazer círculos sobre o m am ilo de Bela e apertou a ereção. Estava rígida, então não se m oveu para retornar ao lugar.

Fechou os olhos e com um estrem ecim ento, capturou a excitação com a m ão. Quando o acariciou se surpreendeu com a suave pele que se deslizava sobre o duro centro. E, as sensações foram estranhas. Não desagradáveis, na verdade. Em realidade, era do tipo que lhe recordavam o ter estado dentro de Bela, só que não tão bom . Nem m uito m enos.

Deus, era tão afem inado. Com m edo de sua própria… Assum e. Pinto? Pênis? Com o diabos deveria cham á-lo? Com o o cham avam os hom ens norm ais? Bom ,

George não era um a opção. Mas, de algum j eito referir-se a *isso* com o… *Isso,* não lhe parecia correto nunca m ais. Agora que se deram a m ão, por assim dizê-lo.

Deixou a coisa e deslizou a m ão pelo cós dos boxers. Estava enj oado e nervoso, m as calculou que teria que acabar a rotina do Lewis e Clark. Não sabia quando teria coração de fazer isto outra vez.

Mexeu no Dick, sim , com eçaria a cham á-lo de Dick… Ao redor era com o se estivesse dentro, m as fora do cam inho e logo tocou suas bolas por baixo. Sentiu

aproxim ar um choque em cim a da ereção do eixo e a ponta trem eu.

Aquilo era agradável.

Franziu o cenho quando explorou pela prim eira vez o que a Virgem lhe tinha dado. Era engraçado que tudo isto que tinha estado am arrado, pendurando dele, durante m uito tem po e que nunca o tivesse feito quando j ovem , sem dúvida os hom ens pós-transição passavam dias inteiros fazendo isso.

Quando acariciou seus testículos outra vez, esticaram -se m ais e Dick ficou ainda m ais duro. As sensações ferviam na parte inferior de seu corpo e as im agens de Bela apareceram em sua m ente, im agens deles tendo sexo, dele esticando as pernas para cim a e introduzindo-se profundam ente nela. Recordou com dolorosa clareza com o a sentia debaixo dele, o canal dela, com o estava apertada…

Tudo isto com eçou com o um a bola de neve, as im agens em sua m ente, as correntes de energia estendendo-se onde se encontrava sua m ão. Sua boca abriu.

O corpo fez um a espécie de quebra de onda, seus quadris im pussionaram -se para

frente. Com um im pulso, rodou sobre as costas e em purrou os boxers para baixo.

E, logo com preendeu o que estava fazendo. O estava sacudindo? Ao lado de Bela? Deus, era um bastardo repugnante.

Aborrecido consigo m esm o, liberou sua m ão e com eçou a dar puxões nos boxers de volta…

— Não pare. — disse Bela brandam ente.

Um a explosão de frio disparou pela espinha de Z. Quebrado. Os olhos se dirigiram aos seus quando o sangue lhe subiu à cara. Mas, só lhe sorriu e lhe acariciou o braço.

— É tão bonito. De cam inho pode te arquear neste m om ento. Term ine-o, Zsadist. Sei que é o que quer fazer e não tem por que te envergonhar. Está m uito bonito enquanto te toca.

Beij ou-lhe o bíceps, seus olhos dirigindo-se para seus boxers.

— Term ine. — sussurrou — Deixe-m e ver você term inar.

Parecendo um idiota desej oso, m as curiosam ente incapaz de parar, sentou-se e se despiu.

Bela fez um ruído de aprovação quando se deitou outra vez. Tom ando a força dela, deslizou devagar a m ão para baixo por seu estôm ago, sentindo esticarem -se

seus m úsculos e a lisa pele sem cabelo que o cobria. A verdade é que não esperava ser capaz de continuar…

Merda Santa. A coisa estava m uito dura, podia sentir o batim ento do coração tam borilando por isso.

Olhou fixam ente os profundos olhos azuis de Bela enquanto m ovia a palm a da m ão para cim a e para baixo. Calafrios de prazer com eçaram a disparar-se e correr através de seu corpo. Deus… A ter olhando lhe funcionava, inclusive

quando não teria que fazê-lo. Quando ele tinha sido observado antes…

Não, o passado não era bem -vindo. Se pensasse no que lhe tinha passado fazia um século, ia perder este m om ento com Bela.

Com um em purrão e um golpe fechou suas lem branças, distanciando-se do que lhe tinham feito diante de um a audiência. Os olhos de Bela… O olhavam . Estava neles. Afogava-se neles.

Seu olhar fixo era tão encantador, brilhante por cim a de sua cor, abraçando-o com o se estivesse entre seus braços. Olhou seus lábios. Seu estôm ago… A crescente necessidade em seu sangue deu um geom étrico salto, explodindo de m aneira que cada polegada que sentia era um a erótica tensão.

Os olhos de Bela foram à deriva para baixo. Enquanto o olhava travar *isso*, pegou o lábio inferior entre seus dentes. Suas presas eram duas pequenas adagas brancas e ele as queria sobre sua pele outra vez. Queria chupar dela.

— Bela… — gem eu ele. Droga, realm ente estava nisto.

Levantou um a de suas pernas, os gem idos saíam de sua garganta enquanto m ovia a m ão m ais rapidam ente e logo concentrava o m ovim ento na ponta. Um segundo m ais tarde, se perdeu. Gritou enquanto sua cabeça golpeava o travesseiro e suas costas se curvavam para o teto. Quentes m otores golpeavam seu peito e seu ventre e as rítm icas liberações continuaram um m om ento enquanto term inava. Parou quando a cabeça esteve m uito sensível para tocá-la.

Estava enj oado com o o inferno e respirava com dificuldade quando se inclinou a seu lado e a beij ou. Quando se retirou, seus olhos lhe m ostraram quão claram ente o lia. Ela sabia que o tinha aj udado esta prim eira vez. Inclusive de algum j eito ela não o olhava com com paixão. Não parecia que se preocupasse que ele fosse um pobre asno que até agora não tinha sido capaz de m erecer tocar-se.

Ele abriu a boca.

— Eu…

Um a batida cortou a declaração, não tinha o trabalho feito.

— Não abra a porta. — ladrou ele, lim pando-se com os boxers. Beij ou Bela e lhe colocou um lençol por cim a antes de atravessar o quarto.

Reforçou seu om bro contra a porta, com o se quem quer que estevisse do outro lado pudesse entrar no quarto. Foi um estúpido im pulso, m as ninguém ia ver Bela em seu brilhante pós-necessidade. Isto era só para ele.

— O que. — disse ele.

A voz de Phury soou am ortecida.

— O Explorer em que colocou seu telefone se m oveu ontem à noite. Foi ao superm ercado onde Wellsie com prou as m ações do festival de solstício. Cancelam os as ordens, m as tem os que fazer um reconhecim ento. Reunião da Irm andade no escritório de Wrath em dez m inutos.

Z fechou os olhos e apoiou a testa na m adeira. A vida real tinha retornado.

— Zsadist? Ouviu-m e?

Olhou Bela, pensando que seu tem po j untos tinha term inado. E, vendo com o j untava os lençóis para seu queixo com o se tivesse frio, ela tam bém soube…

Deus… Doía, pensou ele. Na realidade, se sentia… Ferido.

— Estarei lá. — disse ele.

Deixando cair os olhos sobre Bela, girou-se e se dirigiu à ducha.

CAPÍTULO XXXVI

Quando a noite caiu, O enfurecido se aproxim ou da cabine e recolheu as m unições que necessitaria. Havia voltado fazia m eia hora e o dia que tinha passado tinha sido um a m erda. Prim eiro, tinha de se dirigido a Ôm ega e tinha recebido um a droga de um a reclam ação. Literalm ente. O am o tinha estado chateando os dois lessers que tinham sido detidos, com o se tivesse sido falha de O, que esses incom petentes obtivessem um a bofetada e fossem dissecados.

Depois que O com partilhou a prim eira onda, o bastardo do am o tirou os assassinos hum anos, ultim ando a suj eição sobre eles com o se fossem cães com

correias. De um a form a interessante, não foi fácil. Cham ar os m em bros da Sociedade para que voltassem para casa não era o tipo de coisa que se conseguisse com um golpe de pulso facilm ente, e a debilidade era algo a recordar.

Não é que a debilidade tivesse durado. Hom em , O não tinha dúvidas de que aqueles dois lessers tinham lam entado o dia que negociaram suas alm as. Ôm ega tinha com eçado com eles im ediatam ente e a cena tinha parecido um film e de Clive Baker. E, a coisa era que, os assassinos eram não m ortos, então o castigo poderia seguir sem cessar até que Ôm ega se aborrecesse.

Tinha-o olhado m uito concentrado quando O tinha saído.

À volta ao m undo, tem poralm ente, tinha sido um a total cham ada ao assassinato. Durante a ausência de O, um a insurreição dos Betas tinha enraizado.

Um a esquadrilha deles, quatro no total, estavam aborrecidos e tinham decidido atacar a outros lessers, em um a espécie de j ogo de caça-e-m ata que causou várias vítim as na Sociedade. Os correios de voz de U cada vez eram m ais frenéticos, deixados sobre o curso de seis horas, eram o tipo de m odernização que fazia com que um hom em quisesse gritar.

Maldito fosse. U era um fracasso total com o Segundo na hierarquia. Não tinha sido capaz de controlar os Betas na luta e um hum ano tinha m orrido durante a luta. O não dava um a m erda pelo tipo m orto, m as o que o preocupou foi o corpo. O últim o que precisava era com plicar-se com os policiais. Outra vez.

Assim , O foi à cena e suj ou as m ãos desfazendo-se do corpo, então se chateou um as duas horas para identificar os Betas pilantras e indo visitar cada um

deles. Quis m atá-los, m as se m ais postos ficassem vazios nas filas da Sociedade,

ia ter outro problem a com o am o.

Quando term inou de golpear aquele quarteto de idiotas de m erda, há apenas

m eia hora, estava totalm ente raivoso. E, então foi quando U o tinha cham ado

com as felizes notícias de que toda a m ação encom endada que tinha sido disposta

para o solstício tinha sido cancelada. E, então para que eram todas essas

com pras? De algum j eito, os vam piros tinham entendido que eles lhes tinham

seguido a pista.

Sim , U honrava o trabalho cauteloso. De acordo.

Então, o tributo do assassinato em m assa para Ôm ega se foi pela j anela. Por

isso, O não tinha nada para subornar ao am o. Se sua esposa estivesse viva, seria

m ais difícil convertê-la em um lesser.

O tinha perdido a paciência. Tinha gritado a U por telefone. Perm itiu-se soltar

toda classe de obscenidades. E, U tinha respirado com o um gatinho açoitado,

tranqüilizando-se, agachando-se. O silêncio tinha conduzido O à loucura, j á que

sem pre tinha odiado que as pessoas não se defendessem .

Cristo. Tinha pensado que U era estável, m as na realidade era um bastardo

débil e O estava farto disso. Sabia que tinha que colocar um a faca no peito de U e

iria fazer, m as as distrações o detiveram .

Droga de Sociedade, U, Betas e Ôm ega. Tinha que fazer um trabalho que lhe im portava.

O pegou as chaves do cam inhão e subiu na cabine. Ia diretam ente ao núm ero 27 da Thorne Avenue para entrar naquela m ansão. Talvez fosse um a atitude desesperada, m as estava seguro de que a resposta que estava procurando estava atrás daquelas portas de ferro.

Finalm ente, averiguaria o onde e o porquê de sua esposa ter sido levada.

O estava quase no F-150 quando seu pescoço com eçou a zum bir, não duvidou que fosse por gritar com U. Ignorou a sensação e se colocou atrás do volante.

Enquanto dirigia, puxava a gola da cam isa, logo tossiu duas, três vezes, tentando

afrouxar as coisas. Merda. Sentia-se estranho.

Oito quilôm etros m ais tarde, ele ofegava. Agarrando a garganta, sufocando-

se, j ogou o volante à direita e pisou forte no freio. Abrindo a porta, tropeçou para

fora. O ar frio lhe trouxe durante um segundo ou dois um alívio e logo voltou a asfixiar-se.

O caiu sobre os j oelhos. Enquanto caía de cara sobre a neve, sua visão se fez interm itente, parecendo-se com um abaj ur quebrado. E, logo desapareceu.

Enquanto Zsadist cam inhava pelo corredor para o escritório de Wrath, percebeu que sua m ente estava desperta em bora seu corpo fosse lento. Quando entrou na sala, todos os irm ãos estavam ali e o grupo ficou em silêncio.

Ignorando-os, m anteve os olhos no chão e se aproxim ou da esquina onde geralm ente se apoiava. Escutou que alguém esclarecia a garganta para com eçar. Provavelm ente era Wrath.

Tohrm ent falou:

— O irm ão de Bela ligou. Solicitando adiar a petição de *sehclusión* e pediu que ela ficasse aqui durante um par de dias.

Z levantou a cabeça.

— Por quê?

— Não deu um a razão… — os olhos de Tohr se estreitaram sobre o rosto de Z

— Oh… Meu Deus.

Os outros na sala lhe olharam e houve um par de ofegos. Então, a Irm andade e Butch só o olharam fixam ente.

— Que m erda vocês estão olhando?

Phury lhe indicou o antigo espelho que pendurava da parede ao lado das portas duplas.

— Vej a você m esm o.

Zsadist atravessou a sala, preparado para enviá-los ao inferno. Bela era a que im portava…

Sua boca se afrouxou ante seu reflexo. Com um a m ão instável estendeu a m ão para os olhos no espelho chum bado fora da m oda. Suas íris não eram negras. Eram am arelas. Com o as de seu gêm eo.

— Phury ? – disse brandam ente — Phury … O que m e aconteceu?

Quando o hom em ficou detrás dele, o rosto do irm ão apareceu à direita de Z. E, logo o reflexo escuro de Wrath ressaltou no espelho, todo o cabelo negro e os óculos de sol. Então, a beleza de estrela caída de Rhage. E, o boné dos Sox de Vishous. E, o cabelo curto de Tohrm ent. E, o nariz quebrado de Butch. Um por um estenderam a m ão e o tocaram , suas grandes m ãos aterrissando com cuidado

sobre os om bros.

— Bem -vindo de novo, m eu irm ão. — sussurrou Phury.

Zsadist olhou fixam ente aos hom ens que estavam atrás dele. E, teve o estranho pensam ento de que se fraquej asse e caísse para trás… Eles o pegariam .

Um pouco depois que Zsadist a deixou, Bela cam inhou pelo quarto e foi em sua busca. Tinha estado a ponto de ligar para seu irm ão quando com preendeu que devia cuidar de seu am ante antes de voltar outra vez ao dram a fam iliar. Finalm ente, Zsadist necessitava algo dela. E m uito, tam bém . Estava quase esgotado depois de estar com ela e sabia exatam ente o quão fam into estava, sabia o desesperado que estava por alim entar-se. Com tanto de seu sangue em suas veias, podia sentir sua vívida fom e, e sabia, tam bém , com precisão onde estava na casa. Tudo o que tinha que fazer era estender seus sentidos e podia senti-lo, encontrá-lo.

Bela seguiu o im pulso pelo corredor das estátuas, girou a esquina e para as

portas duplas na cabeceira das escadas. Vozes m asculinas zangadas saíam do escritório e a de Zsadist era um a delas.

— Um inferno, que vai sair esta noite. — gritou alguém .

O tom de Zsadist foi totalm ente m aligno.

— Não tente m e m anipular, Tohr. Desgosta-m e m uito e perde tem po.

— Olhe-se, é um m aldito esqueleto! A não ser que te alim ente, ficará.

Bela entrou na sala enquanto Zsadist dizia:

— Tenta m e m anter aqui e verá aonde te leva irm ão.

Com toda a Irm andade olhando, os dois hom ens estavam nariz contra nariz, olhos cruzados, m ostrando as presas.

Jesus, pensou ela. Tanta agressividade.

Mas… Tohrm ent tinha razão. Ela não tinha sido capaz de vê-lo na escuridão do dorm itório, m as aqui com a luz, Zsadist parecia m eio m orto. Os ossos de seu crânio abriam cam inho por sua pele, a cam iseta estava pendurada pelo corpo, as calças penduravam . Seus escuros olhos eram tão intensos com o sem pre, m as o resto dele estava em m á form a.

Tohrm ent negou com a cabeça.

— Sej a razoável…

— Ver Bela vingada. Isso é totalm ente razoável.

— Não, não é. — disse ela. Sua interj eição atraiu para ela todas as cabeças.

Quando Zsadist a olhou, sua íris m udou, do brilho de seus brilhantes escuros e zangados aos quais estava acostum ada, ao incandescente am arelo.

— Seus olhos. — sussurrou ela — O que lhes aconteceu…?

Wrath a cortou.

— Bela seu irm ão solicitou que fique um pouco m ais.

Sua surpresa foi grande, olhou da distância a Zsadist.

— O que, m eu senhor?

— Não quer que levante seu *sehclusión* agora, quer que fique aqui.

— Por quê?

— Nem idéia. Talvez pudesse perguntar-lhe.

Deus, com o se as coisas não fossem confusas o suficiente. Voltou a olhar a Zsadist, m as ele estava concentrado na j anela do outro lado da sala.

— É, certam ente, bem -vinda se quiser ficar. — disse Wrath.

Zsadist esticou-se, ela se perguntou com o isso seria certo.

— Não quero ser vingada. — disse ela forte. Quando a cabeça de Zsadist virou-se, falou-lhe diretam ente — Estou agradecida por tudo o que tem feito por m im . Mas, não quero que ninguém sej a ferido tentando pegar ao lesser que m e raptou. Especialm ente você.

Franziu o cenho.

— Isso não é problem a seu.

— O inferno se não for. — quando o im aginou indo lutar, o terror lhe anulou

tudo — Deus, Zsadist… Não quero ser responsável por que saia e que te m atem .

— Esse lesser vai acabar em um a caixa de pinheiro, não eu.

— Não pode dizê-lo a sério! Virgem querida, se olhe. É im possível que possa lutar. Está m uito fraco.

Houve um suspiro coletivo na sala, e os olhos de Zsadist se obscureceram .

Oh… Merda. Bela colocou a m ão sobre a boca. Fraco. Tinha-o cham ado de fraco diante de toda a Irm andade. Não existia m aior insulto. Sim plesm ente insinuar que um hom em não podia m anipular a força era im perdoável na classe guerreira, não im portava a base. Mas, vir e dizê-lo diante de testem unhas, era um a total castração social, um a condenação irrevogável de seu valor com o hom em .

Bela se aproxim ou rapidam ente.

— Sinto m uito, não pensei…

Zsadist afastou os braços de seu alcance.

— Afaste-se de m im .

Ela colocou a m ão sobre a boca quando deu um passo a seu redor com o se fosse um a granada. Dirigiu-se para a porta e seus passos se dirigiram para o vestíbulo. Quando ela foi capaz, chocou-se contra o olhar desaprovador dos irm ãos.

— Pedirei perdão a ele im ediatam ente. E, escutem agora, não duvido de sua

coragem ou sua força. Preocupo-m e com ele por que…

Diga-lhes, pensou ela. *Eles certamente entenderão.*

— Eu o am o.

Bruscam ente, a tensão no lugar se aliviou. Bom , a m aior parte dela. Phury e virou-se, se distanciando e se dirigiu para o fogo, inclinando-se para a lareira. Sua cabeça baixa com o se quisesse entrar nas cham as.

— Alegra-m e o que você sente. — disse Wrath — Ele o necessita. Agora, vá buscá-lo e lhe peça perdão.

Antes de sair do escritório, Tohrm ent ficou frente a ela e a olhou a seu nível.

— Tente alim entá-lo enquanto estej a nisso, ok?

— Reze para que m e perm ita isso.

CAPÍTULO XXXVII

Rehvenge rondava pela casa, indo de sala em sala andando im pacientem ente. Seu cam po visual era verm elho, seus sentidos vivos, a bengala foi abandonada horas atrás. Com calor m ais que de costum e, desfez-se do pulôver de gola alta, pendurando as arm as sobre sua pele nua. Sentia todo o corpo, desfrutando com todo o poder de seus m úsculos e ossos. E, ali havia tam bém outras coisas. Coisas que não tinha experim entado em ...

Deus, tinha passado um a década desde que se deixara levar tão longe, e por isso foi m anipulado, um retrocesso deliberado na loucura, sentiu-se com o

controle... O que provavelm ente era um a m entira perigosa, m as não lhe im portava um a m erda. Havia... Libertado-se. E, queria lutar contra o inim igo com um desespero que era com pletam ente sexual.

Tam bém estava frustrado com o o dem ônio.

Apareceu em um a das j anelas da biblioteca. Tinha deixado a porta principal bem aberta, para estim ular às visitas. Nada. Nada. Zero.

O relógio do avô soou doze vezes.

Tinha estado tão seguro de que o lesser apareceria, m as ninguém atravessou a porta, ou subiu o cam inho para a casa. E, segundo as câm aras de segurança da periferia, os carros que tinham passado pela rua eram apenas os nativos da vizinhança: várias Mercedes, um May bach, alguns Lexus SUV, quatro BMW.

Malditos. Queria a esse assassino, o suficientem ente m al para gritar, e o desej o de lutar para *vingar* a sua fam ília e proteger seu território fazia sentido.

Sua linhagem descendia da elite de guerreiros por parte de sua m ãe, e a violência

estava arraigada nele, sem pre esteve. Acrescentando à sua natureza a cólera pelo que sua irm ã passou e o fato que tivesse que tirar urgentem ente a sua *mahmen* da casa em plena droga de luz do dia, era com o um barril de pólvora.

Pensou na Irm andade. Teria sido um bom candidato, se o tivessem recrutado antes de sua transição... Porém quem infernos j á sabia o que eles faziam ?

Tinham passado à clandestinidade quando a civilização vam piro desm oronou,

convertendo-se nesse território desconhecido, protegendo a eles m esm os m ais que à raça que tinham j urado defender.

Dem ônios, não aj udava pensar que se eles estivessem m ais atentos em seu trabalho e m enos em si m esm os podiam ter im pedido o seqüestro de Bela ou encontrá-la im ediatam ente.

Um a nova raj ada de cólera o atravessou, continuou passeando pela casa com um padrão aleatório, aparecendo às j anelas e portas, verificando os m onitores. Finalm ente decidiu que a espera sem propósito era um a tolice. Ia perder a razão vagando por ali toda a noite, e tinha negócios para resolver no centro. Conectaria os alarm es e se eles disparassem , poderia m aterializar-se em um a piscada.

Quando chegou a seu quarto, foi para o arm ário e se deteve em frente do arm ário fechado ao fundo. Ir trabalhar sem m edicar-se não era um a opção, inclusive se significasse que teria de utilizar um a pistola em vez de um m ano a m ano com o lesser, se o bastardo aparecesse.

Rehv tirou um a am pola de dopam ina assim com o um a seringa de inj eção e um torniquete. Quando preparou a agulha e envolveu a borracha ao redor de seu antebraço, cravou os olhos no fluído claro que estava a ponto de introduzir em suas veias. Os enganadores tinham m encionado que com esse tipo de dose tão alta, a paranóia era um efeito secundário em alguns vam piros. E, Rehv tinha duplicado a prescrição desde... Jesus, desde que Bela tinha sido raptada. Então, possivelm ente tinha ficado louco.

Mas, então pensou na tem peratura do corpo dessa coisa que parou em frente das portas. Com cinqüenta graus não estava vivo. Não os hum anos.

Inj etou-se, esperando até recuperar a visão e o corpo. Então, se abrigou bem , agarrou a bengala e saiu.

Zsadist estava à espreita no ZeroSum , com pletam ente consciente da preocupação silenciosa de Phury surgindo am eaçadoram ente atrás dele com o um a névoa úm ida. O bom é que descobriu que seu gêm eo era fácil de ignorar, ou todo esse desespero lhe teria deixado seco.

Débil. Está tão débil.

Sim , bem , teria que ocupar-se disso.

— Dê-m e vinte m inutos. — disse a Phury — Logo se reúna com igo no beco.

Sem perder tem po. Escolheu a um a prostituta hum ana que tinha os cabelos recolhidos em um coque, deu-lhe duzentos dólares, e virtualm ente a em purrou fora do clube. Não parecia preocupada com seu rosto, seu tam anho ou pela m aneira em que a levava. Tinha a vista perdida, estava tão alienada.

Quando estavam no beco, ria m uito alto.

— Com o quer? — disse, fazendo um pequeno baile em seus saltos m uito altos. Tropeçou, então pôs as m ãos sobre sua cabeça e se espreguiçou no frio — Parece-m e que rude. O que está bom para m im .

Virou-a de cara aos tij olos e a segurou no lugar pela nuca. Quando riu nervosam ente e fingiu lutar, a dom inou, pensando nas inum eráveis hum anas que tinha chupado durante anos. Quão lim pa teria deixado suas m em órias? Despertavam com pesadelos sobre ele quando seu subconsciente se rem ovia?

Viciado, pensou. Era um viciado. Igual à Mistress.

A única diferença era que ele não tinha escolha.

Ou sim ? Podia ter usado Bela esta noite, ela o desej ava. Mas, se não se alim entava dela, era só porque ia ser m ais duro para am bos deixá-la partir. E, era para ali que se dirigiam .

Ela não queria ser *vingada.* Não poderia descansar enquanto esse lesser ocupasse um espaço na terra...

Mais que isso, não podia suportar olhar Bela destruindo-se tratando de am ar a um m acho que não lhe convinha. Tinha que obrigá-la a afastar-se dele. Queria que estivesse feliz e a salvo, queria seus m il anos despertando com um tranqüilo sorriso em sua face. Queria-a bem em parelhada, com um m acho do qual pudesse sentir-se orgulhosa.

Apesar da união que teve com ela, queria que conhecesse m ais alegria da que teria com ele.

A prostituta rebolou.

— Farem os ou o que, queridinho? Porque estou um pouco excitada.

Z descobriu as presas e levantou a cabeça, preparando-se para o golpe.

— Zsadist... *Não!*

A voz de Bela veio a sua cabeça. Estava de pé no m eio do beco, a uns quinze passos aproxim adam ente. Seus olhos estavam horrorizados, a boca aberta.

—Não. — disse roucam ente — Não… O faça.

Seu prim eiro im pulso foi levá-la de volta à m aldita casa e lhe gritar por sair.

O segundo foi que tinha a oportunidade de cortar os laços entre eles. Seria um a m anobra cirúrgica, com m uita dor envolta, m as ela se curaria da am putação.

Em bora ele não.

A prostituta olhou por cim a do om bro, então riu um gorj eio alto e feliz.

— Vai olhar? Porque isso te custará cinqüenta paus a m ais.

Bela colocou a m ão na garganta quando Zsadist segurou a hum ana entre seu

corpo e a parede de tij olos do edifício. A dor em seu peito era tão grande que não

podia respirar. Vê-lo tão perto de outra fêm ea... Um a hum ana, um a prostituta, além disso... E, com o propósito de alim entar-se? Depois de tudo o que tinham com partilhado a noite anterior?

— Por favor. — disse — Utilize-Me. Tom e. *Não faça isto.* — girou à fêm ea até que ficaram frente a frente, então colocou um braço através do peito da m ulher. A prostituta riu e se ondulou contra ele, esfregando seu corpo no seu, os quadris m ovendo-se em um sinuoso serpenteio.

Bela estendeu as m ãos no ar gelado.

— Am o você. Não tive a intenção de te insultar frente aos Irm ãos. Por favor, não faça isto em represália.

Os olhos de Zsadist olharam os seus. O sofrim ento se proj etava neles, um a absoluta desolação, m as deixou suas presas à descoberta... Então, afundou-as no pescoço da m ulher. Bela gem eu enquanto ele tragava, a fêm ea hum ana ria outra

vez com um som rítm ico e selvagem .

Bela cam baleou para trás. Enquanto seus olhos não se separaram dos dela, inclusive quando reposicionou a dentada e bebeu m ais. Incapaz de olhar nem um

m inuto m ais, se desm aterializou no único lugar no qual podia pensar.

A casa de sua fam ília.

CAPÍTULO XXXVIII

— Rehvenge quer te ver.

Phury olhou por cim a do copo de água com gás que tinha pedido. Um dos enorm es seguranças do ZeroSum se dirigia ele, o hom em gotej ava um a silenciosa am eaça.

— Por algum a razão em especial?

— Você é um cliente im portante.

— Então, deveria m e deixar sozinho.

— Isso é um não?

Phury arqueou um a sobrancelha.

— Sim , isso é um não.

O segurança desapareceu e retornou com reforços, dois tipos tão grandes com o ele.

— Rehvenge quer lhe ver.

— Sim , j á m e disse isso.

— Agora.

A única razão pela qual Phury deslizou para fora da cabine foi que o trio parecia preparado para levar-lhe à força, e não necessitava esse tipo de atenção que viria quando os golpeasse.

Im ediatam ente ao entrar no escritório de Rehvenge, soube que o varão estava em um perigoso estado de ânim o. Não é que isso fosse novo.

— Deixem -nos. — m urm urou o vam piro detrás de sua escrivaninha.

Quando a sala ficou vazia, sentou-se de novo na cadeira, ardilosos olhos violetas. O instinto fez Phury m ovesse com cuidado um a m ão a suas costas, perto da adaga que levava no cinto.

— Estive pensando sobre nosso últim o encontro. — disse Rehvenge, fazendo um tem plo com os longos dedos. A luz sobre ele ressaltava as m açãs do rosto altas, a dura m andíbula e os largos om bros. Havia cortado a crista, a franj a negra não tinha m ais de cinco centím etros em seu crânio — Bom ... Estive pensando sobre o fato de que conhece m eu pequeno segredo. Sinto-m e exposto.

Phury perm aneceu em silêncio, perguntando-se aonde infernos conduziria tudo isso.

Revhvenge im pulsionou-se para trás na cadeira cruzando as pernas, o tornozelo no j oelho. Involuntariam ente lhe abriu o caro traj e, revelando um am plo peito.

— Pode im aginar com o m e sinto. Com o m e tem .

— Prove algum Am bien. Isso te porá fora de com bate.

— Ou posso acender um m ontão de fum aça verm elha. Com o você, não? — o m acho passou um a m ão sobre a crista, curvou os lábios em um sorriso m atreiro

— Bom , realm ente não m e sinto seguro.

Que m entira. O tipo se m antinha rodeado de seguranças que eram tão preparados com o m ortíferos. E, era definitivam ente alguém que poderia se defender por si m esm o. Além disso, os *sympath* tinham vantagens em um conflito que ninguém m ais tinha.

Rehvenge deixou de sorrir.

— Estava pensando que possivelm ente poderia adm itir seu segredo. Então, estaríam os em patados.

— Não tenho nenhum .

— Tolice... *Irmão.* — a boca de Rehvenge se curvou de novo nas esquinas, m as seus olhos eram de um frio púrpuro — Porque é um m em bro da Irm andade. Você e esses grandes m achos que vêm aqui. Um com cavanhaque que bebe m inha vodca. O tipo com o rosto destroçado que chupa m inhas prostitutas. Não sei o que dizer do hum ano que sem pre vem com você.

Phury olhou dura e fixam ente através do escritório.

— Está violando todos os costum es sociais que nossa espécie tem . Mas, de todas as form as, por que esperaria um bom com portam ento de um traficante de drogas?

— E, os viciados sem pre m entem . Então, a pergunta foi inútil, não?

— Vai com cuidado, am igo. — disse Phury em voz baixa.

— Ou você o que? Está dizendo que é um Irm ão, então m elhor m e por em form a antes que m e faça m al?

— A saúde nunca deveria ser dada por suposta.

— Por que não adm ite? Ou os Irm ãos têm m edo que a raça a qual estão falhando em proteger se rebele? Estão se escondendo de todos nós por causa do trabalho de m erda que estão fazendo ultim am ente?

Phury partiu.

— Não sei do que está falando.

— Sobre a fum aça verm elha. — a voz de Rehvenge foi cortante com o um a faca — Fiquei j ustam ente sem ela.

Um brilho de ansiedade se apertou no peito de Phury. Olhou sobre seu om bro.

— Há outros traficantes.

— Divirta-se os encontrando.

Phury pôs a m ão na fechadura. Quando não girou, voltou o olhar através da sala. Rehvenge lhe observava, tranqüilo com o um gato. Prendendo-o no escritório contra sua vontade.

Phury apertou com força e puxou, rom pendo em seguida a peça de latão. Quando a porta se abriu pendurada, lançou o trinco sobre a escrivaninha de Rehvenge.

— Acredito que vai ter que arrum ar isto.

Deu dois passos antes que um a m ão lhe agarrasse o braço. O rosto de Rehvenge era duro com o um a pedra, assim com o seu agarro. Com a piscada de um olho violeta, algo cintilou entre eles, algum tipo de câm bio... Um a corrente.

De um nada, Phury sentiu um a m aré entristecedora de culpabilidade, com o se alguém tivesse levantado a tam pa de suas m ais profundas preocupações e m edos pelo futuro da raça. Tinha que responder a isso, não podia suportar a pressão.

De repente, encontrou a si m esm o falando rapidam ente.

— Vivem os e m orrem os por nosso povo. A espécie é nossa prim eira e única preocupação. Brigam os cada noite e contam os as j arras dos lessers que m atam os. O sigilo é a m aneira em que protegem os aos civis. Quanto m enos saibam sobre nós, m ais seguros estão. É por isso que desaparecem os.

Logo que disse essas palavras, am aldiçoou.

Maldito, nunca se pode confiar em um symphath, pensou. Ou nos sentim entos que tem enquanto está entre eles.

— Solte-m e, com edor de pecados. — rangeu os dentes — E, deixa de foder m inha cabeça.

O duro agarro se dissolveu e Rehvenge se inclinou um pouco, um a m edida de respeito que lhe sobressaltou.

— Bom , com o sabe, guerreiro... Um carregam ento de fum aça verm elha acaba de chegar.

O varão passou perto dele e cam inhou lentam ente na m ultidão, a crista, os largos om bros, sua aura se perdia entre as pessoas de cuj os vícios ele se alim entava.

Bela tom ou form a diante da casa fam iliar. As luzes exteriores estavam apagadas, o que era estranho, m as estava chorando, assim de qualquer form a não era que estivesse vendo m uito. Passou para dentro desativando o alarm e, e entrou no vestíbulo.

Com o Zsadist podia lhe fazer isto? Com o doía, ele bem pôde ter sexo com ela.

Deus, sem pre soube que era cruel, m as isso tinha sido m uito, inclusive para ele...

Porém não fora em represália pelo desprezo social, não? Não, isso era m uito m esquinho. Suspeitava que tivesse m ordido a essa hum ana com o um a declaração de ruptura. Porque queria lhe enviar um a m ensagem , um a total e inconfundível m ensagem de que Bela não era bem -vinda em sua vida.

Bom , pois funcionou.

Dim inuída, derrotada, olhou ao redor do vestíbulo. Tudo estava igual. O papel de parede azul claro, o chão de m árm ore negro, o cintilante lustre no alto. Era com o voltar no tem po. Tinha crescido nesta casa, o últim o bebê que sua m ãe tinha dado à luz, a irm ã m im ada de um irm ão que a queria, a filha de um pai que

nunca conheceu.

Espere um m inuto. Estava tranqüilo. Muito tranqüilo.

— *Mahmen*? Lahni? — silêncio. Enxugou as lágrim as — Lahni?

Onde estava o *doggen*? Em sua m ãe? Sabia que Rehv estaria fora fazendo o que fosse que fazia durante as noites, não esperava vê-lo. Mas, os outros sem pre

estavam em casa.

Bela cam inhou para o espaço da escada e gritou.

— *Mahmen*?

Subiu, correu para o quarto de sua m ãe. Os lençóis da cam a estavam j ogados, tudo revolto... Algo que a *doggen* norm alm ente não teria consentido.

Com um sentim ento de tem or, desceu ao vestíbulo por volta do quarto de Rehvenge. A cam a tam bém estava desalinhada, os lençóis do Frette[22] e os m ontões e m ontões de edredons de pele que sem pre utilizava j ogados em um lado. A desordem era insólita.

A casa não era segura. Era por isso que Rehv tinha insistido que ficasse com a Irm andade.

Bela correu pelo corredor e desceu as escadas. Precisava estar fora para desm aterializar-se, porque as paredes da m ansão estavam revestidas de aço.

Saiu rapidam ente pela porta... Sem saber aonde ir. Tam pouco conhecia a direção da casa refúgio de seu irm ão, e era ali onde estariam sua *mahmen* e os *doggen*. Não podia perder tem po lhe cham ando, nem na casa.

Não tinha escolha. Tinha o coração partido, estava zangada, exausta e a idéia de retornar à m ansão da Irm andade o fazia pior. Mas, não era estúpida. Fechou os olhos e retornou à m ansão dos Irm ãos.

Zsadist term inou rapidam ente com a prostituta, logo rastreou Bela. Porque seu sangue estava nela, podia sentir sua m aterialização em algum lugar para

sudeste. Triangulou seu destino na área de Bellm an Road e a Avenida Thorne: um

bairro m uito luxuoso. Obviam ente tinha ido a sua casa.

Seus instintos se acenderam , porque a cham ada de seu irm ão tinha sido m uito estranha. As possibilidades eram que algo ia m al ali. Por que o varão quereria que ficasse com a Irm andade depois de ter estado a ponto de condená-la a *sehclusion*?

Justo quando Z ia atrás dela, sentiu-a viaj ar outra vez. Esta vez, aterrissou fora da m ansão da Irm andade. E, ficou ali.

Graças a Deus. No m om ento não tinha que preocupar-se com sua segurança.

De repente, a porta lateral do clube abriu, e Phury saiu vendo-se decididam ente sério.

— Alim entaste-te?

— Sim .

— Então deveríam os ir para casa e esperar que a força nos golpeie.

— Já o fez. — *de certo modo.*

— Z.

Phury parou de falar, e am bos viraram rapidam ente as cabeças para a Rua Trade. Na entrada do beco, três hom ens grisalhos vestidos de negro andavam em

form ação de um . Os lessers ficaram olhando fixam ente com o se tivessem encontrado um branco aproxim ando-se dele.

Sem dizer um a palavra, Z e Phury saíram em silenciosa carreira, m ovendo-se ligeiram ente através da neve recém caída. Logo chegaram à Rua Trade e giraram , os lessers não tinham encontrado a nenhum a vítim a, m as se reuniram com outro grupo... Dois dos quais tinham o cabelo castanho.

Z pôs a m ão no punho de um a adaga e dirigiu os olhos ao par com as cabeças escuras. *Querida Virgem do Fade, faz com que um deles seja o que estava procurando.*

— Controle-se, Z. — gem eu Phury enquanto tirava o celular — Perm anece quieto, vou pedir reforços.

— O que te parece cham ar... — desencapou a adaga — Enquanto m ato?

Z saiu, m antendo a faca na coxa, porque era um a área de alta exposição com hum anos ao redor.

Os lesser o viram im ediatam ente, e se dividiram em postura de ataque, com os j oelhos dobrados, os braços para cim a. Para encurralar aos bastardos, correu em um grande círculo ao redor, e eles seguiram seu m ovim ento, dando a volta, unindo-se em triângulo frente a ele. Quando voltou para as som bras, seguiram -no

com o um a unidade.

Depois que a escuridão tragasse a todos, Zsadist levantou alto sua adaga negra, descobriu as presas, e atacou. Rogava com o o inferno que quando o violento baile e canção acabassem , um dos lessers com cabelos escuros tivesse

as raízes brancas.

CAPÍTULO XXXIX

O am anhecer chegou j usto quando U se aproxim ava da cabana e abria a porta. Freou enquanto entrava, saboreando o m om ento. O quartel general era dele, converteu-se no Fore-lesser. O j á não o era.

U não podia acreditar que tivesse ido e o tivesse feito. Não podia acreditar que teve testículos para pedir a Ôm ega um a m udança de liderança. Na realidade não podia acreditar que o professor estivesse de acordo com ele e cham asse O para casa.

A liderança não estava na natureza de U, m as não teve outra opção, depois de tudo que ocorreu ontem com os Betas vagabundos, as detenções e as insurgências, a anarquia total entre os assassinos se aproxim ava rápida e dura.

Enquanto isso, O estava no topo sem fazer nada. Inclusive, parecia zangado de ter que cum prir seu trabalho.

U estava entre a espada e a parede. Tinha pertencido à Sociedade durante quase dois séculos, e m aldito fosse se via que a coisa se convertia em um a confederação desorganizada de incom petentes, m ercenários assassinos dispersados que ocasionalm ente iam atrás dos vam piros. Pelo am or de Deus, tinham esquecido quem se supunha fosse seu interm ediário, e fazia três fodidos dias desde que O tinha deixado deslizar as coisas.

Não, a Sociedade devia ser conduzida a ter um obj etivo, com m ão dura durante um tem po. Assim , O teve que ser substituído.

U sentou na vasta m esa e ligou o notebook. A prim eira coisa que iria fazer seria convocar um a assem bléia geral e fazer alarde da força. Isso era a única coisa que O tinha feito bem . Os outros lessers lhe tem iam .

U confeccionou um a lista dos Betas para encontrar um para sacrificar, com o exem plo, m as antes de ir tão longe, foi im ediatam ente inform ado de um as desagradáveis notícias de últim a hora. A noite anterior um a sangrenta briga teve lugar no centro. Dois m em bros da Irm andade contra sete assassinos. Felizm ente, parecia que os dois Irm ãos foram feridos. Mas, só um dos lessers sobreviveu, por isso perderam m ais m em bros da Sociedade.

Hom em , o recrutam ento ia ser im portante. Mas, com o diabo encontraria tem po? Prim eiro, tom aria as rédeas.

U esfregou os olhos, pensado no trabalho que tinha pela frente.

Bem-vindo ao trabalho de Fore-lesser, pensou enquanto com eçava a digitar no notebook.

Bela olhou Rhage encolerizada, sem se im portar que esse m acho tivesse sessenta e nove quilos e vinte centím etros a m ais que ela.

Infelizm ente, o Irm ão não parecia se im portar que estivesse de saco cheio. E,

não se m oveu da porta que bloqueava.

— Mas, quero lhe ver.

— Agora não é o m elhor m om ento, Bela.

— Quão sério é o dano?

— Estas são coisas da Irm andade. — disse Rhage brandam ente — Esquece isso. Farem os-lhe saber o que acontece.

— Oh, certeza que o farão. Igual a quando m e disseram que estava ferido. Pelo am or de Deus, tive que m e inteirar pelo Fritz.

Nesse m om ento, a porta se entreabriu.

Zsadist estava m ais sério do que algum a vez o tinha visto, e estava gravem ente m arcado. Um de seus olhos estava inchado e fechado, um lábio partido, e tinha o braço em um a tipóia. Pequenos cortes aleatórios por todo seu pescoço e crânio, com o se tivesse saltado sobre pedregulhos ou algo do estilo. Enquanto ela fazia um a careta de dor, ele a olhou de cim a a baixo. Os olhos brilharam luzes de alerta do negro ao am arelo, m as então olhou para Rhage lhe falando rapidam ente.

— Finalm ente Phury está descansando. — inclinou a cabeça para Bela — Veio sentar-se a seu lado, deixa-a. Ele relaxará com sua presença.

Zsadist virou-se. Enquanto cam inhava pelo vestíbulo, coxeava, a perna esquerda m ancava atrás dele com o se sua coxa não estivesse bem .

Com um a m aldição, Bela foi atrás dele, em bora ela não tivesse nem idéia do

por que se ofendia. Não queria aceitar nada dela, nem seu sangue, nem seu am or... Certam ente não sua sim patia. Não queria nenhum a m aldita coisa dela. Bom , exceto sua partida.

Antes que o alcançasse, Zsadist se deteve abruptam ente e olhou para trás.

— Se Phury precisar alim entar-se, deixará que ele tom e de sua veia?

Ela ficou gelada. Não só bebia de outra, lhe resultava fácil com partilhá-la com seu gêm eo. Um pó qualquer, nada especial. Jesus, ela estava tão disponível?

Nada do que com partilharam tinha significado algo para ele?

— Deixará? — os olhos recém am arelos de Zsadist se estreitaram em seu rosto — Bela?

— Sim . — disse em voz baixa — Cuidarei dele.

— Obrigado.

— Acredito que agora m esm o te desprezo.

— Já era hora.

Girou sobre seus tornozelos, preparada para ir ao quarto de Phury, quando Zsadist lhe disse brandam ente.

— Já tem o período?

Oh, fenom enal, outro constrangim ento. Queria saber se a tinha deixado grávida. Ele ficaria aliviado, sem dúvida, quando ouvisse as boas notícias.

Olhou-o sobre o om bro.

— Tive cólica. Não tem que preocupar-se com nada.

Ele assentiu.

Antes que pudesse ir-se, cravou-lhe.

— Diga-m e algo. Se estivesse grávida, você em parelharia com igo?

— Proveria a você e a seu bebê até que outro m acho o fizesse.

— Meu bebê... Com o se não fosse tua m etade? — quando não respondeu lhe provocou — Não o reconheceria?

Sua única resposta foi cruzar os braços sobre o peito.

Ela negou com a cabeça.

— Céus... Realm ente é frio até a m edula, não?

Olhou a ela fixam ente durante m uito tem po.

— Nunca te pedi nada, não?

— Oh, não. Nunca o fez. — deixou escapar um a forte risada — Deus lhe proíbe que sej a acessível por isso.

— Cuide de Phury. Ele precisa.

— Você tam bém .

— Não m e desafie dizendo o que preciso.

Sem esperar resposta partiu pelo vestíbulo, para a porta de Phury, em purrou Rhage fora, e se fechou com o gêm eo de Zsadist. Estava tão de saco cheio que dem orou um segundo para dar-se conta que estava escuro e que o quarto cheirava a fum aça verm elha, um delicioso e achocolatado perfum e.

— Quem é? — disse Phury roucam ente da cam a.

Esclareceu-se garganta.

— Bela.

Um desigual suspiro se levantou no ar.

— Olá.

— Olá. Com o te encontra?

— Francam ente anim ado, obrigado por perguntar.

Sorriu um pouco até que chegou a sua altura. Com a visão noturna, observou

que estava convexo sobre as m antas, levando só um par de boxers. Tinha gaze ao

redor de sua barriga e estava coberto de m achucados. E… Oh, Deus… Sua

perna.

— Não se preocupe. — disse secam ente — Não tenho esse conj unto de pé e

tíbia há um século. Na realidade, estou bem . Sim plesm ente algum dano estético.

— Então, por que tem essa atadura com o um a bandagem ?

— Faz-m e o traseiro m enor.

Ela riu. Tinha-o esperado m eio m orto, e parecia com o se tivesse estado em

um inferno de briga. Mas, não estava às portas da m orte.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Tenho um ferim ento no flanco.

— Com o que?

— Com um a faca.

Agora, isso a fez cam balear. Possivelm ente só parecia bem .

— Estou bem , Bela. Honestam ente. Com outras seis horas estarei em condições de sair. — houve um curto silêncio — O que está acontecendo? Está bem ?

— Só queria ver com o estava.

— Bom … Estou bem .

— E, ah… Precisa se alim entar?

Esticou-se, logo abruptam ente alcançou a colcha colocando-a sobre os quadris. Ela se perguntou por que estava atuando com o se tivesse algo que esconder… *Oh, certo. Uau!*

Pela prim eira vez o exam inou com o um m acho. Realm ente era bonito, com esse prim oroso e exuberante cabelo, esse rosto classicam ente bonito. Seu corpo era espetacular, coberto com o tipo de m úsculo duro do que seu gêm eo carecia.

Mas, não im portava o quanto sua aparência fosse agradável, ele não era o m acho

para ela.

Era um a lástim a, pensou. Para am bos. Deus, com o odiava lhe m achucar.

— Necessita-o? — disse — Precisa se alim entar?

— Está-te oferecendo?

Ela tragou.

— Sim . Faço-o. Quer… Posso te dar m inha veia?

Um a escura fragrância se estendeu pelo quarto, tão penetrante que eclipsou o arom a da fum aça verm elha: o arom a era o denso e rico perfum e da fom e de um m acho. A fom e de Phury por ela.

Bela fechou os olhos, rogando que se ele aceitasse pudesse passar por isso sem chorar.

Mais tarde, nesse m esm o dia, enquanto o sol descia, Rehvenge ficou olhando os tecidos de funeral que penduravam do retrato de sua irm ã. Quando soou o telefone, olhou o identificador de cham adas e o abriu.

— Bela?

— Com o sabe...

— Que é você? Núm ero difícil de rastrear. — im possível de rastrear, se este telefone não pode localizar a fonte. Ao m enos ela ainda estava a salvo no recinto

da Irm andade, pensou. Onde quer que estej a — Alegra-m e que ligue para m im .

— Ontem de noite fui a casa.

A m ão de Rehv esm agou o telefone.

— Ontem de noite? Que diabos! Não queria que viesse…

Os soluços provinham do telefone, grandes e m iseráveis soluços. O sofrim ento silenciou suas palavras, sua cólera e fôlego.

— Bela? O que acontece? Bela? Bela! Oh, Jesus… Algum desses Irm ãos te

feriu?

— Não. — aspirando profundam ente — E, não grite com igo. Não posso suportar. Term inei com você e os gritos. Nenhum m ais.

Inspirou profundam ente, m edindo seu tem peram ento.

— O que aconteceu?

— Quando posso voltar para casa?

— Fale com igo.

O silêncio se alongou entre eles. Claram ente, sua irm ã j á não confiava nele.

Merda… Podia culpar a ela?

— Bela, por favor. Sinto-o… Fale com igo. — quando não houve resposta, disse — Hei… — se esclareceu garganta — Danifiquei tanto as coisas entre nós?

— Quando posso voltar para casa?

— Bela...

— Me responda, m eu irm ão.

— Não sei.

— Então, quero ir à casa de segurança.

— Não pode. Disse-lhe isso faz tem po, se houver um problem a, não quero que você e *mahmen* estej am no m esm o lugar. Agora, por que quer sair dai? Faz só um dia que não queria ir a nenhum outro lugar.

Houve um a longa pausa.

— Term inei o cio.

Rehv sentiu o ar escapar dos pulm ões e ficar preso na cavidade do peito.

Fechou os olhos.

— Esteve com um deles?

— Sim .

Sentar-se era um a m aldita boa idéia agora, m as não havia nenhum a cadeira perto. Apoiou-se na bengala e se aj oelhou no tapete Aubusson. Em frente a seu retrato.

— Está… Bem ?

— Sim .

— E, ele te reclam ou.

— Não.

— Perdão?

— Não m e quer.

Rehv deixou as presas descobertas.

— Está grávida?

— Não.

Graças a Deus.

— Quem foi?

— Não diria m esm o que custasse m inha vida, Rehv. Agora, quero sair daqui.

Cristo… Ela em pleno cio em um recinto cheio de varões… Cheio de guerreiros com profundos desej os. E, o Rei Cego… Merda.

— Bela, m e diga que só foi um . Diga-m e que foi só um e que não te fez m al.

— Por quê? Porque, tem m edo de ter a um a prostituta por irm ã? Assustado de que a *glymera* m e rechace outra vez?

— Que se foda a *glymera.* É porque te am o… E, não suportaria pensar que está sendo usada pelos irm ãos enquanto está tão vulnerável.

Seguiu um a pausa. Com o ele esperava, a garganta ardia tanto que se sentia com o se tivesse engolido um a caixa de tachinhas.

— Só foi um , e o am o. — disse — Tam bém pode saber que m e deixou escolher entre ele ou ser arrastada a inconsciência. Escolhi a ele. Mas, nunca te direi seu nom e. Francam ente, não quero falar dele nunca m ais. Agora, quando posso voltar para casa?

Certo. Isso era bom . Ao m enos poderia tirá-la dali.

— Só m e deixe encontrar um lugar seguro. Ligue-m e em trinta m inutos.

— Espere, Rehvenge, quero que anule a petição de *aihslamiento.* Se fizer isso, voluntariam ente m e subm eterei aos porm enores de segurança cada vez que saia,

se isto te faz sentir m elhor. Tem os um trato?

Colocou as m ãos sobre os olhos.

— Rehvenge? Diz que m e am a. Prove. Rescinde essa petição e prom eto que trabalharem os j untos... Rehvenge?

Deixou cair o braço e elevou o olhar para seu retrato. Tão bela, tão pura.

Quereria conservá-la assim para sem pre se pudesse, m as j á não era um a

m enina. E, era m uito m ais resistente e forte do que ele tinha im aginado. Para ter

vivido o que ela viveu, para ter sobrevivido.

— De acordo… O anularei.

— Ligarei para você em m eia hora.

CAPÍTULO XL

A noite caiu e a luz transpassava a cabana. U não saiu do com putador durante todo o dia. Entre correios e o celular, tinha localizado aos vinte e oito assassinos restantes em Caldwell e program ado um a assem bléia geral para m eia-noite. Nesse m om ento, ia reorganizar os esquadrões e atribuir a cinco hom ens o trabalho de recrutam ento.

Depois da reunião desta noite, seriam atribuídos apenas dois esquadrões Betas no centro. Os vam piros civis não apareciam nos bares que eles freqüentavam , porque a m uitos deles ele tinham persuadido a abandonar os arredores. Era tem po de m udar de lugar.

Depois de algum as idéias, decidiu enviar ao resto de seus hom ens às áreas residenciais. Os vam piros estavam ativos de noite. Em suas casas. Era realm ente

um problem a encontrá-los entre os hum anos…

— É com o um a pequena cagada.

U saltou da cadeira.

O estava de pé e nu na porta principal da cabana. Tinha o peito coberto de

m arcas de garras, com o se algo o tivesse agarrado fortem ente, e seu rosto estava

torcido, o cabelo desordenado. Parecia bem usado e de saco cheio.

E, quando os trancou com um golpe, U era incapaz de m over-se. Nenhum de

seus longos m úsculos se rendeu se aj oelhado à defensiva e gritando, e isso lhe

disse o que precisava saber sobre quem era o Fore-lesser agora. Unicam ente o

assassino superior tinha essa aula de controle físico sobre seus subordinados.

— Esqueceu duas coisas im portantes. — O com indiferença tirou um a faca

da capa que estava pendurada na parede — Um , Ôm ega é m uito inconstante. E,

dois, tem um a pessoal predileção por m im . Realm ente não m e custou m uito

trabalho retornar ao grupo.

Quando a faca foi para ele, U lutou, tratou de correr, queria gritar.

— Assim , dê boa noite, U. E, dê a Ôm ega um enorm e *“olá”* quando o vir.

Está esperando você.

As seis em ponto. Quase hora de partir.

Bela olhou ao redor do quarto de hóspedes em que estava e pensou que tinha

recolhido tudo o que havia trazido. Não tinha m uito, para com eçar, e de toda

form a, tinha-o transladado tudo do quarto de Zsadist a noite anterior. A m aioria de

suas coisas estava ainda na m ala L.L. Bean.

Fritz viria pegar suas coisas a qualquer m om ento, e as transladaria até Havers e Marissa. Graças a Deus que o par de irm ãos estava disposto a conceder um favor a Rehvenge e acolhê-la. Sua m ansão, e a clínica, eram realm ente um a fortaleza. Inclusive Rehv ficou satisfeito de que estaria a salvo.

Logo, às seis e m eia, se desm aterializaria para lá, e se reuniria com Rehv.

Com pulsivam ente, entrou no banheiro e revisou atrás da cortina da ducha de novo para assegurar-se de que tinha o xam pu. Nada ali. E, tam pouco tinha deixado nada no dorm itório. Ou na casa, de fato. Quando se fosse, ninguém nunca notaria que estivera na m ansão. Ninguém notaria...

Oh, Cristo. Pare já com isso, pensou.

Houve um a batida na porta. Cam inhou para lá e a abriu.

— Olá, Fritz, m inha m ala está em cim a da…

Zsadist estava de pé no vestíbulo, vestido para brigar. Couros. Pistolas. Espadas.

Ela saltou para trás.

— O que está fazendo aqui?

Entrou no quarto sem dizer nada. Mas Jesus, parecia preparado para j ogar-se sobre algo.

— Não necessito de um guarda arm ado. — disse Bela, tentando m anter a calm a — Quero dizer, se isso for tudo. Vou m e desm aterializar ali, e a clínica é perfeitam ente segura.

Zsadist não disse um a palavra. Só a olhava fixam ente, todo poder e força m asculina.

— Veio m e am eaçar? — disse bruscam ente — Ou há um a razão para isto?

Quando fechou a porta atrás dele, seu coração com eçou a pulsar m ais forte. Especialm ente quando ouviu que a fechava com chave.

Retrocedeu até ficar contra a cam a.

— O que quer, Zsadist?

Foi para ela com o se a esquadrinhasse, com os olhos am arelos obcecados. Seu corpo era um a com pleta espiral de tensão e de repente não precisou ser um gênio para adivinhar que tipo de liberação estava procurando.

— Não m e diga que veio aqui para te em parelhar.

— De acordo, não o fiz. — sua voz não foi nada a não ser um grunhido profundo e ronronante

Tirou a m ão. Bem , isso m arcará a diferença. Ele a podia tom ar se quisesse, tanto se ela dissesse que sim ou que não. Só... Que com o um a idiota não o rechaçaria. Até atrás de toda a m erda que lhe tinha j ogado, ainda o desej ava. Maldita fosse.

— Não farei sexo com você.

— Não estou aqui por m im . — disse chegando próxim o a ela.

Oh, Deus. Seu perfum e… Seu corpo… Tão perto. Ia ficar louca.

— Afaste-se de m im . Já não te desej o m ais.

— Sim , desej a. Posso cheirá-lo. — estendeu um a m ão e tocou seu pescoço,

percorrendo com o dedo indicador sua j ugular — E, posso sentir o batim ento do

coração desta veia.

— Odiarei você se o fizer.

— Já m e odeia.

Se só fosse verdade…

— Zsadist, de m aneira nenhum a quero m e deitar com você.

Inclinou-se até que a boca ficou em sua orelha.

— Não estou pedindo isto.

— Então o que quer? — em purrando-o pelos om bros. Sem resultado —

Maldito sej a, por que está fazendo isto?

— Porque venho do quarto de m eu gêm eo.

— Perdão?

— Não o deixou beber de você. — a boca de Zsadist roçou seu pescoço.

Então, retrocedeu e a olhou fixam ente — Não o aceitará nenhum a vez, não?

Nunca estará com Phury, não im porta o quanto correto sej a para você

socialm ente, pessoalm ente.

— Zsadist, por todos os infernos, m e deixe sozinha...

— Não estará com m eu gêm eo. Assim , com o nunca voltará aqui, verdade?

Exalou rapidam ente.

— Não, não voltarei.

— Por isso tive que vir.

A fúria ferveu nela, crescendo até converter-se em desej o de sexo.

— Não com preendo. Aproveitasse cada oportunidade para m e afastar.

Recorda o pequeno episódio no beco na noite passada? Bebeu dela para m e

m andar passear, não? Não foi pelo com entário que fiz.

— Bela...

— E, logo quer que fique com seu *irmão.* Olhe, sei que não m e quer, m as é

consciente do que sinto por você. Tem algum a idéia do que é ouvir do m acho que

você am a que *alimente* a outro?

Deixou cair à m ão. Retrocedendo.

— Tem razão. — esfregou o rosto — Não deveria estar aqui, m as não posso

te deixar partir sem … No m ais profundo de m inha m ente sem pre pensei que

retornaria. Sabe, para estar com Phury. Sem pre pensei que te veria outra vez,

em bora fosse à distância.

Que Deus a aj udasse, estava farta disto.

— Por que infernos te im portarias com m e ver ou não?

Só negou com a cabeça e se voltou para a porta. O que a fez zangar-se ainda

m ais.

— Responda-m e! Por que te im porta se algum a vez retornasse?

Tinha a m ão no pom o da fechadura enquanto lhe gritava.

— *Por que te importa?*

— *Não me importa.*

Lançou-se através do quarto com a intenção de lhe pegar, arranhá-lo, lhe m achucar, estava tão frustrada. Mas, ele se virou e em vez de lhe esbofetear, lhe agarrou a cabeça e o arrastou para sua boca. Seus braços se fecharam ao redor dela, abraçando-a tão forte que não pode respirar. Enquanto a língua entrava em sua boca, levantou-a e se dirigiu para a cam a.

O sexo feroz e desesperado era um a m á idéia. Um a idéia m uito ruim .

Estavam enredados no colchão em um segundo. Tirou-lhe as calças e estava a ponto de rasgar as calcinhas com os dentes, quando um a batida soou na porta.

A voz de Fritz se ouviu através dos painéis, agradável e respeitosa.

— Senhora, se as m alas estiverem preparadas…

— Agora não, Fritz. — respondeu Zsadist com voz gutural. Deixou descobertas as presas, cortando a tira de seda entre as coxas, lam bendo seu centro — Droga...

A língua desceu outra vez lam bendo-a, gem endo. Ela m ordeu o lábio para não gritar e lhe agarrando a cabeça girou seus quadris.

— Oh, am o, peço-lhe perdão. Pensei que você estava no centro de treinam ento…

— *Mais tarde, Fritz.*

— Certam ente. Quanto tem po…

O resto das palavras do *doggen* foram cortadas pelo erótico grunhido de Zsadist que disse a Fritz tudo o que precisava saber. E, provavelm ente um pouco m ais.

— Oh… Meu Deus. Perdoe-m e, am o. Não retornarei para buscar suas coisas até que, ah… Logo.

A língua de Zsadist fazia círculos ao redor, enquanto as m ãos prendiam suas coxas. Levou-a duram ente, todo o tem po sussurrando coisas quentes, coisas fam intas contra sua carne secreta. Ela se em purrou contra sua boca, arqueando-se. Foi tão rude, tão voraz… Ficou destroçada. Provocava-a alongando o orgasm o, m antendo-a nesse estado com o se estivesse desesperado para que não se term inasse.

O silêncio do depois a deixou tão fria com o a liberação de seu centro na boca dele. Elevou-se entre suas pernas, passando a m ão por seus lábios. Quando a olhou, lam beu a palm a da m ão, apanhando cada bocado do que tinha retirado de seu rosto.

— Vai parar agora, não? — disse rudem ente.

— Disse-lhe isso. Não vim aqui por sexo. Só queria isto. Só queria te ter contra m inha boca um a últim a vez.

— Bastardo egoísta. — e quanto irônico era lhe cham ar disto por não fazer

am or com ela. Isto, Deus, era tão horrível.

Enquanto ela alcançava os j eans, ele fez um suave som no fundo de sua garganta.

— Acredita que não m ataria para estar dentro de você neste instante?

— Vai para o inferno, Zsadist. Vai diretam ente ali…

Moveu-se tão rápido com o um relâm pago, baixando-a duram ente contra a cam a, esm agando-a com seu peso.

— Estou no inferno. — gem eu, pondo os quadris entre as suas coxas.

Balançou contra seu centro, sua m aciça ereção em purrava contra o suave lugar no qual esteve sua boca. Com um a m aldição retrocedeu, abriu ao zíper de suas calças… E, penetrou nela, esticando-a tanto que quase doía. Ela gritou com a invasão, m as elevou os quadris para que pudesse penetrá-la ainda m ais.

Zsadist lhe agarrou os j oelhos e lhe esticou as pernas para cim a, fazendo-a um a bola em baixo dele, logo bom beou contra ela, seu corpo de guerreiro não lhe regulou nada. Ela se agarrou a seu pescoço, o sangue fluindo, perdida em um ritm o dem olidor. Isto era o que sem pre tinha pensado que seria com ele. Forte, duro, selvagem … Rude. Enquanto tinha outro orgasm o, ele rugiu, explodindo nela. Jorros quentes a encheram , então se esparram aram em suas coxas com o se não deixasse de bom bear.

Quando finalm ente paralisou sobre ela, soltou-lhe as pernas, respirando

contra seu pescoço.

— Oh, Deus… Não posso acreditar que isto tenha acontecido. — disse

finalm ente.

— Estou bastante segura sobre isso. — afastou-o para um lado e se sentou

m ais cansada do que tinha estado em sua vida — Tenho que m e reunir logo com

m eu irm ão. Quero que vá.

Ele am aldiçoou, um som vazio e doloroso. Então, lhe estendeu as calças,

em bora não as soltou. Olhou-a um com prido instante, e com o um a parva

esperava que lhe dissesse o que queria ouvir: *Sinto muito, fiz-te mal, quero-te, não*

vá.

Depois de um m om ento deixou cair sua m ão e se levantou, arrum ando-se,

fechando as calças. Foi para a porta, m ovendo-se com essa graça letal com a

que sem pre cam inhava. Ao olhar sobre seu om bro, ela se deu conta que tinha

feito am or estando com pletam ente arm ado e vestido.

Oh, mas só tinha sido sexo, não?

Com voz baixa disse:

— Sinto m uito.

— Não m e diga isso para m e fazer sentir m elhor.

— Então… Obrigado, Bela… Por… Tudo. Sim , de verdade. Eu… Agradeço-lhe isso.

E, então partiu.

John se atrasou no ginásio enquanto o resto da sala ia para o vestuário. Eram sete da noite, m as poderia ter j urado que eram três da m anhã. Que dia. O treinam ento tinha com eçado logo, porque os Irm ãos queriam sair cedo, e tinham tido horas de aula de táticas e tecnologia de com putação ensinada por dois Irm ãos cham ados Vishous e Rhage. Logo Tohr chegou ao pôr do sol e com eçaram os pontapés no traseiro. As três horas de treinam ento tinham sido brutais. Correr um as voltas. Jiu-j ítsu. Treinam ento de arm as e m ano a m ano, incluindo um a introdução aos nunchakus ou nunchucks.

Esses dois paus unidos por um a corrente eram os pesadelos de John, expondo todas as suas debilidades, especialm ente sua horrível coordenação entre olho e m ão. Mas, ele não se deu por vencido. Enquanto os outros m eninos iam às duchas, retornou à sala de equipam entos e pegou um dos sets. Im aginou que praticaria enquanto vinha o ônibus e tom aria banho em casa.

Com eçou a girar os nunchucks lentam ente a seu lado, o som das voltas curiosam ente relaxava. Gradualm ente increm entava a velocidade, segurou-os no vôo e então os balançou a sua esquerda. Tom ando-os de volta. Um a e outra vez, até que o suor aflorou outra vez em sua pele. Um a e outra vez...

E, se golpeou com essa m erda. Diretam ente na cabeça.

O golpe lhe debilitou os j oelhos, e depois de lutar durante um tem po, deixou-

se cair. Apoiando-se com o braço, pondo um a m ão em sua têm pora esquerda.

Estrelas. Definitivam ente via estrelas.

Em m eio a toda essa piscada, um a suave risada proveio detrás dele. A satisfação do som lhe disse quem era, m as tinha que vê-lo de toda form a.

Olhando por debaixo do braço, observou Lash de pé a uns seis passos atrás. O tipo

de cabelo claro estava m olhado, as roupas de rua perfeitas, o sorriso frio.

— É um perdedor.

John se concentrou no colchonete, sem realm ente se im portar que Lash o tivesse pegado golpeando o cérebro. O tipo j á tinha visto isto em sala, assim não era um a nova hum ilhação.

Deus… Se só pudesse esclarecer os olhos. Negou com a cabeça estirando o pescoço… E, viu outro par de nunchucks no colchonete. Lash tinha-os j ogado?

— Ninguém gosta de você, John. Por que não parte? Oh, espere. Isso quereria dizer que não poderia ir atrás dos Irm ãos. Então, o que faria todo o dia?

A risada do tipo se cortou de repente, quando um a profunda voz grunhiu:

— Não te m exa, ruivinho, exceto para respirar.

Um a m ão enorm e apareceu frente o rosto de John que elevou a vista. Zsadist estava de pé ante ele. Vestido com pletam ente para a guerra.

John foi agarrado pelo que estava frente a ele sem reflexos e o levantou facilm ente do chão.

Os negros olhos de Zsadist se estreitaram , refletindo cólera.

— O ônibus está pronto, recolhe suas m erdas. Nós nos reunirem os fora do vestuário.

John abriu passo através dos colchonetes, pensando que quando um m acho com o Zsadist lhe diz algo, o faça rápido. Quando chegou à porta, entretanto, teve que olhar para trás.

Zsadist tinha a Lash pego pelo pescoço e levantou o tipo do colchonete com os pés pendurando. A voz do guerreiro era m ortalm ente fria.

— Vi-te atirá-lo ao chão, e te m ataria por isso, porém não estou interessado em lidar com seus pais. Escute bem , m enino. Faz outra vez algo assim , e te tiro os olhos com os dedos e m e alim ento deles. Está claro?

Em resposta, a boca de Lash funcionou com o um a válvula de um a só via.

O ar entrava. Nada saía. E, então urinou nas calças.

— Tom arei isto com o um sim . — Zsadist o deixou ir.

John j á não estava ali. Correu para o vestuário, pegou sua esteira e saiu ao vestíbulo um m om ento depois.

Zsadist estava esperando.

— Vêm .

John seguiu ao Irm ão até o estacionam ento do ônibus, perguntando-se todo o tem po com o podia agradecer-lhe Mas, então Zsadist se deteve ante o ônibus e o

em purrou dentro. Então, ele tam bém entrou.

Cada um dos aprendizes se encolheu em seus assentos. Especialm ente quando Zsadist desenbaiou um a de suas adagas.

— Nós nos sentarem os aqui. — disse a John, m ostrando com a arm a de lâm ina negra o prim eiro assento.

Sim, bom. Certo. Está bem.

John se apertou contra a j anela quando Zsadist tirou um a m açã do bolso e lentam ente se sentou.

— Estam os esperando a outro. — disse Zsadist ao condutor — E, John e eu serem os a últim a parada.

O *doggen* se inclinou respeitosam ente atrás do volante.

— Certam ente, senhor. Com o você desej ar.

Lash lentam ente entrou no ônibus, a verm elha nervura em sua garganta era um a m ancha em sua pálida pele. Quando viu Zsadist, tropeçou.

— Está nos fazendo perder tem po, m enino. — disse Zsadist enquanto deslizava um a faca sob a pele da m açã — Senta seu traseiro.

Lash fez isso.

Enquanto o ônibus com eçava andar, ninguém disse nada. Especialm ente, quando a porta se fechou e ficaram todos j untos fechados na parte de trás.

Zsadist cortou a Granny Sm ith em um a longa tira, a pele descendia pouco a pouco até que chegou ao chão da cam inhonete. Quando term inou, cobriu o

j oelho com a verde tira, então partiu um a rodela da polpa branca e a estendeu a John com a faca. John pegou a peça com os dedos e a com eu enquanto Zsadist cortava um a parte para ele, levando-lhe à boca com a faca. Alternaram -se até que restou da m açã só um m agro m iolo.

Zsadist pegou a casca e os restos j ogando-os no pequeno lixeiro ao lado da porta. Lim pou a faca nas calças e com eçou a lançá-la ao ar e apanhá-la. Fez isso durante todo o cam inho. Quando chegaram à prim eira parada, houve um a longa vacilação depois da abertura da porta. E, dois dos m eninos saíram rapidam ente. Os olhos negros de Zsadist os seguiram , com o olhar duro, com o se m em orizasse suas caras. E, durante todo esse tem po a faca, acim a e abaixo, o negro m etal cintilava, a grande m ão o apanhava no m esm o lugar do punho depois de cada lançam ento… Em bora estivesse olhando a esses tipos.

Isso ocorreu em cada parada. Até que John e ele ficaram sozinhos.

Enquanto a porta se fechava, Zsadist deslizou a adaga na bainha do peito. Moveu-se de assento através do corredor e se apoiou contra a j anela, fechando os olhos.

John sabia, m ais que acreditava, que o m acho estava acordado, porque sua respiração não m udou e não estava relaxado. Unicam ente não queria interagir.

John tirou o bloco de papel e a caneta. Escreveu perfeitam ente, dobrou o papel e o segurou na m ão. Tinha que lhe agradecer. Em bora Zsadist não

pudesse

ler, tinha que dizer algo.

Quando o ônibus parou e a porta se abriu, John deixou o papel no assento de Zsadist, sem tentar dar-lhe ao guerreiro. E, assegurando-se que não elevava o olhar enquanto dirigia seus passos para fora e cruzava a entrada. Parou em frente da gram a para observar à partida do ônibus, entretanto, a neve caía sobre sua cabeça, om bros e esteira.

Quando o ônibus desapareceu na crescente torm enta, Zsadist se m ostrou de pé no outro lado da rua. O Irm ão lhe m ostrou rapidam ente a nota, pegando-a no

ar entre o indicador e o dedo m édio. Logo, inclinou a cabeça um a vez, guardou-a

no bolso de trás e se desm aterializou.

John m anteve os olhos fixos no lugar que Zsadist esteve. Espessos flocos de neve encheram seus rastros, o m acho chuta-traseiros se foi.

Com um estrondo, a porta da garagem se abriu atrás dele, o Range Rover ia sair de ré pelo cam inho. Wellsie baixou a j anela. O cabelo verm elho estava recolhido no alto de sua cabeça, e levava um negro casaco de esqui. A calefação dentro do carro funcionava a toda, um surdo estrondo quase tão forte com o o m otor.

— Olá, John. — estendeu a m ão e ele colocou a m ão sobre a sua — Ouça, era Zsadist o que acabo de ver?

John assentiu.

— O que estava fazendo aqui?

John deixou cair à esteira e escreveu:

— *Veio no ônibus comigo a casa.*

Wellsie franziu o cenho.

— Eu gostaria que te afastasse dele, ok? Ele não… Está bem a m aioria das vezes. Sabe o que quero dizer?

Realm ente, John não estava tão seguro disso. Bom , o tipo lhe fazia pensar algum as vezes no hom em do saco com afeto, m as evidentem ente não era tão m au.

— De toda form a, vou pegar Sarelle. Encontram os um obstáculo com o festival e perdi todas as nossas m ações. Ela e eu vam os fazer visitas a vários pais espirituais, e ver o que podem os fazer sobre isso tão perto da data. Quer vir?

John negou com a cabeça.

— *Não quero me atrasar em Táticas.*

— Muito bem . — Wellsie lhe sorriu — Deixei um pouco de arroz e m olho de gengibre na geladeira.

— *Obrigado! Estou faminto.*

— Acreditei que estaria. Vem o-nos.

Despedia-se dela com as m ãos enquanto ela dava m archa ré o resto do cam inho e partia. Enquanto se dirigia a casa, observou distraidam ente com o as

correntes que Tohr pôs no Rover faziam nítidas m arcas na neve recente.

CAPÍTULO XLI

— Pare aqui. — O abriu a porta da Explorer antes que o SUV se detivesse ao chegar à Avenida Thorne. Lançou um olhar agudo para o topo da colina, depois lançou ao Beta atrás do volante um verdadeiro olhar de “fique esperto de um a puta vez”.

— Quero que circule pela vizinhança até que te cham e, quando o fizer quero que venha ao núm ero vinte e sete. Não pare na entrada do cam inho, siga em frente. Há um a esquina na parede de pedra a aproxim adam ente quarenta e cinco m etros adiante. Aí é onde te quero. — quando o Beta assentiu com a cabeça, O disse:

— Estrague isso e deixo que Ôm ega cuide de você.

Não podia deixar que o assassino com etesse algum tipo de estupidez. Tinha o sussurro de “sou confiável”. Bateu no pavim ento e observou a inclinação gradual do cam inho. Cam inhou lentam ente, ele era um arsenal m óvel, seu corpo estava carregado com tantas arm as e explosivos, que ele m esm o colocara, com o se fosse um a Árvore de Natal param ilitar.

Passando os núm eros até o vinte e sete, um par de pilares gêm eos em oldurava a entrada que desaparecia entre eles. Quatro quilôm etros e m eio

depois ele estava na esquina da parede de estuque onde tinha indicado ao parvo Beta que fosse vê-lo. Tom ou im pulso três vezes antes de saltar no ar com o um Michael Jordan de m erda até alcançar o fim do m uro de nove m etros.

Saltou a distância sem problem as. Mas, quando suas m ãos fizeram contato, a raj ada de eletricidade que percorreu seu corpo era suficiente para frisar o cabelo. Se fosse hum ano ainda, teria torrado, m as até com o assassino, a sacudida foi suficiente para deixá-lo sem fôlego. Apesar disso, conseguiu subir para logo j ogar-se do outro lado.

As luzes de segurança brilharam e o obrigaram a esconder-se atrás de um a árvore. Pegou sua pistola com silenciador, se os cães atacassem estava preparado para arrebentá-los. Esperou os latidos, m as não houve nenhum .

Tam pouco pressa por acender as luzes da m ansão nem carreiras dos guardas.

Levou uns m inutos m ais avaliando o lugar. A parte traseira da casa era m agnífica, toda de tij olo verm elho, branco puro e brilhantes terraços com corredores no segundo andar. O j ardim era perfeito tam bém . *Deus…* O custo de m anutenção de sem elhante m onstro em um ano devia ser o que um a pessoa da classe m édia gasta em dez.

Hora de aproximar-se. Moveu-se através da gram a para a casa, correndo com os pés arrastando-se sobre a gram a com a arm a apontada para frente.

Quando entrou apertando-se contra os tij olos, estava satisfeito. A j anela m ais

próxim a estava acoplada com trilhos que desciam por seus longos lados, em cim a havia um reforço quadrado discretam ente disfarçado.

Fechaduras de aço. Havia um conj unto em cada j anela e porta, isso lhe parecia.

No nordeste, onde não teriam que preocupar-se com torm entas tropicais e furacões. Só existia um tipo de proprietário que usava esse tipo de astúcia sobre cada peça de vidro. A classe que precisa ser protegida do sol.

Aí viviam vam piros.

Os ferrolhos estavam abertos porque era noite. O olhou dentro da casa, estava escuro o que não era alentador. Mas, de qualquer m aneira ia entrar.

A pergunta era com o irrom per na casa, por não dizer que o lugar estava cheio de alarm es até o traseiro, de detectores de som . E, ele apostava que quem eletrificou a borda da cerca não foi ADT[23]. Esse era algum tipo de tecnologia sofisticada.

Decidiu que seu m elhor m ovim ento era cortar a energia. Assim , com eçou a busca da linha principal de alim entação elétrica da m ansão. Encontrou-a atrás da

garagem para seis carros m etida em um cano de m erda do CVAA[24] que incluía três unidades de ar condicionado, um extrator de ar e um gerador de reserva. A linha principal de abastecim ento elétrico estava revestida de m etal. Saía da terra e entrava em um a série de quatro m etros de fendas que sulcavam

ao longo.

Pôs um a carga pequena de explosivo plástico C4 diretam ente no tronco e outra igual no centro nervoso do gerador. Retrocedeu atrás da garagem e os fez explodir pelo controle rem oto, houve duas pequenas explosões que dissiparam rapidam ente a fum aça e a luz.

Esperou para ver se alguém vinha correndo. Ninguém o fez. Em um im pulso, apareceu em um par de garagens, duas estavam vazias, as outras tinham carros m uito bonitos, tão bonitos que não podia dizer de que tipos eram .

Com o fluido elétrico cortado, correu ao redor da casa até chegar à frente rodeando um a cerca de m adeira de boj na qual term inava a fachada. Um conj unto de portas francesas resultava perfeito para entrada. Quebrando o vidro com o seu punho enluvado procedeu à abertura da fechadura. Assim que entrou, fechou im ediatam ente a porta, era crucial que os contatos do alarm e de segurança estivessem no lugar correto em caso de que o gerador alternativo ligasse em … *Santo... Deus.*

Havia baterias de lítio nas portas… O que queria dizer que seus contatos não funcionavam com a corrente elétrica. E… *Merda.*… Ele estava de pé exatam ente no m eio de um raio laser. *Jesus.* Isto era… De um a tecnologia m uito alta, com o

no Museu de Belas artes, na Casa Branca, o dorm itório de alta tecnologia do Papa.

A única razão pela qual pôde entrar na casa era por que alguém o queria aí.

Escutou. Silêncio total. Um a arm adilha?

O ficou congelado durante um instante, logo respirou. Então, se assegurou de que seu revólver estivesse preparado antes de cam inhar silenciosam ente por um m ontão de salas que pareciam tiradas de algum a deslum brante revista.

Entraram -lhe vontades de esfaquear as pinturas nas paredes, atirar os lustres de luz e quebrar os finos pés das elegantes m esas e cadeiras. Queria queim ar as toalhas, defecar no chão. Queria as destroçar por que eram bonitas e por que sua m ulher sem pre tinha vivido ali, isso significava que ela tinha vivido m elhor que

ele.

Virou na esquina, em um a espécie de sala de estar e parou em seco.

Em cim a, na parede, em um a m oldura adornada dourada havia um retrato de sua esposa… E, estava coberta por seda negra. Debaixo da pintura, sobre um a

saliência de m árm ore, havia um cálice de ouro de barriga para baixo e um a toalha de pano branco com três filas de dez pequenas pedras. Vinte e nove eram rubis. O últim o, na esquina esquerda inferior, era negra.

O ritual era diferente do cristão com o qual ele tinha vivido com o um hum ano, m as isto era em m em ória a sua esposa.

Os intestinos de O se converteram em serpentes, bulindo e assobiando dentro de seu ventre. Deu-lhe vontade de vom itar.

Sua m ulher estava m orta.

— Não m e olhe assim . — m urm urou Phury enquanto coxeava ao redor de

seu quarto. O flanco lhe doía com o um dem ônio. Tentava preparar-se para sair e

Butch, com o um a exaltada m am ãe galinha, não aj udava.

O policial sacudiu a cabeça

— Precisa ver um doutor, grandalhão.

O fato de que o policial tivesse razão, causava ainda m ais raiva a Phury .

— Não, não necessito.

— Vam os hom em , se fosse passar o dia no sofá quem sabe, m as não lutando.

Vam os hom em , se Tohr soubesse que ia sair com isto, teria posto sua cabeça em

um a estaca.

Certo.

— Estarei bem , só tenho que esquentar.

— Sim , treinar vai fazer m uito bem a esse buraco que tem no fígado. De fato,

talvez possa te conseguir alguns ben-gay [25] e sim plesm ente lhe daríam os

m assagens para te tirar a m erda.

Phury o fulm inou com o olhar através do quarto, Butch arqueou um a

sobrancelha.

— Deixe-m e em paz policial.

— Não m e diga! Ouça isso… Pode m e gritar enquanto te levo para o Havers.

— Não necessito escolta.

— Mas, se te levo, saberei aonde foi. — Butch tirou as chaves da Escalade do bolso e as balançou no ar — Além disso, sou um bom taxista. Pergunte a Jonh.

— Não quero ir.

— Bom em palavras de Vishous, um desej o em um a m ão, m erda na outra. Olhe que você tem o m áxim o.

Rehvenge estacionou o Bentley na frente do lar de Havers e Marissa e cam inhou cuidadosam ente até a m agnífica porta. Levantou a pesada aldrava com cabeça de leão e a deixou cair com um a sonora repercussão.

Im ediatam ente, foi recebido por um *doggen* e conduzido a um a sala. Marissa levantou de um sofá de seda, e ele a saudou com um a breve inclinação enquanto dizia ao m ordom o que ele conservaria o casaco. Quando ficaram sozinhos, Marissa se precipitou a tom ar suas m ãos, seu com prido vestido am arelo pálido se arrastava atrás dela com o névoa. Ele pegou am bas as m ãos e as beij ou.

— Rehv… Estou tão contente que nos tenha ligado, querem os aj udar.

— Aprecio que tenham acolhido Bela.

— É bem -vinda a ficar sem pre que o necessite, entretanto eu gostaria que pudesse nos dizer o que ocorre.

— Sim plesm ente são tem pos perigosos.

— Certo. — ela franziu o cenho e olhou atrás de seu om bro — Ela não está com você?

— Reunirei-m e a ela aqui, não deve dem orar. — consultou seu relógio — Sim , cheguei cedo.

Aj udou Marissa a se sentar no sofá, pela m aneira que eles o fizeram as dobras de seu casaco de cibelina caíram aos seus pés. Ela estendeu a m ão e acariciou a pele, rindo um pouco. Ficaram em silêncio um tem po.

Estava ansioso para ver Bela, na realidade estava… *Nervoso.*

— Com o você está? — perguntou tratando de enfocar-se em algo.

— Ah, fala de depois… — Marissa se ruborizou — Bem , m uito bem … Muito obrigado.

Realm ente gostava de suas m aneiras, tão suaves e gentis, tão tím ida e controlada, em bora ela fosse um a das estranhas belezas de sua espécie, e todos sabiam . Hom em , todos se perguntavam com o Wrath pôde conter-se com ela.

— Virá para m im outra vez? — disse Rehv em voz baixa — Deixará-m e te alim entar outra vez?

— Sim . — respondeu, baixando os olhos — Se m e deixar.

— Não posso esperar. — grunhiu ele, pela m aneira que ela o olhou forçou um sorriso em bora na realidade não quisesse fazê-lo. Queria fazer outras coisas com a boca, nenhum a das quais seria do agrado dela. Graças a Deus pela dopam ina — Não se preocupe, *thally,* só para te alim entar.

Ela pareceu avaliá-lo e afirm ou com a cabeça

— E, se precisar… Precisar te alim entar…

Rehv baixou seu queixo e a olhou fixam ente com as pálpebras entreabertas, im agens eróticas cintilaram em sua m ente. Ela se retirou claram ente alarm ada por sua expressão, não se surpreendeu. De nenhum m odo ela poderia dirigir o tipo de m erda doente que ele era.

Rehv levantou a cabeça

— É um a oferta generosa, *tahlly*. Mas, o m anterem os unilateralm ente.

Houve alívio em sua face, quando seu celular com eçou a tocar e o tirou para verificar a identidade de quem o cham ava. Seu coração com eçou a pulsar, era o encarregado da segurança de sua casa.

— Desculpe-m e um m om ento.

Depois que escutou a m ensagem de que alguém tinha saltado o m uro, ativado um bom núm ero de detectores de m ovim ento e desligado a eletricidade, Rehv disse ao seu pessoal que desligasse todos os alarm es interiores, queria que o responsável perm anecesse dentro.

Logo que visse Bela, retornaria a casa.

— Algo errado aconteceu? — perguntou Marissa assim que fechou o telefone.

— Não, em absoluto. — *Pelo contrário.*

Quando a aldrava da porta da rua soou, Rehv ficou rígido.

Um *doggen* passou diante da porta da sala para atender.

— Quer que lhes deixe sozinhos? — disse Marissa.

A grande porta da m ansão se abriu e fechou. Houve um suave intercâm bio de

vozes, um a delas a do *doggen,* a outra de Bela.

Rehv se apoiou em sua bengala e se levantou devagar quando Bela apareceu

na entrada. Usava j eans azuis e um casaco negro, e seu com prido cabelo

brilhava sobre os om bros. Parecia… Viva… Sã. Mas, havia m arcas em sua face,

novas linhas de preocupação e tensão punham um parêntese em sua boca.

Esperou que ela corresse a seus braços, m as som ente o olhou fixam ente…

Isolada, inalcançável. Ou talvez som ente estivesse tão intum escida depois de tudo

pelo que tinha passado que j á não tinha nenhum a reação que m ostrar ao m undo.

Os olhos de Revh se um edeceram quando colocou sua bengala no piso e foi

até ela m esm a sem poder sentir o fino tapete sob seus sapatos, captou a surpresa

em seu rosto quando a atraiu para ele.

Doce Virgem, com o desej ava poder sentir a m aneira em que a abraçava.

Am aldiçoou-se por não saber se lhe devolvia o abraço. Não queria forçá-la

assim , se obrigou a deixá-la ir.

Quando deixou cair seus braços ela se agarrou a ele, não se m oveu, m as

perm aneceu perto, então a abraçou de novo.

— Oh… Deus, Rehvenge… — estrem eceu.

— Am o você, m inha irm ã. — disse brandam ente sem vergonha do m om ento que era m enos hom em do que devia ser.

CAPÍTULO XLII

O saiu diretam ente pela porta da m ansão de tij olo deixando-a totalm ente aberta atrás dele, enquanto descia pelo atalho, a neve form ava redem oinhos no vento frio.

A visão daquele retrato era um eco em seu cérebro que não o deixaria, não apagaria. Ele tinha m atado a sua m ulher. Batera nela tão forte que tinha m orrido.

Deus… Deveria tê-la levado a um doutor. Ou talvez se aquele Irm ão cheio de cicatrizes não a tivesse roubado, talvez tivesse vivido... Possivelm ente tinha m orrido porque a tinham transladado.

Então, O a tinha m atado? Ou teria vivido se lhe tivessem perm itido ficar com ele? Que tal se... *Oh! Droga.*… Procurar a verdade era algo estúpido. Ela estava m orta e ele não tinha nada que enterrar porque aquele Irm ão bastardo a tinha afastado dele. Ponto.

Abruptam ente, observou as luzes de um carro m ais adiante. Quando estava m ais perto viu que um SUV negro tinha parado ante as portas.

Esse m aldito Beta, que diabos estava fazendo? O não tinha cham ado ao assassino para recolhê-lo. E, o lugar era incorreto. Espera, o autom óvel era um

Range Rover não um a Explorer.

O correu através da neve, perm anecendo nas som bras. Estava a uns dois

m etros quando as j anelas do Rover desceram . Escutou um a voz fem inina dizer:

— Com tudo o que ocorreu a Bela não sei se sua m ãe nos receberá, m as pelo

m enos devem os tentar.

O cam inhou até a porta e tirou seu revólver enquanto se escondia atrás de um

dos pilares. Viu um brilho de cabelo verm elho quando a m ulher atrás do volante

apareceu e tocou o intercom unicador, ao lado dela havia outra m ulher no assento

de passageiros com o cabelo loiro e curto, esta disse algo e a ruiva sorriu,

revelando suas presas.

Quando ela pressionou o intercom unicador, O disse alto:

— Não há ninguém em casa.

A ruiva elevou a vista e O apontou seu Sm ith & Wesson para ela.

— Sarelle, *corre*! — gritou ela.

O apertou o gatilho.

John estava profundam ente concentrado, e preparado para que sua cabeça

estrelasse contra o vidro da j anela pelo esforço, quando alguém bateu a sua

porta. Assobiou sem olhar por cim a do m anual.

— Êh. Filho. — disse Tohr — Com o vai o estudo? — John esticou os braços

sobre a cabeça, e fez gestos.

— *Melhor que o treinamento físico.*

— Não se preocupe com isso, j á virá.

— *Talvez.*

— Não, de verdade. Eu m e sentia igual depois de m inha transição, perdido, acredite m elhora.

John sorriu.

— *Assim, chegou cedo em casa.*

— Na realidade, pensava em ir ao centro e fazer um pouco do trabalho adm inistrativo que fazem lá. Quer vir? Poderia estudar em m eu escritório.

John assentiu e pegou um cachecol, depois pegou seus livros. Um a m udança de cenário lhe faria bem . Estava sonolento e ainda tinha m ais vinte e duas páginas para estudar. Afastar-se de sua cam a parecia um a boa idéia.

Desceram para a sala quando Tohr parou e se apoiou na parede, levou a m ão ao coração e pareceu lutar para tom ar fôlego.

John o sustentou alarm ado pela cor do irm ão, estava ficando realm ente cinza.

— Estou bem … — Tohr esfregou o peito, agitado, respirou profundam ente pela boca algum as vezes.

— Não, estou… Estou bem , só tenho um pouco de dor ou algo assim , provavelm ente a porcaria que com i em Taco Hell a cam inho de casa. Estou perfeito.

Porém , o hom em estava pálido e doente. Entraram na garagem e se aproxim aram do Volvo.

— Fiz com que Wellsie levasse o Range Rover esta noite. — disse Tohr quando abordaram o carro dela — Fiz com que lhe pusessem as correntes para que ela o usasse, odeio que dirij a na neve. — parecia falar por falar, com palavras rápidas, apressadas — Ela pensa que sou superprotetor.

— *Está seguro que quer que saiamos?* — escreveu John — *Parece doente.*

Tohr hesitou antes de ligar o carro, todo o tem po m assageando o peito sob a j aqueta de couro.

— Claro que não, estarei bem , não é grande coisa.

Butch olhou Havers trabalhar em Phury, as m ãos do doutor eram estáveis e seguras enquanto lhe tiravam as bandagens.

Phury não estava realm ente encantado com seu papel de paciente, sentado sobre um a m esa de exam e sem cam isa, seu enorm e corpo dom inava o pequeno espaço. Franzia o cenho com o um ogro tirado de um conto dos Irm ãos Grim m .

— Isto não está curando com o deveria. — disse Havers — Diz que lhe feriram a noite de ontem , certo? Então, tudo isto deveria estar coberto por um a m alha de cicatrização, entretanto, apenas esta se fechando.

Butch lançou a Phury o velho *“eu não disse”* .

O irm ão lhe respondeu com *“morda-me”* , então m urm urou:

— Está perfeito.

— Não senhor, não está. Quando foi a últim a vez que te alim entou?

— Não sei, faz tem po. — Phury esticou o pescoço e olhou a ferida. Franziu o cenho, com o se estivesse surpreso pela m á aparência.

— Tem que te alim entar. — o doutor rasgou um pacote de gaze e cobriu a ferida, as fixando com um a atadura em seu lugar.

— Deveria fazê-lo esta noite. — disse.

Havers tirou as luvas, j ogou-as em um contêiner de m aterial biológico e fez um a anotação na ficha. Duvidou ao chegar à porta.

— Há alguém a quem poderia visitar agora?

Phury sacudiu a cabeça, depois vestiu a cam isa.

— Procurarei. Obrigado, doutor.

Quando estavam sozinhos, Butch disse:

— Aonde te levo, grandalhão?

— Ao centro, é hora de caçar.

— Sim , claro, j á escutou ao hom em com o estetoscópio ou pensa que estava brincando?

Phury saltou da m esa de exam e, suas gastas botas aterrissaram com um a pequena explosão. Girou para recolher sua porta-adaga.

— Olhe, policial, leva tem po encontrar alguém da qual m e alim entar, por que eu não… Por m inha m aneira de ser, só vou a certas m ulheres e preciso falar

com elas prim eiro, você sabe, ver se realm ente querem deixar que m e aproxim e

de suas veias. O celibato é com plicado.

— Faz essas ligações, não está preparado para lutar e sabe.

— Então, m e use.

Butch e Phury viraram para o m arco da porta, Bela estava de pé ali.

— Não tinha a intenção de espiar, a porta estava aberta, só cam inhava por

aqui. Meu ah… Irm ão, só deixe-o ir.

Butch olhou Phury, o hom em parecia congelado.

— O que m udou? — perguntou Phury com voz rouca.

— Nada, ainda quero te aj udar, assim te dou outra oportunidade de aceitar.

— Não teria passado por isso faz doze horas.

— O teria feito, você foi quem disse não.

— Teria chorado por todo o assunto.

Uau! Esta situação estava ficando pessoal.

Butch se dirigiu à porta.

— Espero lá fora.

— Espere, policial. — disse Phury — Caso não se im porte.

Butch am aldiçoou e olhou ao redor. Havia um a cadeira perto da saída, deixou

cair o traseiro nela e quis ser um obj eto inanim ado.

— Zsadist sabe…

Bela cortou a pergunta.

— Trata-se de você, não dele.

Houve um longo silêncio e o ar se encheu de um arom a parecido às escuras especiarias. Que em anava do corpo de Phury.

Com o se a fragrância fosse algum tipo de resposta, Bela entrou na sala fechou a porta e com eçou a enrolar a m anga.

Butch olhou Phury e viu que o tipo trem ia, seus olhos brilhavam com o o sol, seu corpo… Bem , ele obviam ente havia despertado, pondo-se assim .

Ok, hora de partir…

— Policial, preciso que fique enquanto o faço. — a voz de Phury m ais parecia um grunhido.

Butch gem eu, sabia condenadam ente bem por que o irm ão não queria ficar só com aquela fêm ea. Em anava tanto calor erótico com o um garanhão.

— Butch?

— Sim , ficarei. — em bora isso não significasse que olharia, de m aneira nenhum a, por algum a razão, queria estar na linha de quarenta e cinco m etros de

distancia enquanto Phury tivesse sexo.

Com um a m aldição se apoiou nos j oelhos, colocou as m ãos na testa e se obrigou a observar fixam ente seus m ocasines Ferragam os.

Houve um som rasgado, com o se o papel da m esa de exam e se m ovesse

porque alguém se levantava, depois o sussurro de um tecido.

Merda. Tinha que olhar.

Butch deu um a olhadinha e depois não pôde tirar os olhos de cim a deles, nem para salvar sua vida. Bela se encontrava sobre a m aca, as pernas penduravam de um lado, a palm a da m ão exposta sobre sua coxa. Phury a olhava fixam ente, com fom e e horror, o m aldito am or em seu rosto, deixou-se cair sobre seus j oelhos ante ela. Com as m ãos trem entes, tom ou seu antebraço e a m ão e desnudou suas presas. As condenadas coisas eram enorm es agora, suficientem ente grandes para lhe im pedir de fechar a boca.

Com um gem ido, baixou a cabeça até o braço de Bela. Ela se retorceu quando ele a tocou. Mas, seus olhos se m antiveram fixos na parede. Então, Phury se afastou, deixando-a enquanto seu olhar a buscava.

Isso foi rápido.

— Por que se deteve?

— Porque está…

Phury olhou a Butch. Que se averm elhou e olhou abaixo a seus m ocasins outra vez.

O Irm ão m urm urou:

— Menstruou?

Butch se agitou. *Oh, sim.* Estava ficado difícil.

— Bela, poderia estar grávida? — *Santo Deus.* Isso era realm ente difícil.

— Posso deixá-los sozinhos? — perguntou Butch, esperando que o expulsasse.

Quando am bos o negaram , voltou o olhar de novo a seus sapatos.

— Não acredito. — disse Bela — Eu realm ente não… Você sabe, acredito…

Tenho… Cólicas, concorda? Depois, sagrarei e tudo se acaba.

— Havers deveria te exam inar.

— Vai beber ou não?

Mais silêncio. Então, outro gem ido. Seguido de um gem ido baixo.

Butch deu um a olhada. Phury sustentava o pulso de Bela, seu m agro braço sepultado na prisão de seu corpo enquanto ele bebia com sorvos ávidos. Bela o olhava. Um instante depois, ela levantou a outra m ão e a colocou sobre o m ulticolorido cabelo dele. Seu toque era terno. As lágrim as brilhavam em seus olhos...

Butch levantou da cadeira e saiu pela porta, escapando. Deixando-os sozinhos.

A triste intim idade do que ocorria entre eles devia ocorrer em privacidade.

Fora do quarto, deixou-se cair contra a parede, de algum m odo ainda se sentia preso ao dram a, m esm o não estando m ais lá.

— Olá, Butch.

Procurou com a cabeça ao redor. Marissa estava no outro extrem o do corredor.

Por Deus!

Quando avançou para ele pôde cheirá-la, aquele arom a lim po do oceano que penetrava em seu nariz, no cérebro, em seu sangue. Tinha um penteado alto e vestiu um vestido am arelo im pério.

Jesus.… As loiras, em sua m aior parte, pareciam m oribundas com essa cor.

Ela estava radiante.

Clareou a garganta.

— Oi, Marissa. Com o vai? Parece bem .

— Obrigado. — estava fantástica, m as teria m uito cuidado para não dizer algo assim .

Homem, é como ser apunhalado, pensou. Sim … Olhar a esta m ulher e ter seis polegadas de aço cravadas no peito era só as duas caras da m esm a desgraçada m oeda.

Merda. Tudo o que podia ver era ela entrando no Bentley com aquele hom em .

— Com o está? — perguntou ela.

Com o ele tinha estado? Com o um lunático idiota durante os cinco m eses passados.

— Bem , realm ente bem .

— Butch, eu…

Ele lhe sorriu e se endireitou.

— Você m e faria um favor? Vou esperar no carro, diria isso a Phury quando

ele sair? Obrigado. — alisou a gravata, abotôo a j aqueta de seu traj e e recolheu

seu casaco — Cuide-se, Marissa.

Foi direto ao elevador.

— Butch, espere…

Deus o aj udasse, seus pés se detiveram .

— Com o está? — disse.

Considerou virar-se, m as se negava a ver-se envolvido.

— Com o disse Jim m y Dandy, obrigado por perguntar, te cuide, Marissa.

Merda. Não havia dito isso, ou sim ?

— Eu gostaria de… — deixou de falar — Ligará-m e? Algum a vez?

Sua cabeça deu voltas, *Maria doce mãe de Deus.*… Era tão bonita, tipo Grace

Kelly, com seu acento vitoriano e suas m aneiras gentis o fazia sentir-se com o um

com pleto derrotado. Todo um em busteiro balbuciante vestido com roupas caras.

— Butch? Possivelm ente poderia m e ligar?

— Por que o faria?

Ela se ruborizou incom odada.

—Esperava que…

— Que esperava?

— Que possivelm ente…

— O que?

— Que poderia m e ligar. Se tivesse tido tem po teria vindo… Ligado.

Cristo, j á o tinha feito e ela se negou a vê-lo. Não havia m aneira de que voluntariam ente se colocasse em curso de colisão com seu ego. Esta m ulher, fêm ea… O que fosse… Era totalm ente capaz de lhe chutar o traseiro e ele não queria m ais esse tipo de m au trato, m uito obrigado. Além disso, o Sr. Bentley estava exibindo-se na porta traseira.

Com esse pensam ento, um a parte diabólica e m uito m asculina dele se perguntou se seguia sendo a virgem intacta que era quando a conheceu no com eço do verão. Provavelm ente não. E, m esm o que continuasse sendo tím ida, durante o tem po que ficou longe de Wrath devia ter conquistado um am ante.

Dem ônios, sabia de prim eira m ão o tipo de beij os que essa m ulher podia dar.

Tinha-o deixado chorando sobre um a cadeira, tão quebrado. Tão, sim …

Definitivam ente tinha encontrado a um hom em . Talvez um a parelha e só queria lhe ensinar o cam inho do inferno.

Quando ela abriu o casulo perfeito e rosado de seus lábios outra vez, ele a cortou.

— Não vou te ligar, m as realm ente acredito no que disse, espero que…

Cuide-te.

De acordo, tinha usado três vezes a m esm a frase, precisava colocar-se a cam inho antes que o fizesse um a quarta.

Butch deu um grande passo ao elevador, por algum m ilagre a coisa se abriu assim que ele apertou o botão, entrou nele e m anteve os olhos longe dela.

Quando as com portas se fecharam , pensou que possivelm ente ela houvesse dito seu nom e pela últim a vez, m as conhecendo-se sabia que só tinha im aginado.

Realm ente desej ava que ela…

Cale-te, OŃeal, só te cale e a deixe.

Quando atravessou de um a pernada a porta da clínica, cam inhava tão rápido que virtualm ente corria.

CAPÍTULO XLIII

Zsadist rastreou o solitário lesser no labirinto de becos do centro da cidade. O assassino se m ovia rapidam ente na neve, alerta, explorando, procurando à presa entre as pessoas que estavam dispersas no balcão do frio clube.

Atrás dele, Z era rápido sobre o terreno, ficando perto, m as não m uito. A alvorada chegava rápida e com força, e em bora despontasse a borda do alvorecer agora m esm o, queria m atá-lo. Tudo o que precisava era afastar ao assassino dos introm etidos olhos hum anos…

O m om ento chegou quando o lesser dim inuiu a m archa e considerou a intercessão da Rua Oito e a Com ercial. Um a pausa, um debate interno entre ir à esquerda ou à direita.

Zsadist golpeou rápido, m aterializando-se diretam ente atrás do assassino,

pondo o braço ao redor do pescoço do bastardo, e puxando ele para a escuridão.

O lesser agüentou, e a luta soava com o bandeiras agitadas pelo vento, com o dois

m achos sacudindo-se, j aquetas e calças sacudindo-se no ar frio. O lesser estava no chão em pouco tem po, Z exam inou seus olhos quando levantou a adaga. Inundou a lâm ina negra em seu grosso peito. A m úsica pop e a labareda se desvaneceram rapidam ente.

Quando Z se levantou, não havia nenhum a satisfação. Estava em um estado violento de piloto autom ático. Preparado, com placente, e capaz de m atar, m as m ovendo-se com o em um sonho.

Bela era tudo o que estava em sua m ente. Realm ente, era m ais profundo. A ausência dela era um peso tangível em seu corpo: sentia falta dela com um tipo de desespero.

Ah, sim. Então, os rum ores eram verdadeiros. Um m acho vinculado sem sua fêm ea poderia m orrer. Tinha ouvido toda sorte de lendas antes e nunca acreditou. Agora, vivia a verdade im plícita.

Seu celular tocou e respondeu autom aticam ente, porque era o que fazia desde que ela partiu. Não tinha nenhum interesse em saber quem era que estava do outro lado da linha.

— Z, m eu am igo. — disse Vishous — Recebi um a m ensagem realm ente estranha no correio de voz. Um tipo que quer falar contigo.

— Falar com igo, disse m eu nom e?

— Realm ente, era um pouco difícil de seguir porque foi tão vago, m as m encionou sua cicatriz.

O irm ão de Bela? Perguntou-se Z. Em bora agora que ela havia saído pelo m undo, sobre o que teria para falar com aquele m acho?

Bem … Além disso, e do fato que sua irm ã tinha sido atendida em sua necessidade e não houvesse nenhum a cerim ônia de acoplam ento no calendário.

Sim , o irm ão ficou zangado.

— Qual é o núm ero?

Vishous recitou os dígitos.

— E, disse que seu nom e era Orm ond.

Recordou que o nom e do irm ão m ais velho de Bela não era esse.

— Orm ond? É um nom e hum ano.

— Não posso te dizer. Terá que tom ar cuidado.

Z desligou, digitou devagar, esperando ter conseguido m arcar bem os núm eros.

Quando a cham ada foi respondida, não houve um olá do outro lado da linha.

Apenas um a voz grave que disse:

— Fora de m inha rede e indetectável. Então, você deve ser o Irm ão.

— E, você é?

— Quero te conhecer pessoalm ente.

— Sinto m uito, eu sou contra encontros.

— Sim , posso im aginar que com essa cara não tem m uita sorte. Mas, não te quero para sexo.

— Sinto-m e aliviado. Agora, quem droga é?

— Meu nom e é David. Soou o sino?

A fúria nublou a visão de Z até que tudo o que viu eram as m arcas no estom ago de Bela. Apertou o telefone até que só ouviu o chiar do aparado, que era im petuoso.

Forçando sua voz a um a pronúncia lenta, disse:

— Não, Davy. Mas, refresque m inha m em ória.

— Pegou algo que é m eu.

— Roubei sua carteira? Eu recordaria.

— Minha m ulher! — gritou o lesser.

Cada instinto no corpo de Z disparou im ediatam ente, e não havia nenhum a reserva no grunhido que saiu de sua boca. Afastou o telefone para longe de seu rosto até que o som se apagou.

— …m uito perto da alvorada.

— O que aconteceu? — disse Z com um fio de repugnância — Maldita conexão.

— Pensa que isto é um a m aldita brincadeira? — cuspiu o lesser.

— Calm a aí se não quiser ter um a em bolia.

O assassino ofegou com fúria, m as conseguiu controlar-se.

— Quero te encontrar ao anoitecer. Tem os m uita terra para cobrir, você e eu, e não quero ser apressado pela alvorada. Além disso, estive ocupado nas últim as horas e preciso de um descanso. Fiquei com um a de suas fêm eas, um a ruiva bonita. Até arrebentá-la era boa.

Agora o grunhido de Z chegou ao telefone. O assassino riu.

— Vocês, os Irm ãos são tão protetores, até você. Bom , há lógica nisso.

Consegui outra. Outra fêm ea. Persuadi-lhe para que m e desse o num ero onde te encontrar. Ela é realm ente a próxim a. Um a pequena loira bonitinha, tam bém .

A m ão de Z alcançou a m anga de sua adaga.

— Onde quer que te encontre?

Houve um a pausa.

— Prim eiro os term os. Naturalm ente, quero que venha sozinho, e aqui está com o vam os nos assegurar que isto aconteça. — Z ouviu um gem ido fem inino de fundo — Se qualquer um de m eus sócios ver os seus Irm ãos ao redor, cortam -na.

Só levará um a cham ada telefônica. E, eles o farão devagar.

Zsadist fechou seus olhos. Ele havia sentido a m orte, o sofrim ento e a dor. A própria e a dos outros. Essa… Pobre m ulher.

— Onde?

— As seis em ponto no The Rocky Horror Picture Show no Lucas Square.

Sente-se de costas. Encontrarei você.

O telefone ficou m orto, e voltou a tocar im ediatam ente.

Agora a voz de V era estrangulada.

— Tem os um problem a. O irm ão de Bela encontrou Wellsie com um disparo na entrada da casa. Vêm para casa, Z. Agora m esm o.

John olhou m ais à frente do escritório quando Tohr desligou o telefone. As m ãos do hom em sacudiam o receptor.

— Ela provavelm ente esqueceu de ligar o celular. Os lesser tentaram entrar na casa outra vez. — Tohr discou outra vez. Marcando rapidam ente. Equivocou-se e teve que voltar a com eçar. E, em todo m om ento roçava o centro de seu peito, sobre sua cam isa.

Tohr olhava fixam ente ao vazio, congelado quando o telefone da casa tocou, John ouviu passos que desciam ao escritório. Um sentim ento horrível passou por ele com o um a febre, deu um a olhada à porta, logo voltou seus olhos a Tohr outra vez.

Tohr obviam ente ouviu os passos, tam bém . Com m ovim entos lentos, deixou cair o receptor sobre a escrivaninha, o som da linha aberta se ouviu no quarto.

Seus olhos fixos na porta, suas m ãos agarravam fortem ente os braços da cadeira.

Quando tudo a seu redor rodou, a secretária eletrônica saltou e o som da voz de Wellsie saiu do receptor:

— *Olá, somos Wellsie e Tohr. Não podemos atender ao telefone no momento…*

Cada um dos Irm ãos estava no corredor. E, Wrath estava diante deles im placável, era um grupo silencioso.

Houve um ruído e John olhou para trás, a Tohr. O hom em ficou em pé e tropeçou com a cadeira. Trem ia da cabeça aos pés, suor descia de sua cam isa com o grandes rem endos até em baixo de seus braços.

— Meu Irm ão. — disse Wrath. Havia um tom indefeso em sua voz, totalm ente em desacordo com sua cara feroz. E, aquela im potência era aterradora.

Tohr gem eu e agarrou seu peito, esfregando-o rapidam ente, desesperado.

— Você… Não pode estar aqui. Não vocês. —ele levantou um a m ão com o se em purrasse todos eles para longe e logo se sustentou — Deviam estar em qualquer lugar, m enos aqui. — bateu contra um gabinete do arquivo — Wrath, não… Meu senhor, por favor, não a… Ah, Deus. Não diga. Não diga...

— Eu sinto…

Tohr com eçou a balançar-se de frente para trás, abraçando-se com o se fosse vom itar. Seu fôlego era fraco e tão rápido que com eçou a soluçar, e não parecia exalar, absolutam ente.

John se pôs a chorar.

Não disse nada. Mas, a realidade e o horror eram m uito difíceis de agüentar.

Deixou cair sua cabeça em suas m ãos, e tudo no que podia pensar era em

Wellsie apoiada na entrada com o em qualquer outro dia.

Quando um a m ão grande o puxou da cadeira e foi sustentado contra um

peito, ele pensou que era um dos Irm ãos. Mas, era Tohr. Tohr o sustentava com

força.

O m acho com eçou a m urm urar com o um enlouquecido, com palavras

rápidas e incom preensíveis até que elas finalm ente se fundiram em um a espécie

de transe.

— Por que não m e cham ou? Por que não fez com que Havers m e ligasse?

Deveria ter m e cham ado… Ah, Deus, o bebê… Eu sabia que não deveria ter…

Engravidado.

Abruptam ente, tudo m udou no quarto, com o se alguém tivesse aum entado a

luz ou talvez a tem peratura. John sentiu a m udança, prim eiro ar, e logo as

palavras de Tohr m orreram quando ele obviam ente tam bém sentiu.

Os braços de Tohr se soltaram .

— Wrath? Isto é… O bebê, verdade?

— Tire o m oço daqui.

John sacudiu a cabeça e se agarrou à cintura de Tohr com um forte apertão.

— Com o ela m orreu, Wrath? — a voz de Tohrm ent foi term inante e suas

m ãos se separaram de John — Diga-m e isso agora. Tenho direito.

— Tire o m enino daqui. — ladrou Wrath a Phury.

John lutou quando Phury o agarrou pela cintura e o levantou. Ao m esm o tem po, Vishous e Rhage se colocaram em am bos os lados de Tohr. A porta se fechou.

Fora do escritório, Phury pousou John e o reteve no lugar. Houve um m om ento ou dois de silêncio… E, logo um grito cru rom peu o ar com o se o oxigênio fosse sólido.

A explosão de energia que se seguiu era tão forte que quebrou a porta de vidro. Os pedaços se estilhaçaram e voaram enquanto Phury abrigava John da m etralha.

Um a atrás da outra em am bas as direções do corredor, as luzes fluorescentes do teto explodiram , cintilando brilhantes e deixando serpentinas de faíscas correndo das instalações. A energia vibrou pelo chão de concreto, e pelas gretas das paredes.

Pela porta quebrada, John viu um redem oinho no escritório, os Irm ãos recuavam ante ele, com as m ãos diante de seus rostos. Os m óveis saíram voando ao redor de um buraco negro no centro do quarto, um que tinha vagam ente a form a da cabeça e do corpo de Tohr.

Houve outro uivo sobrenatural e logo o vazio m anchado de tinta desapareceu,

o m obiliário estrelava, o trem or no chão cessou. Os papéis revoaram brandam ente sobre o caos com o a neve sobre um acidente de trânsito.

Tohrm ent se fora.

John se soltou das m ãos de Phury e entrou correndo no escritório. Os Irm ãos o olhavam , ele gritava com a boca aberta sem articular sons:

— *Pai... Pai... Pai!*

CAPÍTULO XLIV

Alguns dias eram eternos, pensou Phury m ais tarde. E, quando o sol se pôs, não havia nenhum final para ele.

Quando as venezianas se levantaram pela tarde, ele sentou em um sofá com prido e fino e olhou através do escritório de Wrath a Zsadist. Os outros Irm ãos estavam tão m udos com o ele.

Z acabava de deixar cair outra bom ba no que j á era um a zona de guerra. Prim eiro, foi Tohr, Wellsie, e um a fêm ea j ovem . Agora isto.

— Jesus, Z… — Wrath esfregou seus olhos e sacudiu a cabeça. — Não pensou em m encioná-lo antes?

— Tivem os outra m erda com que tratar. Além disso, eu m e encontrarei com o assassino só, aconteça o que acontecer. Não é realm ente um a discussão.

— Z, hom em … Não posso te deixar fazer isto.

Phury se preparou para a reação de seu gêm eo. Com o fizeram os outros no quarto. Estavam todos esgotados, m as sabendo disso Z, teria bastante bom senso

para deixar-se golpear.

O irm ão só encolheu os om bros.

— O lesser m e quer, e devo tom ar cuidado com ele. *Por Bela. Pelo Tohr.*

Além disso, está com um a fêm ea com o refém . Tenho que ir, além disso o

respaldo não é um a opção.

— Irm ão, está cam inhando para sua tum ba.

— Então, farei um inferno e m uito estrago antes que eles m e apanhem .

Wrath cruzou seus braços sobre seu peito.

— Não, Z, não posso te deixar ir.

— Matarão a fêm ea.

— Há outro m odo de resolver isso. Só tem os que encontrar qual é.

Houve um a pausa com o um batim ento de coração. Então, Z disse:

— Quero cada um de vocês fora do quarto, então poderei falar com Wrath.

Exceto você, Phury. Você fica.

Butch, Vishous e Rhage se olharam uns aos outros, logo enfocaram ao Rei.

Quando ele assentiu com a cabeça, partiram .

Z fechou a porta atrás deles e ficou com as costas apoiadas nela.

— Não pode m e deter. Sou o *ahvenging* de m inha *shellan*. Sou o *ahvenging* da

shellan de m eu irm ão. Não tem nenhum direito de m e deter. É m eu direito com o

guerreiro.

Wrath blasfem ou.

— Nunca em pareaste.

— Não preciso de um a cerim ônia para saber que é m inha *shellan*.

— Z…

— E, Tohr? Diz que ele não é m eu irm ão? Você estava aqui na noite que m e trouxeram para a Irm andade da Adaga Negra. Sabe que Tohrm ent é carne de m inha carne. Possuo o direito de *ahvenge* tam bém .

Wrath se apoiou contra sua cadeira, seu peso a fez ranger em protesto.

— Cristo, Zsadist, não digo que não possa ir. Só quero que não vá sozinho.

Phury olhava daqui para lá entre os dois. Nunca tinha visto Zsadist com tal calm a. Seu irm ão estava enfocado no que desej ava, seus olhos perspicazes e com um propósito m ortal. Se não fosse tão horripilante, seria notável.

— Não escrevi as regras deste guia. — disse Z.

— Morrerá se for atrás ele.

— Bem … De certo m odo, estou preparado.

Phury sentiu que sua pele se esticava por toda parte.

— Perdoe-m e? — assobiou Wrath.

Z se afastou da porta e cam inhou pelo elegante escritório francês. Parou diante do fogo, e as cham as ricochetearam em seu rosto arruinado.

— Estou preparado para term inar com isto.

— Que dem ônios diz?

— Quero ir pegá-lo, quero capturar a este lesser para m im e quando o fizer, haverá verdadeiras labaredas de glória. Explodirem os em cham as com a m inha energia.

A boca de Wrath se abriu.

— Pede-m e perm issão para suicidar-se?

A cabeça de Z foi daqui para lá.

— Não, porque a m enos que m e prenda, não vai im pedir-m e que vá ao cinem a esta noite. O que quero é que te assegure de que ele não faça m al a ninguém m ais. Quero que m ande aos outros, sobre tudo a ele, — Z olhava intencionalm ente a Phury — para longe.

Wrath tirou as lentes de sol e esfregou seus olhos outra vez. Quando elevou a vista, suas íris verdes pálidas brilhavam com o lanternas em seu rosto.

— Já houve m uitas m ortes na Irm andade. Não faça isto.

— Tenho que ir. Vou. Som ente ordene aos outros que se afastem .

Fez-se um longo silêncio, tenso. Então, Wrath deu a única resposta que podia.

— Assim será.

Com as rodas postas em m ovim ento para a m orte de Z, Phury se inclinou e pôs seus cotovelos sobre os j oelhos. Ele pensou no gosto do sangue de Bela, e a especiaria m uito especial que sua língua tinha descoberto.

— Sinto m uito.

Quando sentiu que Wrath e Z reparavam nele, deu-se conta que tinha falado

em voz alta. Ficou de pé.

— Sinto m uito, m e dão licença?

Zsadist franziu o cenho.

— Espere. Necessito algo de você.

Phury contem plou o rosto de seu gêm eo, rem ontando a cicatriz que o cruzava, absorvendo os m atizes de um m odo que nunca havia feito.

— Diga.

— Prom eta-m e que não deixará a Irm andade depois de que eu saia. — Z assinalou a Wrath — E, faz isso sobre seu anel.

— Por quê?

— Só faz isso.

Phury franziu o cenho.

— Por quê?

— Não quero que fique só.

Phury olhou fixam ente e por m uito tem po a Z, pensando nas vidas de am bos. Am igo, eles *realmente* tinham sido am aldiçoados, em bora o porquê disso lhe fosse totalm ente desconhecido. Talvez fosse m á sorte, em bora gostasse de pensar que havia um a razão.

Lógica… A lógica era m elhor que o destino caprichoso que o atorm entava com força.

— Bebi dela. — disse ele repentinam ente — De Bela. Bebi a noite passada quando fui ver o Havers. Ainda tem vontade de que alguém m e vigie?

Zsadist fechou os olhos. Com o um esboço frio, um a onda de desespero saiu dele e passou pelo quarto.

— Alegro-m e que o tenha feito. Agora, vai m e dar sua palavra?

— Venha, Z…

— Tudo o que quero é sua prom essa. Nada m ais.

— Seguro. Nada m ais.

Cristo, bom.

Phury , derrotado, foi para Wrath, dobrando o j oelho, inclinou-se sobre o anel do rei. Na Velha Língua, disse:

— Enquanto respire, perm anecerei dentro da Irm andade. Hum ildem ente ofereço este voto, que pode ser aceitável para seus ouvidos, m eu senhor.

— É aceitável. — Wrath respondeu — Oferece seus lábios ao anel e sela as palavras sobre sua honra.

Phury beij ou o diam ante negro do Rei e se levantou outra vez.

— Agora, se o dram a term inou, vou-m e daqui.

Quando chegou à porta, parou e olhou para trás ao rosto de Wrath.

— Algum a vez disse o quanto estou honrado de te servir?

Wrath retrocedeu um pouco.

— Ah, não, m as…

— Realm ente foi um a honra. — quando os olhos do Rei se estreitaram , Phury sorriu um pouco — Não sei por que de repente m e veio à cabeça.

Provavelm ente em vista de m e prostrar aos seus pés j usto agora.

Phury partiu e se alegrou quando viu Vishous e Buth fora do escritório.

— Ouçam -m e, m oços. — tocou-lhes brevem ente nos om bros — São um verdadeiro par, vocês sabem ? Nosso gênio residente e um tubarão hum ano j untos. O que lhes parece? — enquanto o olharam de um a m aneira estranha, perguntou — Rhage está em seu quarto?

Quando assentiram , aproxim ou-se e bateu na porta de Holly wood. Rhage respondeu e Phury sorriu, pôs sua m ão naquele grosso trinco.

— Ouça, irm ão.

Devia de ter feito um a pausa m uito longa, porque os olhos de Rhage se tornaram perspicazes.

— O que aconteceu, Phury ?

— Nada. — deixou cair sua m ão — Só passava por aqui. Tom e cuidado com sua fêm ea, entende-m e? Afortunado, afortunado… É um m acho afortunado, m uito afortunado. É tarde.

Phury foi para seu quarto, desej ando que Tohr estivesse perto… Desej ava saber onde estava seu irm ão. Enquanto se lam entava pelo m acho, se arm ou, então verificou o corredor. Podia ouvir a Irm andade que falava no escritório de Wrath.

Evitando-os se desm aterializou no corredor de estátuas e entrou no quarto contíguo ao de Zsadist. Depois de fechar a porta, dirigiu-se ao banheiro e acendeu a luz. Contem plou seu reflexo no espelho.

Desem bainhando um a de suas adagas, agarrou um a parte grossa de seu cabelo e pegou a faca, cortando as ondas. Fez isto repetidas vezes, deixando que o cabelo verm elho, loiro e castanho cobrisse o piso. Quando só restou aproxim adam ente um a polegada de com prim ento em toda a cabeça, pegou um a lata de espum a de barbear, ensabôo sua cabeça, e pegou um a navalha de barbear debaixo do lavabo.

Quando ficou careca lim pou os resíduos de seu couro cabeludo e de sua cam isa. Picava-lhe o pescoço pelo cabelo que havia caído, sentia sua cabeça m uito leve. Esfregou sua m ão sobre seu couro cabeludo, apoiando-se no espelho, e se *olhou*.

Então, pegou a adaga e pôs a ponta em sua testa.

Com m ão trêm ula, desenhou com a faca para baixo do centro do rosto, term inando com um S a curva em seu lábio superior. O sangue em anou e gotej ou. O lim pou com um a toalha branca.

Zsadist se arm ou com cuidado. Quando estava preparado cam inhou para seu arm ário. O dorm itório estava às escuras, e andava por hábito m ais que por ver

algo, dirigindo-se para o fundo, ao banheiro. Foi ao lavabo, e se inclinou sobre a água que se precipitava, em balou a corrente fria em suas m ãos. Salpicou seu rosto e esfregou os olhos. Bebeu um pouco com as m ãos.

Quando estava se secando, sentiu que Phury entrava no dorm itório e se m ovia a seu redor, em bora não pudesse ver o m acho.

— Phury … Ia te ver antes de partir.

Com a toalha sob seu queixo, Z olhou seu reflexo no espelho, vendo seus novos olhos am arelos. Pensou em sua vida e soube que a m aior parte dela era um a m erda. Mas, havia duas coisas que não o eram . Um a fêm ea. E, um m acho.

— Am o você. — disse com um a voz áspera, com preendendo que era a prim eira vez que havia dito estas palavras a seu gêm eo — Só precisava dizer isto.

Phury cam inhou para ele.

Z retrocedeu com horror ante o reflexo de seu gêm eo. Sem cabelo. Com um a cicatriz em seu rosto. Olhos planos e sem vida.

— *Oh, Doce Virgem.* — respirou Z — Que *merda* você fez…?

— Eu tam bém te am o, irm ão. — Phury levantou seu braço. Em sua m ão havia um a seringa de inj eção hipodérm ica, um dos dois tinha sido abandonado por Bela — E, você tem que viver.

Zsadist virou-se e viu com o o braço de seu gêm eo se balançava para baixo. A agulha cravou no pescoço de Z e ele sentiu que a m orfina ia diretam ente a sua

j ugular. Gritando, agarrou Phury pelos om bros. Quando a droga com eçou a surtir

efeito, ele cedeu e com alívio, caiu ao chão.

Phury se aj oelhou a seu lado e acariciou seu rosto.

— Só tenho a você para viver. Se m orrer, não tenho nada. Estou

com pletam ente perdido. E, você é necessário aqui.

Zsadist tentou estender a m ão, m as não pôde levantar os braços quando Phury se levantou.

— Deus, Z, sigo pensando que nossa tragédia vai term inar. Mas, não se acaba, verdade?

Zsadist desm aiou com o som das botas de seu gêm eo que saiam do quarto.

CAPÍTULO XLV

John estava deitado na cam a, enroscado de lado, olhando fixam ente a escuridão. O quarto que lhe deram na m ansão da Irm andade era luxuoso, anônim o e não o fazia sentir-se nem m elhor nem pior.

Em algum lugar no canto, ouviu o soar do relógio um a vez, duas vezes, três vezes... Seguiu contando os tons baixos, rítm icos até que conseguiu chegar a seis.

Virando-se sobre suas costas, considerou o fato que em outras seis horas seria o *princípio* de um novo dia. Meia-noite. Já não seria terça-feira, seria quarta-feira.

Pensou nos dias, sem anas, m eses e anos de sua vida, tem po que necessitaria para ter experiência e, portanto poder orientar a m issão de seu cam inho.

Quão arbitrária era esta diferença de tem po. Com o hum anos e vam piros, para ter que reduzir o infinito em algo que eles pudessem acreditar que controlavam .

Que sandice. Você nunca controlou nada em sua vida. E, tam pouco na deles.

Deus, se houvesse um modo de fazer isto. Ou ao menos fosse capaz de voltar e fazer algumas coisas. Que m aravilhoso seria se pudesse bater um botão de rebobinar e logo se corrigisse o inferno do dia anterior. Deste m odo não se sentiria com o se sentia agora.

Gem eu e virou-se sobre seu estôm ago. Esta dor era… Incom parável, um a revelação do pior tipo.

Seu desespero parecia um a enferm idade, afetando seu corpo inteiro, fazendo-o trem er em bora não tivesse frio, sacudindo seu estôm ago em bora estivesse vazio, fazendo florescer a dor em suas articulações e peito. Nunca tinha pensado que a devastação em ocional era um a aflição, pior ainda, e sabia que ficaria doente um tem po.

Deus… Deveria ter ido com Wellsie, em vez de ficar em casa para estudar tática. Se estivesse naquele carro, talvez pudesse ter lhe salvado… Ou talvez estivesse m orto tam bém ?

Bom , seria m elhor que esta existência. Inclusive se não houvesse nada em sua vida futura, até se só desm aiasse, certam ente seria m elhor que isto.

Wellsie… Morta, *morta.* Seu corpo, eram cinzas. Isso, John tinha ouvido por acaso, Vishous tinha posto sua m ão direita sobre ela no local e logo tinha pego o que restara. Um a cerim ônia form al seria realizada, porém ninguém poderia realizá-la sem Tohr.

E, Tohr tam bém se foi. Desapareceu. Possivelm ente estava m orto? A

alvorada estava próxim a quando partiu… De fato, talvez esse fosse o ponto. Talvez tivesse saído correndo à luz para poder ir com o espírito de Wellsie.

Partir, partir… Todos pareciam partir.

Sarelle… Perdida para os lessers tam bém . Perdida antes que ele realm ente a conhecesse. Zsadist ia tentar recuperá-la, m as quem sabe o que aconteceria?

John im aginou o rosto de Wellsie, seu cabelo verm elho e seu pequeno ventre arredondado. Ele viu o rosto de Tohr, seus olhos azuis m arinhos e seus am plos om bros no couro negro. Im aginou Sarelle estudando m inuciosam ente aqueles velhos textos, suas letras m aiúsculas, seu cabelo loiro, com prido, suas m ãos passando as páginas.

A tentação de com eçar a chorar outra vez, aum entou, John se sentou rapidam ente, freando o im pulso. *O pranto.* Não choraria outra vez por ninguém .

As lágrim as eram com pletam ente inúteis, um a debilidade indigna de suas lem branças.

A força seria sua oferenda. O im pulso, seu elogio. A vingança, a prece em suas tum bas.

John saiu da cam a, usou o banheiro, logo se vestiu, escorregando seus pés nos Nikes que Wellsie lhe tinha com prado. Em m inutos estava em baixo, passando pela porta secreta que conduzia ao túnel subterrâneo. Andava rapidam ente pelo labirinto de aço, seus olhos fixos, seus braços balançando-se com o ritm o preciso

de um soldado.

Quando cam inhava pela parte de trás do arm ário e pelo escritório de Thor, viu que a bagunça havia sido lim pa: o escritório estava de volta ao que era antes,

e a horrível cadeira verde colocada dentro. Os papéis, canetas e arquivos todos em seus lugares. Inclusive o com putador e o telefone estavam onde deviam estar, em bora am bos tivessem sido despedaçados na noite anterior. Devem ser novos...

A ordem foi restaurada, e a m entira tridim ensional trabalhou para ele.

Foi ao ginásio e acendeu as luzes da caixa do teto. Não haveria aulas hoj e devido a tudo o que tinha acontecido, e se perguntou se com Tohr desaparecido a form ação pararia totalm ente.

John cam inhou através das esteiras ao quarto de arm as, seus tênis faziam ruídos contra os resistentes forros azuis. Do gabinete de facas tirou duas adagas e logo pegou de im proviso um a cartucheira de peito suficiente pequena para ele.

Um a vez que as arm as estavam am arradas na correia, foi ao centro do ginásio.

Justo com o Tohr lhe tinha ensinado, com eçou baixando a cabeça.

E, logo m anuseou as adagas e com eçou a trabalhar com elas, vestindo-se de *cólera* contra seu inim igo, im aginando a todos os lessers que ia m atar.

Phury cam inhou pelo cinem a e sentou-se na parte de trás. O lugar estava lotado, ouviam -se conversas, casais j ovens e legiões de m oços do clube estudantil

m asculino. Ouviu vozes baixas e fortes. Escutava risadas, ouvia o desem brulhar dos caram elos sorvidos ruidosam ente e gente m ascando.

Quando o pano de fundo subiu, as luzes se atenuaram e as pessoas com eçaram a gritar.

Soube quando o lesser se aproxim ou. Poderia cheirar a doçura no ar, por cim a do arom a das pipocas de m ilho e dos perfum es de neném que em anam dos casais.

Um telefone celular apareceu diante de seu rosto.

— Pegue-o. Ponha-o em seu ouvido.

Phury o fez e ouviu fôlegos ásperos na linha.

A m ultidão no teatro gritou.

— Maldito, Janet, vam os m iserável!

A voz do lesser chegou diretam ente detrás de sua cabeça.

— Diga-lhe que vai vir com igo sem nenhum problem a. Prom eta-lhe que ela viverá porque você vai fazer o que lhe dizem . E, faça-o em português para que possa lhe entender.

Phury falou ao telefone, as palavras exatas que lhe disse o desconhecido.

Tudo o que registrou foi o fato que a fêm ea com eçou a soluçar.

O lesser pegou o telefone por detrás.

— Agora, ponha isto.

As algem as de aço passaram a seu colo. Algem ou-se e esperou.

— Vê aquela saída à direita? É aonde nos dirigim os. Você vai prim eiro, há um cam inhão esperando lá fora. Entre pela porta do passageiro. Todo o tem po estarei atrás de você com o telefone em m inha boca. Você m e ferra, ou vej o qualquer um de seus Irm ãos, e a m ato. Ah, e para sua inform ação, há um a faca em sua garganta, assim não há nenhum risco. Entendeu?

Phury assentiu com a cabeça.

— Agora, se levante e m ova-se.

Phury levantou e se dirigiu a porta. Quando cam inhava pensava que poderia sair disto vivo. Estava bem arm ado, e tinha guardado algum as arm as em vários lugares. Mas, este lesser era superior, am arando-o, segurando-o com a vida daquela fêm ea civil.

Quando Phury deu um pontapé para abrir a porta lateral do teatro, sabia sem nenhum a dúvida que ele beij aria seu traseiro antes que a noite term inasse.

Zsadist saiu, por força de vontade, estendendo a m ão pela neblina da droga e agarrando a consciência. Com um gem ido, se arrastou pelo chão de m árm ore do banheiro e pelo tapete do dorm itório. Suj eitando seu cam inho através do tapete, em purrando com seus pés, assim que teve forças para chegar à porta aberta, com vontade, se determ inou a isso.

Logo que chegou ao corredor de estátuas, tentou gritar. No princípio eram

sussurros roucos, m as então deu um grito. E, outro. *E, outro.*

Passos pesados lhe em briagaram de alívio.

Wrath e Rhage se aj oelharam j unto a ele e o recostaram . Com eçaram a lhe fazer perguntas, incapazes de seguir todas as suas palavras.

— Phury … Se foi… Phury … Se foi…

Quando seu estôm ago arqueou e deu tom bos, voltou-se de lado vom itou.

Esvaziar o estôm ago lhe aj udou, fazendo-o sentir-se um pouco m ais acordado.

— Têm que encontrá-lo…

Wrath e Rhage ainda disparavam perguntas, falando rápido, Z pensou que possivelm ente eles eram a causa do zum bido em seus ouvidos. Era isto ou sua cabeça estava a ponto de explodir.

Quando em purrou seu rosto do tapete, sua visão o fez girar, e agradeceu a Deus que a dose de m orfina tivesse sido calibrada para o peso de Bela. Por que parecia um a confusão.

Sentiu outro espasm o e vom itou outra vez, j ogando tudo sobre o tapete.

Merda.… Nunca tinha sido capaz de controlar-se drogado.

Ouviu m ais passos pelo corredor. Mais vozes. Alguém lim pando sua boca com um tecido m olhado. Fritz. Quando a garganta de Z voltou a sentir as náuseas,

em purraram -lhe um cesto de papéis sob seu rosto.

— Obrigado. — disse quando voltou a vom itar.

Com cada puxão, sua m ente voltava a si e tam bém seu corpo. Levou dois dedos para sua garganta para provocar outro vôm ito. Quanto m ais rápido a elim inasse de seu sistem a, m ais rápido poderia sair em busca de Phury.

Aquele filho da puta heróico… Deus. Ia m atar seu gêm eo, realm ente. Phury era quem devia viver.

Mas, onde infernos tinha sido levado? E, com o encontrá-lo? O cinem a era o lugar inicial, m as não ficariam ali m uito tem po.

Zsadist com eçou a arquear, porque não havia nada m ais em seu estôm ago.

Estando no m eio, o vôm ito foi a única solução que lhe veio à m ente, e quando o

fez, seu estôm ago realizou toda a m aldita droga. O cam inho de seu gêm eo violou

cada instinto que tinha.

Mais passos se ouviram abaixo no corredor. Vishous falava. Um a em ergência civil. Um a fam ília de seis, presos em sua casa, rodeada por lessers.

Z levantou a cabeça. Seu torso. Levantou-se. Com vontade, que por sua vez era a única graça que tinha, e lhe veio ao resgate outra vez. Isto tirou m ais da droga, enfocou-o, lim pou-o m elhor que os vôm itos.

— Irei pelo Phury . — disse a seus irm ãos — Vocês tom em cuidado com o trabalho.

Houve um a breve pausa. Então, Wrath disse.

— Assim sej a.

CAPÍTULO XLVI

Bela sentou em um a cadeira Louis XIV, suas pernas cruzadas nos tornozelos, suas m ãos em seu colo. Um resplendor chispou em um a lareira de m árm ore à esquerda, e havia um a taça de Conde de chá Cinza em seu colo. Marissa estava atravessada em um delicado sofá, preparando um fio de seda am arela para bordar um tecido. Não havia nenhum som nem m ovim ento.

Bela pensou que ia gritar.

Levantou-se de um salto, ativada pelo instinto. *Zsadist.*… Zsadist estava perto.

— O que é isso? — disse Marissa.

Esm urrando a porta principal ao longe parecia um tam bor, um m om ento depois Zsadist entrou no salão. Estava vestido para seu trabalho, arm as em seus quadris, adagas presas em um a correia em seu peito. O tenso *doggen* em seus calcanhares parecia terrivelm ente assustado.

— Deixem -nos. — disse a Marissa — E, leve seu criado.

Quando a fêm ea vacilou, Bela esclareceu garganta.

— Tudo bem . É… Vai.

Marissa inclinou a cabeça.

— Não estarei longe.

Bela se sustentou no lugar quando por fim saíram .

— Preciso de você. — disse Zsadist.

Ela entrecerrou seus olhos. *Deus, aquelas palavras que tinha querido ouvir.*

Que cruel que tivessem chegado tão tarde.

— Para que?

— Phury tom ou de sua veia.

— Sim .

— Preciso de você para encontrá-lo.

— Está perdido?

— Seu sangue está em suas veias. Necessito-te.

— Para encontrá-lo. Ouvi isso. Diga-m e por que. — a breve pausa que se seguiu a esfriou.

— O lesser o tem . David o tem .

O fôlego deixou seus pulm ões. Seu coração parou.

— Com o…?

— Não tenho tem po para te explicar. — Zsadist avançou, olhando-a com o se fosse pegar suas m ãos, m as então parou — *Por favor.* Você é a única que pode encontrá-lo, porque seu sangue está nele.

— É obvio… É óbvio que o encontrarei para você.

Isto era o vínculo dos laços de sangue, pensou. Ela poderia localizar Phury em toda parte porque ele se alim entou dela. E, depois que ela esteve na garganta de Zsadist, ele seria capaz de rastreá-la pela m esm a razão.

Ele pôs seu rosto diretam ente no dela.

— Quero que m e ponha a um a distância de quarenta e cinco m etros dele, não

m ais perto, entendido? E, logo se desm aterialize direto aqui.

Ela o olhou nos olhos.

— Não te defraudarei.

— Desej aria que houvesse outro m odo de encontrá-lo.

Oh, aquela dor.

—Sem dúvida o faz.

Ela deixou o salão e pegou seu casaco, logo estava de pé no vestíbulo. Fechou seus olhos e estendeu a m ão no ar, perfurando prim eiro as paredes da entrada do cam inho, depois a estrutura externa da casa de Havers. Sua m ente transcendia sobre os arbustos, a gram a, através de árvores e casas… Por carros, cam inhões e edifícios e através de parques, rios e cascatas. Mais longe ainda, às terras de lavoura e às m ontanhas…

Quando encontrou a fonte de energia de Phury, um a dor a assaltou, com o se fosse o que ele sentia. Quando se balançou, Zsadist agarrou seu braço.

Ela o separou.

— Tenho-o. Oh, Deus… É ele.

Zsadist pegou seu braço outra vez e exigiu.

— Quarenta e cinco m etros. Não m ais perto. Está claro?

— Sim . Agora vou.

Ela saiu pela porta principal, desm aterializando-se e tom ou form a a

aproxim adam ente a dezoito m etros de distância de um a pequena cabana nos bosques.

Sentiu que Zsadist a pegava pelo cotovelo.

— Vai. — assobiou — Sai daqui.

— Mas...

— Se quer aj udar, parte, assim não m e preocuparei com você. Vai.

Bela exam inou seu rosto e se desm aterializou.

Zsadist se aproxim ou furtivam ente da cabana de m adeira, agradeceu ao ar frio que lhe aj udou a lim par-se um pouco m ais da m orfina. Quando se com prim iu contra um a parede áspera, desem bainhou a adaga e olhou atentam ente em um a das j anelas. Não havia ninguém , só algo rústico, um m obiliário de m erda e um com putador.

O pânico se apoderou dele, com o um a chuva fria que corria por seu sangue.

E, logo ouviu o som … Um golpe. Então, outro.

Havia um a dependência m enor, sem j anelas, a aproxim adam ente vinte e dois m etros atrás. Correu e escutou por um a fração de segundo. Então, trocou sua

faca por um a barra e derrubou a porta.

A visão ante ele era seu próprio passado: um m acho preso a um a m esa, golpeado até ficar em carne viva. Um psicopata dem ente estava de pé sobre a vítim a.

Phury levantou seu rosto destroçado, com sangue que reluzia nos lábios inchados e seu nariz. O lesser que o golpeava com as soqueiras[26] as fazendo girar ao redor, pareceu m om entaneam ente aturdido.

Zsadist apontou sua arm a ao filho da puta, m as o assassino estava j ustam ente diante de Phury, um engano de cálculo m ais leve e a bala perfuraria o seu gêm eo. Z deixou cair o canhão, apertou o gatilho, e a cravou na perna, rom pendo seu j oelho. O bastardo gritou e caiu ao chão.

Z foi para ele. Porém , quando agarrava ao não m orto, outro disparo soou.

O resplendor do tiro chegou ao om bro de Z. Sabia que lhe tinha atingido, m as não podia pensar nisto agora. Concentrou-se na aquisição do controle da arm a do lesser, que era a m esm a coisa que o lesser tratava de fazer com a Sig de Z.

Lutaram no chão, com cada tentativa de conseguir um apertão no outro, apesar do sangue que era a lubrificação entre eles. Os m urros foram lançados, as m ãos agarradas e as pernas açoitadas. Am bos os braços se perdiam na luta corpo a corpo.

Aproxim adam ente aos quatro m inutos de luta a força de Z com eçou a decair a um a velocidade alarm ante. Nesse m om ento, estava no chão, o lesser em seu peito. Z em purrou seu corpo para lançar o peso dele longe, m as em bora sua m ente desse a ordem , seus m em bros não obedeciam . Olhou seu om bro, este sangrava, sem dúvida porque aquela lesm a tinha atingido um a artéria. E, a

m orfina em seu corpo não aj udava.

Na calm a do enfrentam ento, o lesser ofegava e estrem ecia, sua perna o estava m atando.

— Quem … Merda… É você?

— O prim eiro… A quem você queria. — disparou Z, respirando com força.

Merda… Teve que lutar para im pedir que sua visão se retirasse progressivam ente — Sou o prim eiro… Por quem m e... Tom ou.

— Com o… Fez… Isto?

— Olhei as cicatrizes… Em seu estôm ago, se curaram . Até sua m arca… Desapareceu.

O lesser se congelou.

Agora, era o m om ento para aproveitar a vantagem , porém Z estava m uito esgotado.

— Ela está m orta. — sussurrou o assassino.

— Não.

— Seu retrato.

— Está viva. Respira. E, não vai… Nunca encontrá-la outra vez.

A boca do assassino se abriu e um grito de fúria saiu com o um a raj ada.

No m eio do barulho, Z se acalm ou. De repente a respiração lhe era fácil. Ou talvez acabasse de parar totalm ente. Olhou com o o assassino se m ovia, desem bainhado um a das adagas negras de Z e levantando-a para cim a, com

am bas as m ãos.

Zsadist rastreou seus pensam entos com cuidado porque queria saber qual séria o últim o. Pensou em Phury e quis chorar, porque sem dúvida seu gêm eo não duraria m uito tem po. Deus. Sem pre falhava com aquele m acho, não tinha…?

E, logo pensou em Bela. As lágrim as vieram a seus olhos com o im agens dela piscando por sua m ente… Tão vívidas, tão im precisas… Até que sobre o om bro

do lesser, um a visão dela apareceu. Era tão verdadeira, com o se realm ente estivesse de pé na entrada.

— Am o você. — sussurrou quando sua própria adaga descia em seu peito.

— David. — cham ou sua voz.

O corpo inteiro do lesser sacudiu, a traj etória da adaga aterrissou no piso de m adeira ao lado do braço de Z.

— David, vêm .

O lesser tropeçou em seus pés quando Bela lhe ofereceu seu braço.

— Está m orta. — disse o lesser, com voz quebrada.

— Não.

— Fui a sua casa… Vi o retrato. Oh, Deus… — o lesser com eçou a gritar quando coxeou m ais perto e m ais perto dela, deixando um rastro de sangue negro

— Pensei que tinha te m atado.

— Não o fez. Vêm .

Z tentou desesperadam ente falar, tinha a horrível suspeita que esta não fosse nenhum a visão. Com eçou a gritar, m as só saiu um gem ido. E, logo o lesser estava nos braços de Bela, chorando abertam ente.

Z olhou quando a m ão dela subiu pelas costas do assassino. Com um a pequena pistola, que ele lhe deu no dia que foram à sua casa.

Oh,… Doce Virgem. Não!

Bela estava em um estado de estranha calm a quando puxou a arm a m ais alto e m ais alto. Movendo-se devagar, seguiu m urm urando palavras que o acalm aram até que o canhão esteve em nível com o crânio de David. Ela se inclinou para trás, e quando ele levantou sua cabeça para encontrar seus olhos, levantou a boca da arm a a seu ouvido.

— Am o-te. — disse ele.

Ela apertou o gatilho.

A explosão fez seu braço girar e separou sua m ão, fazendo-a perder o equilíbrio. Quando o som se dissipou ouviu um ruído surdo e olhou para baixo. O

lesser estava a seu lado, ainda oscilante. Tinha esperado que sua cabeça voasse ou algo assim , m as havia só um pequeno buraco agasalhado em sua têm pora.

A náusea a golpeava, m as não fez lhe conta, passou por cim a do corpo e foi para Zsadist.

Oh, Deus. Havia sangue em todas as partes.

— Bela… — suas m ãos se levantaram da terra e sua boca era lenta.

Ela o interrom peu, alcançando a cartucheira do peito e pegando a adaga restante.

— Tenho que enterrar-lhe em seu peito, verdade?

Ah, infernos. Sua voz estava tão ruim quanto seu corpo. Cam baleante. Débil.

— Executa-o… Tira… De...

— No coração, verdade? Ou não estará m orto. Zsadist, m e responde!

Quando assentiu com a cabeça, aproxim ou-se do lesser e o em purrou de costas com seu pé. Seus olhos a olhavam , e ela sabia que ia vê-lo em seus pesadelos durante anos. Agarrando a faca com am bas as m ãos, elevou-a sobre sua cabeça, e a afundou no peito dele. A resistência que a lâm ina encontrou a pôs doente a ponto de vom itar, m as o som que arrebentou e o brilho de luz era um fim .

Recuou e golpeou o chão, m as dois fôlegos eram tudo o que podia econom izar. Foi para Zsadist, arrancando seu casaco de lã. Colocou o pulôver ao redor do om bro dele, logo tirou seu cinto, envolveu-o ao redor do grosso om bro, e o aj ustou apertando para que ficasse em seu lugar.

Todo o tem po, Zsadist lutou contra ela, instigando-a a ir-se, a deixá-los.

— Cale-se. — lhe disse, e cortou seu próprio pulso — Bebe isto ou m orra, é sua opção. Mas, decide rápido, porque tenho que verificar com o Phury está e depois tenho que conseguir tirar vocês daqui.

Ofereceu-lhe o braço, diretam ente sobre sua boca. Seu sangue em anava e gotej ava em seus lábios fechados.

— Seu bastardo. — sussurrou ela — Você m e odeia tanto...

Levantou sua cabeça e com eçou a tirar de sua veia, sua boca fria lhe dizia o perto que estava da m orte. Ele bebeu devagar a princípio e logo com avareza crescente. Pequenos sons saíram dele, sons em desacordo com seu corpo grande de guerreiro. Soava com o se m iasse, um gato fam into em um a fonte de leite.

Quando deixou sua cabeça retroceder, seus olhos se encontraram com a saciedade. Seu sangue se infiltrou nele, ela o viu respirar pela boca aberta. Mas, não havia tem po para olhá-lo fixam ente. Correu pelo abrigo para ver Phury.

Estava inconsciente, preso à m esa, ensangüentado com o o inferno. Mas, seu peito

subia acim a e abaixo.

Maldição. Aquelas algem as de aço tinham fechaduras m estras penduradas nelas. Ia ter que as cortar com algo. Aproxim ou-se pela esquerda de um a seleção horrorosa de instrum entos.

E, foi quando viu o corpo no canto. Um a fêm ea j ovem com o cabelo loiro curto.

As lágrim as em anaram e fluíram quando verificou para assegurar-se que a m oça estava m orta. Quando era óbvio que estava com eçando a debilitar-se, Bela bateu em seus próprios olhos claros e se obrigou a concentrar-se. Necessitava cuidar dos vivos, eles eram prioridade. Depois… Um dos Irm ãos poderia voltar e…

Oh… Deus… Oh… Deus… Oh… Deus.

Estrem ecendo, perto da histeria, recolheu um a serra, ligou-a, e fez um trabalho rápido nas algem as de Phury. Quando ele não despertou depois daquele barulhão todo, aterrorizou-se outra vez.

Olhou Zsadist, que estava lutando para levantar do chão.

— Vou conseguir aquele cam inhão da cabana. — disse ela — Você fica aqui e conserva sua força. Necessito-te para m e aj udar a m over Phury. Está frio. E, a m oça… —sua voz se afogou — Terem os que deixar seu…

Bela foi para a cabana pela neve, desesperada, esperando encontrar as chaves do cam inhão, tentando com força não pensar o que aconteceria caso não conseguisse.

Virgem Misericordiosa, estavam no gancho da porta. Pegou-as, correu para o F-150, ligou a m aldita coisa, e saiu disparada ao redor do abrigo. Um a curva rápida patinando e chegou à entrada.

Saía do lado do condutor quando viu Zsadist cam inhando com o bêbado entre

as om breiras da porta. Phury estava em seus braços, Zsadist não ia durar m uito tem po sustentando todo aquele peso. Ela abriu a carroceria e os dois caíram , com

todos os m em bros enredados e sangrando. Em purrou os corpos com seus pés, logo saltou e os puxou m ais para trás por seus cintos.

Quando estavam o bastante longe da borda, elevou um a perna sobre a am urada do cam inhão e saltou a terra. Fechou de repente a carroceria, os olhos de Zsadist fechando-se encontraram a ela.

— Bela. — sua voz era um m ero sussurro, só um m ovim ento de seus lábios feito um a cópia de segurança com um suspiro de tristeza — Não quero isto para você. Toda esta m onstruosidade…

Ela virou-se para longe dele. Um m om ento depois, pisou fundo no acelerador. O cam inho, um a vereda que levava a cabana era sua única opção, e rezou para não encontrar ninguém no cam inho. Quando saiu na Rota 22, rezou dando graças à Virgem Escriba e se dirigiu para o Havers por um a estrada m orta. Inclinando o retrovisor, exam inou a carroceria do cam inhão. Deviam estar congelando lá atrás, m as não se atreveu a reduzir a velocidade.

Talvez o frio detivesse a perda de sangue de am bos.

Oh… Deus.

Phury era consciente do vento gelado que soprava sobre sua pele nua e através de sua calva cabeça. Gem eu e se enroscou. *Deus, estava frio.* Tinha que

passar por isso para desvanecer-se? Então, agradeceu a Virgem por só ter que passar por isso um a vez.

Algo se m exeu contra ele. Braços… Havia braços sobre ele, braços que o acolheram perto de um a espécie de calor. O trem or dim inuiu até que quem quer que fosse o sustentou brandam ente.

O que era esse ruído? Perto de seu ouvido… Um som além do vento uivante.

Um a canção. Alguém cantava para ele.

Phury sorriu um pouco. Perfeito. Os anj os que buscavam aos Desvanecidos realm ente tinham vozes bonitas.

Pensou em Zsadist e com parou a m elodia encantadora que agora ouvia com este que ele tinha escutado em vida.

Sim , Zsadist tinha um a voz com o à de um anj o, verdadeiram ente. Realm ente.

CAPÍTULO XLVII

Quando Zsadist despertou, seu prim eiro instinto foi sentar-se. *Má idéia de merda.* Seu om bro soltou um grito e o paralisou com um puxão de dor tão intensa, que desm aiou outra vez.

Round dois.

Esta vez, quando despertou ao m enos recordou o que não fazer, virou sua cabeça devagar em vez de tentar fazê-lo bruscam ente. Onde infernos estava? O lugar parecia estar a m eio cam inho entre um dorm itório de convidados e um

hospital. Estava na clínica de Havers.

E, alguém estava sentado nas som bras do quarto desconhecido.

— Bela? — grasnou.

— Desculpe. — Butch, ansioso, avançou à luz — Sou eu.

— Onde ela está? — hom em , estava rouco — Está bem ?

— Ela está bem .

— Onde… Onde ela está?

— Ela está… Ah, ela saiu à cidade, Z. Realm ente penso que ela j á se foi.

Zsadist fechou seus olhos. Considerando brevem ente os m éritos de desm aiar outra vez.

Entretanto, ele não podia culpá-la por escapar. Cristo, a situação a qual esteve exposta. A m enor parte foi ter m atado o lesser. Era m elhor que fosse para longe

de Caldwell.

Em bora sua perda lhe doesse por toda parte.

Lim pou a garganta.

— Phury ? Ele está…

— No quarto ao lado. Feito um desastre, m as bem . Os dois devem ficar fora do j ogo durante um par de dias.

— Tohr?

— Ninguém faz idéia de onde está. É com o se tivesse desvanecido. — o

policial exalou — John teve que ficar na casa grande, m as não pudem os tirá-lo

do centro de instrução, esteve dorm indo no escritório de Tohr. Quer algum a outra

atualização? —quando Z sacudiu a cabeça, o policial ficou a seus pés — Deixarei

você em paz agora. Só presum i que se sentiria m elhor ao saber com o estavam as

coisas.

— Obrigado… Butch.

Os olhos do policial flam ej aram com o som de seu nom e, fazendo Z

com preender que nunca antes o tinha usado com ele.

— Claro. — disse o hum ano — Não há problem a.

Quando a porta se fechou, Zsadist sentou. Enquanto virava a cabeça, deu um

puxão nos m onitores de seu peito e seu dedo indicador. Os alarm es com eçaram a

soar, e os fez calar derrubando o suporte da m aquinaria que estava ao lado da

cam a. Com o enredo dos m onitores estes se desligaram , caindo ao chão, para

depois em udecer.

Com um a careta, puxou o cateter e olhou as transfusões intravenosas que

entravam em seu antebraço. Esteve a ponto de arrancá-lo da veia, m as então

calculou o m ovim ento friam ente. Só Deus sabia o que entrava nele. Talvez o

necessitasse.

Levantou-se e seu corpo pareceu debilitar-se, sentia-se com o um saco de

batatas. O suporte da transfusão aj udou bastante fazendo um bom passeio batendo no vestíbulo a sua passagem . Quando com eçou a m over-se para o quarto ao lado, as enferm eiras chegaram correndo de todas as direções. Encolheu-se e abriu a prim eira porta que encontrou.

Phury estava na enorm e cam a, com tantos fios conectados que parecia um painel telefônico.

A cabeça do hom em virou.

— Z… O que faz?

— Experim entando os m édicos. — fechou a porta e cam inho pelo quarto, dirigindo-se a cam a — Maldição, são realm ente rápidos.

— Não deveria estar…

— Cale-se e te m ova.

Phury pareceu assustado com o o inferno, m oveu-se para o lado oposto quando Z situou seu corpo esgotado no colchão. Quando se sentou contra os travesseiros, os dois soltaram um suspiro idêntico.

Z esfregou seus olhos.

— É feio sem todo o seu cabelo, sabe.

— Isto significa que vai cultivar alguns?

— Não. Meus dias de Rainha da Beleza term inaram .

Phury riu entre dentes. Então, houve um com prido silencio.

Nesta tranqüilidade, Zsadist seguiu im aginando o que tinha sido ver o lesser, no abrigo e Phury preso com correias naquela m esa, sem cabelo, sua cara golpeada feito m erda. Ter testem unhado a dor de seu gêm eo tinha sido… *Uma agonia.*

Z lim pou sua garganta.

— Eu não deveria ter te usado com o fiz.

A cam a se m eneou com o se Phury tivesse sacudido sua cabeça ao redor.

— O que?

— Quando precisava de dor… Eu não deveria ter-te feito m e golpear.

Não houve nenhum a resposta, e Z girou a vista, vendo quando Phury cobriu seus olhos com as m ãos.

— Fui cruel. — disse Z no tenso e débil ar que havia entre eles.

— Lam entei te fazer isso.

— Sim , eu sabia quando te fiz m e golpear até sangrar. Que eu m e alim entasse de sua m iséria era a parte m ais crua. Nunca vou voltar a lhe pedir isso.

O peito nu de Phury se elevou e caiu.

— Prefiro ser eu que alguém m ais. Quando necessitar, avisa-m e. Farei.

— Cristo, Phury …

— O que? É o único m odo em que m e deixa te cuidar. A única form a em que m e deixa te tocar.

Agora foi Z que cobriu seus frágeis olhos com o antebraço. Teve que tossir

algum as vezes antes de falar.

— Olhe, nada de voltar a m e salvar, irm ão. Bom ? Isto term inou agora.

Acabou-se. É tem po de que m e deixe.

Não houve nenhum a resposta. Então, Z o olhou, e viu com o as lágrim as deslizavam pela bochecha de Phury.

— Ah… Droga. — resm ungou Z.

— Sim . Mais ou m enos. — outra lágrim a rodou do olho de Phury — Deus… Maldição. Estão escapando.

— Bom , te anim e.

Phury esfregou seu rosto com as m ãos.

— Por quê?

— Porque acredito que vou te abraçar.

As m ãos de Phury caíram e o olhou com um a expressão absurda.

Lançando um j uram ento, Z instigou seu gêm eo.

— Levante a cabeça, condenado. — Phury esticou o pescoço. Z deslizou seu braço por debaixo. Os dois congelaram na posição pouco natural — Sabe, este inferno era m uito m ais fácil quando estava frio naquele cam inhão.

— Foi você?

— Pensa que foi Papai Noel ou algum a outra m erda?

As cores de Z se elevaram por toda parte. Deus… Ele realm ente estava exposto ali. Que dem ônios fazia?

— Pensei que fosse um anj o. — disse Phury brandam ente quando pôs sua cabeça para trás, no braço de Z — Quando cantou, pensei que m e enviava sem perigo ao Fade.

— Não sou nenhum anj o. — subiu e deslizou sua m ão sobre a bochecha de Phury, lim pando a um idade. Então, fechou as pálpebras do hom em com as pontas dos dedos.

— Estou cansado. — m urm urou Phury — Tão… Cansado.

Z contem plou o rosto de seu gêm eo, com o se fosse a prim eira vez. As contusões j á se curavam , o inchaço baixava, o corte denteado que se fez desaparecia. O que se revelavam eram linhas de esgotam ento e tensão, com não m uita m elhoria.

— Estivesse cansado durante séculos, Phury. É tem po de descansar.

— Não acredito que possa.

Zsadist inalou profundam ente.

— A noite que m e afastaram da fam ília… Não, não, m e olhe. Está m uito… Perto. Não posso respirar quando faz… Cristo, só feche seus olhos, está bem ? —

Z tossiu, quando a única coisa que podia passar por sua garganta apertada eram pequenos sons — Essa noite, não foi por sua culpa que não lhe pegaram . E, não pode com pensar o fato de que teve sorte e eu não. Quero que deixe de cuidar de m im .

O fôlego de Phury estrem eceu.

— Você… Tem algum a idéia do que senti ao ver você naquela cela, nu e algem ado e… Saber o que por m uito tem po aquela fêm ea te tinha feito?

— Phury …

— Sei tudo, Z. Sei tudo o que te aconteceu. Ouvi sobre os hom ens que… Estiveram ali. Antes que eu soubesse que era você de quem eles falavam , ouvi as histórias.

Zsadist tragou, ele se sentia doente.

— Eu sem pre esperei que você não soubesse. Rezava por isso.

— Então, tem que entender por que posso m orrer por você qualquer dia. Sua dor é a m inha.

— Não, não é. Jure para m im que parará com isso.

— Não posso.

Z fechou os olhos. Quando estavam j untos, queria lhe pedir perdão por todas as coisas de m erda que fez depois que Phury conseguiu libertá-lo… E, queria gritar a seu gêm eo por ser um m aldito herói. Mas, sobre tudo queria devolver a Phury todos aqueles anos gastos. O hom em m erecia m ais do que tinha tido na vida.

— Bom , então não m e deixa nenhum a alternativa.

A cabeça de Phury se sacudiu do braço de Z.

— Se você se m atar…

— Im agino que não devo m e deixar apunhalar para não te causar m ais ansiedade.

Z sentiu que o corpo inteiro de Phury trem ia.

— *Ah… Jesus.*

— Entretanto, não sei com o funcionará. Meus instintos… Foram afiados pela cólera, entende. Provavelm ente sem pre vou ser explosivo.

— *Oh, Jesus…*

— Mas, sabe, talvez possa trabalhar nisso. Ou algo assim . Droga, não sei. Provavelm ente não possa.

— *Oh… Jesus.* Aj udarei você. Em qualquer cam inho que tom e.

Z sacudiu a cabeça.

— Não. Não quero sua aj uda. Tenho que fazê-lo sozinho.

Ficaram tranqüilos durante um tem po.

— Meu braço adorm eceu. — disse Z. Phury levantou sua cabeça e Zsadist j ogou o m em bro para trás, m as não se afastou.

Antes que Bela partisse, foi ao quarto que tinham dado a Zsadist. Esteve atrasando sua partida durante dias, dizendo-se que não era porque ela esperava que ele viesse. *O que era uma mentira.*

A porta estava ligeiram ente aberta, então bateu. Perguntava-se o que ele diria quando a visse. Provavelm ente nada.

— Entre. — disse um a fêm ea.

Bela entrou no quarto. A cam a estava vazia, um suporte para fiscalizar os equipam entos estava estilhaçado de um lado com o se estivesse m orto. Um a enferm eira recolhia pedaços no chão e os punha em um cesto de lixo.

Claram ente Zsadist estava por perto.

A enferm eira sorriu.

— Procura por ele? Está ao lado com seu irm ão.

— Obrigado.

Bela foi ao quarto seguinte e cham ou silenciosam ente. Quando não houve resposta, entrou.

Os dois estavam costas contra costas, tão fortem ente unidos um contra o outro que parecia que suas espinhas estivessem fundidas. Seus braços e pernas estavam

enroscados em posições idênticas, seus queixos m etidos em seus peitos. Ela os im aginou no útero de sua m ãe, descansando j untos, inocentes de todos os horrores que lhes esperavam no exterior.

Estranho, pensou, *seu sangue estava em ambos.* Era sua única herança ao par, a única coisa que ela lhes deixava.

De repente, os olhos de Zsadist se abriram . O brilho am arelo-ouro foi tão im pactante, que saltou.

— Bela… — estendeu a m ão para ela — Bela.

Ela deu um passo para trás.

— Vim para dizer adeus.

Quando ele deixou cair sua m ão, ela teve que olhar para outro lugar.

— Aonde vai? — perguntou — A algum lugar seguro?

— Sim . — ela baixou a cabeça — Para Charleston, na Carolina do Sul, ficar com uns parentes que estão felizes de m e ter. — isto vai ser um novo com eço para m im . Um a nova vida.

— Bom . Está bem .

Ela fechou seus olhos. Só um a vez… Só um a vez gostaria de ouvir um pouco de tristeza em sua voz enquanto ela partia. Já que este era seu últim o adeus, ao m enos não teria que sofrer m ais decepções.

— É tão valente. — disse ele — Devo m inha vida a você e a dele, tam bém . É assim … *Valente.*

Ao inferno, ela não era valente. Estava a ponto de derrubar-se

com pletam ente.

— Espero que você e Phury se curem rapidam ente. Sim , espero-o…

Houve um longo silêncio. Então, ela deu um últim o olhar ao rosto de Zsadist. Já sabia então que, até se ela em parelhasse algum a outra vez, nenhum m acho poderia tom ar seu lugar.

Soava tão rom ântico, m as na realidade a idéia a m olestava. Certam ente supunha que triunfaria sobre a perda de tudo isso. Mas, o am ava e não ia ficar

com ele, tudo o que ela queria fazer era m eter-se em um a cam a em algum lugar, apagar as luzes, e ficar ali. Sozinha, por um século.

— Precisa saber algo, — disse ela — disse-m e que um dia eu despertaria e lam entaria estar com você. Bem , faço-o. Mas, não devido ao que a *glymera* poderia dizer. — ela cruzou seus braços sobre seus seios — Tendo sido criticada pela alta sociedade um a vez, j á não tenho m edo da aristocracia, e estaria… *Orgulhosa* de estar de pé a seu lado. Mas sim , sinto ter ficado com você.

Porque deixá-lo era um golpe esm agante. Pior do que tudo o que ela passou com o lesser.

Considerando todas as coisas, seria m elhor não saber o que perdia.

Sem outra palavra, virou-se e deixou o quarto.

Quando o am anhecer surgia na paisagem , Butch foi à Cova, tirou seu casaco, e se sentou no sofá de couro. O Sport Center estava em silêncio. Pulsa Registration do Kany e West tocava no som am biental.

V apareceu na porta da cozinha, claram ente depois de um a noite de enfrentam entos: ele estava sem cam isa, ainda com suas calças de couro e botas m ilitares.

— Com o está? — perguntou Butch, observando a contusão que aparecia no om bro de seu com panheiro de quarto.

— Não m elhor que você. Parece m altratado, polícia.

— Certo. — ele deixou cair sua cabeça. Vigiar Z parecia ser o correto

enquanto os outros Irm ãos faziam seu trabalho. Mas, ele estava esgotado, em bora

tudo o que tinha feito fosse ficar sentado em um a cadeira durante três dias.

— Tenho algo aqui para te reanim ar.

Butch sacudiu sua cabeça quando um a taça apareceu diante de seu rosto.

— Sabe que não bebo vinho tinto.

— Tente.

— Não, preciso de um a ducha e logo algo um pouco m ais forte que isto. —

Butch colocou suas m ãos em seus j oelhos e com eçou a levantar-se.

Vishous se atravessou em seu cam inho.

— Precisa disto. Confie em m im .

Butch ficou sentado e pegou a taça de cristal. Cheirou o vinho. Bebeu uns

goles. Não estava tão ruim . Um pouco grosso, m as não estava ruim .

— É um Merlot?

— Não realm ente.

Ele inclinou sua cabeça para trás e o bebeu. O vinho era forte, queim ava no

cam inho a seu estôm ago, fazendo com que ele se sentisse um pouco enj oado. O

que lhe fez perguntar-se quando tinha com ido pela últim a vez.

Quando sorveu até a últim a gota, franziu o cenho. Vishous o olhava

estreitam ente.

— V? Algo está errado? — ele pôs a taça de cristal sobre a m esa e levantou

um a sobrancelha.

— Não… Não, tudo está bem . Agora, tudo vai ficar bem .

O pensam ento de Butch caiu sobre os problem as de seu com panheiro de quarto.

— Ouça, pensei em te perguntar sobre suas visões. Ainda não retornaram ?

— Na realidade, tive um a faz aproxim adam ente uns dez m inutos. Talvez estej am de volta.

— Está bem . Eu não gostaria de ver você todo confuso.

— Está bem , policial. Você com preende? — Vishous sorriu e passou um a m ão por seu cabelo. Quando seu braço caiu, o olhar de Butch foi ao pulso do Irm ão. Por dentro dele havia um corte verm elho, *fresco.* Com o, se o tivesse feito há uns m inutos.

Butch olhou a taça. Um a horrível suspeita levou seus olhos da bebida a seu com panheiro de quarto.

— *Jesus… Cristo.* V, o que… O que fez? — parou j usto quando o prim eiro espasm o alcançou seu estôm ago — Oh, Deus… Vishous.

Correu ao sanitário para vom itar, m as não chegou longe. Logo que entrou em seu quarto, V o abordou, recostando-o na cam a. Quando com eçou a ter náuseas, Vishous o j ogou de costas e com sua m ão fez subir o queixo de Butch m antendo sua boca fechada.

— Não lute. — disse V — Contem -no. Tem que contê-lo.

A barriga de Butch era um cam po de batalha, afogava-se na m erda que subia por sua garganta. Pânico, repulsão, incapacidade de respirar, em purrou contra o corpo pesado que se sentara escarranchado sobre ele e conseguiu golpear Vishous, afastando-o. Mas, antes que pudesse escapar, V o agarrou e forçou sua m andíbula fechando-a outra vez.

— Guarde… Isto… Engole… — V gem eu quando eles rodaram na cam a.

Butch sentiu que um a perna grossa prendia suas coxas. O m ovim ento de luta o cansou. Não podia m over-se. De todo m odo, lutava.

Os espasm os e a náusea se intensificaram até que pensou que seus olhos fossem arrebentar. Então, houve um a explosão em seu intestino, e as faíscas com eçaram a fluir por toda parte de seu corpo… Faíscas que se acenderam com um form igam ento… Agora, um zum bido. Parou de lutar quando as sensações j á

faziam parte dele.

O agarro de V se atenuou e tirou sua m ão, em bora m antivesse um braço ao redor do peito de Butch.

— Está bem … Só respire. Devagar.

O zum bido aum entava agora, convertendo-se em algo com o o sexo, m as não realm ente… *Não,* definitivam ente não era nada erótico, m as seu corpo não sabia

a diferença. Endureceu-se, a ereção em purrava contra suas calças, seu corpo de

repente rugia pelo calor. Arqueou-se, com um gem ido que saía de sua boca.

— Assim é. — disse V em seu ouvido — Não lute. Deixe-te levar.

Os quadris de Butch giraram por seu próprio acordo, e gem eu outra vez.

Estava quente com o o centro do sol, sua pele hipersensível, sua visão débil… E, logo o rugido dentro dele corria até seu coração. De um salto, todas as suas veias se acenderam com o se tivessem gasolina nelas, seu interior se converteu em um a rede de fogo, ficando m ais e m ais quente. O suor o esvaziou quando seu corpo girou e se sacudiu, ele voltou sua cabeça contra o om bro de Vishous.

Saíram grasnidos de sua boca.

— Eu… Vou m orrer.

A voz de V estava com ele, vendo-o.

— Vai sobreviver, hom em . Segue respirando. Isto não vai durar m uito tem po.

Só quando Butch pensou que não poderia agüentar m ais este inferno, um orgasm o de proporções incalculáveis o alcançou. Quando a cúpula de seu pênis saiu voando, Vishous o sustentou pelas convulsões, falando na Velha Língua. E, logo tinha term inado. A torm enta passou.

Ofegando, débil, Butch estrem eceu, enquanto, V o cobria com um a m anta.

— Por que… — Butch disse com o bêbado — Por que, V?

O rosto de Vishous apareceu na sua frente. Os olhos de diam ante do Irm ão brilhavam … Até que, de repente, o esquerdo era todo negro, a pupila que se am pliava até a íris e a parte branca se fizeram um buraco infinito.

— O *porquê*… Não sei. Mas, vi que devia beber de m im . Era isto ou m orria.

— V estendeu a m ão e alisou o cabelo do Butch — Dorm e. Já que sobreviveu, você se sentirá m elhor ao anoitecer.

— Isto poderia… *Matar-me*? — *Bem, merda, sim. Tinha assumido que ia morrer.*

— Eu não teria dado isso a você se não estivesse seguro que ficaria bem . Agora, feche os olhos. Deixe ir, correto? — Vishous se dirigiu à porta, m as se deteve na entrada.

Quando o Irm ão olhou para trás, Butch sentiu um a estranha sensação… Um a obrigação que fluía entre eles, um pouco m ais tangível que o ar entre seus corpos. Forj ado no calor do que acabava de acontecer, profundam ente com o o sangue em suas veias… Um a união, um a conexão m ilagrosa.

Meu irmão, pensou Butch.

— Não vou deixar que nada te aconteça, polícia.

E, Butch sabia que era absolutam ente verdade, em bora realm ente não apreciasse ser atacado em seus pontos fracos. Se soubesse o que havia nessa taça de cristal, nunca teria bebido a m erda, por nenhum m otivo.

— O que m e faz isto? — perguntou brandam ente.

— Nada que não fosse antes. Ainda é só um hum ano.

Butch suspirou com alívio.

— Escute, hom em , m e faça um favor. Advirta-m e antes que m e faça um

truque assim . Prefiro escolher. — então sorriu um pouco — E, ainda não saím os

de m oda.

V riu em um estalo curto.

— Dorm e, novato. Pode m e dar um pontapé no traseiro m ais tarde.

— Farei isso.

Quando o Irm ão e seu am plo traseiro desapareceram sob sua saudação,

Butch fechou os olhos.

Ainda só… Hum ano. Só… Um … Hum ano.

O sonho o reclam ou com o um prêm io.

CAPÍTULO XLVIII

À tarde seguinte, Zsadist vestiu calças de couro. Estava rígido, m as se sentia incrivelm ente forte, sabia que era o sangue de Bela que ainda o alim entava, lhe dando poder, convertendo-o em um hom em são.

Lim pou sua garganta quando fechou o botão, tratando de não chorar por ela com o um m aricas.

— Obrigado por m e trazer isso, policial.

Butch saudou com a cabeça.

— Sem problem as. Está indo a casa? Porque posso te levar no Escalade.

Z deu um puxão sobre sua cabeça, a seu pescoço de cisne negro, em purrando seus pés dentro das botas, parou-se.

— Z? Z, cara?

Exam inou o policial. Piscou algum as vezes.

— Sinto m uito, o que?

— Quer ir com igo?

Z enfocou o olhar em Butch pela prim eira vez em bora o m acho tivesse entrado no quarto fazia dez m inutos. Esteve a ponto de responder a pergunta do hum ano quando seus instintos se ligaram golpearam sua cabeça cheirou um pouco. Contem plou o hom em . *Que droga…?*

— Policial, onde estiveste desde a últim a vez que te vi?

— Em nenhum lugar.

— Cheira diferente.

Butch se ruborizou.

— Nova loção pós-barba.

— Não. Não, isso não é…

— Então, quer ir de carona com igo? — os olhos avelã de Butch endureceram , não ia dar um só centím etro de vantagem sobre a questão.

Z deu de om bros.

— Bom , sim . E, vou cham ar Phury. Am bos irem os com você.

Quinze m inutos m ais tarde partiam da clínica. No cam inho à casa grande Z estava sentado atrás no Escalade e contem plava a paisagem de inverno. Nevava outra vez, os flocos caíam horizontalm ente quando a SUV acelerou pela Rota

22.

Podia ouvi-los nos assentos dianteiros, Phury e a conversa em tons baixos de

Butch, m as pareciam longínquos, m uito longínquos. Realm ente, todo o cam inho

se sentiu… Desfocado, fora de contexto…

— Lar doce lar, senhores. — disse Butch quando entraram no pátio do

com plexo.

Jesus. Já tinham chegado?

Os três se dirigiram à m ansão, a neve fresca chiava sob suas botas. Assim

que entraram no vestíbulo as fêm eas da casa correram para eles. Ou m elhor

dizendo, para Phury. Mary e Beth j ogaram seus braços ao redor do Irm ão, suas

vozes eram um encantador coro de boas-vindas.

Quando Phury envolveu as fêm eas nos seus braços, Z recuou às som bras.

Olhou discretam ente, perguntando-se o que sentiria se estivesse naquele nó de

m em bros, desej ando que tam bém houvesse boas-vindas a casa para ele.

Houve um a pausa incôm oda, tanto Mary com o Beth lançou um olhar sobre o

braço de Phury. As fêm eas rapidam ente olharam para longe, evitando seus

olhos.

— Bem , Wrath está em cim a. — disse Beth — Esperando-os com os Irm ãos.

— Algum a palavra sobre Tohr? — perguntou Phury.

— Não, e isto está m atando-os. A John, tam bém .

— Irei ver o m enino m ais tarde.

Mary e Beth deram a Phury um apertão final, então ele e Butch se dirigiram para a escada. Z os seguiu.

— Zsadist?

Deu um olhar sobre seu om bro para a voz de Beth. Ela estava tensa de pé com os braços sobre seus seios, e Mary a seu lado, de form a sim ilar.

— Alegram o-nos que estej a de volta. — disse a rainha.

Z franziu o cenho, sabendo que não podia ser certo. Não acreditava que gostassem de tê-lo por perto.

Mary falou.

— Acendi um a vela por você. Rezei para que voltasse para casa a salvo.

Um a vela… Acesa para ele? *Só* para ele? Quando o sangue golpeou seu rosto, sentiu-se patético ao se dar conta do quanto significava para ele tanta bondade.

— Obrigado. — ele se inclinou ante elas e logo se precipitou para cim a, seguro de que tinha a cor de um rubi. *Deus.*… Talvez m elhorasse na coisa das relações. Algum dia.

Porém , quando entrou no escritório de Wrath e sentiu o olhar de seus Irm ãos por toda parte, pensou que *talvez não.* Ele não podia suportar o escrutínio, era m uito quando era tão cru. Quando suas m ãos com eçaram a trem er, em purrou-as nos bolsos e foi para seu canto habitual na esquina, longe de outros.

— Não quero que ninguém saia esta noite e lute. — anunciou Wrath — Agora m esm o tem os m uitas coisas em nossas cabeças para ser eficazes. E, quero que estej am na casa às quatro da m anhã. Logo que o sol se eleve estarem os todo o dia de luto por Wellsie, quero que se alim entem antes que com ecem os isso. Quanto à cerim ônia para o Desvanecer, não poderem os realizá-la sem Tohr, então a farem os depois.

— Não posso acreditar que ninguém saiba onde foi. — disse Phury.

Vishous girou sua m ão.

— Vou a sua casa todas as noites, e ainda não há nenhum sinal dele. Seu *doggen* não o viu ou teve notícias dele. Deixou suas adagas, suas arm as, sua roupa, os carros. Poderia estar em qualquer lugar.

— E, o treinam ento? — perguntou Phury — Vam os m antê-lo?

Wrath sacudiu sua cabeça.

— Eu gostaria, m as m aldição, estam os desfalcados de pessoal, e não quero abusar sobretudo porque necessita de tem po para te recuperar.

— Posso aj udar. — interpôs Z.

Todas as cabeças se viraram em sua direção. A incredulidade em seus rostos seria m otivo para brincadeiras se não os tivesse afetado tanto com o o fez.

Ele lim pou sua garganta.

— Quero dizer, Phury seria o responsável, e teria que dar a m erda da aula porque não sei ler. Mas, sou bom com um a faca, sabem , punhos, tam bém , arm

as

e explosivos. Eu poderia aj udar com a form ação física e a parte das arm as. — quando não houve nenhum a resposta, olhou para baixo — Sim , ou talvez não. Tudo bem . O que sej a.

O silêncio que seguiu lhe golpeou com o o inferno. Movendo suas pernas de um lado a outro. Observando a porta.

Droga, pensou. *Deveria ter mantido a boca fechada.*

— Penso que seria m aravilhoso. — disse Wrath devagar — Mas, está seguro que poderá?

Z deu de om bros.

— Poderia tentar.

Outra vez um a calm a incôm oda.

— Bom … Assim sej a. E, obrigado por contribuir.

— Certo. Sem problem as.

Quando m eia hora m ais tarde term inaram , Z foi o prim eiro a abandonar o escritório, não quis falar com seus Irm ãos sobre o que tinha prom etido fazer ou com o se sentia. Sabia que eles sentiam curiosidade, provavelm ente procuravam sinais do que o tinha redim ido ou algum a outra m erda.

Voltou a seu quarto para arm ar-se. Tinha um a difícil tarefa pela frente, um a tarefa longa, difícil, e queria term iná-la logo.

Porém , quando foi à gaveta de arm as dentro do arm ário, seus olhos viraram

para o traj e de cetim negro que Bela tão freqüentem ente tinha colocado. Há dias,

ele o tinha j ogado no lixo do banheiro, m as obviam ente Fritz o tinha recolhido e

pendurado. Z avançou e tocou o vestido, logo o tirou do gancho, cobriu-o com seu

braço, e acariciou o tecido liso. Atraiu-o a seu nariz e respirou profundam ente,

sentindo tanto seu arom a com o o arom a do laço que com partilharam .

Esteve a ponto de atirá-lo quando viu que algo caía ao chão j unto a seus pés.

Inclino-se, era o pequeno colar de Bela, tinha-o deixado.

Tocou a frágil corrente por um m om ento, só olhando os diam antes cintilarem ,

então o pôs e retirou suas arm as. Quando voltou ao dorm itório pensando em

deixá-lo, seus olhos pousaram no crânio da Mistress que estava ao lado da cam a.

Cruzando o quarto, aj oelhou-se frente à cabeça e olhou fixam ente nas

conchas dos olhos.

Um m om ento depois foi ao banheiro, pegou um a toalha, e se dirigiu ao

crânio. Cobrindo-o com a toalha, recolheu-o e se m oveu rápido, correndo

ligeiram ente, desceu ao corredor de estátuas. Pegou a m agnífica escada ao

prim eiro andar, que conectava diretam ente a cozinha e a despensa do m ordom o,

logo cruzou a cozinha.

A escada do porão estava na parte de trás, não acendeu a luz enquanto a

descia. Quando desceu, o som rangente do forno de carvão antigo da m ansão se fez m ais forte.

Ao aproxim ar-se da grande besta de ferro sentiu seu calor, com o se estivesse vivo e febril. Inclinou-se e olhou a pequena j anela de vidro. As cham as laranj a lam biam e roíam o carvão que lhe tinham dado, sem pre fam into de m ais alim ento, puxou o fecho, abriu a porta sentindo um a raj ada de calor no rosto. Sem vacilar, sacudiu o crânio j unto com a toalha.

Não esperou, nem o olhou queim ar-se, virando-se, subiu as escadas.

Quando chegou ao vestíbulo fez um a pausa e logo foi ao prim eiro andar. No alto da escada pegou o cam inho à direita, seguiu pelo corredor e bateu em um a das portas.

Rhage abriu a porta, com um a toalha ao redor da cintura. Parecia surpreso ao ver quem era.

— Olá, m eu irm ão.

— Posso falar com Mary um m inuto?

Holly wood franziu o cenho, m as disse por sobre seu om bro:

— Mary, Z quer ver você.

Mary fechava um roupão de seda e o am arrava com um a faixa quando chegou à porta.

— Olá.

— Você se opõe se fizer isto em privado? — disse Z, olhando Rhage.

Quando o irm ão franziu o cenho, Z pensou. *Sim,* os m achos vinculados não gostavam que suas fêm eas ficassem a sós com ninguém m ais. Sobre tudo com ele.

Esfregou a cabeça.

— Estarem os sós aqui no corredor. Não tom arei m uito tem po.

Mary cam inhou entre eles e deu um a cotovelada a seu *hellren.*

— Tudo bem , Rhage. Vej a se consegue ter a banheira pronta.

Os olhos de Rhage cintilaram enquanto sua besta reagia. Houve um a longa pausa, então beij ou a Mary profundam ente na garganta e fechou a porta.

— O que aconteceu? — perguntou ela. Z podia cheirar seu m edo, m as ela o olhou nos olhos.

Sem pre tinha gostado dela, pensou.

— Ouvi dizer que ensinou a crianças autistas.

— Ah… Sim , ensinei.

— Eles eram lentos na aprendizagem de coisas?

Ela franziu o cenho.

— Bom , sim . Às vezes.

— Isto lhe… — ele lim pou sua garganta — Alterou seus nervos? Quero dizer, sentiu-se frustrada?

— Não. Se eu m e sentisse decepcionada, séria com igo por não encontrar um m odo no qual eles pudessem aprender.

Enquanto ele assentia com a cabeça, teve que olhar longe de seus olhos cinza. Concentrou-se no painel da porta ao lado de sua cabeça.

— Por que a pergunta, Zsadist?

Ele respirou fundo e logo descarregou nervosam ente. Quando term inou de falar, arriscou olhar para ela.

Sua m ão estava sobre a boca e seus olhos eram tão am áveis que pareciam a luz do sol sobre ele.

— Ah, Zsadist, sim … Sim , eu farei.

Phury sacudiu sua cabeça quando ele entrou no Escalade.

— Tem que ser o ZeroSum .

Ele *realmente* tinha que ir ali naquela noite.

— Eu im agino. — disse V quando deslizou atrás da direção, Butch saltou atrás.

Os três saíram em silêncio enquanto realizavam a viagem à cidade. Só se ouvia a m úsica que soava no carro.

Tanta morte, tanta perda, pensou Phury. Wellsie. Aquela fêm ea j ovem , Sarelle, cuj o corpo V havia devolvido a seus pais.

E, o desaparecim ento de Tohr parecia tam bém um a m orte. Assim com o Bela.

A agonia de tudo isto o fez pensar em Z. Queria acreditar que Zsadist estava a cam inho de um a espécie de recuperação ou algo assim . Mas, a idéia de que o

m acho pudesse m udar era com pletam ente infundada. Só era questão de tem po antes que a necessidade da dor voltasse para seu irm ão e o inferno com eçaria outra vez.

Phury esfregou o rosto. Essa noite sentia com o se tivesse m il anos, na realidade os tinha, m as, além disso, se sentia ansioso e alterado… Em bora sua pele tivesse curado, por dentro, estava traum atizado. Sim plesm ente não podia funcionar bem . Precisava de aj uda.

Vinte m inutos m ais tarde, Vishous chegou à parte de trás do ZeroSum e estacionou a SUV de form a ilegal. Os seguranças os deixaram entrar em seguida, e os três se dirigiram à área VIP. Phury pediu um Martini, que quando chegou term inou de um só trago.

Aj uda. Ele precisava de aj uda. Ele precisava de aj uda… Ou ia explodir.

— Perdoem -m e, cavalheiros. — m urm urou. Dirigiu-se para a parte de trás, ao escritório de Reverendo. Os dois enorm es seguranças o saudaram com a cabeça, um falou por seu relógio. Um segundo m ais tarde o deixaram passar.

Phury cam inhou na cova e se concentrou em Reverendo. O m acho sentava de form a prim itiva atrás de sua escrivaninha, m ais hom em de negócios que m otivador.

Reverendo sorriu com satisfação.

— Onde inferno está todo o seu bonito cabelo?

Phury olhou atrás dele, assegurando-se que a porta exterior estivesse

fechada. Então, tirou três pacotes de notas.

— Quero um pouco de H.

Os olhos violetas de Reverendo se estreitaram .

— O que disse?

— Heroína.

— Está seguro?

Não, pensou Phury.

— Sim . — disse.

Reverendo passou sua m ão de frente para trás por seu topete. Então, se apoiou e pressionou um botão do intercom unicador.

— Rally, quero aqui trezentos em valor da Rainha. Assegure-se que sej a de grânulo fino. — disse Reverendo sentando-se em sua cadeira — Perdoe-m e, não acredito que deva levar este tipo de pó para casa. Não precisa desta m erda.

— Não é que dê atenção a seus conselhos, m as m e disse que deveria ir para um a um pouco m ais forte.

— Retrato-m e daquele com entário.

— Pensei que os *symphaths* não tivessem consciência.

— Sou filho de m inha m ãe, tam bém . Então, tenho um pouco.

— Você não é afortunado.

O queixo de Reverendo baixou, e por um a fração de segundo seus olhos ondularam em um puro e purpúreo m al. Então, sorriu.

— Não… Vocês são os afortunados.

Rally chegou m om entos depois, fazendo com que a transação não tom asse m uito tem po. O pacote dobrado com esm ero foi parar dentro do bolso de Phury.

Quando partia Reverendo disse:

— A m atéria é m uito pura. Morte pura. Pode inj etá-lo ou derretê-lo em seu cigarro e lhe chutar isso. Mas, um conselho. Seria m ais seguro para você, se o fum ar. Terá m ais controle da dose.

— Está fam iliarizado com seus produtos.

— Não, nunca uso nada deste lixo tóxico. Isto m ata. Mas, tenho inform ações das pessoas sobre com o funciona. E, que te deixa um a etiqueta no dedo do pé.

A realidade do que fazia brilhou através da pele de Phury em um a repugnantem ente sensação de com ichão. Mas, quando retornou à m esa com os Irm ãos não podia esperar para ir para casa. Queria entorpecer-se com pletam ente. Queria a profunda sacudida de cabeça que tinha ouvido que a heroína dava. E, ele sabia que tinha com prado bastante da droga para tornar o inferno divino, várias vezes.

— O que se passa com você? — perguntou Butch — Não pode ficar quieto esta noite.

— Não há nada. — quando pôs sua m ão dentro de seu bolso e sentiu o que ele tinha com prado, com eçou a tam borilar com seu pé sob a m esa.

Sou um toxicômano[27] .

Porém , realm ente, pouco se im portava. A m orte estava em todas as partes ao redor dele, o fedor da dor e do fracasso que poluía o ar que respirava. Precisava de um trem louco durante algum tem po, até se isto significasse a entrada em outro tipo de enferm idade.

Por sorte, ou talvez infelizm ente, Butch e V não ficaram m uito tem po no clube, e estavam em casa um pouco depois da m eia-noite. Quando eles cam inhavam pelo vestíbulo Phury estalava seus dedos, e um rubor se espalhava sob sua roupa. Não podia esperar para estar sozinho.

— Querem com er? — disse Vishous bocej ando.

— Claro que sim . — disse Butch. Então, olhou sobre o om bro quando V foi para a cozinha — Phury, vem com er algo com a gente?

— Não, até m ais tarde. — quando subiu pela escada, podia sentir os olhos do m acho nele.

— Phury … — cham ou Butch.

Phury blasfem ou e olhou por sobre seu om bro. Um pouco de sua viagem m aníaca m orreu sabendo que os olhos do policial estavam fixos nele.

Butch sabia, pensou. De algum j eito o tipo sabia.

— Está seguro que não quer com er com a gente? — disse o hum ano com voz leve.

Phury não soube o que pensar. Ou talvez só o rechaçasse.

— Sim . Estou seguro.

— Cuidado, am igo. Algum as coisas são difíceis de desfazer.

Phury pensou em Z. Nele. No futuro de m erda que tinha pouco interesse em agarrar.

— Acredita que não sei? — disse, e saiu.

Quando chegou a seu quarto fechou a porta e deixou cair seu casaco de couro em um a cadeira. Tirou o pacote, pegou um pouco de fum aça verm elha e um papel de arroz, e preparou um cigarro. Não pensava no que fazia. Viciava-se só de pensar, estava m uito perto.

Ao m enos, para esta prim eira vez.

Ele lam beu a borda do papel de arroz, pressionou a união, logo se aproxim ou de sua cam a e se recostou contra os travesseiros. Pegou-o rapidam ente, aproxim ando-o da cham a para lhe dar vida, e se inclinou sobre o brilho laranj a, o

fez rodar por sua m ão entre os lábios.

A batida em sua porta o aborreceu. *Butch, droga.*

Apagou o isqueiro.

— O que é?

Quando não houve resposta, guardou o cigarro com ele e cam inhou através do quarto. Abriu a porta.

John tropeçou para trás.

Phury respirou fundo. Um a vez m ais. *Relaxe.* Ele tinha que relaxar-se.

— O que faz, filho? — perguntou-lhe, acariciando o cigarro com o dedo indicador.

John pegou seu bloquinho, escreveu um as linhas e m ostrou a ele.

— Sinto lhe incomodar. Preciso que alguém me ajude com minhas posições de jiu-jítsu, e você é muito bom.

— Oh… Sim . Esta noite não, John. Sinto m uito. Estou… Ocupado.

O m enino sacudiu a cabeça, depois de um a pausa, John agitou um adeus. E, girou afastando-se.

Phury fechou a porta, fechou-a com chave, e foi direito à cam a. Ele tirou o cigarro outra vez e o pôs entre seus lábios.

Justo quando a cham a bateu na ponta do cigarro, congelou-se.

Não podia respirar. Não podia… Com eçou a ofegar. Quando suas m ãos ficaram m olhadas, o suor brotou em cim a de seu lábio superior, sob suas axilas e

desceu para seu peito.

Que m erda estava fazendo? Que m erda fazia?

Toxicômano… Toxicômano filho da puta. Toxicômano de baixos recursos… Filho da puta. Trazer *heroína* à casa do Rei? Acender a m erda no com plexo *da Irmandade*? Poluir-se porque era um fraco de m erda para enfrentar seus problem as?

Infernos que não, ele não faria isso. Não desonraria seus irm ãos e o seu rei, com isto. Bastava ser viciado em fum aça verm elha. Mas, H?

Trem endo da cabeça aos pés, Phury correu ao quarto, recolheu o pacote, e partiu ao banheiro. Jogou o cigarro e a heroína dentro da bacia do banheiro dando descarga um a e outra vez.

Tropeçando pelo quarto, correu pelo corredor do vestíbulo.

John estava na m etade do cam inho da m agnífica escada quando Phury chegou tão rapidam ente à esquina que quase caiu. Pegou o rapaz e o arrastou a seus braços com tanta força que aqueles ossos frágeis quase se dobraram .

Deixando cair sua cabeça no om bro do m enino, Phury estrem eceu.

— Ah, Deus… Obrigado. Obrigado, obrigado…

Pequenos braços o rodearam . Pequenas m ãos acariciaram suas costas.

Quando Phury finalm ente o soltou, teve que lim par seus olhos.

— Penso que é um a grande noite para trabalhar em suas posturas. Sim . É um a boa hora para m im tam bém . Vam os.

Quando o m enino o olhou… Seus olhos de repente pareceram surpreendentem ente sábios. E, logo a boca de John trabalhou, m ovendo-se devagar, form ando palavras que tinham um im pacto m esm o que não tivessem som .

— *Você está em uma prisão sem barras. Preocupo-me com você.*

Phury piscou, preso em um a estranha deform ação do tem po. Alguém m ais lhe havia dito aquelas m esm as palavras… No verão passado.

A porta do vestíbulo se abriu, quebrando o m om ento. Phury e John o aceitaram sem pensar, Zsadist entrou no vestíbulo.

O irm ão parecia abatido enquanto olhava para as escadas.

— Oh, oi, Phury. John.

Phury esfregou seu pescoço, tratando de voltar de qualquer dej a vu da raridade que acabava de passar j unto a John.

— Oi, Z, de onde vem ?

— De um a pequena viagem . Um a pequena viagem m uito longínqua. O que fazem ?

— Vam os ao ginásio para trabalhar as posições de John.

Z fechou a porta.

— Eu m e uno a vocês. Ou… Talvez eu devesse dizer: posso m e unir a vocês?

Phury ficou olhando-o fixam ente. John pareceu igualm ente surpreso, m as ao m enos o m enino teve a graça de assentir com a cabeça.

Phury assentiu com a cabeça.

— Sim , é obvio irm ão. Vem conosco. Sem pre é… Bem -vindo.

Zsadist cruzou o brilhante piso de m osaico.

— Obrigado. Muito obrigado.

Os três se dirigiram para o porão.

Quando cam inhavam ao centro de treinam ento Phury olhou John e pensou que às vezes, falta apenas a espessura de um cabelo entre dois carros para evitar um acidente m ortal.

Às vezes, um a vida inteira poderia depender de um a fração de centím etros ou o batim ento de coração de um nano-segundo. Ou um a batida na porta.

Estes tipos de feitos faziam um m acho *acreditar* no divino. Realm ente o faziam acreditar.

CAPÍTULO XLIX

Dois meses depois...

Bela se m aterializou em frente à m ansão Brotherhood e olhou o severo cinza da fachada. Nunca tinha esperado retornar. Mas, o destino tinha outros planos para ela.

Abriu a outra porta e entrou no vestíbulo. Quando acionou o intercom unicador e m ostrou seu rosto à câm ara, sentiu com o se estivesse em algum tipo de sonho.

Fritz abriu as portas de par em par e se inclinou com um sorriso.

— Senhora! Que prazer vê-la.

— Olá. — passou ao interior e sacudiu a cabeça quando tentou pegar seu casaco — Não ficarei m uito. Só estou aqui para falar com Zsadist. Por um m inuto.

— Mas, é obvio. O Professor está ali em cim a. Siga-m e, por favor? — Fritz a

conduziu através do vestíbulo até um par de portas duplas, tudo enquanto conversava alegrem ente, pondo-a a par das coisas e o que todos tinham feito no Ano Novo.

O *doggen* fez um a pausa antes de abrir cam inho para a biblioteca.

— Peço-lhe desculpas, senhora, m as você parece… Gostaria de anunciar-se você m esm a? Quando estiver preparada?

— Oh, Fritz, com o m e conhece bem . Eu adoraria ter um m inuto para m im m esm a.

Ele assentiu, sorriu e desapareceu.

Respirou profundam ente e escutou as vozes e passos na casa. Algum as eram bastante baixas e ruidosas para pertencer aos Irm ãos, olhou seu relógio. As sete em ponto da noite. Deviam estar preparando-se para sair.

Perguntou-se com o Phury estaria. E, se Tohr j á tinha regressado. E, com o John estava. *Voltas.*… Estava dando voltas.

Agora ou nunca, pensou pegando no pom o da fechadura de cobre, girando-a.

Metade da porta se abriu silenciosam ente.

Ficou sem fôlego quando olhou ao interior da biblioteca.

Zsadist estava sentado ante um a m esa, inclinado sobre um pedaço de papel, um m agro lápis em seu punho apertado. Mary estava perto dele, e entre os dois havia um livro aberto.

— Recorde as consoantes fortes. — disse Mary, apontando para o livro —

Check. Catch. O k e o c nessas palavras soam fechadas, m as não é o m esm o. Tenta-o outra vez.

Zsadist passou um a m ão por sua delgada cabeça. Em voz baixa disse algo que não captou e então m oveu o lápis sobre o papel.

— Isso está bom ! — Mary pôs a m ão sobre seus bíceps — Conseguiu.

Zsadist levantou o olhar e sorriu. Então, virou a cabeça para Bela e perdeu a expressão.

Oh, boa Virgem do Fade, pensou ela enquanto bebia sua im agem . Ainda lhe am ava. Sabia em suas vísceras.

Espere um m inuto… Que de… Dem ônios? Seu rosto era realm ente diferente. Algo tinha m udado. Não a cicatriz, m as havia algo diferente.

Como for, acabe com isto para que possa ir embora.

— Sinto interrom per. — disse ela — Estava m e perguntando se poderia falar com Zsadist.

Ela foi vagam ente consciente de Mary levantando-se e aproxim ando-se, das duas abraçando-se, da m ulher saindo e fechando a porta atrás dela.

— Olá. — disse Zsadist. Então, lentam ente ficou em pé.

Os olhos de Bela se alargaram , e deu um passo atrás.

— Meu Deus. Está enorm e.

Ele levou a m ão ao m usculoso peito.

— Um … Sim . Ganhei trinta e seis quilos, aproxim adam ente. Havers…

Havers diz que provavelm ente não vou ganhar m uito m ais.

Assim , era essa a m udança em seu rosto. Suas bochechas j á não eram ocas, suas feições não estavam tão nuas, seus olhos não estavam afundados. Ele parecia… Quase atrativo na realidade. E, m uito m ais parecido com Phury.

Ele esclareceu a garganta.

— Sim , assim , Rhage e eu… Estivem os com endo j untos.

Jesus... Certam ente o fizeram . O corpo de Zsadist não era em nada igual ao que ela recordava. Seus om bros eram enorm es e cobertos com m úsculos que ela podia ver rastreando a cam iseta negra j usta que levava. Seus bíceps eram três vezes o tam anho do que eram antes, e seus antebraços eram bastante grandes agora para aj ustar-se ao tam anho de suas m ãos. E, seu estôm ago… Esse estôm ago estava contornado com força, e sua pele se estirava sobre fortes e definidos m úsculos.

— Você tam bém esteve te alim entando. — m urm urou ela. E, im ediatam ente desej ou poder trazer as palavras de volta. Assim , com o tam bém o tom de censura.

Não era de sua incum bência de que veia bebia, em bora doesse im aginar ele com outra de sua classe, e isso era certam ente de quem ele bebia. Possivelm ente o sangue hum ano não pudesse ser responsável por esse tipo de desenvolvim ento.

Sua m ão desceu do peito até seu flanco.

— Rhage tem um m em bro dos Eleitos que utiliza por que não pode tom ar da veia de Mary para sustentar-se. Eu tam bém estive m e alim entando dela. — houve um a pausa — Você parece bem .

— Obrigado.

Outra longa pausa.

— Um … Bela, por que veio? Não que m e im porte.

— Tinha que falar com você.

Ele não parecia saber o que dizer quanto a isso.

— Assim , o que está fazendo? — perguntou ela, apontando para os papéis sobre a escrivaninha. Isso tam pouco era de sua incum bência, m as estava desesperadam ente entupida outra vez. Sua língua travou. *Estava perdida.*

— Estou aprendendo a ler.

Seus olhos flam ej aram .

— Oh… Uau. Com o está indo?

— Bom . Lento. Mas, estou trabalhando nisso. — ele baixou o olhar para os papéis — Mary é paciente com igo.

Silêncio. Um com prido silêncio. Deus, agora que estava frente a ele, não podia encontrar as palavras.

— Fui a Charleston. — disse ele.

— O que? — *Havia ido vê-la ali?*

— Dem orei um tem po para te encontrar, m as o fiz. Fui na prim eira noite que m e liberei de Havers.

— Nunca soube.

— Não queria que soubesse.

— Oh. — ela respirou profundam ente, a dor dançava com o o m ercúrio sob cada polegada de sua pele. *Era hora de jogar-se da rocha,* pensou ela — Escute, Zsadist, eu vim para te dizer…

— Não quero ouvir-te até que tenha term inado. — quando seus olhos am arelos fixaram -se nela, algo m udou no ar entre eles.

— Com o que? — sussurrou ela.

Ele baixou o olhar ao lápis em sua m ão.

— Com igo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Sinto m uito. Não entendo.

— Quero te devolver isto. — tirou o colar dela do bolso — Ia deixar ele com você nessa prim eira noite, m as então pensei… Bom , de toda m aneira, o usei até que não pude pô-lo m ais ao redor de m inha garganta. Agora, só o trago perto.

Bela deixou escapar o fôlego, saindo com facilidade de sua boca até que ficou vazia de ar. Enquanto isso ele com eçou a esfregar a parte superior da cabeça, seus bíceps e seu peito tão grande agora, esticaram sua cam iseta até

deixar esticar as costuras.

— O colar era um a boa desculpa. — m urm urou ele.

— Para que?

— Pensava que possivelm ente pudesse ir a Charleston e m e apresentar ante sua porta para lhe devolver isso e possivelm ente… Possivelm ente m e deixaria entrar ou algo assim . Estava preocupado de que outro hom em te estivesse cortej ando, assim tentei ir tão rápido com o pude. Quero dizer, im aginava que possivelm ente se pudesse ler, e se m e preocupasse um pouco m ais com igo m esm o, e se tentasse deixar de ser tão filhinho da m am ãe… — ele sacudiu a cabeça — Mas, não m e interprete m al. Isto não quer dizer que esperasse que estivesse feliz de ver-m e. Eu só… Sabe, esperava… Café, chá, um a oportunidade

para falar ou algum a outra droga. Am igos, possivelm ente. Exceto se tiver um hom em , ele não perm itiria. Assim , é por isso é que estive m e apressando.

Seus olhos dourados se elevaram até os dela. Estava fazendo um a careta de dor, com o se tivesse m edo do que possivelm ente estivesse m ostrando seu rosto.

— Am igos? — disse ela.

— Sim … Quero dizer, não te desonraria pedindo m ais que isso. Sei que lam enta... De todo m odo, não podia deixar você ir sem … Sim , som ente… Am igos.

Santo… Moisés. Tinha ido até ela. Com a intenção de voltar a afastar-se.

Hom em , isso estava com pletam ente fora de qualquer panoram a que im aginou quando se preparou para falar com ele.

— Eu… O que está dizendo, Zsadist? — balbuciou, em bora tivesse escutado cada palavra.

Seu olhar baixou ao lápis em sua m ão e então se virou para a m esa. Passando para um a nova página na caderneta de espiral, inclinou-se e rabiscou sobre a parte superior do papel durante um tem po. Depois arrancou a folha.

Sua m ão trem ia quando a estendeu.

— Está suj o.

Bela pegou o papel. No irregular bloco de letras de um m enino havia três palavras:

EU TE AMO

Seus lábios se apertaram em um a linha quando seus olhos se fixaram . A caligrafia ondulava e depois desaparecia.

— Possivelm ente não possa lê-lo. — disse ele em voz baixa — Posso escrever de novo.

Ela negou com a cabeça.

— Posso lê-lo perfeitam ente. É… Bonito…

— Não espero nada em troca. Quero dizer… Sei que… Já não sente isso por m im . Mas, queria que soubesse. É im portante que saiba. E, se houver algum a oportunidade de que possam os estar j untos… Não posso deixar m eu trabalho

com a Irm andade. Mas, posso prom eter que serei m uito m ais cuidadoso com igo

m esm o. — ele franziu o cenho e deixou de falar — Merda. O que estou dizendo?

Prom eti a m im m esm o que não te poria nesta posição.

Am assou o papel contra seu coração, então se j ogou contra ele, batendo em

seu peito com tanta força que ele cam baleou para trás. Quando seus braços a

rodearam com vacilação, com o se não tivesse idéia algum a do estava fazendo ou

por que, ela chorou abertam ente.

Em todos os seus preparativos para esse encontro, a única coisa que nunca

tinha considerado era que os dois possivelm ente tivessem algum tipo de futuro.

Quando ele inclinou seu queixo e baixou o olhar ao seu tentou sorrir, m as a

louca esperança que sentia era um a carga m uito pesada e gozosa.

— Não supunha que te fizesse chorar.

— Oh, Deus… Zsadist, eu te am o.

Seus olhos se abriram desm esuradam ente, suas sobrancelhas quase

im pactaram com a linha do cabelo.

— O que…?

— Eu te am o.

— Diga isso outra vez.

—Eu te am o.

— Outra vez… Por favor. — sussurrou — Preciso ouvir… Outra vez.

—Eu te am o…

Sua resposta foi com eçar a rezar à Virgem Escriba na Antiga Linguagem .

Sustentando Bela apertada, enterrou o rosto em seu cabelo, agradeceu com tal eloqüência que ela com eçou a chorar de novo.

Quando m urm urou o últim o elogio passou novam ente ao português.

— Estava m orto até que m e encontrou, em bora respirasse. Estava cego, em bora pudesse ver. E, então chegou você… E, *despertei.*

Ela tocou seu rosto. Em um lento m ovim ento ele fechou a distância entre suas bocas, pressionando o m ais suave dos beij os sobre seus lábios.

Tão docem ente vinha para ela, pensou. Inclusive com seu tam anho e seu poder, vinha a ela… Com doçura.

Então ele separou-se um pouco dela.

— Mas, espere, por que está aqui? Quero dizer, m e alegro de que você...

— Carrego seu filho.

Franziu o cenho. Abriu a boca. Fechou-a e sacudiu a cabeça.

— Desculpe… O que disse?

— Carrego seu filho. — esta vez não houve resposta algum a dele — Vai ser pai. —ainda nada — Estou grávida.

De acordo, estava ficando sem maneiras de dizer-lhe. Deus… O que aconteceria se ele não a quisesse?

Zsadist com eçou a cam balear-se em suas botas de com bate e o sangue fugiu de seu rosto.

— Carrega m eu filho em seu interior?

— Sim , carrego.

De repente agarrou seus braços com força.

— Está bem ? Havers disse que está bem ?

— Até agora. Sou j ovem , m as possivelm ente trabalhe a m eu favor quando chegar o m om ento do parto. Havers disse que o bebê está bem e eu não estou sob nenhum a restrição… Bom , exceto não m e perm ite desm aterializar-m e depois do sexto m ês. E, ah… — ruborizada… Ela realm ente estava ruborizada agora — Não poderei ter sexo ou ser alim entada depois do décim o quarto até o nascim ento. O que deve ser ao redor do décim o oitavo m ês.

Quando o doutor tinha dado essas advertências, ela tinha pensado que nunca teria que preocupar-se com qualquer um a dessas coisas. Mas, possivelm ente agora…

Zsadist estava assentindo, m as realm ente não parecia bem .

— Eu posso cuidar de você.

— Sei que o fará. E, vai m e m anter a salvo. — disse ela.

Disse isso por que sabia que ele se preocuparia com isso.

— Ficará aqui com igo?

Ela sorriu.

— Eu adoraria.

— Você em parelhará com igo?

— Está perguntando?

— Sim .

Ele ainda estava verde. Estava literalm ente da cor de um sorvete de hortelã.

E, essas tradicionais palavras com eçaram a agitá-la.

— Zsadist… Está de acordo com isto? Um … Não tem que te em parelhar com igo, se não...

— Onde está seu irm ão?

A pergunta a assustou.

— Rehvenge? Ah… Em casa, suponho.

— Irem os vê-lo. *Agora.* — Zsadist pegou sua m ão e a arrastou tirando-a do vestíbulo.

— Zsadist.

— Obterem os seu consentim ento e estarem os em parelhados esta noite. E, irem os no carro de V. Não quero que se desm aterialize outra vez.

Zsadist puxava-a tão rápido para a porta, que ela tinha que correr.

— Espera, Havers disse que poderia fazê-lo até o m ês…

— Não quero que corra riscos.

— Zsadist, isto não é necessário.

De repente, parou.

— Está segura que quer a m eu pequeno?

— Oh, sim . Oh, querida Virgem , sim . Inclusive m ais agora… — sorrindo.

Pegou sua m ão pondo-a sobre seu estôm ago ainda liso.

— Vai ser um pai m aravilhoso.

E, então foi quando ele caiu desacordado.

Zsadist abriu os olhos para encontrar Bela lhe olhando com o am or brilhando em seu rosto.

A seu redor estavam os m em bros da casa, m as ela era a única a quem ele via.

— Olá, aí. — disse ela brandam ente.

Estendeu a m ão e lhe acariciou o rosto. *Não ia chorar.* Não o faria.

Oh, ao diabo com isso.

Sorriu-lhe quando as lágrim as com eçaram a cair.

— Espero… Espero que sej a um a m enina e que sej a igual a você.

Sua voz se cortou. E então, assim , igual a um com pleto descontrolado, desm oronou-se totalm ente e chorou igual a um idiota. Na frente de todos os Irm ãos. E de Butch. Beth e Mary. Não duvidava que estivesse horrorizando Bela com sua fraqueza, m as não podia fazer nada. Esta era a prim eira vez em toda sua vida que tinha sido… *Abençoado. Afortunado. Com sorte.* Este m om ento, este

perfeito e deslum brante espaço no tem po, este único, sublim e m om ento onde estava deitado sobre suas costas no vestíbulo, com sua am ada Bela, e o bebê em seu interior, e a Irm andade a seu redor… Esse era seu dia m ais feliz.

Quando seus patéticos soluços cessaram , Rhage se aj oelhou, sorrindo de m aneira tão am pla que suas bochechas estavam a ponto de partir-se.

— Viem os correndo quando sua cabeça desabou contra o chão. Pegue aqui, papaizinho. Posso ensinar o pequeno patife a lutar?

Holly wood estendeu sua m ão, e quando Zsadist pegou o sustentou para abraçá-lo. Wrath se agachou.

— Parabéns, m eu irm ão. Que as bençõ es da Virgem estej am sobre você, sua *shellan* e seu filho.

No m om ento em que Vishous e Butch ofereceram suas elogiosas palavras, Z estava sentado. Enxugando-se. Deus, era tão frouxo chorando sobre si m esm o. Merda. Boa coisa que nenhum deles parecia notar. Depois de respirar profundam ente, olhou a seu redor procurando Phury … E, ali estava seu gêm eo.

Nos dois m eses depois da noite em que Phury saiu com aquele lesser, seu cabelo j á tinha crescido até a linha de m andíbula, e a cicatriz que ele próprio fez em seu rosto havia desaparecido. Mas, seus olhos eram opacos e tristes. E, estavam tristes tam bém agora.

Phury se adiantou e todo m undo ficou quieto.

— Eu adorarei ser tio. — disse ele lentam ente — Estou tão feliz por você, Z e por você tam bém … Bela.

Zsadist pegou a m ão de Phury e a apertou tão forte que podia sentir os ossos de seu gêm eo

— Vai ser um bom tio.

— E, possivelm ente o Guardião? — sugeriu Bela.

Phury arqueou a cabeça.

— Ficarei honrado de ser o Guardião do pequeno.

Fritz se apressou a entrar com um a bandej a de finas taças com pridas. O *doggen* estava entusiasm ado e m uito excitado pela felicidade.

— Para brindar a ocasião.

As vozes variaram e se m esclaram e as taças foram passadas e soaram risadas. Zsadist olhava Bela quando alguém pôs um a taça em sua m ão.

— Am o você. — m urm urou ele. Ela sorriu virando-se para ele e pressionou algo no interior de sua m ão. Seu colar.

— Use-o sem pre. — m urm urou ela — Para dar boa sorte.

Ele beij ou sua m ão.

— Sem pre.

Wrath levantou precipitadam ente em toda sua altura, levantando seu cham panhe, e inclinando a cabeça para trás, com um a trem enda e estrondosa voz, gritou tão alto, que podia j urar que as paredes da m ansão trem eram .

— *Pelo pequeno!*

Todo m undo ficou de pé, levantaram suas taças, e gritaram com toda a força de seus pulm ões:

— *Pelo pequeno!*

Ah, sim … Certam ente seu coro de vozes era audaz e bastante ensurdecedor para chegar aos ouvidos da Virgem Escriba, precisam ente com o m andava a tradição.

Um apropriado e próspero brinde, pensou Z enquanto puxava Bela e descia para beij á-la na boca.

— *Pelo pequeno!* — gritou a casa um a vez m ais.

— Por você. — disse contra os lábios de Bela — *Nalla.*

CAPÍTULO L

— Sim , bom , poderia ter feito sem a parte do desm aio. — m urm urou Z quando puxou para o m eio-fio da segura casa em que vivia a fam ília de Bela — E, tudo isso de vociferar a tradicional rotina de *"meus olhos vermelhos"* tam bém .

Definitivam ente, poderia ter passado sem isto. *Cristo.*

— Penso que foi m uito doce.

Com um gem ido, desligou o m otor, deu batidinhas em seu SIG Sauer, e deu a volta para aj uda Bela a sair do Escalade. *Maldição.* Ela j á abrira a porta e estava

cam inhando na neve.

— Espere por m im . — cortou ele, agarrando seu braço.

Ela lhe lançou um olhar fixo.

— Zsadist, se continuar m e tratando com o um a taça de cristal, vou ficar louca nos próxim os dezesseis m eses.

— Escute, m ulher, não quero que escorregue sobre este gelo. Está de salto alto.

— Oh, pelo am or da Virgem …

Ele fechou a porta do carro, beij ou-a rapidam ente, então pôs o braço ao redor da cintura dela e a conduziu pelo cam inho principal a um a grande casa estilo Tudor. Explorou a distância coberta de neve, o dedo do gatilho pulsava com o o inferno.

— Zsadist, quero que deixe a pistola de lado antes de conhecer m eu irm ão.

— Sem problem as. Estarem os na casa então.

— Não vam os ter problem as ali. Estam os no m eio da propriedade da m inha fam ília.

— Se pensa que vou dar a m ais ligeira oportunidade com você e m eu filho, está perdendo a cabeça.

Sabia que estava sendo super-protetor com o o inferno, m as não podia evitar. Era um hom em em parelhado. Com um a m ulher grávida. Havia poucas coisas, sobre o planeta, m ais agressivas ou perigosas. E, esses bastardos se cham avam *furacões* e *tornados.*

Bela não discutiu com ele. Em vez disso, sorriu e cobriu a dura m ão sobre sua cintura com um a das suas.

— Suponho que deveria ser cuidadoso com o diz.

— O que quer dizer? — m oveu-a para a frente dele quando chegaram à porta, bloqueando-a com seu corpo. Odiava o alpendre ilum inado. O fazia m uito cham ativo. Quando apagou a coisa com sua m ente, ela riu.

— Sem pre quis a você para m e em parelhar.

Ele lhe beij ou o lado do pescoço.

— Bom , obteve teu desej o. Estou profundam ente em parelhado. De m aneira profundam ente em parelhada. Profunda, profunda, *ultra.*

Quando se inclinou para frente e bateu a aldrava de cobre, seu corpo entrou em com pleto contato com o dela. Ela fez um pequeno som de ronrono do profundo de sua garganta e se esfregou contra ele. Ele congelou.

Oh, Deus. Oh… Não, ele ficou instantaneam ente ereto. Tudo o que tinha feito era captar um pequeno m ovim ento dela e tinha um a enorm e ereção.

A porta se abriu de repente. Ele esperava ver um *doggen* ao outro lado. Em vez disso ali estava um a alta e esbelta m ulher com cabelos brancos, um com prido vestido negro e um m ontão de diam antes.

Droga. A mãe de Bela, Z ocultou a arm a na pequena cartucheira de suas costas e se assegurou que seu casaco de botões duplos estivesse abotoado até

em baixo. Então uniu suas m ãos j usto na frente do zíper.

Ele vestiu-se tão conservadoram ente com o foi possível, com um traj e que nunca tinha usado. E, inclusive calçava um par de luxuosos m ocasins. Quisera usar gola alta para cobrir a m arca de escravo de sua garganta, m as Bela tinha proibido isso, e supôs que ela tivesse razão. Não tinha escondido o que fora, e ali tam bém não o faria. Além disso, não im portava o que vestisse igualm ente, pois em bora fosse um m em bro da Irm andade, a *glymera* nunca o aceitaria, não só por que tinha sido usado com o escravo de sangue, com o tam bém pela sua aparência.

A coisa era que Bela não tinha nenhum a utilidade para eles, e ele tam pouco. Assim , ia tentar m ontar um espetáculo cortês para sua fam ília.

Bela se adiantou.

— *Mahmen.*

Quando ela e sua m ãe se abraçaram form alm ente, Z entrou na casa, fechou a porta, e olhou ao redor. A m ansão era form al e rica, própria da aristocracia, m as ele não dava nada pelas cortinas e o papel pintado. O que ele aprovou foram os contatos de segurança de lítio em todas as j anelas, os receptores laser nas soleiras e os detectores de m ovim ento sobre o teto. Enorm es pontos por tudo isso.

Enormes.

Bela deu um passo atrás. Estava rígida j unto de sua m ãe, e ele podia ver o por

que. Era óbvio pelo vestido e todos esses diam antes que a m ulher era um a aristocrata de coração duro. E, os aristocratas tendiam a ser tão acolhedores com o um m ontão de neve.

— *Mahmen*, este é Zsadist. Meu com panheiro.

Z se preparou quando a m ãe dela lhe olhou da cabeça aos pés.

Um a. Duas… E, sim , um a terceira vez.

Oh, cara esta ia ser uma tarde realmente longa.

Então, se perguntou se a m ulher sabia que ele tinha deixado sua filha grávida tam bém .

A m ãe de Bela se adiantou e ele esperou que ela estendesse um a m ão. Não lhe ofereceu nada. Em vez disso, seus olhos se um edeceram .

Fantástico. Agora o que ia fazer?

A m ãe dela caiu a seus pés, seu vestido negro solto a redor dos luxuosos m ocasins que usava.

— Guerreiro, obrigado. Obrigado por trazer m inha Bela para casa.

Zsadist ficou olhando à m ulher durante um batim ento e m eio de coração.

Então, se agachou e a levantou gentilm ente do chão. Enquanto a sustentava torpem ente, olhou para Bela… Que estava m ostrando o tipo de expressão que as

pessoas reservam geralm ente para as proezas da m agia. Um a m aior que o inferno, m esclada com adm iração.

Quando sua m ãe se separou e lim pou cuidadosam ente os olhos, Bela esclareceu a garganta e perguntou:

— Onde está Rehvenge?

— Estou aqui m esm o.

A profunda voz fluiu da escura sala, e Zsadist olhou à esquerda para um enorm e hom em com um a bengala.

Merda. Oh… Merda. Isto não estava acontecendo.

O Reverendo. O irm ão de Bela era esse pretensioso, olhos violetas, m achão, traficante de drogas… Que, segundo Phury, era pelo m enos m eio *simpath*.

Que pesadelo louco. Tecnicam ente, a Irm andade deveria j ogar seu traseiro para fora da cidade. Em vez disso, Z estava olhando sua com panheira dentro da fam ília desse cara. Deus, Bela sabia quem e o que era seu irm ão? E, não só a parte do traficante de drogas…

Z a olhou. Provavelm ente não, seus instintos o diziam . Sobre am bos os assuntos.

— Rehvenge, este é… Zsadist. — disse ela.

Z olhou o hom em outra vez. O par de olhos de profundidade púrpura lhe devolveu o olhar sem piscar, m as sob a calm a havia um a pitada do m esm o tipo

de sagrado inferno que Z estava sentindo. Hom em … Exatam ente com o foram cair nisto?

— Rehv? — m urm urou Bela — Um … Zsadist?

O Reverendo sorriu com frieza.

— Assim , vai casar com m inha irm ã agora que a engravidou? Ou só é um a visita social?

As duas m ulheres deixaram escapar respectivos gritos de assom bro e Zsadist sentiu centelhas negras em seus olhos. Quando indicou a Bela que viesse para seu

lado, descobriu penosam ente suas presas. Estava fazendo tudo o que podia para não envergonhar a ninguém , m as se o traficante deixava escapar algum a linha m ais com o essas de sua boca, Z ia arrastá-lo para fora e lhe tirar a golpes um a desculpa por incom odar às dam as.

Estava m alditam ente orgulhoso de si m esm o quando só chiou um pouco.

— Sim , vou em parelhar com ela. Deixa de te fazer de duro, civil, e pode ser que lhe convidem os à cerim ônia. De outra m aneira, está fora da lista.

Os olhos do Reverendo cintilaram . Mas, então riu repentinam ente.

— Tranqüilo, aqui, irm ão. Só quero m e assegurar que m inha irm ã estará bem cuidada.

O hom em estendeu sua m ão. Zsadist encontrou sua grande m ão no m eio do cam inho.

— Cunhado, para você. Ela estará, não se preocupe com isso.

EPÍLOG O

Vinte meses depois…

Oh… *A agonia.* Este treinam ento ia m atá-lo. Com certeza, queria entrar na Irm andade, ou ao m enos ser um de seus soldados, m as com o alguém podia sobreviver a isto?

Com o tem po, finalm ente foi cham ado, o novo candidato pré-transição tolerou porque a aula sobre corpo a corpo tinha term inado finalm ente. Mas, ele não se atreveu a m ostrar m ais debilidade que essa.

Igual a todos os aprendizes estava apavorado e respeitava ao professor, um grande, guerreiro com cicatrizes, um com pleto m em bro da Irm andade da Adaga

Negra. Abundavam rum ores sobre o hom em : aquele que com ia aos lessers depois de assassiná-los, aquele que assassinava m ulheres por esporte, aquele que

se fazia cicatrizes só por que gostava da dor…

Aquele que tinha m atado aos recrutas que se equivocaram .

— Vão às duchas. — disse o guerreiro, sua profunda voz enchendo o ginásio

— O ônibus está esperando por vocês. Com eçarem os am anhã, às quatro em ponto. Assim , durm am bem esta noite.

O aprendiz saiu correndo com os outros e foi agradecido às duchas. *Deus.…*

Ao m enos o restante de sua sala estava só aliviado e dolorido. Chegado a este ponto, todos eram com o vacas, perm anecendo sob a ducha, apenas pestanej ando, piscando, estúpidos pelo esgotam ento.

Graças à boa Virgem não teria que voltar para esses abandonados colchonetes azuis por outras dezesseis horas.

Quando foi vestir suas roupas de rua, deu-se conta que tinha esquecido seu m oletom . Com vergonha, desceu ao hall e retornou furtivam ente ao ginásio. O aprendiz parou em seco.

O professor estava cruzando o corredor, sem cam iseta e treinando com um saco de boxe, os anéis de seus m am ilos cintilavam quando dançava ao redor de seu obj etivo. *Querida Virgem do Fade…* Tinha as m arcas de um escravo de sangue, e as cicatrizes lhe percorriam toda as costas. Mas, am igo, podia m over-se. Tinha um a força, agilidade e poder incrível. Mortais. Muito m ortais. *Totalmente mortais.*

O aprendiz sabia que deveria sair, m as era incapaz de separar seu olhar dele.

Nunca tinha visto nada m over-se tão rápido ou golpear tão forte com o os punhos m asculinos. Obviam ente, os rum ores sobre o instrutor eram todos certos. Ele era um assassino preciso.

Com um som m etálico, a porta do outro lado do ginásio abriu-se, e o som dos choros de um recém -nascido se elevaram até o teto. O guerreiro deteve-se no m eio do golpe e virou-se quando um a adorável m ulher levando a um bebê em um a m anta rosa se aproxim ou dele. Seu rosto se suavizou, derretendo-se positivam ente.

— Lam ento te incom odar. — disse a m ulher por cim a dos choros — Mas, ela quer a seu papai.

O guerreiro beij ou a m ulher enquanto pegava o pequeno bebê em seus enorm es braços, em balando o recém -nascido contra seu peito nu. O bebê levantou suas dim inutas m ãos e rodeou seu pescoço, então se acom odou contra sua pele, acalm ando-se instantaneam ente.

O guerreiro virou-se e olhou através dos colchonetes, cravando o novo aprendiz com um estudado olhar.

— O ônibus chegará logo, filho. Melhor apressar-se.

Então lhe deu um a piscada, e se afastou, pondo sua m ão sobre a cintura da m ulher, aproxim ando-a dele, beij ando-a outra vez na boca.

O recruta ficou olhando as costas do guerreiro, vendo o que tinha estado oculto por todos ferozes m ovim entos. Sobre algum as de suas cicatrizes havia dois nom es na Antiga Linguagem sobre sua pele, um sobre o outro.

Bela… E, *Nalla.*

FIM

[1] Nota da revisora: é o anj o designado para rem over a alm a dos seres hum anos.

[2] Nota da revisora: sigla de Big Dum b Face, que significa grande cara de idiota.

[3] Nota da revisora: refere-se à dose diária de droga, neste caso erva.

[4] Nota da revisora: j argão dos anos 50 que significava literalm ente silêncio, calado e foi associada com a palavra fofoca, fofocas.

[5] Nota da revisora: cabelo raspado dos lados, deixando um a faixa central, cham ado m oicano.

[6] Nota da revisora: entrega de prêm ios ao estilo do Oscar.

[7] Nota da revisora: expressão sarcástica de m au hum or. Provém de “Wash”, um a form a de ilustrar um com pleto asco de com paixão por outros desafortunados, e de “Hugh”, alucinante.

[8] Nota da revisora: hom em ligado a m oda, ao seu lado fem inino, narcisista.

[9] Nota da revisora: Pedaço De Merda, em inglês Peace of shit.

[10] Nota da revisora: veículo tipicam ente dirigido por m ães de fam ília, que levam os filhos para atividades extra-escolares, tais com o o futebol.

[11] Nota da revisora: dispositivo instalado nos carros de polícia, utilizado para encontrar veículos roubados.

[12] Nota da revisora: do espanhol, Ausente sem Sin Haberse Ido. Do inglês original: AWOL (Absent Without Official Leave). Em português: Ausente sem ter ido.

[13] Nota da revisora: em espanhol, Bien Jodidos. Em inglês, Shit out of luck. Em português, bem fodidos.

[14] Nota da revisora: estrela de arrem esso, tipo a que os ninj as usavam .

[15] Nota da revisora: faz referência a m arca do xam pu.

[16] Nota da revisora: m assa pronta para panqueca.

[17] Nota da revisora: em tons de rosa.

[18] Nota da revisora: j ogo de pistolas lasers. Em inglês, Laser-tag, na Espanha se cham a Quazar.

[19] Nota da revisora: m arca da água m ineral.

[20] Nota da revisora: program a fictício de investigação crim inal.

[21] Nota da revisora: sigla de Talk To You Later, do inglês. Que em português significa: Falo com você depois.

[22] Nota da revisora: faz referência a m arca de roupa de cam a e banho.

[23] Nota da revisora: faz referência ao nom e de um a em presa de seguros.

[24] Nota da revisora: calefação, ventilação e ar condicionado.

[25] Nota da revisora: pom ada térm ica de aplicação tópica para dores m usculares.

[26] Nota da revisora: soco inglês.

[27] Nota da revisora: é toda pessoa que, partindo de um produto base, faz a escalada com outro produto e (ou então) o utiliza diariam ente ou quase diariam ente.